Série Turbulência 2

# A Proposta

## Tristan



*Da autora best-seller na* AMAZON *e* VEJA

**LANI QUEIROZ**

Série Turbulência 2

# A Proposta

## Tristan



Da autora best-seller na AMAZON e VEJA

**LANI QUEIROZ**

Série Turbulência 2

# A PROPOSTA

## Tristan

# LANI QUEIROZ

# Copyright © 2020 –

# Lani Queiroz



Capa: **Wil Capas**

Revisão: **Lidiane Mastelo**

Diagramação: **Denilia Carneiro - DC diagramações**

**1ª Edição**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos

autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

# SUMÁRIO

AGRADECIMENTO
PLAYLIST DE A PROPOSTA
A PROPOSTA
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
UMA ESPIADINHA EM O ACORDO, TERCEIRO E ÚLTIMO LIVRO DA SÉRIE.

# AGRADECIMENT

Agradeço a Deus, primeiramente, pela inspiração. E a minha família pela compreensão e apoio incondicional no processo de escrita.

Dedico a todos os meus leitores, especialmente as lindas princesas-

roqueiras-turbulentas, que me acompanham tanto nos grupos do Facebook, Wattpad, Instagram e outras redes sociais. Quero mandar um beijo grande para as meninas do grupo do WhatsApp, minhas “lanéticas frenéticas”. Amo cada uma, suas lindas!

Agradeço, especialmente às minha queridas betas e amigas, Mari de Jesus e Wisnaya. Meninas, vocês arrasaram em

mais um trabalho! Obrigada pelas contribuições sempre tão profícuas para a qualidade do livro. Obrigada às minhas queridas adms e amigas, Elineuza e Lays Cristina, pelo empenho nos grupos. Amo cada uma, betas e adms. Sua amizade e apoio são o meu combustível. Obrigada!

Mais um trabalho encerrado, meus amores. Espero que gostem da história

do segundo irmão Maxwell. A exemplo de Heitor, o Maxwell mais velho, Tristan tem seus traumas passados e isso o moldou de certa forma para não agir politicamente correto...rs. Esses irmãos, hein? Todavia, é um livro mais leve do que foi A Dívida, porque o nosso T possui uma personalidade divertida, mesmo sofrendo internamente com algumas questões, mal resolvidas. E

Pietra, me deixem dizer, que essa tigresa é linda! Me encantou dar vida a essa moça tocantinense de Palmas. Adorei retratar o estado em que vivo há tantos anos e amo. E como sempre acontece, me apaixonei pelos meus bbs...rs. Terminei chorando e querendo escrever sobre Tristan e Pietra para sempre, porque eles são lindos! Espero que se apaixonem por eles também e não

deixem de me dar seus feedbacks, tanto em avaliações na amazon, como em minhas redes sociais. Amo interagir com vocês.

Então, comprem seus bilhetes e embarquem nesse voo turbulento!

Para quem está conhecendo meu trabalho agora, não deixem de conferir meus outros livros:

Série Príncipes Di Castellani:

Príncipe da Vingança; Príncipe da Luxúria; Príncipe da Perdição, Princesa da Inocência; Príncipe do Domínio; Príncipes da Tentação e Princesa da Esperança. (lançados pela editora 3dea).

Série Rock'n Rio: Incontrolável; Irresistível; Inflamável e Inesquecível em e-book, por enquanto.

Duologia Perigosa Sedução

(lançada pela editora Qualis).

Ivone, um conto que escrevi em homenagem às minhas Lanéticas.

Todos se encontram na Amazon.

Boa leitura!

Beijos em seus corações!

Lani

*“Transgredir normas e regras estabelecidas é a verdadeira expressão da liberdade e somente os fortes são capazes dessa ousadia." -*

*Nietzsche*

*“Nunca tenha medo da opinião das pessoas, essa é a maior escravidão do mundo”*

*Osho*

# PLAYLIST DE A PROPOSTA

ACDC – Black in Black

Madonna – La isla Bonita

Michael Jackson – Thriller

A-Ha – Stay on These Roads

Aquela Pessoa – Henrique e

Juliano

You And I – PVRIS

Dangerous – David Gueta

Wrong – Zayn

Careless Whisper – George Michael

Eyelids – PVRIS

Stay – 30 Seconds to Mars (Rihanna)

Beating Heart – Ellie Golding

Stop Crying Your Heart Out – Oasis

How Do You Sleep – Sam Smith

Please Forgive me – Bryan Adams

(Everthing I Do) I Do It For You – Bryan Adams

Take My Breda Way – Berlim



# A Proposta

## *Série Turbulência 2/3*

Tristan Maxwell não é apenas um

excepcional piloto, mas um dos herdeiros do conglomerado brasileiro de linhas aéreas, HTL Ocean Airlines, sediado em São Paulo. Aos trinta e três anos, mulherengo assumido, não quer se render a relacionamentos sérios... Seu passado lhe ensinou que confiança não é algo que se deva entregar facilmente a alguém, especialmente às mulheres. Extrair o melhor da vida, sem nunca se

preocupar com as regras, é a máxima que segue à risca.

Quando uma comissária de bordo vingativa processa a HTL por sua conduta inadequada em um voo intercontinental, o garanhão é rebaixado às rotas domésticas para evitar um escândalo de grandes proporções. Todavia, o que considera um castigo, irá colocá-lo no caminho de Pietra, uma

linda e fascinante morena tocantinense. T a deseja tão logo a conhece, porém, a aspirante a pilota recusa seus avanços, deixando-o apenas com uma opção: fazer uma proposta nada decente...

Pietra da Silva Ferraço, é uma garota comum do Norte, comissária de bordo e filha de um piloto aposentado, tem um sonho desde menina: formar-se pilota. Quando Tristan Maxwell, um dos

herdeiros da HTL e o piloto mais galinha da aviação brasileira, volta seus olhos em sua direção, a garota sabe que não pode ceder. Ela quer mais da vida do que ser apenas um brinquedo nas mãos de um playboy mulherengo.

Entretanto, as faíscas voam entre os dois desde o primeiro encontro. A atração é inegavelmente poderosa. T desperta seus desejos mais íntimos e

secretos... E quando uma proposta imoral, porém tentadora, é lançada, a resistência de Pietra cai por terra.

Tristan a introduz em um mundo novo de prazeres proibidos e lascivos...

Em pouco tempo, Pietra se vê profundamente submersa na sedução luxuriosa de Tristan.

Era para ser casual.

Era para ser apenas diversão.

Mas em algum momento ele se tornou o seu mundo.

É possível um homem que não confia, abrir seu coração para o amor?

**Aviso:** Se você curte uma leitura polêmica, com cenas gráficas, linguagem crua e sexo sem tabus, seja bem-vindo a bordo!



# Prólogo

***Porque eu estou de volta à estrada e estou batendo no porta-voz***

***Ninguém vai me pegar em outra armadilha***

***Então olhe para mim agora, eu estou apenas dando o troco***

***Não tente brincar com sua sorte, apenas saia***

***do meu caminho...***

***(Black in Black – ACDC)***

*Quatro anos e oito meses antes... Palmas – TO, Brasil.*

# Tristan

Eu observo a capital Palmas se descortinando à minha frente. O céu está claro e tenho que reconhecer, a visão do cerrado daqui de cima é espetacular. Tocantins é um estado bonito e rico, de acordo com a pesquisa que fiz antes de fazer esse primeiro voo para cá. Cortesia do meu irmão mais velho, Heitor. Fiquei puto quando me tirou das

rotas internacionais, há duas semanas, me castigando nas rotas domésticas. Está certo que uma doida está processando a HTL por causa de uma transa no voo de Paris... Ora, vamos, não era para tanto. Grande parte da população desse planeta aprecia o sexo casual. Um sorriso safado repuxa minha boca. Está bem, eu provavelmente aprecio uma pouco mais... No entanto,

ainda estou chateado com H. Sou Tristan Maxwell, dono dessa companhia também, caralho!

Olho de lado e Ian, meu primeiro oficial[1] está compenetrado em sua tarefa, olhos presos à sua frente. O cara me confidenciou que está em seu segundo mês aqui na cabine e quase se mijou nas calças quando ficou sabendo que iria voar comigo. Não consigo

segurar um sorriso arrogante. Sem querer me gabar, sou um dos melhores pilotos que esse país já teve. Não, não é pedantismo da minha parte, é o que os especialistas no assunto dizem. Ah, quer saber? Foda-se a modéstia. Eu sou bom mesmo!

— Preparar para a descida — me comunico em voz alta com meu parceiro. Ele confirma também em voz alta. A

comunicação na cabine precisa ser sempre em voz alta para não haver mal-entendidos. As vidas dos passageiros e da tripulação estão em nossas mãos, portanto, precisamos zelar por elas.

Confiro as telas EFIS, observando as informações meteorológicas e tráfego aéreo no aeroporto Brigadeiro Lysias Rodrigues[2]. Está tudo dentro da normalidade. Tempo bom, céu claro,

estamos a 1.500 pés de altitude. Empurro o manche fazendo o nariz da aeronave inclinar para baixo e iniciamos a descida.

— Trem em baixo — oriento Ian. Ele faz o procedimento imediatamente.

— Trem de pouso baixado — confirma.

Continuamos nosso ritual de pouso. Nos comunicando em voz alta.

Puxo a alavanca da esquerda, acionando o spoiler[3], fazendo uma curva para a esquerda, enquanto a velocidade vai diminuindo. Pego o rádio, me comunicando com os passageiros e tripulação:

— Senhoras e senhores, aqui é o seu comandante Tristan Maxwell. Vamos nos preparar para aterrissagem. Palmas apresenta tempo bom, com temperatura

de 34º. — Seguro o riso porque isso é quente pra caralho. Uma das coisas que me falaram é que essa é uma das capitais mais quentes do país. — Obrigado por voar com a HTL, tenham uma boa estada em Tocantins e até a próxima! — repito em inglês como é o procedimento padrão: — *Ladies e Gentlemen...*

O comissário-chefe inicia as

orientações de segurança para os passageiros. A pista vai ficando mais próxima e me alinho para a descida. Nunca me canso disso. É uma sensação de realização imensa saber que você conduziu inúmeras vidas e que as entregou a seu destino em segurança. Quando tocamos o solo com um impacto suave, a sensação de dever cumprido me enche, mas também o amor pela

profissão que abracei desde muito novo. A única influência positiva que meu fodido pai me deixou. Não importa quantos bilhões minha família tenha, isso aqui é o que sempre me fará feliz. Voar é a minha vida. Ian aciona os manetes do reverso, invertendo o fluxo de descarga do motor, reduzindo a velocidade do jato. Eu empurro os pedais para baixo, freando as rodas do

trem de pouso central. Logo, estamos taxiando e liberando a pista de pouso, nos dirigindo para a plataforma de desembarque.

Cerca de trinta minutos depois, eu e Ian passamos pelas portas magnéticas, a mudança na temperatura sendo sentida bruscamente. É como uma sauna nos recebendo fora do ar condicionado do terminal. Caralho. Realmente quente! Eu

arrasto minha pequena mala enquanto Yuri, o único segurança que consegue me aturar, me segue alguns bons passos atrás. Odeio entregar a minha identidade de cara tendo um brutamontes me seguindo de perto. Embora Yuri não se enquadre exatamente na categoria brutamontes. Seus músculos não são pronunciados, porém, sua habilidade com lutas e manejo de armas é letal. Por

mim não usaria segurança, mas H não me deixa abrir mão desse quesito. Os irmãos mais velhos são um pé no saco às vezes.

— Por favor, me diz que há alguma diversão na noite Palmense, cara — resmungo, virando de lado para Ian.

Ele está com um sorrisão escancarado. Me contou que a família de sua noiva é daqui. Ian é mineiro, mas já

mora em Tocantins há cinco anos.

— Sei que está provavelmente pensando que é ruim voar para o interior... Mas não subestime nossos atrativos, chefe — ele diz e eu faço careta. Já lhe pedi que não me chame dessa forma.

— Já lhe disse que aqui somos colegas de profissão, Ian. Sem essa de chefe, porra — retruco. Ele ri e meneia

a cabeça.

— Tem ideia de quantos pilotos arrogantes já encontrei pela frente? E eles eram apenas isso, pilotos, não donos da companhia — argumenta.

— Eu não sou assim. Na verdade, detesto impor autoridade dessa maneira — lhe asseguro e abro um sorriso, balançando as sobrancelhas. — Agora deixa de enrolação e me diga onde

posso tomar uma bebida e conhecer garotas tocantinenses.

— Há vários bares legais na capital, mas o melhor pertence ao tio da minha noiva: *The Pilot*.

— Sugestivo. Gostei.

— Ele era um piloto, por isso o nome — explica. — Inclusive se aposentou pela HTL. Pietro Ferraço, já ouviu falar?

Paro um instante em concentração. O nome não me é estranho, porém, não estou ligando-o a um rosto. H com certeza se lembra porque meu irmão é o CEO mais implacável que a aviação já viu e nada escapa dele.

— Me fale mais sobre os atrativos desse bar. Vou almoçar, dar uma volta de moto agora à tarde, reconhecendo o território, mas à noite estarei pronto

para a ação... — Balanço as sobrancelhas maliciosamente.

Ele meneia a cabeça pegando a minha deixa.

— É um bar-restaurante que se transforma em balada à noite. Mistura música, esportes e muitos drinks. Às sextas eles fazem as noites temáticas. Hoje é sobre os anos 80.

— Bacana. — Assinto. — Me dê

as coordenadas.

Ian me passa o endereço e nos despedimos, marcando de nos encontrar no tal bar por volta das 21h. Ele vai para o estacionamento pegar seu carro e puxo meu celular do bolso. Vou ligar para H e me divertir com meu irmão mais velho e a situação em que se meteu... Recentemente, ele descobriu que um velho parceiro de negócios

estava nos roubando e ficou possesso. Meu insano irmão exigiu que o homem lhe desse uma de suas filhas para gerar seu herdeiro como pagamento da dívida. É, eu sei, também fiquei chocado quando ouvi essa merda.  Resultado: H se casou há duas semanas com Sofia, a filha mais nova do homem, uma menina de apenas dezoito anos, enquanto meu irmão tem trinta e sete. Tentei demovê-lo da ideia

absurda, mas não consegui porque H é como uma mula empacada quando cisma com algo. Um ponto positivo nessa história é que Sofia é um encanto de menina. Eu e minha avó nos apaixonamos por ela fácil, fácil. H é um bastardo frio, no entanto, espero que a bonitinha possa tocá-lo de alguma forma.

Vejo Yuri parando perto de um

sedã preto e levanto um dedo, pedindo um minuto. Seleciono o número de meu irmão e o chamo, andando até a ponta da calçada, investigando a vasta área. Há muito espaço para uma ampliação boa aqui.

— T. — Soa a voz mal-humorada de H em meu ouvido. Ele é um idiota que odeia socializar, mesmo com os poucos familiares: eu e nossa avó

materna.— Irmão, pensei que seu humor estaria melhor depois de duas semanas em lua de mel nas ilhas gregas... — Coloco o tom certo para irritá-lo ainda mais. É para isso que servem os irmãos, não é? Rio satisfeito quando ele bufa.

— Não estou em lua de mel e você sabe muito bem disso, irmão — retorque. Eu gargalho.

— Desculpe, H, mas, para mim

parece uma lua de mel, cara. Para a imprensa também... — aponto. Tem havido um verdadeiro desfile de fotos dele e Sofia nas ilhas gregas na imprensa brasileira. — Você só precisava ficar aí por uma semana. Me surpreendeu pra caralho quando estendeu a estada.

— Pare de ser uma comadre fofoqueira e vá direto ao ponto, cara. —

O idiota irritado me corta.

— Cara, não há realmente um ponto. Não posso sentir saudades do meu irmão mais velho, hum? — continuo provocando. — Como está a minha bonitinha? Espero que esteja cuidando bem dela, mano.

— Nos falamos semana passada — aponta, ranzinza. — Sofia está muito bem, mas pode cortar essa merda de

*minha bonitinha*. — Torno a gargalhar e ele rosna. — Estamos nos entendendo melhor agora, se é isso que está bisbilhotando — concede e muda o assunto como o bastardo escorregadio que é. — E dona Magnólia, como está?

Magnólia é a nossa avó. Nossa única avó, visto que nunca conhecemos nossos avós paternos. Eles morreram antes de nosso pai, Logan Maxwell e seu

irmão Natan, virem do Alabama, Estados Unidos, tentar a sorte em terras tupiniquins. Eles fundaram a companhia e prosperaram, mas depois se desentenderam e meu tio voltou para os Estados Unidos. Meu pai mudou a sigla da empresa, antes HN, para HTL, uma alusão ao nome de Heitor, o meu e o dele. Quem não sabe a história completa pode pensar que o velho era um pai

amoroso. Um frio gelado percorre minha pele mesmo no calor tocantinense. Ele e minha mãe são com certeza os piores pais que já existiram. Quando morreram num acidente aéreo há vinte anos, eu e H nos sentimos livres e vingados de alguma forma. Eles nos fizeram muito mal.

— Bom saber disso, irmão. Nossa avó está ótima. Jantei com ela ontem —

informo, cortando o fluxo de lembranças indesejáveis. Nesse momento, uma loira escultural passa ao meu lado. Está falando com uma amiga que é bom estar de volta em casa. Não me contenho e assobio, meu olhar catalogando cada curva no jeans colado e uma blusa verde. — Uh, querida, o que há sobre a comida tocantinense, hein? Quanta saúde... — A loira me olha de esguelha

e um sorriso se abre em seu rosto ao conferir minha aparência. — Estou no aeroporto de Palmas — informo a H, meus olhos presos na loira. Talvez eu suspenda o passeio de moto e monte algo mais macio agora à tarde... Rio, olhando a garota com um convite aberto. — Cara, por quanto tempo terei que fazer essa merda? — Não resisto e me queixo para H. Odeio essa porra de

rotas domésticas.

— Veja pelo lado bom, T, agora pode conhecer melhor o seu país — o idiota me provoca e eu rosno. — Nunca esteve em Tocantins, esteve? Aproveite a folga e conheça os arredores da capital. Me disseram que tem cachoeiras muito atrativas por aí...

— Pare de agir como um maldito agente de turismo — retruco. — Não

sou nenhum lesado. Pesquisei sobre o estado antes de vir.

— Foi um voo tranquilo? — pergunta em tom mais ameno. Provavelmente vendo o quanto essa merda está sendo difícil para mim, um piloto internacional de alto nível.

— Tranquilo até demais, H. A aeronave é tão pequena que parece a porra de um bimotor — resmungo e meu

irmão idiota ousa rir. — Odeio essa merda — digo e não resisto a mais uma provocação: — Eu devia ir para a concorrente. Minhas rotas internacionais estariam garantidas, com certeza. Que acha, grande CEO?

Ele para de rir na hora e é a minha vez de gargalhar.

— Eu acho que devia ter chutado sua bunda mais vezes enquanto

crescíamos — grunhe. — Ah, e as comissárias de bordo receberam um aviso reforçado sobre não se envolver com pilotos. Não tente usar seu charme. Terá que procurar rabos de saia fora do trabalho, como sempre deveria ter feito.

Porra, isso é sério?

— Entendido, chefe. — Rio já que não posso fazer nada, pelo menos enquanto a louca estiver processando a

HTL. Mais uma gostosa passa por mim, dessa vez uma morena mignon. — Cara, por que não me avisaram que as garotas tocantinenses são umas delicinhas? Ei, querida, estou apaixonado — digo a garota, que sorri com uma expressão jovial no rosto.

— Apaixonado? Você acabou de me ver... — flerta, divertida.

— Certo, você me pegou. Estou

com um puta tesão em você, linda. Será que isso serve? — Rio sacana. H volta a rir do outro lado. A moça meneia a cabeça.

— T, pare de ser um idiota conquistador ou encerre a porra da conversa comigo, cara — H range no meu ouvido.

— Desculpe, querida, estou falando com meu irmão. Ele está em lua

de me...

— Eu não estou numa maldita lua de mel — o ranzinza ruge.

— Desculpe, mano. Eu esqueci dessa parte... — digo, dando uma piscada para a garota, que me joga um beijo e se encaminha para um táxi parado mais à frente.

— Espero que não esteja se engraçando para nenhuma comissária de

bordo. Há uma abundância de garotas fora do nosso meio para você se divertir, então, não complique a sua situação. Alberto está tendo trabalho em negociar com a sua garota maluca — me adverte.

— Ela não é a minha garota, cara. Foi apenas uma trepada, num maldito voo — zombo. — Não tenho culpa se a doida achou que ia ser a senhora Tristan.

— É claro que ela e todas as outras sempre irão fantasiar com algo mais, T. Você não é um simples piloto. É a porra do dono da companhia também. — Meu irmão usa o tom de grande CEO.

— Você acabou de insinuar que as mulheres só me querem pela minha fortuna, H? — Finjo-me de ofendido. — Cara, modéstia à parte, sou o irmão mais bonito e... sei usar muito bem o meu

manche... — Sorrio com provocação e ele bufa. — Quando vocês voltam? — pergunto, mudando o assunto.

— Saímos daqui amanhã — concede.

— Vovó pediu para avisar que está preparando uma festa para apresentar sua neta à sociedade paulistana — aviso.

— Por que ela não me ligou? —

indaga.

— Ela não queria atrapalhar a sua lua de mel, H. — Não seguro um sorriso.

— Já você não usou a mesma cortesia, T — o bastardo aponta e eu rio mais. Ele é tão fácil de irritar.

— Ah, irmão, mas você mesmo disse que não está em lua de mel...

— Eu não estou — nega

veementemente.

— Claro que não, H... — digo com indolência.

— Eu preciso desligar — avisa e depois de um instante, adiciona: — Cuide-se T. E se comporte, irmão.

H sempre cuidou de mim, mesmo que para os outros pareça um bastardo sem coração. Meu irmão me salvou quando éramos pequenos. Sem ele eu

não estaria aqui... Eu rio alto para espantar mais uma vez os espectros do passado.

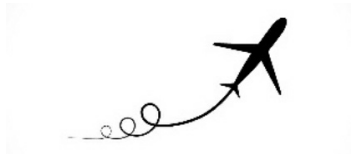
— Bem, vamos ver o que o Tocantins tem de melhor! — exclamo com minha safadeza em dia. Em seguida minha voz suaviza também e me despeço do meu irmão mais velho: — Cuide-se também, irmão.

Encerro a ligação e me viro para

Yuri, que está me aguardando ao lado do carro locado. Meu segurança é uma espécie de assessor também, visto que providencia as comodidades para mim a cada viagem. Para nossa estada aqui, providenciou a compra de uma cobertura duplex na 404 sul. Eu odeio hotéis. Geralmente fico em meus imóveis quando voo a trabalho. É mais conforto e menos exposição da minha

figura. Aprecio a privacidade, sobretudo, porque minhas festas particulares sempre envolvem muitas mulheres e em hotéis é chato pra caralho ficar dando explicações aos gerentes ou molhando suas malditas mãos com quantias exorbitantes. Yuri dá a volta, assumindo a direção e eu abro a porta traseira jogando minha mala no banco. Em seguida me junto a ele no banco da

frente. Sim, vamos ver o que o Tocantins tem de melhor!



É perto das 21h quando desço para a garagem privativa e um sorriso repuxa minha boca ao ver as duas motos pretas reluzindo à meia-luz. Yuri locou duas Ducatis. Ele não era um cara de motos, mas acabou gostando quando se viu obrigado a pilotar uma para me

perseguir por São Paulo. Eu o despistava quando usava carros.

— Você ama o seu trabalho, não é? Pode dizer, não vou reduzir seu salário — o provoco, pegando meu capacete. Ele para do lado da sua moto e bufa.

— Não me dê trabalho hoje, T — adverte, pegando o seu capacete. — Não conhecemos nada dessa cidade e você

quer sair numa maldita moto à noite.

— Nós fizemos um reconhecimento mais cedo, cara. E pelas estatísticas, Palmas é a capital menos violenta do país, então, pare de ser um bebê chorão — retruco, ajustando a viseira e prendendo o capacete no queixo. Monto na garota reluzente. Aciono a chave na ignição e o motor ronca. Seleciono a pasta ACDC na tela

do sistema de som embutido entre os guidões. O rock pesado enche a garagem e rio, gritando acima do som para meu segurança: — Procure não comer muita poeira, Yuri! — E acelero para a saída.

Em poucos minutos, estamos entrando na Avenida Juscelino Kubitschek, sentido à cidade de Paraíso. Pelas coordenadas de Ian, o bar fica na entrada da praia da Graciosa, um dos

pontos turísticos mais visitados de Palmas. Sigo à frente, acelerando com vontade e gostando do fato de o trânsito não ser tão intenso quanto em Sampa. Entro numa rotatória, tendo o Shopping Capim Dourado no lado direito e acelero mais, agora é só seguir reto para sair na praia. Embora o clima seja quente, o vento batendo em meu peito ameniza isso. Minha jaqueta de couro

está presa em minha cintura. Espero que o tal bar tenha um bom sistema de ar-condicionado. De fato, não demora muito, avisto do meu lado esquerdo o nome *The Pilot* em letras grandes de neon. Diminuo a velocidade e entro no desvio para o estacionamento, onde já há muitos carros e motos. Bem, parece que Ian não mentiu e esse é um *point* bem frequentado.

Yuri estaciona do meu lado. Desço, retirando o capacete, correndo as mãos pelo cabelo. Deixamos os capacetes sobre os guidões das motos e seguimos para a entrada. Olho ao redor, notando a praia a alguns metros, as águas plácidas do lago iluminadas pela lua. Palmas não é tão ruim quanto pensei, tenho que admitir. É uma capital pequena ainda, claro, mas muito bonita e

hospitaleira pelo que tenho percebido em poucas horas. Um cara grande vestido com uma camiseta justa aludindo a lutas de MMA, nos recepciona na entrada. Ele parece um lutador, alto, com músculos saltando por todos os lados. Porém, seu rosto é pacífico ao sorrir para nós.

— E aí, parceiros, bem-vindos ao *The Pilot!* — nos cumprimenta,

estendendo a mão para nos dar passagem.

— E aí, cara! Obrigado — devolvo o cumprimento simpático e só agora percebo que há outro cara igualmente bem construído, usando uma camiseta semelhante a do primeiro. Mas esse tem uma expressão fechada e nem ao menos fala conosco. Uh. Não resisto e rio levantando meu queixo em sua

direção. — E aí, mano, dia difícil?

Sua carranca fica ainda mais profunda e Yuri me empurra para dentro, resmungando algo sobre eu me comportar. Somos recebidos por uma rajada fria do ar-condicionado e suspiro agradecido, pegando minha jaqueta da cintura, vestindo-a. Observo o recinto do alto dos dois degraus da entrada. O salão é mais baixo e a estrutura e

decoração é muito aconchegante. Há uma parede de vidro nos dando a visão de outros dois ambientes onde vejo jogo de boliche, mesas de bilhar e um alvo para dardos. Há muita gente em todos os ambientes. Taí. Gostei. A decoração remete aos anos 80, como me informou Ian. A música tocando é *Thriller,* de Michael Jackson. Minha atenção vai para o palco e vejo um grupo lá em

cima, caracterizados como no clip clássico do rei do Pop e dançando a coreografia emblemática. Muito bom! Troco um olhar com Yuri, que acena e vai para uma mesa no canto. Ele sabe que odeio marmanjo fungando no meu pescoço. Desço os degraus e me dirijo para o bar no canto direito do palco, ficando mais próximo dos dançarinos. Agitação é comigo mesmo.

— Ei, bonitão, o que vai ser? — A moça atrás do bar, vem para a minha frente depois de preparar habilmente os drinks solicitados antes de mim. Tem o cabelo roxo, que imagino ser uma peruca e suas roupas e maquiagem são espalhafatosas também. Percebo, aliás, que todos os funcionários estão caracterizados para a noite temática.

— Um Jack[4], para começar —

respondo e ela sorri solícita, se virando para a prateleira espelhada atrás dela. Minha dose é derramada com eficiência e logo a estou saboreando. No entanto, não vou abusar, pois estou pilotando.

Me sento no banco mais perto do palco e fico vendo o verdadeiro show lá em cima. Quando encerra a música, aplausos e assovios enchem o lugar. Confiro o relógio e deslizo os olhos

pelo recinto. Não vejo Ian em lugar nenhum. Dou de ombros. O cara é noivo mesmo, e pelo jeito que falou da sua garota, parece bem apaixonado. Então talvez não seja uma boa companhia para mim que só tenho uma intenção esta noite: pegar uma ou mais gostosas para uma foda casual. O palco escurece e vejo outro grupo devidamente caraterizado entrar por uma porta

lateral, se posicionando para mais uma apresentação. A música começa e as luzes acendem junto com a voz de Madonna. Sou pego de surpresa ao ver uma morena uns passos à frente de um grupo de quatro garotas. Ela sorri, acenando e jogando beijos em retribuição às palmas e assovios que recebe da plateia. Deve ser conhecida ou funcionária da casa. Meu corpo

inteiro se acende enquanto meus olhos passeiam por ela, cheios de interesse. E quando começa a dançar, estou tentado a aplaudir e assoviar também.

Ela tem uma aparência um tanto selvagem, eu diria. Os movimentos sinuosos e sexy seguram a minha atenção. A primeira coisa me vem à cabeça é que a garota é uma tigresa. Sua cabeleira volumosa é uma confusão de

cachos escuros caindo sobre os ombros e costas. Uma fita vermelha segurando-os para trás com um laço espalhafatoso. Um top preto com pedras brilhantes e a calça vermelha justa, demarcam o corpo com as curvas mais perfeitas em que já pus meus olhos. Nunca apreciei tanto o visual over dos anos 80 como agora. Caralho... Que espetáculo de morena! Minha boca está caída aberta, o copo a

meio caminho. Meus olhos grudados nela em cima do palco. Quem diria que o Tocantins seria tão interessante, hein? Um sorriso sacana curva meus lábios enquanto cobiço a tigresa. A música de Madonna atinge o seu auge e baba se reúne em minha boca com os movimentos ágeis e sensuais do corpo delicioso. Sem conseguir me conter, abandono o bar e sigo por entre as

mesas para a borda do palco. Noto que já há alguns marmanjos por lá, cobiçando-a como eu. Ela sorri e rebola, girando os quadris com absoluta consciência de que está dando um maldito pau duro a todo homem nesse lugar. Meu sorriso amplia. Amo as garotas safadas. E essa tem uma cara linda e ousada, deve foder gostoso pra caralho.

Meus olhos correm por toda ela e quando sobem encontram os seus. Minha presença parece intimidá-la a princípio, o sorriso escorregando um pouco. Estou bem na beirada do palco, tendo a visão completa de cada curva do corpo arrasador. Continua fazendo os passos ensaiados junto com outras moças, mas nossos olhares permanecem presos. Levanto meu copo de uísque sugerindo

um brinde e tomo uma dose, nunca desviando meus olhos dos seus. Ela sorri, aquela ousadia e sensualidade voltando em seu rosto, a boca generosa e vermelha curvando para mim como num convite mudo. Meu pau fica completamente duro, empurrando meu jeans. Coloco a bota de motociclista no primeiro degrau e apoio o cotovelo sobre o joelho, me inclinando em sua

direção, demarcando de alguma forma meu território. A safada parece gostar disso, ter a minha total atenção e eu já imagino tudo que farei com ela mais tarde, em minha cobertura. Vou batizar cada canto com essa gostosa. Sorrio lentamente para ela.

Sim, tigresa, convite aceito.

# Pietra

Corremos de volta para a sala que usamos como camarim na lateral do palco quando *Like a Prayer* encerra. Meu coração está saltando forte não apenas pelo ritmo frenético, mas por aquele estranho me encarando abaixo dos degraus. Uau! O cara é bonito! E

aquela cara de safado gostoso? Tenho andado fria como o ártico quando o assunto é o sexo masculino, desde que terminei com meu namorado de anos. Contudo, fiquei quente sentindo os olhos negros do estranho percorrendo meu corpo exposto na roupa justa e reveladora. Pego uma garrafa d'água no frigobar e tomo um pequeno gole, tentando acalmar minha excitação fora

de hora. Ainda vamos apresentar *La Isla Bonita,* também da rainha do Pop. Vou até a arara com os nossos figurinos e pego o vestido vermelho, uma réplica perfeita do que Madonna usou no clip dos anos 80. Mudo de roupa rapidamente.

— Você ganhou um admirador, Pietra! — Mila, uma de minhas primas mais novas, atiça no canto da sala,

trocando seu figurino também. Eu rolo os olhos como resposta. — Vamos, prima, precisa se animar. Eu pegaria o gatão lá fora.

— Mila tem razão, Pietra, já está passando da hora de tirar aquele traste da sua cabeça. — Lenita, minha prima mais velha, endossa. As duas são o oposto de mim, loiras de olhos verdes, puxaram o lado de seu pai. Minha tia e

minha mãe são morenas. Eu sou uma mistura de meus pais. Seu Pietro Ferraço também é moreno, um italiano lindo de um metro e noventa e olhos verde-escuros. Minha mãe se deu bem! Penso maliciosamente. Ele veio da Itália no final da década de 80, quando estavam criando o estado de Tocantins, atraído pela novidade, como tantos outros.

— Eu não estou pensando nele — nego. Elas rolam os olhos, sabendo que é uma mentira deslavada. Infelizmente a gente não controla o coração.

Fiquei sabendo hoje que meu *ex*-namorado se casará no próximo mês. Estivemos juntos por cinco anos e ele nunca quis se comprometer. Terminamos, o filho da puta arrumou outra na velocidade da luz e está se

casando com ela em apenas oito meses. Oito meses do caralho! Dá para acreditar nisso? Pois é. Minhas primas têm razão. Não posso mais ficar remoendo algo que não era para ser. Eu amava aquele maldito idiota! Porém, minha bolha cor-de-rosa foi bruscamente estourada quando descobri que Márcio não era quem eu pensava. Foi um choque descobrir que transava

com Palmas inteira quando me ausentava, o que é constante devido a meu trabalho. Sou comissária de bordo da HTL, uma das maiores empresas de aviação do Brasil. Amo demais meu trabalho e ele nunca entendeu. E pensar que sonhei em me casar com o maldito galinha! Tenho pena dessa coitada que caiu na sua lábia.

Em algum momento irei sair dessa

fossa do caralho. Deus é pai! Como diria meu amigo Aidan, todo mundo precisa ser feito de trouxa pelo menos uma vez na vida, você sabe, para adquirir anticorpos. Anticorpos adquiridos com sucesso, obrigada. Não me deixarei ser feita de trouxa de novo. Minha mente não está com pressa para encontrar um cara, mas meu corpo é outra história. A falta de sexo me

incomoda. Sou uma garota que gosta de transar. Ei, não venha me julgar. Por que só os homens podem dizer abertamente que gostam de sexo? Direitos iguais, por favor! Gosto muito de sexo. Amo, na verdade! Mas apenas com alguém com que esteja me relacionando, que fique claro. Não sou tão moderna a ponto de fazer sexo casual. Resumindo: toda ação que estou tendo lá embaixo é com meus

brinquedinhos à pilha... Credo. Lamentável, né?

— Você precisa transar e eu voto no bonitão lá perto do palco — Mila incita. Ela é uma arruaceira.

— Ela não precisa. — Luana, minha irmã caçula, vem em meu socorro. Se vira para mim, terminando de ajeitar seu traje. — Você não precisa, Pi. Tome seu tempo e logo um cara que te mereça

irá aparecer.

— Não dê ouvidos a Lu, prima! — Mila torna. — Você viu aquele deus, não foi? Ele tem cara de quem fode bem gostoso, não é todo dia que encontramos um desses, pelo amor de Deus! Você tem que sentar nele!

Meu Deus! Não seguro uma gargalhada com sua falta de vergonha. Não que eu seja puritana, longe de mim,

mas não vou *sentar* naquele estranho. Mesmo que o cara seja, realmente lindo e como minha prima enxerida disse, tem uma pinta de homem com pegada, que sabe fazer as coisas direito... Suspiro frustrada. Caramba, preciso gozar com algo que não seja meus vibradores. Franzo o cenho. Será que devo arriscar hoje à noite? E se ele for um serial Killer? Penso sempre nas piores

hipóteses quando tem estranhos na jogada. Assisto a Investigação Discovery e os assassinos quase sempre são bonitões. Sacudo a cabeça e rio da minha imaginação fértil.

— A Pi não é como você, irmãzinha, que não se apega aos caras que andam em suas calcinhas... — Lenita provoca a irmã. Ela é noiva de Ian, um piloto da HTL, e vão se casar

dezembro, dentro de três meses.

— Vocês não sabem o que estão perdendo. Ontem mesmo peguei um bombeirão que me fez gozar cinco vezes! — Mila se vangloria e nós rimos dela. Já estamos bem familiarizadas com as aventuras sexuais de minha prima.

— Cinco orgasmos? — minha irmã indaga, contemplativa.

— Sim, prima. Só saio com caras

que me deem pelo menos três orgasmos! — Mila balança as sobrancelhas sem nenhuma vergonha.

Luana faz um som descrente.

— Você é uma aberração, Mila — reprova. — É muito difícil gozar com um cara aleatório. Pelo menos para mim... Preciso ter familiaridade...

Minha irmãzinha ainda acredita que sexo precisa estar atrelado ao amor.

Embora não tenha prática com sexo casual, sei muito bem que se o cara sabe pegar uma garota, ela sente prazer. Às vezes até mais do que numa relação amorosa. É uma questão de toque, estimulação nos lugares certos.

— Se o cara souber o que está fazendo a mulher consegue gozar, Lu. — Mila externa meus pensamentos.

— Não comigo, Mila. Eu preciso

estar apaixonada pelo cara. — Minha irmãzinha abana a cabeça vigorosamente. Ela se parece comigo, porém, mais magra e mais baixa. Ah, e mais romântica.

— Vamos encerrar nossa apresentação e voltar ao trabalho! — corto. — Essa discussão sobre orgasmos não está me ajudando em nada. — Faço uma careta.

— A discussão não, mas o morenaço lá fora pode — Mila insiste, rindo maliciosamente.

— Cala a boca! — Eu rio, empurrando-a para voltarmos ao palco. As outras nos seguem.

Introduzimos a sexta temática há um ano, e os clientes esperam esse dia sempre com muita expectativa. Nos vestimos a caráter e fazemos

apresentações também. Meus irmãos mais velhos, Nando e Gustavo, viram um bar nesses moldes em São Paulo quando estiveram em suas lutas de MMA, e trouxeram a ideia para cá. Convenci meu pai e os funcionários que seria o nosso diferencial, pois não há outro estabelecimento em Palmas que seja tão versátil. Foi tiro certo e triplicamos a clientela a ponto de termos

que ampliar as instalações. Meu pai está estudando abrir franquias para Araguaína, Gurupi, Porto Nacional e Paraíso. Meu fluxo de pensamentos é cortado quando pisamos no palco e vejo o cara no mesmo lugar. Quando me vê, ele volta a apoiar a bota de motociclista sobre o primeiro degrau. Seus olhos passeiam por mim e sobem para os meus, segurando meu olhar. Minhas

entranhas se agitam sob o seu escrutínio. Droga, ele é mesmo muito bonito. Queria ser modernosa e *sentar* nele esta noite, acabar com a minha seca e esquecer o filho da puta do Márcio e seu casamento de merda.

Um sorriso safado enfeita a boca do estranho. Seus lábios são cheios, com uma curva sensual. Isso aliado ao brilho penetrante dos olhos escuros,

potencializa seu apelo. Nunca vi um cara com essa pinta por aqui antes... Ele não é dessas bandas, tenho certeza. A música inicia e eu danço, minha atenção presa nele. Seus olhos escuros seguem cada movimento meu e isso me faz querer dançar para ele, apenas para ele. Giro na coreografia, a abertura generosa do vestido longo e rodado, deixando minha perna direita toda à mostra. As

sandálias de salto me deixam sensual e me sinto quente, gostando do olhar de cobiça desse estranho. Logo, mais caras vem para a beirada do palco. É sempre assim. Eles se animam, achando que podem levar uma de nós para suas camas. Bem, Mila, certamente não faz objeção, mas o resto de nós é aposta ruim. Ainda assim, continuo dançando para o bonitão, me sentindo muito bem

com sua atenção apenas sobre mim.

Mostro tudo o que sei, mesclando Salsa e Pop, agitando minha saia, exibindo minhas pernas para ele. Parece que estou fazendo um show privado para o cara, mas não me importo. Danço e danço, andando para a borda, rebolando em sua frente. Sua boca linda se curva num sorriso lento, o olhar de predador me devorando sem cerimônias. Não sei

o que me dá, mas fico cada vez mais solta, gostando desse jogo de sedução. Estendo a mão, pegando seu copo e viro na minha boca, o líquido gelado descendo em minha garganta. É uísque, Jack Daniels, para ser mais exata. Quando devolvo o copo ele segura meu pulso e meu coração galopa vendo-o levá-lo àquela boca sensual. Suga minha pele e ofego mais e mais, minha vagina

palpitando, o canal umedecendo. Eletricidade percorre meu corpo, arrepiando os pelos do meu braço. Caralho, estou em apuros aqui. Com um sorriso conhecedor e perverso, seus dentes brancos raspam minha carne e decido parar a brincadeira, puxando a mão. Volto para junto das meninas, tentando me concentrar nos passos finais. Não o olho, mas sei que está me

observando o tempo todo. Quando a música encerra estou ainda mais quente, precisando urgentemente de uma garrafa inteira de água, de preferência para jogar sobre a minha cabeça. O que diabos deu em mim para brincar de mulher fatal com aquele cara?

— Calem a boca — bufo desgostosa para minha irmã e primas, ao voltarmos para a sala.

— Prima, só digo uma coisa: nem guindaste me tirava de cima de um cara daquele. — Mila ri. — Pare de ser boba e pegue o bonitão. Apenas esta noite.

— Não faça isso, Pi. — Lu fica do meu outro lado. Me sinto entre o anjo mau e o bom, ambos buzinando em meus ouvidos. — Ele é lindo sim, mas você não faz sexo casual.

Elas começam a falar todas ao

mesmo tempo e solto um grunhido, pegando a minha garrafa d'água e drenando-a completamente. Preciso apagar o fogo que o estranho acendeu em minhas entranhas. Meu Deus, sentir aquela boca na minha pele foi demais para uma garota que está sofrendo na seca. Tomo a saída que leva direto ao bar e Luíza, minha melhor amiga, e uma de nossas bartenders mais capacitadas,

sorri largamente com a chegada de reforço. A bancada está cheia e só ela e Aidan, meu melhor amigo e nosso outro bartender, não dão conta do fluxo às sextas. Eu gosto de atender no bar, enquanto minha irmã e primas apreciam servir às mesas, ou orientar no boliche, bilhar e dardos. Gosto de estar aqui, especialmente nas sextas. Não vou mentir, amo uma agitação! Pego a

etiqueta com o meu nome na gaveta das fichas, prendendo no babado sobre o meu seio esquerdo. Um cara se aproxima e faz seu pedido. Eu o atendo, preparando seu drink e entregando rapidamente. Outro vem e sorrio atendendo-o também.

— Ulalá! O que foi aquilo lá em cima, bicha? — Aidan não segura o comentário, enquanto faz malabarismo

com o drink que está preparando.

Rolo os olhos. Eles já vão começar a encher meu saco. Aidan é um belo espécime masculino, loiro de olhos castanhos, e é gay. Aliás, Luíza, uma morena curvilínea, também é lésbica. Nos conhecemos no primeiro ano do ensino médio e temos sido os três mosqueteiros desde então. Uma versão bem moderna, claro. Os garotos e

garotas da minha turma os estava hostilizando no primeiro dia de aula por causa da sua opção sexual e para causar, fui me sentar perto deles. Sou assim, não posso ver gente sendo vítima de preconceitos que quero ir lá e defender. Porém, o que foi apenas um comportamento subversivo da minha parte, me trouxe as duas pessoas que mais amo fora da minha família. Eles

são amigos incríveis e leais.

— Sim, derrama tudo, sua kenga! — Luíza endossa. Torno a rolar os olhos. Eles também estão loucos para me ver sair da fossa. — Ele é gostoso — adiciona.

— Até parece que gosta da fruta... — zombo. Ela gargalha.

— Se eu gostasse seria impossível me tirar de cima, querida. — Pisca

atrevida. Faço carranca. Ele nem é tão bonito assim. Por que estão todos em polvorosa? Desdenho.

— Não há nada para contar — resmungo e me viro, abrindo um sorriso para um cliente. — Boa noite, o que vai ser? — pergunto. Ele abre um sorriso pervertido. Provavelmente estava de olho no meu show lá no palco.

— Gostaria de se juntar à minha

mesa, linda? — o cara pede. Ele é bonito e indica a sua mesa. Olho na direção e mais caras acenam para mim. *Uh. Tarados!* Estou abrindo a boca para negar seu pedido quando sou cortada:

— Ela está comigo. — A voz profunda faz minhas entranhas se agitarem. De alguma forma sei a quem pertence muito antes de desviar minha atenção para seu dono. Puta que pariu! O

que é isso Brasil... Meu fôlego se vai ao vê-lo de perto do outro lado do balcão. As arandelas embutidas no bar atrás de mim refletem no rosto perfeito e engulo em seco. *O estranho gostoso.* Meu corpo enlouquece enquanto me prende em seu olhar de ônix. O nariz afilado, a boca bem feita, o lábio inferior mais gordo que o superior. Meu Deus, aqui estou, presa em seu feitiço outra vez. —

Ainda vai demorar muito, gostosa? Estou louco para te levar para casa.

A princípio fico atordoada, mas percebo que está encenando. Oh, ele é bom. Estreito meus olhos. Ouço os sons de surpresa de meus amigos intrometidos. Eles devem estar ligados no que está acontecendo na minha frente. A música tocando é em volume baixo e agradável, não atrapalhando a

conversação dos clientes. Gostamos assim após as apresentações. Decidida a entrar no jogo do gostoso eu abro meu melhor sorriso e ronrono para ele.

— Uma hora no máximo, gostoso — digo com atrevimento e ele sorri daquele jeito lento e safado, que desconfio, seja a sua marca. Delicioso é pouco para descrever esse cara. — Depois disso sou toda sua — adiciono

com uma piscada e escuto risos baixos de Aidan e Luíza. Eles já sacaram que estou apenas brincando com o estranho. Volto a olhar o cara que queria me levar para sua mesa e sorrio como uma atriz experiente: — Desculpe, querido, meu noivo é muito ciumento. — O cara faz uma carranca de decepção e volta para seus amigos. Sou obrigada a olhar para o lindão de novo. — Obrigada.

— Disponha. — Sua voz é uma nota mais baixa e não sei como diabos isso é possível, mas ele parece mais bonito a cada vez que olho. Eu preciso transar, urgentemente! — Eu ouvi o babaca apostando com seus amigos que conseguiria te levar para casa hoje e tive que intervir.

Isso faz fumaça sair pelos meus ouvidos. Lanço um olhar mortal na

direção da mesa. Que imbecil! Infelizmente isso acontece muito por aqui. Chamo um dos seguranças perto do bar e coloco-o a par do ocorrido. Não demora muito, meu irmão mais velho, Gustavo, está vindo como um touro para cima da mesa em questão. Em instantes, todos os babacas saem, empurrados para fora. O babacão que apostou, sai suspenso pela gola da camisa. Já

mencionei que amo meus irmãos? Rio malvada e volto a atenção para o estranho à minha frente.

— Obrigada mais uma vez. O que vai querer? — Tento fingir que o ar não está elétrico entre nós. Que minha vagina umedece e lateja cada vez que os olhos escuros pousam sobre mim. Ele se debruça sobre a bancada, o rosto ficando mais próximo do meu e prendo a

respiração, lutando para não arregar e me afastar. Sua boca levanta os cantos. Sabe que estou sentindo tesão por ele. Claro que sabe.

— Você sabe o que eu quero, tigresa — murmura e a forma como me chama termina de me deixar molhada. Caralho. Por favor, alguém me dê uma mão aqui...

— Eu não sou dessas... — Lambo

meu lábio seco e seu olhar segue o movimento.

— Dessas o quê? Linda, sexy... — Seu olhar vem para o meu decote e lambe aquele gordo lábio inferior. Puta merda... — Gostosa? — Torna a sussurrar, a voz profunda me lançando num redemoinho de emoções loucas e inadequadas. Droga, deve ter sido o resto do seu uísque que virei de uma vez

na maldita garganta. Ou talvez seja apenas a minha vagina se rebelando contra a falta de ação lá embaixo nos últimos meses. Gemo internamente. Meu Pai eterno...

— É sério, não estou interessada. — Minha voz sai esganiçada e limpo a garganta. Me encara de forma perversa, sabendo que estou mentindo. — Faça seu pedido ou dê a vez para outro

cliente, senhor. — Ele sorri e olha para Aidan.

— Ela é sempre tão difícil? — pergunta, se sentando no banco à minha frente em vez de ir embora.

— Ela é uma cadela complicada, mas comigo não precisará tanto esforço, amor — meu amigo sem-vergonha diz para o estranho. Rolo os olhos. Ele é tão dado.

Para a minha surpresa, o cara não fica bravo, como a maioria dos babacas héteros com uma cantada gay. Ele ri, na verdade gargalha, o som lindo se infiltrando em mim, fazendo cada parte carente vibrar. Sacanagem...

— Eu te pegaria com toda certeza — o bonitão diz e meu amigo acende como luzes de Natal. — Se fosse homo, claro. Mas, veja bem, amigo, sou

apegado demais a bocetas.

Eu quase engasgo. Que cara de pau! Uma cara muito linda, reconheço, mas é de mogno puro. E polida com óleo de peroba! Credo.

— Bicha sortuda! Estou fora do páreo, você está equipada para levar o bonitão! — Aidan pisca para mim.

Eu bufo, encarando o estranho. Seus olhos escuros, intensos e

perturbadores já estão sobre mim. Minhas entranhas vibram. A atração é clara entre nós. Sinto o ar carregado. Nunca me senti abalada dessa forma com apenas um olhar. Mas me forço a não demonstrar meu abalo interno.

—Por que acha que darei bola para um cara que admite ser muito apegado a bocetas, no plural? — desdenho, pegando uma garrafa de

tequila e me servindo uma dose. O cara ri quando viro o copo. Sem dizer nada, sirvo uma para ele também e empurro em sua direção. — Por conta da casa.

Ele leva seu copo à boca e continua me encarando com diversão e um toque de safadeza brilhando nas irises de ônix. Eu permaneço olhando-o também, como uma garota lesada. Meu Deus, sei que já mencionei, mas ele é,

de fato, muito bonito. Não de um jeito comum, não, esse tem um ar de superioridade, algo que se traz do berço. Confiro mais uma vez sua jaqueta de couro preta. É couro mesmo, não aquelas imitações baratas das lojas daqui de Palmas. O relógio também grita que o cara tem dinheiro. Quem é ele? Tenho a impressão de que já vi esse rosto em algum lugar, mas não estou

recordando onde.

— Sou Tristan. — Sua voz é baixa e os olhos escuros mais carregados, cortando minha divagação.

— É bonito — digo, com um leve sorriso.

— Obrigado. — Um sorriso convencido curva seus lábios sexys. Porra, essa boca faz uma garota pensar em coisas indecentes... Principalmente

garotas que estão na seca... Gemo internamente.

— Eu falei do nome — aponto, querendo rolar os olhos. Seu sorriso aumenta lentamente, os olhos escuros segurando os meus de forma inquietante.

— Tem certeza... — Desvia o olhar para a plaqueta sobre meu seio esquerdo, onde tem o meu nome, e levanta a vista para mim, seu sorriso

ganhando um toque de arrogância masculina ao sussurrar: — Pietra? — Meu Pai eterno... Ouvir meu nome em sua voz profunda e sexy, faz minha calcinha molhar. Caralho, controle-se, Pietra! O que diabos está havendo com você esta noite? — Mas pode me chamar de T. — Franzo o cenho e a boca sensual enrola num meio sorriso sacana, sussurrando: — T de tesão, tesudo, tudo

de bom. Fica a seu critério escolher, querida. — Uh. Alguém precisa apresentar a modéstia a esse cara. Zombo e decido implicar um pouco com o garanhão para disfarçar seu poder de atração sobre mim e minha pobre vagina necessitada.

— Você não é o meu tipo, amigo — minto descaradamente. — Desculpe.

Em vez de ficar com raiva, ele me

olha fixamente, então, aquela boca de formas deliciosas vai curvando em seu lento sorriso de novo. Seus olhos brilham com algo divertido. Sabe que estou apenas implicando. Duh! É claro que sabe, Pietra, o homem tem espelho em casa. Ele tem que ser o tipo de onze entre dez mulheres, é sério.

— Há algum lugar mais calmo onde podemos conversar? — murmura.

— Esse é o lugar mais calmo da casa — respondo com um sorriso maroto e coloco outra dose para mim. — Beba comigo aqui se realmente quiser a minha companhia. Eu não sou des...

— Dessas, claro — completa, seus lábios tremulando com diversão. — Certo, mas que horas você sai? Vou te levar para casa.

— Você é tão cheio de si, não é? — Rolo meus olhos. — Não saio com estranhos.

— Mas não somos mais estranhos. Sou Tristan e você é Pietra. — Ele pisca e eu quase desmaio no balcão, é sério. Filho da puta lindo! — Lindo nome, por sinal.

O DJ escolhe esse momento para anunciar que a balada vai começar. O

salão do lado esquerdo se ilumina e o jogo de luzes negras é acionado junto com o globo. Os casais começam a levantar das mesas, se dirigindo para o salão. A balada é outro momento esperado pelos clientes.

— O que acontece lá? — Tristan pergunta, olhando a movimentação com interesse.

— É uma balada. Os caras tiram

as garotas para dançar, você sabe, como nos bailes dos anos 80 — explico. Seus olhos acendem e eu sei o que vai fazer muito antes de ele se levantar do banco.

— Dança comigo. — Estende a mão por cima do balcão. Não é uma pergunta. Tenho a impressão de que esse cara não está acostumado a elaborar suas cantadas. As mulheres devem todas cair de amores pela sua cara linda e

safada. Eu olho para Aidan e Luíza e eles nem mesmo disfarçam não estarem ligados nesse canto aqui. Aidan vem para perto e me levanta, colocando minha bunda sobre o balcão.

— Vá, cadela! — Me dá um tapa na bunda. Eu gargalho, já alterada pela tequila que ingeri rápido. Tristan se adianta e pega minha cintura, me girando para fora. Em instantes estou

escorregando pelo seu corpo, até pousar em meus saltos. Meu fôlego torna a ir embora olhando-o tão de perto. Seus olhos brilham, correndo por todo o meu rosto. Puta merda! Correndo o risco de me tornar redundante, que porra de homem lindo!

— Você é linda demais, morena — murmura, as mãos apertando minha cintura, não fazendo nenhuma menção de

me soltar.

— Apenas uma música — murmuro de volta, ainda bancando a difícil.

Ele ri com aquela arrogância de quem sabe que meu destino esta noite é um só: sua cama. Seu braço enrola em minha cintura e nos gira para o salão. Minhas pernas estão meio bambas pelo contato tão próximo. Porra, ele cheira

tão bem. Inalo profundamente. Jesus Santíssimo. *Stay On Thesse Roads,* de A-Ha, está tocando quando pisamos no ambiente semiescuro. Nos leva para um canto nos fundos do salão e meu corpo inteiro estremece ao sentir seus braços puxando meu corpo contra o seu. Ai, meu Deus, se eu já estava em apuros antes, agora estou completamente perdida. Levo minhas mãos para seus

ombros. Ele não é daqueles caras musculosos, mas é todo construído, firme. E, puta merda, como cheira bem! Começamos a nos mover ao som do rock romântico. Para a minha surpresa ele começa a cantar a letra, a voz muito afinada. Uau. Uma mão sobe da cintura pelas minhas costas e segura minha nuca, a mão é grande, quase abarcando meu pescoço na frente. A outra abaixa

da cintura, espalmando a parte baixa das minhas costas e me cola mais a ele. Ofego, sentindo o volume em sua virilha. Ele está duro, grande, grosso. Engulo em seco. Minhas paredes pulsando e alagando.

— Tigresa... — murmura asperamente, forçando meu rosto para cima, minha respiração encontrando a sua bem próxima. Sua boca exuberante

me tentando demais. *Não faço sexo casual. Não faço sexo casual.* Repito uma e outra vez para ver se meu cérebro consegue convencer a minha vagina ensandecida. — Eu quero você — diz contra a minha boca e sinto seus lábios macios, seu hálito delicioso faz meu núcleo latejar ainda mais, encharcando completamente. Sacanagem total... Gemo, me perdendo no tesão, no

momento, e cinjo seu pescoço com meus braços. Foda-se! Eu tenho vinte e cinco anos e vou seguir o conselho de Mila. Deixarei para pensar amanhã.

— Também quero você — admito num sussurro. Ele aperta minha nuca e geme rouco, antes de mergulhar a boca na minha. E tudo gira à minha volta. A sensação dos lábios cheios sobre os meus, faz minhas pernas amolecerem.

Gemo também, alto, necessitada. Tão necessitada. Tem muito tempo que não sinto esse nível de tesão. Nos sugamos, conhecendo as bocas um do outro, num beijo tão lento quanto a música. Sua língua vem explorar, lambendo sensualmente a minha. Ele é experiente, tomando seu tempo, sugando-me, mordiscando-me e não demora estou ofegando, minha calcinha tão molhada

que a excitação vaza para o topo das coxas. Nos agarramos com mais urgência, nos esfregando, querendo mais contato. Estou toda quente, meu corpo inteiro pegando fogo de tanto tesão. Corrigindo: eu acho que nunca senti tanto desejo por um cara logo de primeira. Nossos sexos pulsam juntos, ele cavando sutilmente o pau entre minhas coxas, aproveitando a pouca

iluminação do ambiente.

— Gostosa... — rosna na minha boca e me empurra, minhas costas batendo na coluna, nos escondendo do resto do salão. — Monumento de mulher... — Seu beijo se torna mais exigente. Uma mão grande desce para a minha bunda e amassa minha carne, deslizando os dedos entre as bochechas, esfregando o pau entre minhas coxas.

— Ah, droga... — lamento e levanto minha coxa direita, envolvendo sua cintura, aumentando a fricção gostosa em meu clitóris. Ele range, chupando a minha língua com força, então, desce a boca pelo meu queixo e pescoço. Estremeço com seus lábios me sugando gostoso antes de descer paro o colo e o vale entre os seios. Ele lambe o topo e puxa o decote grosseiramente,

expondo meu seio direito. Quando a boca exigente engole minha auréola inteira, solto um ganido, meu corpo todo estremecendo. Ah, meu Deus... Eu estou... Seus dentes afundam em meu seio e o tratamento rude termina de me enlouquecer, o orgasmo vem com força, me lançando numa espiral de sensações nunca sentidas antes. — Puta merda... — choramingo e ele abandona meu seio, a

mão entranhando em meus cabelos, puxando-os com o tipo de domínio que sempre quis encontrar e nunca tive em meus ex-namorados bocós. Estamos quase fodendo aqui, mas não me importo, meu cérebro derreteu.

— Você é uma cachorra safada, não é, tigresa? — Seu tom é arrogante, indolente e o termo degradante devia me envergonhar, mas isso só me deixa mais

molhada e latejante. Eu gosto, preciso disso: sexo depravado. De alguma forma esse estranho deve ter enxergado meus desejos mais lascivos. — Vou te comer bem gostoso. Posso dar o que você precisa, linda. — Me seduz perversamente, entre mordiscos e sugadas. — Venha para casa comigo, Pietra.

Eu nem mesmo penso a respeito.

— Sim, sim... — concordo e ele cobre meu seio, me levantando do chão. Aperta-me contra seu corpo gostoso e me decora num beijo duro. Não sei por quanto tempo ficamos nos devorando sem qualquer vergonha.

— Venha comigo agora — pede quando outra música começa. Sua voz soa como o canto da sereia, estou enfeitiçada e necessitando de mais

orgasmos espetaculares como esse para dizer não. Sacanagem... Aceno e saímos abraçados, voltando para o bar.

— Vou só pegar minha bolsa lá atrás e já volto — aviso, me afastando. Ele me pega pela cintura e me puxa novamente contra si, a boca perversa mergulhando na minha outra vez. Ouço assovios e sei que são de Aidan e Luíza, ou talvez mais pessoas, não sei. Quando

me solta, ando trôpega para a sala nos fundos do bar, onde guardamos nossos pertences. Luana passa pela porta no segundo em que pego minha bolsa.

— Você vai se arrepender disso amanhã, Pi. — Cruza os braços se posicionando à minha frente. — Sim o cara é muito gostoso, mas te conheço. Amanhã quando a tequila tiver ido embora do seu sistema, não vai gostar

de ter ido para a cama com um estranho.

Droga. Ela tem razão. Eu murcho. Mesmo em meio à névoa alcoolizada, me forço a ter um pensamento racional. Esse cara deve ser de outro estado e está aqui apenas de passagem. Seria apenas um entalhe no cinto dele. Ainda estou magoada e ferida pelo traste com que sonhei me casar, mas não posso querer esquecer tudo na cama de um

estranho. Merda, o cara disse que é muito apegado a bocetas. *No plural*. E minha excitação vai arrefecendo. Eu estava a um passo de cometer um erro. Embora seja sedutor, esse cara não passa de um *Dom Juan*. Suspiro e me dirijo para um dos sofás de couro negro, deixando-me cair pesadamente.

— Diga a ele que não estou passando bem e que fui para casa, Lu —

a instruo. Ela abre um sorriso satisfeito.

— Tomou a decisão certa, Pi. Ele não parece o tipo de cara para você. — Vem até mim, beijando o topo da minha cabeça. — O cara certo ainda virá, maninha.

Sacanagem. Enquanto isso continuo na seca. Resmungo e me reclino, puxando minhas pernas para cima do sofá.

**Dois dias depois...**

Eu arrasto a minha mala de rodinhas pela plataforma móvel. É o meu primeiro voo depois das férias. Não aproveitei quase nada dos trinta dias, para ser sincera. Viajei apenas para Araguaína, onde mora uma prima minha e depois voltei para ajudar no bar. E a menção do bar me traz à lembrança daquele homem. Quase fiz a

loucura de ter uma noite de sexo casual. Desisti no último minuto porque minha irmã me trouxe de volta a sanidade. Porém, seria mentira se dissesse que não me arrependi no segundo em que saí e Tristan já tinha ido embora. Será esse mesmo o seu nome? Não chegamos a trocar telefones nem nada. Outra coisa de que me arrependo. Droga, por que tenho que ser tão corajosa para uns

assuntos e medrosa para outros? Eu devia ter escutado Mila e me jogado na aventura. Ele, com certeza me daria muitos orgasmos a julgar pelo aperitivo que tivemos contra aquela coluna. Suspiro. Agora já foi. A probabilidade de eu vê-lo de novo é mínima, zero mesmo.

Observo através das paredes de vidro, cobiçando os aviões taxiando,

outros levantando voo. Senti falta desse ambiente. Amo os aeroportos. Amo voar. Estou estudando para me tornar uma pilota. Quero voar, mas como comandante, não apenas comissária-chefe. Chegarei lá, sei que sim. Quando alcanço a porta do avião e passo para dentro. Percebo a agitação das duas comissárias de bordo. Estão coradas e com sorrisos bobos. Rolo os olhos. Elas

sempre ficam assim quando tem passageiro bonito a bordo. Cumprimento minhas colegas e guardo minha bagagem no compartimento superior. Me viro, alisando meu vestido azul-marinho, ajeitando minha echarpe vermelha. São as cores da HTL. Já troquei meus saltos altos por uma sapatilha na sala de embarque. Meus cabelos estão contidos num coque comportado, os cachos

domados e meu rosto perfeitamente maquiado. Nós inspecionamos as acomodações e as questões de segurança, o comandante já deve estar fazendo a inspeção da cabine também. Alguns minutos depois, eu e minhas colegas nos colocamos à porta para receber os passageiros.

— Bom dia, senhor, senhora. Sejam bem-vindos à HTL — saúdo um

casal idoso. Eles sorriem simpáticos e quando ouço suspiros das minhas colegas do meu lado esquerdo, encaro-as. A atenção delas está na porta da cabine e eu franzo o cenho imaginando o que estão vendo, uma vez que o nosso piloto de hoje é o comandante Cavalcante e ele não é nenhum colírio para os olhos. No entanto, meu pensamento leviano é cortado

bruscamente quando encontro um par de olhos escuros intensos e uma boca linda com a qual tenho sonhado desde sexta. Ai, meu Pai eterno... Meu coração dispara loucamente e o resto do corpo vai junto, enquanto o *meu estranho* me encara de volta. Ele tem aquele sorriso presunçoso e arrogante brincando na boca. Um sorriso que me deixa confusa, mas isso só vai até minha atenção recair

para a plaqueta na lapela do seu terno azul-marinho. *Tristan Maxwell*. Volto a encará-lo, meu coração quase saindo pela boca agora.

Jesus Santíssimo! O bonitão do bar é nada menos que um dos donos da HTL! Merda, merda... E eu quase transei com ele na sexta. O que... O que... Pisco confusa enquanto começa a andar devagar para mim. Tenho que prender a

respiração quando seu cheiro gostoso alcança minhas narinas. Ele se posiciona do meu lado direito e meu corpo inteiro treme com a proximidade, o tesão louco que me acometeu na sexta voltando com tudo. Aquele sorriso safado e lento curva sua boca, os olhos escuros presos aos meus com a promessa de sexo quente. Droga, muito quente. Se inclina um pouco, sua respiração fazendo a

faixa de pele do meu pescoço arrepiar.

— Olá, Pietra — murmura, a voz profunda me causando mais arrepios perversos. — Bem-vinda a bordo, tigresa.

Puta que pariu!



# Capitulo 1

***Você também tem que eu sei, aquela pessoa, não adianta negar. Que tem passe livre, carta branca na sua vida, pra ir e voltar, quando quiser. Nunca vai deixar de ser o que é...***

***(Aquela Pessoa – Henrique e Juliano)***

*Dois meses e três semanas depois... Palmas – TO, Brasil.*

# Tristan

Eu me debruço sobre a balaustrada da varanda da minha suíte e olho a pequena e próspera capital abaixo de mim. A festa está rolando lá fora. A minha festa de despedida dos voos domésticos. É engraçado como considerei isso um castigo quando H me obrigou a sair dos holofotes por causa da louca que processou a companhia. Mas, agora, sabendo que depois de

amanhã será meu último voo nessa rota, uma espécie de nostalgia está me acometendo. Conheci algumas pessoas dignas de nota nesses quase três meses em que voei para cá. O Tocantins é um estado de pessoas alegres e hospitaleiras, que pretendo voltar para visitar. E, claro, há *ela,* a morena exuberante, deliciosa, linda, que me deixou louco à primeira vista. Pietra. Só

de pensar naquela cachorra gostosa fico cheio de tesão. A conheci em minha primeira noite na capital. Sua família é dona do bar mais badalado e fui conferir, me encantando com o lugar e com a tigresa de cabelos rebeldes e olhos esverdeados, dançando no palco. Eu a quis imediatamente. Um tesão absurdo inflamou meu corpo.

Foi mútuo. *É* mútuo. É o meu tipo

de garota, safada, atrevida. Ficou claro na forma como dançou para mim e pegou meu copo, virando o uísque na garganta. Nos provocamos, dançamos e acabamos nos pegando no fundo da pista. A cachorra gozou gostoso comigo mamando naquele seio redondo e durinho. Estava ensandecido de tanto desejo e certo de que a teria debaixo de mim naquela noite. Pietra aceitou vir

para casa comigo enquanto esteve em meus braços. Fiquei fora de mim, completamente louco para me enterrar naquele corpo escultural, porém, a garota mudou de ideia quando foi buscar suas coisas. E, porra, isso mexeu com meus brios. Bufo, frustrado. Está bem, com meu ego, admito. Não estou acostumado a ter que trabalhar para comer bocetas. Desde adolescente as

garotas vêm para a minha cama sem qualquer esforço da minha parte. Mas, essa em particular, está me fazendo suar e não de um jeito bom. Já usei quase todo o meu arsenal de estratégias para ter a gostosa debaixo de mim, no entanto, tenho falhado e isso está me irritando.

Sei o que devem estar pensando, quando uma mulher diz não apenas

aceite e siga em frente. Eu digo foda-se! Ela me quer. Isso está claro em seu rosto, naquele corpo delicioso pra caralho, toda vez que nos encontramos. O que a está impedindo é que a garota vive em outro século, atrasada, não faz sexo casual. Além disso, a danada andou me pesquisando e descobriu meu histórico com as comissárias de bordo. Isso tem dificultado ainda mais trazê-la

para a minha cama. Pode uma coisa dessas? Estamos em pleno século vinte e um, porra! As mulheres não querem tanto se libertar das amarras machistas? Por que não começam assumindo que gostam de foder sim, que adorariam trepar por aí sem compromisso?

Vamos, queridas, sejam sinceras, não há nada melhor do que liberdade sexual. Trepar pelo prazer, puro e

simples, sem amarras, sem cobranças. Apenas adultos procurando prazer e seguindo em frente depois saciados. Pois é, mas Pietra não é assim, para o meu azar. Vou precisar pensar meu próximo passo com muito cuidado porque não vou desistir. Não, não, aquela garota vai ser minha. Nós vamos foder pra caralho, anotem isso aí. Ela pensa que estará livre de mim com a

minha volta às rotas intercontinentais. Mal sabe a minha tigresa que pretendo levá-la para São Paulo. Não me julguem, mas tirá-la da sua zona de conforto parece uma ótima alternativa para conseguir o que preciso... Ela quer ser pilota, talvez eu possa atacar por aí, em seu ponto mais vulnerável.

Sorrio, trazendo minha cerveja *long neck* à boca. *Me aguarde, sua*

*cachorra linda.*

— T? — Yuri chama às minhas costas. Olho meu segurança, de ascendência oriental, por cima do ombro. — Suas convidadas chegaram — informa, o desagrado em seu tom.

Yuri é um cara sério. Sério demais para o meu gosto. Me viro, andando para dentro do quarto. Não resisto a uma provocação quando passo por ele:

— Vai ao menos se divertir hoje? — Sua expressão se fecha. — É nossa última festa em Tocantins, cara, vamos.

— Você ainda tem um casamento para ir — me lembra. Sim, amanhã Ian está se casando com Lenita, a prima mais velha de Pietra. Acabei gostando do cara e nos demos muito bem nesse período em que voamos juntos e me convidou para ser padrinho de seu

casamento. Foi um choque a princípio. Não sou o cara mais indicado para a tarefa, mas não quis fazer desfeita com meu Primeiro Oficial. Aliás, vou garantir que ele tenha chances de assumir a rota para São Paulo. É capacitado, me provou muitas vezes nesses quase três meses. — E você já se diverte por nós dois — Yuri adiciona, zombador.

O cara é abusado. Não tem medo de ser demitido por uma razão simples: eu não o faria. Yuri funciona bem para mim, além disso, confio nele. Tenho problemas com confiança. Cortesia de meus pais *amorosos*. Quando tinha oito anos, me escondi dentro do carro de meu pai. Ele estava brigando com minha mãe, uma porra recorrente em nossa casa. O velho era cheio de amantes e ela

parecia um capacho atrás dele. Naquela tarde, ingenuamente pensei que me escondendo no carro, eles seriam obrigados a me levar junto para onde quer que fossem. Eu só queria estar com eles, perto deles. Um frio ruim sempre me toma quando recordo o episódio. Meus pais eram assim, completamente fodidos, nunca deveriam ter tido filhos. Quase não convivíamos porque nos

jogaram em colégios internos desde que H e eu atingimos idade suficiente, e nas férias, nos poucos períodos em que vínhamos para casa, éramos ignorados ou punidos por qualquer merda sem importância. Tomo um longo gole da minha cerveja, aquela memória sempre volta de tempos em tempos, mesmo que queira deixá-la no passado. Aquilo quase me fodeu. Bufo. Aquilo *me* fodeu,

visto que não consigo confiar com facilidade. Eu era apaixonado pela minha mãe. Ela era tão bonita. Sempre arrumada, perfumada e não parecia tão ruim quanto meu pai.

Mas, naquela tarde, ela me mostrou que eu nunca importei. Tudo era fruto da minha imaginação de criança carente. Quando chegaram ao aeroporto, os dois me viram escondido entre as

suas bolsas no banco traseiro. Eles brigaram mais. Meu pai quis me dar uma surra e minha mãe teve a brilhante ideia de me deixar trancado no carro, prometendo que iria enviar alguém da segurança para me buscar. A cadela não enviou. Esqueceu rapidamente do filho preso no carro. Chorei, esperneei, gritei até ficar sem voz, mas ninguém me ouviu, uma vez que estava no hangar

privativo do jato de meu pai. Fiquei preso dois dias inteiros. Quando H e nossa avó me encontraram, estava afogado em vômito, desidratado e em estado catatônico. Ele diz que não falei por alguns dias. Não lembro muito dessa parte, contudo, recordo-me de meu irmão na cabeceira da cama, velando por mim como sempre tinha feito desde muito pequenos. Minha avó ficou

possessa e passou a nos levar para sua casa nos períodos de férias. Nosso contato com os nossos infelizes progenitores ficou ainda mais escasso depois desse episódio.

Eu pisco, tomando mais um gole da minha *Bud*[5] e saio do quarto, empurrando as lembranças feias para dentro do compartimento usado para esse fim em meu cérebro e tranco

novamente. Ando pelo corredor, descendo os três degraus para a sala espaçosa, onde há muitos convidados, digo, *convidadas*. Minhas festas são muito... Como dizer, seletivas. Não há razão para chamar marmanjos. Não, não, apenas moças, estou muito bem assim. Um hip hop mais lento está tocando em volume agradável no sistema som. Não gosto de estourar os tímpanos de minhas

garotas. Assim podemos conversar à vontade e saber quem está disposta a passar para a segunda fase do jogo... As garotas que acabam de chegar, são duas modelos lindas do Rio de Janeiro: uma loira e uma morena. Elas me veem e andam para mim. Abro meu sorriso predador, indo encontrá-las no meio do caminho. Fodi as duas na semana passada. São bem gostosas e safadas,

duas características que amo numa mulher. Sem cumprimentos, sem mais delongas, pego a nuca da loira, trazendo sua boca vermelha para a minha, enquanto enrolo um braço na cintura da morena.

As safadas riem. Rio também e deixo a boca da loira, mudando para a morena, que me recebe com um gemido cheio de tesão. As garotas começam a

dançar, seus corpos deslizando sinuosamente pelo meu.

— Tirem os vestidos, queridas — peço asperamente, meu pau já em riste, pronto para a ação. A porra da única ação que estou tendo já que a tigresa é pudica demais para me dar o que eu quero. Bufo mentalmente, me recriminando por pensar na garota quando tenho duas mulheres lindas à

minha disposição. Na verdade, cada garota aqui no recinto irá tirar a roupa e ficar de quatro onde eu mandar, basta estalar meus malditos dedos. Então, foda-se, Pietra! Não preciso de você. Eu sou o dono do jogo, porra!

— E pra já, garanhão — a loira ronrona, mordiscando meu pescoço.

— Vamos caprichar essa noite, meu gostoso — a morena murmura

também.

— Eu sei que sim, suas putinhas safadas — ranjo. — Vocês já sabem como eu gosto.

Elas riem maliciosas, rebolando, começando a tirar os vestidos minúsculos. São modelos do chamado *book rosa,* garotas que fazem serviço de acompanhantes de luxo além de modelar. Um amigo meu e de H possui uma casa

noturna que oferece esse serviço e eu e meu irmão apreciamos usá-lo de vez em quando. H é mais comedido, no entanto. Ele é sério demais para aderir às minhas festas... Não sabe o que está perdendo. Rio sacana e estendo as mãos, pegando um seio de cada garota, tão logo seus vestidos escorregam para o chão. Aperto, enchendo as mãos, puxando os bicos. Elas gemem e começam a tirar

minha camisa de botão. Suas mãos macias por toda a parte, em meu abdômen, peitoral. A loira escorrega a mão, pegando meu pau duro por cima do jeans. Eu caio de boca no seio da morena, enquanto a loira abre meu zíper e sem contar história, se ajoelha aos meus pés. Eu gemo alto quando a boca quente suga a ponta do meu pau.

— Ah, porra, leva até a garganta,

sua gostosa — exijo, pegando um punhado de seus cabelos.

Ela geme e me leva profundamente, me arrancando um rosnado. A morena não se faz de rogada, desce e se junta a amiga. Eu pego um punhado de cabelo escuro também e logo, está tomando meu pau na boca, levando-o mais profundo que a loira. Porra, então era essa com o boquete

filho da puta que me deixou de perna bamba semana passada. Rio lascivo, passando a foder sua boca com vontade. Mas não é assim que funciona a brincadeira em grupo, todos tem que participar, são as regras. Assim, deixo as duas se revezarem me chupando. Deslizam as línguas pelas laterais do meu eixo. Enquanto isso, observo à minha volta. As garotas mais próximas

estão lambendo os lábios e lhes dou uma piscada, fazendo um sinal para se aproximarem. Duas morenas bonitas, que Yuri selecionou a dedo, aqui de Palmas mesmo, param perto de mim.

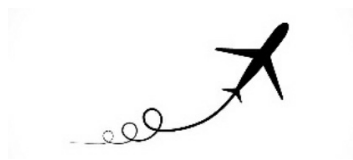
— Tirem as roupas, queridas. Agora a festa está começando... — digo, luxurioso.

Elas obedecem. Sempre obedecem. Todas são avisadas sobre o

teor das minhas festas e inclusive assinam um contrato de confidencialidade. Ao entrarem, deixam seus celulares e qualquer dispositivo eletrônico com Yuri e o restante da equipe que contrato para essas noites. Passo a mamar nos peitos siliconados das duas, revezando, enquanto fodo as bocas ansiosas das moças ajoelhadas. Não demora, estamos os cinco no sofá

maior, as moças de quatro e eu comendo todas, revezando gostosamente em suas bocetas. Faço cada uma gozar, gozo uma, duas, três vezes e só então, faço uma pausa. Tomamos champanhe e comemos o jantar leve que Yuri encomendou. Encerramos a noite, tomando banho de piscina, nus, olhando as luzes de Palmas para todos os lados. Minha cobertura fica num ângulo

privilegiado. Insisti para trazer Pietra aqui tantas vezes que perdi a conta e a cadela escorregadia nunca aceitou o convite. Merda. Estou pensando na garota de novo. Ela virá para a minha cama, ou não me chamo Tristan Maxwell.



Eu afrouxo a gravata, amaldiçoando Ian por me convidar para

padrinho. Odeio ternos. No casamento de H havia apenas eu, vovó e Alberto, foi mais fácil debandar dessa armadilha, mas aqui não tinha como. Olho em volta da área gramada, o altar está montado à beira do lago. A cerimônia está acontecendo na chácara dos pais de Pietra. Por falar nela, meus olhos sedentos voltam para sua figura deslumbrante do outro lado do altar. É a

madrinha de Lenita. Está maravilhosa num vestido longo cor de damasco. É alta e com saltos fica ainda mais linda e imponente. Quando cheguei e a vi foi como se não tivesse transado ontem até a exaustão. Meu corpo inflamou e meu pau engrossou na hora dentro das calças. Porra, essa garota me mata de tesão. Tudo nela, o humor ácido, a implicância quase instantânea que teve comigo. O

sorriso amplo em sua boca gostosa. O brilho ousado que vejo muitas vezes em seus olhos. Há fogo nela e em algum momento essas chamas irão consumi-la. Quero estar por perto para queimarmos juntos. A química entre nós é muito forte. Quando a tiver finalmente onde eu quero, será explosivo, tenho certeza. Ela é uma cachorra gostosa e safada, está apenas esperando alguém para lhe

despertar certos instintos. Eu farei isso. Nenhum babaca irá tê-la da forma que terei. Apenas eu.

Não importa quantas bocetas eu tenha comido nesses quase três meses, continuo querendo-a com desespero. Ela levanta o rosto e os olhos encontram os meus. Hoje eles estão mais amendoados do que verdes. Seus olhos mudam de cor, inclusive de acordo com seu humor.

Nos encaramos fixamente e ela volta a me dar uma checada, como fez quando nos encontramos na entrada da casa. Sua linda e exótica cabeleira está solta, com os cachos mais disciplinados hoje. Amo seus cabelos, antecipo o momento em que terei esses cachos enrolados em meu punho enquanto arrombo sua boceta por trás. Seu rosto está bem maquiado, a boca vermelha, carnuda, me faz salivar,

relembrando seu sabor. Aqueles amassos da primeira noite nunca saem da minha cabeça. Estou sempre revivendo, recordando seu sabor e a forma como se deu para mim naquele breve momento. A desejo de uma forma que chega a me inquietar. Nunca fiquei obcecado por nenhuma mulher. Talvez seja o fato de que essa me disse não. Tenho lhe rendido inúmeras homenagens

desde aquela primeira noite... Recordo o sabor exato, a maciez dos lábios, a textura do seio firme enquanto o chupava, faminto.

Porra, minhas calças vão ficar apertadas outra vez se for por esse caminho. Ela lambe os lábios e solto um grunhido baixo, a safada quer brincar comigo? Um sorriso maroto curva sua boca e estou a ponto de lhe dizer uma

sacanagem, como costumo fazer, porém, nesse momento a marcha nupcial inicia. Nossa troca é interrompida e desviamos a atenção para a noiva, que está caminhando pelo tapete vermelho com o braço entrelaçado com o pai. A cerimônia parecia que nunca mais iria terminar, no entanto, foi bonita, tenho que admitir. Eles escolheram bem o local. O sol do entardecer refletindo nas

águas do lago foi uma boa sacada. Após os cumprimentos, a noiva anuncia que vai jogar o buquê e as solteiras de plantão correm para perto na esperança de ser a próxima sortuda. Quero bufar, mas em vez disso, sigo em direção a Pietra, que ao contrário das outras, não parece interessada em participar da tradição. Ela vai em direção à mesa das bebidas.

— Tigresa — murmuro, parando do seu lado. — Não vai se juntar às solteiras desesperadas por um marido? — provoco. Me lança um olhar ferino, alcançando uma *long neck* dentro de um balde com gelo.

— Ei, *riquinho*... — me esnoba e um sorriso tremula em minha boca. Adoro entrar em embate com ela. Me deixa ainda mais cheio tesão. — Pensei

que não viria depois da festa em sua cobertura ontem.

Franzo o cenho. Ninguém sabia. Ou assim pensei.

— Com soube da festa? — inquiro. Ela torna a bufar.

— Já conheço seu *modus operandi,* Tristan Maxwell — diz com uma expressão reprovadora. — Conferi em primeira mão, estive em seu

apartamento ontem para levar a gravata de padrinho. — Aponta a gravata que estou usando e que está me estrangulando. Merda. Torno a afrouxar a maldita coisa. — Yuri me recebeu à porta, parecendo um tanto desconfortável e pela música e risadas femininas soando no interior do Ap, foi fácil deduzir.

Detecto um leve despeito em seu

tom e isso me faz abrir um sorriso lento.

— Eu precisava me despedir do Tocantins em grande estilo... — Olho-a fixamente. — Não está com ciúmes, está? Você sabe que é a top 1 em minha escala de interesses, tigresa. — Seduzo-a e seus olhos brilham fugazmente com minha admissão. — Basta deixar esse comportamento retrógrado de lado e vir ser livre comigo.

— Quer dizer ser sem-vergonha junto com você, não? — Rola os olhos. — Eu passo, querido.

Isso faz meu pau ficar duro de vez.

— Isso, vamos dar nomes aos bois. Adoro uma mulher que sabe o quer — murmuro. — Venha ser sem-vergonha comigo, amor. É libertador.

Ela me fuzila. Caralho, como fica linda zangada.

— Galinhas não são o meu tipo, já lhe disse — me corta, os olhos faiscando. Vira o gargalo na boca generosa, tomando um grande gole.

— Você é uma mentirosa. — Me inclino mais perto do seu ouvido, sussurrando perversamente: — Gozou gostoso apenas comigo mamando seu peitinho lindo, imagina como será quando meu pau estiver todo enterrado

em sua boceta... — Ela ofega, prendendo a respiração com minhas palavras indecorosas.

— Nem nos seus fodidos sonhos. — Range os dentes, mas sua respiração está superficial. Minhas palavras chulas a excitam. Ela é uma garota má e vou puxar tudo de dentro dela, sem pena.

— Você vai me dar, Pietra — rosno malvadamente em seu ouvido. —

Vai ser a minha putinha, fazer tudo que eu quiser na cama, porque é assim que você é.

— Não, droga... — sua negativa não é mais do que um gemido. — Você não me conhece, seu filho da puta.

Rio vitorioso. Ela vai ceder. Muito em breve.

— Eu te vi naquela noite. Tenho a observado todos esses dias desde então,

querida — digo indolente. — *Eu* sei do que precisa, linda. Você precisa de um homem que faça todas as coisas sujas que deseja, mas ainda não teve coragem para fazer — continuo tentando-a como a serpente à Eva. Água mole em pedra dura... — Você quer foder duro e sujo, não é, amor? — Me inclino mais e deslizo o nariz em seu pescoço. Ela arrepia e estremece. — Sim, você quer e

pode ter isso... — volto a boca para o seu ouvido e completo: —, comigo.

— Não, eu não quero — nega, estremecendo mais uma vez.

— Sim, você quer e vai — asseguro, lutando para não morder seu lindo pescoço.

— Nem mort...

Sua sentença é cortada quando algo bate em seu ombro e ela grita,

pegando o objeto, que é nada mais nada menos do que o buquê da noiva. Seus olhos arregalam e as moças batem palmas, fazendo algazarra. Pietra faz uma carranca, encarando o arranjo de flores como se fosse uma cobra prestes a atacá-la. Livra-se dele, deixando-o sobre a mesa e as moças riem mais, porém, acabam dispersando.

— Eu acho que isso é um bom

sinal — digo, não contendo um riso pela sua reação.

— O quê? Não me diga que quer se casar comigo, *riquinho*? — desdenha, tomando mais um gole da sua cerveja. Pego uma para mim também, torcendo a tampa, meus olhos nunca deixando os dela enquanto tomo um gole.

— Não, é o sinal para nos

apressarmos em resolver nosso assunto pendente... — Ela estreita os olhos, tentando a todo custo normalizar a respiração e fingir que não a afeto. Mas como sempre, minha tarefa é dificultar isso para ela, então, acrescento em tom mais baixo: — vai gozar muito no meu pau antes que se case. Vai ser minha, realizar todas as fantasias que povoam essa cabecinha linda. Comigo você

pode.

— Você é tão cretino — bufa. — Contente-se com essas garotas sem cérebro que frequentam suas festas. Eu jamais serei uma delas.

Um sorriso repuxa minha boca e me aproximo outra vez do seu ouvido. Ela torna a prender a respiração e eu gosto disso. Porra, na verdade estou amando esse jogo! Vai ser muito mais

gostoso quando estiver batendo profundamente em sua boceta.

— Nunca diga nunca, tigresa. O mundo dá voltas... — atiço-a.

— Você é um safado de marca maior, galinha! — rosna, tentando a todo custo fingir que não sente nada por mim. Tarde demais, linda. — Não tem o mínimo respeito pelas mulheres.

— Opa, aí já é difamação! Sou um

grande apreciador e defensor das conquistas femininas, fique sabendo, querida. Sou adepto dessa onda de empoderamento. — Meu sorriso alarga e adiciono para atiçá-la ainda mais: — Amo ver uma mulher por cima... — Pisco perversamente.

— Putão — diz com desagrado, me fazendo dar uma risada alta. Ela sempre vem com os adjetivos mais

criativos para minha liberdade sexual.

— Divirta-se, eu vou falar com meus primos.

— Fuja enquanto pode, amor — zombo e ela vira as costas, me dispensando sumariamente.

Eu rio e continuo tomando minha cerveja. A noite está caindo e ando por entre as mesas na grama, puxando conversa com um e com outro. Estou

familiarizado com alguns dos parentes dos noivos. Vi os primos das duas partes no bar. Os pais de Ian e Lenita conheci num jantar para os padrinhos há duas semanas. Os pais de Pietra conheci certa noite no *The Pilot*. Pietro Ferraço é um italiano alegre e comunicativo. Sua esposa, Maria do Amparo, é muito bonita, uma cabeleira volumosa, me deixando saber de quem Pietra herdou a

beleza exótica. Os brutamontes que ficam na entrada do bar nas noites de sexta são Fernando e Gustavo, irmãos mais velhos da tigresa. Há uma irmã mais nova, Luana, que embora tenha sido simpática nas poucas interações que tivemos, percebo que não aprecia meu interesse por sua irmã mais velha. E não poderia faltar os melhores amigos de Pietra, Aidan e Luíza. Os dois são

umas figuras e me fizeram dar boas risadas a cada visita no bar.

Por falar neles, os avisto conversando e rindo com Pietra perto da outra mesa de bebidas ao lado do assoalho improvisado para dança. Os noivos estão dançando de novo. Mais casais se juntando a eles. O assoalho foi estrategicamente montado na margem do lago, as arandelas alaranjadas nas

bordas do grande retângulo, dão um charme. Estou tomando uísque nesse momento. Vejo que a tigresa também. Ela é uma garota durona para bebidas. Tem sido uma parceira digna nas noites que vou ao bar, todavia, nunca mais baixou a guarda a ponto de me beijar como na primeira noite. Uma parte de mim admira sua determinação em não ceder ao meu assédio, mas a parte que

está insana para fodê-la de todas as formas imagináveis, essa está puta com sua resistência. Atraído como sempre, corto a grama em sua direção. Vejo Aidan colocando a mão no peito, de forma teatral e se abanar quando me vê. Rio, chegando até o trio.

— Aidan, Luíza — cumprimento-os. O cabelo roxo da garota que pensei ser peruca naquela primeira sexta, é

dela mesmo. É uma morena curvilínea, muito bonita. De um jeito meio fora dos padrões, ainda assim bonita.

— Oi, T — os dois respondem em uníssono, seus sorrisos largos para mim.

Pietra faz carranca. Ela não aprecia que seus amigos tenham simpatizado comigo.

— Dança comigo, tigresa — peço, estendendo-lhe a mão. — Não vou

demorar a ir embora, quero dormir cedo hoje.

Ela me lança um olhar jocoso, imaginando que estou querendo repor as energias gastas ontem. Está enganada, descansei e dormi até as 14h, então, estou pronto para outro agito hoje. Porém, quero dormir cedo porque nosso voo é às 10h amanhã e prezo por estar cem por cento inteiro antes dos voos.

Sem ressaca de sono ou bebidas. Pietra encara a minha mão por alguns instantes e vejo o conflito em seu rosto. Ela nunca me deu a chance de dançarmos outra vez, provavelmente para se manter à distância.

— Pelo amor de Deus, Pi, é apenas uma dança. O capitão Tesudo está indo embora amanhã, tente não ser uma cadela com ele ao menos hoje,

amiga — Aidan intercede com seu jeito espalhafatoso. Suas unhas compridas estão pintadas de vermelho hoje.

— Valeu, cara. — Dou-lhe uma piscada. Ele devolve, seus olhos castanhos brilhando como neon. Torno a encarar Pietra. — Venha, Pietra. Apenas uma dança, prometo me comportar. — Seguro seu olhar. Ela arqueja, me lançando um olhar desdenhoso. Então,

lambe os lábios e suspira vencida. Quando sua mão macia toca a minha é como uma descarga elétrica percorrendo meu corpo. Que porra de reação mais louca essa garota me desperta.

A conduzo para a ponta oposta, bem na margem do lago. As luzes de Palmas, cintilam ao longe, na outra margem. Paramos e enrolo meus braços em sua cintura, trazendo-a bem junto de

mim. Sinto-a estremecendo e seus braços rodeiam meu pescoço. Henrique e Juliano está tocando nesse momento. Aqui na região, eles apreciam muito a música sertaneja e até eu, que curto rock clássico, me vi gostando do som dessa dupla. Os caras estão falando que todo mundo tem uma pessoa especial, que o faz esquecer todas as outras. Pietra olha para o lago a princípio e aproveito para

observar seu rosto bonito de perto, enquanto a letra bonita, e talvez um tanto fantasiosa, da música nos envolve. Desistindo de ser bonzinho, subo a mão direita pelas suas costas nuas, gostando de sentir sua pele arrepiando. Seguro sua nuca e ela ofega, sendo obrigada a olhar para mim. Abaixo meu rosto, encarando-a fixamente.

— Essa não é a nossa despedida,

Pietra — rosno, lutando para não mergulhar minha boca na sua. Afinal, aqui não é o lugar.

— Não, será amanhã. — Levanta o queixo, na pose afrontosa com a qual já estou familiarizado nesse período em que convivemos. Sua expressão suaviza sutilmente e seu tom sai livre de sarcasmo quando murmura: — boa sorte no retorno às rotas intercontinentais.

— Obrigado. — Sorrio levemente. A brisa noturna sopra em nós e ela estremece mais uma vez. Me aproveito para enrolar meu braço completamente em sua cintura. Um gemido suave escapa dos lábios vermelhos. Puxo-a mais, colando-nos e nos movemos lenta e gostosamente. Nossas bocas estão bem próximas, quase se tocando. As respirações

pesadas, carregadas de tesão. Meu pau está duro, grosso para ela. Nossos olhares não desviam nem um segundo e me esfrego perversamente em seu ventre. Seu corpo estremece outra vez, mais um gemido vindo da sua boca para a minha. Estou pulsando nessa fome cada vez maior inflamando meu corpo. Porra, como quero essa garota! O convite para levá-la à minha cobertura

está na ponta da língua, mas me contenho. A resposta agora seria a mesma das outras vezes. Eu posso esperar pela melhor oportunidade.

Pego um punhado de cabelos de sua nuca, dando um puxão firme, meu olhar devorando-a sem qualquer cerimônia. Pietra resfolega, suas pálpebras estão pesadas, as pupilas dilatadas. Cobiço sua boca tentadora e

solto um grunhido, tendo que me conter a muito custo para não a beijar na casa de seus pais, na frente de toda a família. A música encerra e agradeço silenciosamente pelo fim da tortura. Paro os movimentos, ainda mantendo-a em meus braços. Eu não quero soltá-la, essa é a verdade. Estou patético pra caralho perto dela, porra.

— Você foi uma agradável

surpresa nessa rota — me vejo admitindo num sussurro, minha boca ainda perto da sua. Nossa respiração irregular. — Foi um prazer voar com você, Pietra. — Seus olhos brilham de uma forma diferente, parece momentaneamente desarmada. — Boa noite. — Me forço a soltá-la. — Até amanhã, tigresa.

— Boa noite, T. — Limpa a

garganta, seu tom e semblante ainda livres da zombaria com que me acostumei. — Foi uma honra voar com um dos melhores pilotos da atualidade — completa e ainda não vejo desdém. Pelo contrário, suas palavras parecem conter sincera admiração.

Isso me faz levantar as sobrancelhas. Agora ela realmente me surpreendeu.

— Cuidado, tigresa, posso pensar que está me dando mole — provoco e ela rola os olhos.

— Até amanhã, *riquinho* — bufa e tudo está de volta ao lugar.

Eu lhe dou uma piscada acompanhada de um sorriso lento e a conduzo de volta para seus amigos. Me despeço dos noivos e eles me agradecem mais uma vez pelo presente:

Uma semana em Paris e outra em Veneza. Foi um prazer presenteá-los com a lua de mel, visto que Ian ainda ganha pouco e teve que gastar muito no casamento. Arranco a gravata e dirijo-me para a frente da casa, onde os carros estão estacionados e Yuri me aguarda. Pulo para o banco do passageiro do Aston Martin conversível, meu segurança me encara com o cenho

franzido, mas não faz nenhum comentário. Pegamos uma rua que não me recordo o nome e alguns instantes depois, entramos na Av. JK com a qual estou mais familiarizado. Enquanto sinto o vento bater em meu rosto, meu cérebro começa a correr para arquitetar uma forma de levar Pietra para São Paulo. Sim, ela sem sombra de dúvidas foi uma bela surpresa. Comecei odiando essa

rota, mas depois que a vi, que voamos juntos, eu chegava em São Paulo já louco pela próxima escala com ela. Sua língua afiada, seu corpo e rosto perfeitos, me fizeram sentir algo que nunca havia sentido: a emoção da caçada. *Você não vai me escapar, tigresa. Será minha, ou não me chamo Tristan Maxwell.*

# Pietra

Aidan coloca um prato de ovos com bacon na minha frente. Luíza já está devorando o dela do outro lado do balcão da minha pequena cozinha. Comprei esse apartamento há dois anos e me mudei, contra todos os argumentos

e chororô de meus pais, especialmente minha mãe, dona Maria do Amparo. Ela adora fazer um drama. Ainda bem que meus irmãos apoiaram e conseguimos derrotar os velhos. Fica localizado no centro, perto de tudo. Não é enorme, mas para mim funciona perfeitamente. De vez em quando Aidan e Luíza dormem aqui, como quando vamos a baladas juntos, o que tem acontecido

muito depois que me livrei do meu ex embuste. Que Deus o tenha. Faço o sinal da cruz levianamente.

— Então, essa é a despedida do T... — Luíza diz entre uma garfada e outra. Eu rolo os olhos. Eles são tão óbvios. Óbvios e vira-casaca totais. São tão tietes quando o assunto é o piloto galinha, que dá até raiva.

— Sim. Todos sabíamos que ele

iria ficar na rota por pouco tempo. — Dou de ombros, tentando soar casual.

— Você devia ter transado com ele — Aidan suspira dramaticamente. — Ainda não me conformo com isso. Vai criar teias de aranha aí embaixo se continuar por esse caminho.

— Eu uso vibradores, então, teias de aranha não terei — zombo e meu amigo faz uma careta.

— É até blasfêmia comparar aquele deus com um medíocre vibrador — diz ainda incorporando Priscila, A Rainha do Deserto, seu filme favorito.

— T não pertence ao nosso mundo, quando é que a ficha de vocês vai cair? Além disso, é um cachorro total, putão — rebato, enfiando uma garfada na boca, soltando um gemido de prazer. Hum... Divino como sempre.

Aidan é um excelente cozinheiro e eu e Luíza aproveitamo-nos com bastante frequência das habilidades de nosso amigo. Não temos vergonha nenhuma quanto a isso. Eles me lançam olhares feios. — Nunca fiz sexo casual e não vou começar justamente com um cara com aquela aparência e conta bancária. É pedir para ter um coração partido, sinto muito se isso decepciona meus

amigos, que aliás, deveriam estar do meu lado. — Devolvo-lhes a cara feia.

— Rainha do drama — Luíza zomba e rouba uma garfada do meu prato, visto que já limpou o dela. Ela parece um estivador comendo, juro. — Era só foder com o cara e nos contar depois. Você sabe que as chances de um de nós pegar um alguém do calibre de T é como ganhar na mega da virada,

sozinho, amiga. Você é uma cadela sem coração, concordo com Aidan.

Os dois tocam os punhos e eu bufo, passando a comer sem lhes dar mais atenção. Ainda tenho que me preparar para o voo das 10h. Meu último voo com T. Merda. Uma nostalgia ridícula se instalou em mim desde o começo da semana. Ele está indo embora, retomando as rotas

internacionais, onde pertence. Não que vá admitir isso para meus amigos, mas eu quis ceder ao assédio dele. Deus, muitas vezes, nesses quase três meses em que convivemos em escalas para São Paulo e nas noites animadas no *The Pilot*. Entretanto, eu sabia que não conseguiria lidar com alguém como ele. É Tristan Maxwell, por mais simples e acessível que pareça com aquele riso

fácil, aquela cara de safado gostoso, é um dos herdeiros de uma das maiores companhias aéreas do Brasil. É um bilionário, pelo amor de Deus! Esse cara definitivamente não faz parte do meu mundo. Sou uma curraleira[6] do Norte, enquanto ele já rodou as principais capitais do mundo. Melhor continuarmos exatamente como estamos, ele do lado de lá e eu de cá, no meu

interior.

Se me envolver com uma cara desse calibre é pedir para chorar, e muito. Já adquiri meus anticorpos. Não estou disposta a me deixar ser o brinquedo de ninguém. T é um mulherengo assumido, nunca sequer fez questão de disfarçar isso para me levar para a cama. Na verdade, embora odeie saber das festas indecentes que deu em

sua cobertura, admiro sua sinceridade quanto à sua liberdade sexual. Se for completamente sincera, direi que até invejo. Queria poder dar vasão às minhas fantasias sexuais, mas ainda não tenho coragem. Ele sentiu isso em mim e me tentou de muitas formas. Deus, eu mereço um prêmio por ter resistido àquele putão lindo, àquela boca gostosa rosnando sacanagens em meu ouvido em

cada oportunidade que teve. Mas me mantive firme porque para todos os efeitos, ele é meu chefe. Seria horrível ter que encontrá-lo nas escalas depois de termos transado e o safado passasse para a próxima, ou no caso dele, *as próximas*. Ele fodeu numa base regular tanto garotas de Palmas, como de fora. Sei como os playboys ricos se divertem. Eles podem pagar, então, não há limites

para suas safadezas. O maldito galinha me convidou para todas as *festinhas* particulares em sua cobertura, menos na última, visto que não aceitei nenhuma vez. Apenas mulheres vão em suas festas de merda. Bufo, irritada não sei por que diabos. Não tenho nada a ver com a vida sexual agitada daquele putão!

Tomo um grande gole do meu suco de laranja para descer o bolo

desconfortável em minha garganta. Ok, admito que sinto uma atração ridícula pelo prostituto, e daí? Foda-se. Vai passar quando for embora e tudo voltar ao que era antes de ele aparecer com aquela cara linda e safada. Aidan passa a contar das brigas com seu pai. O homem preconceituoso não aceita a homossexualidade do filho e o expulsou de casa há alguns anos. Como se não

bastasse, quer impedir que meu amigo veja sua mãe. É o cúmulo. Luíza tem sorte nesse quesito, graças a Deus nasceu numa família mais esclarecida e nunca foi discriminada por seus pais e irmãos. Torço para que o homem das cavernas possa enxergar a luz algum dia e pare de infernizar a vida de meu amigo. Nós conversamos por mais algum tempo e vou me arrumar,

aproveitando a carona de Aidan para o aeroporto, visto que meu carro está na revisão.

Alguns minutos depois, entro na sala da HTL reservada para os pilotos, comissários e técnicos, antes dos voos. Fui informada de que o aeroporto de Guarulhos amanheceu sob densa neblina impedindo os primeiros voos, assim, nossa aeronave vai atrasar sua chegada

em Palmas. A equipe terá algum tempo livre para jogar conversa fora antes de embarcarmos. Noto um clima de euforia entre minhas colegas, inclusive as que estão aguardando outros voos. Elas mostram pequenos pacotes coloridos, com risinhos estúpidos em suas caras e eu rolo os olhos. São presentes das oferecidas para Tristan, uma vez que hoje é a sua despedida. Elas são tão

ridículas. Que falta de profissionalismo. Recrimino-as, mas no fundo me pergunto se não teria sido legal da minha parte comprar algo para ele também. Sacudo a cabeça, expulsando o pensamento bobo. Claro que não. Nossa relação é profissional, nada além disso. Comprar uma *lembrancinha* sugere uma intimidade que não temos.

— Oi, Pietra! Você comprou algo

também, para T? — Corina, uma das que está escalada para o meu voo, vem até mim.

— Comandante Tristan, por favor, vamos manter o decoro profissional, Corina — repreendo-a, meu tom saindo mais seco do que deveria. Ela amplia os olhos, surpresa com minha reprimenda. Ah, que ótimo! Agora sou a comissária-chefe megera porque estou com ciúmes

delas e de seus estúpidos presentes para o galinhão. Respiro fundo e tento consertar: — Desculpe, não quis parecer grossa, mas não podemos esquecer o tratamento formal com nossos superiores, sobretudo, em ambiente de trabalho.

— Claro, desculpe. — Ela sorri sem jeito.

É uma loira bonita e se jogou para

cima de T em cada voo que fizemos. Não sei se ele a pegou em algum momento. Droga de homem safado! Estão vendo? Tomei a decisão certa em não ceder e ele. O homem deixa um verdadeiro harém por onde passa. Penso com desgosto. Me mantenho séria, arrastando minha mala para perto de uma das poltronas. Me sento e abro o zíper do bolso de fora, retirando minhas

sapatilhas, colocando-as no chão. Meus saltos valorizam muito minhas pernas, mas são apenas para desfilar no aeroporto antes de decolar. Segurança vem sempre em primeiro lugar. Estou no meio do movimento para tirar o pé esquerdo quando a porta se abre e eu juro, ouço alguns gemidos das assanhadas de plantão. Nem preciso olhar para saber quem está chegando.

Mesmo assim levanto a vista e como sempre acontece, a visão dele no terno azul-marinho me faz querer gemer como minhas colegas patéticas. Puta merda... O que é isso Brasil... Me seguro para não gemer também. T cataloga a sala e seu olhar escuro me encontra. E sou um caso perdido, mesmo que jamais vá admitir essa merda.

Meu corpo entra em ebulição, já

não é mais meu, é dele. Seu olhar tem esse poder sobre mim. Há algo misterioso nas profundezas negras, que me hipnotizou desde o primeiro momento em que nossos olhares se encontraram. É penetrante, quente, com promessas de coisas indecorosas que nunca ousei verbalizar para nenhum homem antes. Mas ele está certo. Quero fazer tudo. Com ele. Só me falta a

coragem. Avança em linha reta para mim, a boca deliciosa curvando no riso arrogante e sacana que faz minha calcinha molhar humilhantemente. Não consigo desviar o olhar, é como se me prendesse em uma espécie de feitiço.

— Comandante Tristan, gostaríamos de lhe entregar algo. — Corina toma a sua frente, impedindo seus passos. Ele desvia a atenção para a

garota e depois para as outras comissárias. Então, rolo os olhos quando o idiota abre o sorriso que deve ter ensaiado e aprimorado para derrubar calcinhas das desavisadas. — Foi um prazer voar com o senhor — a oferecida completa e eu juro, quero enfiar um dedo na garganta.

— Apenas T, sem essa de senhor. — O putão desfaz meu trabalho. Corina

me lança um olhar e um risinho vitorioso por cima do ombro. *Vadia.* Sou invadida pelo ciúme, não consigo controlar. Deus, sou tão patética.

Nos próximos minutos sou obrigada a ouvir a euforia. Elas entregando os presentes como se estivessem encontrando um astro do rock. Uh. Estou tão ranzinza, não é? Pare com isso, Pietra. Seja profissional.

Ordeno-me. Quando tudo termina, T volta os olhos escuros para mim. Seu olhar cai para as minhas pernas na meia-calça preta. Me felicito por não ter trocado os saltos antes de ele entrar. Querendo afrontar, me levanto, dando-lhe a visão completa do meu vestido vermelho-vinho. Esse é um pouco acima dos joelhos, com um zíper frontal de fora a fora, o escolhi para a sua

despedida, não vou mentir. Merda, estou tão fodida, não é? Mas não posso evitar, gosto da maneira como seus olhos cintilam, intensos enquanto deslizam lentamente pelo meu corpo. Sem falsa modéstia, sou gostosa. Tenho muito orgulho de minhas pernas, coxas e bunda. Meu corpo cantarola enquanto me dirijo para a mesa do café da manhã. Estou de estômago cheio, mas me sirvo

um copinho de café, só para você sabe, me manter em pé, mostrando minhas pernas.

— Meninas, obrigada pelos presentes. — T encara uma a uma. — Isso foi muito gentil. O prazer foi todo meu, acreditem.

Seguro um arquejo despeitado. Aposto que sim, seu galinha de uma figa! Ele as dispensa com mais um sorriso

derrete calcinha e arrasta sua mala para a poltrona em que estou. As meninas acabam voltando para seus lugares, umas pegando seus celulares, outras, revistas para matar o tempo. Viro de costas e enrolo perto da mesa, mostrando-me sem a menor vergonha porque estou doida de pedra, só pode. Meu Pai do céu. Não demora muito, seu perfume caro invade minhas narinas e

ele se coloca bem do meu lado. Serve-se de um pouco de café também, a cabeça escura girando para mim, seu ombro encosta no meu e mesmo através das roupas a eletricidade familiar dispara do seu corpo para o meu. Nos encaramos em silêncio no primeiro momento. Ele tem aquele sorriso conhecedor brincando na boca bem feita. Sabe que me vesti assim para ele.

— Deliciosa... — sussurra quase inaudível e meu núcleo lateja com a intensidade nos olhos de negros. Meu Deus, é injusta essa atração louca por esse cara. Meu cérebro sabe que é um galinha, mas meu corpo não parece fazer objeção nenhuma. Gemo internamente. Sacanagem...

De repente a provocação virou contra mim e estou pegando fogo aqui,

tendo-o tão perto, mas covarde demais para pegar. Agora não adianta, de qualquer forma. Em poucas horas ele estará fora da minha vida. Me viro e ando de volta para minha poltrona. Me sento e pego meu celular, conferindo tudo e nada, apenas para não ter que olhar para ele. Tentando controlar esse turbilhão de emoções contraditórias que me desperta. Em instantes, o estofado

afunda do meu lado, o perfume gostoso tentando meus sentidos perversamente. O observo pegar seu celular pela visão periférica e seus dedos ágeis digitando. Meu coração salta quando seu nome aparece na tela com uma mensagem. Finjo toda a calma e compostura para minhas colegas e abro a mensagem.

*T: Obrigado.*

Franzo o cenho com esse

agradecimento. Eu fui a única que não lhe trouxe presentes. Digito com um sorriso malvado brincando na boca.

*Pietra: Pelo quê? Eu não trouxe presentes, foi mal...*

Ouço-o rir baixinho quando a lê. Os dedos voltam a voar no teclado.

*T: Eu falo do seu vestido, os saltos mais altos do que nos outros dias. Isso foi claramente para mim e eu*

*aprecio, tigresa.*

Me seguro para não rolar os olhos. Ok, deu muito na cara. Digito a resposta.

*Pietra: Você não é centro do universo, Tristan Maxwell. Fiquei sabendo que um cantor sertanejo bem gatinho estará nesse voo. É por isso que me vesti com especial atenção hoje. Desculpe se te decepciona.*

Dessa vez ele dá uma risada alta e eu finjo não entender nada quando o olho. Seguindo o exemplo das meninas. Sua resposta não demora:

*T: Ah, tigresa, você me diverte. Vou sentir falta dessa sua marra.*

Rio levemente e torno a responder.

*Pietra: Disponha.*

Ele lê a última mensagem e fica

quieto um instante. Então, começa a digitar a resposta.

*T: Liberte-se dos seus medos, Pietra. Me deixe te mostrar como os adultos fodem.*

Merda. Ele vai começar a usar a arma que sabe, me excita além da conta. Ouço sua risada baixa e sacana.

*Pietra: Não sou medrosa. Vamos voltar à discussão sobre sexo casual*

*novamente?*

Seus dedos trabalham na réplica.

*T: Nós vamos foder, Pietra. Você quer ser minha... Está louca para experimentar o sexo sujo que seus ex não foram homens suficiente para fazer com você... Vou te comer tão duro que sairá carregada da minha cama... É assim que você gosta? Diz pra mim, linda. É disso que precisa, não é? Ser*

*fodida com força, degradada? Ficarei mais do que feliz em te dar tudo, uma, duas, quantas vezes quiser... Ou aguentar...*

Porra, o que é isso Brasil... Eu engasgo, minha vagina latejando e molhando tanto que fico com medo de levantar e o vestido estar sujo. Ofego baixinho. Meus dedos estão trêmulos para digitar uma resposta, então, fico

quieta, apenas relendo cada palavra. Mordo meu lábio, meus seios pesados. Mantenho minha atenção no celular em minhas mãos, morrendo de medo de alguma das colegas perceber como estou perdida de luxúria por esse galinhão, que por um golpe perverso, também é meu chefe. Respiro fundo e digito uma resposta bem ao meu estilo:

*Pietra: Você andou pegando um*

*baseado? Não pense que me conhece, Tristan Maxwell. Você não sabe nada sobre mim.*

Ele expira e os dedos voltam a voar sobre o teclado.

*T: Não fumei nada. A única droga que estou experimentando é o tesão filho da puta que sinto por você, tigresa. E sim, eu te conheço. Não pense que pode esconder sua*

*verdadeira natureza de mim. Te estudei por quase três malditos meses. Você é uma garota corajosa para alguns assuntos, mas medrosa quando o assunto é sexo. Você é reprimida, Pietra. Em pleno século vinte e um, você ainda está presa a moralismos tolos. Aposto todas as minhas fichas que adora um sexo áspero... Tapas nesse traseiro lindo, hum?*

Abro a boca para gritar com o idiota, mas a fecho de novo. Merda, não posso dar bandeira aqui. Grrr! Filho da puta convencido!

*Pietra: Não sou reprimida, seu idiota. Saiba que não sou uma puritana.*

A resposta vem imediata.

*T: Prove. Seja livre comigo, me deixe te mostrar tudo que está*

*querendo experimentar.*

*Pietra: Não quero experimentar droga nenhuma. Eu não vou mais responder suas estúpidas mensagens!*

Ele ri, nada abalado. Galinhão! Grrr!

*T: Quando decidir sair do convento, me ligue. Terei o maior prazer em ir aonde estiver e te mostrar como é ser livre de verdade.*

Rolo os olhos e guardo meu celular na bolsa sem lhe dar uma resposta. Foda-se, homem irritante e cachorro. Seu telefone toca e ele se levanta, indo para a sala anexa para atender. Respiro aliviada pelos minutos de trégua. Estar perto dele e sua aura sexual crua é altamente prejudicial para minha vagina necessitada. Quando volta alguns minutos depois, somos avisados

de que a nossa aeronave está pousando. Eu troco meus saltos rapidamente e pegamos nossas malas, nos dirigindo para a sala de embarque. Seguimos pela plataforma móvel e as garotas vão na frente enquanto T diminui o passo para emparelhar comigo. Mesmo lutando contra, o encaro de lado, bebendo dessa visão enquanto ainda posso. Está com o quepe sobre a cabeça, o olhar sério à

frente. Na verdade, parece mais sério esta manhã. Fora o assédio descarado pelo celular, ele ficou quieto no caminho até aqui. Não falamos nada, andamos em silêncio, fazendo esse trajeto pela última vez. Subimos a bordo e cada um cuida de suas tarefas.

Confiro os assentos enquanto as garotas inspecionam os compartimentos de bagagem de mão. Depois,

verificamos os alimentos disponíveis de acordo com a classe. Separo os cardápios pagos e as bebidas para a primeira classe. Quando o embarque é anunciado, nos perfilamos para receber os passageiros. Foi uma tortura tê-lo do meu lado cumprimentando todos com sua voz profunda, sexy. Logo, o Primeiro Oficial o substitui, recepcionando no restante do embarque. Quando essa

etapa é encerrada, orientamos os passageiros quanto aos procedimentos de decolagem e nos acomodamos nas poltronas destinadas à tripulação. A minha do lado da porta. Então, a voz familiar soou anunciando a decolagem e meu coração sentiu um estranho aperto. Amanhã retorno com o comandante Cavalcante. Me sinto boba por estar me sentindo assim. É ridículo isso.

Sacudo a cabeça e limpo os pensamentos, me obrigando a focar no meu trabalho. O voo transcorre tranquilo e duas horas e vinte minutos depois, estamos taxiando na pista do aeroporto de Guarulhos. Cuidamos dos procedimentos de desembarque. Outra equipe assume e deixamos a aeronave. As meninas saem na frente e sei que é patético, mas estou ficando para trás

conscientemente, quero que T me acompanhe. Meu coração dispara quando ele de fato o faz, me alcançando no meio da plataforma móvel. Nós andamos novamente em silêncio até passar pela sala de embarque. São raras as vezes que não sei o que dizer e esse é um desses momentos. Ele tira-me do dilema ao parar perto de uma escada rolante. Lá embaixo o acesso é restrito.

É a saída para o pátio dos hangares.

— Meu irmão e cunhada estão me esperando no hangar da HTL, para almoçarmos — diz, seus olhos escuros prendendo os meus. Por um momento patético, me vejo desejando que me convide para me juntar a eles, mas as palavras que saem de sua boca me mostram o meu lugar: — Foi realmente um prazer conhecer e voar com você,

Pietra.

Seu tom e olhar estão momentaneamente livres da safadeza de sempre. Droga, que sensação é essa me deixando com esse aperto ridículo no peito? Eu sabia que esse momento iria chegar. Ele é um maldito galinha! Pelo amor de Deus, o que há errado com você, Pietra? Os anticorpos, lembra? Tento a todo custo me reorientar

enquanto o encaro.

— O prazer foi meu, Tristan. — Forço minha voz plana e neutra.

Aquela boca linda se curva no sorriso sexy que com certeza sentirei falta. Sua mão levanta e meu corpo arrepia quando a enrola em meu pescoço, pela frente. Ofego, meu corpo reagindo sem o meu consentimento. Seus olhos ficam ainda mais escuros com a

minha reação e seu polegar vem para a minha boca, esfregando enquanto seu sorriso muda, adquirindo um toque perverso. Se inclina, sua boca roçando minha orelha e sussurra asperamente:

— Eu te conheço, tigresa. — fecho os olhos brevemente, ofegante, excitada em pleno aeroporto. Se afasta para me encarar nos olhos e murmura: — Cuide-se, Pietra. — E com um aceno

de cabeça, se vira e desce a escada.

Eu fico parada, como que congelada, vendo-o chegar à base e pegar o trinco da porta de vidro de acesso ao pátio. Antes de abri-la, vira a cabeça e me encontra aqui no mesmo lugar como uma estúpida idiota. Ele me brinda com mais um de seus sorrisos sexy do caralho e então, se vai.

— Adeus, Tristan Maxwell —

murmuro para mim mesma.

E tudo está de volta ao seu lugar. Ele na elite e a curraleira de Tocantins relegada à sua insignificância. Estico a coluna e me movimento, me dirigindo para a escada que leva aos restaurantes. A probabilidade de nossos caminhos cruzarem de novo é quase nula.



# Capítulo 2

***Mas por agora, ficamos tão longe. Até que nossos membros solitários colidam, eu não posso mantê-lo nesses braços. Então, eu vou mantê-lo em minha mente...***

***(You And I – PVRIS)***

*Duas semanas depois...*

# Tristan

— Então, me fale um pouco mais sobre essa moça nortense, como é mesmo o nome dela? — Dona Magnólia vira para mim no banco traseiro do

Bentley. Passei em sua casa para levá-la ao jantar de Natal na casa de H. Minha avó pensa que me engana com esse tom *aparentemente* desinteressado.

— Pietra, vovó. Pare de tentar pescar informações. — Rio, pegando sua mão e depositando um beijo carinhoso. Yuri está com sua família hoje, então, Augusto, meu motorista, assumiu. Sentei-me com minha avó aqui

atrás para paparicá-la um pouco. As janelas estão abertas. Essa é única maneira de eu andar em carros que não são conversíveis. — E pare de imaginar coisas que não existem. Eu não vou sossegar tão cedo, talvez nunca.

Seu rosto bem maquiado cai um pouco a empolgação. Ela ainda é uma das mulheres mais bonitas para mim. Uma grande dama da sociedade

paulistana. Me recordo dela sempre bem arrumada e maquiada. Os cabelos antes escuros agora estão cinza e ela usa um corte renta à nuca, prático e refinado.

— Ah, querido. Não diga isso — repreende. — Não vê seu irmão? Ele está feliz com Sofia.

— Sim, eles parecem felizes — concordo. Embora tenha a sensação de que meu irmão vai fazer merda antes de

aceitar que está apaixonado pela esposa. Espero que não foda tudo com a bonitinha. Eu realmente gosto dela. Começou errado, mas eles se dão bem agora, então, por que não seguir em frente?

— Eles estão felizes. Essa sua mania de colocar dúvida em tudo, menino... Você precisa encontrar uma boa mulher e...

— Jesus, pare, dona Magnólia! Estou muito bem da forma que estou — digo com convicção e ela estreita os olhos castanhos e experientes para mim.

— Algo me diz que essa moça tocantinense lhe causou uma boa impressão — retoma como um disco arranhado. — Do contrário sequer lembraria seu nome, filho, conheço muito bem meus meninos — se gaba

quando estreito meus olhos de volta.

— Assim a senhora me insulta, vovó — reclamo.

— Sim? Me fale pelo menos dois nomes das outras comissárias da rota de Palmas, filho — ela me encurrala.

Minha avó quando cisma é pior que do Sherlock Holmes. Não desiste até desvendar o caso. Eu franzo a testa, tentando lembrar um nome, apenas um

maldito nome, mas não me lembro. Ela abre um sorriso triunfante, testemunhando meu esforço vão. Foda-se, ela é boa! Rio, meneando a cabeça.

— Não me recordo — admito e seu riso amplia.

— Conheço meus meninos — torna a se gabar. — Agora pare de enrolar e me fale sobre a moça.

Gemo. Ela não vai mesmo

sossegar enquanto não lhe der algo.

— Está bem, a senhora venceu — expiro e me ponho a falar sobre a tigresa. Quanto mais falo, mais a sensação esquisita cresce em meu peito. Porra, sinto falta dela. Me acostumei a vê-la com frequência.

Já tem duas semanas que nos despedimos. Pensei em ligar muitas vezes, enviar uma mensagem, porém,

desisto antes. Ainda não é o momento de falar com a garota. Estou organizando tudo para lhe lançar uma proposta... Só estou esperando passar as festas de fim de ano para fazer a minha jogada. Dessa vez a cachorra linda não vai dizer não, tenho certeza. Quer ser pilota, no entanto, está muito restrita a seu estado e isso não irá acontecer se continuar se escondendo em Tocantins. Ela precisa

vir para cá, de preferência para o programa de pilotos da HTL, o qual vou voltar a comandar em janeiro. Irei prepará-la, transformá-la na melhor pilota da porra do Brasil. Em troca ela só tem que me dar o que eu quero... Um arranjo simples e claro. Sei o que estão pensando. É imoral uma proposta nesses termos. Claro que é, estou ciente disso, mas não me importo. Com esse

pensamento, franzo o cenho, percebendo que estou recorrendo a um subterfugio escuso para ter uma mulher, tal qual H ao obrigar Sofia a se casar com ele. Caralho, deve estar no DNA sermos uns bastardos totais. Ironizo.

— Parece uma moça inteligente e esforçada — minha avó pondera quando encerro o relato.

— Ela é. Apenas um pouco

medrosa ainda, mas vamos resolver isso em brev... — me corto abruptamente e o sorriso de minha avó é amplo nesse momento. Me pegou no pulo como quando era criança e fazia uma travessura nas férias escolares que passávamos em sua casa. — Vovó... — advirto-a.

— Não vou mais esticar o assunto, prometo. — Sua expressão está alegre

outra vez.

Pensa que vou sossegar porque me encantei por Pietra. Não nego, a morena me fascina. Quero fodê-la por um tempo, degradá-la, usar do jeito que eu quiser, entretanto, não vai além disso. Eu não tenho relacionamentos, apenas fodo. É assim desde sempre, não sei por que minha avó está usando óculos cor-de-rosa agora. De fato, ela não toca mais no

assunto e lhe falo sobre o meu retorno das rotas intercontinentais. O carro corta o jardim de H e logo estamos na garagem, me fazendo interromper o relato. A ajudo a descer e coloco sua mão na curva do meu braço, conduzindo-a pela escadaria frontal.

— A senhora será a mulher mais linda da festa, dona Magnólia. — Dou-lhe uma piscada galanteadora. Ela dá

uma risada gostosa.

— Meu menino levado. Obrigada por tanto carinho com essa velha senhora — murmura com os olhos brilhantes de amor. Me inclino e beijo sua têmpora antes de seguirmos para dentro da casa.

A enorme árvore de Natal no canto da sala, faz uma coisa estranha vibrar em meu peito. Não temos o

costume de comemorar o Natal. Nunca me importei muito com essa data e H tampouco. Mas Sofia se importa e nos fez escolher essa coisa gigante e ainda por cima decorar. A bonitinha e minha avó se uniram para dominar o mundo. Rio levianamente. Certo, apenas os pobres homens Maxwell. Olhando em volta, vejo que meu irmão e sua jovem esposa ainda não desceram. Tenho

percebido uma leveza em H nunca vista antes. Somos dois solitários, cada um à sua maneira. Ele é mais duro, frio. Eu uso meu sorriso exatamente para manter as pessoas afastadas. Eu sei que é fodido demais para alguém entender. Então, não tentem. Prometi naquele carro, que se eu conseguisse sair vivo, jamais confiaria em ninguém outra vez, especialmente no sexo feminino. Apenas

minha avó e meu irmão têm o meu amor e confiança incondicionais. Sofia é uma forte concorrente a ganhar um espaço em meu coração também. Gostei da garota desde que H cometeu a sandice de se casar com ela para saldar uma dívida.

No entanto, meu irmão e a bonitinha parecem estar se entendendo bem agora. Não há mais aquela tensão vibrando entre eles. Meu irmão está até

sorrindo, coisa que não me lembro de vê-lo fazendo. Eu deixo minha avó na sala, namorando a árvore de Natal e ando pelo corredor até a cozinha, para cumprimentar Rosa, a governanta da casa. Ela é muito gentil comigo, inclusive cozinha meus pratos preferidos sempre que visito meu irmão. Quando volto alguns minutos depois, Sofia está conversando com vovó e Luciana no

sofá e H está perto do bar, tomando uma bebida com Alberto, seu amigo de infância. Bem, *nosso* amigo, porém, sua relação é mais próxima com H. Ele está namorando a secretária de meu irmão. Me aproximo deles, aproveitando para zoar meu irmão mais velho.

— Fizemos um belo trabalho, hein, H? — Empurro seu ombro com o meu, indicando a árvore à nossa

esquerda. Ele meio que grunhe antes de responder:

— Sim, nós fizemos, mano — concorda. — Como foi voltar às suas preciosas rotas intercontinentais? — pergunta e faço careta. Estou me sentindo estranho pra caralho. Tudo foi resolvido com a louca que queria ferrar a companhia e ela retirou a acusação. Em outras palavras: pagamos uma

quantia para a garota ficar de bico calado. A vadia, deu, gozou e ainda vem me processar? É o fim do mundo, porra! Enfim, retomei minhas rotas de elite, era para eu estar muito satisfeito. Mas não estou. Me pego constantemente pensando em Pietra. Em nossos voos simples para o interior. Patético pra caralho, eu sei.

— O que há, T? Pensei que estaria soltando rojões por seu *castigo* ter

acabado. — Meu irmão enruga a testa, percebendo minha reação.

— Estou animado por voltar ao meu lugar, mano, claro — digo e decido abrir o jogo com meu irmão, não segurando um sorriso lascivo: — É que deixei algo inacabado em Tocantins, se é que me entende... — Mexo as sobrancelhas sugestivamente. — Sei que você me proibiu de ir para as

comissárias de bordo. Mas nada me foi dito sobre pilotos...

— Tristan, cara, você está indo para os pilotos agora? Não sabia que tinha mudado de time... — Alberto decide dar uma de engraçadinho.

Bufo, encarando o advogado metido a esperto.

— Rá, rá, rá. Desista de tentar fazer piadas, *Albie*. — Uso o apelido

que detesta para irritá-lo. Rio satisfeito e adiciono indolente: — Você não tem o menor talento para isso, cara.

— Um rabo de saia — H comenta, o tom reprovador. — Deve ser especial para ainda estar se lembrando dela, mano — ironiza meu comportamento livre.

Rolo os olhos, mas acabo rindo porque ele tem razão.

— Eu não peguei essa, mano. Aí reside o problema — admito, frustrado. — As mulheres não resistem a mim, nunca. — H e Alberto bufam com a minha presunção. — Mas essa me escapou nas muitas tentativas que fiz. É tão irritante, dona de si. Quero bater em sua bunda e, em seguida, transar com ela até que não tenha forças para me afrontar mais — ranjo e meu irmão

idiota ri, claramente gostando de me ver às voltas com uma garota.

— Bem, *Dom Juan de Marco,* porque essa resistiu, você está com o ego abalado, é isso? — pergunta jocoso.

— Sim. É meu ego falando? Claro — não nego. — Mas há também o tesão louco que essa tigresa me fez sentir.

— Novidade. Você vive com tesão — ele alfineta.

— Estou falando sério, H. Essa é uma coisa... — gemo, recordando daquela cachorra linda. — É uma morena deliciosa. Linda, geniosa. Só vou sossegar quando a tiver embaixo de mim... — Rio, antecipando esse momento. — Ou por cima, vocês sabem, sou totalmente a favor dessa onda de empoderamento feminino... — Eu pisco, rindo mais ao lembrar de uma conversa

com esse mesmo teor com a minha tigresa.

Meu irmão ri alto. Alberto faz um som zombador.

— Cara, esse não é o verdadeiro sentido do *empoderamento feminino* — protesta.

— Vamos, *Albie,* você é um advogado, sabe que as coisas estão aí para serem interpretadas do modo que

melhor nos convém... — Dou de ombros, lhe oferecendo uma piscada também.

O advogado resmunga, mas se cala, aceitando meu argumento.

— Voltando ao assunto... — limpo a garganta —, vou retomar as palestras na nossa escola de pilotos a partir da próxima semana.

H está surpreso, novamente

vincando a testa.

— Você não saiu porque queria se dedicar exclusivamente às rotas intercontinentais? — aponta.

Sim, foi isso. Mas gosto do trabalho de preparar novos pilotos. E agora há uma aluna em especial que terei prazer em orientar. Muito prazer... Um riso sacana brinca em minha boca.

— Hum, sobre isso, estou

disposto a ceder algumas das minhas rotas para Cristiano Rangel. Ele é um palhaço completo, mas é um bom piloto — informo rolando os olhos. O cara é um imbecil e meu maior concorrente na HTL.

Quando comecei a assumir voos na companhia, o idiota chegou no mesmo período e contestava minha capacidade profissional, insinuando que era

privilegiado por ser um dos donos. Filho da puta! Pois é, não pensem que foi fácil meu começo. O fato de ser um dos herdeiros fez minha vida com os colegas, complicada. Tive que trabalhar dobrado para ganhar o respeito de todos. Mas ganhei, e já tem muito tempo que ninguém me aponta o dedo a não ser para elogiar minha capacidade e dedicação na profissão que escolhi por

paixão.

— Irmão, agora você tem a minha atenção — H está estupefato. — Por que está cedendo para o Cristiano? E o mais importante, por que quer retomar sua participação na escola preparatória de pilotos? — Semicerra os olhos azul-gelo. Ele é esperto, sabe que jamais cederia assim para o fodido do Cristiano se não houvesse um ganho

maior da minha parte. E, nesse caso, haverá grande, enorme ganho: Pietra na minha cama.

— A minha tigresa tocantinense é uma pilota e está apenas esperando uma oportunidade para alçar voos mais altos. É aí que entro, irmão. Vou lhe fazer uma proposta irrecusável... — revelo com um sorriso presunçoso. — Vou trazê-la para São Paulo. Você sabe, tirá-la da sua

zona de conforto. Vamos ver se consegue resistir a mim em meu território.

— Uau! Ela parece uma garota inteligente. — Alberto assobia.

— Por que é uma pilota? — pergunto, encarando-o.

— Não, porque não caiu no seu bico doce — o espertalhão zomba e lhe atiro um olhar feio.

— As coisas estão tão ruins

assim, irmãozinho? Desde quando precisa ter tanto trabalho para transar?

— H alfineta também. Eu bufo.

— Fala o homem que tomou uma menina inocente como pagamento de uma dívida — devolvo na mesma moeda e ele fecha a cara. Sorrio satisfeito.

Alberto avisa que está indo embora. Ele e Luciana vão passar a ceia na casa de seus pais. Desejamo-nos

Feliz Natal e ele chama a namorada, que se levanta vindo com Sofia e vovó até nós.

— Já estamos de saída, querida. Se despeça — Alberto murmura em tom meloso pra caralho, puxando a negra bonita pela cintura.

Desvio meu olhar para H e vejo Sofia indo para ele, entrando em seu abraço. Meu irmão a fita com uma cara

de pateta apaixonado. Tenho certeza de que ele nem percebe o quanto está encantado pela bonitinha.

— Foi um prazer vê-lo essa noite, senhor Maxwell — Luciana diz estendendo a mão para o patrão. H a pega e meneia a cabeça.

— Apenas Heitor, Luciana. Não faz mais sentido tal formalidade se vamos frequentar os mesmos círculos.

— Está certo... Heitor — diz sem jeito nos fazendo rir. — Obrigada. — Olha-nos e se despede também: — Tristan, senhora Magnólia e Sofia, Feliz Natal!

— Feliz Natal! — devolvemos em uníssono.

Eles saem em seguida e me viro para minha avó, dando-lhe uma de minhas piscadas brincalhonas. Ela se

derrete e a abraço, depositando um beijo suave em seus cabelos. Seu olhar amoroso levanta para o meu e é a minha vez de derreter, vendo seu amor por mim estampado nas feições bonitas. Sorri e leva o olhar para Sofia.

— Obrigada por juntar meus meninos hoje, querida — murmura com voz emocionada. — Eles andaram me negligenciando nos Natais dos últimos

anos. — Porra. H e eu nos entreolhamos nos sentindo uns merdas. Como mencionei, essa data nunca teve importância para nós. Nunca houve essa coisa da família reunida, uma árvore, uma ceia cheia de amor e felicidade. Não, nunca houve sequer uma porra de Feliz Natal direcionado a nós, não da parte dos fodidos Logan e Fernanda Maxwell. Decido que farei um esforço

para estar com minha avó nessa data a partir de agora.

— Desculpe, vovó. Vamos celebrar todos os anos a partir de agora — H verbaliza meus pensamentos e dona Magnólia arregala os olhos, surpresa. — Aqui em casa, na de T, ou na sua. A senhora pode escolher.

Meu irmão completa me surpreendendo também. Vovó respira

fundo, a emoção em seu rosto, lágrimas enchendo seus olhos. Se desvencilha de mim, indo para meu irmão, e me surpreendendo ainda mais, H a abraça amorosamente, como nunca havia visto antes. Aquela emoção estranha que senti ao entrar no começo da noite e ver a árvore, o clima gostoso de Natal, vai se espalhando em meu peito. Eu acho que é assim que as verdadeiras famílias

comemoram essa data.

— Ah, querido... — vovó diz embargada para H, lágrimas descendo em suas faces bem maquiadas. — Eu gostaria muito disso.

— Então, temos um acordo, dona Magnólia — ele diz numa voz terna e nossa avó o beija na bochecha.

— Eu rezo para que no próximo ano estejamos todos juntos. — Ela o

encara, certamente receosa de que o bastardo frio de seu neto mais velho faça alguma merda para afastar Sofia.

— E que Deus nos conceda uma criança para alegrar essa casa.

H e Sofia se entreolham. A bonitinha abre um sorriso um tanto tenso, me deixando intrigado. Eles estão bem, não estão? Pergunto-me, observando um e outro.

— Eu acho que a senhora anda apressada demais, dona Magnólia — rio, intervindo antes que a conversa fique mais assustadora. Puxo minha cunhada pelos ombros e a beijo na bochecha. — Talvez seja melhor Sofia opinar sobre isso, não é, bonitinha? — Ela lança outro sorriso sem graça para H.

— Vamos deixar a vida seguir seu

curso, T — murmura e me olha, tentando esconder qualquer que seja seu desconforto. Então, mais uma vez querendo salvar a bendita ceia de Natal, eu rio charmoso antes de murmurar:

— Alguém já disse como está maravilhosa hoje, bonitinha? — Observo meu irmão de canto de olho. H bufa, rolando os olhos para meu flerte com sua mulher. Sofia abre um sorriso

verdadeiro agora. Pronto. Tensão expulsa.

— Sim. *Eu* disse — H resmunga, me fazendo rir com vontade.

— Você é impossível — Sofia diz ainda com o sorriso bonito em seu rosto pueril.

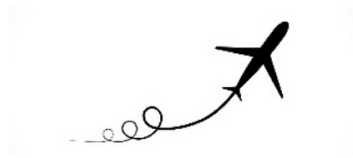
Os fogos estourando no céu de São Paulo, leva nossa atenção para fora das paredes de vidros da sala.

— Abram um champanhe, queridos! Rápido! — nossa avó exclama, felicidade estampada em seu rosto.

Sigo H para a mesa de frios e bebidas. Ele estoura um champanhe, servindo quatro taças. Pego duas e ele também. Voltamos para vovó e Sofia, que estão nas portas duplas da sacada, soltando exclamações eufóricas com os

estampidos dos fogos voando e explodindo num show de luzes multicoloridas no céu escuro. O lago reflete tudo, tornando a cena realmente bonita, admito. Elas recebem suas taças e fazemos um brinde em conjunto. H abraça as costas de Sofia contra o peito e tenho a impressão de ver meu irmão duro e frio, suspirar apreciando o espetáculo no céu. Um pequeno sorriso

repuxa minha boca enquanto os observo, depois a minha avó. Então, *isso* é o Natal. Me sinto feliz, meu coração leve, apreciando estarmos juntos nessa noite. Puxo minha avó para perto de mim e beijo o topo de sua cabeça cinza.



Eram quase duas da madrugada quando chegamos à casa de minha avó. Decidi dormir com ela esta noite, estou

ainda sob o efeito da tão falada *magia do Natal,* acredito. Acompanho-a até a porta de seu quarto e ela sorri para mim, os olhos castanhos cheios de amor e algo mais que não consigo decifrar. Sua mão levanta para o meu rosto e me sinto um menininho da vovó, apreciando seu toque suave.

— Você tem um coração tão bonito quanto esse rosto, meu menino

levado. — Também está claramente tocada por essa noite, ter seus netos com ela. — Algum dia uma mulher especial virá e o fará completamente feliz, meu filho.

Franzo o cenho com sua última sentença. Minha avó nunca esqueceu o que me aconteceu naquele carro. Ela sabe que aquilo me fodeu, deixou sequelas permanentes. Por isso, foi

sempre tão compreensiva e de certa forma, permissiva, aceitando e encobrindo minhas travessuras desde então. Rio, meneando a cabeça e digo para chocá-la:

— Eu prefiro várias mulheres especiais... — Balanço as sobrancelhas com safadeza.

— Não fale essas coisas para a sua avó! — Faz uma carranca. — Você

me respeite, Tristan Maxwell.

Eu gargalho e não demora muito ela se junta a mim. Beijo-a na têmpora, deslizando os dedos pela face já mostrando os sinais do tempo, mas tão amada por mim.

— Feliz Natal, vovó! — murmuro. — Boa noite.

— Feliz Natal, meu menino! — murmura de volta. — Boa noite.

Sigo pelo corredor até o meu quarto antigo. Sinto-me verdadeiramente em casa aqui. Não há outro lugar no mundo em que me sinta tão em paz e acho que protegido. Nem na minha própria casa. Deve ser o amor que vovó sempre demonstrou por mim e H. Retiro a jaqueta de couro, jogando-a sobre um dos sofás da sala de estar. Através das portas de vidro da sacada posso ver os

raios cortando o céu. Trovões ressoam em seguida e quase imediatamente os pingos grossos caem sobre o telhado. Sirvo-me de uma dose de Bourbon e sigo até o limiar das portas, olhando a chuva torrencial caindo sobre São Paulo. Tomo um gole, encostando om ombro ao batente. Não estou com sono, embora o sentimento bom de estar aqui nessa casa esteja me cercando, há algo

que está me impedindo de relaxar completamente. Ou *alguém.* Suspiro, a imagem de Pietra surgindo em minha mente. Pego meu celular no bolso do jeans escuro e fico como um adolescente tolo olhando-o, louco para enviar uma mensagem para ela.

Desbloqueio a tela e vou em arquivos, encontrando uma foto dela. Porra, como é linda! Pode parecer

ridículo, mas tenho várias. No bar, com os cabelos rebeldes do jeito que me deixa duro, nos voos, com os coques bem comportados de comissária-chefe. Sou impulsivo, não costumo me privar de nada que desejo. Mas preciso ter calma com a tigresa, essa é diferente das outras. Já decidi que irei até ela depois das festas de ano novo. Porém, a velha impulsividade está borbulhando dentro

de mim. Seleciono seu contato e abro para enviar uma mensagem. Fico uns instantes, ponderando se devo. Que diabos está havendo comigo? É Natal, não é? As pessoas enviam felicitações e essas merdas nessa data sem correr o risco de parecerem umas completas idiotas. Com essa desculpa, digito uma simples e quase impessoal:

*T: Feliz Natal, tigresa!*

Depois que envio, uma risada autodepreciativa irrompe em minha garganta.

— Porra, cara, apenas isso? Vocês não se falam há duas semanas. Você está tão cheio de merda — resmungo para mim mesmo. Tomo mais um gole, apreciando a chuva e poucos minutos depois, o som de mensagem chegando me faz olhar a tela do celular. E a porra

do meu coração salta ao ver o nome dela. Abro-a imediatamente.

*Tigresa: Olha só, ele ainda tem meu número... Isso deve ser o seu recorde... Feliz Natal, riquinho!*

Sua mensagem sarcástica faz um riso idiota escancarar em meu rosto. Ah, porra, essa garota mexe demais comigo. Sua mensagem inflama meu corpo, é como se estivesse vendo a exata

expressão atrevida em seu rosto bonito me dizendo isso. Linda demais. Começo a responder, mas paro no meio, a impulsividade ganhando a batalha contra a ponderação. Foda-se, eu sempre pego o que o quero. Então, por que diabos estou aqui enquanto a garota que eu quero, está no fodido Tocantins? Com nova resolução, fecho seu contato e procuro outro, o de Aidan e digito a

mensagem. Ele me responde em alguns instantes e com um sorriso mordendo as orelhas, começo a colocar meu plano em prática... Foda-se a moralidade! Foda-se o bom senso! Essa garota será minha!

Corrigindo: Pietra já é minha.

# Pietra

Ando através do corredor em direção à porta da frente. O almoço na chácara de meus pais foi animado como sempre. A família toda veio, os parentes de Araguaína e Miracema, em peso. Meu pai adora a casa cheia nessas datas. No Natal e Ano Novo fazemos a ceia e o almoço no dia seguinte. Aidan esteve comigo o tempo todo, fugindo de mais

brigas com seu pai troglodita. Só foi embora agora há pouco. Luíza passou brevemente ontem e foi para sua família. A noite foi divertida. Todos os primos quando se juntam é sempre muito bom.

— Filha, você está bem? Parece um tanto... Aérea — minha mãe pergunta, fazendo um trocadilho infame com a minha profissão.

Rolo os olhos, e me viro, dando

vários beijos estalados em sua bochecha. Quando me afasto, ela me estuda por um instante. Minha mãe é muito esperta e atenta a qualquer movimento de seus filhos, está sentindo que algo está me perturbando esses dias. Sim, *ele* está dentro da minha maldita mente. Duas semanas se passaram desde que nos despedimos e estou sentindo a falta do idiota mulherengo de uma figa.

Quero rolar os olhos para mim mesma. E tudo ficou pior quando recebi sua mensagem de Feliz Natal nessa madrugada. A mensagem foi apenas isso, uma felicitação, pura e simples. Ele não esticou o assunto depois que respondi com minha ironia em alta, devido a meu estado alcoolizado. Aidan e eu secamos uma garrafa de tequila no deck de meus pais, enquanto o resto da família se

divertia dentro da casa. Minha euforia por receber uma mensagem de T foi embora rapidinho quando ele não falou mais nada. Pare de ser tola, Pietra. Aquele putão provavelmente enviou aquela mensagem para mais mulheres do que seria decente mencionar. Você não tem nada especial para um cara vivido como ele lembrar da sua existência. Meu cérebro sabe de tudo isso, mas há outra

parte minha, uma secreta, que tenho vergonha de admitir, esperou seu contato dia após dia depois que nos despedimos em Guarulhos.

— Apenas um pouco preocupada com Aidan. Seu pai está dificultando sua vida de novo — minto descaradamente para minha mãe. Muito bonito, Pietra! Recrimino-me.

— Aquele homem louco está

passando dos limites, não é? — Ela meneia a cabeça, com desagrado. — Tem certeza de que é só isso mesmo? Nada a ver com aquele piloto bonito da HTL?

— Ele não é apenas um piloto, é a porra do dono da companhia, mãe — resmungo. — E não sei aonde a senhora quer chegar mencionando-o.

— Olha a boca, mocinha! —

repreende. — Não sou cega, filha. Vi muito bem o interesse do moço por você e o seu por ele.

— Qualquer garota com a libido saudável ficaria abalada por um cara com aquele, mãe — expiro, pegando a chave do meu Honda Civic de dentro da bolsa. — Isso não quer dizer nada, absolutamente nada, dona Maria do Amparo.

Ela estreita os olhos em mim, mas antes que me conteste, meu pai vem de dentro da casa e me envolve num abraço de urso.

— Tem certeza de que não quer mesmo dormir aqui de novo, querida? Seus primos estão animados para uma fogueira no deck. — Tenta me seduzir, como sempre faz quando venho visitá-los. Eles dizem que ainda não se

acostumaram com minha independência. Sorrio, me aconchegando mais nos braços do meu velho.

— Tenho uma montanha de roupas para ser lavada. — Faço careta. Odeio serviço doméstico. — Volto amanhã, papai, prometo. — Beijo-o na bochecha. Seus olhos verdes me sondam. Ele parece compartilhar a mesma preocupação de minha mãe. — Além

disso, esses bagunceiros ficarão por aí até o Ano Novo. — Meu pai assente.

— Está bem. Dirija com cuidado, *figlia*[7] — diz amorosamente antes de me dar um beijo no topo da cabeça.

— Deixa comigo. — Sorrio e minha mãe me abraça de novo. Aos vinte e cinco anos eles me fazem sentir uma garotinha.

— Ligue quando chegar, querida

— ela pede.

Assinto e me despeço, indo para a área gramada na frente da cerca branca, onde estacionamos os carros. Entro em meu carro e em poucos minutos estou entrando na JK. O trânsito está fraco devido ao feriado. Faço uma, duas rotatórias e deixo a avenida, entrando em minha rua. Estaciono na garagem do meu prédio e saio, pegando o elevador

para o oitavo andar, onde fica meu apartamento. Encontro o vizinho do 809, um coroa enxuto e muito safado. É casado, mas sempre vem com conversa mole quando nos esbarramos nas áreas comuns do prédio. Ainda bem que a senhora do 901 subiu junto e suspirei aliviada. Não estou com saco para aturar cantada de homem sem noção. Entro em meu apartamento alguns

minutos depois, indo direto para o quarto. Me dispo, enrolando-me numa toalha. Ligo para minha mãe avisando que cheguei e pego à montanha de roupas sujas, indo para a área de serviço. Jogo tudo na máquina e programo a lavagem. Ando até a cozinha e pego um copo de suco de laranja com um comprimido de Advil. É bom para a ressaca. Jogo o comprimido na boca e

bebo o líquido refrescante, agradecendo aos deuses. Isso irá conter o princípio de dor de cabeça.

Ando de volta para o quarto e pego meu celular, selecionando a pasta da PVRIS, uma banda norte-americana de Pop Rock que Luíza me apresentou há uns três anos, acho. Somos as duas apaixonadas por tudo que eles fazem desde então. Aproveito para dobrar as

roupas lavadas e guardá-las no closet. Em seguida, tomo um banho demorado, lavando os cabelos para expulsar a ressaca de vez. Saio do box me sentindo revigorada. Aidan me convidou, não, me intimou a dar um passeio com ele pela orla da Graciosa, nossa praia do lago formado pela barragem sobre o rio Tocantins. É um lugar muito agradável para passeios e práticas de exercícios

pela manhã e à tardinha. São 16 h, confiro em meu relógio novo. Presente de meus irmãos Nando e Gustavo. É caro, reclamei com eles, mas meus manos estão começando a ver retorno com as lutas de MMA. Os dois revelaram ontem que receberam proposta para irem treinar na academia de Vítor Belfort[8] na Flórida, Estados Unidos.

Nem preciso dizer que meus pais não curtiram muito a novidade. Eles são muito corujas e querem nos ver sempre em volta do ninho. No entanto, eu e Luana ficamos em êxtase pelos nossos manos. Eles merecem ter seu esforço reconhecido. Já estou sonhando em ver seus nomes nas grandes lutas, eu assistindo e vibrando daqui ou lá, ao vivo. Me enxugo e penteio os cabelos,

deixando-os secar naturalmente. Visto uma lingerie que comprei na semana passada. É branca, com rendas delicadas nas bordas da calcinha e sutiã. Procuro uma regata de seda verde e um short jeans claro, desfiado na barra. Essa roupa custou os olhos da cara numa boutique chique aqui do centro. Mas amo shorts e regatas. Calço um par de sandálias rasteiras. Não uso maquiagem,

apenas um rímel e brilho labial de morango. A campainha toca e me apresso pegando minha bolsa, alargando a alça, atravessando-a sobre os meus ombros. Aidan já deve estar chegando. Afofo meus cachos já quase secos e confiro minha imagem mais uma vez no grande espelho. Até que não estou nada mal.

Sorrio para minha falta de

modéstia e saio do quarto, seguindo pelo corredor. Meu celular continua tocando PVRIS na minha mão direita. *You And I,* uma de minhas músicas favoritas. Atravesso a sala e então, algo me ocorre: Aidan tem uma chave e nunca toca a campainha. A não ser que o cabeça de vento tenha perdido a chave que lhe dei tão cortesmente. Alcanço a maçaneta e giro a chave, abrindo a

porta. Vai me ouvir um bocado o abusad... Então, meu pensamento é cortado bruscamente. Oh, meu Pai eterno... Meu coração dispara loucamente no peito, minhas pernas ficam bambas. Não é Aidan. Tristan está na minha frente e, puta merda, parece que o putão está ainda mais bonito do que me lembrava. Não falamos nada a princípio, apenas deixando nossos

olhares correr pela figura um do outro. O que está fazendo aqui? Como? Por quê? As perguntas se atropelam e meu cérebro vira geleia com a surpresa.

*Podemos nos encontrar no meio.*

*Como as almas colidem.*

*Dançar ao luar.*

*Quando todas as estrelas se alinham.*

*Por você e eu. Por você e eu.*

A letra ressoa entre nós. Engulo em seco, bebendo avidamente do seu porte alto, esguio, sofisticado, numa calça jeans escura e camiseta azul-marinho. Essa cor lhe favorece. Deus, como é bonito esse filho da puta! Seus cabelos castanhos ainda estão molhados, por isso, mais escuros e seu perfume

flutua em minhas narinas, me fazendo ofegar. Eu ainda não consigo formular uma frase coerente para falar sem parecer uma idiota. Poucas pessoas me deixam sem fala e o homem à minha frente é uma delas. Sei que preciso dizer alguma coisa. O que me salva da vergonha que estou passando é que ele também não parece ter pressa em sua inspeção pelas minhas pernas nuas, os

olhos escuros bonitos cintilando intensamente enquanto sobe. Boa parte da minha barriga está de fora com a regata curta e meu núcleo pulsa, minhas paredes umedecendo com a fome que vejo crescendo em sua expressão. Arfo baixinho, sentindo cada centímetro da minha pele arrepiando com o olhar faminto sobre mim. Quando nossos olhares enfim se encontram, nova

comoção. Meu corpo se descontrola completamente. Coração saltando contra as costelas, mãos suando, malditas borboletas voando em minhas entranhas. Controle-se, Pietra. Ele deve estar em Palmas a trabalho, só pode ser isso.

*E se você e eu, pudermos manter vivo o nosso amor. Nós vamos encontrar...*

PVRIS continua cantando já que

não encontramos nossa fala ainda.

— Olá, Pietra. — Sua boca sensual enrola num de seus meios sorrisos lindos e perversos, daqueles que dizem: *sim, eu sei o caos que minha presença causa em sua calcinha, querida.* Ele sussurra: — Sentiu a minha falta, tigresa? — Sua voz está mais profunda, mais áspera e faz todo tipo de coisas más com meu corpo necessitado.

Sacanagem isso, é sério. Mas me forço a não perder a pose, encontrando finalmente a maldita fala.

— Tristan Maxwell em pessoa... Vejam só... — Me escondo no sarcasmo antes que minha baba escorra no canto da boca e me humilhe de vez. — E você, sentiu a minha, *riquinho*?

Seus olhos escuros brilham mais e ele solta a risada da qual senti muita

falta, embora não admitiria essa merda nem sob tortura. Ele tem uma expressão em seus olhos que me fascinou desde o primeiro contato visual. É intensa, arguta, misteriosa. Olha para a gente e nos prende imediatamente. Isso, aliado à sensualidade da boca é uma arma letal contra as pobres garotas nortenses, principalmente as que estão na seca total, como euzinha aqui.

— Sim, ao contrário de você, não vou mentir. Senti falta de voarmos juntos — diz, apoiando as mãos nos batentes da porta de cada lado. Eu não quero, mas gosto do que está dizendo. Seu olhar percorre meu corpo, voltando para o meu e ele sussurra: — Saudade de ver esse monumento de morena.

Meu coração estúpido acelera com sua expressão e olhar intensos. Ele

diz isso para todas, Pietra. Não abaixe a porra da guarda!

— Você está aqui a trabalho? — pergunto, segurando a porta aberta, indecisa se o convido ou não para entrar. Não sei se consigo me segurar estando sozinha com ele confinada em um apartamento. É muita tentação. Foda-se, me julguem! Não estou nem aí!

Seus lábios tremulam num

arremedo de sorriso como se lesse minha mente.

— Não, eu vim por sua causa — diz em tom mais baixo e meu coração torna a fazer saltos ornamentais no peito. Gemo internamente. Isso é uma puta sacanagem, meu Brasil... — Percebi que não saímos, não passeamos juntos nenhuma vez enquanto estive aqui.

— Você esteve bem ocupado

quando estava de folga — zombo, me referindo ao harém que levava para sua cobertura.

— Controle seu ciúme, tigresa. — Tem a cara de pau de me provocar. Então, sua expressão fica mais séria. — Feche a porta. Vou te levar para voar comigo.

— O-o quê?! — balbucio, piscando confusa. — Marquei de

passear com Aidan na Graciosa e...

— Seu passeio é comigo — diz com um sorriso presunçoso. — Não brigue com Aidan, mas ele me deu uma força.

— Maldito traidor! — resmungo. — Espera, quando tramaram isso?

— Depois que enviei a mensagem de Natal — esclarece. — E, novamente, eu tramei, não ele.

— Por quê? — pergunto baixinho. Ele me estuda com esses bonitos e intensos olhos escuros.

— Porque eu quero você, Pietra — murmura asperamente e minhas entranhas vibram. — Agora tranque a porta e venha comigo. Tenho uma proposta para lhe fazer.

— Que proposta? — pergunto, entre fascinada e ressabiada. Fascinada

que ele esteja na minha porta quando pensei que dificilmente o veria de novo. Ressabiada porque imagino que nada decente sairá da sua linda boca.

— Terá que vir comigo para saber. — Seu olhar adquire um brilho perverso e desafiador. — Ou, claro, você pode se esconder aí com medo de chegar perto de mim.

Isso me faz bufar. Filho da puta

convencido!

— Eu não tenho medo de chegar perto de você — rolo os olhos, numa tentativa de ridicularizá-lo —, de onde tirou tal absurdo?

Ele levanta uma sobrancelha indolente.

— Venha comigo e prove — desafia.

— Não tenho que te provar nada,

Tristan. — Torno a bufar.

Seus olhos cintilam com algo que não sei divisar.

— Então, venha comigo porque é o que você quer, Pietra. Sem joguinhos. Somos adultos aqui — intima, seu rosto subitamente sério.

Novamente ele me desafia, só que com outras palavras. Ele é malditamente engenhoso. Meço forças, levantando

meu queixo. Mas, ele tem razão, eu quero ir. Suspiro e tranco a porta, minhas mãos um pouco trêmulas pelo susto e excitação de encontrá-lo.

— Aonde vamos? — inquiro, me virando para ele a tempo de flagrar seu olhar conferindo minha bunda no short curto. Ele volta a atenção para o meu rosto e seus lábios enrolam no sorriso sacana e perverso.

— Vamos para o hangar da HTL no aeroporto. Vamos voar, pantera — murmura, colocando a mão direita em minhas costas, os dedos pegando a faixa de pele nua e, porra, estremeço com o toque.

— Você vai fazer menção à toda a família dos felinos agora? — Meio que rio do novo apelido que me deu.

Ele ri, enquanto andamos para o

elevador.

— Você é como essas fêmeas — murmura em meu ouvido e ofego. — Linda, fascinante, mas arredia.

A contragosto, um sorriso brinca em minha boca. O elevador está vazio e descemos apenas nós dois, nos encarando através da parede espelhada. O safado confere meu traje mínimo novamente, o olhar passeando

lentamente pelas minhas pernas, a barriga nua. Dei graças a Deus quando a caixa parou e saímos. O alívio não foi por muito tempo já que a mão morna voltou para as minhas costas. Dessa vez ele pegou apenas a pele nua, o cachorro. O porteiro, o senhor Osvaldo, ficou nos olhando sem ao menos disfarçar. Quando alcançamos o pátio frontal, percebo uma moto negra e robusta com

dois capacetes em cima do guidão. Droga, esqueci que ele adora se exibir em motos, cada uma mais cara do que a outra. Aliás, motos e carros conversíveis. Um playboy convencido, isso que ele é. Nunca o vi em carro fechado.

— Gosta de motos? — pergunta, parando ao lado da máquina imponente.

— Sim, Gustavo é um cara de

motos e me ensinou a pilotar quando tinha quinze anos — digo, tocando o tanque reluzente. — Posso pilotar essa?

Ele ri, aquele sorriso safado que derrete a minha calcinha.

— Comigo você pode fazer o que quiser, amor — sussurra e completa lascivamente: — Venha ser livre comigo, Pietra. — Seu tom e olhar me seduzem. Ele pega o capacete e o coloca

em minha cabeça com cuidado, nossos olhares presos. Sua proximidade, seu cheiro caro e delicioso me tentando além da conta.

— Por ora, vou aceitar apenas o passeio — me obrigo a murmurar. Seus olhos brilham intensamente e acena, subindo na moto, colocando seu capacete também. Droga, realmente bonito. Meus ovários estão fazendo

acrobacias e aplaudindo o belo macho à minha frente. Estou babando em sua figura de riquinho, um garoto mau que não se importa com as regras. Ele tem dinheiro suficiente para fazer suas próprias. Inclina o queixo, fazendo sinal para eu subir na sua traseira e o faço. Quando meu corpo toca o seu, minhas coxas abertas, roçando em seu jeans, um arrepio gostoso espirala em mim.

— Eu não vou morder você, tigresa — ri baixinho —, não agora, pelo menos. Me abrace com força se não quiser voar da porra da garupa! — Rolo os olhos, mas o abraço, colando meus seios em suas costas. Como o idiota está sem jaqueta, apenas na camiseta fina, ele sente meus seios completamente, os bicos duros. A risada safada que soa, me dá a certeza. Então, aciona o motor e

logo estamos deixando o estacionamento, perfazendo os poucos metros da alameda até ganharmos a JK. As ruas estão quase vazias e T não poupa o motor da máquina potente. Em pouco tempo estamos voando pela pista. A moto entra na rotatória para a Av. Teotônio Segurado e rio quando ele arranca duma vez, o pneu dianteiro levantando-se do asfalto.

— Seu exibido de uma figa! — grito. Ele sorri e não consigo manter minha carranca, sorrio também. Nós seguimos em linha reta por uns quinze minutos, no máximo e avistamos o terminal aéreo do nosso lado direito. T reduz a velocidade, pegando a entrada de cargas e serviços, direto para os hangares. Rodamos pela pista lateral e suspiro vendo a movimentação dos

aviões ao longe, do outro lado pátio. Ele estaciona dentro do hangar. Não vejo ninguém por perto, apenas aviões, de vários modelos e um jato particular, provavelmente dele. Desço, retirando meu capacete e retira o seu também. Me assusto quando estende a mão para mim. Eu encaro a mão, indecisa sobre o que estou fazendo aqui, com um cara que mantive afastado por quase três meses

por achar deprimente a forma como trata as mulheres. Todavia, não posso negar que o fato de ele ter voado de São Paulo por mim me envaidece. Não pensando muito, aceito sua mão e o deixo me levar para dentro do amplo galpão. É imenso. Há mais aviões da empresa, percebo. Me leva direto para um monoplano Extra 300LP. É um modelo fabricado para acrobacias, mas muito confortável

para passeios panorâmicos. Já voei com meu pai num modelo mais antigo.

— Como andam suas aulas, tigresa? — pergunta, abrindo a porta do copiloto, fazendo um gesto para eu subir primeiro. Eu vou e ouço-o puxando uma respiração aguda, provavelmente pela visão da minha bunda bem na sua cara. Um sorriso impertinente curva minha boca, não posso evitar, gosto que esse

galinhão sinta tesão por mim. Droga, Pietra, você está sendo contraditória, garota. Mantenha a porra da guarda levantada perto de Tristan, vulgo putão, Maxwell, pelo seu próprio bem.

— Completei a carga horária teórica semana passada — informo, não contendo o orgulho em minha voz. Ele sabe que é meu maior sonho, ser pilota da HTL. Me sento no banco e vem me

ajudar com os inúmeros cintos.

— Ótimo — T murmura, o rosto bem perto do meu por causa da tarefa. Ofego, seu cheiro delicioso me castigando. Merda, ele é galinhão, mas é lindo, tesudo demais. Rolo os olhos quando recordo que o presunçoso refere a si mesmo com esse termo. Tentação é outro termo apropriado. Nunca tive tanta dificuldade para controlar meu próprio

corpo como quando estou perto desse homem.

— Por que não há ninguém por aqui? — pergunto, tentando não denunciar meu tesão absurdo.

— Porque eu queria estar a sós com você — sussurra, os olhos escuros segurando os meus. Meu olhar cai para a sua boca, o lábio inferior cheio, a curva sensual, me faz salivar. — Você será a

minha Primeira Oficial hoje — anuncia e meu coração troveja. Ele sorri, gostando da minha reação. — Acha que consegue, tigresa? — me provoca e eu lhe atiro um olhar feio. Estou pronta e ansiosa para voar, o cachorro sabe disso. T ri mais, safado, provocador, lindo. Porra, tão lindo e estou completamente ferrada aqui sozinha com ele.

— Serei a melhor porra de Primeira Oficial que já viu, senhor. — Bato uma falsa continência. Seu olhar negro desce por mim e sobe de novo.

— A melhor, com certeza — diz com um brilho perverso tingindo suas irises. — Vamos — rosna e dá a volta para tomar o lugar do piloto. Observo-o prender os cintos e fico intrigada, notando só agora que prendeu todos os

meus também. O que está aprontando? Tenho um pressentimento de que não conseguirei escapar dele hoje. Com esse pensamento, devo ter feito algum som porque T percebe e vira o rosto para me encarar. Os olhos escuros com aquele desafio de mais cedo. Estende a mão novamente.

— Venha comigo, Pietra — murmura. — O quanto você está

disposta a arriscar para ter o seu sonho realizado? O quanto está disposta a fazer para se tornar uma pilota?

Sem pensar, eu respondo na lata:

— Tudo. Farei tudo ao meu alcance para realizar meu sonho — digo com veemência. Seus olhos cintilam fugazmente, apreciando a minha resposta.

— Então, se liberte das suas

amarras e venha comigo. — Me vejo relaxando um pouco e aceito sua mão de novo. T a pega, dando um aperto suave, os olhos prendendo os meus e sussurra: — Isso, tigresa, o céu é o limite para nós.

Pressinto que estou ferrada a partir desse momento. Mas eu quero ir com ele. Terei coragem para me libertar no sentido que está sugerindo?



# Capítulo 3

***Você esteve buscando no escuro, como se não tivesse ninguém lá. Você acha que não tem ninguém lá... Deite a sua cabeça em meu colo, você pode confiar em mim. Feche os seus olhos e liberte-se...***

***(Beating Heart – Ellie Golding)***

# Pietra

T me abandona e passa a lidar com os muitos controles e comandos do painel sofisticado. Suspiro, parecendo uma criança deslumbrada. Ele vai me deixar operar alguns comandos? Me

pergunto, enquanto meus olhos ansiosos correm por todo o lugar. Estou familiarizada com as cabines de aeronaves, mas geralmente entro para servir o Comandante e o Primeiro Oficial, nada mais. Sua cabeça vira em minha direção. Ele tem um sorriso diferente, o rosto quase suave, livre da sedução e safadeza já tão familiares.

— Você escolheu essa profissão

por causa de seu pai? — pergunto e vejo seu rosto se fechar imediatamente. O que foi que falei?

— Escolhi por mim mesmo. — Seu tom é um tanto ríspido, o que é novo para mim. Começo a pensar que talvez não tenha tido uma boa relação com seu pai e fundador da companhia. — Sempre nutri uma paixão pelo céu.

Assinto.

— Eu posso entender. Claro que crescer com um pai piloto me influenciou, mas quero seguir a carreira por mim mesma, porque é o que faz o meu sangue pulsar e meu coração saltar — digo baixinho e a tensão vai se dissipando do rosto bonito. — Como é para você? — murmuro. Nunca lhe perguntei isso antes. Nunca conversamos coisas muito particulares, por opção

minha. Minha guarda sempre esteve muito bem levantada perto dele.

— É a mais louca e melhor sensação do mundo. — Seu rosto ganha vida, preenchido com paixão. — É viciante, como uma droga poderosa que não pode ser encontrada em nenhum outro lugar, a não ser o céu.

Sorrio levemente, gostando de conhecer esse outro lado dele.

— Eu imagino exatamente assim — digo, excitada.

— A postos, Primeira Oficial — sussurra, seus olhos escuros fitando-me com uma intensidade inquietante. Meu coração começa a saltar contra a caixa torácica enquanto o encaro. Pego o headset[9] sobre o painel, colocando-o. T dá um aceno leve de cabeça. — Preparada? — Balanço a cabeça

corajosamente, mesmo que esteja intimidada com ele desde o começo. — Acha que consegue decolar, tigresa?

Engasgo com sua pergunta Ele não deixaria... Deixaria?

— É seguro? — gemo com a pergunta idiota assim que ela sai da minha boca. Claro que é seguro. Por essa razão existem dois pilotos na cabine. Se um errar o outro corrige.

— Porra, agora fiquei preocupado com essa pergunta. — Sua risada é provocadora. Eu não tenho alternativa a não ser rir também. Credo, Pietra! Que mancada.

— Estou nervosa, riquinho — resmungo e ele torna a rir. O cretino está adorando me ver fora da minha zona de conforto. — Mas sim, quero decolar. — T levanta uma sobrancelha zombadora e

reformulo minha frase: — Sim, *consigo* decolar, comandante. — Levanto o queixo em resposta. Embora não voado na coisa real ainda, eu vejo meu pai pilotar desde muito pequena. Ele me ensinou muita coisa.

Aquele sorriso lento se abre em sua boca linda, os olhos escuros fixos nos meus.

— Essa é a minha garota — diz,

fazendo borboletas voarem em minha barriga. Ah, merda, estou ferrada, meu Brasil! — Isso, liberte a verdadeira Pietra. Eu a vi naquela primeira noite no bar. É aquela Pietra que me fascina. — Sua voz fica mais profunda e áspera, os olhos segurando os meus. Estou definitivamente em apuros aqui. — É aquela garota sexy e ousada que eu quero. — Meu Pai eterno... Ele pega seu

headset e o coloca. — Vamos, tigresa, nos leve para a pista. Já temos a liberação da torre de controle para a decolagem — instrui.

Minhas mãos suam, minhas pernas tremem. Mas me forço a respirar fundo. Ele está bem do meu lado e é um piloto excepcional, se eu fizer alguma barbeiragem, vai corrigir imediatamente. Inspiro, expiro e então,

procuro os controles e comandos certos. Verifico o nível de combustível, constatando que a aeronave está devidamente abastecida.

— Preparando para deixar o hangar — anuncio, tentando conter o leve tremor em minha voz. T confirma o procedimento em voz alta. Aciono o motor e seguro os manches. Ele vai confirmando cada comando. Controlo os

ailerons e profundores (superfícies móveis nas asas e cauda), respectivamente. Piso no freio, aumento o tamanho das asas com os flapes e slats. Em seguida, manuseio os manetes de potência e o monoplano começa a andar. Sorrio, suor frio escorrendo pelas minhas costas. Caralho! Eu vou voar!

— Saindo para a pista de decolagem... — T diz em sua voz

profunda. Está vendo o quanto estou além deslumbrada aqui. Eu repito em voz alta, deixando o hangar, manobrando o manche da direita, fazendo uma curva para entrar na pista de decolagem privativa. — Senhoras e senhoras, aqui é o seu Primeiro Oficial, Tristan Maxwell. Sua comandante, Pietra Ferraço, está muito emocionada em seu primeiro voo intercontinental e esqueceu

de saudá-los. — Rio com sua brincadeira boba para me relaxar. — Sejam bem-vindos ao voo 20200 com destino a Paris! Obrigado por voar com a HTL!

Torno a rir, meus olhos enchendo de lágrimas, não posso evitar. Ah, Deus, ele está apenas brincando, mas é o meu maior sonho: as rotas intercontinentais. Então, limpo a minha mente, focando na

tarefa de nos colocar no ar. Nos levo para a pista e respiro fundo.

— Senhoras e senhores, aqui é a sua comandante Pietra Ferraço, queiram desculpar meu Primeiro Oficial, ele é um tanto intrometido — digo, tentando a todo custo soar como eu mesma. A risada gostosa de T ressoa na pequena cabine. — Preparar para a decolagem. Obrigada por escolherem a HTL! —

Olho de lado e meu coração dá uma guinada com a expressão em seu rosto perfeito. É quase como orgulho. Ele ri de novo, lento, sensual. Putão lindo da porra! — Liberando freios... — Volto a me concentrar nos procedimentos e libero os freios, o avião passa a ganhar velocidade na pista. — Trem em cima. — Recolho o trem de pouso e pressiono os manetes, colocando potência máxima,

e em instantes, a sensação mais louca e perfeita percorre meu corpo quando de repente, parecemos suspensos. Caralho, não parecemos, *estamos* suspensos. — Oh, meu Deus! Puta merda! Estamos voando! — exclamo alto sem a menor vergonha de parecer uma tola perto dele.

Ele ri baixinho. Estou rígida, parecendo uma estátua e puxo o manche em minha direção, empinando o nariz do

pequeno avião e subimos mais e mais. Mais suor desce pelas minhas costas. Pareço um maldito cuscuz aqui, mesmo com o ar-condicionado em temperatura bem agradável. Lamentável... Urgh.

— Bem, foi um bom treino, mas agora, volte ao seu posto e deixe o comando com os meninos grandes — T diz e em seguida anuncia a rota que faremos: — Vamos sobrevoar o lago e a

hidrelétrica de Lajeado.

— Ok — é tudo que eu digo, minha adrenalina ainda em alta.

— Segure-se bem, tigresa. — Ele olha de lado, um sorriso inconsequente curvando sua boca e acrescenta: — Agora você realmente vai voar comigo.

— O que quer dizer? Já voamos juntos — aponto. Lança-me um olhar malvado que faz todos os pelos do meu

corpo arrepiarem. — O que vai fazer, T?

— Aprecie o passeio, linda! — exclama e me assusto quando o avião dá uma guinada, começando a subir ficando completamente na vertical.

— Tristan! Seu filho da puta! — grito alto, me segurando dos lados do banco, apenas as nuvens esparsas à nossa frente. Ele gargalha. Oh, meu

Jesus Cristo, ele é doido! T me confirma isso quando com outra guinada o monoplano faz uma curva para a esquerda e desce novamente na vertical, o nariz para baixo. Estamos bem acima do lago. Grito de novo, vendo a água se aproximando cada vez mais e ele não reduz a porra da velocidade. — Foda-se, seu cretino! — eu berro a plenos pulmões. O idiota ri com gosto e a

poucos metros da água ele reduz, colocando-nos na horizontal. A água está tão perto que parece que estamos em um hidroavião. — Ah, meu Deus, é... Muito foda! Lindo! — murmuro, mesmo me mijando nas calças.

— Lindo? Então, você não vai se incomodar se eu fizer isso... — Sorri e torno a gritar quando o louco gira o avião, nos colocando de cabeça para

baixo, num voo de dorso.

— Ah, porra, porra! Seu putão! — o insulto, e o idiota apenas ri mais. É o chamado voo de dorso. É estranha essa posição, mas me permito relaxar e apreciar as loucuras desse cara que mesmo depois de quase três meses de convivência, claramente ainda não conheço. — Ok, vamos lá! Me mostre o que sabe, riquinho! — desafio e sua

risada linda soa de novo. Meu Deus, a loucura é contagiosa.

Ele dá um meio giro, voando de lado, me deixando do lado da água. É assustador olhar de lado, mas ao mesmo tempo a adrenalina está inflamando minhas veias agora que o susto está passando. E o exibido torna a girar, mas dessa vez não para. Giramos uma, duas, três vezes e só então, volta à posição

normal. Se põe a mostrar todos os seus truques em seguida. Quando se dá por satisfeito, coloca o monoplano num voo rasante, percorrendo a extensão do lago, sentido Lajeado e Miracema, a primeira capital do Tocantins. Voamos baixo, vendo as serras dessa região, as fazendas e chácaras à beira do lago. A Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães surge à nossa frente, mais serras, muito

verde. Suspiro. Meu Estado é bonito pra caralho! Não devemos nada para as regiões metropolitanas. Em alguns minutos estamos sobrevoando Miracema, o Ponto de Apoio, porto das antigas balsas que operavam por aqui antes da construção da ponte sobre o Rio Tocantins. Vou dando uma de guia turística, contando a história da região para ele, que ouve com interesse agora

que está voando calmamente.

— Você costuma vir por aqui? — pergunta dando a volta para retornar à Palmas.

— Não muito, embora tenha parentes morando na cidade. — Dou de ombros.

— Você está bem? — pergunta, com um meio sorriso infame brincando na boca.

— E por que não estaria? — o encaro, desafiante.

— Adoro uma garota durona — murmura com uma de suas piscadas sacanas.

Quando aterrissamos de volta no aeroporto, uma sensação gostosa se infiltrou dentro de mim. Adorei o passeio. Adorei conhecer esse seu lado selvagem, mostrando que voar é mesmo

a sua paixão. Ninguém faz acrobacias como essas se não for um piloto muito foda. Quando o monoplano para no hangar, T sai e dá a volta, me ajudando a descer. Minhas pernas ainda estão bambas, mas jamais direi isso ao exibido. Uma garota precisa manter certa dignidade, concordam? Ele segura a minha mão, nos levando para fora, onde está a moto. O passeio acabou? Me

pergunto dividida entre querer continuar em sua companhia e correr para as montanhas. E a tal proposta?

— Tem um jantar nos esperando em minha casa — diz e fico ainda mais tensa com a menção do seu *abatedouro*. Ele adiciona: — Vamos conversar sobre a minha proposta, apenas isso, Pietra.

— Não estou dizendo nada —

zombo. Ele para do lado da moto, me lançando aquele sorriso zombeteiro, de quem sabe que sim, me amedronta. — Pare de me olhar com essa condescendência do caralho. — O fulmino.

— Então, pare de agir como uma adolescente assustada, tigresa. — Seu rosto fica sério e me entrega o capacete. — Essa não é você. Eu sei, você sabe,

então, pare de se esconder.

— Não estou me escondendo. Não pense que me conhece, Tristan, você não conhece nada sobre mim — retruco.

— Conheço sim, querida. Você deseja coisas que só eu posso te dar... — Torna a me lançar um olhar indolente. O idiota é tão arrogante. — Agora, suba na moto. Você vai pilotar na volta. — Seu tom é de absoluto comando, mas um

pouco da minha raiva vai pelo ralo com a perspectiva de pilotar a máquina imponente. Ouço sua risada baixa e rolo os olhos. Putão. Ele sabe exatamente os meus pontos fracos. Sim, droga, não sei como, mas ele sabe coisas sobre mim.

— Não pense que pode me comprar, me deixando decolar e agora pilotar essa moto, riquinho — aviso-o.

T pega o seu capacete e pisca para

mim. Eu coloco o meu, ajusto a alça da minha bolsa atravessada em meus ombro e torso e monto na moto. Uau. Confortável nem chega perto de descrever esse assento. É largo, acomoda minha bunda inteira. Pego o guidão e olho de lado. Ele está com o olhar cravado em meu traseiro empinado pela imponência da moto e inclinação do assento. Coloca seu capacete e gemo

baixinho quando monta atrás de mim. As coxas firmes aderindo às minhas perfeitamente. Sua virilha encosta em minha bunda, tenho certeza de que o idiota está se aproveitando da posição. Suas mãos mornas pousam em minha cintura nua e estremeço inteira. Deus, isso vai ser difícil... Respiro fundo e giro a chave na ignição. Meu corpo termina de inflamar com a máquina

potente vibrando entre minhas pernas, direto em meu clitóris. Acelero e manobro, nos levando pela pista lateral, para fora do aeroporto.

Em instantes pegamos a Teotônio Segurado. A noite está caindo e o vento batendo em meu peito, me faz sorrir. T parece sentir minha apreciação porque suas mãos apertam a minha cintura. O trânsito continua vazio e agradeço, uma

vez que não tenho costume de pilotar uma máquina com essa potência. Não exagero na velocidade, aproveitando o clima, milagrosamente ameno em Palmas. Em dado momento, sua mão espalma meu estômago, os dedos abrindo, deslizando suavemente em minha pele nua. Eu ofego. Que abusado. No entanto, meu corpo gosta dessa safadeza dele. Os dedos sobem até a

borda do meu sutiã, insinuando-se no v entre os seios. Depois voltam, insinuando-se no cós do short. Me assusto com a outra mão, apoiada sobre a minha coxa direita. Eu poderia parar a porra da moto e xingar o cachorro, mas não o faço. Não faço por uma razão simples e humilhante: eu quero esse putão. Contra toda a porra do bom senso, meu corpo incendeia de uma

forma assustadora quando estou perto dele. Então, eu não faço nada, exceto deixá-lo me tocar. A mão da coxa vem por dentro, subindo perigosamente perto da minha virilha. Estou tão perdida e excitada, que gemo de frustração ao entramos na 404 Sul, onde fica a sua cobertura. Ele me instrui a entrar na garagem privativa e logo estamos estacionando e desmontando.

Sem uma palavra, T apoia a mão em minhas costas e me guia para o elevador. O clima está carregado entre nós. Estou excitada, meu corpo todo quente, minha vagina alagada, latejando, pronta para a ação. Ele também, pelo volume que percebo na virilha do seu jeans. Já sei que é grande e grosso. Senti toda a sua potência quando me perdi em seus braços naquela primeira noite e

depois no casamento de Lenita e Ian quando dançamos juntos. Ainda estou com medo de entrar no covil do lobo, verdade seja dita. Porém, uma coisa já percebi nesse safado, ele não força a barra quando a garota diz não. Pontos para ele. Não demora muito estamos descendo direto no hall da sua cobertura e minha boca cai aberta. Na única vez que vim aqui, foi pelo elevador social e

Yuri me atendeu à porta, não vi nada aqui dentro. Me contenho para não assobiar baixo com o ambiente luxuoso da enorme sala. A decoração é toda em marrom escuro e bege. No canto há uma escada em espiral, que deve conduzir aos quartos. Uma parede de vidro lateral, oferece a visão de um jardim de inverno, e acima de cinco degraus, uma piscina ostentosa, tendo a balaustrada da

sacada como limite. As luzes de Palmas estão brilhando lá embaixo.

— Você gosta? — A voz profunda soa próximo ao meu ouvido, me fazendo arrepiar. Ando alguns passos, fingindo inspecionar a sala. Ouço sua risada baixa e zombeteira às minhas costas. — Quer beber algo enquanto nosso jantar chega? — Viro de frente para ele. Confiro o relógio, são apenas 18 h.

— Sim, uma *Bud* — digo e ele sorri com aprovação. Além da paixão pelo céu, temos mais uma coisa em comum, só tomamos essa marca de cerveja. T vai em direção ao bar no canto oposto da sala. Pega duas *long necks* e vem para perto, entregando a minha. — Não é muito cedo para jantar? — indago torcendo a tampa da minha, tomando um bom gole.

Ele faz o mesmo com a sua. Seus olhos seguram os meus enquanto o líquido desce em sua garganta e me pego cobiçando-o. Sua pele morena-clara bem cuidada, sua boca sensual, os cabelos escuros levemente revoltos do nosso passeio. Meu Deus, como pode alguém ser tão perfeito e ao mesmo tempo imperfeito?

— Vou pegar o jato daqui a pouco.

Estou na escala para Dubai, amanhã à tarde — informa e meu estômago cai com a notícia. Ele está indo embora hoje. Isso não devia me incomodar, mas incomoda. Droga, Pietra, você brincando com fogo.

— Ah. — É tudo que sai da minha boca. Então, limpo a garganta para me recuperar. — Pensei que os pilotos intercontinentais tivessem uma folga

maior. Parece que não é tão glamoroso quanto pensei, afinal.

Ele ri. Por alguns instantes ficamos apenas nos encarando fixamente.

— A profissão é 70% glamour e 30% cansativa — brinca, dando de ombros.

— Ainda é uma boa porcentagem. Vale a pena o risco. — Entro na

brincadeira e um brilho intenso tinge suas irises. Ele vai falar algo, mas o som da campainha o interrompe.

— É o nosso jantar — avisa e se vira, indo em direção à porta. Ouço vozes e em seguida ele volta com os braços carregados de embalagens do meu restaurante favorito. Aidan fez o serviço de agente duplo completo, o cretino.

— Eu ajudo — me prontifico, pegando algumas sacolas.

— Vamos colocar sobre a mesa perto da piscina — avisa e o deixo ir à frente.

Passamos os próximos minutos arrumando a mesa, perto da balaustrada. Quando terminamos, suspiro com a vista daqui de cima.

— Então é assim que o lado de cá

vive. — O olho por cima do ombro, alfinetando-o.

— Recolha seu sarcasmo, tigresa. Vamos jantar. Faça minha viagem para cá valer a pena. — Me dá uma de suas piscadas sacanas. O encaro com insolência, mas me sento, desdobrando um guardanapo. Ele trouxe mais duas cervejas e me sirvo de porções de camarão, mexilhão e arroz branco. Levo

uma garfada à boca, gemendo acintosamente. Ele ri e começa a comer também. Ficamos em silêncio por um tempo, apenas apreciando a comida. E no meu caso, suspirando pela vista daqui de cima e, também do homem à minha frente. Quando terminamos, ele limpa aquela boca linda com um guardanapo e toma um gole da sua cerveja.

— Obrigada. Adorei o passeio — lembro-me das boas maneiras. Mesmo que saiba que isso tudo não é desinteressado da sua parte. Ele quer algo. No caso eu, nua em sua cama.

— Não por isso, tigresa. — Dá de ombros, seu olhar crava no meu e percebo que a hora chegou. Enfim, vai me fazer a tal proposta. — Eu quero você. — Sua voz sai áspera e ofego

levemente pela intensidade queimando em suas irises ao dizer isso. Sei que não quer dizer no sentindo profundo da coisa, mas sua aparência derrete o meu cérebro e é por isso que nunca me permiti dar sopa para o azar. Isto é, até hoje.

— Eu não faço casual, Tristan — me obrigo a repetir meu mantra.

Seu olhar nunca desvia do meu.

— E eu não faço romance, Pietra — murmura e então, adiciona com a maior naturalidade: — Gosto de foder. Muito. De todas as maneiras que imaginar, mas romance não é comigo. — Puta merda! Engulo em seco, minha vagina latejando com sua admissão e palavras cruas. Minha nossa, eu não devia ficar excitada ouvindo um cara dizendo que gosta de foder, de todas as

maneiras, mas não faz romance. Sou uma vergonha total. Qual é a porra do meu problema? Em minha defesa, tenho os onze meses de seca. Argh. Limpo minha garganta e tomo um gole da *Bud* para ajudar contra a secura da boca. T me observa em silêncio por alguns instantes. Sua forma de olhar é inquietante, mexe com cada parte da caipira dentro de mim. É desafiadora.

Ele quer fazer coisas sujas comigo. — A proposta que lhe falei consiste no seguinte: — Se debruça, apoiando os cotovelos sobre a mesa, me intimidando de certa forma. — Você vem comigo para São Paulo, vou treiná-la pessoalmente, te transformar na melhor pilota que esse país já viu... — Minha respiração trava e meu coração começa a correr rapidamente.

— O-o que...

— Vou retomar a minha atividade na escola de pilotos da HTL e, deixe-me dizer, a nossa é a mais moderna do Brasil. Meu irmão está investindo pesado para nos levar ao topo no Brasil e América Latina — retoma, parecendo um homem de negócios, mas seu olhar para mim é faminto, predador, nada tem a ver com negócios. Não os lícitos, pelo

menos.

— E em troca? — pergunto, minha voz esganiçada. Ele está mesmo me fazendo uma proposta imoral dessas?

— Você me dá o que eu quero... — diz sem um pingo de vergonha. — Se torna minha até a nossa atração se extinguir. Vai poder se libertar e ser quem é de verdade, sem mais máscaras moralistas.

Eu fico muda. Estou ultrajada. Mas me envergonho em reconhecer que uma parte de mim está lisonjeada com sua porra de proposta. Ele é Tristan Maxwell, pode ter qualquer mulher que quiser, no entanto, está aqui... Meu Pai Eterno, pare com isso, Pietra! Não vá por aí. Não ouse aceitar algo tão indecente, sua idiota. Fico no meio das duas partes guerreando entre si.

— Por que eu? Você pode ter qualquer mulher que quiser? Por que cismou comigo? — pergunto, tentando controlar meu gênio. Eu devo sair agora, antes que me foda, literal e figurativamente.

— Você está certa, eu posso ter qualquer mulher que quiser. Mas agora quero você — admite e luto para não jogar os pratos nesse presunçoso. Seus

olhos ficam mais intensos quando sussurra: — Você será uma pilota e ainda poderá experimentar as coisas que tanto deseja, mas se envergonha por achar que é imoral. Me diga que não sente nada, que não quer foder comigo e te deixo em paz — me desafia e me levanto, pronta para ir embora. Cada segundo que fico aqui olhando em seus olhos, ouvindo suas palavras chulas,

mas que me deixam molhada e pulsando vergonhosamente, corro o risco de aceitar. Passo por ele, descendo os degraus apressada. Respiração ofegante. Preciso sair daqui. Agora.

— Isso, Pietra, fuja como está acostumada a fazer — zomba às minhas costas. Eu corto a sala, correndo para o elevador. Aperto o botão, mas uma mão grande pega meu pulso e me arrasta, me

prensando contra a parede do lado. Ranjo os dentes, tentando acertar o joelho em sua virilha, mas ele é mais rápido, se esquivando.

— Me deixe ir, seu filho da puta! — peço, mas minha voz está ofegante pela sua proximidade, seu maldito perfume invadindo minhas narinas. Sua cara de putão lindo bem próxima da minha.

— Não, eu não vou deixar você se esconder aqui nesse interior. Você nasceu para ser mais do que isso — ele range, espalmando as mãos dos lados da minha cabeça, me prendendo. — Pegue o seu sonho, Pietra. Estou te dando a chance....

— Chance? Não seja hipócrita, Tristan. Você está querendo que eu seja sua prostituta, seu cretino! — rosno. Ele

desiste de não me tocar e pega minha nuca, levando meu rosto mais perto do seu, enquanto a outra mão pega minha bunda em cheio. Ofego, minha vagina pulsando miseravelmente. Ele sorri lento e perverso.

— Essa irritação toda não é pela minha proposta. Está irritada porque embora ache imoral, você quer muito aceitar, Pietra. — Seu tom é baixo e

áspero, sua boca aproximando e mordendo a minha. A picada malvada me faz gemer, mesmo contra a vontade. Sua boca desce pelo meu queixo e pescoço, os lábios quentes sugando a pele. Convulsiono, ficando tão molhada e latejante que tenho vergonha. Sim, eu quero aceitar. O desejo demais. — Sua raiva é porque contrariando esse senso ridículo de moral que defende, você

quer ser a minha puta — continua com seu ataque verbal perverso. Eu solto um ganido, querendo ao mesmo tempo dar um tapa nele e beijá-lo, me render ao tesão insano que despertou em meu corpo. — Eu a quero em São Paulo, em meu território. Lá poderá se libertar e ser quem eu sei que você é. — Sua voz enrouquecida vai para o meu ouvido, me seduzindo sem pudor. A mão deixa a

minha bunda e gira pela frente, brincando no cós do meu short. Arfo, me segurando para não o tocar. — Quão molhada está agora, Pietra? O quanto sua boceta está pulsando e pingando para mim? — murmura, então, sua mão desce, afundando entre minhas coxas por cima do short. Eu engasgo... Respiro entrecortado e ele ri, esfregando meu monte com pressão lasciva. — Olhe

para mim — exige e me obriga a encará-lo, puxando meus cabelos da nuca. Gemo, ranjo os dentes. Tesão, ultraje, raiva, tudo misturado numa confusão em meu corpo. — Essa boceta vai ser minha. Eu sei e você também sabe.

— Não, eu não vou aceitar sua porra de proposta indecente! — Tento colocar minha bravata em dia. Mas minha voz sai apenas um choramingo

pela massagem que o cretino está fazendo em meu clitóris. Ele sorri malvado, os olhos escuros perfurando os meus.

— Você vai dizer sim, tigresa. Como me disse sim naquela primeira noite — murmura, a boca chegando mais perto da minha. Dá um puxão firme em meus cabelos e me seguro para não gemer. Seus olhos me cravam com fome.

— Você pode lutar o quanto quiser, mas no fim, irá para mim porque *eu* posso dar o que você quer.

— Não...

— Sim — afirma e então, sua boca se apossa da minha. Ah, Deus... Meu corpo inteiro convulsiona pelo prazer de sentir seu beijo de novo. Eu queria ter forças para empurrá-lo, mas em vez disso, desisto de lutar e o puxo

pelos ombros, abrindo a minha boca para a sua língua exigente. Tristan geme rouco e eu também. Nossas bocas se tornam vorazes, o beijo duro, cheio de tesão reprimido. Nos devoramos com tanto ímpeto que meus lábios ficam doendo. Suas mãos passeiam pela minha cintura nua, subindo para os seios, puxando o bojo do sutiã para baixo.

— Seu filho da puta... — protesto,

sentindo-o amassar meus montes, com firmeza, cravando as unhas na carne, puxando os bicos. A boca nunca deixando a minha, chupando a minha língua lascivamente. Corro as mãos pelos seus ombros e costas, apreciando os músculos firmes e quentes sob a camiseta. Raspo as unhas em suas costas e ele grunhe, enfiando uma mão pelo cós traseiro do meu short, pegando minha

bunda, apalpando, deslizando os dedos em minha racha. Torno a gemer, perdida de tanto tesão por esse homem. E foi por isso que nunca aceitei nenhum convite para ficarmos a sós. Eu sabia que ia dar merda. Ele me levanta pela bunda e esfrega o cume duro e grosso em meu clitóris. Eu choramingo em sua boca, precisando gozar pra caralho.

— Você me quer, porra. Sempre

quis desde o primeiro momento em que nos vimos. Admita — rosna, a boca descendo pelo meu pescoço, indo para a lateral, onde morde com força suficiente para me marcar. Convulsiono, rebolando, me esfregando em seu pau grande e grosso através das roupas.

— Sim, sim, seu putão. Sim — resmungo, completamente fodida. Sua resposta é um rugido e sua boca volta

para a minha, o beijo agora é mais lento. Nossas línguas se lambem luxuriosamente, enquanto nossos sexos continuam na fricção perfeita.

— Gostosa... Vontade de meter em você aqui mesmo. Vou acabar com essa boceta, porra — diz com aspereza e suga meu lábio com força. Sua ameaça faz um lampejo de bom senso passa em meu cérebro enevoado pela luxúria e

reúno forças, parando o beijo.

— Me coloque no chão, Tristan — peço, ofegando, querendo-o com uma força absurda, mas precisando me conter. Ele não é para mim. É errado. Tudo que está me propondo é imoral.

T ruge baixo e me coloca no chão, olhamo-nos, respirando com dificuldade.

— Se sente segura agora, tigresa?

Não ficará assim por muito tempo — zomba e se afasta alguns passos, puxando o celular do bolso. — Há um motorista lá embaixo aguardando você. — Seus dedos voam sobre o aparelho e em seguida seu olhar se levanta para o meu. — Vá para casa, Pietra. Tenho que voar agora, de qualquer maneira — informa e meu peito sofre um aperto ridículo com a iminente despedida. Eu

devia estar dando graças a Deus que ele parou, não lamentando, droga! O que há errado comigo? — ou esperar sua resposta até amanhã. Depois disso a oferta está fora da mesa — me intima, o rosto sério agora.

— É ultrajante o que está me propondo — retruco.

— Não, não é. É uma troca justa. As escolas de pilotos ainda são

preconceituosas com mulheres, infelizmente — argumenta. — Mas *eu* a colocarei dentro e treinarei para que passe nos testes da companhia. Quantas mulheres acha que se formam pilotas e conseguem emprego em grandes companhias? — Permaneço calada porque a porcentagem é bem pequena. O preconceito de gênero não é só nas companhias, mas entre os passageiros

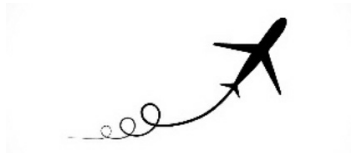
também. Soube de uma pilota que processou um cliente recentemente porque o idiota saiu do avião quando viu que era uma mulher a comandar a aeronave. Para piorar, o infeliz ainda proferiu palavras ofensivas. — Você estará dentro, basta se render a mim. — Abro a boca para contrapor, mas ele levanta um dedo. — O motorista está esperando. — Seu olhar escuro passa

por mim, voltando a ficar intenso. — Vejo-a em São Paulo.

— Adeus, Tristan. — Cerro os dentes com sua arrogância. Viro as costas, chamando o elevador, meus dedos trêmulos. Sinto seu olhar sobre mim e meu corpo estúpido continua quente, desejoso. A caixa finalmente chega e passo para dentro quando as portas de abrem. Me viro e ele está lá

no mesmo lugar, o sorriso vitorioso curvando sua boca.

— Te vejo em São Paulo, Pietra — repete antes de as portas se fecharem.



Tropeço dentro do meu apartamento e tranco a porta, me recostando contra ela. Ainda não acredito que o cachorro de fato, me fez aquela porra de proposta. Filho da puta!

Só porque tem dinheiro acha que pode comprar pessoas? Gemo, começando retirar minhas sandálias e andando pela sala em direção ao meu quarto. Eu quase cedi. Por pouco não o deixei me foder contra a maldita parede. Faço uma careta ao entrar no quarto. Retiro minhas roupas e tomo um banho relaxante. Deus sabe que preciso depois do furacão Tristan passar por Palmas. Visto meu

baby doll de malha fria e me deito, ligando a tv no suporte na parede à frente da cama. Me recosto nos travesseiros e minha mente vaga para a nossa tarde juntos. A tv fica em segundo plano enquanto as imagens preenchem meu cérebro tendencioso. Eu quero aceitar, essa é a verdade. Ele está certo, quero ser sua puta. Deus, ouvi-lo rosnando essas palavras degradantes me

inflama de tal forma que me assusta. O sexo com ele seria de outro mundo, tenho certeza. Além disso, mataria dois coelhos com uma cajadada só. Iria realizar o meu sonho e ainda saciaria a fome que estou por aquele safado gostoso. Talvez eu deva conversar com Aidan e Luíza. Rolo os olhos ao lembrar que os vira-casacas são do time de Tristan.

— Já sei! — exclamo em voz alta, pegando o celular no criado-mudo. Mila, minha prima mais nova e descolada, pode me ajudar nesse momento. Ela não conviveu tanto com Tristan como meus amigos traidores, então, vai dar uma opinião imparcial. Eu faço a chamada e depois do segundo toque, sua voz alegre soa em meu ouvido:

— Ei, Pi! — saúda e ouço o barulho em volta. Eles devem estar na fogueira que papai mencionou.

— Mila, preciso que vá para um lugar mais reservado e me ouça, está bem? Preciso da sua opinião sincera sobre algo, prima — digo séria.

— Espere um pouco — pede e aguardo alguns minutos na linha. Alguns instantes depois, ela volta a falar, já sem

ruídos em volta: — O que houve, prima? Está com algum problema? — gemo. Sim, um problema de 1,90 de altura e pura galinhagem naquele corpo. Conto-lhe tudo. Eu e minhas primas temos uma relação muito boa de confiança. Sempre podemos contar umas com as outras. Mila ouve atenta, ora fazendo sons surpresos, ora rindo. — O que você quer fazer, Pietra? — pergunta com

seriedade.

— Ora, eu liguei para perguntar exatamente isso, Mila — reclamo e ela ri um pouco.

— Você quer aquele cara, prima. — Sua voz volta a ser séria. — Pare de pensar tanto. Pegue o que o gostosão está oferecendo, goze bastante e siga em frente no final, sendo a pilota fodástica que sei, você será. — Meu coração salta

com suas palavras. E paro, percebendo que liguei para Mila, não para Luana, minha irmãzinha romântica. A decisão já estava tomada. Dentro de mim eu sabia que iria ceder. Pelas razões óbvias que levou o cretino a me fazer essa proposta: eu quero ser pilota e, também quero ir para a cama com ele. Eu quero experimentar o sexo sujo com o qual vem me tentando desde que nos

conhecemos.

— Você já sabia — murmuro. Ela ri do outro lado.

— Qualquer um que tenha visto vocês juntos nesses últimos meses, sabe que o tesão aí é nível hard, prima — brinca. — Falando sério, você é a garota mais corajosa e decidida que conheço, agora pare com essa merda e vá sentar naquele gostoso.

Resmungo. Droga, vou aceitar essa proposta indecente? Quando desligo fico olhando meu celular como se fosse uma bomba-relógio pronta para explodir na minha cara. Ele acha que vou remoer essa merda até amanhã. Acha que sou covarde por não ceder antes. Vou me antecipar e surpreendê-lo em seu próprio jogo. O cretino não vai me intimidar. Nunca fui tola, mas esse

cara me afeta demais, esse é o problema. Então, me munindo da coragem e ousadia que vou precisar para lidar com um cara como Tristan Maxwell, eu digito a mensagem que mudará minha vida:

*Pietra: Eu aceito.*

## *Três meses depois... São*

*Paulo, Brasil.*

# Tristan

Eu entro na antessala do escritório de H, na Av. Paulista. O prédio inteiro é nosso. Mas usamos apenas alguns andares para a companhia. O restante alugamos para outras empresas e

escritórios de advocacia, como o de Alberto, por exemplo. Por falar nele, é a primeira cara que vejo. Faço uma careta para ele. Cheguei de Dubai nessa madrugada e o idiota me ligou logo cedo, me intimando a participar de uma porra de reunião. Avisei que não viria e desliguei em sua cara, mas ele ligou de novo, o filho da puta insistente. Garantiu que era assunto sério, então, cá estou eu,

querendo estrangulá-lo.

Entramos na sala de meu irmão.

— Espero que seja realmente importante, *Albie* — alfineto-o, ocupando uma das cadeiras na frente da mesa. — Cheguei às três da manhã, cara. Um homem precisa de repouso de vez em quando — ele expira.

— Uh, desculpe, *bela adormecida* — zomba. — E sim, é muito importante

ou eu não me obrigaria a olhar para essa sua cara feia logo de manhã.

Estreito os olhos e então percebo Luciana no recinto.

— Ei, querida, que maus modos os meus. Bom dia. Como você está? — Uso meu charme apenas para zoar com o advogado. Funciona porque ele rosna:

— Cresça, Tristan.

— Bom dia, Tristan — Luciana

responde com um sorriso cortês. — Estarei na minha mesa caso precise de mim, Heitor — informa e pede licença, nos deixando a sós.

— O que é tudo isso, Alberto? — H, franze o cenho impaciente. Sua cara não está nada boa esta manhã.

Lembram que no Natal mencionei minha preocupação sobre meu irmão fazer alguma merda e afastar Sofia? Pois

é, não deu outra. H se ferrou legal. O bobalhão caiu na lábia de uma antiga amante e meteu os pés pelas mãos, desprezando a bonitinha. Resultado: ela o flagrou com a vadia da ex-amante e quase perdeu o filho que estava esperando. De lá pra cá a coisa só desandou para meu irmão. Sofia pediu o divórcio e os dois se separaram legalmente há dois meses. Ela está

grávida de seis meses e morando com minha avó. H? Como disse, meu irmão está completamente fodido. Estava apaixonado, mas não quis aceitar, agora vive chorando e lamentando por ter perdido a mulher de sua vida, e de quebra, a chance de ficar perto de seu filho. Eu e vovó temos andado pisando em ovos ao redor dele e de Sofia. Não queremos tomar partido. É muito difícil

ver o quanto ainda se amam, mas por um erro estúpido de meu irmão, a bonitinha se nega a lhe dar outra chance.

Alberto está fazendo uma careta quando levo minha atenção para ele.

— Você está bem? — pergunta a H, preocupação marcando suas feições.

— Você sabe a resposta para essa pergunta, amigo — o bastardo mal-humorado, resmunga. — Agora responda

à minha.

Ele se acomoda na outra cadeira e coloca uma pasta sobre a mesa.

— Lembra de Logan Reed? — pergunta, abrindo a pasta, apontando uma foto 3x4 do cara. O nome me é familiar, mas não tenho certeza.

— Sim. O palhaço que foi selecionado para uma das nossas concorridas vagas de engenheiro

aeronáutico e nos esnobou ao ligar um mês depois dizendo que “não estava mais interessado” — H rosna. Ah, esse. Me recordo agora.

— Esse mesmo. — Alberto acena, muito sério, como se estivesse na porra do Fórum: — Ele está subindo agora, acompanhado de seu advogado, para uma reunião com vocês.

— Comigo também? — reclamo.

— Cara, há duas razões para eu nunca ter contestado H como CEO. A primeira, ele adora usar ternos. A segunda, e essa é a mais importante, posso ficar livre das reuniões tediosas — debocho, fuzilando Alberto: — Você acaba de entrar para a minha lista negra. Eu nem conheço esse cara, porra.

H está ressabiado também pela sua expressão.

— Por que ele está subindo com o advogado, certo de que vou atendê-lo sem hora marcada? — pergunta e fico alerta. Sim, isso é muito estranho. — E por que diabos está com essa cara, Alberto? Te conheço bem. Desembucha.

— Seu nome completo é Logan Reed... — Alberto diz e faz uma pausa, seu olhar desviando de H para mim e voltando para ele, completando: —

Maxwell.

— Maxwell! — exclamo, estranhando pra caralho. — Muita coincidência... — continuo, semicerrando os olhos em Alberto. — Ou não, tendo por base a cara de dor de barriga que está fazendo agora.

— Minha paciência esgotou, Alberto — H range.

Alberto continua com sua cara de

dor de barriga, o que significa que o assunto é sério.

— Ele alega ser filho de Logan Maxwell, irmão de vocês, Heitor.

— Porra! — torno a exclamar. Que diabos ele está dizendo?

— Desde quando está a par disso? — Meu irmão faz uma cara de poucos amigos para Alberto.

— Desde ontem à noite — ele

responde, parecendo sem jeito. — Tentei ligar hoje, mas o seu celular estava desligado. — H fica sem jeito também.

O interfone toca sobre a mesa, cortando as explicações de Alberto. Luciana avisa que o tal Logan está lá fora, com o advogado, querendo que H o atenda. Meu irmão esfrega as têmporas e franzo o cenho. Ele parece mesmo uma

merda nesta manhã. Não apenas nesta manhã, para ser sincero. H está perdendo massa muscular, ficando magro e com aparência de doente. Deus me livre de cair nessa armadilha chamada amor. E ao pensar nisso, a imagem dela surge em minha mente. Pietra. Sim, ela aceitou a minha proposta, caso esteja se perguntando. Porém, seu pai teve um infarto depois do

Ano Novo. Pietro teve que fazer uma cirurgia de emergência e a tigresa não quer deixar seu pai ainda, visto que seus irmãos mais velhos se mudaram para os Estados Unidos no mês passado. Eu não a pressionei. Estou lhe dando tempo para cuidar de seu pai e resolver o que tiver que resolver por lá. Quando ela vier para São Paulo, será para se entregar a mim completamente.

Conversamos nesse interim e colocamos tudo em pratos limpos. Quando eu pegar aquela cachorra. Meu fluxo de pensamentos lascivos é cortado com a porta se abrindo e dois homens entrando na sala. O mais jovem é moreno, alto, bem construído e está trajando jaqueta de couro preta e uma calça jeans surrada. Acho-o familiar, talvez alguns traços meus, mas faço

careta ao ver seu semblante fechado, diria até assustador, ao encarar H. Uh, qual o problema desse cara?

— Bom dia, senhores. — O mais velho, que deduzo ser o advogado, tenta soar simpático. — Sou Nelson Moraes, advogado do senhor Logan Reed Maxwell. — Percebo a satisfação do homem ao anunciar seu cliente. — Obrigado por nos receber, senhor

Maxwell. — Estende a mão para H, que aceita o cumprimento com uma cara de poucos amigos, tal qual nosso pretenso irmão bastardo.

Em seguida, me cumprimenta e a Alberto. Quando minha atenção retorna para o tal Logan, vejo nitidamente a animosidade entre ele e H, que além de ter um humor de merda, não está em um bom momento. Alberto quebra sua

competição sobre quem tem o maior pau, sugerindo irmos para a sala conjugada, onde há uma mesa para pequenas reuniões. Vamos todos para lá e nos sentamos ao redor da mesa. Me mantenho quieto, analisando nosso pretenso irmão. Que diabos nosso fodido pai andou aprontando mundo a fora? Pergunto-me carrancudo.

— Sou Logan Maxwell. Levo o

mesmo nome de meu pai, o grande piloto americano que se tornou empresário de sucesso aqui, no Brasil — o cara se apresenta numa voz pomposa. Quero vomitar. Ele está tão enganado sobre o velho, porra.

— O que mais você leu na biografia do meu velho? — H verbaliza meu pensamento.

Logan lança um olhar assustador

para H, as mãos fechando em punhos sobre a mesa. Ele não parece um cara que pensa antes de agir. Franzo o cenho. Ok, eu também não sou o mais indicado para criticar alguém nesse sentido.

— Minha mãe me disse que você — ele cospe, olhando entre mim e H. —, vocês dois impediram o meu pai de me reconhecer legitimamente. — O bastardo está irado. — Vocês o tiraram

de mim enquanto eu crescia. Eu o vi umas três ou quatro vezes, tudo porque os idiotas mimados dos filhos legítimos não me queriam por perto!

H dá uma risada seca.

— Bem, está reclamando do quê? — ironiza o *maluco beleza.* — Você provavelmente viu o nosso *querido papai,* mais do que eu e o Tristan.

Bufo, cruzando meus braços,

fechando cara. Odeio qualquer menção ao meu progenitor filho da puta.

— O que quer dizer com isso? — Logan parece confuso. Ele não sabe o que o espera.

— Faremos os exames de DNA e depois voltamos a conversar — H informa, ignorando sua a pergunta. — Se for mesmo nosso irmão...

— Eu sou filho de Logan

Maxwell, mas isso não significa que quero ser irmão de vocês — o idiota retruca secamente.

— Cara, pondere as palavras. — Não seguro um grunhido. Que filho da puta sem educação. — Ou não será convidado para as movimentadas reuniões em família — digo com sarcasmo.

O cara me estuda com desdém.

— E esse idiota deve ser Tristan.

Mas que bastardinho abusado! Ranjo os dentes para ele.

— Sim, esse é Tristan, *meu* irmão — H rosna, me defendendo como sempre fez. — E ele está certo. Meça suas palavras.

— Claro, *seu* irmão — debocha. — Eu não faço nenhuma porra de questão, babaca — range os dentes e eu

arreganho os meus em sua direção.

— Aconselho-o a conter seu cliente, senhor Moraes — H adverte com sua voz mais fria do que o ártico.

— Essa reunião está encerrada! — Levanta-se, voltando para a sua sala. O bastardo segue atrás dele e me levanto também, percebendo que vai dar merda. Logan confirma minha preocupação soltando uma risada debochada,

perseguindo H. Ele parece estar à procura de confusão.

— Você é sempre assim, *irmão?* — pergunta com deboche. — Como está a sua esposa? Ela está grávida, não é? — Eu fico puto com a audácia do bastardo. Dá para ver o ódio dele por nós, como se realmente fôssemos culpados por ele ter tido o azar de nascer filho de nosso fodido pai. — Oh,

esqueci... Aquela coisinha linda o abandonou. É por isso que está tão zangado, poderoso Heitor Maxwell?

H se vira para Logan e não conta história, lhe dá um soco na boca. Sua cabeça pende para trás com a força do golpe. Então ele encara meu irmão e sorri antes de entregar um soco duro no olho de H. Porra!

— Porra! Parem com essa merda!

— brado, me colocando no meio dos dois. Abraço H pela cintura e o retiro de perto do irritadinho.

— Seu bastardo de merda! — meu irmão vocifera.

O cara sorri para nós, os dentes sangrentos. Jesus, que filho da puta louco!

— Vou querer todos os meus direitos, estejam avisados! — Logan

avisa como uma ameaça.

— Ei, ei, qual o seu problema, cara? — Perco a paciência ainda do lado de H. — Baixe a bola, porra! Qual a sua idade? Quinze anos? Vamos resolver isso de forma civilizada. — Tenho a impressão de ouvir H bufar.

O advogado do bastardo o aconselha a sair para esfriar a cabeça e respiro fundo quando a dupla deixa a

sala.

— Eu não queria socar o bastardo, porra — H resmunga, sentando pesadamente sobre sua cadeira, correndo as mãos pelo rosto.

— Vou pegar gelo para esse olho, Heitor — Alberto diz com ar reprovador e vai para o frigobar no canto oposto da sala.

— Se serve de consolo, até eu que

não aprecio a violência gratuita queria socar o babaca — digo, apertando seu ombro, tentando lhe dar o apoio que precisa nesse momento. Ficamos um instante calados e pergunto: — Acha mesmo que é nosso irmão?

— Sim, ele se parece com você — H me alfineta. Eu bufo alto.

— De jeito nenhum, cara. Eu ainda continuo com o posto de irmão

Maxwell mais bonito. Obrigado — desdenho.

H me olha feio. Alberto chega com uma trouxa de gelo e H a pega, pressionando sobre o olho agredido, que já está inchado. O bastardinho tem um braço potente.

— Estou falando sério, T — grunhe.

— Eu também, H. — Dou-lhe uma

piscada para aliviar o clima. Ele ri a contragosto, mas ri. Gosto disso.

— Ele é um babaca cínico e irônico, essa parte se parece comigo. — Seu tom é cheio de sarcasmo e tenho que concordar, rindo e balançando a cabeça.

— Sim, talvez ele seja nosso irmão, no final das contas. Porra! Temos um irmão mais novo, H! — Me vejo um pouco entusiasmado. — Caralho, e ele é

um filho da puta revoltado — assobio, rindo e adiciono: — O trocadilho não foi intencional.

Meu irmão acaba rindo mais uma vez.

— O que acha disso, Alberto? — indaga, desviando o foco para Alberto.

— Eu acho que a história é verdadeira. Há o nome do seu pai no registro de Logan. — Aponta a pasta

sobre a mesa. — Dê uma olhada depois.

— O que vamos fazer, mano? — pergunto a H, agora sério. Se temos mesmo um irmão, precisamos tentar chegar perto dele. Crescemos apenas nós dois, solitários. Eu ia gostar de ter mais alguém em quem confiar.

— Se ele tiver nosso sangue, vamos acolher o irritadinho. Isso é o que faremos, mano — diz com firmeza. —

Vamos corrigir a merda que o nosso velho fez com ele.

— Como pretende fazer? — indago, um sorriso brincando em minha boca com as infinitas possibilidades. — Cara, isso promete ser divertido.

H grunhe e Luciana chama pelo interfone informando que o café da manhã chegou. Encomendei para tomar com meu irmão e fazê-lo cair na real:

vai ficar caído e não terá mesmo nenhuma chance com a bonitinha, que recentemente está dando mole para o seu médico. O tal é muito mais jovem do que H e além disso, é bonitão. Meu irmão estará ainda mais fodido se não se cuidar. Ele acaba cedendo e tomando café comigo e então, lhe conto sobre Sofia e a proximidade com o tal Bruno. Eu juro que nunca vi H tão derrotado.

Mas espero que tome uma atitude e logo.

— Porra, ela é minha! Me pertence! — Ele bate o punho sobre a mesa, me assustando.

— Então, pare de agir como um fodido maricas e vá à luta pela sua mulher, irmão. — O encaro com seriedade. — Você não está ficando mais jovem...

Seus olhos azul-gelo me fuzilam.

Seguro um sorriso. Bem no ponto.

— Está me chamando de velho, irmão? — rosna. — Talvez esteja sentindo falta de ter sua bunda chutada em nossos treinos.

Eu gargalho. Adoro provocar meu irmão.

— Oh, eu mexi com seus brios, irmão? — zombo, jogando mais rosquinha inteira na boca.

— Amanhã, no mesmo horário, idiota. — Ele cerra os dentes.

— Tem certeza de que não quer uma ou duas semanas para você sabe, recuperar a boa forma antes de me desafiar para um combate? — Dou uma piscada condescendente e ele torna a rosnar.

— Foda-se, T — grunhe, mas pega outro pão e se serve de mais café

com leite.

Bom. Muito bom. Ficamos um pouco em silêncio enquanto fazemos nosso desjejum.

— Acha que ela irá me perdoar em algum momento, irmão? — pergunta com tanta tristeza na voz e rosto que fico me sentindo mal por provocá-lo.

— Eu torço para que sim, H — digo sério. Ele assente.

— T? — Eu o encaro. — Quando encontrar uma mulher que mereça a sua confiança, não faça a mesma merda que eu, mano.

— Obrigado pelo conselho, mas isso nunca irá acontecer, mano — digo e ele rola os olhos. — Estou muito bem da forma que estou.

E eu realmente estou. A única coisa que está faltando é Pietra dar as

caras para fodermos até o esquecimento. Espero que deixe de ser uma cadela e pare me cozinhar.



# Capitulo 4

***Então, segure firme. Não sei aonde essas luzes estão nos levando. Mas alguma coisa na noite é perigoso e nada vai parar nós dois...***

***(Dangerous – David Guetta)***

*Um mês e quinze dias depois...*

# Tristan

Eu inalo a cabecinha perfumada

de Theo. Não tenho qualquer familiaridade com bebês, porém, tive que me inteirar de algumas coisas porque quero ser um padrinho de respeito para meu sobrinho. O moleque foi bem apressado e nasceu há duas semanas enquanto eu estava em escala na Europa. Devido a uma intensa nevasca, os aeroportos ficaram fechados por dois dias, me impedindo de estar do

lado de Sofia, como havíamos combinado. No entanto, foi até bom esse imprevisto por que dessa forma, ela permitiu a aproximação de H. Seu pai faleceu e isso foi demais para a bonitinha, que acabou entrando em trabalho de parto após o enterro. Levanto minha vista observando sua interação com meu irmão. Ela ainda está dificultando a vida de H, caso estejam

se perguntando. Às vezes chego a pensar que não vai perdoá-lo, porém, não digo a ele. H está sofrendo muito com o desprezo dela. Por outro lado, compreendo as razões de Sofia. Ela era, *é* apenas uma menina, meu irmão não tinha o direito de invadir sua vida de forma tão abrupta e imoral.

Franzo o cenho ao pensar nisso. A proposta que fiz para Pietra, há quatro

meses, me dizendo que estou sendo um hipócrita de merda. Sou exatamente como meu irmão, lançando mão de ações imorais para atingir meus objetivos. Em minha defesa, a tigresa tem vinte e cinco, está longe de ser uma menina, embora seja oito anos mais jovem do que eu. E será apenas sexo. Não estou exigindo que a garota me dê um herdeiro, como H. Não, filhos não

estão em meus planos por agora. Talvez nunca. Não há nada melhor do que sexo sem compromisso, sem cobranças. Amo a minha liberdade sexual e não vou abrir mão dela por uma mulher e uma casa com a maldita cerca branca. De jeito nenhum. Foder uma variedade de bocetas é o que me excita. No momento, a boceta de Pietra está no topo da lista. Isso me lembra que já era para a

cachorra ter vindo para São Paulo. Se está achando que vai se livrar de mim, terá uma surpresa. A deixei tranquila todo esse tempo porque não queria parecer desesperado, além de, claro, entender que precisava dar atenção ao seu velho.

Sua família é realmente uma família e eles cuidam uns dos outros. Seus velhos são verdadeiros pais,

merecem o cuidado e preocupação dos filhos. Então, foi só por isso que a deixei livre. Todavia, Pietro já está completamente recuperado, pelas fotos que vejo no Instagram da tigresa. Sim, eu vejo tudo que posta como um maldito stalker. E, porra, ela está gostosa pra caralho. Ontem postou fotos de biquini à beira do lago na chácara de seus pais. Aidan e Luíza junto com ela, como

sempre. Não tenho vergonha de admitir que me masturbei olhando as fotos. O corpo com que tenho sonhado por sete meses do caralho parece ainda melhor. Ela é alta, com curvas nos lugares certos. Uma cinturinha fina e uma bunda que me faz salivar cada vez que posta as malditas fotos. As coxas longas e levemente musculosas, pois adora dançar e, também faz academia

religiosamente. Às vezes penso que a safada posta essas fotos com os malditos biquinis minúsculos apenas para me deixar louco. Ontem postou uma que estava sem a parte de cima, deitada de bruços sobre uma espreguiçadeira, os olhos semicerrados para a câmera. Deliciosa. Tenho notado algo diferente nela através dessas fotos. Parece mais livre, travessa, ousada.

Meu tesão chegou a um nível que precisa ser extravasado, e outras não estão mais servindo como paliativo. É ela quem eu quero. É nela que quero gozar bem fundo. A cachorra parece saber disso porque sempre tem um sorriso provocante quando encara a câmera, como se estivesse olhando para mim, apenas para mim, zombando da minha miséria. Comi muitas bocetas

nesse interim, não vou mentir. Contudo, para ser sincero, nenhuma dessas meu deram o verdadeiro alívio. Não, nem perto. Sabe aquela gozada que faz ficar de perna bamba? Tem muito tempo que essa não vem para mim. Talvez seja porque estou obcecado com essa garota. Quando eu enfim afundar meu pau todo nela... Seguro um gemido. Frustração sexual é algo que nunca experimentei

antes. Sempre comi toda garota que desejei. Aí Pietra apareceu e está me fazendo suar como nunca. São sete meses do caralho esperando por aquela garota. Jamais fiquei tão doido para ter uma mulher em toda a minha vida. Que porra de feitiço a cachorra me lançou?

Nos falamos com certa regularidade nesse período, poucas ligações, pois priorizei as mensagens

para não dar uma ideia errada de intimidade. No entanto, já tem mais duas semanas que nos falamos a última vez. Ela ligou na ocasião do nascimento de Theo, me parabenizando e desde então, não nos falamos mais. Nos últimos dois meses tenho estado ocupado também com a abertura de outra casa noturna em São Paulo. Há sete anos, comecei a investir em entretenimento. Já são quatro

casas noturnas com essa. É algo que gosto e posso unir o útil ao agradável... Meus estabelecimentos são concorridos devido a uma peculiaridade: há salas de foda onde tudo acontece livremente. Nossos clientes são a nata da nata. Empresários e artistas de alto escalão, jogadores de futebol famosos daqui e de fora, frequentam nossas salas e, deixe-me dizer, não deixam nada a desejar

para as baladas mais liberais de Paris. Voltando à minha tigresa, os negócios me mantiveram em São Paulo, mas talvez eu deva ir à Palmas, comer aquela putinha lá mesmo, mostrar quem sou eu de verdade. Até agora tenho sido muito suave perto dela porque... Não sei, não tenho ideia da razão de eu não pegar tão pesado com ela como faço com as outras. Começo a pensar que deixei essa

ficar muito confortável comigo.

— Não, não precisa ir comigo. — A voz cheia de desagrado, me puxa da minha frustração sexual. Sofia está negando algo para H, para variar. — É só uma consulta de rotina.

— Aquele babaca está de olho na minha mulher. Eu vou com você — meu irmão retruca. Posso ver a raiva e ciúme em seu semblante. Deduzo que estão

falando sobre o médico de Sofia, que por acaso é aquele jovem e bonitão que mencionei antes.

— Não seja ridículo, Heitor. Estou de resguardo, caso não tenha percebido. — Sofia o fulmina. — Além disso, o deixei ficar aqui por causa de Theo. Não ouse se referir a mim dessa forma. Estamos divorciados, é bom que se lembre disso.

Meu irmão expira profundamente, passando as mãos pelo rosto. Me sinto um intruso aqui vendo a animosidade latente entre eles, mas também o amor ainda vivo em seus rostos. Dá para ver nitidamente na expressão de Sofia quando observa H cuidando de Theo. Ela ainda o ama, mas está muito ferida. Situação complicada essa deles.

— Está bem. — Ele vira para

mim. — T, você pode ir com ela, não é?

Engulo em seco com a expressão derrotada de meu irmão. Porra, isso é muito ruim.

— É claro, mano — garanto-lhe. Eu fui seus olhos durante a gravidez de Sofia, visto que ela não o deixava chegar perto. — Fique tranquilo.

Ele assente e vem para perto, estendendo as mãos para pegar Theo. O

entrego e vejo o semblante de meu irmão mais velho, antes duro e frio, amolecer completamente. Ele encara o filho com os olhos azul-gelo cheios de amor.

— Vamos tirar uma soneca, filhão? — murmura com a voz mais suave que já ouvi saindo de sua boca e anda com Theo em direção ao berço. Olho para Sofia e ela está observando a cena com aquela expressão que

mencionei: um misto de amor e dor.

— Eu vou descansar um pouco também — anuncia e se levanta da poltrona onde esteve amamentando Theo quando cheguei.

Troco um olhar com H e sigo atrás dela. Pego seu braço antes que entre em seu quarto. Ela está na casa de minha avó. H também está ficando aqui desde o nascimento do bebê e inclusive, para

espanto de todos, tirou folga da HTL para ajudar Sofia com o filho. Ninguém pode acusá-lo de não estar se esforçando.

— Você está bem? — pergunto em tom suave para desarmá-la. Ela se vira completamente para mim, arrumando o penhoar sobre a camisola.

— Você não tem que ir comigo, T. Você já fez muito e...

— Ei, ei, pode parar com isso, Sofia — continuo em tom ameno —, sou seu amigo e padrinho de Theo. Eu gosto de você, realmente. — Toco seu rosto, mostrando sinais de cansaço. — Tente descansar e deixe H ajudar mais com o bebê, ele se preparou para isso.

Ela faz carranca.

— Ele está aqui, não está? — resmunga.

— Sim, você mostrou maturidade deixando-o ficar perto. Agora pense em Theo e deixe seu pai lhe dar carinho e cuidado, tudo que ele não teve quando era pequeno — peço-lhe. Deve ser a seriedade em meu tom que faz com que Sofia balance a cabeça em anuência. — Deixe-o ser um bom pai para Theo, bonitinha, pare de ser encrenqueira.

Ela meio que ri a contragosto.

— Está bem, eu vou parar de implicar — garante e eu levanto minhas mãos para o céu exageradamente. Ela rola os olhos, o rosto suavizando. — E você? Como está a preparação para a inauguração da casa noturna?

— As coisas andaram bem essa semana. Acredito que no próximo mês já podemos fazer um agito de respeito por lá. — Eu pisco, rindo maliciosamente.

— Não quero nem imaginar que tipo de agito uma casa noturna de sua propriedade possa ter. — Ela ri abertamente agora.

— Ei, assim você fere meus sentimentos, bonitinha. — Coloco a mão sobre o meu peito teatralmente. — Sou um homem de bem.

— É claro que é. — Ela rola os olhos, mas fica séria em seguida. —

Obrigada por tudo. Você é o melhor amigo que uma garota poderia ter, sabia?

Eu rio presunçoso.

— Além de mais bonito. — Torno a piscar. Dá uma risada alta e fico contente por tê-la feito esquecer um pouco da merda entre ela e meu irmão. — Vá descansar, bonitinha — murmuro, me inclinando e depositando um beijo

no topo da sua cabeça.



Cerca de trinta minutos depois, costuro o trânsito na Av. Paulista, montado em uma de minhas oito meninas. A Harley responde ao meu comando, o vento batendo em meu peito. Yuri está fazendo o que pode para não comer poeira, mas inevitavelmente o faz, porque é medroso sobre duas rodas.

Em instantes, estou diminuindo a velocidade e passando pela guarita da sede da HTL. Hoje é o segundo dia de aula teórica da nova turma de pilotos. Retomei minhas atividades em janeiro, como havia avisado a H e tem sido muito bom. Gosto de passar todo o conhecimento acumulado para novos profissionais. Além disso, com a tensão entre H e Sofia, veio a calhar a redução

das minhas escalas internacionais. Pude estar mais perto, caso a bonitinha precisasse de mim. Yuri entra no elevador junto comigo, rolando os olhos quando sorrio com superioridade por deixá-lo para trás.

— Procure uma sala e fique por lá. Sou o instrutor, é estranho pra caralho você ficar do lado da porta do começo ao fim da aula, cara — zombo.

— Já protegi crianças que eram mais maleáveis do que você, cara — ele retruca. — Mas sim, ficarei na biblioteca e me avise quando sair.

— Sim, papai — digo com deboche. O elevador para no vigésimo primeiro andar onde funciona nossa escola de pilotos.

Saímos e meu segurança toma o corredor que leva à biblioteca enquanto

sigo para a minha sala. Ouço vozes animadas e rio levemente. É sempre bom iniciar uma nova turma, ver e sentir a empolgação deles. Quando entro, a conversa cessa imediatamente. Hoje farei uma palestra sobre a profissão, suas vantagens e desvantagens.

— Boa tarde — cumprimento-os com um sorriso cordial. Para variar, não há nenhuma mulher na turma. Estive

conversando com H para pensarmos em algum programa especial para as mulheres que querem em ser pilotas. A Avianca desenvolve algo nesse sentido e tem obtido sucesso, oferecendo chances de mais mulheres ingressarem nesse meio esmagadoramente masculino. Para ser sincero, nunca tinha parado para refletir a respeito, antes de encontrar Pietra. A partir daí é que fiquei atento e

me sinto um tanto envergonhado em dizer que na HTL, de um total de 2.008 pilotos, apenas 30 são mulheres. E dessas 30 apenas 6 são comandantes. É um meio misógino, essa é a verdade. A LATAM, nossa maior concorrente, está à nossa frente com 8 mulheres comandantes. Precisamos mudar esse cenário se quisermos ganhar a dianteira no mercado nacional. A mulher vem

ganhando cada vez mais espaço em profissões antes predominantemente masculinas. A empresa precisa levantar essa bandeira o quanto antes.

— Como informado ontem, hoje vamos conversar sobre a profissão. Estejam à vontade para tirar todas as suas dúvidas e...

— Com licença... — Sou interrompido pela voz rouca e familiar

penetrando em meus ouvidos.

Porra... Meu corpo inteiro estremece, sofrendo espasmos de prazer, meu coração bombeando loucamente. *Pietra.* Eu viro a cabeça para a porta e minha respiração trava por um instante com a visão dela em carne e osso em mais de quatro meses. Está ainda mais bonita do que me lembrava, ou nas fotos da porra do Instagram. Linda é pouco

para descrevê-la. Meu olhar passa por toda ela, seu corpo perfeito está ainda mais gostoso num jeans escuro justo e camiseta branca simples. Os cabelos estão daquele jeito que me encantou, uma confusão linda de cachos. A boca pintada de vermelho contrasta com a simplicidade do seu traje. Nossos olhares se encontram e se fixam, a eletricidade sempre presente entre nós,

estala mesmo que não estejamos nos tocando. É a química mais explosiva e avassaladora que já senti por uma mulher, tenho absoluta certeza disso. Meu pau engrossa dentro do jeans, meu corpo e mente já antecipando tudo que faremos juntos. A urgência de possui-la ameaça minha sanidade.

— Desculpe o atraso, comandante Tristan. Fiz a inscrição na primeira

turma, mas não consegui participar. Como se passaram mais de quatro meses, ainda serei aceita na sua turma, senhor? — pergunta e sinto aquela ousadia e atrevimento que vi nas últimas fotos do Instagram. Ela é altiva, mesmo em traje simples e uma mochila jogada sobre o ombro. Os olhos esverdeados cintilam, o queixo levantando quase com desafio, percebo. Nossa troca silenciosa

me diz que está pronta. Finalmente pronta para mim. Ouço alguns comentários baixos da turma de 31 marmanjos, mas não consigo entender exatamente o que estão dizendo. Meus olhos seguram os dela, dando uma resposta para a sua pergunta implícita.

— Se está pronta agora, faremos os arranjos — digo no melhor tom profissional para não levantar suspeitas

entre seus colegas. Já há preconceito demais com garotas nesse meio. Não posso dificultar sua vida por aqui.

— Estou pronta agora, senhor — afirma, segurando meu olhar, soando profissional também, embora algo quente e fugaz passe rapidamente pelos olhos esverdeados.

— Ótimo, senhorita. Bem-vinda a bordo — digo com um leve sorriso.

Ela assente, passando para dentro e os caras não conseguem esconder sua admiração pela morena escultural. Eles faltam quebrar os malditos pescoços, os olhos compridos passeando pelo corpo lindo.

— Ei, morena, que tal pilotar um fogão lá em casa? — Um babaca ousa fazer a brincadeira sem graça e machista, em voz alta e meus olhos o

caçam imediatamente. Alguns idiotas se juntam a ele, proferindo coisas machistas e que me irritam muito. Sem pensar duas vezes, dou alguns passos, ficando mais próximo da primeira fileira de cadeiras. Identifico os fanfarrões e aponto um a um:

— Levantem-se e deixem a minha sala — digo baixo e friamente. Eles me encaram, chocados. O resto da turma

também está. — Não há mais espaço na atualidade para posturas como estas, senhores. Saiam — rosno e eles bufam descontentes, porém, fazem o que digo, deixando a sala. Há burburinho e pergunto, olhando cada um: — Mais algum machão de ego frágil que não quer competir com uma mulher por medo de perder? — Ouço resmungos baixos, no entanto, nenhum babaca ousa verbalizar

mais ofensas. — Ótimo! Sejam bem-vindos, turma 63!

Ando de volta para o púlpito e pego o microfone, ligando-o. Ligo também o kit multimídia, projetando os slides no telão no fundo da sala. A turma se reorganiza de forma a poderem enxergar a explanação. Pietra, que havia ficado numa das cadeiras da frente, agora é a última. Arrisco uma olhada em

sua direção e a encontro me observando. Seguro um sorriso. Na verdade, ela está me dando uma checada, tentando ser discreta. Eu retiro a jaqueta de couro marrom e coloco-a sobre o espaldar da minha cadeira, provocando-a, sem encará-la, mas sei que está olhando. Sinto seu olhar sobre mim e isso inflama ainda mais o meu corpo. Começo a palestra e passo a próxima hora falando

do que amo: voar e tudo o que o que envolve esse processo. O tempo passa tão rápido que logo estou encerrando e abrindo para perguntas. Os caras não se fazem de rogados e fazem inúmeras perguntas, inclusive sobre as relações entre a tripulação.

— Sim, há riscos de envolvimento emocional ou sexual entre a tripulação, tendo em vista a quantidade de horas

que passamos juntos — explico com sinceridade. — Todavia, na HTL temos a política de não-confraternização e a levamos a sério — digo na maior cara de pau, pois nunca obedeci a essa regra. Sempre peguei qualquer funcionária que me interessasse. — Se não há mais perguntas, passemos às cabines dos simuladores — aviso.

Passo a hora seguinte visitando

cada dupla em seus simuladores. Dois instrutores me auxiliam nessa etapa. Minha vontade era ir logo conferir a tigresa e conversar mais com ela, porém, me obriguei a agir com profissionalismo e imparcialidade e passei pelos seus colegas primeiro. Além disso, foi uma estratégia para conter essa euforia ridícula que me tomou por inteiro desde que a garota

apareceu na minha porta, sem avisar, linda e gostosa pra caralho. Sou a porra do dono desse jogo e Pietra vai ter a confirmação disso, em breve. Com um sorriso de antecipação, encerro minhas observações para a última dupla e sigo para a sua sala. Ela está compenetrada manobrando os manches quando entro. Sei que deveria deixar a porta aberta como estava, mas não resisto e a fecho,

girando a chave para garantir. Percebo seus ombros ficarem eretos ao sentir a minha presença, mas sua atenção permanece na tela à sua frente. Aproximo-me e me coloco do lado da sua poltrona. Observo a tela. Ela está voando em um modelo que não aguentaria a pressão atmosférica na velocidade em que está agora.

— Diminua a velocidade ou suas

turbinas irão sofrer danos — oriento. — Eu a deixo nervosa, tigresa? — provoco e ela faz um som de desdém, reduzindo a velocidade.

— Pensei que a proposta era você me treinar *pessoalmente* — retruca, pausando a simulação, o rosto virando para mim com sua porra de sarcasmo em dia. Mas há um risinho ousado pra caralho curvando a boca deliciosa. —

Eu o deixo nervoso, comandante?

Rio lentamente com sua audácia. Porra, amo o atrevimento dessa cadela. Será muito mais prazeroso quando a tiver completamente à minha mercê, sendo fodida e gozando no meu pau. Sendo a minha putinha particular. A observo, aproveitando para me deleitar em tê-la perto depois do que pareceu uma eternidade. Delícia de morena.

Estou além do tesão com essa cachorra linda.

— Sentiu a minha falta, pantera? Também senti saudades, querida — continuo atiçando-a, minha voz soando áspera, meu pau já se animando por estarmos a sós. Finalmente. — Tem certeza de que não está esquecendo algo? A proposta era você trepar comigo. — Ela ofega com meu linguajar

depravado. Me aproximo mais, me inclinando, passando um braço por trás de sua poltrona. Nossos rostos ficam bem próximos e, porra, seu cheiro gostoso de jasmim me assalta. Toco seu rosto, deslizando os dedos pela face macia e sem maquiagem. É linda demais. Demais e só vou sossegar quando me enterrar quantas vezes quiser em seu corpo. De todas as formas que *eu*

quiser. — Só quando esse corpo for todo meu... — sussurro, descendo meus dedos pelo pescoço, colo, passando entre os seios. Ela passa a respirar entrecortado, as pupilas escuras ficando gigantes nas irises esverdeadas. Acaricio sua barriga chapada sobre a camiseta de malha e arfa alto quando paro bem no cós da calça jeans.

— Estou aqui, como você queria.

— Ainda tenta uma bravata, mas sua voz está ofegante. Tudo nela grita tesão por mim. — Aceitei sua proposta indecente.

— Indecente? — Rio, deslizando meus dedos para baixo, indo perigosamente perto da bocetinha que tanto desejo. — Tudo depende do ponto de vista, Pietra. Para mim nada tem de indecente. Somos dois adultos que se querem e resolveram dar vasão ao

desejo que os queima desde o primeiro olhar, o resto é moralismo desnecessário — querendo ser ainda mais perverso, abaixo a boca para a sua orelha e completo —, quando essa boceta for toda minha... — Cavo entre suas coxas, pegando em cheio a boceta que já sei, é pequena e linda. Vi tudo através daqueles malditos biquinis minúsculos e fiquei ensandecido desde

então. Massageio-a grosseiramente e mordo seu lóbulo, lambendo-o depois. Pietra geme alto. É um som de pura agonia. O som de quem está esperando tempo demais por isso. Eu também, porra. Mas, em seguida, grunhe e me empurra, levantando-se da poltrona, tomando uma distância segura de mim. Me refestelo em sua reação, sua respiração errática, a boca exuberante

entreabrindo arfante. — Quando te comer de todo jeito que eu quiser, só aí terá tratamento especial. Antes disso não venha exigir nada da minha parte, querida.

Seus olhos fervem. Vejo raiva, ultraje, mas também luxúria. Ela quer se libertar e foder comigo sem amarras. Ela quis isso logo na primeira noite, mas algum senso de moral ultrapassado de

menina do interior, acabou refreando-a. Todavia, está aqui agora, veio para mim. Está pronta.

— Você é mesmo um grande babaca, não é? — Me fuzila com esses olhos lindos. Como posso ter sentido falta dela me esculachando? Porra, isso é fodido. — Não ouse me tocar em nosso ambiente profissional. Serei sua puta apenas em privado. Contente-se

com isso, seu galinha — me afronta.

Eu rio, levantando as sobrancelhas com seu discurso. Está loucamente excitada e irritada comigo por fazê-la se sentir assim. Me aproximo devagar e ela vai afastando-se para trás até suas costas encontrarem a parede. Meu sorriso alarga, perverso. Coloco as mãos dos lados de sua cabeça, prendendo-a. Parece um dejavú do

nosso último encontro em minha cobertura em Palmas. Pietra levanta o rosto, me encarando com desafio.

— É assim que quer jogar, querida? Sente-se melhor fingindo que está nisso porque o homem rico e inescrupuloso quis te comer e jogou sujo? — pergunto, pegando sua nuca, angulando seu rosto ainda mais para o meu. Resfolega, o tesão está crepitando

entre nós. — Eu poderia te debruçar sobre essa bancada, puxar sua calça para baixo e arrombar essa sua bocetinha pequena, Pietra. É isso que merece por me cozinhar por malditos sete meses, sua cachorra safada — digo num sussurro rude. Suas mãos empurram meu peito, mas não cedo.

— Se afaste. Aqui somos aluna e professor, me respeite, porra — range

os dentes.

— Essa irritação toda é porque sua boceta está pingando para o meu pau. Está doida para me dar, mas é mais fácil tomar o caminho covarde, como sempre. — Enrolo o braço livre em sua cintura, colando nossas frentes.

— Está louco? Me solta, seu putão do caralho! — Esmurra meus ombros, mas não ligo. Estou além de qualquer

pensamento lógico nesse momento. Preciso sentir sua boca ou vou enlouquecer de tesão.

— Foda-se, Pietra. Eu vou te beijar agora e não há nada que possa fazer para impedir — digo num rugido. Ela está respirando rápido, lambendo os lábios.

— Não ouse — range —, eu mal cheguei e você já está agindo como um

riquinho de merda!

— Cale a porra da boca e me beije... — rosno, sugando seu lábio inferior. Sua respiração fica mais alterada, seus punhos ainda batendo em meus ombros.

— Me solta, droga. Estou falando sério, Tristan — resmunga, ofegante, os olhos esverdeados incendiados de desejo.

— Não posso. Eu te quero demais, tigresa — gemo rouco, pegando sua bunda em cheio, amassando a carne firme por cima do jeans. Puxo-a pela nuca e esmago minha boca na dela. Nós dois gememos, ofegantes, a tensão sexual tão densa na sala que parece outro ocupante no espaço. Pietra torna a gemer e seus murros vão perdendo a força, seu corpo se rendendo, ficando

maleável em meus braços, suas mãos apertando meus ombros, firmando-se, enquanto nossas línguas se entrelaçam eroticamente. Devoro sua boca num beijo esfomeado e ela responde da mesma forma. Levanto sua coxa para o meu quadril e empurro meu pau duro em sua boceta, esfregando perversamente, mordendo sua boca toda. Desço a mão da nuca pela frente e pego um seio,

amassando o monte redondo e firme. Pietra ofega, a boca nunca deixando a minha. Chupo sua língua com força. — Diga que sentiu falta disso. Que quer isso tanto quanto eu — exijo, fodendo-a a seco contra a parede. — Diga, sua cachorra linda.

— Tristan... — choraminga o meu nome e isso me inflama ainda mais. — Sim, droga, você sabe que sim.

— Eu preciso ter você. Preciso, porra — rosno, levantando sua blusa, afastando o bojo do sutiã e minha boca se apossa do seio direito. Pietra convulsiona, gemendo baixinho, os dedos se enfiando em meus cabelos, puxando-os rudemente. Eu mamo com força, engolindo sua carne firme e macia com voracidade. Rolo a língua no bico e o mordisco depois. Ela geme o meu

nome, estremecendo e estou a ponto de gozar nas malditas calças. Nunca fiquei tão louco por uma mulher em minha idade adulta. Passo para o outro seio, chupando a auréola inteira, duro. Ela geme em deleite, confirmando minhas percepções a seu respeito. A menina do interior tem fogo dentro dela. Quando levo uma mão para baixo, pegando sua boceta de novo, Pietra fica tensa em

meus braços. Merda. Sei o que vai sair da sua boca antes mesmo que o diga;

— Tristan, não. — Sua voz é um ganido lamentoso e ainda tento abocanhar o seio, mas se esquiva, uma carranca se formando no rosto afogueado. — Aqui não, droga — repete e eu rosno, meu saco quase explodindo de tanto tesão reprimido.

Estou há uma semana sem foder.

Tenho andado ocupado com a abertura da casa noturna e, também com o nascimento de Theo. E para ser sincero, estava farto de foder e não me satisfazer, uma vez que essa garota estava ocupando a porra da minha mente o tempo todo. Fecho os olhos por um segundo para me recompor. Quando os reabro, ela também está com os seus apertados, respirando irregularmente.

Me obrigo a me afastar. Reorganizo meu pau dentro do jeans e sua atenção recai em minha virilha. Ela lambe o lábio inferior, fazendo um sorriso lento se espalhar em meu rosto.

— Você não pode olhar para o meu pau assim se vai exigir respeito, tigresa — provoco-a. Expiro, passando as mãos pelo cabelo, me recompondo, afinal, ela tem razão: estamos numa sala

de aula. Encaro-a fixamente por alguns instantes. Está linda, sua boca inchada do meu beijo áspero, o rosto corado, os cachos rebeldes, emoldurando seu rosto. Deus, que porra é essa que ela me faz sentir? Me pergunto confuso e um tanto irritado com essa merda. — Quero você esta noite, em minha casa, onde ninguém irá nos interromper... — um sorriso malvado repuxa minha boca —, ou ouvir

seus gritos. — Ela bufa ajeitando o sutiã, alisando a camiseta em seguida. — Retorne à atividade. — Reassumo a postura profissional, já me virando para sair.

— Espere, preciso discutir algo antes — chama e torno a me virar para ela. — Eu não quero aparecer com você em público. Vamos nos encontrar sempre em privado. — Franzo o cenho,

sua exigência me deixando estupefato e irritado, para ser sincero. Como assim ela não quer aparecer comigo? As mulheres adoram aparecer ao meu lado, porra! Fecho a cara, não acreditando na audácia dessa garota. Quem ela pensa que é? — Quero ser uma profissional respeitada, T. Isso não será possível se todos souberem que fui sua puta para subir na carreira — aponta com seu

rosto torcido.

Quero discutir, no entanto, ela está certa. Não será respeitada se souberem do nosso envolvimento. Dou de ombros e assinto:

— Por mim tudo bem, desde que não deixe de ir até mim quando eu quiser te foder.

Pietra bufa com meu linguajar.

— Sobre isso, melhor estipular

quantas vezes na semana iremos... — Ela para e seu rosto fica rosa. Seguro um riso, vendo-a lutar para achar o termo óbvio. — Iremos...

— Foder. É essa a palavra que está procurando, linda — murmuro, meus olhos presos aos dela. — Vamos foder. Somos adultos e podemos foder sem ter que ficar cheios de melindres sobre isso.

— Meu Deus, por que você é tão escroto assim? — resmunga. — Sim, foder. Vamos foder, satisfeito?

Eu rio lentamente e deixo meu olhar vagar por toda ela.

— Ainda não, querida. Mas esta noite espero que sim. — Dou-lhe uma piscada.

— Então? — pergunta, limpando a garganta.

— Então, o quê?

— Quantas vezes na semana? — esclarece, levantando o queixo, afrontosa. Olho-a em silêncio por alguns instantes antes de responder:

— Toda folga sua estará debaixo de mim, Pietra — murmuro, prendendo seu olhar. Ela arfa, parecendo incrédula. — Meu apetite sexual é muito intenso, é bom que saiba. — Seus olhos estreitam

me lançando dardos. — Faremos isso até meu tesão por você ir embora.

Seu rosto volta a ficar corado. Por mais que tente isso ainda é novo para ela. Estudo seu rosto bonito, louco para tomá-la nos braços de novo e extravasar a loucura toda que essa garota me faz sentir.

— E as outras? — questiona com um ar de deboche. Eu rio.

— Sempre tão ciumenta, tigresa — provoco-a. Ela rola os olhos. — Quando eu quiser diversificar, aviso você antes, que tal?

— Nos seus sonhos, querido. — Dá uma risada seca, os olhos inflamados. — Dispense a porra do seu harém. Eu não quero correr o risco de pegar uma DST. — Faz uma careta de desdém.

Eu sei que devia ficar puto com sua insinuação de que tenho doenças sexualmente transmissíveis. Em vez disso, eu dou uma risada alta.

— Posso até pensar nessa opção, mas aí você terá que fazer o que o meu *harém* sempre faz quando preciso de mais... — lhe lanço um sorriso perverso: —, adrenalina. — Pietra franze a testa, ressabiada. Eu explico:

— Curto umas coisas que talvez possam chocar a menininha medrosa do interior — digo para mexer com ela, tirá-la de vez da sua zona de conforto e acerto em cheio. Me lança um olhar sujo.

— Que tipo de coisas? — indaga. Então, uma expressão malvada se espalha em seu rosto. — Já sei. Você é bissexual e vai querer que o veja fodendo com outro cara. Acertei?

É a minha vez de lhe lançar um olhar sujo. Quando eu pegar essa vadia. Rosno, pronto para a réplica e nesse exato momento meu celular toca no bolso do jeans. Pego-o vendo o nome de Logan na tela. O bastardinho é mesmo meu irmão. Um Maxwell.

— Desculpe, é meu irmão. — Uso a chamada para escapar da conversa. Ainda não é o momento de trazer minha

outra faceta para ela. Não quero afugentá-la na primeira noite. Esperei muito por isso, porra. — Termine a atividade, Pietra. Vou atender lá fora — digo e ando para a porta, destrancando-a. Antes de sair, olho-a por cima do ombro e intimo: — às 21h, tigresa. Espero que saiba usar essa sua porra de língua afiada para outras coisas, querida. — Pisco e saio em seguida.

— Logan — atendo-o, andando pelo corredor e paro perto da parede espelhada, me dando a vista completa da Av. Paulista lá embaixo.

— Tristan. — Sua voz soa um tanto incerta. Ele é um bastardo arredio. Tivemos trabalho com ele, eu e H. Bem, para seu sincero, eu tomei a iniciativa de procurá-lo quando nos deu um bolo no encontro que marcamos logo após o

resultado do exame de DNA. O resultado já foi, inclusive, divulgado pela imprensa. H e eu queremos que nosso irmão baixe a guarda e nos aceite como irmãos. Ele é parece um cara solitário, já percebi. Além de ter uma história ainda mais fodida do que a nossa. Ele nunca teve amor e nem dinheiro. Eu e H pelo menos tínhamos tudo que o dinheiro pode comprar.

— Tudo bem, cara? — pergunto.

— Sim, tudo. Eu pensei que talvez quisesse sair para uma bebida hoje. — Sonda e seguro um riso com seu tom desconfortável. Ele não é nada sociável. Porém, quero conhecê-lo melhor. Só que hoje é forçar demais, porra. A tigresa me deu uma canseira, não vou abrir mão dessa noite de jeito nenhum.

— Pode ser amanhã? Já tenho algo

marcado para hoje, irmão...

Tenho a impressão de ouvi-lo rir baixinho do outro lado. Ou pelo menos uma tentativa de sorriso, que soou mais como um grunhido.

— Claro. Vá bater essa boceta. — Há deboche quando acrescenta: — Ou essas bocetas.

Eu bufo.

— Ah, eu vou, mano, tenha a

maldita certeza — rosno. — Você devia fazer a mesma coisa, irmão. Pegue uma ou mais bocetas.

Ele faz um som zombeteiro do outro lado.

— O que te faz pensar que não peguei uma boceta hoje, Tristan?

Eu rio. Esse é um Maxwell, com toda certeza. Então, me recordo de que parece haver algo muito suspeito entre

meu irmãozinho mais novo e Lígia, a irmã mais nova de Alberto.

— Pode falar para mim, cara, você anda comendo a irmãzinha do Alberto, não é?

Sua risada soa agora. Alta, um misto de zombaria e algo mais que não consigo detectar.

— Me liga amanhã para marcarmos a bebida. — Ele para um

pouco, limpando a garganta. — E chame o idiota do Heitor também, se quiser.

Isso faz um leve sorriso repuxar minha boca. Eles ainda estão se estranhando, mas agora há algo maior os unindo: o sangue.

— Farei isso, mano — garanto. — Obrigado pelo convite, eu...

— Cara, não vamos fazer dessa merda o evento do ano, ok? É apenas

uma bebida — zomba com sua guarda de volta ao lugar e desliga sem se despedir.

Filho da puta marrento! Reviro os olhos e guardo o aparelho no bolso, voltando para a minha atividade. A tigresa tornando a invadir meus pensamentos. Meu corpo está zumbindo ainda, necessidade absurda de ter aquele monumento de mulher. *É hoje, porra!*

# Pietra

Eu confiro minha aparência no espelho e tento me empoderar, para enfrentar aquele putão lindo e devasso dentro de poucos minutos. Puta merda! Só de lembrar nosso breve interlúdio sexual na cabine do simulador, meu

corpo fica todo quente de novo. Aqueles intensos olhos escuros me mantendo cativa, sua boca linda sussurrando as sacanagens que são a sua marca, no meu ouvido. Meu Deus, por pouco não o deixei me foder contra aquela parede. Eu queria. Muito. Fiquei o restante da aula incomodada, pulsando, desejando-o mais do que gostaria de admitir. Eu tenho gozado nesse um ano e três meses

em que estou sem a coisa real, não sou nenhuma puritana. Uso meus brinquedos à pilha e, claro, meus dedos. Mas estou sentindo falta de um homem de verdade, pele com pele. Meu receio em transar com um cara do calibre de Tristan Maxwell, não é por ser puritana. É por outras razões. Ele é de um mundo completamente diferente do meu, e como sabem, a corda sempre arrebenta do

lado mais fraco. Por isso, a minha exigência de não sermos vistos juntos. Esse meio é muito machista e não posso dar munição para os machos escrotos serem ainda mais preconceituosos comigo. Serei a puta do chefe, mas apenas em privado. Preciso manter alguma dignidade.

Continuo me olhando no espelho. Uso uma calça skinny preta cós baixo e

uma regata de seda branca, bem curta, mostrando a barriga. Meus cabelos soltos, livres e naturais, como gosto de usar. Preciso representar uma mulher dona de si e que sabe lidar com sexo casual, se quiser sair dessa ilesa. Hoje fui muito bem, mas agora é que a cobra vai fumar! Um frisson despudorado rola em meu ventre quando lembro que vou foder com ele hoje, dentro de alguns

minutos. Estou tão quente que corro o risco de sofrer combustão espontânea. É isso aí, vou foder, fazer tudo que tenho direito com o galinhão e depois, vida que segue. Sou uma mulher de vinte e cinco anos, não uma adolescente. O Putão está certo pelo menos em um ponto: não devemos satisfação a ninguém, podemos fazer sexo casual se assim o desejarmos. Para ser sincera,

sempre tive desejos e expectativas frustradas com meus parceiros anteriores. São apenas dois, não riam da minha experiência medíocre com o sexo oposto, ok? Sejam solidárias, caralho. Continuando, nunca gozei com nenhum dos patéticos daquela forma que leio em revistas femininas, ou que minha prima Mila descreve. Sempre foram orgasmos meia-boca. Além disso, tenho desejos,

fetiches, que os dois bocós nunca se importaram em realizar.

Com Tristan sei que não terei esse problema, tenho certeza de que o safado me levará aonde eu quiser e realizará todas as minhas fantasias. Sinto que sua luxúria vai muito além do que simplesmente pegar muitas bocetas, como ele próprio descreve. Há algo mais e estou quente, pulsando para

descobrir, mesmo que a menina careta do interior ainda esteja buzinando em minha mente que estou brincando com fogo cedendo para esse cara. Pela primeira vez em minha vida, vou pagar para ver. Ele acha que sou medrosa, fraca por não ter corrido atrás do meu sonho antes. No Brasil, você não pode dirigir aos dezessete anos, contudo, pode pilotar um avião ou helicóptero.

Pois é, estou com vinte e cinco e ainda patinando aqui, vocês devem estar concordando com o riquinho e me achando patética, não é? As coisas não foram sempre fáceis para a minha família. Meu pai perdeu as economias de anos de trabalho ao seguir os conselhos fodidos de um investidor incompetente. Isso foi há oito anos. Tive que guardar meu sonho porque os custos

são bem salgados para se formar piloto. Não é para qualquer um. Estávamos sobrevivendo e não tinha como pedir a meu pai que pagasse meus cursos, embora ele quisesse muito. Suspiro, relembrando aquele período difícil. Ficamos sem nada, até mesmo sem a nossa casa.

O que deu para fazer foi me preparar para comissária de bordo,

entrando no meio e esperando o momento em que as coisas iriam melhorar e eu pudesse ir atrás do que sempre quis: ser uma pilota. As coisas finalmente melhoraram no ano passado. O *The Pilot* começou a dar retorno, meu pai comprou a chácara onde mora atualmente, à beira do lago. Nossa vida está mais confortável agora, graças a Deus e meu velho pôde me dar uma

força para entrar no primeiro curso preparatório, em Palmas mesmo. Porém, eu sabia que precisava sair para um grande centro e me capacitar mais para competir de igual para igual com os machões que dominam a profissão. Aquele babaca me ofendendo hoje no curso é algo que já estou acostumada a escutar. T me surpreendeu ao expulsar o infeliz da turma. Meu coração de menina

do interior gostou de vê-lo me defendendo, admito. Ah, Deus, estou ferrada tendo que foder em uma base regular com um homem como ele. Se eu não sentisse tanto tesão, esse encantamento bobo mesmo sabendo que é um galinha de marca maior, seria mais fácil transar sem pensar em mais nada.

Puxo uma respiração profunda, na tentativa de acalmar os meus nervos. Vai

dar tudo certo. Além disso, ele deve ser gostoso pra caralho na cama, pelos aperitivos que já tive. Não vai ser nenhum sacrifício. Não realmente. Ultrajante, sim, mas dizer que não vou gozar e aproveitar cada segundo, é ser muito hipócrita. Nós dois sabemos que a atração é muito forte. Ele tem razão, precisamos extravasar logo e depois cada um segue sua vida. Pronto. É isso,

Pietra! Aproveite tudo e mantenha seu coração fora desse arranjo, está bem? Do contrário, estará em maus lençóis. T não é material para algo sério, basta manter isso em mente e estará segura. Não seja tola, garota. Com mais esse discurso encorajador, jogo beijos para o espelho e faço uma pose de garota da capital, tentando expulsar a Pietra interiorana a todo custo. Pego minha

carteira e o celular sobre a cama e antes de guardá-lo, o aparelho toca em minha mão. São meus amigos Aidan e Luíza, numa chamada conjunta. Rolo os olhos, atendendo-os. Eles são tão previsíveis.

— Ei, cadela!

— Ei, amiga!

Aidan e Luíza, saúdam eufóricos ao me verem.

— Oi. Estou de saída agora —

digo com uma careta. Eles já sabem que vou transar com T hoje, estão ligando porque não conseguem deixar de serem intrometidos.

— Querida, melhore essa cara, pelo amor de Deus! — Aidan zomba. — Está indo foder com o piloto mais gostoso da aviação brasileira, sua cadela!

Eu bufo.

— Fale por si mesmo, seu traidor — resmungo. Meu amigo gargalha.

— Aidan está certo, Pi — Luíza endossa. — Qualquer uma em seu lugar estaria soltando fogos! T é um tesudo, lindo demais. Então, deixa de ser puta e admita que está louca para trepar com o cara.

Eu solto um som desgostoso porque ela tem razão. *Eles* têm razão,

droga. Eu quero muito experimentar toda a safadeza daquele putão. Suspiro, vencida.

— Está bem. Vocês venceram. Eu quero o maldito galinha, satisfeitos? — assumo. Os vira-casacas riem mais. Então, ficam sérios em seguida.

— Nós só queremos que você viva, Pi — Aidan volta a falar, seu carinho transparecendo no rosto bonito.

— Sabemos que o bonitão não é material para algo duradouro, mas ele é o único que mexeu com você nesse período de hibernação que se enfiou desde o fodido do Márcio.

— Eu sei, amigo. Eu sei — suspiro, tocada com seu carinho.

— Mais uma vez a bicha tem razão, amiga — Luíza diz e Aidan lhe oferece o dedo do meio em resposta. Eu

rio dos dois. — Pegue tudo que aquele gostoso lhe der e exija mais um pouco. Se permita ser livre com ele. Tristan não vai te julgar por desejar coisas diferentes...

Eu limpo a garganta. Eles sabem dos meus desejos indecorosos no sexo e sabem também que sempre fiquei frustrada em relação a isso nos dois relacionamentos sérios que tive na vida.

— Sim, realize tudo com ele. Seja livre, Pi. Não pense muito, apenas se jogue, porra! — Aidan endossa.

— Obrigada por ligarem, seus intrometidos — resmungo, mas estou rindo, amando o cuidado deles. Sabem que estou num conflito aqui. Estou prestes a fazer algo muito fora da minha zona de conforto. Mas talvez seja isso que estou precisando mesmo: ser livre,

fazer o que me der na telha. — Estou saindo agora.

Eles gritam em uníssono, parecendo que tem quinze anos.

— Amanhã queremos todos os detalhes!

— Não esconda nada!

Luíza e Aidan tornam a gritar, respectivamente. A euforia deles me fazendo rir de novo. Eles são

completamente loucos, mas são meus amigos queridos e eu os amo.

— Vão cuidar de suas vidas agora, caralho! — resmungo e eles riem. — Estou indo. Beijo, beijo!

Eles jogam beijos espalhafatosos de volta e encerro a chamada. Guardo o celular dentro da carteira, deixando meu quarto. O apartamento que aluguei é pequeno, mas agradável, em Vila

Madalena. Chamo um Uber e quinze minutos depois, estou deslizando pela Av. Pedroso de Morais, entrando nos Jardins, parte nobre da cidade. T me passou o endereço por mensagem tão logo cheguei do curso. Estou uma pilha de nervos. Merda, vê-lo pessoalmente, depois de mais de quatro meses foi impactante, para dizer o mínimo. Foi uma luta não ficar babando nele no meio

da aula. Estava lindo demais em jeans e jaqueta de couro marrom. Ele adora jaquetas. Um bad boy assumido. Vi muitas fotos dele na mídia, sempre acompanhado de modelos magérrimas e lindas. Não é como se o filho da puta estivesse esperando por mim. Você é apenas um arranjo, Pietra. Ele vai te foder até se entediar. Apenas isso. Pelo visto o cachorro perde o interesse na

velocidade da luz, dada a quantidade de mulheres penduradas em seu braço nos últimos quatro meses. Arquejo, irritada que tenha me afetado de alguma forma a galinhagem do putão. Não é nenhuma novidade, no entanto, por algum motivo ridículo eu queria que o idiota estivesse esperando por mim. Argh! Patético, Pietra. É como desejar que o Natal desse ano seja com neve em Tocantins.

Impossível.

Volto dos pensamentos quando o carro atravessa portões negros imponentes e seguimos por uma estrada de blocos de pedra. Um bosque fechado do lado direito e do esquerdo, a grama bem cuidada, circundando um pequeno lago. Estou deslumbrada. Nunca vi tanta riqueza na minha vida. O carro avança e faz a volta numa fonte ostentosa, no

pátrio central. Meu fôlego se vai ao ver a construção de três andares à minha frente. A escadaria na entrada é enorme. Há colunas gregas no hall da casa de cor branca. É uma construção soberba! Estou babando aqui. Pago o motorista e desço, minhas pernas tremendo sobre os saltos quinze que estou usando: um Jimmy Choo que ganhei de Luana no Natal. Subo os degraus, lutando para

manter a calma. Antes que toque a campainha, a porta se abre e Yuri, o cara de confiança de T, surge na minha frente.

— Boa noite, Pietra — cumprimenta cordialmente.

— Oi, Yuri. Boa noite — respondo, a vergonha me inundando. Puta merda, ele sabe que estou aqui para trepar com seu patrão?

— Entre, por favor, T já vai

descer — avisa, estendendo a mão à minha frente.

Entro no living requintado, a luz branda de arandelas embutidas no forro dá um toque misterioso ao lugar. Logo estou numa sala imensa, com dois enormes sofás marrons. Engasgo vendo tanto luxo. Mais à frente, noto que não há parede, a brisa noturna vem de uma varanda igualmente ampla.

— Gostaria de beber algo enquanto aguarda? — A voz de Yuri me sobressalta e me recrimino por estar tão nervosa. Mas isso tudo me intimida: a casa, seu dono. Isso é demais para uma curraleira do Norte. Deprecio-me.

— Uísque, por favor — respondo. Ele se vai e não demora muito, volta com um copo. — Obrigada. — Pego-o e tomo um gole muito bem-vindo. Ele me

diz para ficar à vontade e some por um corredor do lado esquerdo. Não sei por quanto tempo fico sozinha, andando devagar pela suntuosa sala, observando a decoração, os quadros de pintores famosos nas paredes. Fico intrigada ao perceber que não há fotos dele ou da sua família em nenhum lugar à vista. Me pergunto o porquê disso.

— Pietra... — A voz profunda às

minhas costas, faz meu corpo tremer. Ah, meu Deus, é agora... Fecho os olhos brevemente, buscando coragem e ousadia e me viro de frente. Engasgo. A exemplo de sua casa, ele é um espetáculo a ser admirado. Está absolutamente devastador trajando uma camiseta preta de mangas compridas, arregaçadas nos antebraços fortes e calça jeans escura. Seus cabelos estão

molhados, indicando que acabou de sair do banho. Seu cheiro deliciosamente caro flutua até mim, incendiando meus sentidos. Seus olhos negros me percorrem, cintilando, queimando com fome. Ele começa a andar para perto e meu coração troveja no peito, meus seios arrepiando, minha vagina latejando tanto que me assusta. Lamentável meu estado de seca. — Você

está linda — sussurra com voz enrouquecida, a mão levantando para o meu rosto, o polegar arrastando em minha boca, pintada de vermelho-vinho. Seu olhar inflama e é diferente das outras vezes. Me fita com algo que parece possessivo nas profundezas escuras.

— Obrigada. Você também está ok — tento desdenhar, mas minha voz sai

ofegante, me denunciando. Um arremedo de sorriso curva a boca sensual. Ele se vira, indo em direção ao bar no canto oposto da sala e o observo servir-se de uma dose de Bourbon. Vem para mim devagar, passos macios e elegantes como um felino, se preparando para atacar sua presa.

— Vamos beber lá fora — convida, colocando uma mão em minhas

costas na faixa de pele nua. Me arrepio inteira e ele ri baixinho. Aquele riso safado e indolente com o qual já estou familiarizada. O ar da noite nos assalta ao passarmos para fora e ouço-o inspirando alto. Atravessamos o terraço, parando na borda do parapeito. A visão torna a arrebatar meu fôlego. Estamos de frente para o bosque denso que vi na entrada. O ar aqui é diferente. Inspiro

também.

— Sua casa é linda — digo, virando a cabeça para encará-lo e já o encontro me observando. Meu coração salta pela intensidade que vejo queimando nos belos olhos escuros. — Há quanto tempo mora aqui?

— Desde que tive idade suficiente para morar sozinho — diz, dando de ombros e sinto algo melancólico em seu

tom e expressão. Ele ri em seguida, dispersando qualquer que tenha sido a emoção. — Desde os dezoito.

— Pensei que iria encontrá-lo em outra cobertura — provoco-o.

— Em viagens fico em apartamentos. Mas, para morar, prefiro assim, ao ar livre. Prédios, apartamentos, me sufocam. — Torno a sentir algo em seu tom que não consigo

apurar. Ele toma um gole da sua bebida, a atenção indo para o bosque à nossa frente. Estudo seu perfil alto, esguio, lindo. — Como está seu pai? — pergunta, virando o rosto, me flagrando babando nele. Merda. Eu sinto meu rosto corando como uma garotinha. Aquele arremedo de sorriso presunçoso brinca em sua boca.

— Está ótimo agora, graças a

Deus. Obrigada — respondo, tomando minha bebida para escapar do seu escrutínio. — E seu afilhado, como está?

Seu rosto se ilumina com a menção do bebê de seu irmão mais velho, Heitor. Ele passa os próximos minutos me atualizando sobre como o pequeno Theo, nascido de sete meses, está se recuperando bem. Ele parece

outra pessoa falando do irmão e do sobrinho. Até mesmo de Sofia, sua ex cunhada. Nunca entendi por que o casal se separou. Os vi no Ano Novo e pareciam tão felizes e apaixonados. Com certeza foi algo grave para Sofia pedir o divórcio estando grávida. Ficamos conversando e bebendo e em certo ponto começo a ficar ansiosa e frustrada por ele não ter tentado nada

ainda. Para onde foi todo o ímpeto? Sempre veio para cima a cada vez que me via. Por que não me pega agora que estou bem aqui, caramba? Como se pressentisse minha frustração, ele estende a mão para as minhas costas.

— Chega de conversa. Vamos subir — murmura asperamente e meu núcleo palpita com seu tom e olhar. Credo. Parece até que nunca fiz sexo na

vida. Se controle, Pietra. Ordeno-me enquanto atravessamos a sala e entramos no elevador. Em instantes descemos num corredor igualmente ostentoso. Deixo-o me guiar até o final, onde há uma ampla janela, oferecendo a visão de uma parte do jardim que não vi quando cheguei. É realmente magnífico. T abre uma porta e me empurra para dentro. É uma mistura exótica de quarto e salão de jogos. Há

uma cama enorme do lado direito, enquanto no esquerdo, há uma mesa de bilhar. Além de um alvo para dardos. Me pergunto se esse é o quarto que usa para o resto de seu harém.

— Esse foi decorado especialmente para você. — Sua voz é um rosnado baixo no meu ouvido e numa rapidez que me surpreende, bate à porta fechando-a, me empurrando de costas

contra ela. As mãos segurando minha cintura, apalpando minha carne nua. Geme rouco e eu também ao subir para os meus seios. Não conta história, puxa minha blusa pela cabeça, grosseiramente, quase rasgando o tecido. — Eu te quero nua, porra! — range, retirando meu sutiã, seus olhos ainda mais escurecidos pela luxúria. Eu solto um gemido indecente ao sentir sua

boca ainda gelada pela bebida, sugar meu seio esquerdo, engolindo a carne gananciosamente. Enlaço-o pelo pescoço, oferecendo-me sem pudor. Seus dentes afundam na minha carne e solto um ganido desesperado, minha carteira caindo dos meus dedos, meu corpo inteiro estremecendo em antecipação ao prazer que sei, ele pode me dar. Puxo sua camiseta, minhas mãos

tateando a pele quente e firme, com o mesmo desespero que as dele estão sobre mim.

— Tristan... — gemo quando abre minha calça, descendo o zíper, enfiando a mão por dentro da calcinha. Estremeço inteira, seus dedos deslizando em minhas dobras meladas.

— Pietra... — ele geme em resposta. — Você me fez esperar tanto,

caralho — range, empurrando um dedo em minha vulva e eu quase gozo. — Ah, porra, tão apertadinha — sibila, a outra mão empurrando meu jeans pelas coxas. Com impaciência, usa as duas. Eu desço do salto para facilitar e em segundos estou apenas de calcinha, meu peito subindo e descendo. Seu olhar escuro passa por cada centímetro do meu corpo, tão faminto que minha excitação

escorre entre as coxas. Então, avança sobre mim de novo, uma mão em meus cabelos da nuca, a outra enrolada em minha cintura, me olha fixa e ameaçadoramente: — Há uma putinha suja e louca por pau aí dentro, eu soube assim que te vi. — Choramingo com seu linguajar, pulsando, pingando. Meu Deus, o que é isso? Ele ri, conhecedor e continua me torturando: — Essa putinha

é minha agora. Vou te comer de todo jeito que quiser e vai implorar por mais — ruge e a boca se apossa da minha. Puta merda... Me penduro em seus ombros fortes, abrindo a boca, recebendo sua língua exigente num beijo lascivo. Ele me lambe, suga, mordisca. Choramingo em desamparo. — Preciso meter em você, agora!

— Sim, por favor... — gemo em

agonia. Ele ri e contrariando suas palavras, sua boca desce pelo meu queixo e pescoço, onde chupa dolorosamente. Porra, está me deixando uma marca. Desce mais e junta meus seios, chupando os bicos, sacudindo a língua nos dois. Isso envia pulsos de calor líquido em meu ventre e boceta. Então, seus lábios macios descem pela minha barriga, sugando, mordendo e fica

de joelhos à minha frente.

— Você precisa disso, não é, linda? — diz indolente, os olhos subindo para os meus e me arranca um ganido quando abocanha meu monte, chupando minha calcinha encharcada. — Afaste as pernas — rosna e faço o que manda. Sua boca gananciosa me chupa com mais força através do tecido. Isso é tão diferente e sujo. Meu Pai do céu, que

homem é esse, Brasil... Ofego, meu corpo inteiro espiralando no prazer novo e devasso. Rugindo, Tristan pega minha calcinha dos lados e num golpe brusco a rasga fora do meu corpo. Estremeço, arquejando. Nunca tive um cara rasgando minha calcinha e droga, isso foi totalmente quente. Ele grunhe, as mãos correndo pelo meu ventre, bunda, coxas, apertando com fome. O olhar

queimando minha pele por onde passa. Enfia uma mão entre minhas coxas, pegando minha boceta. Gemo escandalosamente alto quando dá um tapa em meu monte. Sua risada perversa soa baixa. — Vou cuidar bem dessa bocetinha, tigresa. Vou enchê-la com cada centímetro do meu pau — murmura com rudeza e solto um ganido quando a boca morna abaixa e lambe o

meu clitóris.

— Ahh, puta merda... — lamento, pegando sua cabeça, esfregando meu monte em sua cara. — Ah, merda, tão gostoso... — gemo ao senti-lo empurrando dois dedos grossos em minha vulva. Estou sem sexo há muito tempo. Apesar de estar lubrificada como nunca em minha vida, a invasão arde e incomoda um pouco. Ele alivia,

esfregando meu clitóris. Os dedos me comendo com golpes rápidos e tão fundo quanto consegue ir. Em pouco tempo estou resfolegando alto, precisando gozar. Ele realmente sabe do que preciso, pois, entorta os dedos dentro do meu canal, esfregando meu ponto G e eu juro, vejo estrelas quando chupa meu montículo inchado. Sua mão livre está cravada em minha bunda, me puxando

para sua cara, me comendo com os dedos e boca e eu deliro. É isso, porra! Era disso que eu precisava. Foi esse tipo de domínio que sonhei encontrar no sexo.

— Você precisa de um cara que assuma o comando — T ecoa meus pensamentos, entre sugadas em meu clitóris, os dedos me fodendo perversamente. Levanta a cabeça e

nossos olhares se encontram. É hedonista vê-lo me chupando. Meus ex nunca foram adeptos a sexo oral e quando faziam era meia-boca, apenas para me agradar. Mas esse cara está a meus pés para me dar prazer e parece apreciar a tarefa, vejo em seus olhos escuros intensos. Ele me lambe lentamente, segurando meu olhar e me come com força. É um contraste. Estou

quase gozando e empurra meu ponto sensível, os dentes raspando em meu feixe de nervos e é demais, eu explodo em gozo. O gozo que sempre quis e nunca havia encontrado. Até agora. — É isso aí, minha cachorra, goza pra mim, tigresa. Goza bem gostoso, porra. — Retira os dedos, dando um tapa em meu clitóris.

— Aí, droga... — choramingo com

a ardência. Mas minha boceta pulsa e continuo gozando, convulsionando recostada à porta, minhas pernas tremendo pela força das sensações mais intensas e perversas reverberando em meu corpo. Os tremores ainda estão rolando em mim e ele me pega nos braços, andando comigo até o meio do quarto, onde tem uma coluna grossa e redonda.

— Segure-se aí, bem forte. Agora saberá como é ser fodida do jeito que sempre quis, mas foi covarde demais até agora para assumir — diz asperamente e ouço o farfalhar das suas roupas, em seguida o som de um lacre se rompendo. Me agarro à coluna, minhas pernas trêmulas, mas me empino, me recusando a sair do papel audacioso a que me propus para esse homem. Apenas para

ele. Em instantes sinto seu corpo nu contra as minhas costas. Deus, eu o quero demais. Meu corpo inteiro estremece, minha boceta apertando, babando, sujando minhas coxas. Suas mãos correm pelas minhas costas e ombros, vagarosamente. Arrepio-me, choramingo e ele não parece ter pressa agora. Então, me assusto com o primeiro tapa. Arde muito. Ranjo os dentes e ele

ri, puxando meus cabelos da nuca. A voz perversa soa bem no meu ouvido: — É disso que você gosta, não é, amor? Quer foder sujo, ser usada, degradada por mim... Está pingando para ser a minha puta... — Apenas choramingo porque ele sabe, de alguma forma o babaca soube. — Estou mais do que feliz em te dar tudo isso, Pietra. Quando eu acabar com você será livre de todo o pudor e

moralismo que a sociedade impõe, garanto. — Sua voz é rude, mas é sedutora e volta a espancar meu traseiro.

Recebo os golpes fortes, gemendo de dor e prazer. Empinando-me para mais e ele para, pegando meus seios pela frente, amassando-os grosseiramente agora. Percebo que não está mais escondendo sua verdadeira natureza. Ele é sujo, perverso e

pressinto que nada mais será como antes depois dessa noite.

— Afaste as pernas e empine essa bunda para mim — comanda e minha boceta palpita. Puta merda. Afasta meus cabelos por cima do ombro esquerdo e morde a minha nuca.

— Ahh, droga... Me come logo, seu cretino... — reclamo. Estou além da vergonha. Só quero senti-lo dentro de

mim, cumprindo todas essas promessas de prazer lascivo. T ri, pegando minha cintura, alinhando-me e ofego ao sentir a cabeça larga do pau que sei, vai acabar comigo.

— Está preparada para mim, Pietra? — Sua voz soa zombadora em meu ouvido antes de morder o lóbulo.

— Sim, porra, sim... — resmungo e ele grunhe, começando a meter em

mim. Estremeço inteira. É como se estivesse sendo rasgada. Dói, mas ele não para, socando o eixo longo e grosso até estar todo enterrado em mina vulva pequena e cremosa. — Ai, Deus... Devagar, seu puto! — lamento, e T se mantém parado, a boca deliciosa caindo em meu pescoço, beijando, sugando a carne delicadamente. Gemo perdida em sensações. Dor, prazer, e uma vontade

louca de fazer todas as coisas perversas com esse homem. Quando me sente mais relaxada, puxa quase tudo e volta numa estocada funda, me tirando o fôlego e balbucio ensandecida: — Porra, assim, por favor... Me fode, Tristan! Me fode...

— Ah, caralho, você ama isso, sua cachorra. — Seu tom é incrédulo e suas mãos grandes seguram meus quadris, me mantendo bem inclinada. Puxa e bate em

mim de novo. Duro, profundo. — Que delícia... Monumento de mulher... — Ele parece deslumbrado com minha reação à sua depravação. — Você correu tanto, Pietra. E olha onde veio parar — zomba no meu ouvido, me comendo com forme. — Sendo a minha puta... Deixando meu pau grande e grosso arrombar essa bocetinha delicada e pequena... Sua cadela safada... — Mete até ao punho,

me fazendo berrar de prazer lascivo, perdida em suas palavras degradantes, mas que me excitam absurdamente. Sinto a cabeça do seu pau se alojando profundamente em meu canal dolorido. Estremeço, mio, gemo, sendo fodida da forma que sempre quis.

— Droga, sim... Era disso que eu precisava, seu cachorro! — admito e ele me morde no ombro esquerdo. Começo

a rebolar, indo de encontro a seu pau, ganindo cada vez que soca até o punho.

— Porra, porra...

— Vou arrombar essa boceta pequena o tempo todo a partir de hoje — ruge, me prensando contra a coluna, meu corpo sendo esmagado no concreto. Ele me come parecendo um homem possuído. Eu devia estar amedrontada com tanta voracidade, mas isso só me

deixa mais e mais molhada, minha boceta chupando-o todo para dentro, gananciosa como nunca. — É minha nova cadela, Pietra. Vou te montar sem trégua. — Puta merda... Ele é o pacote safadeza completo. E com essas palavras degradantes eu rolo os olhos, calor abrasador se espalhando em meu ventre, inundando a minha boceta. Eu gozo, berrando, extravasando o tipo de

gozo que nunca tive. Ele rosna, pegando meus braços, puxando-os para trás e continua estocando bruto e fundo, rasgando-me sem pena, em busca da sua liberação.

— Gostosa... — Sua voz está tensa e então, me suspende, levantando meus pés do chão. Atravessa o quarto em direção à cama. Me coloca no chão na borda do colchão. — Apoie o rosto

na cama, apenas o rosto — comanda e eu faço. A posição me deixa completamente aberta e à sua mercê. Ele acaricia minhas costas com uma delicadeza que desconfio, venha antes de algo mais áspero. E realmente vem. Ele se debruça, pegando minha nuca, apertando meu pescoço. Ofego, respirando entrecortado, ainda sob o efeito do orgasmo de tremer o céu. T

volta a me comer. A posição o permite ir tão profundo que dói. Minhas pernas estão tremendo, ameaçando me derrubar, mas ele não se importa, continua estocando em meu canal, a outra mão procurando meu clitóris. Arquejo, o prazer perverso rolando em meu corpo.

— Por favor, eu não consigo mais... — reclamo, desesperada para ele gozar logo, mas o cachorro tem outros

planos. Ele me come como se tivesse me punindo pelo tempo que o deixei esperando. Para meu espanto, sinto mais um orgasmo se aproximando. O putão sabe realmente o que faz, tenho de admitir. Ele sente e soca com força em mim, duro, punitivo, rosnando alto:

— Eu vou gozar! Que boceta gostosa, porra... Não quero mais sair daqui... — Empurra-se até o punho e eu

quebro, ganindo mais uma vez com o gozo me arrebatando. Ele solta um som de aprovação e urra, o corpo tremendo, enquanto goza também. Eu convulsiono, e por um momento insano, desejo que estivesse sem camisinha para eu sentir seu sêmen derramando em mim. Minhas pernas cedem e T nos arrasta para cima da cama, ainda estocando em meu canal maltratado.

— Pietra... — geme em meu ouvido. É um som lindo e rouco, cheio de satisfação lasciva. Algo puxa dentro de mim ao ouvi-lo gemendo meu nome dessa forma. Eu gosto. Gosto da sua voz, do seu corpo em cima do meu.

— Tristan... — choramingo de volta. — Deus, isso foi tão gostoso... — balbucio. Ele ri e vai parando a agressão à minha pobre vagina.

— Cachorra linda... Gostosa... — grunhe, mordendo meu ombro suavemente. Eu ronrono, a lassidão do pós-coito me pegando de jeito. Se retira devagar de dentro de mim e estremeço com a sensibilidade. — Você está bem? — pergunta, descendo da cama.

— Sério que está me fazendo essa porra de pergunta? — Rolo de costas no colchão, atirando um olhar sujo em sua

direção. O safado ri e seu olhar escuro passeia pelo meu corpo. Ainda há fome lá, me deixando saber que não vai me liberar tão cedo hoje.

— Serei mais cuidadoso nas próximas. — Pisca e vai em direção ao bar. Totalmente à vontade com sua nudez. Também com um corpo desse, não precisa cerimônias mesmo. Cobiço-o sem qualquer vergonha também. Vem

com um balde de cervejas e sobe de volta na cama. Os lençóis são em seda vermelho-vinho. São lindos e deliciosos em minha pele. Torce a tampa de uma cerveja e me entrega. Eu tomo um gole bem-vindo. Ele faz o mesmo, o olhar queimando no meu o tempo todo. — Eu quero você inteira, Pietra — murmura depois de um tempo em silêncio.

Lambo meus lábios, mesmo

estando molhados pela bebida.

— Eu também quero isso — assumo corajosamente e seus olhos brilham. — Você estava certo quando disse que me escondi. Pelo menos em relação à minha sexualidade, sim, eu me escondi. Gosto de uma pegada mais bruta e não encontrei isso em nenhum relacionamento anterior. — Torço a boca. — Meus exs achavam que eu

estava louca em querer levar tapas no traseiro.

Ele acena, tomando a sua cerveja.

— Na minha cama terá tudo. Basta pedir — diz me seduzindo cada vez mais para o lado negro da força. — Chega de conversa. Quero sua boceta de novo — diz sem a menor vergonha e eu ainda me sinto corando com sua safadeza.

Sua boca enrola no riso indolente. Ele sabe que estou sendo corajosa, mas que ainda me choca. Pega nossas garrafas e as coloca dentro do balde sobre o criado-mudo e minha respiração trava quando avança devagar para cima de mim. Seu corpo se acomoda entre minhas coxas e ofego ao sentir o pau nu e já endurecendo. Seu rosto perfeito abaixa e nos olhamos bem de perto.

Deus, ele é lindo demais. Suas mãos pegam meus cabelos dos lados e sem mais conversa, a boca gostosa mergulha na minha. O abraço pelo pescoço e me rendo à química poderosa crepitando entre nós. Há tanta eletricidade quando nos tocamos que poderia acender um bairro inteiro de São Paulo. Gemo, sentindo-o morder minha língua, depois lamber-me sensualmente. Minha boceta

lateja, mesmo toda dolorida. Ele me beija sofregamente, devorando, chupando a minha língua. Entro no duelo, entrelaçando minha língua na sua e ele rosna, aprofundando o beijo e o puxão em meus cabelos. O pau está completamente duro agora, esfregando em meu clitóris. Fazendo força, rolo meu corpo por cima do seu. T ri na minha boca.

— Minha tigresa quer estar no comando agora? — pergunta zombeteiramente. Eu não digo nada, apenas rio e escorrego pelo corpo delicioso, beijando, lambendo cada centímetro de pele morena-clara que encontro. Quando meu rosto chega à altura da sua virilha, levanto meus olhos e me sinto poderosa com a expressão em seus olhos escuros. Ele está doido por

isso, sua boca entreabre, esperando. Eu lhe dou uma piscada sacana então, abaixo a vista para sua ferramenta, que deixe-me dizer, merece todo respeito. Puta que pariu! Por isso estou toda dolorida. Ele é grande e grosso. Nunca tive um desses antes e minha boceta gananciosa começa a pulsar querendo-o de novo. Mas é a vez da minha boca agora. Pego seu eixo e ouço-o sibilar

entre os dentes. Masturbo-o lenta e deliberadamente, acariciando suas bolas com a outra mão. — Chupa o meu pau, minha cadela — ele rosna, estendendo uma mão para minha cabeça, pegando um punhado de cabelos.

O encaro e sem desviar o olhar do seu, abaixo a minha boca, soprando a cabeça bulbosa. Ele estremece, os olhos fervendo nos meus. Rio mais uma vez e

abaixo minha boca, a saliva escorrendo em seu eixo grosso o faz abrir aquele sorriso infame. Sabe que estava louca para isso. Eu chupo a ponta delicadamente. Ele está lindo, gemendo, ansioso para ir todo para dentro. Lambo-o inteiro até que ele rosna, dando um puxão forte em meus cabelos. Eu rio e paro a brincadeira, engolindo seu eixo até onde consigo, alojando-o

bem fundo em minha garganta.

— Ahh, porra, Pietra... — seu gemido é o som mais bonito, seu rosto contorcido de prazer. — Sim, querida, mama bem gostoso — resmunga como o putão que é. Movendo minha cabeça para baixo, eu o levo ainda mais profundo e ele enlouquece, falando as sacanagens que sabe eu adoro: — Minha putinha, isso, chupa esse pau, caralho.

— Minha boceta encharca, pingando para ele e acelero as sugadas, entalada, esfomeada, mamando duro. Ele segura minha cabeça com as duas mãos e passa a comer minha boca, empurrando-se sem dó em minha garganta. Eu relaxo, contendo o reflexo de vômito e o permito usar minha boca para o seu prazer. O chupo com força e nossos olhares se encontram de novo. Dei muito

boquetes, mas esse de repente parece mais íntimo. Nos encaramos, T se encaminhando para gozar e pela primeira vez quero engolir tudo. Eu preciso engolir tudo. É uma necessidade que não sei de onde vem, mas está aqui, pungente. — Você precisa da minha porra, não é, linda? Vai beber tudo como uma boa menina. — Eu gemo com seu linguajar indecente, intensificando as

sugadas e ele ruge, jorrando em minha garganta. Bebo cada gota, tão sedenta que me assusta.

Quando está todo limpo, T me rola de costas na cama e sobe em mim de novo, a boca tomando a minha com paixão. O agarro e beijo, me sentindo de fato, livre em sua cama. Ele faz o mesmo comigo, chupa meus seios, lambe cada centímetro do meu corpo e em tempo

recorde está duro e coberto com nova camisinha, se acomodando entre minhas coxas. Essa posição é mais íntima, seus olhos escuros não desviam dos meus enquanto empurra deliciosamente lento em minha vulva. Estremeço pela sensibilidade, mas é gostoso demais ter seu grande volume me preenchendo como nunca. Ele me come, me encarando de perto. Enrolo minhas

pernas em sua cintura e um gruído rouco deixa sua boca ao entrar mais fundo.

— Me fode... Vem, me come com força, T — choramingo, não me importando de me desnudar para ele.

— Delícia de mulher... — rosna, pegando meus ombros e passa a estocar com força, entrando até o talo. Eu grito, dói, mas é disso que preciso. Fodemos assim, forte, nos encarando fixamente.

— Você é tão linda... — grunhe, metendo com força, me sacudindo toda. — Eu quero comer sua bunda agora. Já fez anal alguma vez? — Sacudo a cabeça em negativa. Sempre quis anal, mas novamente, não tinha coragem de propor aos meus ex bocós. — Prometo cuidar muito bem desse cuzinho virgem, tigresa — diz no tom indolente, me fazendo bufar. Dá mais uma estocada e

sai da minha vulva. Seus dedos escavam meu canal cremoso, pegando os sucos e os leva para o meu ânus, forçando passagem.

— Relaxe, Pietra — murmura. Permaneço fechada, embora querendo, estou com medo porque olhe só para o tamanho do cara, porra! Ele ri, compreendendo meu receio e se debruça, pegando algo na gaveta do

criado-mudo. Me mostra o pacote, é lubrificante. Sorrio de volta. Bem, vamos lá. T abre o lacre e lambuza minha bunda inteira, massageando-me, na certa para me relaxar mais. Em seguida, volta a forçar um dedo em meu anel virgem. Entra apertado e vou fazendo o que já li sobre o assunto, empurro para fora enquanto ele empurra para dentro. Logo o dedo está entrando e

saindo gostosamente. Eu gemo e T me olha com a cara de safado que conheço bem antes de empurrar mais um dedo. — Isso... Boa garota — elogia, sua outra mão passa a esfregar meu clitóris e eu relaxo de vez, deixando-o me foder assim. — É gostoso? — pergunta com a voz rouca. É estranho a intimidade que estamos tendo em nossa primeira noite. Nunca foi dessa forma antes. Talvez

Mila tenha razão e eu estava mesmo perdendo uma boa noite de sexo sem compromisso.

— Sim. É gostoso — admito e ele sorri, acrescentando um terceiro dedo. Puta merda. Eu resfolego com a ardência.

— Preciso preparar bem sua bunda para o meu tamanho — diz com sua arrogância em dia, mas fico calada

porque nesse caso o cachorro está certo. Minha nossa, ele vai me rasgar toda. Meu Pai do céu... Deixo-o me comer assim até os dedos estarem entrando livremente, me fazendo gemer, necessitando de algo mais. T retira os dedos e o vejo fascinada, passando lubrificante em seu pau lindo. Está nu. Ele percebe a pergunta em meus olhos.

— Estou limpo e você também. Quero

gozar nu em sua bunda. — Sim, por mais que tenha dito que tenha lhe provocado sobre pegar uma DST, falei apenas para insultá-lo. A HTL é rigorosa com a saúde de seus funcionários. Assinto e um brilho quase possessivo cintila nas irises de ônix. — Puxe as coxas para cima e as segure, Pietra — orienta e o faço, pulsando, latejando pela nova experiência. Em instantes, a cabeça

gorda está em minha pequena entrada. Resfolego, sentindo medo, no entanto, quero ser dele assim. Quero ser livre, com ele. — Me deixe entrar, tigresa. Estou louco de tesão nesse rabinho gostoso — grunhe, começando a forçar meu esfíncter, afundando em mim devagar.

— Ai, ai, minha nossa... — choramingo, relaxando para seu grande

pau me sodomizar. — Tristan... — gemo em lamento, querendo-o todo, mas ainda receosa. Seus olhos escuros me fitam penetrantes, me vendo gemer seu nome.

— Sim, abra para mim — murmura quando a cabeça passa toda. Ele tira e empurra de novo, ficando assim, indo e vindo gostosamente, indo mais fundo a cada estocada suave. Torno a gemer o seu nome em abandono

erótico e ele rosna, metendo até o punho, as bolas batendo em minha bunda. Eu berro alto, respirando com dificuldade. Dói pra caralho! O cachorro ri baixinho e firma as mãos grandes em minhas coxas, sua posição é quase agachada. Seu olhar fumega e retira-se quase todo, sem desviar o olhar do meu, volta num golpe duro e fundo. Me arrepio inteira.

— Seu putão gostoso! — berro,

consumida pela luxúria.

— Deliciosa demais... — rosna, passando a me foder sem dó, entrando até o cabo, suas bolas batendo na minha bunda. Bate em mim, me encarando ferozmente. O suor começa a cobrir nossas peles. Nos olhamos o tempo todo e novamente sinto aquela intimidade me tomando. Seus olhos escuros ficam presos em mim o tempo todo, me

mostrando sua expressão de êxtase a cada estocada bruta em meu ânus, como deve ser a minha, aliás. Uma de suas mãos descem para o meu monte e manipula o clitóris, arregaçando a pequena protuberância da capa. Resfolego, meu corpo recebendo o dele, dessa forma tão hedonista, mas não me sinto envergonhada. — Tão gostoso te comer assim — geme rouco. — Você é

minha. Finalmente, porra!

— Sim, sim, me dá tudo. Eu quero tudo... — o instigo completamente ensandecida. T rosna. Nos encaramos fixamente, fodendo, gemendo. Ele mete dois dedos na minha vulva, passando a massagear meu montículo com o polegar. Fico completamente preenchida e à sua mercê, sendo comida duramente e nunca me senti tão bem em toda a

minha vida.

— Goza para mim de novo, Pietra. Você é minha puta — ordena com voz rude e sinto meu corpo mudando ouvindo o termo chulo, o gozo perverso ameaçando vir. Mete com força nos meus dois buracos e não aguento, me desmancho, gritando no orgasmo sujo, pervertido, e por isso mesmo, arrebatador. Meus dedos dos pés

enrolam com a sensação avassaladora rolando em minhas entranhas. Gozo e gozo, balbuciando palavras incoerentes, dopada de tanto prazer. — Minha. Toda minha! — Ouço-o urrando, os jatos quentes de sêmen jorrando no meu ânus ardente. Gemo atordoada, enquanto continua estocando e se derramando dentro de mim. Quando meus tremores passam, fico olhando-o. Está

observando seu pau entrando em mim, gemendo baixo, o rosto contorcido pelo gozo e quando seus olhos escuros levantam, encontrando os meus, meu coração dispara de uma forma estranha. Seu quadril balança, me comendo mais devagar, nossos olhos presos. Gemidos ainda escapando de nossas bocas.

Dá uma última estocada forte, profunda e arqueio-me, gemendo em

lamento. Abre um riso lento, safado, saciado. Lindo. Meu Pai eterno... E essa é apenas a primeira noite. Sai de mim devagar e desço as minhas pernas dormentes para a cama. Debruça-se sobre meu corpo, suas mãos vindo em cada lado do meu rosto. Seguro um gemido com o toque suave.

— Você é exatamente do jeito que imaginei — sussurra em meus lábios.

Meu coração torna a disparar pela forma que está me olhando. Nossos peitos arfam, as respirações voltando ao normal depois da luxúria toda. Quando sua boca abaixa na minha, eu tenho que manter em mente que Tristan não é material para algo sério. É um beijo lento, gostoso, saciado, mas com a promessa de mais. Ele arranca a boca da minha cedo demais para o meu gosto e

sai da cama. Por alguma razão, percebo uma distância nele agora depois de toda a nossa euforia. Seu olhar prende o meu com algo que não consigo decifrar. — Pode ficar o tempo que quiser para se recompor antes de ir embora.

Meu corpo fica tenso com suas palavras. Ele parece emocionalmente distante nesse momento. Ou talvez tenha estado o tempo todo, você apenas o

estava deslumbrada demais com o sexo despudorado, Pietra. Recrimino-me e me levanto da cama, me recusando a mostrar que seu tratamento frio de agora me afeta de alguma forma.

— Claro — digo, indo em direção às minhas roupas espalhadas. Ele pega as suas e sai sem me olhar outra vez. — E você também é exatamente do jeito que imaginei, Tristan Maxwell —

murmuro quando fecha a porta.

Raiva e vergonha me tomam por ter me deixando levar de forma tão despudorada. Me fez sentir tão confortável com cada coisa que fizemos que mexeu com a porra da minha cabeça. Porém, é assim que ele é. Eu só havia esquecido desse detalhe em meio à névoa dos melhores orgasmos que já tive. É sexo, Pietra. Mantenha a cabeça

no jogo e não será surpreendida. Ordeno-me e começo a me vestir para dar o fora daqui.



# Capítulo 5

## *Dois dias depois...*

# Pietra

Ando apressada pelo corredor da HTL. É o primeiro dia de treinamento para comissária internacional e não posso chegar atrasada. Merda. Meu celular não despertou às 6h como havia programado. Acordei por um milagre às

7h e tive que correr para me arrumar. Nem consegui tomar café direito. Eu sei que os comissários-chefes que dão esses tipos de curso não são de brincadeira. Terei uma semana de treinamento antes de iniciar as escalas internacionais. Suspiro. Vou voar para Paris, Roma, Amsterdã e outras cidades da Europa! Minha empolgação se assemelha ao dia em que fiz a rota Palmas-São Paulo pela

primeira vez. Isso foi há seis anos, mas me recordo da alegria que senti ao pisar num dos modernos jatos da HTL. Eu sonhei todos esses anos em estar aqui, junto com os grandes, e agora estou. Torno a suspirar quando penso que não estou aqui exatamente por mérito próprio. Estão me aceitando porque estou fodendo com um dos donos da companhia. Isso me envergonha e tira

um pouco do brilho desta manhã, porém, para ser sincera, não vou me lamentar sobre essa merda.

Aceitei sua proposta indecente. Está feito. Ser a puta de Tristan Maxwell não define quem sou. Não, o meu esforço e estudo me levarão aonde quero. Nenhuma proteção de T irá me garantir sucesso se eu não corresponder em qualidade. E ninguém nunca saberá o

que precisei fazer para realizar o meu sonho. Apenas eu e ele. Por falar no dito cujo, ele não me contatou mais depois da nossa primeira transa, há dois dias. Depois de foder meus miolos, o filho da puta praticamente me enxotou de sua casa. Eu sei que é só sexo, mas seu tratamento frio depois da forma como me comeu e me fez gozar como nunca, me incomodou. Me fodeu com tanta

fome que me fez ter ideias ridículas em muitos momentos. Aqueles olhos escuros lindos e misteriosos fixos nos meus, seu pau grande e grosso invadindo meu corpo sem pena. Droga. Meu núcleo pulsa, o calor molhado descendo em minhas paredes. Venho relembrando tudo, cada olhar, cada toque, sua posse dura, como sempre desejei secretamente. Meu Deus, como posso ter

gostado tanto de ser tratada como uma vadia? Ser usada daquele jeito? Eu não consigo explicar, só sei que mesmo ainda toda dolorida pela intensidade do galinhão, fiquei irritada pelo idiota não ter dado sinal de vida.

Eu queria tudo de novo. Eu *quero* tudo de novo. Me toquei muitas vezes, imaginando-o. Mas a forma como saiu depois da transa, sem mais delongas, me

fez sentir como uma garota de programa que ele chamou, comeu e mandou embora depois. Droga, situação de merda essa em que me meti. Entretanto, não vou deixar isso me abalar. Vou foder com ele, aproveitar bem o tesão que, não posso mentir, é mútuo. Depois, sigo em frente, sendo uma grande pilota. Muita gente faz sexo casual e não fica remoendo, se recriminando por isso.

Foda-se! Sua proposta será mera lembrança daqui a alguns anos quando estiver no comando de minhas rotas internacionais. Com esse pensamento, empurro a porta e entro na sala. Para meu azar, a comissária-chefe já iniciou sua explanação. Tento chamar o mínimo de atenção possível enquanto me esquivo para uma das cadeiras vagas na segunda fileira. Serei uma mera

comissária nesse meu começo entre os grandes. Sim, minha progressão na rota doméstica não conta aqui, infelizmente. Eu tomo o assento e pego meu tablet na bolsa.

— E você, quem pensa que é para chegar atrasada na minha instrução?

A voz cheia de animosidade, me faz congelar e olhar para a frente da sala. Uma mulher morena lindíssima e,

muito mais jovem do que imaginei, está lá, toda alinhada em seu terninho azul-marinho. Nenhum fio de cabelo fora do lugar, os olhos castanhos rudes, mas impecavelmente maquiados estão focados em mim. Ela é Anita Soares, a comissária-chefe de voos internacionais mais jovem da HTL. Era só o que me faltava, ser pega no flagra como uma adolescente no ensino médio. A morena

levanta uma sobrancelha arrogante e cruza os braços, as unhas bem feitas e longas, batendo nos cotovelos. Engulo em seco e tento limpar a minha barra. A turma inteira está olhando para mim agora. Merda!

— Sou Pietra Ferraço, senhorita — me apresento, tentando não parecer intimidada, depois de conferir que não há uma aliança em seu dedo. —

Desculpe por chegar atrasada, eu...

— Poupe suas desculpas, senhorita Ferraço — Anita me corta num tom gelado e antipático. Porra, qual é o problema dessa cadela? — Se quiser entrar em um voo internacional nos próximos quinze dias, é bom que mostre algum compromisso com a companhia.

Suas palavras são ditas com tanta superioridade que minha primeira

reação é peitar essa vaca. Mas respiro fundo. Já me avisaram que os comissários-chefes internacionais são intragáveis com seus subalternos, no momento, eu.

— Não me atrasarei mais, senhorita — asseguro, me sentindo pequena sob os olhares da turma. A antipática me dispensa e retoma suas orientações. Solto a respiração que

estive prendendo e afundo na cadeira. Ouço tudo com atenção, tomando nota dos pontos mais relevantes. A turma é de 40 recrutas, alguns poucos homens, o resto mulheres entre vinte e quarenta anos.

No intervalo, eu saio da sala para respirar no jardim de inverno perto da parede espelhada. O movimento da Av. Paulista é intenso lá embaixo, atraindo

minha atenção. Eu amo São Paulo. Mesmo voando semanalmente para cá ainda me pego suspirando ao ver a metrópole. Sinto alguém chegar do meu lado e me viro, dando de cara com a mulher nojenta. Sua cara continua de quem comeu merda. O que diabos ela tem contra mim? Começo a me perguntar.

— Conheço seu tipo, garota — diz

baixo e com asco, me medindo de cima a baixo.

— Desculpe, mas não estou entendendo — respondo, intrigada.

Seus olhos ficam ainda mais cheios de desprezo.

— Você é aquela que está trepando com o chefe para subir na carreira — sibila e meu sangue gela. Como?! Ela não pode saber... — Sim,

eu sei. Tristan Maxwell me ligou e pediu para dar atenção especial à comissária vinda de Palmas. Não é prática dele fazer tais pedidos, então, foi fácil deduzir.

Eu franzo o cenho. Ele ligou? Quando?

— Está enganada. Não tenho nada com o senhor Maxwell...

— Não perca seu tempo negando,

querida. — Torna a me olhar da cabeça aos pés, a boca torcendo em desdém. — T é assim, pega qualquer vadia nova que aparece. — Eu ofego diante da ofensa escancarada e também do óbvio despeito em seu rosto odiosamente bonito e maquiado. Seu sorriso se torna malvado ao sibilar: — Esteja avisada de que não costumo aprovar incompetentes. Se vacilar comigo, te

reprovo. Garotas como você vem e vão o tempo todo. Mas a novidade passa, sempre passa. — Estreito meus olhos, tentando ler nas entrelinhas e com mais um sorriso cortante, ela esclarece: — Eu sou a preferida dele. Há mais de dois anos estamos juntos. Sou a única que Tristan mantém. *Eu* sou a única que faz tudo que ele quer, onde e quando quer.

Suas palavras me fazem arfar,

surpresa e um sentimento amargo se espalhando dentro mim: ciúmes. Ela está blefando, tem que estar. T não mantém relacionamentos. Não que eu saiba. Quero me chutar na canela porque não posso afirmar nada sobre ele. Não o conheço. Mas, Deus, odeio que imaginá-lo com outras me afete de alguma forma. Isso é casual. Sexo, puro e simples. Não era para eu estar querendo furar os olhos

dessa vadia.

— Ele irá me assumir assim que se cansar de comer putas oferecidas como você — ela continua destilando o veneno. — Se dê o respeito e pare de abrir as pernas para se dar bem, sua caipira ridícula!

Ainda estou atordoada, mas me forço a recuperar a fala e colocar essa piranha em seu devido lugar:

— A única que está sendo ridícula aqui é você. — Encaro-a de cima a baixo como fez comigo, mostrando que posso ser caipira, mas não sou nenhuma tonta. — Não venha dar uma de louca para cima de mim. Aqui temos uma posição de hierarquia que me obriga a te respeitar, mas saiba que não vou aturar ser ofendida por uma recalcada que se acha importante porque fode com o

chefe — rosno baixo, olhando em volta, para evitar escândalo. — Portanto, tenha algum decoro, faça o seu trabalho e me deixe fazer o meu. Do contrário teremos problema.

— Está me ameaçando, sua caipira? — Me encara, olhando de cima, como se fosse superior a mim porque é da cidade grande. Odeio gente como essa vaca.

— Não. Só estou dizendo que se me perseguir por causa de sua suposição de que estou com o senhor Maxwell, vou reportar seu assédio moral aos nossos superiores — digo, encarando-a de frente.

Seus olhos fervem, e ela abre um risinho cruel antes de dizer em tom baixo, mas cortante:

— Oh, vejam! A vadia do interior

tem garras. É bom que tenha mesmo. — Me olha com maldade. — Vai precisar para sobreviver na cidade grande, querida.

— Foda-se! Eu vou voltar para a sala — rosno.

— Sua vida não será fácil aqui, garota — avisa entre dentes, segurando meu braço. — Nem mesmo estar na cama do chefe irá salvá-la se não tiver

um bom desempenho na minha turma. Pare de trepar com o meu homem e talvez tenha alguma chance.

Mas que louca dos infernos! Puxo meu braço do seu domínio, fulminando-a. Até parece que Tristan-galinha-Maxwell tem dona. Debocho, no entanto, estou irritada. Muito irritada com essa vaca e com o cachorro porque ele come tudo que usa saias, o filho da puta!

— Não há como provar o que está insinuando, sua louca despeitada — ranjo os dentes, defendendo-me. Não quero meu nome enlameado dessa forma. Não é assim que quero subir. — Não há nada entre mim e o senhor Maxwell.

Rola os olhos, não acreditando em minhas palavras.

— Repito: guarde suas mentiras

para si. — Seus olhos maus me fazem ter calafrios e ela completa: — E se empenhe, mas se empenhe muito mesmo, do contrário será obrigada a voltar para o buraco de onde saiu com o rabo entre as pernas. Já esmaguei muitas putinhas antes de você e esmagarei quantas mais forem necessárias. — Ela é completamente louca. — Esteja avisada. Fique bem longe dele.

Eu abro a boca para dar uma réplica à altura, mas sou cortada pela voz profunda que abala tudo dentro de mim:

— Mas que diabos é isso aqui, Anita? — T rosna baixo, de repente, bem do meu lado. Meu olhar vai para ele e como sempre acontece, perco o controle do meu próprio corpo. Dois dias sem vê-lo e pareço uma colegial,

meu coração saltando contra as costelas. Meu corpo inteiro reagindo à sua proximidade, seu cheiro másculo, caro, sexy. Sacanagem...

— T... Eu não o vi chegando... — a vadia diz, a voz soando melosa, muito diferente do tom que usou para me intimidar segundos antes. Então, olha para mim, rindo falsamente. — Estava colocando Pietra a par de como

funcionam os voos intercontinentais.

Cadela miserável! Eu lhe digo isso com meus olhos.

— Você não é uma boa atriz, Anita. Ouvi as ameaças que estava fazendo a Pietra. — Minha cabeça gira para T e meu coração dá um solavanco quando encontro os intensos olhos escuros sobre mim. Meu Deus... Minhas entranhas apertam, o baque delicioso e

excitante que sua presença sempre me causa, retumbando em meu estômago. Parece que tem séculos que o vi. Está tão lindo numa jaqueta de couro cinza. Ele ama esse visual bad boy e minha calcinha molha a cada vez que o encontro assim. Merda. Tento não deixar transparecer que a cadela louca tem razão, mas é difícil me manter indiferente quando o cara que você

passou sete meses desejando te fodeu apenas uma vez e te deixou querendo desesperadamente mais. Ele parece sentir o meu conflito e desvia a atenção para Anita. Eu solto a respiração que estive prendendo. — Acho que você não entendeu bem minhas recomendações a respeito do treinamento da senhorita Ferraço. Ela era comissária-chefe na rota Palmas-São Paulo, portanto, não

precisa de um curso completo. Dê-lhe apenas orientações sobre as escalas internacionais. Eu a quero na escala para Paris na próxima semana.

A garota engole em seco e pisca rapidamente, acenando.

— É claro, T — murmura. — Sinto muito, eu realmente entendi errado. Vou colocá-la com o comandante Cristiano Rangel.

— Não — ele diz firmemente. — Escale-a sempre junto comigo.

Os olhos da garota só faltam saltar das órbitas. Eu quero fazer uma dancinha feliz, mas o que T acabou de dizer só confirma as suspeitas da vaca.

— Farei isso, pode deixar — Anita diz e posso ver a força que faz para soar natural. Mas quando seu olhar volta para o meu, vejo a maldade lá.

Porra. Acabei de fazer uma inimiga na companhia. Ela vai dificultar minha vida aqui dentro, é isso que está escrito em seu silêncio. — Farei tudo ao meu alcance para que se sinta à vontade nesse recomeço, Pietra.

Falsa! Quero dizer, mas me obrigo a fingir civilidade também.

— Obrigada — é tudo que lhe digo.

— Pode retomar sua instrução, Anita — T lhe diz. — Preciso discutir algo com Pietra.

Vejo mais uma vez a raiva fumegando nos olhos da garota. Mas, não discute, apenas dá um leve aceno e se afasta. A cadela é mesmo linda. Me vejo observando o corpo de modelo, seu gingar de quadris no scarpin de saltos finíssimos. Quando volto a atenção para

o galinhão, encontro-o me encarando. Seu olhar para mim ainda é faminto e não entendo por que não me chamou nesses dias, o cachorro.

— Venha comigo até a minha sala — murmura asperamente, os olhos descendo para a minha boca.

— Para quê? — digo com petulância, não me deixando seduzir facilmente por essa sua cara linda e

safada. Um de seus sorrisos lentos curva a boca sensual e seu olhar adquire o brilho perverso que já conheço bem.

— Me siga, Pietra — sussurra, o olhar deslizando pelo meu corpo em um de meus conjuntos de terninhos vermelho-vinho. — Se não quiser que te beije aqui mesmo — com essa ameaça descarada, gira nos calcanhares e começa a andar pelo corredor.

— Eu não posso demorar ou a sua cadela irá me perseguir ainda mais... — eu rosno baixo, mas meu corpo já está enlouquecido, querendo seu toque, seu beijo. Porra, querendo tudo. Estou fodida literal e figurativamente!

Sigo-o e emparelho com ele rapidamente. O corredor está vazio, todos já retornaram para o treinamento. Chama o elevador e entramos juntos,

subindo para o vigésimo primeiro andar, onde fica a sua sala e onde acontece a preparação dos pilotos. Pelo que ele me informou, o edifício inteiro é da HTL, mas a empresa ocupa apenas o vigésimo e o vigésimo primeiro andares. O restante é alugado para outras empresas e firmas de advocacia, como a de Alberto Maldonado, advogado e grande amigo de Heitor Maxwell. Saímos em

silêncio quando o elevador para e o sigo pelo corredor até sua sala. Ele abre a porta e pousa a mão em minhas costas, me empurrando para dentro. Em tempo recorde, T a fecha e me prensa contra ela. Meu corpo inteiro estremece com seu cheiro, seu corpo grande colado no meu. Uma mão agarra a minha cintura e a outra segura minha nuca, na pegada forte que alaga a minha calcinha.

Respiro entrecortado, seu rosto abaixando bem próximo do meu. Droga, lindo demais.

— Porra de mulher linda... — sussurra e então, sua boca cobre a minha, me fazendo gemer em deleite. Me penduro em seus ombros, todo o protesto pelos dias que ficou sem dar notícias, sendo calado em minha garganta. Sua boca deliciosa engole a

minha, a língua penetrando eroticamente entre meus lábios, lambendo-me em pinceladas que fazem meu centro latejar e molhar com força. Ofego, dando-me, beijando-o de volta, aprofundando o beijo. Gememos, nos esfregando, seu pau duro cavando em minha pelve. Sua mão desce para a minha bunda e angula nossos sexos numa fricção perversa. Choramingo, toda molhada, pulsando,

louca para tê-lo dentro de mim. — Cachorra gostosa... — ruge, a boca deslizando pela minha face até o meu ouvido onde sussurra malvadamente: — Quero te comer hoje. — Convulsiono pelas palavras sujas e ele ri, mordiscando minha orelha.

— Você não deu sinal de vida por dois dias — reclamo, fazendo-o rir condescendente. Me irrito de imediato.

— Sentiu a minha falta, tigresa? — Seus olhos abrem direto para os meus, a boca sugando a minha gostosamente. — Por que não me enviou nenhuma mensagem? Se queria o meu pau era só falar, querida.

— Putão... — eu rosno, empurrando seus ombros, mas ele não se afasta, me puxa mais firme contra seu corpo, o pau duro pulsando em meu

ventre. Seu olhar é aquecido para mim. Me congratulo por ver como o afeto também. — Eu não vou te ligar pedindo sexo.

— Por que não, Pietra? — Levanta uma sobrancelha zombeteira. — Você precisa se libertar, pantera. Sempre que quiser foder, basta pegar o telefone e me chamar — eu ofego quando sua mão gira e se infiltra pela

barra da minha saia. Nossos olhos permanecem trancados e choramingo ao sentir seus dedos deslizando em minha calcinha molhada. — Você quis foder comigo nesses dois dias em que não te chamei? Vamos, diga. — Sua voz é perversamente sedutora, enquanto massageia meu monte por cima do tecido encharcado.

— Sim, eu quis — me vejo

revelando. Ele sorri, os olhos ficando ainda mais lindos, intensos nos meus. Eu amo seus olhos e a forma como me encara.

— Quanto, tigresa? O quanto quis me dar essa bocetinha apertada? — Morde a minha boca inteira e solto um ganido necessitado. O safado ri. — Conta para mim, minha garota suja. Será que tocou aqui pensando em como te

comi com força? — Aperta minha carne, me causando tremores lascivos.

— Ahh, droga... — gemo, minhas paredes inundadas. Nossas respirações alteradas no silêncio da sala. — Sim, me toquei várias vezes pensando em nosso sexo, seu cachorro. É isso que quer ouvir?

Ele rosna, apertando minha nuca, os olhos inflamados nos meus.

— Eu te quero em uma de minhas casas noturnas hoje — murmura, sugando meu lábio inferior.

— Combinamos de não aparecermos em público — o lembro.

— Chegaremos separados e iremos embora da mesma forma — diz naturalmente e isso me deixa com uma sensação ruim. Sei que pedi por isso, para não sermos vistos juntos, porém,

não consigo me livrar da sensação horrível que é ser fodida e enviada para casa como se fosse uma garota de programa.

— Certo. E o que rola nessa casa noturna? — pergunto já desconfiada de que é algo chocante vindo desse lindo homem devasso.

— Ofereço os dois mundos em minhas casas noturnas... — Seus dedos

acariciam meu pescoço enquanto me fita nos olhos. — Os conservadores ficam apenas na área social: bar, pista de dança no primeiro e segundo piso. — Me dá uma mordida suave no queixo e completa: — No terceiro piso, há quartos privados para casais que querem foder em privado, e... Salas de foda, onde tudo é livre.

Minha respiração acelera com sua

descrição. Ele quer me levar nessas salas de foda? Me envergonho em dizer que quero ir. Quero me libertar de vez. Com ele. Lambo meus lábios e o brilho em seus olhos escuros fica mais intenso, percebendo a minha reação.

— Você quer ser livre comigo — sussurra, a massagem em meu clitóris voltando. Arfo, perdida em luxúria por esse belo homem hedonista. — Podemos

ser apenas *voyeurs* esta noite. — Me seduz com seu tom e olhar. — Quando estiver mais solta, posso te introduzir em meu mundo de vez. Você quer, linda? Quer ser livre de todos os seus medos e pudores, comigo?

Ah, merda. Já era, Pietra!

— Sim, eu quero. — Minha voz é apenas um choramingo e sua boca mergulha na minha outra vez, faminta,

exigente. Nos comemos nesse beijo, selando mais uma etapa da sua proposta indecente. Chupo sua língua e ele geme, pegando minha bunda, me levantando, me esmagando contra a porta. Enrolo minhas pernas em sua cintura e esfrego meu centro na coluna grande e grossa do seu pau.

— Deliciosa, porra — range e aprofunda o beijo, me devorando com

fome. — O que fez comigo, morena? Estou completamente louco por você — diz e meu coração canta, gostando de ouvir isso. Sei que é apenas no nível físico sua admissão, mas me envaidece, não posso evitar. Esse homem lindo e gostoso me quer. Não importa se é por pouco tempo, eu gosto disso: de tê-lo me querendo dessa forma.

— Também estou louca por você,

seu putão gostoso — choramingo e ele ri na minha boca. Nos chupamos, lambemos, mordemos. — Preciso voltar para a instrução agora, T — digo e ele faz um som de protesto, me beijando mais forte. — Droga, eu preciso ir. Aquela cadela não vai facilitar para mim. — Ele para o beijo e me encara.

— Eu cuidarei dela, fique tranquila — garante. Eu bufo.

— Posso imaginar como vai cuidar da vadia... — resmungo. O safado tem a cara de pau de rir. — Ela me contou o tipo de relação que vocês têm. — Então, me lembro da cadela dizendo que apenas ela pode dar o que ele precisa.

Algo passa em seus olhos.

— Eu não faço romance, Pietra — reforça o que me disse em Palmas. —

Eu fodo. Duro, sujo. É assim que sou, tigresa. Não engano ninguém a esse respeito.

Tento fingir que ouvi-lo dizendo isso não me incomoda. No fundo, ainda sou a garota do interior. Parece imoral o que estamos fazendo.

— Você a leva nessas suas salas de foda? — pergunto. Ele me estuda com seus olhos de ônix.

— Sim, ela sabe bem do que eu gosto e não cobra nada além do que estou disposto a dar: sexo.

Aceno, um bolo se formando em minha garganta pela sua admissão. Bom, pelo menos não mentiu, isso é um ponto positivo, não é?

— Você não vai foder outra boceta enquanto estiver comigo. — Puxo seus cabelos da nuca para enfatizar meu

ponto. Ele torna a abrir seu sorriso sacana. — Não estou te pedindo em casamento, Deus me livre! — T morde meu lábio superior e eu rio. — Mas não curto essa merda de compartilhar, estamos entendidos?

— Você está tão gananciosa pelo meu pau, não é, querida? — murmura no tom indulgente para me provocar. — Mas, fique tranquila. Minha fome por

você não vai passar rapidamente, Pietra. Ainda temos muita lenha para queimar.

— Você é um cachorro de marca maior — resmungo e ele torna a rir, pegando minha boceta em cheio e dando um aperto, me fazendo choramingar.

— Hoje à noite, linda — murmura, me deixando mole com esses olhos lindos e escuros dentro dos meus. Seu nariz desliza em minha face e rosna

contra a minha pele, me deixando ensandecida: — Vá antes que eu mude de ideia e te coma aqui mesmo. — Ele me coloca no chão, mas seus braços ainda permanecem à minha volta. Meus braços também continuam envoltos em seu pescoço. — Vou mandar meu motorista buscá-la e deixá-la.

— Não precisa. Posso chamar um Uber — digo mantendo minha

independência. Seus olhos estreitam, mas assente. — Que horas?

— Às 22 h. Amanhã você só terá atividade à tarde, então podemos nos divertir o quanto quisermos.

— Em plena segunda-feira há movimento na casa?

— Nossa clientela lota a casa em qualquer dia da semana. — Ele ri como se eu fosse uma criança inocente agora.

— Bem-vinda a São Paulo, linda!

Rolo os olhos.

— Tudo bem, nos vemos lá, então — digo, não deixando transparecer o medo que estou sentindo. Ele me dá um tapa na bunda e mergulha a boca na minha de novo, chupando a minha língua com força. Eu gemo necessitada e o sacana sorri.

Quando me libera e me deixa sair

da sala, eu ando trôpega pelo corredor. Minha boca dormente, minha calcinha completamente empapada de tanto tesão. Eu devia me sentir envergonhada, só que nesse momento não estou. Eu o quero. Farei tudo que ele quiser nessa sala de foda. Serei melhor do que aquela cadela. Serei a melhor, porra! Vou surpreendê-lo em seu próprio jogo.

# Tristan

Eu me recosto contra a porta e gemo de frustração, ajeitando meu pau dentro das calças. O cheiro dela está flutuando em meu nariz, me inebriando, dopando como uma droga poderosa. Porra, como estou louco por essa garota!

Passei o fim de semana sem dar sinal de vida porque precisava de um tempo a sós depois do tsunami que foi nossa primeira foda. Ela se entregou completamente, sem reservas e me deixou encantado demais para o meu gosto. A tigresa fez tudo que eu quis e gostou. Aprecia meu jogo sujo e duro no sexo. Eu queria continuar montando-a até a porra do sol raiar, mas em vez

disso, a mandei embora depois que gozei em seu rabinho virgem. Era preciso me distanciar um pouco daquela loucura toda. Por um momento insano, quase a puxei para os meus braços e a aconcheguei depois da foda. Caralho. Eu não faço essa merda de aconchegar depois do sexo. Nunca! Não menti para ela, eu apenas fodo e pronto. Mas com Pietra foi tudo intenso demais, gostoso

demais. A quero de uma forma que me intriga, me inflama. A tigresa mexe demais comigo.

Sei que se eu fosse um cara decente estaria ajudando-a a subir na carreira sem envolver sexo. Mas, não esperem decência de mim, não nesse sentido. Eu a quis por malditos sete meses e se essa é a única forma de tê-la, então, que se foda a moral! Pietra é

minha. Não estipulamos um período, lhe disse apenas até o nosso tesão se extinguir. A julgar pela maneira como meu pau fica duro apenas com a lembrança do seu corpo nu, lindo debaixo do meu, não estarei livre tão cedo. O convite para levá-la em uma de minhas casas noturnas foi com a intenção de chocá-la. Ela vai correr e me mostrar que não tem nada de

especial, é apenas uma garota do interior e esse encantamento ridículo que estou sentindo irá embora. Eu gosto de foda depravada. Quanto mais depravada melhor. Pietra, por mais curiosa que esteja, não saberá lidar comigo. Ela não pode dar o que a cadela da Anita me dá, por exemplo. Aquela safada adora uma foda depravada tanto quanto eu e é por isso que sempre volto

para mais. A última vez que a comi foi semana passada. Eu precisava extravasar a frustração pela demora de Pietra.

Foi gostoso, contudo, para ser sincero, não foi nem de longe como nas outras vezes. Anita fez tudo que eu quis, como sempre, até me deixou compartilhá-la com dois caras. Nos revezamos na cadela por um bom tempo

e depois a enviei para casa. Sem aconchegos, sem abraços ou mais beijos. Simples assim. Olho os papéis em cima da minha mesa e com um resmungo, me dirijo até lá. O desempenho dos aspirantes a pilotos. Minha assistente os colocou aqui mais cedo. Não gosto de ter uma sala aqui, entretanto, H não abre mão disso. Mesmo que haja períodos em que ela

permaneça fechada juntando mofo, meu irmão mais velho não deixa os funcionários esquecerem que também sou um dos donos. Com o aparecimento de Logan, teremos que dar um jeito de o bastardo arredio aceitar um cargo na empresa também. Hoje vamos almoçar juntos, os três. Espero que parem de ser uns idiotas completos e passem a se dar bem. Estou ficando cansado de fazer a

porra do meio de campo entre eles. Comigo Logan baixou um pouco a guarda depois que lhe contei como fui abandonado pelo nosso fodido pai naquele carro e quase morri. Se sente mais próximo de mim pelas merdas que deve ter passado também.

Ele ainda não me contou nada, no entanto. Tudo que sabemos foi através de Alberto, que investigou a vida

pregressa de nosso irmãozinho marrento. Espero que o bastardo confie em mim e H o suficiente para se abrir algum dia. Eu me acomodo atrás da mesa e me ponho a olhar a papelada. Odeio serviço burocrático, mas um leve sorriso se desenha em minha boca ao abrir a pasta de Pietra. Seu desempenho é um dos melhores. Porra, ela é boa. Será uma grande pilota, em breve. Me vejo com

um sentimento bobo, parecido com orgulho. Com um bufo descrente, passo para o próximo aluno, expulsando a gostosa da minha cabeça. Quando termino de inserir tudo em meu computador de mesa, desligo a máquina e deixo a sala. Já são 11:30. Vou passar na sala de H e descemos juntos. Com esse pensamento, pego o corredor sentido a sala da presidência. Ao entrar

na antessala, estaco ao dar de cara com Logan e Lígia. Meu irmão está lhe lançando um olhar e sorriso sombrios.

— Foda-se, seu imbecil! — ela diz com dentes cerrados, segurando uma pasta contra o peito, como isso fosse protegê-la de meu irmão. Eu fico parado, apenas como espectador.

Logan ri mais e anda ameaçadoramente, ficando bem próximo

de Lígia. Os dois se encaram e posso ver que há algo entre eles. Agora que pensam ninguém os está vendo, isso está claro em seus olhares. Logan pega seu pescoço pela frente e aproxima a boca do seu ouvido. Meu irmão rosna algo que não consigo entender. Mas, isso afeta Lígia, que ofega, o rosto ficando vermelho tomate. O bastardo continua rosnando e ela tenta empurrá-lo, mas ele

não cede.

— Me largue, seu bandidinho de quinta! — a garota insolente range, conseguindo enfim, se desvencilhar. Os dois se enfrentam com olhares carregados. — Não ouse me tocar.

— Fiz e farei mais do que isso, patricinha de merda — Logan zomba.

Uh. Então, ele comeu mesmo a irmãzinha de Albie? Abro um sorriso

masculino e confiro que Luciana não está em seu posto, os dois estão sozinhos. Ou pensam estarem sozinhos.

— Aquilo foi um erro, eu não vou mais...

— Vai sim. — Logan a encara com aquele ar sombrio de novo. Caralho. — Te espero hoje de novo, no mesmo horário.

— Foda-se, já disse! — Lígia se

enfeza.

— No mesmo horário, querida. Não esqueça — Logan diz como se ela não estivesse negando sua investida.

— Vá para o inferno! — Lígia atira e se vira para sair. Seus olhos de âmbar arregalam, me notando aqui. Seu rosto fica um pouco pálido, entregando o seu envolvimento com meu irmão. — Tristan...

— Olá, Lígia — digo em tom neutro e entro no recinto, fingindo não ter ouvido parte da sua interação suspeita com Logan. Suspeita principalmente porque essa garota está noiva. — Como você está?

Ela pisca e tenta recolocar sua máscara de garota chata em seu rosto bonito. Lígia é uma morena gostosa, eu diria. Mas parece certinha demais para

o meu gosto.

— Estou ótima! E você? — A garota sorri e isso sai tão forçado.

— Muito bem também — digo, olhando entre os dois. — Meu irmãozinho a estava importunando? — pergunto apenas para zoar Logan, que bufa em desdém.

— Não. Está tudo bem. — Ela nega e começa a andar para a porta. —

Bom te ver, Tristan. Dê um beijo em dona Magnólia.

E com isso a garota sai como se o diabo estivesse em seu encalço. Eu encaro Logan, levantando uma sobrancelha.

— Não me venha com suas merdas — ele grunhe como o bastardo que é.

Eu rio e ando até ele, abraçando-o

e o idiota torna a grunhir.

— Pelo menos finja felicidade ao encontrar seu irmão, porra — resmungo, dando um soco em seu ombro. O bastardo ri. — O que está fazendo aqui? Não havíamos combinado de nos encontrarmos no restaurante?

— Eu tinha um assunto para resolver...

— Com a irmãzinha do Alberto?

Cara, é você quem está cheio de merda. — Rio com cumplicidade masculina. — Conta para mim, está pegando a garota?

Ele abre a boca para me responder, mas nesse momento, H sai de sua sala. Meu outro irmão marrento franze a testa ao ver Logan.

— Você de novo? — pergunta encarando Logan. — Tem certeza de que não quer aceitar um cargo? Para quem

não está interessado, está rondando muito por aqui.

Logan grunhe, encarando nosso irmão mais velho com o mesmo sarcasmo.

— Desculpe, irmão, a companhia não tem nada a ver com minhas visitas nesse prédio.

H franze ainda mais o cenho, então, um sorriso cínico se abre em seu

rosto.

— Sua bunda será chutada não só por Alberto, mas pelo noivo da garota, se não parar de assediá-la. — avisa. Mas ele parece feliz com a perspectiva de Logan ter a bunda chutada.

— Cuide da sua vida, grande CEO — o marrento retruca e enfia as mãos dentro da sua jaqueta de couro. Eu meio que gosto de o bastardo ter um estilo

parecido com o meu. Porra, sim, estou gostando de ter um irmão mais novo.

H dispensa-o com um bufo e volta a atenção para mim.

— Como foi a consulta de Sofia? — indaga, seu rosto ficando tenso.

Acompanhei a bonitinha na consulta às 8h, conforme havíamos combinado na sexta-feira. É uma merda de situação essa.

— Correu tudo bem — lhe digo.

— Você ficou o tempo inteiro com ela? — pergunta com raiva queimando nos olhos azul-gelo.

— Sim, cara, não a deixei sozinha em nenhum momento.

Ele suspira, passando uma mão pelo rosto.

— Obrigado, irmão — murmura, sua voz cansada. Então encara Logan e

seu olhar suaviza um pouco antes de dizer: — Você é bem-vindo para visitar a qualquer hora, idiota. Não venha apenas por um rabo de saia.

Logan bufa. Mas acaba acenando.

— Então, vamos comer ou não? — pergunta fazendo H e eu rosnarmos em resposta. Ele fala muito bem o português. Deve ter estudado muito na intenção de vir dificultar nossa vida

aqui no Brasil. Porém, ele que foi surpreendido ao perceber que Logan Maxwell nunca foi um bom material para pai.

— Vamos, idiota — resmungo. — E não pense que vai escapar sem nos contar o que realmente está havendo entre você e a Lígia.

Ele rola os olhos, começando a andar à nossa frente. Troco um olhar

com H e grunhimos. Esse bastardinho vai dar trabalho, porra.

— E você, como está com a sua garota tocantinense? — H me olha de lado, o sorriso cínico voltando em sua cara. Logan diminui o passo até que emparelhamos os três andando no corredor.

— Ela chegou na sexta — digo e rio, olhando à frente, deixando-os na

expectativa.

— Você já comeu? — Logan provoca.

— Não tenho nada para falar a esse respeito — digo na evasiva.

H dá uma risada quase leve.

— Ele não comeu — diz e Logan sorri, entrando na onda de nosso irmão mais velho.

— Discordo, irmão. Eu acho que

o espertalhão já traçou a tigresa tocantinense e está escondendo o jogo — diz com um olhar presunçoso para mim.

— Cuidem de suas malditas vidas — eu rosno, chamando o elevador.

Os dois riem. Os encaro e mesmo os idiotas estando rindo à minha custa, eu gosto de vê-los compartilhando algo, rindo juntos. Vamos estreitar nosso

vínculo. Estaremos unidos pelo sangue para sempre, mas só isso não basta para haver amor, eu e H compreendemos isso muito cedo. É preciso convivência, respeito, cuidado. Eu quero construir isso com Logan. Quero poder confiar nele como confio em nosso irmão mais velho.



Ando até o parapeito da área vip e

olho a pista de dança lá embaixo. Está lotada. Rio da ingenuidade de Pietra ao cogitar que o movimento em uma segunda seria ruim. Estamos na capital mais badalada do país! Mas entendo que ela vem de uma realidade bem diferente da minha. Tomo um gole do meu Bourbon, meu corpo está pulsando com expectativa para esta noite. Pietra está aqui, finalmente aqui, onde a quis desde

quando meus olhos a encontraram dançando naquele palco no *The Pilot*. Porra, nunca fiquei tão excitado antes por levar uma garota na sala de foda. É comum para mim, corriqueiro. Mas com ela estou sentindo essa expectativa do caralho. A sensação do meu pau dentro dela não sai do meu pensamento. Ela é muito melhor do que pensei. Quero foder, degradá-la inteira. Viciá-la nesse

tipo de jogo sujo. Talvez possamos nos tornar parceiros de foda casual como com Anita. Essa química que temos é muito forte, não irá embora rapidamente. Sei disso e talvez por isso mesmo a convidei para vir hoje. Não apenas para chocá-la, mas testá-la, saber se podemos continuar fodendo sem compromisso. Não precisamos romper. Somos adultos e vou lhe mostrar as vantagens da

liberdade sexual.

—

Ei, garanhão. Quer companhia? —

A voz sexy bem no meu ouvido, corta meu fluxo de pensamentos. Meu corpo inteiro vibra. Seu cheiro gostoso invade as minhas narinas e meu pau acorda, engrossando dentro do jeans fino.

Não digo nada, apenas rio, me

virando para olhar o objeto do meu desejo insano. Meu coração sofre um maldito solavanco ao vê-la, parada, linda demais num vestido amarelo de saia esvoaçante. Se afasta e se debruça sobre o parapeito, me dando a visão das costas nuas no modelo frente única. É deliciosa. Meu olhar faminto desce pelas pernas torneadas até chegar nas sandálias pretas de tiras enroladas nos

tornozelos. O salto alto deixa suas pernas ainda mais lindas e gemo, antecipando tudo que farei com ela hoje. O modelo ajusta-se ao corpo lindo com perfeição. O enviei para seu endereço nesta tarde, junto com as sandálias. Pedi à minha personal stylist que me ajudasse com algo para uma morena espetacular e ela sugeriu esse modelo e cor quando lhe disse que não era um evento formal.

Cheguei a pensar que Pietra não fosse aceitar o presente, pois é dessas garotas independentes, já percebi. Está tão gostosa que se fosse na sala de foda, eu a deixaria nua agora mesmo. Me aproximo da sua lateral e deslizo o nariz em seu pescoço. Ela geme, a pele arrepiando.

— Monumento de morena — sussurro em seu ouvido e dou um beijo

suave em seu rosto. Ela não quer que chamemos atenção em público e pela primeira vez preciso refrear meus instintos perto de uma mulher.

— Obrigada pelos presentes — ela diz, virando o rosto para o meu, nossos olhares se encontrando. Nos encaramos com fome, nossas respirações alteradas pelo desejo denso que nos domina.

— Venha comigo. Quero poder te tocar e aqui não podemos — ranjo. Lambe os lábios e vejo o receio em seus olhos esverdeados. — Não fique nervosa, tigresa — me vejo falando, meu tom tão suave que não me reconheço. Meu braço livre enrola em sua cintura e a trago para mim. Levanta o rosto para o meu, os olhos pintados de lápis preto e os cílios longos e curvados

sedutoramente. A boca tem um batom vermelho-vinho. Está maravilhosa e me sinto meio bobo aqui olhando-a, como que enfeitiçado por essa linda morena interiorana. O que há nela que me fascina tanto? Tenho me feito essa pergunta com frequência.

—

T... Aqui não —

diz, seu olhar correndo pelas

proximidades e voltando para o meu.

Sua insistência em não ser vista comigo me incomoda. Porra, é a primeira vez que isso me acontece. As mulheres sempre querem ser vistas comigo. Me forçando a entender o seu modo de pensar, eu aceno.

— Eu vou sair na frente e você me segue até o elevador — aviso-a,

afrouxando o braço em sua cintura. Ela torna a lamber o lábio. — Não precisamos fazer nada lá dentro. — Me vejo assegurando e me pergunto se enlouqueci. Nunca faço tais garantias. É disso que eu gosto. Por que diabos estou fazendo essa concessão para ela? Não sei responder. Então, empina o nariz e um pouco do seu atrevimento dá as caras quando diz:

— Eu posso lidar com isso, T. Não me trate com indolência porque sou do interior — bufa.

Eu rio lentamente.

— Vamos ver até onde vai o seu atrevimento, pantera — digo com uma piscada e me viro, indo em direção ao corredor que dá acesso ao elevador e escadas para o segundo e terceiro piso. Chamo o elevador e ela para do meu

lado. Olho-a e coloco a mão em suas costas, empurrando-a para dentro suavemente. Quando as portas se fecham, meu braço enrola em sua cintura e me recosto à parede, trazendo sua frente para a minha. — Agora, me dê essa boca gostosa, minha cachorra — rosno e ela ousa sorrir, enlaçando meu pescoço, o rosto levantando para o meu. Nos encaramos fixamente até nossas

bocas se encontrarem num beijo lento e sensual. Pego sua bunda, trazendo-a para o meu pau e devoro sua boca, sem qualquer contenção. As portas se abrem e solto um grunhido por precisar parar o ataque tão cedo. Ela torna a rir, a safada.

— Vem, vamos começar a nossa festa, linda.

Mantenho meu braço enrolado em sua cintura e passamos para dentro do

hall, onde seguranças estão a postos. Eles acenam para mim com respeito e seguimos, saindo no amplo salão e ouço Pietra ofegando do meu lado. Sim, à primeira vista é impactante. Aperto suavemente a sua cintura e continuo conduzindo-a, cortando em linha reta em direção ao bar do canto oposto. Mulheres lindas e homens bem vestidos já desfilam pelo recinto. Rostos

conhecidos da política, meio artístico, todos frequentam as minhas salas. Não é permitido nenhum dispositivo eletrônico e há uma rigorosa revista antes de entrar aqui. Os seguranças não revistaram Pietra porque é minha acompanhante. Os participantes também assinam um termo de confidencialidade. Tudo que acontece aqui, fica aqui. A lista de espera para entrar é enorme e é aprovada por mim.

Ninguém que eu não goste entra em nenhuma de minhas casas noturnas.

A decoração foi feita por uma designer de interiores de Paris. Eu quis reproduzir a vibe liberal das casas noturnas de lá. Deu certo. Há muitos sofás em couro, negros, marrons, vermelhos. Há quadros de pintores famosos nas paredes, principalmente obras que remetem à liberdade sexual e

hedonismo. A iluminação é fraca, em tons vermelhos e alaranjados. O resultado é um ambiente misterioso, proporcionando aos frequentadores uma experiência sexy, que os permite liberar-se de suas amarras conservadoras. Sinto Pietra tensa do meu lado. Seu olhar curioso corre por todo o lugar. Já está acontecendo vários tipos de interação, percebo. Passamos por uma loira de

joelhos, chupando o pau de um cara. No próximo sofá, duas morenas estão se comendo num beijo escandaloso de línguas, as mãos se apalpando sem pudor.

— Meu Pai eterno... Que é isso, Brasil... — Pietra ofega novamente e sigo seu olhar. No palco, onde os shows BDSM acontecem, uma mulher está suspensa num balanço, enquanto cinco

caras de revezam em sua boceta. Sim, é uma merda chocante para quem está chegando agora, reconheço.

— Você quer correr para as montanhas, menina do interior? — zombo em seu ouvido, tão logo alcançamos o bar. Acomodo-a em um dos bancos do centro. O pessoal não gosta de ficar por aqui, preferindo interagir nos vários sofás e divãs

espalhados pelo amplo salão.

— É algo que me choca, devo admitir — diz, lambendo os lábios. — Mas eu sempre quis conhecer lugares como esse.

—

Você não sabe com quem está se metendo, tigresa — eu rosno, me colocando atrás dela, mantendo o braço possesivo em sua cintura. — Não pode

dizer essas coisas para um cara pervertido como eu, Pietra. Vou querer tudo de você, se continuar com esse atrevimento todo — aviso, mordendo entre seu ombro e pescoço. Ela estremece, gemendo gostosamente. — O que vai querer beber?

— O mesmo que você — sussurra, virando o rosto para o meu. A música tocando é

apenas uma batida sensual. O burburinho é baixo, deixando o som reverberar pelo salão. Apoio meu copo sobre a bancada e pego seu rosto com a mão livre, então, mergulho a boca na sua, beijando-a como quis fazer desde o momento em que a vi linda do meu lado. Ela geme, pegando minha nuca por trás, abrindo a boca ansiosamente. Nos sugamos, lambemos, mordiscamos

gostoso. Quando estou satisfeito, arranco a boca da sua e faço o pedido a um de meus *barmen*. Nossas bebidas não demoram a chegar e ela pega o seu copo de Bourbon, tocando-o no meu antes de levá-lo à boca indecente e tomar um gole. A observo, cobiçando sua boca de novo. Porra, nunca fui tão beijoqueiro antes. Tomo um gole do meu copo também, olhos presos aos seus e

sua atenção vem para a minha boca. Um sorriso tremula em meus lábios, vendo sua cobiça. Ela me quer. Pode estar dizendo a si mesma que foi por causa da proposta, mas nós dois sabemos que iríamos acabar fodendo em algum momento.

Movimento minha mão em sua cintura, rodeando-a, descendo até encontrar a coxa nua sob a barra do

vestido curto. Agarro sua carne firme, quente. Meu pau já está completamente duro e o empurro em suas costas, fazendo-a senti-lo. Pietra ofega. Abaixo a boca em seu ombro, sugando, mordiscando devagar, subindo para o pescoço.

— Tristan... — geme o meu nome e isso me inflama ainda mais. Gosto que me chame pelo nome completo quando

está excitada. Foi assim na nossa primeira noite. Ela pende a cabeça para o lado, permitindo meu assédio. Deslizo a língua em sua pele e afasto a massa de cachos para o ombro esquerdo. Deposito um beijo suave em sua nuca e ela solta um ganido quando afundo os dentes numa mordida perversa. Seu corpo convulsiona enquanto geme. Levo minha mão para o interior da coxa firme,

subindo até chegar à sua virilha. Pietra passa a respirar entrecortado, sua postura tensa, ansiando, esperando o meu toque em sua bocetinha. Eu retardo isso, apenas deslizando as unhas em sua carne macia, subindo, descendo. Indo e voltando. — Por favor...

— Por favor o quê, minha cachorra? — persuado-a em seu ouvido, sugando o lóbulo.

— Me toque... — ela geme, virando o rosto lindo para me encarar. Sorrio arrogante e torno a subir até meus dedos encontrarem o tecido empapado de sua calcinha. Ranjo os dentes, constatando o quanto está excitada. Afasto a borda e esfrego levemente os lábios melados de sua boceta. Pietra choraminga de boca aberta. Mas, atrevida com é, começa a acariciar meu

peito, abdome e infiltra a mão por dentro da minha camisa. Estremeço ao sentir seu toque macio. Caralho. Estou em apuros com essa morena. Nunca me senti tão atraído por uma mulher antes. Não que eu me lembre pelo menos. Ainda mais ousada, a safada desce a mão para a frente do meu jeans, pegando meu pau em cheio. Empurro um dedo em seu canal e ela geme alto. Rio,

acrescentando mais um. Entra apertado, mas está muito molhada, então, passo a comê-la com meus dedos enquanto os clientes pedem suas bebidas nas nossas laterais. Ela olha em volta e percebe algumas pessoas olhando para nós e seu corpo fica tenso.

— Não se importe com eles, Pietra — sussurro em seu ouvido, mordiscando seu lóbulo suavemente. Ela

arrepia e geme. Continuo empurrando meus dedos bem fundo em sua boceta pequena. — Tudo que importa aqui é o nosso prazer, linda. Apenas isso. — Seduzo-a. Ela lambe os lábios, voltando a massagear meu pau por cima do jeans. — Isso, boa menina. Você vai me dar bem gostoso na frente de todos eles, minha garota má? — Pietra choraminga, seu canal molhando ainda mais com essa

pergunta. Ela quer, vejo isso estampado em seu rosto. Sim, estou em apuros com essa garota. Ela não está correndo. Seu olhar queima no meu e ficamos nos fitando enquanto a como, massageando suas paredes. — Vamos, diga para mim, vai me deixar te comer na frente deles?

— Ohh, Deus... Sim... — geme quando acerto seu ponto G, esfregando-o com pressão. — Sim, eu quero isso.

— Eu sempre soube que você seria a minha putinha — rosno, mordendo seu pescoço. — Agora a tenho aqui, onde sempre a quis. — Seguro seu pescoço pela frente, fazendo-a me encarar. — Você será minha de todas as formas, Pietra. Minha, porra.

Então, esmago a minha boca na sua, engolindo seu grito quando goza em meus dedos. Correção: ela já é minha.



# Capítulo 6

***Oh, eu e você no mesmo lugar. Me mostre na mesma luz. É tão bom quando pegamos voo. Tiramos as roupas, pois ela é tão leve... Vou deixá-la molhada de uma forma que nunca esteve...***

***(Wrong – Zayn)***

# Pietra

Eu choramingo, gemendo como uma cadela na boca de T. Ele empurra os dedos malvadamente, os espasmos do gozo rolando em meu corpo. Jesus santíssimo... Acabei de gozar em sua

mão aqui no bar onde qualquer um pode nos ver. Sua boca exigente e deliciosa devora a minha, bebendo meus gemidos. Ele próprio rosnando. Seu pau como uma rocha dentro do jeans. Suga a minha língua e com uma mordida suave em minha boca, para o beijo, puxando os dedos do meu canal encharcado. Abro os olhos e encontro-o me fitando. Ah, Deus, como pode ser tão bonito e

perverso? Seus olhos estão mais intensos, penetrantes nos meus. Então, traz a mão que esteve me tocando e desliza os dedos em minha boca. Sinto meu gosto e sugo seus dedos sob o seu escrutínio. Ele sorri lascivo e passa a lamber também, me ajudando.

— Você é perfeita — murmura, sua língua resvalando na minha. Ficamos assim, nos olhando e sugando seus

dedos, sem nos importarmos com mais nada. O safado torna a sorrir quando limpamos meus sucos completamente. Pega seu copo e volta a beber. Eu faço o mesmo. Ele me gira de frente para si, se enfiando entre minhas coxas. O cume de sua virilha encosta em meu clitóris sensível. Gemo, mordendo o lábio e o sacana se esfrega perversamente em meu núcleo. Enrolo um braço em sua cintura,

puxando-o mais perto, sorrindo de volta. Nós bebemos tudo e T pede ao *barman* para reabastecer. Eu peço três pedras de gelo no meu. Bebo rapidamente, precisando de coragem líquida para tudo que quero fazer nesta noite. Ele também ingere o seu rápido e pede novas doses. A introdução de *Wrong,* uma música bem safada de Zayn, soa e quase bufo. A letra é certamente apropriada para a

maioria das pessoas aqui nesse salão. Fala de sexo casual. Porém, é linda, sexy e eu adoro, como tudo que esse talentoso cantor faz. Enfio a mão em meu copo, pegando uma pedra de gelo e a chupo, encarando-o sugestivamente. Meu sangue já está quente, tanto pela bebida quanto pelo belo exemplar masculino na minha frente. Ele grunhe e vem chupar a pedra junto comigo,

nossas línguas rolando uma na outra, nossos lábios roçando, sugando o outro.

Passo a pedra para a sua boca e a mastiga, o olhar negro segurando o meu, enquanto a mão livre desliza no vale entre meus seios. Meus mamilos ficam tesos, inchados, esperando seu toque. Ele sabe disso porque retarda, apenas subindo e descendo. Minha respiração acelera e enfio as mãos por dentro de

sua camiseta preta. Gemo ao sentir a pele firme e quente. T estremece, gemendo rouco. Nossos olhares não desviam um do outro. Sua mão finalmente afasta a borda do vestido frente única e segura meu seio direito. Arquejo, minhas pálpebras pesando de tanto tesão e prazer pelo seu toque. Seus dedos rolam o mamilo, apertando-o com um pouco de pressão. Ele observa cada

reação minha e a boca linda e sensual curva no familiar sorriso sacana. Sua boca aproxima do meu pescoço e viro o rosto, dando-lhe acesso. Os lábios frios me fazem estremecer, me chupando gostosamente. Choramingo, correndo minhas unhas pelos músculos de suas costas. Ele rosna, mordendo-me e desce mais, segurando minha nuca, me inclinando para trás e não seguro um

gemido chorado quando expõe meu seio inteiro e o abocanha.

— Ah, meu Deus... — balbucio, arqueando-me, dando-me sem reservas. — Isso é tão bom.

— Isso, linda. Solte-se — murmura, soprando minha carne e então, chupa a auréola inteira, lambendo o bico. Afasta o outro lado do vestido, expondo o outro seio e o engole com

ânsia. Meu centro pulsa, lateja, minha calcinha completamente empapada. Ele rosna e empurra a coluna dura e grossa em meu monte. — Estou louco para meter em você bem aqui mesmo.

— Porra... — lamento e ele ri. Deus, eu amo essa risada.

— Você quer, tigresa? Quer que eles me vejam te comendo aqui? — sussurra com a voz perversamente

sedutora, que já conheço bem. Eu lambo meus lábios, olhando em volta e ofego. Há gente fazendo sexo abertamente por todos os malditos lugares! Meu Pai eterno... Sobre os inúmeros sofás de couro espalhados no ambiente, contra as paredes e um casal na ponta da bancada do bar que estamos. A mulher está debruçada sobre o banco, a saia levantada e o cara, metendo nela

furiosamente por trás. Os *barmen* continuam seus serviços como se não estivessem vendo nada. Puta merda! Engulo em seco, querendo a experiência, mas a mente de garota do interior ainda guerreando com meu lado vadia. No palco os caras ainda estão se revezando na pobre loira franzina. Só que agora, ela está amarrada sobre um banco esquisito e um a um eles a montam,

batendo em sua bunda. Garota corajosa. Amanhã sua boceta estará destruída, com toda certeza. Há uma pequena plateia nas mesas mais próximas, e as pessoas estão fazendo sexo também, observando a cena hedonista no palco.

Estou impactada, mas não a ponto de querer ir embora. Não, eu quero isso. Quero ficar e fazer sexo com Tristan na frente de toda essa gente. Minha nossa,

ele tem razão, sou uma cachorra safada, uma putinha suja.

— Você quer foder assim, não é, minha gostosa? — sussurra no meu ouvido e estremeço, sentindo-o mordiscar o lóbulo. — Vamos começar o nosso show, tigresa — avisa e faz um gesto para o *barman,* indicando que estamos indo não sei para onde. — Vamos para um dos sofás lá nos fundos

— diz e me puxa de pé, me colocando à sua frente.

Andamos assim, cortando o salão, os sons luxuriosos rivalizando com a música. Paramos de frente para a parede de vidro. Suspiro com as luzes de São Paulo a perder de vista. Me gira de frente, os braços enrolando em minha cintura, me fazendo gemer de prazer. O abraço pelo pescoço. Ele começa a nos

mover no ritmo lento da batida sensual. Sua boca desce na minha e me entrego, puxando-o com ânsia para mim. T geme baixo, aprofundando o beijo, as mãos subindo numa carícia deliciosa pelas minhas costas nuas. Nos agarramos, nos beijando sôfregos, nos movendo coladinhos, cheios desse tesão gigantesco e assombroso que nos assola. Suas mãos descem para a minha bunda,

agarrando, apalpando a minha carne com posse. Desliza uma mão pela minha frente e pega minha boceta em cheio, me fazendo choramingar em sua boca. Saio da minha inércia e puxo sua camiseta pela barra. Ele ri e isso viaja por cada célula do meu corpo. Me ajuda tirar a peça e joga-a sobre o sofá de couro negro à nossa frente. Apalpo seus músculos do peitoral, tanquinho. Suas

mãos ficam mais urgentes, infiltrando-se por baixo da saia rodada e puxando as laterais da minha calcinha. Ofego, deixando-o arrastá-la pelas minhas pernas. Ele a cheira, a guarda no bolso do jeans e gemo com a devassidão desse lindo homem.

— Sente-se no sofá, querida — range, me empurrando para trás. Eu caio sentada no estofado de couro. Se agacha

à minha frente e pega meus joelhos, abrindo minhas pernas. — Vou comer essa linda boceta com a boca primeiro. Estou morrendo de sede pelo seu gozo — anuncia e estremeço, quando levanta minha saia, expondo minha boceta nua para quem quiser ver. Ai, meu Deus, o que estou fazendo? Pergunto-me em conflito, mas isso só dura até o primeiro golpe da língua experiente em meu

clitóris.

— Tristan... Porra... — lamento e ele ri, sabendo que sou jogo ganho. No fundo, sou uma depravada, ansiando por tudo que irá fazer comigo. Deito no encosto e puxa minha bunda para a borda do sofá, a boca engolindo meu monte e lábios. Convulsiono com as sugadas fortes, perversas que me dá. Líquidos abundantes escorrem para fora

de mim. Arfo, minha boca entreabrindo. Pego seus cabelos macios e esfrego minha carne em seu rosto. T rosna e me morde, puxando os lábios entre os dentes. — Ah, droga, assim, seu cachorro gostoso — gemo, e enfia dois dedos em minha vulva. Passa a me comer com força, enquanto me lambe, chupa e morde. Quando seus dentes raspam no clitóris inchado eu grito, sem

nenhuma vergonha e ele arreganha a protuberância, tornando a mordiscar o local mais sensível e quebro, gozando. As ondas lascivas do orgasmo varrem meu corpo. Eu olho de lado, notando que um cara está me observando enquanto sua companheira o chupa. Devia sentir-me envergonhada, mas não. Gosto de vê-lo me observando gozar. Merda, eu sou mesmo uma vadia.

— Sua putinha suja — T range, me dando um tapa forte na coxa. Eu gemo, desviando meu olhar para ele. — Gosta daquele cara te vendo gozar?

Eu engulo em seco. Não sei bem o que dizer.

— Não quero trepar com ele, mas sim, gosto que me veja gozar com você — digo corajosamente. Seus olhos escuros ficam ainda mais selvagens e

sobe as mãos para a minha nuca, abrindo o fecho do vestido. Meus seios ficam nus e ofego, meus mamilos enrugando por algum resquício de vergonha tardia. Ele enche as mãos neles, amassando a carne e olha de lado, para o cara no outro sofá. Tenho a impressão de que está provocando o homem. Então, junta meus seios e abaixa a boca, chupando-me com força. Pego sua cabeça de novo

e arqueio-me para ele mamar. T rosna, mordiscando, lambendo, sugando minha carne. Torno a olhar o cara. Ele sorri com aprovação.

— Vadia gostosa... — T range e convulsiono com a degradação. Estou pingando, latejando, pronta para dar tudo que quiser, e ele sabe disso. Sempre soube desde o começo. — Vai me dar na frente dele, sua putinha. —

Choramingo e se levanta, abrindo o zíper do jeans. Deus, estava tão lindo quando o avistei na área vip, trajando uma calça escura e uma camiseta preta, gola v de mangas longas. Agora o torso está nu, mostrando os músculos sem exageros que estive salivando para ver e tocar desde sexta. Com um sorriso atrevido, assumo a tarefa e enfio a mão em sua calça e boxer, pegando o pau

longo e grosso. Minha boceta aperta ao ver o quanto está pronto para mim, antecipando o momento em que irá me esticar como nenhum outro antes. Levanto meus olhos encontrando os seus e escorrego para o carpete, ficando de joelhos a seus pés. Seus olhos fervem, suas mãos circundam meu pescoço e resfolego, engolindo a cabeça bulbosa numa chupada gananciosa. — porra,

porra... — ruge, as veias em seu pescoço saltando, mostrando seu parco controle.

Eu gosto disso e sorrio, abaixando a boca, engolindo o eixo espesso até a garganta. Forço-me a levar quase tudo e ele torna a grunhir, nunca desviando os olhos do meu rosto. Então, eu o chupo, rolando a língua, raspando os dentes nas veias grossas. T enlouquece e passa e

comer a minha boca, metendo sem pena. Eu molho mais, gemo, entalada em seu eixo, amando sua rudeza.

— Chega, sua cachorra — resmunga e se retira da minha boca, me deixando ofegando, os lábios dormentes e inchados, a garganta doendo. Pega uma camisinha no bolso do jeans e rasga a embalagem. Lambo os lábios vendo-o embainhar seu pau lindo e grosso. Ele se

senta do meu lado, segurando o eixo. Sua cara é safada e perversa, o convite mudo em seus olhos. Me arrasto para cima dele, escarranchando seu quadril. Seguro seus ombros e tremo ao sentir a cabeça grossa se alinhando na minha entrada. Prendo a respiração, esperando-o me encher. — Desce Pietra. Quero meu pau bem fundo nessa bocetinha pequena, porra — rosna e

choramingo, descendo, engolindo a cabeça. Ele trinca os dentes e segura minha bunda com as duas mãos. — Isso, querida, me dá essa boceta apertada — range e me puxa pela cintura, entrando em mim numa única estocada, rasgando minha vulva dolorosa e gostosamente.

— Seu filho da puta! — berro, mordendo seu ombro para me conter. Estremeço inteira, molhando, pulsando,

meu corpo descontrolado. Eu quis isso malditamente muito. — Oh, Deus, sim, eu preciso disso... — lamento e ele não me dá trégua, puxando e metendo de volta, profundamente, entrando até o cabo, esticando-me sem pena.

— Gostosa pra caralho... — range os dentes, descendo as mãos, subindo a saia do vestido, deixando-me praticamente nua, o tecido amontoado

em minha cintura. Seus olhos escuros estão lindos, apreciando minha devassidão. Me encara fixamente enquanto me come com estocadas fundas e duras. Não me dá chance de rebolar, ele controla tudo, metendo o quanto quer e eu amo isso. Sua boca contorce no sorriso conhecedor e se inclina, engolindo o seio esquerdo. Eu gemo alto, arqueando-me, dando-me

desavergonhada para ele. — Olhe para aquele fodido ali, linda. Mostre a ele a quem essa boceta pertence — rosna perversamente e olho para o cara. Ele continua observando nossa foda. T acelera, me rasgando a cada golpe, fodendo com força bruta e me enlouquece essa picada de dor misturada ao prazer.

— Ah, meu Deus... Você é gostoso

demais... — choramingo, sua boca gananciosa se revezando em meus montes. Meus olhos voltam para ele e o observo delirante, deslumbrada com tanta beleza. Estou enfeitiçada. Suas mãos agarram minha bunda e abre as bochechas. Ofego, sabendo o que o safado quer: mostrar para todo o salão e, principalmente para o cara ao lado, seu pau entrando em mim. Eu apenas

gemo e jogo a cabeça pra trás, passando a montá-lo, encontrando suas estocadas fundas. Ele dá um gemido gutural em aprovação e crava a mão em minha nuca, a outra pegando minha cintura. Nossos olhares voltando a se encontrar, quentes sobre o outro, nossas bocas ofegando alto.

— Minha puta. Vamos, diga isso, Pietra — atiça, dando um tapa forte em

minha bunda.

— Tristan... — gemo seu nome, minhas entranhas incendiando com sua posse, a experiência fora de série que estou vivendo com ele. — Sim, sou sua puta. Me come assim. Me fode com força, porra!

Ele ruge e me puxa com força brutal para baixo em seu eixo. Eu grito, molhando toda a camisinha, meu

orgasmo está por um fio.

— Cachorra deliciosa! Vou te comer assim sempre que quiser — diz, puxando meu rosto ainda mais perto do seu, seu quadril martelando, castigando o meu. — Que gostoso arrombar essa boceta na frente deles. Eles estão vendo meu pau esticando sua pequena boceta, Pietra. Era isso que você queria? — zomba com condescendência e gemo em

desamparo, sendo sacudida com suas estocadas. Sua boca vem para o meu ouvido e continua a me torturar. — Agora é uma de nós. Eles sabem que é minha vadia, minha putinha suja que ama tomar meu pau em qualquer lugar — rosna e eu ofego, minha barriga queimando na sensação avassaladora que é gozar com ele. Corro o risco de me viciar nesse sexo perverso que está

me apresentando. — Você é minha, Pietra — range os dentes, ofegante, e percebo que está perto também. — Só eu posso te dar isso. Apenas eu, porra. — Sua reivindicação me faz pegar o amontoado de tecido em minha cintura e passá-lo por cima da cabeça, ficando completamente nua.

— Sim, eu sou sua, aqui e agora, sou sua — digo, pegando sua nuca,

puxando os cabelos curtos. Uma misto de incredulidade e fascinação cintila nas irises escuras e seu olhar corre pelo meu torso. As mãos vêm junto, explorando, pegando com fome, cada centímetro do meu corpo nu.

— Caralho... Perfeição de mulher... — murmura, então volta a pegar minha nuca, puxando meu rosto para o seu e sua boca mergulha na

minha, gemendo rouco, metendo em mim furiosamente. — Vai gozar junto comigo — ordena e aceno, cavalgando-o completamente desinibida, arqueando-me. Seus olhos escuros não desviam dos meus, enquanto fodemos com força, gemendo, arfando na boca um do outro. Depois de um tempo, com um rosnado, ele nos gira, me deitando no sofá e seu corpo grande esmaga o meu. Arreganha

bem minhas coxas e bate em mim profundamente, me fazendo gritar, meus dedos dos pés formigando, meu ventre incendiando. Resfolego, respirando entrecortado a cada estocada bruta. Sua boca devorando a minha, chupando a minha língua. — Goza no meu pau, Pietra. Vamos, goza pra mim! — E eu me desmancho, gritando e gozando com força. Ele afunda os dentes em meu

ombro e me segue um segundo depois, urrando alto. Sinto-o pulsando, liberando o sêmen na camisinha. Nossas bocas não se largam, continuamos gozando e nos beijando com paixão. Estou entorpecida, deixando-o meter em mim, tremores poderosos rolando em nossos corpos entrelaçados.

T enfim arranca a boca da minha e enfia o rosto no meu pescoço, gemendo

baixo, puxando respirações agudas. Deito minha cabeça no assento e fico olhando o teto por um instante. Meu Pai eterno... Acabei de foder em público! Olho ao nosso redor e sim, tem algumas pessoas nos olhando. Merda. Que show você deu, hein, Pietra? Minha vergonha aparece, ainda que tardia.

— Você é insuperável, tigresa. — A voz profunda e ofegante de T, arrepia

meu pescoço. Quando levanta a cabeça e nossos olhares se encontram, meu coração sofre um baque. Seu rosto está ainda mais perfeito, os olhos escuros brilhantes, lindos. Um sorriso enfeitando sua boca. Meu Deus, estou em apuros com esse homem. Não precisava ser tão bonito assim, precisava? — Eu vou querer muito mais disso — murmura aproximando nossas bocas ofegantes. —

Você está disposta a me dar? — pergunta e engulo em seco. Sei que posso me arrepender dessa decisão, mas aceno. Seus olhos brilham ainda mais e ele geme antes de seus lábios tocarem os meus num beijo deliciosamente lento, enquanto seu quadril volta a empurrar devagar em mim. — Delícia de morena... — sussurra, gemendo e puxa suavemente para fora.

Retira o preservativo, dando um nó, o guardando no bolso das calças e fechando seu zíper. Pega meu vestido e me ajuda a colocá-lo de volta. Suas mãos são tão suaves e gentis que meu coração aquece. Mantenho meus olhos sobre sua figura linda, não contendo meu encantamento porque ele é, de fato, o homem mais bonito que já vi na vida. E estar compartilhando tal intimidade com

ele mexe comigo. Mais do que deveria, admito. Quando estou apresentável, T se levanta, colocando sua camiseta e aproveito para babar um pouco mais em seu corpo sexy. Me flagra olhando-o e aquele sorriso lindo e safado brinca em sua boca. Estende a mão para mim e a seguro, me levantando. Seus braços envolvem imediatamente a minha cintura e não posso evitar, é muito bom sentir

isso, uma vez que na sexta ele me mandou embora no segundo em que saiu de cima de mim, o cachorro.

— Você está bem? — pergunta. O enlaço pelo pescoço e ficamos nos olhando, nossos rostos bem próximos. Nossas respirações ainda um pouco alteradas. Há uma espécie de suavidade em seus olhos na penumbra do ambiente enquanto me observa. Isso faz as

borboletas intrometidas se agitarem em meu estômago. Me pergunto o que está pensando ao me encarar dessa forma.

— Sim, estou ótima. Obrigada — murmuro e ele sorri. É um tipo de sorriso diferente. Não me lembro de ter visto esse brilho em seu rosto antes. Sei que é estranho, mas ao contrário da maioria dos humanos normais, que usam o sorriso para aproximar as pessoas, T

usa o seu para afastar. Já percebi que seu sorriso fácil não é real. É quase como uma fachada, sobretudo com mulheres. Me pergunto a razão disso.

— Minha garota corajosa — sussurra com um brilho de satisfeito em seus olhos. — Vem, quero-a apenas para mim agora. Vamos para o quarto — chama e me conduz por entre o mar de pessoas envolvidas nos mais variados

estágios de sexo. Tomamos um corredor, ladeado por paredes de vidro, nos dando a visão completa de dentro dos quartos. Uau. Eu sempre quis ver quartos assim.

— Você vem aqui com frequência? — pergunto, mesmo sabendo a resposta. É claro que vem. Então, algo me ocorre. — Trouxe a vaca da Anita aqui?

Seu sorriso é indolente e o

fulmino quando paramos na porta de um dos quartos.

— Eu frequento todas as salas de foda de minhas casas, se é isso que está perguntando. — Assente, me olhando com cautela agora. — Mas Anita não esteve aqui, apenas nas outras.

Suspiro de alívio. Merda. Por que isso me alegra? Ele é um galinhão, Pietra. Você não pode abaixar a guarda

ou estará fodida, em mais de um sentido. Tento manter o foco no que é: sexo. Tristan Maxwell é um pervertido assumido. Sei que já compartilhou muitas mulheres e esse jogo é desigual visto que nunca fiz sexo apenas para saciar o tesão. Sempre associei sexo a amor, relacionamento duradouro, cumplicidade. Mas, aqui estou eu, com o cara mais libertino que já andou sobre

esta terra e ainda gostando disso. Eu só preciso manter a mente no jogo e não me deixar ser tocada pela beleza e charme cafajeste desse homem. Entramos no quarto e ele me solta. Eu ando devagar, meus olhos correndo curiosos pelo recinto luxuoso e hedonista. Uma música sensual, no mesmo estilo da de Zayn soa no recinto. Continuo a exploração. Há um imenso sofá de couro preto. Um divã

vermelho. Uma cama dossel na parte mais baixa do cômodo. E, há lindos arranjos de rosas vermelhas em vários aparadores. Eu avanço até um, pegando um botão, trazendo-o involuntariamente ao nariz. O cachorro sedutor faz isso para todas?

— As rosas são apenas para você, tigresa. — Sua voz soa às minhas costas. Me viro e ele está perto de outro

aparador, onde tem baldes com champanhe e algumas garrafas do seu Bourbon preferido. Nós passamos a servir essa marca no *The Pilot* por sua causa. É cara, como tudo em seu mundo. Ele está servindo champanhe em duas taças e seu olhar encontra o meu quando termina a tarefa. Sua postura parece casual, mas sei que não, pela intensidade com que seus olhos estão

cravados sobre mim. Ele confirma isso quando anda até uma espécie de banco, muito parecido com o que a loira estava amarrada na cena BDSM. Engulo em seco. — Mantenho esse quarto desde a inauguração da casa, há dois anos. Já deve ter percebido que gosto de jogar no sexo. — Aceno ainda cheirando a rosa. Tenho certeza de que esse é o único gesto suave que terei aqui nesse quarto.

Decidida a continuar surpreendendo-o, ando devagar em sua direção. Minha boceta está dolorida, inchada da foda áspera, mas gosto da sensação a cada passo que dou. Seu olhar desliza pelo meu corpo, lento, ainda faminto. Paro à sua frente, me mantendo altiva, como sempre, mesmo que por dentro esteja receosa de tudo que fará comigo neste quarto. Sua boca

curva nos cantos enquanto estende uma taça para mim. Eu a pego, tomando um bom gole da bebida deliciosa e gelada. Ele bebe também, seu olhar indolente me observando por cima da borda. Desvio o olhar do seu e minha atenção é captada para a caixa sobre o banco. Há uma infinidade de apetrechos sexuais: vibradores, dildos, chicotes, algemas de todos os formatos e materiais, vendas de

seda vermelha, cordas e outras coisas que não sei o nome. Puta que pariu!

— Você está nessa de dominação? — pergunto, tomando mais um gole para tirar a secura da garganta. Ele ri, diversão clara em seu rosto de riquinho fodido.

— Não, Pietra — nega, mas seus olhos ficam carregados quando adiciona: — Gosto de foder e faço isso

de muitas, muitas maneiras. Amo um jogo depravado, não necessariamente BDSM — dá de ombros —, diria que sou um fetichista, não um dominador. Aqui não há contratos, somos apenas um homem e uma mulher que se sentem atraídos e decidiram explorar as possibilidades na cama. — Ele olha o banco e sorri lento e malvado: — E em outras superfícies também.

O cara é lindo, rico, gostoso e ainda quer me foder de tudo quanto é jeito? Sacanagem da grossa... Como uma garota pode dizer não a isso, Brasil? Gemo internamente, meu centro latejando, novos líquidos lubrificando meu canal. Tomo o resto do champanhe e lhe entrego a taça vazia. Encarando-o fixamente, levo minhas mãos para a nuca e abro o fecho do vestido. Seus olhos

cintilam, um brilho selvagem, predador invadindo suas irises. Ofereço-lhe meu melhor olhar sedutor e vou deixando cair o tecido, passando devagar pelos meus seios, ventre, quadris. Seu maxilar trinca ao ver minha boceta nua e inchada da sua posse. Faço movimentos sensuais acompanhando a batida suave e sexy da música e o tecido escorrega completamente para o chão. Aproximo-

me mais, meus seios roçando sua camiseta. Sua expressão é um misto de encantamento, ferocidade e indolência. O topo das minhas coxas molha com minha excitação. Ele não faz nada no primeiro minuto, apenas me fitando nos olhos. Então, me assusto quando joga as taças do outro lado do quarto, o vidro estilhaçando. Uma mão enfia em meus cabelos da nuca e a outra no meio da

minha bunda, puxando-me bruscamente contra seu corpo duro.

Resfolego, me segurando em seus ombros, mas me recuperando do susto, abro um sorriso provocante. Ele dá um tapa dolorido em minha nádega direita. Solto um ganido.

— Vadia gostosa... Vamos ver até onde vai esse seu atrevimento todo, cachorra. — Torno a sorrir, me

recusando a deixá-lo me intimidar. Puxo sua nuca, trazendo sua boca para perto da minha e começo a mover meus quadris, deslizando sinuosamente meu corpo no seu. Mais creme se reúne em meu núcleo com a cena hedonista que estou protagonizando. Estou completamente nua e ele todo vestido. Um sorriso perverso enrola sua boca ele abocanha meus lábios juntos, mordendo-

os, sugando-os depois. Ofego, abrindo minha boca e ele grunhe, mergulhando a língua profundamente. Gemo, agarrando-o com tanto tesão e desespero que não parece que o tive dentro de mim há pouco minutos. Seu gosto é perfeito demais. Ele é perfeito demais. Tudo nele. Pega minha boceta, esfregando os lábios e gemo, nos comendo no beijo, embriagados de tanto desejo. — Pietra...

— sussurra meu nome asperamente, descendo a boca pelo meu pescoço, indo para os seios.

— Fique nu para mim. Preciso te tocar — choramingo, puxando sua camiseta pela barra. Ele grunhe, me ajudando a retirá-la. Em seguida, abre a braguilha do jeans, empurrando-o para baixo com boxer e tudo. Pego seu pau grosso, masturbando-o e ele sibila, se

livrando dos sapatos com habilidade. Em poucos instantes, estamos nus, respirando com dificuldade. Voamos um no outro de novo, gemendo, entregues a paixão luxuriosa que nos domina. Nossas línguas se entrelaçam, se lambendo obscenamente, gananciosas. Nossas mãos passeiam pelo corpo do outro, tão gananciosas como nossas bocas, que nunca se largam. Quando

enfim para o beijo, seus olhos estão queimando de tesão e algo mais sombrio.

— Vai experimentar um pouco mais do sexo que sempre quis fazer, Pietra — me diz pegando uma venda vermelha na caixa. Ele não me pergunta. Sabe que quero, estou pingando para experimentar seu jogo perverso. — Pode pedir para parar se não se sentir à

vontade com alguma coisa, está bem? — Lambo meus lábios e aceno. Meu coração troveja quando passa a venda pela minha cabeça, nossos olhares fixos o tempo todo até que o tecido cobre a minha visão. — Você é linda demais... — sussurra, o polegar esfregando meus lábios. — Venha, tigresa, deite-se sobre o cavalo. — Chama e segura minha cintura, me conduzindo gentilmente para

baixo. Eu tateio o assento acolchoado e me deito devagar. Outra música sensual inicia e em seguida, arfo, quando pega meus pulsos, prendendo-os em algemas na extremidade rente ao chão. Estou escarranchada, como se estivesse cavalgando mesmo. Faz o mesmo com meus tornozelos, arreganhando-me ainda mais. Puta merda... Ele pode fazer o que quiser comigo agora. Estou à sua mercê.

Sei que deveria estar me mijando de medo, mas não estou. Minha boceta está molhando o couro embaixo de mim.

— Porra, sim, muito linda... — Seu tom é baixo e os dedos deslizam em minha boceta por baixo, pegando os líquidos, esfregando em meus lábios e clitóris. Gemo de boca aberta e ele ri, subindo para meu ânus. — Vou te comer de todo jeito que eu quiser, Pietra —

range e um ganido necessitado sai da minha garganta quando o primeiro tapa cai em minha bunda. Me bate em ambos os globos. — E minha putinha suja vai aguentar tudo sem reclamar, porque ela quer isso — diz perversamente, alisando minha bunda dolorida e me dá mais dois tapas de cada lado. — Gostosa... — rosna e imagino que esteja olhando minha boceta e ânus abertos para sua

depravação. Em seguida, gemo em lamento, sentindo-o lambendo meus lábios melados. Líquidos sem fim saem da minha vulva e ele suga tudo, abrindo bem minhas bochechas. Quando sobe, lambendo meu pequeno buraco eu gemo como uma cadela. Sua risada condescendente soa no recinto. Dois dedos são empurrados em minha vulva e arfo, choramingando pela sensibilidade.

Me come bem devagar, elevando meu tesão às alturas. Então, sem aviso, puxa os dedos da vulva e empurra um em meu ânus.

— Tristan... Oh, caralho... — resmungo, tentando me mexer, mas as contenções não deixam. Ele ri e mete todo. Ouço um pacote sendo rasgado e em seguida, sinto um líquido sendo espalhado em meu buraco. Logo, ele

empurra dois dedos, com força. Estremeço, arfando, tesão descomunal vibrando em cada célula do meu corpo. Ele me come assim, e passa a esfregar meu clitóris por baixo. Seus dedos se vão e quase pulo ao sentir algo empurrando em seu lugar.

— É um vibrador. Vai experimentar como é ter os dois buracos preenchidos, Pietra — diz em meu

ouvido e choramingo, quase gozando com sua promessa lasciva. Vai metendo o brinquedo até que o sinto completamente dentro. É bem menor e menos espesso do que seu pau, percebo. Ele volta a brincar com meu feixe de nervos e as vibrações começam em minha bunda

— Por favor... — balbucio, querendo-o dentro de mim com

desespero. Ele ri, arrogante e sinto-o me montando. As coxas firmes e musculosas escarranchando as minhas. Pega meu cabelo num rabo de cavalo e o puxa para trás me lembrando uma rédea. — Ah, Deus... — lamento e o cachorro retarda a penetração, sabendo o quanto quero isso.

— Por favor o quê, minha cadela? — sussurra no meu ouvido, mordendo

meu lóbulo e aumenta a velocidade do brinquedo em minha bunda. — Você quer o meu pau, Pietra? É isso? — zomba e alinha a cabeça gorda na minha vulva. Enlouqueço, me molhando toda. Ele ri, sentindo meu grau de desespero.

— Sabe que sim, seu putão... — resmungo e em seguida gemo alto e escandalosa quando abre bem minha bunda e começa a meter em mim. — Ah,

Deus, sim... — Estremeço inteira, sendo esticada perversamente pelo seu pau. O vibrador na bunda, deixa tudo tão intenso que não tenho nem palavras para descrever, então, apenas gemo, dando-me toda para esse homem. Ele rosna, socando devagar até o fundo e deita sobre as minhas costas. A ação empurra o brinquedo do ânus até o cabo e choramingo, cheia de uma forma

estranha. Dói, arde, parece que estou sendo rasgada, mas é muito gostoso para pedir que pare. Ele sabe disso porque sorri, lambendo minha coluna inteira. Ainda não se mexeu, talvez seja um cuidado comigo, embora esteja me degradando além do considerado decente. Ele pega meu cabelo no punho novamente, segurando meu quadril com a outra mão e puxa devagar. Respiro

entrecortado, esperando-o bater de volta e ele vem. Não com força, devagar, me alargando, com lentidão perversa.

— Pietra... Porra, Pietra... — geme roucamente e puxa quase tudo, voltando num golpe mais forte, profundo. Torna a puxar e bater com força, até o punho. Eu berro, ensandecida, entorpecida, além da minha capacidade racional. Só quero

gozar assim, sendo degradada por ele. — Minha putinha imunda... Você aguenta meu pau tão bem. Vem, toma mais, sua cachorra. Toma tudo! — Seu tom está tenso, parece surpreso e com um toque de raiva, acho. E ele me come, bruto, fundo. Estamos suando pelo esforço. Meu corpo sacode com cada estocada perversa, minha vulva toda inchada e dolorida, mas cremosa, recebendo-o

gananciosamente. Estou quase gozando quando se retira da minha boceta. Puxando o vibrador do meu ânus, ele assume o lugar, empurrando o pau todo até o cabo em minha bunda. Eu grito, meu clitóris arrastando no couro, estou pendurada por um fio. T pega meus ombros pela frente e me puxa grosseiramente para trás, meu corpo formando um arco desconfortável, mas

não ouso dizer nada. E ele me fode, sem pena, comendo meu ânus com voracidade. É grande, grosso e ainda estou um pouco dolorida da sexta, contudo, é uma sensação perfeita. Sem aviso, a venda é puxada dos meus olhos e arfo, ajustando a visão. A parede de vidro está do nosso lado. Algumas pessoas estão nos observando lá fora. Minhas entranhas se revolvem com

satisfação e prazer lascivo. Abraço isso, minha natureza sexual e empino-me o máximo que consigo ir por causa das contenções.

— Me come bem forte, seu cachorro gostoso... — ouso incitá-lo e ele enlouquece, rosnando, me rasgando profundamente. — Sim, assim... Me fode... Tristan... — choramingo seu nome, meu baixo ventre apertando, o

gozo vindo quente e denso. Eu grito, labaredas de excitação explodindo em minha boceta.

— Goza, minha puta! Goza comigo enterrado nesse cu gostoso. — Sua voz está rude, entrecortada e no segundo seguinte, os jatos de sêmen jorram em meu ânus ardente. Convulsiono, amando a sensação. — Que gostoso te encher de porra. — geme

guturalmente, gozando duro, empurrando fundo em mim. Arquejo, nossas peles pegajosas deslizando juntas. É sujo, perverso, e por isso mesmo, gostoso demais. Estou perdida com esse homem. Completamente perdida. Seus movimentos vão perdendo a força até que para, bem enterrado. Nossas respirações estão entrecortadas, fortes. Com uma mordida suave em meu ombro

ele se retira devagar da minha bunda. Com agilidade libera meus tornozelos, fazendo uma massagem gostosa. Gemo, lânguida, completamente fodida. Vem para a minha frente, libertando meus pulsos, tornando a massagear e meus olhos estão pesando nesse momento. Quero manter a pose de garota atrevida, mas sua posse perversa me sobrecarregou. Ele sabe disso porque

sorri baixinho e me gira, me levantando nos braços. — Demais, menina do interior? — me provoca, no entanto, seus lábios são suaves ao depositar um beijo inesperado em minha têmpora.

— Cala a boca, riquinho — bufo, enlaçando-o pelo pescoço. Levanto meu rosto e nossos olhares se encontram. Seus bonitos olhos escuros me fazem prender a respiração. Por um momento,

fico hipnotizada pela expressão linda em seu rosto corado.

— Você é perfeita — murmura e meu coração dispara. Porra, ele é assim galante com todas? Aí é muita sacanagem uma garota manter o foco apenas no jogo casual. — Vamos para uma banheira morna agora — diz ainda no tom suave que está me deixando confusa e toda mole. Sua boca abaixa na

minha num beijo delicioso e lento. Meu coração enlouquece no peito. Meu Pai eterno... Você está brincando com fogo, Pietra... Alerto-me, mas não tenho forças para parar isso entre nós. Não mais.



Alguns minutos depois, estávamos bem empolgados de novo dentro da banheira. Porra, estou agindo com alguém que nunca teve sexo na vida.

Basta um toque dele e me derreto a seus pés. T me fez montá-lo, e mesmo dolorida como o inferno, o tomei todo, montando seu pau como se minha vida dependesse disso. Droga de homem viciante, gostoso demais. Estou parecendo um cara, pensando apenas com a minha vagina sem noção. Nos beijamos, sofregamente, arfantes, gemendo. O tesão nos fazendo queimar.

Ele me come devagar, sabendo que estou toda machucada pelo seu tamanho e espessura, além da voracidade com que me fodeu sem trégua. Quando o desejo se sobrepõe ao cuidado, eu passo a cavalgá-lo, com força, fazendo-o rosnar uma série de palavrões. Pega minha cintura e me levanta, empalando duro, me dando cada centímetro do pau longo e grosso.

— Você veio para me matar de tanto prazer, não é, pantera? — resmunga, me comendo duramente agora e eu choramingo, o orgasmo me arrebatando sem pena. Gemo alto e ele me segue, urrando guturalmente e então, me assusto ao sentir o jorro quente em minhas paredes castigadas. Estou muito além do prazer para brigar por não termos usado preservativo. E estou

zonza do champanhe que tomamos aqui dentro e das doses de Bourbon. Ah, droga, tudo que posso pensar é que é gostoso senti-lo gozando nu dentro de mim. T está me encarando intensamente enquanto me enche. Nos agarramos bem forte e continuamos nos olhando, nossas bocas ofegando uma na outra, ainda fodendo. Quando tudo acalma, gemo longamente. Seus braços me apertam

contra seu peito e ronrono, me sentindo drenada de todas as malditas forças.

— Não usamos preservativo — sussurro. Ele franze o cenho ligeiramente, mas a expressão se abre, ficando despreocupada. Estamos limpos. Ambos sabemos. E comecei a tomar anticoncepcional duas semanas antes de vir para cá. Estou protegida.

— Estamos limpos e você está

protegida — diz, me fazendo franzir o cenho. — Eu li na sua ficha médica que começou a tomar anticoncepcional antes de vir para mim. — Sua expressão é presunçosa ao anunciar isso. Rolo meus olhos, fazendo-o rir.

— Não devemos fazer sem preservativo, de qualquer forma — digo, séria. — Não é sensato, T.

Torna a me apertar contra si, os

olhos escuros tão bonitos que quero ficar aqui para sempre com ele. Mas, que porra de pensamento é esse? Cruzes... Recrimino-me mentalmente por tal pensamento descabido.

— Não sou conhecido pela sensatez, Pietra — sussurra, a boca linda curvando perversamente. — Além disso, gostei de gozar nu nessa bocetinha apertada. — Seu pau pulsa dentro de

mim para enfatizar seu ponto.

— Não podemos fazer isso de novo — torno a dizer.

— Relaxa, tigresa. Aproveita o momento. — Sorri e sua boca invade a minha de novo.



Alguns minutos depois, quando o carro alcançou a Av. Paulista. O vento entrando pelas janelas abertas do banco

traseiro. Estou sentada atrás na limusine com T. Bocejo, cansada. Não, destruída é uma palavra mais apropriada para o estado em que me encontro. Tristan Maxwell não é de brincadeira. O homem fode pra caralho! Vamos ter que esperar no mínimo uma semana para me recuperar dessa noite. O vento muda, ficando mais forte, raios cortando o céu e trovões estrondando bem próximo. A

divisória desce e Yuri lança um olhar estranho para T.

— A chuva vai cair, T. Precisamos fechar as janelas — avisa, e isso me intriga. É uma questão óbvia, não é? Na verdade, achei estranho Tristan não fechar as janelas, mas gostei de ter o vento em meus cabelos. Não tenho essas frescuras com penteado, uma vez que quase sempre uso meu cabelo com o

cacheado natural e não me importo de ele ficar selvagem. Na verdade, até gosto. T dá um aceno tenso para seu segurança. Por que está agindo assim, como se fechar as janelas o estivesse incomodando profundamente?

# Tristan

Porra, porra... Aciono o botão e os vidros começam a subir. Minha garganta aperta, a passagem de ar ficando estreita. A pior hora para acontecer essa merda. Yuri mantém a divisória abaixada, seu olhar preocupado se dividindo entre mim e o trânsito à sua frente. Subo a tela, escondendo seu rosto preocupado de

Pietra, evitando especulações. Ela não pode saber que sou fodido a ponto de não conseguir andar num maldito carro com vidros fechados. Fiz inúmeras terapias quando era criança até que parei de tentar vencer essa merda. A solução é simples: manter as janelas abertas. Isso não funciona em dias chuvosos, no entanto. Minhas mãos esfriam quando ficamos no ambiente

abafado. Sinto o ar-condicionado esfriando mais. Agradeço Yuri mentalmente. Inspiro lentamente e solto o ar.

— Tudo bem? — A voz de Pietra tem uma nota apreensiva e me forço a encará-la, abrindo um de meus sorrisos ensaiados. Ela estreita os olhos esverdeados sobre mim. Porra, é linda pra caralho. Estou ainda mexido com

tudo que me deixou fazer com ela esta noite. Me forço a pensar em nós lá naquele salão e quarto, para evitar focar no confinamento. A sensação do meu pau afundando nela. Fodendo-a duro, na boceta, na bunda. Ela montando meu pau, nua no salão. Caralho. Deliciosa demais. Milagrosamente minha respiração vai voltando ao normal.

— Sim, tudo bem. — Ergo uma

sobrancelha indolente para ela. — Você?

Ela torna a semicerrar esses olhos de gata sobre mim, me estudando em silêncio. É inteligente, claro que sacou algo no tom preocupado de Yuri. Porra, não posso culpar meu segurança por se preocupar comigo. Fora a minha família, ele é o único que confiei suficiente para contar meu calcanhar de Aquiles. Os

pingos grossos caem sobre o teto do carro. Parece que o céu está desabando sobre São Paulo. Uma chuva torrencial cai rapidamente. Caralho. Em instantes, uma névoa densa toma a avenida. Seguro um gemido porque isso me tornará ainda mais miserável aqui dentro. Minha garganta torna a apertar.

— Estou ótima — Pietra responde, um sorriso atrevido curvando

sua boca linda. — Parece que vamos demorar o dobro do tempo com essa névoa — geme, olhando pelas janelas. Seu olhar volta para mim e seu sorriso muda para expectante. — Me fale sobre as rotas intercontinentais — pede, virando o corpo totalmente para mim.

— O que quer saber? — pergunto, intimamente agradecido pela demanda.

Exalo e me ponho a lhe falar tudo

sobre os voos internacionais. Sei que está apreensiva porque nosso primeiro voo é na próxima semana. Ela se sairá bem, sei disso.

— Conte-me algo engraçado que lhe aconteceu em seus primeiros voos. — Torna a pedir e um pequeno sorriso se desenha em minha boca.

— Porra, foram muitas situações, tigresa — respondo e ela sorri, os olhos

brilhando com algo que não consigo ler.

— Teve uma vez que um vovô acendeu um baseado no banheiro.

— Oh, meu Deus! Sério? — Ela está chocada.

Rio, relembrando o ocorrido.

— Sim, foi em uma das primeiras vezes que voei para Nova Iorque. O vovô era de uma comunidade hippie e achou que tudo bem acender um

baseado. — Meneio a cabeça. — Impossível não sentir o cheiro da erva.

Seus olhos acendem com curiosidade e imagino o que vai perguntar a seguir:

— Você experimentou alguma vez?

— Sim, uma vez quando tinha quinze anos. — Rio, me lembrando dos efeitos colaterais. — Tive uma diarreia

horrível e H descobriu, aí piorou tudo. Ele passou a porra de um mês me dando lição de moral. — Pietra gargalha. Eu não consigo segurar uma risada também. — Não foi divertido para mim. Desde então, não tive curiosidade para drogas. — Encaro-a de soslaio. — E você?

— Eu? — faz uma expressão falsamente tímida —, sou apenas uma moça comportada do interior. — Ela

dobra o *r* com vontade e me vejo sorrindo para a sua besteira. Ela sorri também e nossos olhares se prendem, compartilhando algo que não sei o que é, mas é bom. O momento descontraído traz uma sensação gostosa em meu peito e é quando dou por mim, minha respiração está normalizada e minhas mãos não mais frias. — Não, nunca experimentei nenhuma droga ilícita.

Meus pais me matariam. — Seus olhos ficam um tanto suaves e me instiga: — Conte-me mais. Tenho certeza de que há muita história boa nesses treze anos de profissão.

Sinto algo em seu tom e olhar. É como se estivesse intencionalmente tentando me manter ocupado. A estudo por um instante e descarto tal pensamento. Está apenas curiosa e

nervosa com os novos rumos da sua profissão, é só isso. Então, lhe conto muitas histórias enquanto a limusine desliza pelo trânsito, muito mais devagar devido a névoa. Pietra acaba contando casos engraçados dos seus primeiros anos como comissária também e quando percebo estamos nos aproximando da minha casa. O apartamento de Pietra ainda fica

distante. A neblina está densa, Yuri está dirigindo muito devagar. Impossível levá-la até sua casa nessas condições. Porra, não costumo deixar mulheres dormirem em minha casa. Fico em conflito por uns instantes, analisando os prós e contras de convidá-la para passar a noite sem fazê-la pensar que isso muda algo na nossa interação casual.

— Você dorme em minha casa.

Não dá para ir até seu apartamento nessas condições — anuncio e ela desvia o olhar para a janela, ofegando ao ver a escuridão lá fora. Foi um verdadeiro milagre Yuri ter conseguido nos trazer até aqui em segurança. A chuva está mais fina agora, mas os pingos ainda são grossos.

— Está bem. Mas amanhã bem cedo irei embora — garante. Percebo

que ela deve estar pensando a mesma coisa sobre não confundir nossa relação.

— Você pode ficar o quanto quiser, Pietra — me vejo dizendo. Porra, por que diabos disse isso? Me pergunto desgostoso.

Ela solta uma risada jocosa.

— Você parece com dor de barriga dizendo isso, T — bufa. — Relaxa, não tenho interesse em invadir

seu espaço pessoal.

Respiro fundo e aperto o interfone, informando a Yuri que Pietra vai dormir em minha casa.

— Na verdade, já temos uma relação em nível pessoal, tigresa — aponto. — Convivemos por três meses quase que diariamente.

— Isso não o impediu de me expulsar de sua casa no segundo em que

saiu de cima de mim — ela atira com um olhar duro.

Certo. Eu fui um imbecil na sexta. Em minha defesa só posso dizer que ela me deixou confuso e um pouco irritado com a forma como se entregou logo na primeira vez. Eu sabia que seria gostoso, mas porra, ela fodeu minha cabeça e meu pau completamente. Foi muito além das minhas expectativas e

tive que enviá-la para casa para conseguir pensar e me manter no controle do jogo. Mas ela não pode saber disso. Sou Tristan Maxwell e não me deixo tocar dessa forma por mulher nenhuma, por mais linda e gostosa que seja. Muitas já tentaram, e falharam, ao longo dos anos.

— Talvez tenha me faltado tato na sexta.

Ela bufa e rola os olhos.

— Tato, é assim que estão chamando cavalheirismo agora? — retruca com sua boca esperta do caralho.

— Você foi grosseiro, me mandando embora como se eu fosse uma garota de programa que pagou, comeu e se livrou tão logo saiu de cima.

Porra. Quando ela coloca dessa forma parece ruim mesmo. Exalo.

— Você está certa. Desculpe por isso — digo, encarando-a para que veja que estou sendo sincero.

Seus olhos esverdeados me analisam por um momento, então, acena lentamente.

— Tudo bem. Desculpas aceitas — diz e nesse momento, o carro está entrando em minha garagem. O barulho da chuva sendo abafado quando o portão

eletrônico desce, nos isolando dentro da construção.

Desço e a ajudo a sair. Ela parece sem jeito na frente de Yuri e ele dá boa noite, sumindo pela porta lateral, que leva ao seu quarto. Coloco a mão em suas costas e a conduzo até o elevador. Entramos e aperto para o terceiro andar, onde ficam meu quarto e o que vou lhe acomodá-la por esta noite. O mesmo que

usamos para foder na sexta. Minha governanta mantém tudo impecavelmente limpo, como se seu patrão apreciasse ter hóspedes. Zombo. A levo até a porta e nos olhamos por um momento. Caralho. Mesmo depois de ter gozado gostoso, judiado dela, como estava louco para fazer, ainda estou cheio de tesão. Meu pau acorda. Ela lambe os lábios percebendo minha situação.

— Boa noite — se apressa em falar, me fazendo rir arrogante.

Levanto seu queixo e aproximo minha boca da sua. Nos olhamos fixamente, então, abaixo meus lábios nos seus, precisando pelo menos do seu fodido beijo. Sua mão pousa em meu peito e enlaço sua cintura, colando-a em mim. Ela arfa, em enlaçando pelo pescoço com as duas mãos e

aprofundamos o beijo. Nos lambemos gostosa e sensualmente. Meu corpo já inflamado, queimando, a ponto de bala, mas ela está machucada, tenho certeza. Rosnando, me forço a parar de ser egoísta e lhe dou um selinho, parando o beijo. Respiramos ofegantes, nos olhando com nítida fome. Deslizo meus dedos pela face macia. Seu semblante está cansado e não é para menos, a usei

sem dó hoje.

— Você foi perfeita hoje, linda — murmuro. Seus olhos brilham, apreciando o elogio.

— Obrigada — sussurra, então, uma expressão atrevida toma seu rosto e ela completa: — Preciso de uma banheira de gelo nesse momento, mas foi delicioso.

Sorrio com gosto. Nossos risos

vão morrendo enquanto nos encaramos bem perto, a atração tão densa que pode ser sentida há quilômetros.

— Boa noite, tigresa — digo, me inclinando e dando um beijo rápido em boca.

— Boa noite, Tristan — sussurra de volta. Porra, eu gosto quando me chama pelo nome inteiro. A contragosto, solto-a e com uma piscada, me viro,

voltando até o começo do corredor, onde fica o meu quarto.



São nove da manhã quando acordo. Porra, dificilmente acordo tão tarde. Vou para o banheiro, tomo um banho e faço a higiene matinal. Dormi como uma pedra ontem. Também não era para menos depois da sessão deliciosa de sexo com a minha pantera. Fazia um

longo tempo que não gozava assim, gostoso para me esgotar. Visto um moletom e camiseta azul-marinho. A temperatura caiu, percebo quando saio do quarto. Pietra com certeza já foi embora, penso ao olhar para o fim do corredor. Dou de ombros e desço para a cozinha. Vou fazer ovos mexidos, minha especialidade. Ironizo minha inabilidade culinária. Quando saio do elevador e

tomo o corredor em direção à copa, o cheiro gostoso de bacon invade minhas narinas. Franzo o cenho. Hoje não é dia de Lisete minha governanta. Quando coincide de eu estar em casa em seu dia de serviço, ela sempre faz um café da manhã de respeito. Só se ela mexeu na escala e esqueceu de me avisar.

Minha conjectura é abortada quando alcanço o cômodo e estaco na

porta. Caralho. Não é Lisete. É Pietra. Eu fico parado no primeiro momento, vendo-a se movimentar com graça e certa desenvoltura na minha cozinha. Yuri deve ter lhe mostrado as coisas, deduzo. Está usando um de meus roupões brancos e grandes. Os cabelos estão presos num rabo de cavalo. Não sei como me sinto sobre uma garota na porra da minha cozinha, então, me

recosto ao batente e fico quieto, apenas observando-a. Está entretida na fritura do bacon. Depois de um tempo, sua cabeça levanta e ela me encontra aqui, olhando-a como um idiota. Eu ando para perto do da ilha, devagar. Seu olhar passeia por mim e meu corpo acorda. Bem, essa parte é boa, tê-la me cobiçando descaradamente logo cedo. Me sento em um dos bancos do lado de

fora e levanto uma sobrancelha, fazendo a pergunta em silêncio. Ela rola os olhos.

— Ouça, isso não é um pedido de casamento, ok? Não quero prendê-lo pelo estômago, apenas estou com fome e não vou embora antes de comer. — Estende a espátula para mim ameaçadoramente. — Nem venha com suas merdas.

Levanto minhas mãos, um sorriso brincando em minha boca. Ela é muito abusada. Se fosse outra a expulsaria agora mesmo. Contudo, não quero que essa cachorra vá embora. Não antes de fazer meu café da manhã, pelo menos. Eu sei, sou um filho da puta, podem dizer.

— Fique à vontade, querida. Se estiver fazendo receita para dois, está

desculpada por invadir minha cozinha — digo entre divertido e sarcástico.

— Homens... — zomba e torna a me apontar a espátula. — Se quiser comer, levanta essa bunda daí e venha ajudar, riquinho. Pegue os pratos e talheres, por favor.

— Pedindo assim com jeitinho — provoco e levanto, dando a volta na ilha. Fico do seu lado para abrir o armário de

cima do fogão. Seu rosto vira para o meu. Está linda, o rosto limpo de maquiagem. — Bom dia — murmuro.

— Bom dia — sussurra, voltando a mexer o bacon, retirando as tiras, colocando sobre uma travessa. Rio e abro o armário, pegando os pratos e talheres no de baixo. Disponho-os sobre a bancada. Vou até a cafeteira, me servindo de uma caneca de café. Não

volto para fora da ilha, fico em pé, recostado no balcão, observando-a concluir sua tarefa. Ela faz ovos mexidos, seus gestos elegantes. Porra, o que essa garota tem de tão especial? Está num roupão grande, não mostra quase nada do corpo, os pés descalços, sem maquiagem e ainda a acho a coisa mais perfeita em que já pus os olhos. Tomo um gole do café e ela olha de

lado. — Gosta do que vê? — tem a ousadia de me provocar.

Eu rio baixo. Cachorra gostosa.

— Muito — murmuro, piscando para ela, que rola os olhos em resposta. Pega a frigideira derramando os ovos em nossos pratos. Em seguida, coloca as tiras de bacon por cima. Pega as torradas sobre outra travessa. Uma jarra de suco de laranja, que só agora notei

perto do freezer. Me mexo e pego o leite na geladeira. Pego uma caneca para ela e lhe sirvo o café na cafeteira. Pietra abre um pequeno sorriso com a gentileza. Nos sentamos lado a lado e começamos o nosso desjejum. — Nada mal, tigresa — digo, apreciando a primeira garfada.

— Não sou uma exímia cozinheira, mas consigo me virar sem

passar vergonha. — Dá de ombros, rindo meio encabulada.

— Obrigado. Eu não ia expulsá-la — digo. Sua expressão é incrédula, no entanto.

— Eu não iria antes de comer. Sem chance. — Me dá um sorriso perverso antes de tomar um gole do seu café com leite. Ela come sem neuras. Em nosso tempo de convivência nas rotas

domésticas almoçamos juntos algumas vezes em São Paulo ou Palmas. Jantar nunca. Sorrio com sua ingenuidade. Achava que estava segura comigo nos almoços. Ela nunca esteve segura comigo. Limpo meu prato e tomo a caneca de café. Em seguida, dou conta de quatro torradas mais um copo de suco de laranja. Pietra também come duas torradas além dos ovos.

— Você come como um cara — digo, arrancando-lhe um sorriso. Me inclino, dando um beijo em seu ombro coberto pelo roupão. Seus olhos brilham com o contato. — Ainda bem que sua aparência é toda feminina.

Ela abre a boca generosa para responder, mas somos cortados por ninguém menos que minha avó entrando na cozinha:

— Então, fui trocada por uma garota mais jovem, hein, meu menino levado?

Dona Magnólia entra no espaço, seu olhar já em Pietra, estudando-a astutamente. Porra, minha ficha cai. Tinha marcado de tomar café com ela em sua cafeteria preferida. Ela adora essas merdas e de vez em quando lhe faço companhia. Íamos nos encontrar lá.

— Desculpe, vovó. — Limpo minha boca e me levanto, indo até ela. Envolvo-a num abraço amoroso. — Acordei tarde hoje.

Seu rosto se ilumina com um ar travesso, os olhos castanhos brilhando e expectativa.

— Tudo bem, querido. Não se preocupe com essa velha senhora. — Rio dessa sua maneira de falar. Ele

adora um drama. — Sempre podemos remarcar, não é? — Seu olhar vai para Pietra de novo. — E essa linda moça? Quem é?

Ela vai ficar com ideias ao conhecer finalmente Pietra, uma vez que já falamos sobre como a garota nortense me impressionou.

— É Pietra, vovó — digo e imploro com meus olhos para minha avó

não soltar nada que não deva aqui, na frente da tigresa. Encaro, Pietra. — Pietra, essa é a minha avó, Magnólia.

Pietra limpa a boca e se levanta, vindo até nós. Merda, sua cara conta que foi fodida com força. Quando sorri para minha avó, eu falto grunhir.

— É um prazer, senhora. — Estende a mão e mais uma vez minha avó a estuda dos pés à cabeça. — Pietra

Ferraço.

— Oh, querida, não precisa tanta formalidade. — Dona Magnólia se desvencilha do meu abraço e envolve Pietra em seus braços. A Tigresa fica nitidamente sem jeito, mas a abraça de volta. Deus, minha avó é tão dada. Resmungo internamente. — O prazer é todo meu, minha garota linda. — Nem disfarça e olha para mim ao dizer isso.

Sim, vovó, eu sei que essa garota é linda. Vai por mim, estou bem ciente dessa porra.

— É muito gentil da sua parte, senhora. Obrigada...

— Magnólia, ou vovó Mag, querida. — Minha avó me surpreende, fazendo arregalar os olhos.

— Vovó, então, a senhora quer pedir seu desjejum? Desculpe de novo

por isso — digo para cortar a intimidade que dona Magnólia está querendo forçar sobre Pietra. Ela é tão cheia de artimanhas.

— Eu já tomei café, menino bobo — me corta. — Me deixe conversar com Pietra. Me fale, querida, como conheceu meu neto?

— Vovó... — meu tom tem uma advertência. Mas é claro que ela não dá

ouvidos.

— Na companhia, em alguma viagem? — continua pescando informações. — Venha, vamos nos sentar — chama para os bancos. Pietra vai ressabiada, me olhando em busca de socorro. Boa sorte com isso, tigresa! Digo-lhe em resposta com meus olhos.

— Nos conhecemos na rota Palmas - São Paulo, há sete meses,

Senh... Magnólia — Pietra gagueja. Eu meio que gosto de vê-la às voltas com a minha avó.

— Certo. E vocês começaram a se relacionar desde então?

— Vovó... — torno a resmungar.

— Ele não me conta nada, por isso, estou lhe perguntando, Pietra. — Minha avó faz seu clássico drama. Cristo!

— Nosso envolvimento não é sério, sinto muito. — Pietra dá de ombros, desconfortável, mas abre um sorriso de mulher bem resolvida para dona Magnólia e completa: — É casual.

O rosto de minha avó cai um pouco, percebendo não haver sinos badalando afinal de contas.

— Entendo perfeitamente. Vocês jovens adoram essa coisa sem

compromisso, não é? — Tenta parecer descolada e eu estreito meus olhos. Conheço-a bem e vem algo aí. — Daqui a duas semanas é o aniversário de meu bisneto, Theo. É o primogênito de meu neto mais velho, Heitor e sua esposa Sofia. — Com uma olhada para mim, ela me choca quando diz: — Você é bem-vinda entre nós, querida. — Porra, essa foi demais! Tenho que apertar minha

boca para não dizer nada e lhe contradizer. Não posso desfazer o convite, uma vez que Heitor e Sofia estão em sua casa, portanto, o aniversário de Theo será lá. — Você vai levá-la, não é, querido?

— Muito obrigada pelo convite, Magnólia, mas tenho que dar uma olhada nas minhas escalas para ver se estarei livre — Pietra diz com serenidade. Mas,

ela estará livre, uma vez que suas escalas e as minhas são as mesmas.

Os olhos de minha avó voltam a se iluminar.

— Espero que possa ir. Será um prazer receber uma amiga de meu neto em minha casa — ela diz com mais um olhar significativo em minha direção. Que sorrateira é essa senhora. Quero rir, mas o assunto é sério. Eu nunca, e eu

quero dizer nunca, levei uma garota para conhecer minha avó, ou H. Eles vão ficar com ideias estúpidas, com toda certeza.

— O prazer será todo meu, acredite — Pietra garante, fingindo não estar numa saia justa.

Nós conversamos mais um pouco e Pietra avisa que vai se vestir para ir embora. A temperatura caiu bastante e o

vestido que usou ontem era bem nu pelo que me lembro. Me chutando na canela, me vejo obrigado a ser um cavalheiro e ofereço:

— Vou subir com você. Vou lhe emprestar um conjunto de moletom. — Ela parece chocada com minha oferta. Porra, eu também. — A temperatura caiu muito depois da chuva e...

— Eu aceito. Obrigada pela

gentileza — murmura, com um sorriso suave no rosto bonito. Olho minha avó e ela está com um sorriso mordendo as orelhas. Quero rolar os olhos. Não é o que está pensando. — Com licença, sen... Magnólia.

— Toda, minha querida — minha avó diz ainda com o sorriso gigante em seu rosto. Lanço um olhar sério para dona Magnólia, mas ela nem se abala.

Rolo os olhos e sigo Pietra, deixando a cozinha.

Quando saímos do elevador, ela segue para o fim do corredor e eu entro em meu quarto, pegando um conjunto de moletom cinza-escuro. Sigo para encontrá-la. Empurro a porta sem bater e ela está saindo nua do banheiro, se enxugando com uma toalha. Porra, meus olhos a percorrem, famintos. Resmungo

porque minha avó está lá embaixo e não vamos poder fazer nada agora. Me aproximo, minha boca salivando pelos peitos firmes, deliciosos, empinados. Há marcas de minhas chupadas e mordidas neles e meu pau baba nas calças. Sua pele morena tem marcas minhas aqui e ali. A bocetinha depilada me deixa ainda mais louco. Caralho, controle-se, T. Parece que nunca viu uma garota gostosa

em sua maldita vida. Ironizo-me. Além disso, ela está dolorida. Preciso lhe dar um ou dois dias de folga de novo. Entrego-lhe a roupa quando paro perto.

— E minha calcinha? — Levanta uma sobrancelha insolente. Me recordo de que peguei sua calcinha quando estávamos de sacanagem no salão.

— Aquela é minha agora — digo com um sorriso safado. Ela bufa.

— Você coleciona calcinhas das garotas de quem fode os miolos? — zomba, pegando o conjunto das minhas mãos. Não veste imediatamente. Não, a vadia linda está me provocando com esse corpo gostoso do caralho. Meu sorriso sacana cresce, olhos grudados em cada movimento seu. Ela veste a calça primeiro, puxando vagorosamente pelas pernas lindas. Depois pega a

camiseta de mangas compridas e olho os peitos suculentos antes de ela os cobrir. Quase gemo de frustração e me olha de lado, um risinho atrevido curvando sua boca. A puxo pela cintura, lhe arrancando um gritinho surpreso.

— Me dá pelo menos essa boca gostosa, sua cachorra — rosno, pegando sua nuca, trazendo sua boca para a minha. Pietra suspira, me enlaçando

pelo pescoço e nos devoramos num beijo quente, falando do nosso tesão latente. — Porra, eu te quero de novo — digo num grunhido, mordiscando sua boca generosa. Ela geme e faz o mesmo comigo.

— Droga, eu também, seu cachorro — ofega e torno a aprofundar o beijo. Levantando-a de seus pés, esfregando meu pau em sua pelve. —

Mas falei sério sobre a banheira de gelo — resmunga e rio, descendo minha boca para seu queixo, pescoço. — Não ouse me chamar para sexo antes de uma semana, Tristan Maxwell.

Eu rio, levantando o rosto para encará-la. Ficamos nos olhando em silêncio por uns instantes. Porra, estou encrencado com essa morena. Nunca estive tão encantado com uma foda

casual. Talvez seja pelo fato de termos convivido antes, construído de certa forma uma relação antes da transa. Só pode ser isso. Tento todas as explicações lógicas para minha fascinação. Traço seus lábios com os dedos.

— Você me liga, tigresa. — Rio perverso. — Estou ansioso para te ouvir me chamando para foder.

Seus olhos inflamam, um arfar suave saindo da sua boca.

— Putão gostoso... — geme e puxa minha nuca, mergulhando sua boca na minha. Nos comemos em mais um beijo. Nossas línguas se entrelaçando, enquanto nos agarramos e gememos ao mesmo tempo de tesão e frustração. Me obrigo a me afastar e ajeito meu pau dolorido dentro das calças.

— Vamos descer senão dona Magnólia vai ter ideias... — resmungo. Pietra sorri, pegando uma sacola onde guardou seu vestido e carteira.

— Ela parece muito simpática — comenta.

— Ela é. Simpática até demais — digo rabugento.

— Não irei ao aniversário, T, fique tranquilo. Nossa foda casual está

segura — ela diz em tom um tanto seco.

— Você irá, do contrário ela vai pensar que existe algo mais entre nós — digo sério. — Minha avó tem esperanças de que eu vá sossegar, mesmo que lhe diga que isso não vai acontecer tão cedo. Talvez nunca.

Pietra franze o cenho, me estudando da mesma forma que fez na limusine quando meu Ataque de pânico

estava ameaçando me dominar.

— Fique tranquilo. Não darei esperanças falsas para sua pobre avó. — Rola os olhos e passa por mim. Eu a sigo para fora do quarto.

— Meu motorista irá levá-la para casa — digo, mudando o assunto.

— Já pedi um Uber. Não sou dessas dondocas que está acostumado a pegar, riquinho — diz, me lançando um

olhar zombador de esguelha.

Foda-se! Ela não é mesmo.

— Cancele. Meu motorista irá levá-la, Pietra — replico, sério. — É o meu pedido de desculpas pela forma abrupta como a mandei embora na sexta.

Seus olhos bonitos se estreitam ligeiramente.

— Vejam só... Você consegue ser um cavalheiro... — abre um risinho

desdenhoso —, ok, eu vou aceitar, afinal não é todo dia que uma garota do interior tem esses luxos. — Ela coloca aquela inflexão no *r* de forma brincalhona e me vejo rindo.

Em instantes estamos de volta à cozinha. Minha avó abre um sorrisão quando nos vê.

— Estou indo. Foi realmente um prazer conhecê-la, Magnólia. — Pietra

sorri simpática.

Minha avó vem abraçá-la. Viram? Era a isso que me referi sobre ser simpática até demais.

— O prazer foi todo meu, garota bonita — ela diz. — Vemo-nos no aniversário de Theo, não esqueça.

Pietra apenas sorri e acena. Nos dirigimos pelo corredor de volta à sala, saindo pelo hall e descendo as escadas.

A limusine já está aguardando na frente da fonte. Augusto irá levá-la. Quando pisamos no pátio, os latidos altos do meu cão soam e antes que possa impedir, o Husky Siberiano pula em cima de Pietra. Ela grita, tentando se equilibrar, mas cai de bunda no chão. Apolo começa a grunhir, lambendo seu rosto inteiro.

— Porra, Apolo, venha aqui, seu

sorrateiro! — ralho, mas o cão tem outros planos, continua o assédio a Pietra

— Ei, calma, garoto! — exclama e para a minha surpresa, pega a cara do cão abusado e esfrega o nariz no dele. Seu rosto está sorridente, não se importando com as lambidas. — Você é tão impulsivo quanto seu dono, não é, garotão?

Caralho. Ela está brincando com o meu maldito cachorro. Isso não é bom. Muita familiaridade. Antes que diga alguma coisa, Pietra consegue se levantar, pegando sua sacola de volta. Limpa o rosto babado e afaga a cabeça e orelhas de Apolo, que a encara com os malditos *olhos de cachorro*.

— Bom te conhecer, lindão — murmura e juro, o cão parece gemer em

deleite, abanando o rabo. Traidor. Pietra me encara, aquele resquício de sorriso que deu a Apolo ainda em seu rosto. — Eu vou indo. Até mais tarde.

— Até mais tarde — murmuro. Temos instrução hoje à tarde. Puxo Apolo pela coleira para perto de mim. O cão vem contrariado. Ela vira as costas e anda para o carro. Eu e meu cachorro ficamos olhando até que entra e a

limusine dá a volta no pátio, circundando a fonte. Olho para baixo, notando que Apolo está com as orelhas murchas, olhando o carro se distanciar. — Porra, ela é linda, não, amigão? — Ele me olha e dá um latido. Acho que deve estar concordando. — Mas lembre-se da nossa regra: os machos dessa casa não se apegam. Nunca. — Apolo grunhe como se entendesse o que

estou dizendo e discordando. Eu afago seu pelo branco e marrom. — São as regras, cara, nada de chororô. Vamos ver a sua avó e lembrá-la da porra das regras também.

Subo as escadas com ele no meu encalço. Pressinto que terei que continuar lembrando a mim mesmo sobre as fodidas regras. Eu não quero um relacionamento. Estou muito bem

fodendo casualmente, obrigado.



# Capítulo 7

***Essa noite a música parece tão alta. Eu gostaria que fugíssemos dessa multidão. Talvez esse seja o melhor jeito... Poderíamos ter sido tão bons juntos. Poderíamos ter vivido essa dança para sempre. Mas agora, quem vai dançar comigo? Por favor, fique.***

***(Careless Whisper – George Michael)***

*Uma semana depois...*

# Pietra

Eu respiro fundo e entro no mais moderno avião em que meus pés curraleiros de Tocantins já pisaram. Um

Boeing 777, a maior aeronave bimotora do mundo, com capacidade de 314 a 550 passageiros, divididos em três classes. Ai, meu Pai... Minhas mãos estão frias, meu coração saltando, felicidade sem tamanho borbulhando em meu peito. Estou num voo intercontinental! Oh, meu Deus! Estou voando para Paris! Estou pulando e dançando internamente, porque por fora preciso manter o

decoro. Minha postura de comissária bem educada não pode escorregar em nenhum momento. Mas não consigo evitar meus olhos arregalarem ao ver o interior. Minha nossa, o espaço é gigante! Larissa, uma morena miúda e gente boa que participou da instrução comigo, suspira ao meu lado. Ela também está estreando em rotas internacionais e acabamos nos

aproximando nesses dias. Nós duas estamos igualmente deslumbradas e tentando esconder isso, principalmente da comissária-chefe, o urubu ambulante, que também atende pelo nome de Anita. Sim, a filha da puta tem cumprido a ameaça do primeiro dia e me espezinha em cada oportunidade que tem.

Avançamos dentro da aeronave, indo direto guardar nossa bagagem e nos

apresentar para Anita. A cadela já está a bordo, inspecionando alguns assentos na fileira do meio. Seus olhos levantam em nossa direção e cravam em mim, estreitando-se, então descem, analisando-me com a cara de nojenta com que já estou familiarizada. Ela se estica, andando, não, desfilando para nós. Seu vestido vermelho-vinho cai perfeitamente bem no corpo esbelto. A

vaca é muito bonita, admito a contragosto. Seus cabelos estão presos num coque apertado, o chapéu azul-marinho no lugar. Eu a odeio um pouco mais a cada vez que a vejo.

— Você vai para a classe B — anuncia olhando para Larissa. Nem mesmo usa da boa educação para nos cumprimentar primeiro. — Está esperando o que, garota lerda? Vá tomar

o seu posto! — range e Larissa faz um som de engasgo, tomando um dos corredores, como se o diabo estivesse em seu encalço.

E realmente está. Penso voltando a atenção para a garota esnobe à minha frente. Seu olhar cruel torna a descer pelo meu comprimento e me sinto completamente fora de lugar, mesmo estando impecavelmente vestida e

maquiada. Meu vestido é um modelo da nova coleção, assinada por uma estilista americana. O modelo azul-marinho se ajusta ao meu corpo, com quatro aberturas revestidas de tecido vermelho-vinho na saia. Minha echarpe é maior também, envolvendo meus ombros de forma muito elegante. Meus cabelos foram domados numa trança lateral. O chapéu, coloquei um pouco inclinado

para a direita. Dá um charme ao uniforme e sempre gosto de usar desse jeito. Anita cruza os braços, sua postura arrogante e superior, como sempre. Um risinho debochado inclina um canto da boca vermelha.

— Você está na classe C — avisa com os olhos castanhos cintilando de maldade. — Assim não ficará tão deslocada em seu primeiro dia, caipira.

— Cadela do caralho! Engulo um desaforo. Ela tem o poder aqui. Encaro-a e ergo minha cabeça, decidida a não deixar a vadia me humilhar.

— Se pensa que servir a classe econômica me ofende, está muito enganada, senhorita. — Uso da boa educação e formalidade, embora não mereça. — Sou de origem pobre, não nego, portanto, será uma honra servir

esses bravos que mesmo com tanto preconceito contra eles, continuam voando.

Seu rosto torce com desdém escancarado.

— Veja, é por isso que a coloquei com eles. Divirta-se com seus iguais e nunca esqueça do buraco de onde saiu. — Seus olhos queimam de raiva. Que puta! — Seu chapéu está torto. E faça o

favor de arrumar esses fios escapando da sua trança. — Seu dedo indicador faz um giro impaciente para meu chapéu e trança. — Use um coque de agora em diante. Você não está mais na rota Palmas-São Paulo, querida. Aqui trabalhamos de forma impecável.

Torno a engolir outro desaforo. Preciso frear meu temperamento ou essa vaca vai arruinar meu progresso. Hoje é

um dia especial para mim e não vou deixá-la tirar o brilho dessa vitória. Aceno e ando em linha reta para o banheiro. Entro e puxo uma respiração profunda, pedindo paciência a Deus. Confiro minha aparência no espelho e ódio puro me invade, vendo que não tem nenhum fio de cabelo fora do lugar. A puta está apenas implicando comigo. Ranjo os dentes, puxo uma respiração

profunda e saio, colando um sorriso no rosto. Me junto às outras comissárias e dois comissários na revista da aeronave. Depois de tudo conferido, organizar as comidas e bebidas da classe C, me dirijo para a entrada principal, para recepcionar nossos passageiros.

— Aonde pensa que vai, Pietra? — Anita segura meu braço quando estou passando por ela.

Olho para sua mão em meu braço e ela me solta, mas o olhar continua hostil.

— Estou indo fazer meu trabalho, recepcionar os passageiros — respondo, tentando a todo custo manter minha voz inalterada.

Um riso cruel se abre em sua boca e eu sei que vem mais perseguição da vadia.

— Não, querida, esse não é o seu trabalho. Aqui é apenas uma simples comissária. — Seu tom é cheio de satisfação ao dizer isso. — Os únicos que vai recepcionar são os da sua classe, caipira. Não vou sujeitar meus vips a ouvirem seu inglês horrível — ofego. Porra, que vontade dar um tapa nessa puta! Cerro os dentes e ela sorri mais, notando que está conseguindo seu

intuito: me tirar do sério. — Onde estudou inglês, querida? No Ensino Médio? — pergunta jocosa.

Respiro fundo, contando até mil.

— Meu inglês é perfeito. Você sabe muito disso — digo firmemente. — Estudei numa das melhores escolas de idiomas do Brasil. Domino o espanhol e estou concluindo francês no próximo mês.

Ela bufa, não se permitindo mostrar impressionada. Já sabe que preencho todos os requisitos e estou além, inclusive. A HTL exige apenas inglês, então estou à frente de muitos comissários. Não dela porque é estudiosa. Eu a chequei. A puta fala alemão também.

— Não me importa, você fica nos fundos — sibila. — Onde é o lugar de

putas como você. — Torno a ofegar com a ofensa escancarada.

— Seu problema comigo é outro, não tem nada a ver com minhas qualidades profissionais — retruco.

Seus olhos ficam frios e ela se aproxima mais, a voz baixa, todavia, não menos intimidante.

— Saia da minha frente, garota. Você é uma vergonha para nós, que

entramos na aviação por méritos próprios.

Suas palavras doem. Doem porque no fundo ela tem razão. Estou descendo baixo para conseguir realizar meu sonho. Sinto meus olhos ardendo e respiro, piscando, contendo o amargor na boca do estômago.

— Você não tem o direito de me ofender dessa forma — replico, lutando

para não cair na armadilha da vadia. Ela quer que eu revide à altura e tenha um motivo para me retirar do voo.

— Vá reclamar com T — diz com dentes cerrados. — Vamos ver do lado de quem ele vai ficar. Conversamos hoje e senti que teremos mais uma noite selvagem em Paris... — Eu gelo, a raiva, o ciúme me corroendo por dentro. Não. Ele não vai. Quero peitar essa puta e

dizer que ele não vai transar com ela. Mas não posso. Oh, Deus... Não tenho esse direito. Não posso sentir ciúmes dele. Nossa relação tem um prazo de validade. — Caso esteja se perguntando, sim, nós fodemos o tempo todo nessa escala, querida. Não tem duas semanas que passamos uma noite deliciosa e quente numa balada liberal nos Champs Élysées.

— Não perca seu tempo me contando essas coisas — digo, erguendo a cabeça, mesmo que por dentro esteja querendo matar essa puta. Meu Deus, por que o pensamento dela com ele me faz doente? Esteve com ela nos sete meses em que não conseguiu nada comigo? Ela disse que já estão nessa há dois anos. Me sinto entorpecida, fria, a empolgação e alegria sendo suplantada

pelo ataque intencional dessa garota. Ela conseguiu seu intento. — Eu vou voltar para os fundos.

— Faça isso, caipira. — Se inclina no meu ouvido e caçoa maldosamente: — Não vá chorar me vendo recepcionar os passageiros do lado do meu homem.

Com isso ela se vai e eu giro nos calcanhares, voltando para o fundo da

aeronave. Mantenho minha cabeça erguida, lutando contra as lágrimas. Estou me sentindo humilhada. Nunca fui assim com meus subalternos. Sempre tratei a todos com respeito e profissionalismo. Sentir o despeito e perseguição dessa cadela está me tirando do eixo. Não quero, mas tudo que me falou agora me bateu forte na cara. Ele não pode dormir com ela.

Deus, o que há comigo? Respiro fundo e me viro de frente para os dois corredores, postura ereta, aguardando, e no minuto seguinte, ele entra. Minha respiração fica presa na garganta. Está usando um terno preto, divisas douradas sobre os ombros, camisa branca e gravata vermelho-vinho. Lindo demais. Esse é o principal uniforme para pilotos intercontinentais. Não consigo parar de

olhá-lo. A vadia o saúda, abraçando-o. Uma dor estranha me revolve por dentro vendo-a lá, com ele. T se desvencilha com um de seus sorrisos-escudos, o que usa para se manter à distância. Já o conheço um pouco. Ele não parece à vontade com o assédio da vaca. Isso faz a satisfação voltar a borbulhar em meu íntimo. Nesse momento, sua cabeça gira para o meu lado, como se sentisse o meu

olhar.

Arfo baixinho quando seus olhos escuros pousam sobre mim. Nossos olhares se conectam e conversam silenciosamente. Falando de coisas que precisamos manter em segredo. Seu corpo grande em cima do meu, dominando, me fodendo rudemente. Eu gritando, pedindo mais, cada vez mais. Mesmo à distância, posso ver suas irises

cintilando no tipo de cumplicidade que só os amantes compartilham. Sei que devia parar de olhá-lo, mas não consigo. Seus belos olhos sempre me cativam. Sua boca, seu porte elegante de riquinho. Lindo. Sexy. Delicioso. Estou lhe dizendo isso com meu olhar e acho que está me dizendo o mesmo de volta. Dois dias depois daquela manhã estranha na qual sua avó apareceu e nos

flagrou juntos, eu o chamei. Não aguentei nenhum dia a mais. Estava, *estou* enlouquecida, viciada nos prazeres perversos que esse homem me proporciona. O chamei para ir ao meu apartamento. No momento em que o recepcionei, voamos um no outro. Me comeu contra a porta, ambos gemendo desesperados e depois, rodamos cada canto do pequeno ap. Fodemos até as

quatro da manhã. Fiquei destruída de novo, mas já desejando vê-lo no dia seguinte. E temos feito sempre que sua agenda permite.

Ele tinha escala para Amsterdã na quarta, mas me chamou para sua casa quando chegou ontem. Eram duas da tarde e eu sendo usada no quarto de jogos sem a menor vergonha. Me fodeu em cima da sinuca, no tapete perto dos

sofás. Me amarrou na coluna da cama dossel e me fodeu de todo jeito que quis. Quando desabamos na cama, já era noite. Jantamos no quarto e depois de mais uma rodada, fui para casa perto das 22h. Contenho um gemido, ficando toda molhada, latejante com as nossas imagens bem frescas na mente. Ele gozando nu dentro de mim, me enchendo com seu sêmen. Oh, meu Deus, eu o

quero demais. Que sensações avassaladoras são essas que sinto com ele? Nunca me senti dessa forma antes. Lambo os lábios e me forço a desviar o olhar para fora, através das janelas. Não vejo nada realmente, apenas para escapar dessa sensação louca que invade meu corpo quando o vejo. Me forço a readquirir o controle. Não olhe mais para ele, Pietra. Tenha algum

decoro, aqui ele é o seu chefe, porra.

— Como está o coração, menina do interior?

Meu Pai eterno... Meu corpo enlouquece, estremecendo, e resisto à vontade de fechar meus olhos e gemer com sua voz profunda bem próximo a mim. Viro a cabeça, encontrando esses olhos que me tiram do equilíbrio. Sua boca linda está levemente curvada num

meio sorriso charmoso.

— Comandante — murmuro. Seus olhos brilham mais pela minha formalidade. — Meu coração parece que vai sair pela boca — admito. Ele acena, uma expressão quase suave tomando seu rosto perfeito. Então o sorriso sacana se espalha lentamente antes de murmurar:

— É bom ouvi-la finalmente

admitir que te deixo assim, tigresa. — Me dá uma piscada e eu rolo os olhos, me segurando para não rir da sua besteira. Seu semblante fica sério e me encara fixamente. — Você vai tirar de letra. Está bem preparada. — Seu tom carrega a certeza e incentivo que preciso nesse momento e me vejo sorrindo de volta, minha guarda baixando.

— Obrigada — sussurro, meu

coração galopando por ele. Esse homem está fodendo não apenas meu corpo, começo a me dar conta disso.

— Gostei da trança. — Seus olhos ficam mais carregados, a voz abaixando quase inaudível, acrescentando: — Você está linda.

Foda-se! Minha barriga é invadida pelas malditas borboletas, meus olhos presos aos seus. Deus... Estou fodida,

não é? Eu pisco para quebrar o feitiço e manter o decoro para o resto da tripulação.

— Obrigada — limpo a garganta —, faça um bom voo, comandante.

Seus lábios tremulam suavemente. Penso que vai dizer algo mais, porém, com um aceno de cabeça, se vira e volta pelo corredor. Solto a respiração completa. Que diabos aconteceu aqui?

Evito cobiçá-lo, olhando para todos os lugares, menos em sua direção. É muito difícil fingir que não o quero. Que não o acho o homem mais lindo e gostoso do mundo. Caralho, não vá por aí, Pietra. Recrimino-me, esticando a coluna, expulsando tudo o mais para iniciar meu trabalho. Quando torno a olhar para a entrada, meu coração aperta: a cadela está rindo de algo que ele está dizendo.

A familiaridade entre eles é inegável. Dá para sacar que são amantes e o ciúme torna a revolver minhas entranhas. E tudo piora quando a puta apoia a mão no antebraço de T. Sua cabeça gira para mim e a curva de um sorriso triunfante brinca em sua boca, enquanto os olhos cruéis zombam de mim. *Não vá chorar me vendo recepcionar os passageiros do lado do*

*meu homem*. Ofego, desolada quando os passageiros começam a entrar e os dois os recebem. Meus olhos voltam a arder, lágrimas estúpidas insistindo em completar a minha humilhação. Me recusando a demonstrar fraqueza, abro um sorriso e o mantenho colado no rosto, ainda que incomodada, confusa, com tudo que estou sentindo pelo homem com estou fodendo apenas casualmente.

Depois de alguns minutos, T se vira em direção à cabine e o Primeiro Oficial assume a recepção. Observo-o abrindo a porta, passando para dentro e então, seu rosto levanta, nossos olhares se encontrando através dos passageiros transitando pelos corredores. Engulo em seco. Abalada. Cativa. Um orgulho bobo me enche. Vai conduzir quase quinhentas pessoas no Boeing mais

moderno do mundo. É um piloto maravilhoso. Digo-lhe isso com meus olhos. Ele abre aquele sorriso lindo e me dá uma piscada antes de fechar a porta. Sinto meus lábios curvando num sorriso ainda mais bobo. Puta merda... Sim, estou a caminho de ficar regiamente fodida.



Eu olho para o outro lado da

mesa, a cadela ainda está pendurada no braço do putão. Estou pra lá de irritada com os eventos da noite. Pousamos à noitinha e a tripulação marcou de se encontrar nesse *pub* perto do Arco do Triunfo. Eu só fui na onda, eles disseram *no lugar de sempre*. T me passou as coordenadas e tomei um Uber junto com Larissa. Quando chegamos ele já estava. E para minha decepção, a vadia também,

como um acessório, pendurada em seu braço. Fingi que não me importava e tomei um lugar na mesa grande, rodeada por comissários e pilotos, inclusive alguns que não são do meu voo. Por duas horas seguidas, conversei e interagi com os outros, tentando ignorar o casalzinho à minha frente. Sei que exigi não sermos vistos juntos em público, mas também pedi que não fodesse outra

enquanto estivesse comigo. Parece que essa segunda promessa está indo pelo ralo esta noite. O maldito cachorro está o tempo todo sorrindo para o assédio da vaca.

Ela se inclina e sussurra algo em seu ouvido, o olhar vitorioso para mim. Decido que já chega dessa merda. Bebi pouco até agora. Mas decepcionada e irritada comigo mesma por ter me

metido nessa situação ultrajante, decido que vou tomar algumas doses. Foda-se esse putão e sua vadia, porra! Me levanto e ajeito minha jaqueta de couro preta sobre a regata amarela e curta. Os olhos do T finalmente vêm para mim. Seu olhar queima sobre as minhas curvas. Estou usando uma calça preta, coladíssima, destacando minha bunda. Modéstia à parte, tenho um bumbum

bonito, grande, firme e arrebitado. O modelo é cós baixo, deixando minha barriga toda à mostra. Botas matadoras de salto alto, o cano indo até os joelhos. Pois é, montei esse visual todo para ele, mas agora tenho raiva de mim mesma por tal tolice. Arranco meu olhar do seu e aviso aos colegas que gosto de tomar doses no bar. O bar fica do lado direito da mesa, o movimento e agitação é

menor, e não tenho que ficar vendo o cachorro dando todos os sinais de que vai mesmo comer a cadela miserável.

— Posso te acompanhar, linda? — A voz sexy me faz virar a cabeça na direção do dono. É Cristiano Rangel, um dos pilotos mais conceituados da HTL, e, me deixe dizer, é muito gato! Moreno, olhos castanhos safados, que no momento estão correndo lentamente pelo

meu comprimento. Um sorriso maroto curva minha boca. Bem, bem, as coisas acabam de ficar interessantes. Posso sentir os olhos do putão sobre mim e amplio o sorriso para o moreno gostoso.

— Você disse que vai para Amsterdã na terça? Eu sempre quis conhecer. — Suspiro com inocência... Ou não... Chamo-o: — Vem comigo, assim me pode me contar tudo sobre o

lugar.

— Verdade? Precisamos corrigir isso agora, querida. — Cristiano abre um sorriso predador e se levanta. Uau. Muito bonito mesmo. — Vou pedir você na minha escala, que tal?

Bingo! Os homens são tão fáceis... Quero rolar os olhos internamente. Em vez disso, meu sorriso se torna abertamente sedutor e sabendo que o

galinhão está observando nossa interação, estendo a mão, colocando sobre o antebraço de Cristiano.

— Ah, meu Deus! Eu vou amar — ronrono.

— Ela não pode ir com você. — A voz profunda faz todo tipo de coisas más com meu pobre corpo, e finalmente viro a cabeça. Encontro os olhos escuros queimando com algo parecido

com desagrado. *Oh, querido, algo incomodando aí?* Encaro-o segurando um sorriso. — A senhorita Ferraço está comigo. — Meu corpo gela quando diz isso. O que diabos está fazendo? Sua boca curva numa ironia sutil, gostando de me provocar, pelo visto, o cretino. — Na escala para Veneza, quero dizer. — Seu olhar vai para Cristiano e fica duro. Já havia sentido certa animosidade entre

os dois, observando as interações da mesa. Mas isso fica escancarado para mim nesse momento.

— Oh... Eu posso fazer a permuta com outra comissária? — Viro para Larissa e minha nova amiga está franzindo o cenho, intrigada com a cena. — Lari, você pode ir com o senhor Maxwell? Eu realmente sou tão apaixonada por Amsterdã, amiga. — Ela

ainda parece confusa, mas assente. Torno a encarar T, que parece pronto para levantar e vir até mim. Mas, em vez disso, um brilho perverso cintila nas irises de ônix e vejo em câmera lenta seu braço passar por cima da cadeira de Anita.

— Claro, as permutas são sempre uma boa estratégia nesse meio, senhorita — diz, deixando implícito que não está

falando das escalas e sim de comer essa puta hoje.

— Estou começando a me familiarizar com o meio, comandante — digo, ignorando a dor se espalhando em minhas entranhas. — Obrigada.

Então, enlaço o braço de Cristiano e dou as costas para a mesa. Luto contra a ardência em meus olhos. Foda-se. Acabei de me oferecer de bandeja para

um piloto diante de uma mesa inteira. Eles imaginam que vou foder com Cristiano na terça. Estou tão chateada, irritada, decepcionada.

— Ouça, eu realmente quero conhecer Amsterdã, mas não pense que vou trepar com você nessa viagem — esclareço quando alcançamos os bancos e nos sentamos. Ele me encara, levantando as sobrancelhas, diversão

tomando seu rosto.

— Você é direta, Pietra — murmura e vira para a *barwoman,* pedindo nossos shots de tequila. A garota loira e bonita, abre um sorrisão para o moreno safado, que sorri de volta. Quero revirar os olhos. Homens... Por que todos tem que ser uns fdps do caralho? Lamentável. — Eu não teria sangue correndo nas veias se não

tentasse fazê-la mudar de ideia, no entanto — ronrona, voltando a atenção para mim.

— Boa sorte, garanhão. — Rio em desdém. Ele parece o tipo inofensivo. Safado, mas na dele. Assim espero. Nossas doses chegam acompanhadas de uma bandeja com fatias de limão e sal. Salpicamos o sal nos dorsos de nossas mãos, lambemos e pegamos nossas

doses, brindando e virando de uma vez. Pego uma fatia de limão e a chupo. Não me contendo, olho de lado para a mesa e encontro T me encarando. Seu braço ainda está por cima da cadeira da vaca e ela está novamente sussurrando algo em seu ouvido. Desvio o olhar para as doses sobre a bancada e faço o ritual para tomar outra.

— Então, você é de Tocantins, é

isso? — Cristiano tenta puxar assunto. Quero mandá-lo embora, estou me sentindo miserável e arrependida de ter feito uma cena para estar em sua escala na terça. Tudo que sei é que meu coração está doendo, apertado com o possível desfecho desta noite. T vai foder a cadela. Meu Deus, só de pensar em vê-la amanhã, sua cara de puta cruel, me faz doente. Não posso e não quero

me sentir assim. É quem ele é. Sei disso, então porque me sinto quase... Traída?

— Sim. Nascida e criada no Norte. — Rio, tentando soar simpática para o cara. Afinal, ele não tem culpa do barco furado em que me meti. — E você?

— Sou do Sul, Paraná. — Um sorriso sedutor enrola sua boca. — Agora acredito na teoria de que os polos

se atraem... — Toma mais uma dose, sua cara de safado me dizendo que vai tentar me levar para a cama. Talvez me encantasse por ele se o tivesse conhecido primeiro, mas o galinhão chegou antes e aí não tem concorrência decente. É uma merda completa.

— Essa teoria só se aplica na Física — zombo e ele dá uma risada gostosa. — Você não vai conseguir nada

aqui, desista antes que passe vergonha — o provoco, tomando outra dose. Meu corpo já está quente, meu sangue correndo denso nas veias.

— Então, o que há entre você e o mauricinho? — pergunta indicando a mesa com o um gesto de cabeça. Não gosto que se refira a T dessa forma. Parece desrespeitoso, sendo que está falando do seu chefe. Bem, eu o chamo

de riquinho. Mas uso o termo apenas para provocá-lo, não insultar.

— Não tem medo de ser demitido por se referir a seu chefe dessa maneira? — Não consigo refrear minha língua e ele abre um riso lento.

— Saindo em defesa do cara... É sério, então? — Seu tom tem provocação, mas posso sentir uma nota de desagrado.

— Você é péssimo para ler garotas. — Saio pela tangente. — Desculpe.

— Não me importo que me use para fazer ciúmes, querida. — Seus olhos brilham, astutos. Porra, ele matou a charada. — fique à vontade.

Eu olho a mesa e T está levantando com a vaca. Os vejo indo para uma das mesas de bilhar em outro

ambiente. Meu sangue ferve e viro outra dose. Quando encaro Cristiano, ele tem um sorriso desafiador em seu rosto.

— Quer me ensinar a jogar sinuca? — ronrono e seu sorriso se transforma em predador.

— Ah, garota, você está brincando com fogo. — levanta-se e pede a *Barwoman* que envie mais shots para a área dos jogos.

— Vá na frente. Vou ao toalete primeiro — aviso e ele pisca, indo em direção ao espaço dos jogos. Ando na direção contrária, pegando o corredor do banheiro feminino. Larissa está saindo de um dos compartimentos quando entro. Me estuda com preocupação. Sua expressão indica que está desconfiada da minha relação com T.

— Isso não é bom, Pietra — murmura, ecoando meus pensamentos. — Já vi esse filme mais vezes do que gostaria, amiga.

Exalo, encarando-a e agradecendo por tê-la conhecido. Fora as sessões de foda com o galinhão, tenho me sentido sozinha naquela cidade enorme.

— Posso lidar com isso, não se preocupe, Lari — garanto, embora

esteja com sérias dúvidas a esse respeito depois dessa noite.

— Quer conversar a respeito? — pergunta ainda no tom preocupado.

— Não. Mas, obrigada pela preocupação, amiga — digo com suavidade e abro a porta de um compartimento.

— Quer que espere?

— Não, te encontro lá no salão —

digo lhe dando um sorriso tranquilizador e fecho a porta.

Uso o sanitário, lavo as mãos, confiro a maquiagem e saio em seguida. Não dou dois passos no corredor, uma mão grande cobre a minha boca, um braço forte e masculino enrolando em minha cintura. Minha primeira reação é gritar e lutar, mas sinto seu cheiro e gemo, meu corpo inteiro estremecendo

descontrolado. Merda. Tristan.

# Tristan

A arrasto para o fundo do corredor, onde tem uma porta e saímos para uma espécie de pátio interno. Estou além da razão, tomado por algo que

nunca pensei sentiria por uma mulher: ciúmes. A giro de frente para mim e a esmago contra a primeira parede que encontro. Olhamo-nos fixamente. Nossas respirações alteradas pela proximidade e pelos eventos dessa noite.

— O que diabos está fazendo, Pietra? — ranjo os dentes, pegando sua nuca, mantendo-a cativa. Ela me esmurra nos ombros.

— O que diabos *você* está fazendo, Tristan! — atira, parecendo tão irritada quanto eu. — Me solta!

— Não — rosno, pegando sua bunda, colando meu corpo no dela. Porra, o que essa garota está fazendo comigo? A fodi de tudo quanto é jeito nessa semana e em vez de arrefecer o tesão, estou ainda mais viciado a cada foda. Ontem cheguei de Amsterdã no

começo da tarde e não consegui esperar até a noite para vê-la. Liguei para ela ainda no aeroporto e quando cheguei em casa, já estava me esperando no quarto de jogos. Nua. Deitada na cama, linda demais, como uma deusa pagã. A comi com voracidade pelo quarto inteiro. Passamos a tarde e um pouco da noite trancados, fodendo como dois lunáticos.

— Você quer trepar com aquele filho da

puta? — torno a rosnar, muito puto. Com ela, mas principalmente comigo, por estar me sentindo dessa forma quando não deveria dar a mínima. Nunca me importei se Anita trepa com outros, porque é só sexo. Eu como, gozo, vou embora. Quando quero de novo, eu a chamo. Simples, sem drama.

— E você, vai comer aquela puta hoje? — Pietra cospe, os olhos

inflamados de raiva e, também de tesão. Estamos os dois fodidos nessa merda.

— Essa merda é casual, Pietra — digo, precisando dizer isso em voz alta. Na verdade, mais para mim do que para ela.

Me empurra com força.

— Me larga, Tristan. Agora, seu grande cretino! — Torna a me empurrar e eu fecho os olhos, tentando retomar o

controle de volta. Os reabro e me obrigo a soltá-la. Talvez não a tocar seja melhor para me controlar. Ela se afasta de mim, imediatamente, ficando a alguns passos. Caralho. Meus olhos correm por ela, famintos. Está linda, gostosa demais numa calça justa, que teve meu pau duro desde o momento que a vi chegando. A bunda redonda, grande, empinada me deixa alucinado. A barriguinha reta, toda

de fora na regata amarela. Para completar, usa uma jaqueta curta de couro preta e botas de salto alto. Arrasto meu olhar para o seu e ela cruza os braços, numa pose altiva. — Acha que não sei que estamos apenas fodendo? Eu sei muito bem disso, porra!

— Ótimo! — ranjo com sarcasmo e passo as mãos pelo cabelo.

— Mas você me prometeu que não

veria o seu harém enquanto estivesse comigo — me lembra.

— Não estou fazendo nada — digo mesmo sabendo que estou sendo um idiota. Anita quer foder comigo hoje, está escrito em letras de neon na testa da cadela.

— Realmente, não está fazendo nada — zomba. — A puta está pendurada do seu lado a noite inteira e

você parece estar gostando disso.

— Está com ciúmes de Anita? Acabou de dizer que sabe bem o que estamos fazendo, tigresa. Não seja hipócrita — digo, cruzando meus braços também.

Ela me fuzila. Sim, está com ciúmes e isso não me agrada. Merda, para ser sincero me agrada, mas o fato é que não quero que se sinta assim sobre

mim. Sou bicho solto. Nenhuma mulher vai me prender.

— Hipócrita? E você, me perguntando se vou trepar com Cristiano? — retruca.

Está segura de que estou enciumado também. Para mostrar que não me importo com sua porra de vida, eu rosno:

— Tem razão, tigresa. Estou sendo

hipócrita. Não sei o que me deu. — Dou de ombros. — Quer foder com aquele monte de merda? Vá em frente, querida. Você é livre. — Ela arregala um pouco os olhos. Bom. Meu recado foi assimilado. Não satisfeito, completo: — Sou livre também e posso foder Anita, qualquer cadela que eu quiser.

Penso ver decepção em seu rosto. Ela pisca no segundo seguinte e o olhar

que me lança agora é gelado.

— Sim, você é livre. — Seu tom de voz me faz querer retirar o que disse. No entanto, não o farei. Não estou me reconhecendo e essa merda precisa parar, aqui e agora. — *Nós* somos livres. — Anda e emparelha comigo, me encarando com a petulância de sempre. — Talvez eu foda com Cristiano, no final das contas. Essa nossa foda casual

está me ajudando a ficar mais desencanada em relação ao sexo. — Dá um risinho debochado e ousa dizer: — Acho que tenho que te agradecer por me libertar. Será que o bonitão também gosta de prender as garotas, sexo anal e dar tapas no traseiro? Estou nessa *vibe* hoje.

— Foda-se, Pietra. Você não vai trepar com aquele infeliz do caralho! —

vocifero, perdendo de vez as estribeiras. Seu risinho é triunfante agora.

— Vá foder a sua vadia, Tristan — ela diz com os olhos em chamas.

Para não me rebaixar, eu rosno de volta:

— Quer saber? Sim, eu vou comer Anita. Satisfeita?

Ela recua e então, vira as costas, entrando no corredor. Eu solto um

rosnado alto, chutando a parede. Que diabos há comigo? Minha vontade é ir atrás dela, mas a deixo voltar para a turma primeiro. Respiro fundo, reunindo controle e pego o corredor depois de alguns minutos. Quando piso na área de jogos, Pietra já está iniciando um jogo com o fodido Cristiano na mesa do lado da que estou usando com Anita. Anita vem me encontrar, se pendurando na

porra do meu braço de novo. Em qualquer viagem, já estaria com as bolas enterradas nessa gostosa, mas hoje tudo que consigo pensar é na garota que nesse momento está se curvando para dar uma tacada. Fumaça sai dos meus ouvidos ao ver o fodido se curvando sobre ela, com a desculpa de lhe ensinar o jogo.

— Você está bem, gatão? — Anita ronrona no meu ouvido e quero rosnar

que não. Mas, em vez disso, eu a olho e rio. Foda-se, Pietra! Enrolo um braço na cintura de Anita e ela abre um sorriso que morde as orelhas. — Estava começando a pensar que havia perdido o jeito, Tristan Maxwell — torna a ronronar. — Vamos jogar?

Sua pergunta tem duplo sentido e mesmo que não queira realmente ir com ela hoje, eu aceno, concordando. Olho

de lado e Pietra desvia o olhar de nós. Eu ignoro a sensação incômoda dentro de mim e vou com Anita para a nossa mesa. Reiniciamos o jogo. A cadela safada com um vestido justo e curto, se debruçando exageradamente cada vez que precisava dar uma tacada. Ela é linda e gostosa e abusa disso. Bebemos, jogamos e nas vezes em que deixei meu olhar vagar na direção da outra mesa,

Pietra não estava me olhando. Parecia determinada a se divertir com Cristiano, que não perdeu a chance de tocá-la com a desculpa de alinhar as malditas bolas. Uma hora depois, Pietra anuncia que está indo embora. Olho-a e ela ainda não me encara. Deve ser porque Anita está sentada em meu colo nesse exato momento, enquanto tomamos nossas doses perto da sinuca. Larissa, a outra

novata nos voos intercontinentais, se levanta para seguir a nova amiga.

— Divirtam-se e não se preocupem comigo. Vou com T para um clube que costumamos frequentar. É uma balada liberal — Anita diz e nesse momento Pietra olha na nossa direção. Nossos olhares se encontram brevemente e encara a garota no meu colo. — Já foi a clubes assim, Pietra?

— Anita enlaça meu pescoço e percebo que está provocando Pietra. A cadela deve ter percebido a tensão entre mim e a tigresa desde aquele encontro na instrução. — Oh, esqueci que vem do interior — completa com um risinho de deboche.

Pietra sorri com escárnio.

— Não que seja da sua conta, mas já fui a um clube assim — diz, me

chocando.

— Oh, sério! — Anita exclama. — E como foi, conta pra gente, vai.

Eu fico tenso. A cadela está ficando embriagada. O olhar de Pietra volta para mim.

— Foi uma noite perfeita, pena que o cara era um grande babaca — diz e prendo a respiração. Nossos olhares se encontram novamente e não gosto do

que vejo agora: decepção clara. — Divirtam-se!

E se vira. Cristiano enrola um braço em sua cintura nua e ela deixa. Cerro o maxilar. A sensação de estar sendo um grande babaca, como acabou de dizer, me atormentando. Pego Anita pelos braços e a retiro do meu colo.

— Vamos embora — digo, não entendendo por que não segui meu plano

para essa noite.

A tripulação fica no mesmo hotel. Mas, eu sempre fico em minha cobertura, próximo à Torre Eiffel. A ideia inicial era levar Pietra para lá assim que saíssemos daqui. Mas Anita se pendurou em mim desde que chegou e agindo como eu mesmo, não rejeitei seus avanços. Agora, estou aqui, olhando para uma garota, que por mais bonita e

gostosa que seja, não é quem eu quero. Olho na direção que Pietra saiu com o braço de outro homem enrolado em sua cintura. Era a porra do meu braço que devia estar lá. Começo a andar apressado para acertar nossas despesas no bar. Preciso ir atrás de Pietra. Agora! Aquele filho da puta não pode tocá-la. Entrego meu cartão para a *barwoman* e ela cobra os gastos. A loira bonita sorri

largo para mim. Sim, transei com ela uma ou duas vezes, acho. Sou cliente regular do lugar há uns cinco anos. Pego o cotovelo de Anita e ando apressado para a saída.

— Ei, qual é a pressa, T? — reclama, quase tropeçando nos saltos altos.

— Você vai pegar um táxi para o hotel, Anita. — Encaro-a quando

passamos para fora e ficamos sob o toldo. Faço sinal para um dos táxis que sempre ficam aguardando os clientes do lado de fora.

— Não! E o nosso jogo? — pergunta, fazendo um beicinho patético. — Vamos, T, você está tão tenso, pode jogar pesado comigo hoje, não me importo.

— Hoje não — digo sério.

— Tem mais de duas semanas que jogamos — aponta. — Sei que não passa muito tempo sem seus fetiches. — Seus olhos estreitam sobre mim e ela bufa incrédula. — Está jogando com aquela puta, não é?

Me reteso. Está falando de Pietra, claramente.

— Não lhe devo satisfação alguma. E não a ofenda — cuspo,

irritado com essa merda. O táxi para do nosso lado no meio-fio e abro a porta traseira. — Entre Anita.

— Está sim, porra — ela rosna, perdendo a pose de modelo fajuta que gosta de usar. — Não pense que não vi seus olhares para a caipira insossa.

— Não se refira a ela dessa forma. — Cerro os dentes, muito puto agora. — Entre no carro.

Seu rosto cai e ela tenta remediar sua falta de compostura.

— T... Sinto muito. Eu bebi um pouco demais e estou alterada — balbucia. — Não tenho o direito de ofender Pietra, você tem toda razão.

— Entre na porra do carro — rosno e dessa vez ela entra.

Eu bato a porta e sigo até o carro alugado onde Yuri está me aguardando.

Ele me dá um olhar estranho, mas não comenta nada, o que agradeço.

— Para o hotel onde Pietra está — resmungo e tenho a impressão de ouvi-lo rir baixinho.

Em poucos minutos chegamos ao hotel e me apresento na recepção. Como sou um dos donos da HTL, o gerente me dá acesso rápido ao andar onde o filho da puta do Cristiano está ficando. Vou

primeiro em seu quarto. Porra, a possibilidade de encontrar Pietra na cama do infeliz revolve minhas entranhas. Ela faria isso? Quero acreditar que não, porque a cachorra me cozinhou por sete meses malditos! Como é que num passe de mágica vai trepar com um cara que mal conhece? Não, ela não é assim. Vou repetindo isso até sair do elevador no décimo nono andar.

Ando apressado até o quarto 910 e meu coração retumba no peito quando toco a campainha. Vou quebrar os malditos ossos desse infeliz se ela estiver lá dentro. Jesus, o que é isso? Que merda é essa que essa garota fez comigo? Estou prestes a tirar satisfação com um cara por causa de uma mulher pela primeira vez em meus trinta e três anos. Estou remoendo meu conflito quando a porta

se abre e o merda aparece, sem camisa, a braguilha do jeans aberta e eu vejo vermelho.

— Saia da minha frente, seu monte de merda! — Avanço, empurrando-o grosseiramente para o lado e entro no quarto. — Pietra? Vamos embora, porra! — vocifero, andando em direção à cama. Franzo a testa. Uma cama vazia e perfeitamente arrumada. Nenhum sinal

de que alguém esteve lá fazendo sexo. Ainda há o banheiro. Ando para lá, pronto para a briga e o encontro vazio também. Volto para o quarto e o imbecil cruza os braços, me olhando com as sobrancelhas levantadas.

— Confira debaixo da cama também, mauricinho — diz com seu desdém e inveja.

Fecho meus punhos, tentado a lhe

dar o soco que sempre mereceu, porém, nunca desci a seu nível para dar.

— Onde ela está? — Cerro meus dentes. Esse imbecil me irrita sobremaneira e vê-lo com as mãos sobre a minha garota me deixou fora de mim. Estaco, percebendo o termo que acabo de usar. *Minha garota*. Porra, isso fica cada vez pior.

— Ela quem? Seja mais

específico. — O idiota testa minha paciência. Avanço, ficando frente a frente com ele. — Será que está assim por causa daquela tocantinense gostosa? Cara, você é rápido, já pegou essa também?

— Onde ela está? — torno a perguntar.

— No quarto dela, acho. Pelo menos a deixei na porta quando

chegamos — ele diz e o alívio me invade. Sim, porra, ela não transa aleatoriamente. Ela não é como as outras.

— Ótimo. Que bom que sabe qual é o seu lugar, afinal — digo. Detesto puxar o cartão de dono da HTL, mas com esse filho da puta sou obrigado a puxar muitas vezes. — Nunca te joguei na rua porque apesar de ser um idiota, é

um bom piloto. — Ele bufa e o encaro sério. — Não se aproxime de Pietra de novo, está me entendendo?

— Ela quer ir comigo para Amsterdã na terça — replica, com um sorriso triunfante na cara.

— Ela não vai. Está na minha escala para Veneza — ranjo.

Seus olhos castanhos me estudam por um instante e um sorriso jocoso

toma sua cara.

— Você realmente se importa com essa, não é? — pergunta parecendo intrigado e incrédulo. — Nesse caso, terei ainda mais prazer em comer aquela putinha. Vou arrombar aquela boceta na terça.

E eu perco de vez a civilidade, lhe dando o que havia negado até então: um soco forte na boca. Sua cabeça voa para

trás e ele recua dois passos, batendo na parede. Torno a fechar meus punhos, ira sem tamanho vibrando em meu corpo. Apenas imaginá-lo com Pietra me deixa com vontade de quebrá-lo inteiro. Porra, estou completamente fodido!

— Você não vai sequer olhar para a minha garota a partir de hoje, estamos entendidos, filho da puta? — Estou tremendo de raiva da audácia desse

infeliz.

Ousa sorrir, sangue tingindo seus dentes. Ele limpa o sangue do lábio partido e me olha com a mesma raiva e despeito que sempre esteve lá para mim.

— Você não pode exigir isso de mim. Em algum momento voaremos juntos — diz com um sorriso filho da puta. Ele não sabe quando parar.

— Ela não vai voar com você,

nem na terça, nem nunca! — brado. O ciúme me comendo vivo. Merda. — Se preza seu trabalho na HTL, fique longe dela. — Torno a avisar.

— Eu prezo meu trabalho porque ao contrário de você, consegui tudo com muito suor — cospe.

— De novo esse disco arranhado? — zombo. — É pra chorar de pena do menino pobre que venceu na vida com

muito esforço? — Seus olhos faíscam. — Minha família é bilionária, nasci montado na grana, e daí? Seu discurso vitimista não me causa a menor empatia. Também me capacitei e trabalho muito. — Massageio minha mão ainda encarando-o ameaçadoramente. — Contente-se em ser o segundo melhor, Cristiano. É só isso que terá dentro da minha companhia. — Porque quero ser

ainda mais babaca do que ele, digo com arrogância: — Esteja à vontade para ir para a concorrente se não estiver satisfeito.

— Foda-se, mauricinho — rosna. — Saia do meu quarto.

Eu poderia lembrá-lo de que é a companhia pagando, então, tecnicamente é o *meu* quarto. Mas não serei tão pedante. Meu recado aqui já foi bem

dado. Minha mão doendo confirma isso.

— Você não fala, não olha para Pietra e não teremos mais nenhum problema. Muito simples.

— Saia, porra — ele range.

Eu rio e lhe dou uma piscada antes de virar e deixar o quarto. Pego o elevador, descendo para o décimo oitavo andar, onde Pietra e Larissa estão hospedadas. Em instantes estou parado

na porta do 801. Porra. Eu seguro os batentes de cada lado e inclino minha testa na porta, sem tem uma ideia do que dizer a ela. O que posso dizer? Que meu velho eu teve uma recaída e achou divertido flertar com Anita? Ou que estou tão louco, fascinado por ela que me sabotei nesta noite? Era para ela estar comigo em minha cobertura, sendo minha, como fizemos por toda semana.

Eu toco a campainha e aguardo. Nada. Toco novamente. Nada. Porra. Ela deve ter me visto pelo olho mágico, por isso não está atendendo. Saco meu celular e seleciono nossa última ligação, chamando-a. Vai direto para a caixa postal.

Sua recusa em falar comigo me deixa apreensivo. Será que... Merda, será que está repensando nosso arranjo?

Com toda a razão, Tristan. Exalo, frustrado, encarando a porta de madeira. Só me resta bater. Então, eu faço isso. Nada. Faço de novo e de novo e ela não atende. Estou prestes a bater pela décima vez quando o gerente surge do meu lado no corredor. Ele tem uma expressão constrangida em seu rosto.

— Senhor Maxwell, a senhorita Ferraço ligou para a recepção e pediu

para o senhor parar de bater à porta.

Merda. Encaro a porta. Mais frustração se espalhando dentro de mim, e outra sensação: a de que ferrei com algo que estava apenas começando, mas ainda assim, me fez sentir coisas diferentes. Pietra é diferente, é hora de aceitar isso. O que farei, se não tenho relacionamentos? Pelo menos nunca tive. Talvez seja a hora de rever alguns

pontos do nosso arranjo. Amanhã terá que falar comigo, pois, vamos voar de volta a São Paulo no começo da noite. Estou disposto a fazer algumas concessões. Se ela pensa que pode desfazer o arranjo, terá uma surpresa. Eu não vou deixar.



# Capítulo 8

***Observando em câmera lenta, enquanto você se vira e diz. Tire o meu fôlego. Tire o meu fôlego. Observando, continuo esperando. Ainda ansiando por amor. Nunca hesitando em tornar-nos predestinados a amar.***

***(Take My Breda Way – Berlim)***

# Tristan

Eu piso dentro do avião e meu olhar varre o interior da aeronave, à procura de Pietra. A avisto entrando no compartimento onde estão comidas e bebidas da classe econômica. Com o

fiasco da noite de ontem acabei me dando conta de outra situação: a cadela da Anita a colocou nessa classe como uma forma de punição. Porra, eu fodi regiamente as coisas. O arrependimento por ter dado corda para o assédio da garota, me corrói por dentro. Pietra não me atendeu em nenhuma das vezes que liguei, nem respondeu às mensagens de desculpas. Vou consertar a merda.

Agora. Atravesso o corredor e entro pela cortina, fechando-a bem, nos mantendo escondidos da tripulação. Ela está separando as bandejas do jantar dos passageiros sob a sua responsabilidade. Está linda num vestido vermelho-vinho, mas os cabelos estão contidos num coque apertado, deixando seu rosto severo. Gostei da trança de ontem. A deixou jovem, despojada, sem

comprometer a elegância.

Enfio as mãos nos bolsos, pela primeira vez sem saber o que dizer perto de uma mulher. Sei que me nota pela visão periférica, mas não me olha, continua a sua tarefa em silêncio. Engulo o caroço em minha garganta, enquanto a observo. Ainda temos alguns minutos antes de os passageiros subirem a bordo, no entanto, preciso parar de ser

covarde e enfrentar logo o problema.

— Pietra, precisamos conversar — digo em tom baixo e cauteloso.

Seus ombros ficam tensos, a única indicação de que me ouviu. Não responde. Começa a cantarolar uma música de Henrique e Juliano, ignorando-me. Isso me irrita, ainda que saiba que fui um grande idiota ontem.

— Droga, você vai fingir que não

existo até quando? — expiro, me contendo para não falar alto e chamar uma atenção desnecessária para nós. Ela ainda não responde, cantarolando a porra da música. — Olhe para mim, caralho!

Sua cabeça finalmente gira em minha direção e sua expressão é ainda pior do que seu silêncio. Seu rosto bonito e bem maquiado está sério.

— Em que posso ajudá-lo comandante? — pergunta, os olhos faiscando. Seu temperamento está sendo contido a muito custo se bem a conheço.

Eu passo uma mão sobre o rosto. Continua me encarando com sua coragem de sempre.

— Sinto muito, tigresa — murmuro, percebendo a extensão do meu comportamento ontem. — Fui um grande

babaca ontem. Você tem toda razão de estar chateada comigo. Desculpe-me.

Ela pisca e desvia a atenção para as caixas de suco, começando a empilhá-las dentro de caixas específicas.

— Está desculpado — murmura e volta a me olhar. Um suspiro cansado sai da sua boca: — Isso não está dando certo, Tristan. — Meu sangue começa a

ficar frio e termina de gelar quando acrescenta: — Nosso arranjo está desfeito.

— Não, não está — ranjo, me aproximando mais. Ela recua, o olhar correndo para além da cortina, me lembrando de onde estamos. — Quando aterrissarmos, venha para a minha casa. Vamos conversar.

Pietra abana a cabeça, o rosto

decidido.

— Não, Tristan. Não há o que conversar — respira fundo, alisando sua saia sem nenhuma ruga, mostrando que está nervosa com essa situação também. — Você pode me enviar de volta para Palmas, esteja à vontade.

Merda. Não. Gemo internamente. Lamentando ainda mais por ter agido como um fodido idiota.

— Você não vai a parte alguma, porra — digo muito irritado agora. É isso que pensa de mim? Fecho meus olhos. Claro, imbecil, você lhe fez uma proposta indecente para obter o que queria, o que espera que pense a seu respeito? Respiro fundo. — Não transei com Anita. Vamos continuar de onde paramos. Fui estúpido ontem, estou ciente disso.

Ela bufa, cruzando os braços, na pose desafiante que já conheço bem. Os olhos ficam verdes, faiscando de raiva.

— Eu não me importo com quem você trepa — range. — Não mais. Agora faça a gentileza de sair para que eu possa fazer o meu trabalho.

Quero avançar nela, beijá-la, mostrar que isso entre nós não vai acabar aqui. Ainda vai levar um tempo

para que esse desejo todo vá embora. Mas, nesse momento, não vai dar para discutirmos as concessões que pretendo fazer. Ela está certa, o trabalho está nos chamando.

— Nós vamos conversar em minha casa — torno a dizer, usando um tom incontestável. Ela me olha como se quisesse me esganar. — Sei que também não transou com o fodido do Cristiano.

Pietra dá uma risada seca.

— Não transar com ele não teve nada a ver com você — garante, seu tom irritado. — Não fiz porque respeito muito o meu corpo. Nada contra quem leva a vida assim, trepando com um e com outro. — Me olha com asco e isso me incomoda. — Mas não é o que sou.

Engulo em seco, compreendendo que vou ter mais trabalho do que pensei

para convencê-la a continuar de onde paramos.

— Eu sei disso, tigresa — respiro fundo. — Já pedi desculpas, o que mais você quer?

— Nada, Tristan — diz com uma nota triste e adiciona: — Foi bom, mas não quero continuar com essa situação.

Me aproximo mais e ela recua, batendo as costas na parede. Os olhos

ampliam quando abaixo meu rosto bem perto do seu. Ofega, o tesão e a raiva guerreando claramente em seu semblante. Coloco as mãos de cada lado da sua cabeça, prendendo-a.

— Está irritada agora, por minha culpa, reconheço — digo, minha boca soprando bem perto da dela, nossos olhares grudados. — Mas não pense nem por uma porra de segundo que vai

desfazer nosso arranjo. Você é minha, Pietra.

— Seu imbecil arrogante! — rosna, empurrando meu peito. Pego sua nuca, lutando para não esmagar minha boca na sua.

— Eu vou. Mas volto. — Sorrio ameaçador e levo minha boca para seu ouvido, rosnando perversamente: — Vou te comer na minha cama quando todos

estiverem dormindo. — Ela arfa, sua respiração alterando. — Vou gozar em você bem gostoso. Sabe por que, Pietra?

— Me deixa em paz, seu filho da puta... — seu protesto é apenas um ganido. Está excitada, como eu.

— Porque você é minha putinha. Vai me dar onde eu quiser, sabe disso, querida — continuo meu ataque, sabendo que isso derruba suas defesas.

Minha garota é tão suja e pervertida quanto eu. Mordo seu lóbulo e sugo em seguida.

— Foda-se, cretino... — geme lamentosa e se recuperando, me empurra com força. Eu cedo e me afasto, ajeitando meu terno. Nossas respirações estão alteradas no pequeno espaço, enquanto nossos olhares se cobiçam.

— Vamos lá para a frente. Vai

atender na primeira classe — chamo-a. Isso faz a raiva e decepção voltar em seu rosto e ela expulsa o tesão.

— Não. Vou ficar aqui. Sua vadia me escalou nessa classe para que eu não esqueça minhas origens.

Isso me faz rosnar. Aquela cadela vai me pagar, porra!

— Ela não é minha vadia. Não é nada para mim — ranjo.

— Assim como eu — replica, levantando o queixo teimoso. — Agora, por favor, me deixe fazer o meu trabalho.

— Ela está voltando no voo do Cristiano — anuncio e seu rosto parece surpreso. — Não ficarão mais nas mesmas escalas, prometo.

Seus olhos brilham magoados.

— Eu posso lutar minhas próprias

batalhas. Não interfira nas escalas — pede com seriedade.

Porra de morena orgulhosa! Estou irritado, mas a admiro por isso.

— Ela a hostilizou no voo? — pergunto, tentado a apertar o pescoço de Anita lentamente.

— Será que isso importa agora? — estala. Eu sei que sim. Sua postura magoada confirma isso.

A encaro firmemente. Preciso provar que não sou um babaca completo, como sei que está pensando agora. Então, lhe comunico as mudanças na escala desse voo, que fiz pessoalmente antes da decolagem.

— Você vem para a frente. Irá recepcionar comigo. — Pietra amplia os olhos, mas depois os estreita. Em vez de alegre, parece insultada. — Está sendo

promovida a comissária-chefe nesse voo.

— Acha que vou voltar a foder com você por isso? — cospe, parecendo enojada. Caralho! O que preciso fazer para reverter a noite de ontem?

— Não. Estou apenas corrigindo a perseguição de Anita — digo, imitando o tom duro de H, quando não quer ser contestado. — Eu sou o seu chefe e

estou lhe dando uma ordem direta, comissária. Cumpra-a.

Seus olhos fervem, a boca achatando em desgosto. Nessas horas é bom ser a porra do dono da companhia.

— Isso é golpe baixo — retruca, mas torna a alisar a saia e tenta passar por mim. Seguro seu pulso, puxando-a para perto.

— À meia-noite vou subir para

minha cama — digo, meu rosto bem próximo do seu. Me fulmina com olhos. — Você vai ficar atenta e me seguir.

— Foda-se, Tristan! — range os dentes. Mas posso ver que está excitada. Ela irá. — Quantas comissárias já comeu na porra daquela cama?

Que raio de pergunta é essa? Foram muitas. Mas claro que não digo isso a ela. O momento não é propício

para me vangloriar de ser sócio do Mile High Club[10].

— Esteja lá, Pietra. Eu não estou brincando — a intimo antes de soltá-la.

— Vai morrer seco esperando, seu putão — estala e gira nos calcanhares, me dando as costas. Um sorriso brinca em minha boca. Porra, a cachorra não vai. Para o seu azar eu tenho um plano B. Sigo-a passando por ela, roçando

minha virilha em sua bunda gostosa.

— Vou te comer hoje, pantera. A noite é longa, querida — zombo em seu ouvido e sigo à sua frente.

Colocando uma expressão séria no rosto, reúno a tripulação e informo que a senhorita Soares teve um problema de ordem pessoal e que a senhorita Ferraço irá a substituir como comissária-chefe. Pietra parecia incialmente insegura

quando se apresentou, porém, ganhou o tom confiante que sempre vi em nossos voos na rota Palmas–São Paulo. Mantive a cara de pôquer, não dando sinais de que tenho planos muito malvados para ela assim que todos se recolherem. Depois da conversa, cada um cuidou das suas tarefas e em alguns minutos me coloquei de pé na entrada da aeronave. Ela veio se posicionar ao meu

lado, o sorriso amplo e cordial aberto para os passageiros.

Ganhamos o céu de Paris, meu corpo já vibrando, antecipando o momento em que estarei de volta dentro da minha tigresa. Algum tempo depois, ela entra no cock pit, anotando meu pedido e de meu Primeiro Oficial para o jantar. Não perdi a chance de lhe dar uma piscada perversa, lembrando-a da

minha promessa. Rolou os olhos e saiu, voltando mais tarde com nossas refeições. Comi, conversando animado com meu parceiro, Marcelo, um cara da minha idade. Casado, e pasmem: fiel. Pois é, antes de começar a voar com ele, achava impossível alguém ser fiel em nosso meio. Entretanto, o cara é devotado à sua esposa. Nunca o peguei sequer dando uma olhada nas

comissárias gostosas. Vai entender. Terminamos as refeições e Pietra vem recolher as vasilhas. Eu bato discretamente no meu relógio e abro um sorriso lento. Ela me fuzila. Checo as funções do piloto automático e em acordo com meu Primeiro Oficial, o acionamos. Está tudo dentro da normalidade. O voo segue tranquilo e as horas vão passando. Faltando cinco para

a meia-noite aviso a Marcelo que vou ao banheiro e saio a caça de Pietra.

Realmente vou ao banheiro em primeiro aliviar a bexiga. Saio, andando pelos corredores, tanto para me esticar, quanto para constatar que o movimento arrefeceu. A maioria está dormindo, alguns poucos entretidos, trabalhando em seus notebooks. Então, eu a vejo, descendo a escada de onde ficam as

camas destinadas ao descanso da tripulação. A espertinha está olhando para todos os lados, assustada, achando que pode escapar de mim. Sorrio e avanço rapidamente pelo corredor oposto, quando vira a cabeça e me vê, já é tarde. Pego seu braço e a puxo para o lado, em direção ao banheiro. Ela bate no meu peito, mas não fala nada para não fazer escândalo. Sabendo que não

vai querer perturbar a quietude do avião, me aproveito disso, pegando-a pela cintura, levantando-a do chão. Ela grunhe baixo, tornando a me esmurrar e me apresso, abrindo a porta do banheiro, a empurrando para dentro. Giro a tranca, virando-a de frente para mim e bato suas costas contra a porta. A luz branda bem acima de nós me dá a visão clara do rosto perfeito. Estou tão

louco por essa garota que não me reconheço. Ranjo, pegando sua nuca e apertando sua cintura com a outra mão, esfrego meu pau entre suas coxas, cavando, procurando fricção. Pietra ofega, range os dentes e me dá um tapa no rosto.

— Me solta, seu cretino! — atira, seu tom baixo para não chamar atenção.

— Porra, você me bateu, sua

cachorra! — Aperto seu pescoço, quase circundando-o com meus dedos pela frente. Ela arqueja, tesão claro incendiando seu semblante. É uma putinha safada, que ama sexo duro. Rio perverso e empurro minha virilha em sua pelve. — Oh, querida, deve ser terrível não conseguir parar de querer o meu pau... Conta pra mim, linda. Essa bocetinha está doendo para ser esticada,

degradada por mim, não é?

Ela geme, rosna, lamenta. Tudo junto, e meu sorriso aumenta lentamente, zombando do seu estado terrivelmente excitado.

— Não pode me forçar. Conheço meus direitos. — Tenta resistir e traz o joelho para cima, porém, sou mais rápido e tiro minhas bolas da rota de colisão. Rio perverso, apertando seu

pescoço novamente.

— Forçar? Mas quem falou em forçar, Pietra... — zombo, bem perto de sua boca. — Você é minha e vou te comer quando e onde quiser. Entenda essa porra e não teremos nenhum problema. — Torna a me esmurrar nos ombros, rangendo os dentes. — Lute. Vamos, lute mais. Tenho certeza de que quanto mais se recusa, mais sua boceta

fica molhada para mim. — Enfio a mão embaixo do vestido e pego sua boceta, rindo malvado ao encontrar os tecidos da meia calça e calcinha molhados. Corro os dedos pelo seu monte e Pietra entreabre os lábios, arfando baixinho.

— Foda-se, me deixe ir, seu cachorro... — Seu tom indica que está se rendendo ao nosso tesão desvairado.

— Não antes de gozar no fundo

dessa bocetinha apertada, querida — murmuro, mergulhando a boca na sua. A cachorra me morde e rosno como um animal. Estou além de qualquer pensamento racional nesse momento. Giro-a de frente para a pia. — Segure-se aí, acabou a conversa. Vou te foder tão duro, porra. — Pietra tenta sair da posição e dou um tapa forte em sua bunda. O som sendo abafado pelo tecido

do vestido. Enfio as mãos pela barra da saia e alcanço as laterais da meia puxando-a grosseiramente junto com a calcinha até o meio das coxas. Pego sua boceta por trás, rangendo os dentes com os lábios delicados pingando em minha mão. Nossos olhares se encontram no espelho. Os dela cheios de tesão, mas ainda selvagens de raiva. Empurro um dedo em sua vulva até o fundo, meus

olhos nunca desviando dos seus. — Tão molhada, minha putinha suja — degrado-a e ela geme baixinho, mordendo o lábio.

— Seu filho da puta... — seu insulto não tem nenhum valor com seu canal palpitando. Rio e acrescento mais um dedo, empurrando com força, comendo-a em golpes rápidos. Esfrego seu ponto G e fecha os olhos, respirando

entrecortado. Retiro os dedos antes de ela gozar e abro meu zíper. Meu pau está inchado, babando na ponta. Pincelo sua entrada. Sei que não podemos demorar muito por aqui, mas me divirto com o desespero e fome em seu rosto agora.

— É o meu pau que você quer, minha cachorra linda? — zombo, abrindo o zíper do seu vestido nas costas. Enfio as mãos, sentindo sua

cintura nua e subo para os peitos, puxando o sutiã sem alças para baixo. Ela choraminga quando agarro os dois montes, sovando a carne tenra e deliciosa, puxando, torcendo os bicos. Eu brinco em sua entrada. Forçando a cabeça, mas retirando-me antes de entrar. Pietra range os dentes, o corpo tremendo de antecipação. — Se tivéssemos mais tempo te daria uma

lição, tigresa. Mas não temos — rosno e seguro sua cintura com as duas mãos. — Empine mais para mim. Quero te arrombar toda, sua putinha safada. — E com isso, eu meto tudo nela. Meu corpo inteiro estremece, prazer absoluto percorrendo minha coluna. Deus, nunca senti tamanho prazer em foder uma cadela. É gostoso demais entrar nela sem preservativo. Temos feito assim

desde a noite no clube.

— Aí, droga... Seu filho de uma cadela... — convulsiona, mordendo o lábio, respirando ainda mais rápido. A bocetinha aveludada chupando todo o meu pau, gananciosa para dentro mesmo que esteja reclamando da invasão brusca. Me inclino e mordo sua nuca, tomando o máximo de cuidado para não a despentear muito. Puxo meu pau e olho

para baixo, deixando apenas a cabeça dentro. Bato de volta, duro, profundo, mordendo meu lábio também para não urrar malditamente alto e acordar todos. Levo uma mão pela sua frente e torno a brincar com os peitos lindos. Dou tapas nos montes, me enterrando até as bolas no canalzinho quente e apertado. — Ahh, droga... Tristan... — geme o meu nome com o desespero que já me é tão

familiar.

— Sim, linda, sou eu te comendo, destruindo essa boceta gostosa que você tem — murmuro, me inclinando, sugando, mordendo a lateral do seu pescoço. — Vamos, Pietra, venha pegar cada centímetro do meu pau, sua cachorra — sussurro rudemente em seu ouvido e ela geme em lamento, movendo-se, vindo ao encontro das

minhas estocadas. Vou tão profundo que minhas bolas doem na vontade de esporrar dentro dela. — Gostosa... Gostosa, porra... — ranjo, comendo-a com força, bruto, arrombando, judiando de suas paredes. — Pietra... — gemo completamente fora de mim, constatando que essa garota é sim diferente. Pego seus ombros pela frente e puxo suas costas contra o meu peito. — Me dá

essa boca. Eu preciso te beijar — peço tão desesperado que me desconheço.

Ela pega minha nuca e vira a cabeça, me dando a boca deliciosa e nos comemos num beijo indecente. Nossos olhos abertos, vendo as reações do outro. Chupo sua língua com força, enquanto a puxo, obrigando-a levar meu eixo grande e grosso. Cada estocada a tira do chão, pela força. Não quero

parar de comê-la, mas o gozo está vindo, como um tsunami, levando tudo em seu caminho.

— Tristan... — torna a gemer meu nome. — Tão gostoso, seu cachorro.

— Ainda vai negar isso entre a gente, Pietra? É bom caralho. Não vou desistir de você. Não vou, porra — resmungo, pegando seu pescoço pela frente e enrolo um braço em sua cintura,

levantando-a completamente do chão. A como, levantando-a e abaixando, empalando-a bruscamente no meu pau. Ela começa a dar sinais de que vai fazer escândalo quando gozar. Então, subo a mão do pescoço para sua boca, tapando-a e soco com vontade, meus olhos presos aos dela, enfeitiçados, enlouquecidos. — Caralho... Você é a melhor — ranjo, minha voz mais rouca,

minhas bolas tesas, doloridas. — A melhor... — digo tomado por uma euforia incompreensível para mim. — Eu vou gozar! Não consigo mais aguentar essa bocetinha me apertando. — Desço a mão da cintura e encontro seu monte, dando um tapa em cheio no clitóris. Ela convulsiona, grunhindo através da minha mão. Massageio o feixe de nervos em seguida e Pietra

quebra, convulsionando em meus braços. Eu quero urrar como um fodido lobo quando soco bem fundo e começo a encher sua boceta com a minha porra. — Assim, linda, goza bem gostoso comigo.

Ela choraminga e eu continuo metendo, despejando tudo, suas paredes sugando cada gota. Quando os tremores vão passando. Coloco-a no chão e me inclino sobre suas costas, parecendo que

corri uma maratona. Retiro a mão de sua boca. Estamos os dois com os rostos contorcidos pelo prazer avassalador que sentimos nos braços um do outro. Nossos olhares se encontram no espelho e ficamos assim, apenas nos olhando por um momento. Inertes, perdidos em alguma emoção que não consigo entender ou nomear, só sei que é bom. Muito bom. Abaixo minha cabeça e

trilho beijos suaves em seus ombros, minhas mãos correndo pelos seus braços nus. Ela geme baixinho, saciada, mansa. Pego seu queixo, virando seu rosto para o meu.

— Deliciosa... — murmuro em um tom estranhamente suave e mergulho a boca na sua. Nos beijamos devagar, meu pau ainda pulsando dentro dela, esfomeado, querendo continuar a

brincadeira. No entanto, não podemos abusar da sorte. Me obrigo a arrancar a boca da sua e tenho a impressão de ouvir um som de lamento saindo dos lábios grossos. Me retiro devagar de seu canal quente. Pietra ofega, estremecendo. Pego guardanapos no compartimento do lado da pia e a limpo com delicadeza. Faço o mesmo comigo e fecho meu zíper. Em seguida, arrasto

sua meia-calça e calcinha de volta ao lugar. Subo o zíper do vestido. Ela está estranhamente calada, o cenho franzido. A giro de frente para mim, meus braços enrolando em sua cintura. — Te machuquei? — pergunto, analisando seu rosto.

Solta um bufo, a afronta voltando em seu semblante.

— Você sabe que gosto disso, seu

cachorro, ou não teria me arrastado para cá — replica. Seu rosto fica sério e me fita em silêncio um instante. — T, ouça...

— Não — corto-a, sabendo o que vai sair de sua boca. Levanto seu queixo, obrigando-a a me encarar enquanto falo: — Quando esse avião pousar, vamos para a minha casa e vamos conversar sobre nós.

— Não há *nós*. Você só quer me

comer e por um golpe perverso do destino, eu não tenho vergonha de aceitar essa merda — retruca, me fazendo rir um pouco pela forma como descreveu nosso envolvimento.

Ela me fuzila e fico sério, deslizando meu nariz no seu. Porra, gosto disso, tê-la em meus braços. Essa é nova para mim. Nunca fui de querer abraçar e beijar depois do sexo. Mas

com Pietra não quero perder o contato. Quero mais, sempre mais.

— Eu vou te dar algo que nunca dei a nenhuma outra, tigresa — murmuro, mesmo receoso de que essa decisão irá foder com a minha vida, até então, bem organizada.

— O quê? — murmura entre receosa e expectante.

— Fidelidade — sussurro. Seus

olhos ampliam e arfa levemente. Me estuda, ressabiada.

— O que exatamente será *isso* de agora em diante? — Faz um gesto entre nós.

— Seremos dois adultos que se querem muito explorando a atração que sentem. — Beijo seus lábios suavemente, seduzindo-a, acalmando-a. — E seremos fiéis enquanto estivermos

envolvidos — completo e ela está chocada agora, posso dizer.

— Estaremos numa espécie de relacionamento? — Franze o cenho.

— Porra, não acredito que estou fazendo algo dessa natureza, mas sim, é isso — confirmo. Ela revira os olhos.

— Lisonjeiro, Tristan Maxwell — diz secamente, tentando se soltar, mas não a libero.

— Eu não faço romance, Pietra. Não será um relacionamento convencional — digo sério. — Ficaremos juntos enquanto essa atração louca durar, mas haverá respeito, te garanto.

— E sua porra de proposta indecente? — Levanta uma sobrancelha.

— Esqueça a proposta. Vamos ficar juntos porque queremos. —

Continuo fitando-a seriamente. — Sejamos sinceros, tigresa, a proposta veio a calhar para nós dois. Foi a única forma que encontrei de tê-la e, por outro lado, você pôde fingir que estava sendo obrigada a ser minha para realizar seu sonho. — Ela acena depois de um tempo. — Passemos para uma nova fase, Pietra, aquela em que assume que também me quer, sem joguinhos de

esconder. Somos adultos aqui.

Ela me estuda atentamente. Está apreensiva, posso sentir.

— Sim, eu te quero. Satisfeito? — murmura, lambendo os lábios. Estica os braços, cingindo meu pescoço, as mãos pegando meus cabelos da nuca, puxando-os levemente. Gemo, querendo fodê-la de novo e de novo. — Você por acaso sabe o conceito de fidelidade,

riquinho? — Sua voz tem o tom de provocação que me diz o que preciso saber: ela vai aceitar. Rio, traçando seu rosto perfeito, meu coração aquecendo ridiculamente.

— Me ensine — sussurro, roçando a boca na sua e mergulho meus lábios nos seus.

# Pietra

Acordo numa cama espaçosa, lençóis extra macios, acariciando meu corpo nu. Gemo, esticando-me. Meus músculos internos deliciosamente doloridos. Abro meus olhos encontrando o ambiente requintado do quarto. O quarto de Tristan Maxwell. Ele me

surpreendeu pra caramba ao me trazer para cá e não para o outro no final do corredor. Rolo na cama, me sentando com um gemido baixo. O rastro dele e sua posse rude estão por todo o meu corpo. Depois que me comeu como um animal selvagem no banheiro do avião, colocou nosso envolvimento sob nova perspectiva. Deus, eu devia ter dito não. Mas não consegui. O quero demais.

Quando entra em mim, esqueço da decência e só quero ser usada, degradada por ele. Tenho ciência de que posso me arrepender de mergulhar mais profundo nesse relacionamento não convencional que me propôs. No entanto, vou arriscar. Minhas crises de consciência só duram quando estou longe dele. Basta um olhar, um toque, uma palavra sacana sussurrada em meu

ouvido e me rendo.

Então, aceitei de uma vez. Vou ficar com ele, dessa vez porque quero isso. Só preciso me resguardar para o público. Ainda não quero aparecer com ele. T continua não sendo material para relacionamento sério. Além disso, tem a empresa, não quero ser apontada como um de seus casos quando tudo terminar. Meu peito aperta um pouco ao pensar no

fim. Embora sinta muito tesão por mim, irá me deixar em algum momento. Ter essa certeza me deprime, admito. Me arrasto para a borda do colchão e corto o fluxo de pensamentos desestimulantes. Nesse momento, o objeto do meu desejo indecente dobra a esquina, vindo do banheiro e, porra, todo pensamento coerente evapora da minha cabeça. Está delicioso, de banho recém-tomado, uma

toalha pendendo baixo em seu quadril estreito. Eu babo no v masculino, subindo para o tanquinho e peitoral definidos. Os pingos d'água rolam na pele morena-clara e lambo os lábios. Sacanagem... Quero lambê-lo inteiro, merda.

Subo a exploração, a boca linda e sensual está se curvando num de seus sorrisos safados e arrogantes. O

cachorro sabe que é bonito. Quando nossos olhares se encontram, seu sorriso alarga, lentamente. Meu Pai eterno... Me molho toda, minhas paredes latejando vergonhosamente. Para não ficar por baixo, me levanto da cama e agora é a vez do safado me cobiçar. Os olhos escuros brilham descendo pelo meu corpo, terminando de me inflamar. Meus seios arrepiam, os mamilos doendo para

ser sugados por essa boca gostosa e perversa. Fiquei aqui em sua casa desde a manhã e ontem. Passamos a manhã na cama, só saindo do quarto para almoçar. Ele encomendou num restaurante chique e comemos na cozinha. À tarde me levou para conhecer a área externa numa caminhada. Usei um de seus moletons de novo, devido à baixa temperatura. Brincamos com Apolo, seu cão. Ele é

tão lindo e dócil. Caí de amores pelo bicho quando pulou sobre mim semana passada.

— Se tivéssemos tempo, tigresa... — Sua voz áspera me faz sorrir e andar devagar até ele. Temos instrução daqui a uma hora e ainda nem almoçamos porque quase não dormimos ontem.

— Mas não temos. Por que não me acordou? — Minha voz está rouca do

sono. Ele me alcança, enrolando os braços em minha cintura. Gemo quando seu torso nu cola em meus seios.

— Quis deixá-la descansar mais um pouco. — Meu coração amolece um pouco diante do tom e olhar suaves. Então, é claro que o cachorro estraga tudo em seguida: — Você parecia bem desgastada, querida... — Seu tom é zombeteiro e rolo meus olhos.

— Você se acha muito, riquinho — zombo de volta.

Ele dá uma risada gostosa. Meu coração dispara diante de tanta beleza. Deus, ele fica lindo quando sorri assim. Um sorriso de verdade, não apenas o cartão de visitas do mulherengo. Os olhos escuros me fitam com tanta intensidade que nesses momentos a menina boba do interior, acredita que

pode conquistá-lo. Estou brincando com fogo aqui, definitivamente. É muito fácil uma garota se apaixonar por um cara desses.

— Quero-a de volta aqui depois da aula — murmura, subindo uma mão pelo meu ventre, passando vagarosamente entre meus seios. — Vou te levar a um lugar.

— Aonde? Já falamos sobre isso,

T — gemo, começando a ficar dividida entre me preservar do julgamento dos colegas da empresa e ao mesmo tempo querendo mostrar que estou com ele. Especialmente para uma certa puta desprezível.

— Porra, você destrói a minha autoestima, tigresa — resmunga e bufo, rindo enlaçando-o pelo pescoço.

— Corte a merda, Tristan

Maxwell. Sua autoestima tem vida própria — zombo. Aquele sorriso lindo brinca em sua boca de novo.

— É surpresa — murmura no tom diabolicamente sedutor que domina com perfeição. — Vamos dormir por lá e voltamos pela manhã, uma vez que temos escala para Veneza no final da tarde.

Ah, meu Deus... Veneza. Ele me

manteve em sua escala, rosnando que estou terminantemente proibida de voar com o Cristiano Rangel. Se não soubesse que o que temos é só sexo, diria que está com ciúmes do interesse do outro piloto.

— Parece perfeito para mim — murmuro. Ele geme, me dando um tapa na bunda.

— Perfeita é você — sussurra

rouco, a boca tocando a minha. Gemo, me entregando, sabendo que não está falando no sentido mais profundo, ainda assim amando ouvir isso da sua boca. Nos beijamos devagar a princípio, porém, vamos esquentando e passamos a gemer, lamentosos. — Porra, eu quero você.

— Eu também. Droga, eu também — gemo de volta. Ele ri baixinho e com

mais uma chupada na minha língua, para o beijo. Nos encaramos, nossas bocas ofegantes.

— Vá tomar o seu banho. Vou te deixar em casa antes de seguir para a HTL — avisa com mais um tapa leve em meu traseiro. Gemo de frustração, mas sigo para o banheiro.

Cerca de vinte minutos depois, ele me deixa na frente do meu prédio e

dispara em sua Harley Davidson. Eu fico um instante parada no meio-fio, olhando-o costurando no trânsito. Adoro esse seu espírito livre e destemido. Suspiro, sabendo que estou completamente seduzida por esse homem e tudo que o envolve. Subo para o décimo sexto andar, onde fica meu apartamento e entro, me recostando a porta. Um sorriso bobo e sonhador

curva a minha boca. Eu sei, é só sexo, mas está diferente agora. Tristan parece mais acessível, mais próximo. Talvez isso entre nós possa continuar. Ouso sonhar, mesmo que meu lado racional esteja me olhando de cara feia e me dizendo para cair fora enquanto é tempo. É tarde demais. Já era tarde demais há sete meses quando meu olhar cruzou com o seu, no *The Pilot*. De lá para cá

ele nunca mais saiu da minha cabeça. Ando atravessando a sala em direção ao quarto. Vou pagar para ver. Troco de roupa, já ansiosa para vê-lo na sala de aula. Tem sido excitante fingir que somos apenas instrutor e aluna diante da turma. Além disso, babo em como sabe muito sobre a sua profissão. Todo dia aprendo algo novo com ele e o resto da turma também tem o mesmo

encantamento em seus rostos a cada aula.



O Uber transpõe os portões da mansão de Magnólia, a avó de T. Hoje é o aniversário de um mês do pequeno Theo, e Tristan está muito animado. Tive que relembrá-lo de que precisamos fingir que não somos nada além de amigos perante sua família. Ele garantiu

que conversou com sua avó e pediu discrição sobre o flagrante daquela manhã em sua casa. Estou nervosa. Nunca participei de nada mais íntimo com o senhor Maxwell, o CEO da companhia. Ele parecia sempre muito sério, diria frio mesmo, nas poucas vezes que o encontrei desde que ingressei na empresa. T avisou que seu irmão recém-descoberto, Logan, também

estará aqui. Alberto com a namorada Luciana, e sua irmã Lígia encerram a lista dos presentes. É apenas uma pequena comemoração e me sinto como uma intrusa no meio deles, para ser sincera. Disse isso ontem para T e embora não tenha ficado animado quando sua avó me fez o convite há quinze dias, agora ele parece me querer verdadeiramente aqui. Isso acalma um

pouco o meu nervosismo.

Pago o motorista quando para na frente de uma escadaria suntuosa, lembrando a da casa de T. Saio do carro, segurando meu presente. É um grande urso de pelúcia. Não foi caro, mas também não foi barato. O garoto é filho de um bilionário, pelo amor de Deus! Isso intimida qualquer convidado, ainda mais alguém como eu, de fora do

mundo deles. Subo a escadaria e toco a campainha. Um senhor elegante abre a porta, devidamente uniformizado. Estou usando uma calça pantalona preta e uma blusa de seda verde. O modelo é elegante e sexy, uma manga escorregando no ombro direito. Meus cabelos estão soltos e naturais e uso pouca maquiagem. O homem me cumprimenta com um sorriso cordial e

me leva para o interior da casa. A exemplo da mansão de T, essa também é linda e não posso deixar de admirar a decoração em tons creme e branco.

— A senhora Magnólia e os outros estão no salão de chá — o mordomo informa. Minha nossa, há um salão específico para os chás? Tenho vontade de rir da minha caipirice. — Queira me acompanhar, senhorita.

O sigo por um amplo corredor, ladeado por duas esculturas bonitas. No final, o homem abre as portas duplas e torna a me oferecer um sorriso simpático.

— Obrigada — murmuro, sorrindo de volta e piso para dentro do salão.

É amplo e está ricamente decorado com motivos infantis. Vejo

Heitor conversando com sua jovem ex-esposa em um canto mais afastado. O clima parece tenso entre eles, percebo. Magnólia está sentada num dos sofás vitorianos, conversando com Alberto e Luciana. Em outro sofá, Logan está com uma cara de poucos amigos e Lígia parece deslocada. Há uma tensão estranha entre esses dois também. Os encontrei na semana passada discutindo

na garagem da HTL. Eles não me viram e fiquei chocada quando Logan a esmagou contra uma coluna e os dois se pagaram num beijo pra lá de quente. Ela se soltou e tentou escapar, mas o cara a pegou pela cintura e a jogou dentro do seu carro, saindo cantando pneus. T acha que os dois estão transando em segredo, visto que Lígia é noiva de um famoso promotor. Ninguém me nota no primeiro

momento e eu avanço, me sentindo ainda mais deslocada. Então, o vejo e meu corpo inteiro reage, a atração visceral que me toma sempre que estamos no mesmo espaço, mexendo com tudo dentro de mim. Está lindo, segurando seu sobrinho-afilhado, o bebê debruçado sobre o seu ombro.

Uau. A cena é de explodir os ovários de uma garota, é sério. Meus

passos diminuem, a cena familiar me impactando. Nunca vi seu rosto tão pacífico como agora. Acena para algo que sua avó está dizendo e sorri. Aquele sorriso lindo, que parece vir do fundo da sua alma. É ainda mais bonito assim. E nesse momento tenho a certeza de que Tristan Maxwell não quer se mostrar verdadeiramente para as pessoas, sobretudo, as mulheres com quem se

relaciona. Só não consigo imaginar a razão disso. Ele olha de lado e me vê chegando. Oh, meu Deus, meu coração é atingindo ainda mais vendo-o de perto. Usa uma camiseta preta de mangas compridas e um jeans esporte fino. Os olhos escuros se fixam nos meus e descem por mim discretamente. Estávamos na cama agora à tarde. Saí de sua casa correndo para me arrumar em

meu apartamento. Ele queria que viéssemos juntos, mas achei melhor não. As coisas estão ficando muito intensas e confusas muito rápido.

Em todas as nossas escalas dormimos juntos em hotéis chiques ou em suas coberturas, como em Paris e Dubai. E nesses lugares, longe dos curiosos, podemos sair, jantar, passear pela cidade. Ainda estou sonhando

acordada com os nossos passeios pelos canais de Veneza. Foi delicioso. Me levou à ópera. Me presenteou com um longo negro, me fazendo sentir como uma estrela de cinema no camarote luxuoso. Pela primeira vez o vi vestindo um smoking, e o que foi aquilo, Brasil... Estava absolutamente magnífico e em muitos momentos me flagrei fantasiando que éramos um casal de namorados

curtindo uma viagem juntos. Foi uma loucura quando voltamos para o hotel. O deixei me ter na janela, onde qualquer um que passasse lá embaixo no canal, podia nos ver. Meu Deus, as coisas que faço quando estou com esse homem chegam a me assustar. Estou cada dia mais viciada. Completamente fascinada.

Vejo o brilho conhecedor cintilar em suas irises escuras. Ele também sente

isso? Espero que sim. Odiaria ter essa reação sozinha. T se adianta um pouco e murmura só para os meus ouvidos:

— Vai ser difícil implicar e manter a porra da atuação com você linda desse jeito, pantera.

Eu rio, fingindo que não me disse nada especial e rolo meus olhos. Me aproximo e acaricio a cabecinha ruiva de Theo. Ele está ressonando no braço

de T, e meu coração torna a amolecer com a cena, o meu homem safado e sedutor sendo um tio e padrinho aplicado. Me inclino e beijo a cabeleira do pequeno, meu rosto ficando perto do de T. Sussurro:

— Digo o mesmo. Você está delicioso. — Ele geme baixo, os olhos me devorando furtivamente. Sou obrigada a me afastar e olho para o bebê

adormecido no ombro largo. — Ele é tão lindo, T — murmuro encantada.

O sorriso presunçoso curva sua boca.

— Os homens Maxwell são todos assim, tigresa — me provoca com uma de suas piscadas sacanas. Cachorro gostoso.

Eu rio e entramos em seguida no nosso velho jogo de aparências em

público. T me leva até os outros, sua avó se levantando, vindo me receber com um abraço acolhedor. Eu simpatizei muito com a senhora elegante desde o primeiro momento. Embora tenha investigado sobre a minha relação com seu neto, pude ver que era apenas preocupação de avó, não esnobismo por eu vir de uma classe inferior.

— Ah, minha querida, fico tão

contente que tenha conseguido estar conosco hoje — me diz, seus olhos castanhos e experientes estão atentos, me estudando.

— Obrigada, Magnólia. É um prazer estar com vocês hoje — devolvo a gentiliza.

— Já conhece os outros? — pergunta e aceno para o restante da turma, cumprimentando-os. — O

Tocantins tem seus encantos, não é? — Magnólia brinca e todos riem. Sinto meu rosto corando.

— Vovó pare de constranger Pietra. — T vem ao meu socorro e no segundo seguinte percebe o que fez. Com um sorriso arrogante, remedia: — Essa tarefa já é minha. — Me dá uma piscada sacana e todos voltam a rir.

Porra, se alguém me dissesse há

oito meses, que estaria me relacionando nesse nível de intimidade com os donos da HTL, diria que o filho da puta estava louco. Nem nos meus sonhos mais delirantes, imaginaria algo como isso. Magnólia engancha o braço no meu.

— Vem, minha garota bonita, vamos colocar seu presente sobre a mesa — chama e me deixo ser conduzida até a mesa com os presentes,

do lado de outra com um bolo simples, mas lindo.

Coloco o urso perto de alguns carros, que o pequeno vai demorar a usar. Magnólia vai dizer algo, mas é cortada pela aproximação de Sofia. Ela está linda num macacão vermelho. O corpo esbelto, nem parece que deu à luz há pouco tempo. Heitor a acompanha, um misto de tristeza e raiva em seu

rosto. T tem estado preocupado com ele. Aos poucos temos falado de outros assuntos em nossas vidas. Ele compartilhou que o irmão mais velho perdeu a esposa por uma traição. Não deu mais detalhes e nem eu perguntei. Já é um ganho enorme meu piloto arredio falar sobre algo tão pessoal. Para retribuir, compartilhei sobre a primeira luta de meus irmãos em Las Vegas, no

próximo mês. Ele prometeu me dar uma força na escala para que eu possa voar até lá.

— Você deve ser a Pietra. — Sofia sorri para mim. Seus olhos ainda estão brilhantes de lágrimas e vejo nela a mesma tristeza de Heitor. Me recordo da imagem deles felizes no Ano Novo e me sinto um pouco triste por eles. E agora tem aquele bebê lindo. Eles

devem estar passando por uma barra. — Seja bem-vinda. T tem me falado muito a seu respeito. — Me abraça e retribuo o carinho.

— Não exagere, bonitinha. — Ele surge do lado dela, envolvendo-a nos braços e dando um beijo suave em sua têmpora. Seu olhar vem para o meu. — Ela é da mesma escola de dona Magnólia. Tome cuidado.

— Prazer em conhecê-la, Sofia — retribuo sua simpatia. — Seu bebê é a coisinha mais linda que já vi.

— Obrigada. Ele é, não é? — Sofia sorri, o rosto se iluminando um pouco. Mas quando olha para os sofás e vê Heitor segurando Theo e conversando com o filho, seus olhos verdes voltam a ficar tristes. Dissimulando suas emoções, volta a me

olhar, seu tom brincalhão ao murmurar:

— Eu estava mesmo curiosa para conhecer a garota que está dificultando a vida de T. — Percebo que, de fato, ela e seu ex-cunhado tem uma relação próxima.

— Mulheres... — T zomba, mas está rindo, aceitando a provocação de Sofia. — Vou conversar com meu irmãozinho marrento. Ele parece ainda

mais idiota hoje. Vou ver a razão disso.

Olho na direção de Logan e vejo que está conversando com Heitor. Na verdade, interagindo com Theo, que está acordado agora. Acho que é a primeira vez que vejo algo parecido com um sorriso no rosto do irmão Maxwell mais novo. Volto a encarar T e com um olhar significativo e um aceno quase imperceptível de cabeça, ele passa bem

perto de mim, seu cheiro me tentando. Safado.

Dez minutos depois, cantamos parabéns para um Theo acordado, mas não tendo a menor ideia do que se tratava a agitação à sua volta.

— Vou colocar meu menino para dormir e já desço — Sofia anuncia, segurando o bebê sobre o ombro. Ela tem um sorriso orgulhoso no rosto.

— Vou com vocês, neném — Heitor diz e a tensão volta no rosto da ex-esposa. No entanto, ela não o rejeita em público.

Os dois se dirigem para a saída e tenho a impressão de que cada pessoa aqui se sente um pouco triste por esse casal. Espero que consigam resolver suas diferenças e se acertem, pelo bem de seu filhinho.

— Então, você é uma pilota? — Lígia se junta a mim, perto dos brigadeiros. Nunca trocamos nenhuma palavra até hoje, mas como mencionei, já nos esbarramos na HTL.

— Sim, estou completando o curso para ingressar na carreira — ofereço.

— Deve ser uma experiência e tanto, não é? — indaga e sinto um toque

de conversa fiada, que se confirma quando diz em tom mais baixo: — Ouça, o que viu outro dia entre mim e aquele imbecil ali, quero esclarecer que aquilo foi um erro.

Então, ela me notou. Fico um pouco envergonhada que possa pensar que a estava bisbilhotando.

— Você não tem nada para esclarecer, Lígia. — Encaro-a

firmemente. — Pode contar com a minha discrição. Não vou contar nada a ninguém.

A garota meticulosamente arrumada parece exatamente o que é: uma moça da alta sociedade. No entanto, sinto algo camuflado sob essa sua aparência controlada, nem um fio de cabelo fora de lugar. Parece falso de alguma forma. Não sei explicar direito,

mas sinto isso a cada vez que a vejo.

— Eu, hum, obrigada, Pietra — diz parecendo sem jeito. — Eu vou tomar um ar lá fora — anuncia e se vai.

Quase que imediatamente, Logan a segue para fora. Um erro... Sei. Eu rio. Eles estão sendo tão óbvios. Paro, meu olhar procurando por T. Me pergunto se estamos dessa forma, deixando claro que estamos fodendo como coelhos.

— A resposta é sim, Pietra. — A voz de Magnólia soa bem do meu lado, me assustando. Olho-a confusa e a mulher elegante elabora, um sorriso maroto bem parecido com o de seu neto mais novo, brincando em sua boca.: — Está escrito em seu rosto e no de meu neto que estão envolvidos. Precisam se empenhar mais na atuação, minha garota.

Puta merda. Engulo em seco. Ela

sorri e seu olhar vai para T, que agora está interagindo com Alberto e Luciana nos sofás. O rosto da senhora suaviza enquanto o observa.

— Olhe para ele, Pietra. — Seu olhar volta para mim. Fico novamente confusa e seu tom abaixa uma nota quando continua: — Enxergue o verdadeiro Tristan, minha querida. Eu acho que você consegue, se quiser.

— Não estou entendendo, desculpe — digo aturdida. Ela abre um sorriso suave.

— Meu menino levado é mais do que sempre mostra, Pietra. — Seus olhos ficam mais brilhantes como se acessasse alguma memória. — Tente enxergar o homem especial que ele é. — Ela só diz isso e dá um tapinha no meu antebraço, se afastando em direção ao

objeto da nossa conversa.

O que foi isso? Me pergunto, meu olhar indo para T. O observo conversando e rindo com os amigos. Meu Deus, como é lindo. É ainda incompreensível para mim como um cara do seu calibre se interessou por uma garota como eu, do interior. Ele grita sofisticação, embora a mascare com sua irreverência. Fico tentando

enxergá-lo, como sua avó me pediu. E quanto mais o olho mais me dou conta de uma coisa: estou me apaixonando por esse homem. Essa descoberta vem junto com outra percepção: eu quero ter a oportunidade de conhecer o verdadeiro Tristan. Oh, Deus... Espero que ele venha a confiar em mim. Espero que perceba possamos nos tornar isso algo mais. Podemos ser algo mais do que

simples parceiros de foda?



# Capítulo 9

***Eu vou enfrentar o meu medo das noites frias. Quando você me deixar para trás. Eu senti suas mãos em meu cabelo. Eu senti sua respiração no meu pescoço. Sim, eu preciso sentir você novamente...***

***(Eyelids – PVRIS)***

*Um mês depois...*

*Aeroporto de Guarulhos, São Paulo.*

# Tristan

Um nó se forma em minha garganta testemunhando a dolorosa despedida de H e Sofia. Infelizmente os esforços de meu irmão não tiveram sucesso. Pior, afastaram ainda mais a mulher que ama. Sofia começou a namorar o tal médico, Bruno, há um mês. O cara está sendo transferido para o Rio de Janeiro e a bonitinha decidiu ir junto para se afastar de H. Eu e minha avó estamos desolados

com o desfecho de sua história. E ainda há Theo. Ele merece ter os pais juntos. Toda criança merece ter os pais juntos, a amando. H teve um pai de merda, mas quer estar presente na vida de seu filho, amá-lo. Essa partida de Sofia o está destruindo. Nunca vi meu irmão tão devastado como nesse momento.

— Eu sei que não mereço, mas, por favor, tente me ver como um amigo,

pelo menos —ele suplica a Sofia, seu rosto desolado, as lágrimas transbordando em seus olhos. Minha avó funga e a puxo para os meus braços. — Quero continuar sendo um pai presente para o nosso filho. Quero lhe dar todo amor que não tive enquanto crescia — continua com tanta emoção que parece outra pessoa. Ele realmente a ama, se ainda restava dúvidas, agora elas caem

por terra. Olho para Sofia e ela mostra o meu desespero e desolação em seus olhos brilhantes de lágrimas. Ela não consegue ver que meu irmão está sendo sincero agora? — Eu vou te amar para sempre — H murmura, duas lágrimas rolando em suas faces e meus olhos ardem diante da cena. — Meu coração sempre será seu, mesmo que nunca mais estejamos juntos.

Minha avó chora baixinho em meus braços. Esfrego suas costas delicadamente, engasgado com a tristeza emanando dos dois e percebo que é tarde demais. Sofia não vai voltar atrás. H se debruça, beijando a cabecinha de Theo e nesse momento, meu irmão perde completamente a compostura, começando a chorar alto. Caralho... Eu nunca, nunca o vi dessa forma e me sinto

impotente por não ser capaz de ajudá-lo. H puxa Sofia e Theo para seus braços, seu corpo treme, soluços irrompendo de sua garganta. Os transeuntes observam a cena, curiosos. Sofia chora também e H a beija na têmpora. Porra. Eles estão se separando mesmo. Agora é pra valer.

— Seja feliz, bebê — H diz, seu tom de voz destruído. — Me perdoe por ter te ferido tanto — murmura e com

mais um olhar desolado para sua ex-mulher e filho, meu irmão solta-os, virando as costas e indo embora.

Sofia chora baixinho, observando-o costurar entre os transeuntes. Eu e minha avó nos aproximamos e a envolvemos de ambos os lados, confortando-a ainda que não concordemos com sua teimosia em não dar outra chance para seu casamento.

Ela se descontrola, por um momento deixando sua tristeza sair sem disfarces.

— Vamos, querida? — A voz do médico intrometido corta o momento.

Somos obrigados a soltá-la. Bruno tira Theo dos braços da mãe e me seguro para não ranger os dentes. Odeio que esse idiota vai conviver mais com ele do que seu pai. Isso é muito injusto, porra. Observo Sofia. Ela enxuga o

rosto e algo em sua expressão me dá um fio de esperança. Ela não está totalmente segura de sua decisão, isso está transparecendo em seu rosto agora. Mas, como é teimosa, vejo-a forçando-se a sorrir e se vira para a minha avó.

— Essa velha senhora te ama — vovó diz com tristeza, abraçando-a. — Cuide-se, minha menina — murmura algo mais que não consigo ouvir. Só sei

que Sofia parece mais emocionada, acenando.

— Eu também amo a senhora. Obrigada por cuidar de mim e do meu menino — murmura de volta. Minha avó a beija na bochecha e se afasta, me permitindo me despedir também. A encaro sério e a puxo para um abraço apertado.

— Bonitinha, eu odeio despedidas

— resmungo em seu ouvido e ela ri um pouco. Me afasto e a estudo seriamente, tentado a lhe dizer que pare com essa merda e volte para casa com H. Não tenho esse direito, no entanto. Então, tento algo menos apelativo: — Estarei bem aqui, se precisar. — Acena. Espero que entenda o significado disso. Se ela se arrepender antes de entrar naquela porra de avião, o que espero aconteça,

estarei bem aqui.

— Obrigada — murmura, tocando meu rosto com carinho e me beija na bochecha. — Você é bem-vindo para nos visitar a qualquer hora.

Não suba naquele avião, caralho! Quero dizer. Em vez disso, sorrio e beijo sua testa.

— Estarei bem aqui para você — repito, olhando-a mais

significativamente.

O sem noção do Bruno se despede de mim e minha avó. Quero lhe dizer poucas e boas, porém, respiro fundo, o cara parece ser decente. Estou muito irritado porque está levando não apenas Sofia para longe, mas nosso garoto também. Minha avó volta para o meu abraço e ficamos olhando Sofia se distanciar até que some entre a multidão.

Dona Magnólia suspira tristemente.

— Eu sonhei tanto com um final diferente para eles dois — murmura, seu rosto corado e os olhos ainda cheios de lágrimas levantando para me encarar.

— Eu também, vovó — digo, beijando seus cabelos cinza.

— Vamos embora, filho. Estou triste demais para ficar em público — lamenta.

— Espere um pouco. Talvez a bonitinha pare de ser teimosa e volte.

Seus olham se iluminam.

— Acha que é possível, querido?

Merda. Eu não queria dar falsas esperanças para a minha avó.

— Não sei, vovó. Só acho que Sofia não está cem por cento segura da decisão que tomou. Vamos torcer para... — minhas palavras são cortadas quando

levanto a vista para a entrada da sala de embarque e vejo a bonitinha voltando.

— Porra! — Abro um sorriso aliviado e em seguida, minha avó ofega, recomeçando a fungar.

— Ah, Deus, minhas preces foram atendidas — murmura embargada, levando as mãos à boca. Surpresa e felicidade iluminam seu rosto.

— Essa é a minha garota! — Me

apresso, tomando Theo em meus braços. — Meu afilhado vai passar algum tempo comigo. — Sorrio maliciosamente. — Você e H podem levar o tempo que quiserem... Uh, se reconciliando... — Dou uma piscada e vovó dá uma risada entre as lágrimas. — Renan irá levá-la até meu irmão — aviso e Renan, o chefe da segurança de H, se aproxima com passos decididos, não disfarçando sua

alegria também.

— Vá, minha menina! — vovó a incentiva, emocionada. — Nós vamos cuidar de Theo.

Sofia abre um sorriso gigante, o rosto antes triste, ficando brilhante de felicidade. Ela não conta história e vai com Renan.

— Carinha, sua mãe é teimosa, hein? — Olho para o bebê em meus

braços. Ele agita os bracinhos e sorri, empurrando o punho na boca. — Vamos com o padrinho e a bisa porque agora papai e mamãe vão fazer coisas impróprias para menores...

Theo volta a sorrir como se estivesse compreendendo tudo. Vovó sorri também. Expiro, realmente aliviado. Seguimos com o pequeno para o estacionamento, onde Yuri nos

aguarda. Em poucos minutos estamos pegando a Rodovia Presidente Dutra, voltando para a grande São Paulo. O céu está escurecendo e estremeço sabendo que mais uma vez a chuva vai me pegar de jeito. Minha avó troca um olhar com Yuri e me sinto como uma criança. Na verdade, é pior, me sinto um inútil completo. Que tipo de pessoa fodida não pode andar em um carro com janelas

fechadas?

— Querido...

— Está tudo bem, vovó — tranquilizo-a, mas minha voz está tensa enquanto aciono o botão automático. Ela faz o mesmo do seu lado e os vidros sobem, nos isolando aqui dentro. Os pingos grossos caem sobre o teto e janelas e, porra, minha respiração vai ficando rápida. Olho para Theo

acomodado em sua cadeirinha entre nós no banco traseiro e tento focar nele para não surtar. Não funciona porque o bebê está com os olhinhos pesando de sono e logo os fecha, alheio a miséria de seu padrinho.

— Respire fundo, querido. — A mão afável de minha avó pousa entre as minhas, tentando me dar o apoio que preciso. Puxo uma respiração profunda,

só que não resolve. Ainda estou sentindo a garganta tampando. — Os odeio tanto por isso — ela sussurra, seu tom entre raivoso e preocupado. Fecho os olhos, tentando ter o controle da porra de minhas emoções. — Você precisa vencê-los, meu menino. Vença-os — murmura, me incentivando. Todavia, a visão dos vidros embaçados não ajuda em nada a me acalmar. Meu telefone toca no bolso

do meu jeans e ela o pega.

— Olá, Pietra — diz suavemente e ofego ao ouvir o nome dela. — Ele não pode atender no momento, mas direi que ligou e...

— Não! — a interrompo, estendendo a mão trêmula e suada para pegar o aparelho. Me entrega, parecendo um tanto assustada pela minha reação. Inspiro e expiro lentamente, clamando a

Deus, embora não seja muito devoto, que algum dia eu possa vencer essa merda. — Vou atender — digo a minha avó. Ela acena, me dando um olhar estranho. — Pietra — murmuro, torcendo para que não perceba a tensão em minha voz.

— Ei, riquinho. — Sua voz entre divertida e zombadora, faz meu coração saltar, só que agora de uma forma boa.

— Você não é velho demais para usar sua pobre avó quando não quer atender uma garota?

Meus lábios tremulam em resposta à sua provocação, minha maldição sendo colocada em segundo plano. Ah, porra, eu amo a sua voz, esse tom de deboche. Consigo imaginar seu rosto lindo, seus olhos de gata brilhando com seu atrevimento característico quando

me provoca. Essa garota linda está se entranhando em mim a cada dia, a cada novo encontro. Já estamos em nosso novo arranjo há mais de um mês e o tesão só cresce. Temos visto-nos todos os dias. Quando não estamos nas escalas, estamos trancados em minha casa ou em seu apartamento. Nunca estive tão envolvido, fascinado por uma mulher antes e tenho tentado não

racionalizar muito o que sinto com Pietra. Estou até mesmo sendo fiel, coisa que nunca, e eu quero dizer, nunca fui. Embora me preocupe que não tenha sentido falta de outras bocetas nesse meio tempo, estou mais do que satisfeito com nosso sexo.

Ela se libertou bem rápido e evoluiu lindamente. A levei uma vez mais em uma de minhas casas noturnas e

fomos livres. Uma coisa tem me intrigado também: não sinto vontade de compartilhar Pietra, como faço com Anita, por exemplo. Com a tigresa fico ainda mais excitado em fodê-la sozinho enquanto os outros observam e me invejam por não poderem estar com ela. Ela é uma cachorra safada também e adorou se mostrar enquanto tomava o meu pau no salão de foda. Estou

viciado. Completo e vergonhosamente viciado nela, porra.

— Como foi o seu voo, menina do interior? A comandante Bianca te tratou bem? — Minha voz sai mais controlada e expiro em alívio quando sinto meu pulso desacelerando. A coloquei nessa semana com uma das mais conceituadas pilotas que temos na companhia, no voo para Milão. Ela adorou, mas isso nos

deixou longe por dois dias e quase lamento essa decisão agora. Meu corpo está clamando pelo seu e tenho que refrear minha empolgação em respeito à minha avó.

— Perfeito! — exclama e sua voz fica uma nota mais suave quando murmura: — Obrigada por isso, T.

— Por nada, tigresa — sussurro em um tom muito amolecido e limpo a

garganta. Tenho a impressão de ouvir minha voz sorri baixinho. — Já está em casa?

— Não — ela meio que ronrona a seguir: — Estou na sua casa. Vou preparar o jantar para você. É à minha maneira de agradecer adequadamente.

Caralho. Por mais que tente conter a empolgação, meu pau se anima. Antes dela eu correria para as montanhas se

uma garota viesse com uma porra de proposta dessas. Cozinhar o meu jantar? Muita intimidade. Totalmente fora de cogitação. Mas agora essa garota parece que fez uma maldita lavagem cerebral em mim e tudo que consigo dizer é:

— Mal posso esperar para chegar aí, linda. — Dessa vez minha avó nem disfarça o sorriso. Rolo os olhos, mas estou rindo também. Estou tão patético.

— Vai demorar um pouco porque estamos no trânsito voltando de Guarulhos. A chuva está castigando aqui. — Olho para fora e respiro fundo.

Há um breve silêncio do outro lado.

— Eu imaginei que estavam presos nesse temporal. — Há uma nota mais suave em sua voz, ou estou imaginando? — Como foi a despedida

de Sofia?

— Ela não foi. Graças a Deus, a bonitinha não conseguiu subir no avião. Ela voltou para H e nesse exato momento devem estar fazendo as pazes... — digo com genuína felicidade.

— Ah, meu Deus! Sério?! — exclama, parecendo alegre também. — Fico tão feliz por eles, T. E por Theo. Aquele menininho bonito merece ter os

pais juntos. — Meu coração aquece com suas palavras, suas felicitações para meu irmão e sua mulher.

— Também estou muito feliz e aliviado que tudo tenha terminado bem para eles — murmuro.

— E seu voo para Paris? Como foi sobreviver sem mim para atender suas necessidades depravadas, comandante? — Muda o assunto e tenho

a impressão de que está tentando esticar a conversa, talvez para me distrair.

— Foi horrível. Nenhuma atende as necessidades do comandante como você. — Rio sacana e torno a pigarrear, lembrando que minha avó está comigo. Volto ao jantar, perguntando: — Então, o que vai cozinhar para mim?

— Temos duas opções no cardápio, senhor Maxwell: — brinca e

me vejo rindo como um lesado. — Filé de frango ao molho de laranja e assado ao molho madeira. O que prefere?

Ela nunca cozinhou algo mais substancial do que o café da manhã ou pequenos lanches entre as nossas sessões de foda intensa. E de repente, percebo que gosto disso. Gosto que tenha pensado em cozinhar algo para mim. Sim, estou definitivamente muito

patético!

— O que der menos trabalho, Pietra — digo em tom mais sério. — Podemos pedir em um restaurante, você não tem que cozinhar para mim.

Pietra bufa do outro lado.

— Bem, eu não venho de uma família podre de rica para me dar ao luxo de ficar pedindo minhas refeições em restaurantes chiques — zomba. — O

que significa que vou cozinhar quer queira ou não porque amo uma comidinha caseira. Nós, do interior, gostamos de encostar a barriga no fogão, sabe? — acrescenta dobrando o *r* e dou risada.

— Nesse caso, já que não dá para expulsá-la da minha cozinha, fico com o assado ao molho madeira. Tenho um fraco por carne vermelha — me rendo e

ela dá uma risadinha em meu ouvido. — Só vou passar na casa de minha avó e... — Viro o rosto encarando minha avó. — Merda, esqueci que prometi a Sofia cuidar de Theo enquanto seus pais fazem coisas impróprias. — Ela ri alto.

— Uma das babás de Theo mora no interior e ainda não foi embora — minha avó informa rapidamente. — Pode seguir para casa encontrar sua

garota bonita, querido.

A encaro, notando seus olhos brilhantes de expectativa. Ela acha que Pietra pode me fazer sossegar. Não é o momento para desiludi-la, no entanto.

— Obrigado, vovó — murmuro e ela pisca para mim, lembrando muito a mim mesmo. A chuva diminui um pouco e troco um olhar com Yuri. Aviso para Pietra: — Deixarei dona Magnólia e

Theo em casa em segurança e dentro de no máximo, trinta minutos estarei aí.

— Ótimo. Dê um beijo em sua avó por mim — diz com carinho.

— Ela está mandando um beijo, vovó — digo, rolando os olhos para o sorriso gigante que minha avó escancara.

— Mande outro para ela também, querido — diz com esperanças falsas

em seu semblante.

— Você ouviu, ela está mandando outro — digo e me apresso em me despedir. — Até mais tarde, tigresa.

— Até mais tarde — Pietra retorna e desliga. Expiro, olhando a tela do celular por um instante, notando que estou bem, minhas mãos quentes e respiração normalizada. Porque falei com ela. Foi assim na primeira vez que

saímos juntos. Ela me acalmou de uma forma que parecia quase intencional. Como essa garota consegue a façanha é uma incógnita para mim.

— Pietra te faz bem, filho. — A voz de minha avó é suave, até mesmo cautelosa. Ela sabe que não tenho intenção de sossegar. — Você sorri de verdade quando está perto dela.

— Sim, ela me faz bem, admito —

assumo, olhando a senhora casamenteira do meu lado. — Mas não crie expectativas demasiadas sobre nós, vovó. Nosso envolvimento continua sendo casual.

Ela me encara com olhos tristes.

— Você precisa vencê-los, Tristan — torna a murmurar. — Precisa se libertar e sair daquele carro, meu menino.

Fico tenso com sua insistência em mencioná-los. A chuva passa, graças a Deus! Abro um pouco do vidro e respiro aliviado a lufada de ar que entra.

— Não vou falar sobre isso, dona Magnólia — retruco.

— Em algum momento precisará falar, menino teimoso. — Me olha com reprovação. Então, seu semblante suaviza. — Me prometa que não irá

afastar a sua garota bonita por medo de confiar. Veja a bagunça que Heitor fez com Sofia, Tristan. Aprenda algo com os erros de seu irmão, querido.

Porra, ela não vai largar o osso.

— Não é a mesma coisa, vovó — replico. — Pietra e eu estamos de acordo que nosso envolvimento não terá vida longa. Estamos bem dessa forma.

Ela me dá um longo e especulativo

olhar.

— Só quero vê-lo feliz, querido. Apenas isso — murmura, seus olhos ficando brilhantes e isso me amolece. Me inclino, beijando-a na têmpora.

— Eu sei, vovó — murmuro de volta. — Estou bem assim, estou falando sério.

— Eu disse *feliz* e não apenas bem, não me tome por tola, menino —

ela repreende e seu tom já possui uma nota mais alegre. — Voltaremos a falar a respeito, não pense que pode enganar essa velha senhora.

Eu bufo e rio a contragosto.

— A resposta ainda será a mesma sempre que me perguntar, dona Magnólia — garanto.

— Você não pode controlar o coração, querido — me diz com seus

olhos astutos de quem já viveu bem mais do que eu. — Ninguém pode. Veja Heitor...

Eu torno a bufar. Ela agora vai usar H para tentar me fazer sossegar.

— Vovó... — gemo e ela sorri.



Entro em casa exatamente trinta minutos depois. Ignoro o meio sorriso de Yuri quando lhe digo que não quero

ninguém entrando na casa enquanto Pietra estiver por aqui. Avanço pela garagem em direção à porta de ligação com a cozinha, meu corpo já todo agitado, a antecipação para vê-la, tê-la, está se agigantando uma vez que não preciso fingir para ninguém. Seguro a maçaneta e a giro, empurrando a porta suavemente e meu coração dispara quando a vejo. Está sentada sobre a

bancada da ilha central, uma taça de vinho tinto em sua mão. Eu paro um instante, aproveitando que não me notou, para admirá-la um pouco mais. Usa um vestido florido de alças finas, a saia rodada caindo até as coxas levemente abertas. Sandálias rasteiras estão em seus pés de unhas vermelhas e bem feitas. Apolo está deitado sobre um tapete, encolhido perto da porta, mas os

olhos estão atentos sobre sua nova paixão. Meu cão simplesmente debandou para o lado da tigresa. Se pudesse falar diria que preferia ela, do que a mim, o traidor de uma figa. Ela o tem mimado desde que começou a vir aqui em casa com frequência.

O celular está tocando uma música em volume baixo sobre a bancada. É PVRIS. Pietra adora essa banda de rock

alternativo. Essa e Henrique e Juliano é o seu som favorito. Rio, me dando conta de que acabei apreciando algumas músicas da sua playlist também. Volto a andar e sua cabeleira cacheada vira em minha direção. Nossos olhares se encontram se fixando um no outro e meu corpo treme nessa sensação estranha e gostosa que só sinto com ela. E eu sei, lá no fundo, sei que é diferente. Essa

garota é diferente de todas as outras. Nossos olhares permanecem presos enquanto me aproximo. Não falamos nada. Não com nossas bocas, pelo menos. Chego até ela e me congratulo em ver sua reação a mim. Sua respiração está acelerada, as pupilas enormes nos olhos esverdeados. Deus, linda demais! Não percebi o quanto realmente senti sua falta até este

momento. Pego a taça da sua mão e tomo um gole do vinho meio seco. Gosta assim e eu também.

Temos muitas coisas em comum, talvez seja por isso que me sinto tão diferente com ela, afinal. É quase como se eu estivesse... Feliz. Minha avó tem razão, eu sorrio de verdade quando estou com Pietra. Foi uma evolução natural conforme fui conhecendo-a e

tendo mais intimidade. Ela é a única que permiti chegar um pouco mais perto e embora saiba que estou brincando com fogo, não consigo parar isso. Cada vez que a vejo, tudo que penso é em como é linda e como amo tê-la sempre que eu quiser. Nunca pensei que diria algo assim, mas gosto desse novo arranjo. Gosto de estar apenas com ela. Porra, alguém me interne! A encaro por cima

da borda e torno a virar a bebida em minha garganta. Ela engole em seco, lambendo os lábios. Deposito a taça sobre a bancada, do lado da garrafa e perco a batalha para a urgência em tocá-la. A puxo pela bunda, forçando-me entre suas coxas. Geme, enfiando as mãos pela minha jaqueta, espalmando meu abdome, subindo para o peitoral. Estremeço e ela também, nossos rostos

tomados pelo tesão. Aperto sua bunda, pressionando minha virilha em sua boceta quente. Pietra ofega, enrolando os braços em meu pescoço. Pego sua nuca, levantando seu rosto e a observo, nossas bocas quase se tocando. Sugo seu lábio inferior e ela choraminga, enrolando as pernas em minha cintura, me fazendo gemer de volta, um som rouco, desesperado.

— Porra, eu senti sua falta, pantera — sussurro em tom áspero.

— Eu também. Droga, eu também — lamenta e não resisto nem um segundo a mais, descendo minha boca na sua. Apolo dá um latido, provavelmente lamentando que estou pegando sua garota. Nós rimos nas bocas um do outro.

— Sinto muito, amigão, essa

garota é minha — aviso e ele torna a latir. — Comporte-se, cara, ou ela não virá mais para te paparicar — ameaço e Apolo grunhe.

— Você é o meu preferido, Apolo. Não fique com ciúmes. — Pietra sorri, olhando o cachorro, que abana o rabo e grunhe mais uma vez, voltando a se enrolar numa bola, momentaneamente aplacado.

— Ele é o preferido? — rosno, mordendo sua boca inteira. Ela geme lamentosa.

— Não posso fazer nada se ele é mais charmoso — me provoca com sua cara de safada.

— Cachorra safada... — ranjo, apertando sua nuca e mergulho minha língua em sua boca. Gememos juntos e nos agarramos mais, nos colando com

desespero. Aprofundamos o beijo, nossas línguas se encontrando numa dança sôfrega. A mordisco, chupo e ela faz o mesmo comigo. Nos devoramos, nossos sexos se esfregando gostoso. Meu pau tão duro que dói. Apenas dois dias e ela me deixou nessa situação. Porra, estou bem fodido aqui. A quero demais. Demais.

— Eu te quero demais — a

confissão escapa dos meus lábios para os seus. Ela ofega, me apertando mais, acariciando e depois puxando meus cabelos da nuca.

— Eu também. — Intensifico o beijo com sua resposta, enfiando minhas mãos por dentro da saia, pegando a bunda firme. Giro o quadril, aumentando a fricção de meu pau em sua boceta. Pietra estremece, gemendo lamentosa e

chupo seus lábios já inchados do meu beijo faminto. — Tristan... — geme, pegando minha bunda, apertando nossas pélvis juntas, rebolando gostosamente. — Me come. Por favor, me fode, meu putão gostoso. Estou morrendo de saudade do seu pau.

Eu rosno, dando um puxão em seus cabelos. Ela ousa sorrir, safada, luxuriosa, linda. Porra, tão perfeita para

mim.

— Minha putinha suja — ranjo, retirando minha jaqueta e camiseta com rapidez. Pietra puxa o vestido leve por cima da cabeça e falto gozar nas calças vendo o corpo de curvas deliciosas. Os peitos cheios e nus, empinados, implorando pela minha boca. Pego sua calcinha e arranco pelas coxas com rudeza, quase rasgando o tecido de

renda. — Deite-se no balcão e abra bem as coxas para mim, sua cachorra — ordeno e ela geme, deitando-se, arqueando-se. Pego seus peitos, amassando a carne com vontade. Puxo os bicos, torcendo malvadamente. Minha garota má ofega, a excitação está brilhando, escorrendo entre os lábios rosados de sua bocetinha. — Linda, gostosa demais — elogio, descendo as

mãos pelo ventre reto. Eu a toco inteira, perdido de desejo e luxúria. Mas há algo mais enquanto nossos olhares se sustentam. Há algo não dito, mas que está aqui, pulsando, estalando entre nós. Dá para sentir no ar pesado. Nas expressões de pura entrega em nossos rostos. Desço mais as mãos e arreganho bem suas coxas, acariciando seu monte delicadamente.

— Tristan... — choraminga, seus olhos cintilando na luz branda da coifa.

Abro minha braguilha, puxando meu pau inchado para fora. Esfrego o eixo com uma mão enquanto deslizo os dedos da outra em sua carne molhada. Empurro dois dedos em sua vulva, grunhindo com o aperto delicioso, ganancioso para empurrar meu pau todo nesse calor perfeito. A como devagar e

me masturbo. Ela ofega, respirando entrecortado, seus olhos me implorando para montá-la duro. A fodo ainda devagar, torturando-a e a mim mesmo. Retiro meus dedos, murmurando rudemente:

— Saudade dessa boceta. — Ela geme e me deixa louco quando pega os lábios de cada lado, abrindo-se como uma linda flor para mim. Seguro suas

coxas, empurrando seus joelhos para seu peito e alinho-me em sua vulva vermelha. Pietra resfolega, suspensa. A encaro e meto tudo nela numa única estocada. Grita, estremecendo e eu urro pelo prazer visceral que é estar dentro dela. — Ah, caralho, definitivamente a melhor... — gemo rouco, puxando meu eixo quase todo e voltando numa socada forte, profunda. — Não há boceta mais

gostosa do que essa. Você me viciou...

— Não seguro o que sinto quando a estou fodendo. É gostoso demais, emoções arrebatadoras me tomam quando estamos assim, ligados, compartilhando esse tesão sem medidas.

— Diz que ama isso, minha cachorra. Vamos, diga o quanto ama ser a minha puta. — a instigo, passando a comê-la com estocadas duras e fundas, meus

olhos grudados em seu rosto lindo e corado.

# Pietra

Eu arqueio as costas no granito do balcão, gemendo de prazer devastador por senti-lo dentro de mim. Deus, foram

apenas dois dias e estava louca para vê-lo, tê-lo assim, me comendo com sua fome deliciosa. Amo ser dele. Sua posse é viciante e estou cada vez mais inebriada, arrebatada por esse homem lindo e devasso. Já fizemos praticamente tudo na cama em mais de um mês desse relacionamento às avessas em que estamos. Seguro seus antebraços e rebolo em seu grande pau, ajudando-o a

me foder mais fundo, mas forte. A sensação do eixo longo e grosso me enchendo até não haver mais espaço é quase demais para a minha sanidade. Seus olhos escuros não deixam os meus enquanto soca tudo dentro de mim, rasgando minhas paredes com a rudeza que me viciou desde o começo.

— Diga, Pietra. Eu quero ouvir — exige e gemo em lamento.

— Sim, sim... Sabe que amo o jeito que você me come — choramingo e T range os dentes, puxando-me pelos ombros. Seguro em seus bíceps e logo, sua boca mergulha em meus seios. Arqueio-me, gemendo, cingindo meus braços em seu pescoço, oferecendo-me para sua boca gostosa mamar em mim. Ele o faz, chupando os mamilos, revezando entre os dois, raspando os

dentes, me fazendo delirar de prazer a cada vez que estoca profundamente em meu canal. Não demora muito meu ventre começa a ser tomado pelo calor característico do orgasmo. — Ahh... Eu vou gozar... — choramingo e T me pega pela bunda, me levantando, passando a me comer em pé. Sua boca, vindo para perto da minha enquanto me rasga para baixo em seu eixo grosso. No segundo

seguinte, minhas costas estão batendo na parede oposta.

— Vai, goza, minha puta. Goza bem gostoso no meu pau — range contra a minha boca e eu estilhaço, gritando e gozando, mantendo minhas pernas firmemente enroladas em sua cintura enquanto me fode contra a parede, metendo sem trégua. Estou delirando, meus olhos revirando e ele nos leva

através da cozinha para uma mesa perto de uma janela do chão ao teto. Se senta numa das cadeiras comigo escarranchada, empalada em seu pau. Continuo ganindo e gozando, rebolando em seu eixo. Seus olhos estão selvagens dentro dos meus, me observando delirando de prazer. Puxa meus cabelos da nuca, forçando a arquear as costas e sua boca vem chupar e morder minha

garganta. Me seguro em seus ombros e gemo longamente. É um som saciado, mas ainda ganancioso e ele ri contra a minha pele, tendo o conhecimento disso: da minha fome insaciável pelo seu corpo gostoso.

— Tristan... — gemo em lamento. Sua boca desce pelo meu colo até encontrar o seio direito, a língua lambendo o bico lenta e sensualmente.

Torno a gemer, um choque de prazer percorrendo minha barriga indo para a boceta. Pulso à sua volta e volto a rebolar, subindo e descendo em seu pau. Ele passa para o outro seio, lambendo-me de forma torturante, mas que reconstrói minha excitação rapidamente. Me fita insistentemente, um brilho penetrante e luxurioso em seus olhos escuros. Ah, Deus, como é lindo.

Quando estamos assim, parece que há uma conexão mais profunda entre nós do que apenas sexo casual. Sinto toda vez, e às vezes penso que ele também sente pelo jeito que me toca, me olha. É como se nunca pudesse ficar sem mim. Eu sei que estou provavelmente viajando, no entanto, é gostoso demais o que fazemos. Não quero parar. Não consigo parar, essa é a verdade.

— Quer gozar de novo, linda? — pergunta em tom zombeteiro, passando a mamar com força, como sabe que amo. Resfolego, sentindo seus dentes raspando em minha carne.

— Sim, por favor... — choramingo e ele ri, todo arrogante e lindo. — Ah, droga, você é tão gostoso.

— Você que é deliciosa, perfeita pra caralho — range, as mãos abrem

minha bunda, arreganhando minhas bochechas e me come, me puxando grosseiramente para baixo. Seu rosto está contorcido pelo prazer e sei que está quase gozando. Enfio minhas mãos pelos cabelos castanho-escuros e macios. Ele geme, mamando, se revezando entre um seio e outro. Meus mamilos estão doendo, palpitando e isso vai direto para meu clitóris. Minhas

paredes latejam, ficando ainda mais cremosas e T rosna, sentindo que estou perto do orgasmo de novo. É incrível como gozo rápido com esse homem. Minhas experiências sexuais antes dele chegam a ser ridículas. Ele para de chupar meus seios e traz sua boca para perto da minha, nossos olhares grudados enquanto fodemos. O cavalgo com desespero, ofegando, minhas entranhas

incendiando na sensação mais deliciosa que já senti na vida. Amo gozar em seu pau.

— Tristan... Ohh, meu Deus... — choramingo quando as primeiras ondas do êxtase explodem em meu canal. Grito, alto, escandalosa, completamente entorpecida por ele. — Amo gozar em seu pau. Amo, caralho... — balbucio fora de mim e ele rosna, me comendo

com força absurda, esticando-me sem pena. Estoca várias vezes, a respiração errática até que grita também, parecendo tão enlouquecido quanto eu.

— Pietra... Ohhh, Pietra... — geme guturalmente e os jatos de esperma começam a me inundar. A sensação do seu sêmen derramando em mim aumenta meu prazer e estremeço, gemendo junto com ele. — Também amo gozar em sua

boceta gostosa, porra — resmunga e pega minha nuca, puxando minha boca para a sua num beijo duro. É como se estivesse afirmando suas palavras. O recebo com ânsia e nos beijamos, nos agarrando e gozando escandalosos.

Quando os tremores vão arrefecendo, ainda continuamos nos beijando, agora mais suavemente. Nossos lábios rolando um no outro,

sugando com delicadeza, nossas respirações ainda ofegantes. Quando abro os olhos já encontro os olhos de ônix me fitando. Nossos movimentos param e permaneço empalada nele, gemendo baixinho. Suas mãos escorregam pelos meus ombros e costas numa carícia tão suave que faz meu coração trovejar no peito. Meu Deus, o que estamos fazendo aqui? Estou

irremediavelmente inebriada, fascinada por um homem que não quer relacionamentos sérios. Meu coração termina de amolecer quando sobe as mãos pelos meus cabelos e segura meu rosto em ambos os lados. Ele parece um tanto confuso também, seu olhar correndo por todo o meu rosto como se procurasse a resposta para alguma questão particular. O alarme do forno,

avisando que o assado está pronto nos tira do nosso transe. Ele sorri, aquele sorriso que faz meus joelhos moles. Que é isso, Brasil... Sacanagem um cara ser tão bonito e gostoso assim.

— Tenho algo para lhe propor — murmura.

— Outra proposta indecente, riquinho? — zombo e seu sorriso se transforma numa gargalhada.

— Não. Essa é bem decente, pelo menos eu acho. — Dá de ombros.

— O que é? — Não contenho a curiosidade e ele levanta comigo empalada.

— Vamos subir e tomar um banho. Vou te comer mais uma vez antes do jantar — diz com sua safadeza em dia e eu gemo, enlaçando-o pelo pescoço.

— Ah, droga, estou nua, Tristan.

Algum funcionário pode nos ver...

— Todos estão proibidos de entrar na casa enquanto a minha garota estiver aqui. — Ele pisca e meu coração é drasticamente atingido pelo termo que usa. *Minha garota.* Sei que não tem significado nenhum para ele, ainda assim não consigo parar o lado sonhador, que parece estar despertando com força a cada vez que estamos

juntos. Ele entra no elevador e me prende contra a parede, o sorriso lascivo se abrindo quando recomeça a me foder. — Agora, cala a boca e me deixa matar a fome dessa boceta gostosa.

— Meu putão gostoso... — gemo, rendida e rimos, nossas bocas se encontrando num beijo lento, reconstruindo nossa excitação.



Uma hora depois, eu desço primeiro, para checar a carne e preparar as batatas no micro-ondas. Entro na cozinha, vestindo um roupão de T. Nós não usamos muita roupa quando estamos juntos aqui ou no meu apartamento. Eu gosto de poder ser livre assim com um cara. Em meus dois relacionamentos, nunca tive essa liberdade de andar nua

pela casa, parecia que algo me travava. Contudo, agora me sinto tão à vontade comigo mesma que a vergonha parece ter tirado longas férias. Sinto meu canal vaginal deliciosamente sensível pela forma vigorosa com que Tristan me devorou. Ele foi ainda mais intenso no banho. Coloco a luva protetora e retiro o assado do forno, o cheiro gostoso fazendo meu estômago roncar. Rio da

minha safadeza em fazer sexo antes de matar a minha fome. Arrumo a carne numa travessa limpa. Preparo o molho madeira e as batatas. A música de Henrique e Juliano em meu celular é interrompida pelo toque de ligação. Ando até a bancada onde o abandonei depois que vi T e nada mais importava a não ser tê-lo dentro de mim.

É minha irmãzinha.

— Oi, Lu — atendo-a. Me sentando em um dos bancos.

— Oi, Pi — me saúda em meu ouvido. — Como foi o voo com a tal comandante Bianca?

— Foi maravilhoso! — digo ainda em êxtase pela experiência de voar com a pilota mais conceituada da companhia. Passo a lhe contar cada detalhe da viagem para Milão. Bianca foi a

primeira mulher a ser aceita na HTL e já sou fã de carteirinha. Quando mencionei que gostaria de voar com ela, T providenciou imediatamente. Por isso estou fazendo esse jantar em retribuição. O galinhão sabe ser gentil e atencioso, quanto a isso não posso reclamar.

— Fico tão feliz por você, maninha — ela diz, mas ainda sinto um toque de reprovação em seu tom. Luana

nunca aprovou meu envolvimento com T.

— Está em casa?

— Não. Estou na casa de T, preparei um jantar em retribuição para sua gentileza e...

— Esse cara já tem retribuição demais, Pietra — bufa descontente. — É um safado e está te usando, irmã, abra os olhos.

Eu fico tensa e chateada. Não

gosto que fale assim dele.

— Lu, ele não é má pessoa. Nos entendemos e estamos juntos porque queremos agora. É um relacionamento.

— Droga, dizer isso me deixa com um gosto amargo na boca.

— Que relacionamento? Ele vai te deixar tão logo se entedie, Pietra. Meu Deus, onde está a garota inteligente e bem resolvida que sempre me inspirou?

— ofego com seu ataque. Sei que está preocupada comigo, mas suas palavras me machucam demais. — Torço para que não saia machucada dessa história. Homens como Tristan Maxwell nunca levarão garotas com a sua origem a sério, maninha.

Porra, ela não está economizando hoje. Meus olhos ardem, me sentindo como uma tola que está sonhando alto

demais, se envolvendo com um homem que nunca a levará a sério.

— Droga, desculpe, eu não queria ser tão dura, Pi. Sinto muito. — Seu tom é arrependido ao notar o meu silêncio. — Mas me preocupo com minha irmã aí nessa cidade grande, sozinha, à mercê desse cara podre de rico — ela suspira. — Ok, parei. Você irá para a luta de Nando e Gustavo? — Muda o assunto a

agradeço.

— Sim, Tristan vai me dar uma folga — informo e novamente a sinto tensa. A estreia de nossos irmãos no octógono será na próxima semana e já estou ansiosa e apreensiva. Que Deus os proteja e eles possam sair vitoriosos.

— Estou vendo com Mila, talvez dê para irmos — ela avisa e isso abre um sorriso em meu rosto. Estou com

saudades dela e de minhas primas. Nossa convivência sempre foi muito próxima e tenho sofrido desde que cheguei aqui.

— Estou com saudades, maninha — murmuro.

— Eu também, Pi. — Sua voz suaviza. — Promete que vai se cuidar direito? Mamãe e papai também estão preocupados.

— Sim, prometo. — Rio, gostando do cuidado da minha irmã mais nova. — Tranquilize o papai e a mamãe, Lu. Estou muito bem, digo isso a eles todos os dias quando ligo ou eles me ligam.

Ela ri, esquecendo a implicância com T.

— Os velhos são tão dramáticos, né? — conspira.

— São. Mas amo seu drama —

digo, meu peito apertado de saudade deles.

— Eu também — anui. — Se conseguir acertar tudo com Mila, aviso a você.

— Está bem, Lu — murmuro. — Eu te amo, maninha.

— Também te amo, maninha. Se cuida — murmura de volta.

— Você também — digo e desligo

em seguida.

Expiro e fico olhando para o nada, através da parede de vidro há alguns metros. A chuva está bem fina agora. Estou me virando para ir terminar de arrumar a mesa antes de Tristan descer e sou impedida por braços fortes enrolando em minha cintura. Um nariz mergulhando em meu pescoço, me inalando profundamente. Ah, meu Pai

eterno... Gemo baixinho, meu coração aquecendo, o cheiro gostoso me cercando.

— Fique aí, eu vou arrumar a mesa. — Ri, tendo o conhecimento do quanto mexe comigo. Trilha beijos sedutores em meu pescoço, me arrepiando inteira. — É o mínimo que posso fazer, senhorita Ferraço. Nunca tive uma garota cozinhando o jantar para

mim.

— Nunca teve por que você escorraça as coitadas tão logo sai de cima delas — bufo. Ele solta uma risada gostosa, profunda. O som vibra em meu corpo, me deixando ciente do quanto estou inebriada por esse homem lindo e arredio. — Mas vá em frente, senhor Maxwell. Mexa esse seu traseiro bonito e seja útil — zombo e ele morde minha

carne, rindo suavemente.

— Hum, então, acha meu traseiro bonito? — provoca.

— Até parece que não sabe que cada centímetro desse corpo é um pecado que toda garota quer cometer, Tristan Maxwell. — Rolo os olhos e ele gargalha dessa vez.

— Ah, tigresa, assim você me deixa encabulado. Nunca tinha ouvido

tal definição sobre o meu corpo — caçoa com sua safadeza em dia. Torno a bufar e ele me dá mais uma mordidinha gostosa antes de me soltar.

Quase gemo em protesto, mas isso o deixaria ainda mais arrogante do que é. Então apenas o observo ir até os armários. Está vestindo um roupão azul-marinho. Amo essa cor nele. Ele pega os apoios junto com os pratos, os talheres e

os leva para a mesa. A mesma em que estivemos ainda há pouco, sentados na cadeira... Ele arruma tudo com esmero e vem buscar a travessa com a carne. Um sorriso curva a minha boca enquanto o observo executando a tarefa simples. É como se isso o colocasse em pé de igualdade comigo, pelo menos nesse momento. As palavras de minha irmã voltam em minha mente: *Homens como*

*Tristan Maxwell nunca levarão garotas com a sua origem a sério, maninha.* Meu coração aperta, meu sorriso bobo morrendo. Ela tem razão.

— O que foi? — Sua voz bem do meu lado me tira dos pensamentos.

— Nada. Deve ser fome. — Sorrio, dissimulando meu estado caótico de emoções. Ele me estuda por um instante, então, sorri de volta, me

puxando pela bunda. Enrolo minhas pernas em sua cintura, meu coração sendo momentaneamente aquecido pelo seu toque, seus braços à minha volta. T me carrega através do cômodo e me coloca em meus pés, do lado da mesa. Com um gesto galante, puxa uma cadeira para mim, seus belos olhos escuros estão brilhantes. Ele parece mais leve, eu diria feliz até. Me sento e seus lábios

mornos depositam um beijo suave em minha têmpora.

— Não precisava se incomodar em fazer algo tão elaborado, mas obrigado por isso, tigresa — murmura e viro o rosto para encará-lo e é nesse momento que percebo, meu coração corre o risco de ficar com ele quando o nosso arranjo chegar ao fim.

— Por nada. Não deu tanto

trabalho quanto está pensando. — Pisco, tentando ignorar os sentimentos, emoções conflitantes brigando por espaço dentro de mim.

Ele torna a me estudar com seu olhar intenso e penetrante e sorri levemente antes de tomar a cadeira que estivemos usando antes. Me sirvo com uma porção da carne, batatas e uma pequena de arroz branco. T serve o

vinho e água em nossas taças. Ele realmente caprichou na mesa. Começamos a comer em silêncio a princípio. A carne está deliciosa. É uma receita que aprendi com Aidan e sempre faço quando tenho um tempo livre.

— Isso está muito bom — ele geme, engolindo o primeiro pedaço do assado.

— Não fique mal acostumado,

riquinho — zombo, mas por dentro estou rindo com o elogio. — Obrigada — digo com voz livre de zoação.

— Me conte sobre o voo. Como foi em Milão? — pergunta com um meio sorriso, enfiando outra garfada na boca. Eu não contenho um suspiro.

— Foi incrível — digo, sorrindo como uma criança em noite de Natal. Então, me pondo a contar tudo, cada

detalhe. T ouve com interesse.

— E você, como foi o voo para Paris? — indago, tentando soar o mais natural possível. Não quero que pense estou o controlando, mas Paris é onde tem os clubes mais depravados que ele curte tanto.

— Foi tranquilo. — Dá de ombros e o sorriso zombeteiro que conheço bem, curva sua boca antes de completar:

— Está querendo saber se trepei em Paris, Pietra? — Seus olhos cintilam com diversão. — Pergunte, vamos, tigresa. — Eu bufo, mastigando minha comida. O safado ri à minha custa. — A resposta é não. — Acho que expiro de alívio. Patético, Pietra. — Nunca pensei que diria isso, mas estou muito satisfeito com nosso arranjo e...

— Você não precisa ser tão

lisonjeiro, querido — zombo e ele dá uma risada, tomando um gole da água.

— Ia completar que gosto muito do que estamos fazendo. Nunca tive relacionamentos, Pietra. — Um pouco de seriedade desce em seu semblante. — Porém, gosto de ter você. Gosto de estar com você.

Meu coração dispara com sua admissão. Ele gosta? Pisco aturdida. É

a primeira vez que me fala algo assim. Na verdade, até em sua cama, ele nunca aconchega depois do sexo. Sim, ele me segura um pouco mais, me beija deliciosamente antes de se retirar de mim, mas vira para o seu lado em seguida e dorme. O verdadeiro Tristan é muito bem guardado. Magnólia me pediu para tentar olhar para ele, contudo a tarefa não é fácil, uma vez que seu neto

não me permite.

— Também gosto de estar com você, Tristan — admito e vejo um brilho rápido passar em seus olhos. Nos encaramos em silêncio por alguns instantes.

— E a luta de seus irmãos? Está animada? — pergunta, mudando intencionalmente o assunto, acho.

Tomo um gole da minha água antes

de responder:

— Sim, a Lu está vendo com nossa prima Mila, talvez consigam ir também.

Ele franze as sobrancelhas parecendo concentrado.

— Seus pais também pretendem ir? — pergunta, voltando a comer. Seu prato está quase limpo em tempo recorde. Não consigo segurar a

satisfação borbulhando em meu íntimo por agradar meu homem na cozinha. Literalmente. Rio maliciosa.

— Sim, acho que sim — digo e ele me deixa completamente sem reação quando diz:

— Vou enviar passagens aéreas para toda a sua família. Apenas me dê seus dados depois.

Fico boquiaberta por uns bons

instantes.

— Não, de jeito nenhum, T. — Nego com a cabeça. — Não somos ricos, mas conseguimos ir.

Ele parece magoado com minha negativa.

— É um presente, Pietra. Vi como a sua família é unida e imagino que queiram estar lá para apoiar seus irmãos. — Seu tom é quase seco, então,

sua expressão suaviza: — Eu irei com você em meu jato.

Meu coração insiste em aquecer, dando saltos bobos.

— No seu jato? Mas pensei que ia apenas reorganizar as minhas escalas e...

— Reorganizei as suas e as minhas também. — Estuda meu rosto. — A não ser que se importe se eu for junto.

Ele só pode estar louco.

— Eu não convidei porque pensei que não quisesse ir — defendo-me, uma alegria clandestina se infiltrando dentro de mim.

Seus olhos escuros seguram os meus daquela forma intensa que derrete meus joelhos.

— Na verdade, há outra coisa que gostaria de discutir com você.

— Outra proposta? — inquiro,

comendo meu último pedaço de carne, empurrando a última batata na boca. Ele ri e acena, limpando a boca com o guardanapo.

— Haverá um evento de gala no museu da HTL, no próximo mês — informa e seu tom adquire um toque de tensão quando adiciona: — Uma exposição do primeiro avião da companhia pilotado por Logan Maxwell.

— Seu pai. T nunca o menciona. Na verdade, nenhum dos pais. Nesse tempo de convivência tenho percebido que eles não tinham uma boa relação. — Eu gostaria que fosse comigo, Pietra.

Eu engasgo com o convite. Não falamos mais sobre não aparecermos juntos em público e para ser sincera, desejei secretamente que me convidasse para algo aqui em São Paulo. Mesmo

sabendo que é uma má ideia, me pego sonhando em entrar num restaurante desses de novela em seu braço. Mas aí me lembro quem sou e do que posso perder quando nosso arranjo tiver um fim.

— Eu gostaria de passar essa, mas H não vai me deixar — resmunga e tenho a certeza de que sua relação com seu pai não foi boa. Seu olhar crava no

meu, uma espécie de agonia que ele não consegue esconder muito bem. — Venha comigo e torne melhor essa porra de evento.

Não sei o que é, talvez a expressão atormentada em seu belo rosto. Só sei que estendo a minha mão por cima da mesa. T a estuda, parecendo um tanto receoso, mas estende a sua e a pega. Entrelaça nossos dedos e o gesto

parece tão íntimo que me faz arfar levemente. Nós já fizemos muito sexo, sexo depravado na maior parte do tempo, no entanto, é esse gesto dele que toca algo profundo dentro de mim e me vejo respondendo:

— Eu vou amar estar lá com você.

Seus olhos brilham e seu rosto se ilumina no sorriso verdadeiro que tanto tenho gostado de ver. Ele me puxa e me

levanto, indo para seu colo, escarranchando-o. Seus braços me envolvem pela cintura e enfia o rosto em meu peito. Fica assim por um tempo. Passo as mãos pelos seus ombros, massageando-os suavemente, subindo pelos cabelos escuros, massageando suas têmporas. Ele geme baixinho, o som satisfeito, me fazendo sorrir. Quando levanta o rosto para o meu,

percebo um toque de vulnerabilidade em sua expressão. Algo que não combina com ele, sempre sexy, sedutor, irreverente. Nos olhamos fixamente por um longo tempo e seus dedos sobem para a o meu rosto, deslizando com plumas em minhas faces. O que há com ele hoje?

— Obrigado pelo que fez por mim hoje — sussurra.

— Não foi nada. Já disse que não deu trabalho...

— Estou falando da ligação quando eu estava preso naquele carro sob a chuva — diz me encarando com tanta intensidade que ofego. Ele percebeu. — Tenho problemas com lugares fechados.

Aceno, meu coração saltando por estar se abrindo dessa forma comigo.

Ele é sempre tão cauteloso com o que fala sobre a vida pessoal.

— Eu percebi. Muita gente sofre com isso. — Numa tentativa boba de aliviar o clima, completo: — Não se sinta tão especial, riquinho.

Ele abre um sorriso amargo e em seguida olha para fora, através das janelas. Ainda está chuviscando, a névoa densa caindo sobre o jardim.

Continuo a massagem em seu couro cabeludo enquanto bebo do seu perfil. Os lábios bem desenhados e sensuais estão achatados, sua expressão tensa, me fazendo suspeitar de que há algo muito ruim por trás dessa sua fobia. Traço seu rosto, nariz, boca, meu peito tão cheio de encantamento por esse homem que não consigo mais esconder.

— Ele não era um bom homem. —

Sua voz é tão baixa, carregando raiva e, também tristeza. Está falando de seu pai, sei disso, embora não diga o nome.

— Você não tem que compartilhar isso comigo, Tristan. Respeito seu espaço pessoal — murmuro suavemente.

— Não é uma história bonita — sussurra como se eu não tivesse falado, continuando: — Eu tinha apenas oito

anos e como toda criança tola, era apaixonado por meus pais, especialmente pela minha mãe. — Sua voz carrega uma dor que nunca ouvi antes. Ele é sempre tão alto-astral, que me incomoda ouvir esse tom. Trago seu rosto para o meu peito num gesto instintivo, como se isso pudesse protegê-lo dos causadores dessa dor. Seus braços tornam a me envolver bem

apertado pela cintura e ele fala tudo. Cada palavra dói em mim, me coloco no lugar daquele menininho preso no carro por dois dias inteiros, sendo covardemente abandonado por aqueles que deveriam protegê-lo. Meus olhos ardem, um soluço subindo à minha garganta. É muito pior do que imaginei. Meu Deus... Que tipo de pais fazem algo tão cruel com um filho? Uma criança!

— Sinto muito que tenha passado por algo assim. Sinto muito, Tristan — murmuro, minha voz embargada. T levanta a cabeça e quando nossos olhares se encontram, mais lágrimas brotam em minhas retinas. Ele parece tão quebrado, perdido, ainda assim lindo. E meu coração acelera, as emoções que têm me acometido nesse último mês explodindo com força dentro

de mim, me fazendo chorar quando consigo ler com exatidão o que estou sentindo. Não é apenas um deslumbramento, como tenho tentado me convencer. É algo muito mais forte e profundo. Fico sem ar, desnorteada com a descoberta. Meu Deus... Eu o amo. Perdi meu coração para ele. Em algum momento ao longo desses oito meses em que nos conhecemos, me apaixonei.

Minhas lágrimas transbordam, caindo pela face. Oh, meu Deus... Me apaixonei por ele! Me apaixonei e não tem a menor chance de termos algo mais sério porque agora sei a razão: Tristan não consegue confiar nas mulheres por causa da traição de sua maldita mãe.

— Ei, não, tigresa. — Sua voz tem um leve divertimento quando pega meu rosto dos lados, limpando

delicadamente minhas lágrimas. Como uma pessoa que não se importa com a outra toca dessa forma? Com esse carinho? Seus olhos escuros estão mais brilhantes pelas lembranças ruins. — Não chore por mim. Isso foi há muito tempo.

Estou chorando pelo horror que lhe aconteceu, sim. Todavia, meu descontrole total é por outra razão e ele

não pode sequer desconfiar. Seria o nosso fim. Ele não faz romance, isso sempre esteve claro desde o começo.

— Desculpe. Não quis fazer esse papelão. Nós, do interior, somos sensíveis... — ouso brincar. Seu olhar cintila com leve diversão e continua me estudando. Me pergunto como pode me olhar dessa forma se não tenho importância. Se sou como todas que

vieram antes de mim.

— Nunca disse isso para nenhuma outra antes de você. Apenas minha avó, meus irmãos e Yuri sabem dessa história — confessa e meu coração salta com esperança.

Seguro seu rosto de cada lado também, tentando obter o controle de mim mesma e dos sentimentos recém-descobertos. Uma tarefa impossível com

ele me olhando assim, tão perto. Tão lindo.

— Por que me contou? — pergunto num fio de voz.

Seu rosto mostra confusão e ele franze a testa.

— Eu não sei. — Seus dedos continuam no toque suave em minha face. — Sinto uma conexão diferente com você. Eu acho que é isso.

Meu coração falta sair pela boca. Talvez nem tudo esteja perdido e tenhamos uma chance real de ficar juntos.

— Também sinto isso com você — murmuro. — Obrigada por dividir comigo. Jamais contarei a ninguém.

Esses lindos olhos escuros me hipnotizam e ele abre um pequeno sorriso. Quero chorar de novo. Minha

declaração está na ponta da língua, mas não posso lhe dizer agora. Ele correria como o diabo da cruz, tenho certeza.

— Você me faz tão bem, pantera — sussurra, sua respiração soprando bem perto da minha boca. — Eu realmente gosto de tudo que estamos fazendo — confidencia e pega minha nuca do jeito firme que tanto amo. — Gosto de tê-la aqui, comigo. Muito.

— E eu amo estar aqui com você, Tristan — sussurro, pegando sua nuca também, meu coração transbordando de amor. Agora eu sei, é amor por ele. Oh, meu Deus, estou completamente perdida a partir desse ponto.

— Linda. Tão linda e minha, não é isso? — torna a murmurar, sua boca roçando a minha.

— Sim, toda sua — sussurro, meu

coração batendo tão forte que acho que vou desmaiar.

Geme lindo e rouco, seus lábios cálidos se apossando dos meus. O recebo com novas lágrimas queimando em meus olhos, rogando a Deus para que ele possa perceber que pode confiar em uma mulher de novo. Que consiga enxergar que *eu* posso ser essa mulher.



# Capítulo 10

***O céu explica tudo. Pros nossos corações. As estrelas são as várias paixões que eu tive. O céu explica tudo. O amor é feito a luz. Advinha o que "cê" é no meu céu. Chuta. A lua...***

***(O céu Explica Tudo – Henrique e***

***Juliano)***

# Tristan

Eu observo Pietra do meu lado no banco traseiro da limusine. Estamos a caminho do evento de gala no museu da HTL. O vento entra pelas janelas e me

sinto culpado por não a levar de helicóptero e preservar seu penteado. H, o grande CEO, quer que cheguemos todos pela entrada principal, passando pelo tapete vermelho, como os filhos orgulhosos do fodido homenageado da noite. Odeio essa merda, mas ele tem razão, temos fingido por tanto tempo que não faz sentido pararmos agora.

— Você está bem? — pergunto,

olhando-a mais atentamente.

— Sim. Você? — devolve a pergunta me fitando com um toque de preocupação.

— Estou bem. Me desculpe por isso. — Gesticulo para as janelas abertas. Ela abre um sorriso bonito.

— Gosto do vento batendo em meu rosto. Além disso, não é como se meu penteado fosse muito elaborado. —

Dá de ombros.

Rio levemente. Ela adora usar sua cabeleira cacheada solta e agradeço por isso. Eu aprecio também. Fica com o ar selvagem, indomável que tanto me atraiu naquela primeira noite em Palmas. Caralho. Aquela noite parece tão distante agora. Quem diria que ficaria tanto tempo com uma só garota? Estamos nos relacionando há mais de dois meses.

Nossas mãos estão entrelaçadas sobre a minha coxa. Não sei dizer o que estou sentindo com essa garota, mas é bom. É o sentimento mais estranho, porém, me aquece por dentro a cada vez que meus olhos pousam sobre ela. Quero vê-la o tempo todo. Quero estar dentro dela todo o maldito tempo. Porra, estou patético como nunca pensei que ficaria por causa de uma mulher. Me vejo

querendo confiar nela, mas ao mesmo tempo preso ao meu antigo eu. Porém, para dizer a verdade, já confio, uma vez que contei meu segredo em tão pouco tempo de convivência. Ainda não acredito que fiz isso. Para Yuri levou dois anos até saber que podia confiar nele. Com Pietra, apenas senti que podia contar e o fiz, não pensei muito. Apenas fiz. Isso é o quanto ela bagunça minha

cabeça e emoções.

Nem preciso dizer que minha avó não cabe em si de felicidade nesse último mês. Jantamos com ela duas vezes e dona Magnólia já trata Pietra como se fosse a minha namorada oficial, achando que terão sinos badalando num futuro próximo. Bem, haverá sinos, mas para H e Sofia. Eles se casarão de novo no próximo mês. Aliás, Sofia é outra que

tem estreitado laços com Pietra. Jantamos duas vezes na casa deles também. Uh, certo, então a coisa parece séria para quem olha de fora, admito. Nunca levei uma garota para jantar com minha avó ou meu irmão mais velho. Jamais, em hipótese alguma, apresentei minhas fodas casuais para eles. Dá para compreender sua euforia em relação a tigresa. Se eu pudesse confiar, abrir meu

coração para algo mais sério o faria com ela, tenham certeza. Mas não posso. Relação casual é tudo que conseguirei dar a ela. Meu interesse irá diminuir em algum momento, sei que sim. Isso sempre acontece. Nenhuma mulher me prendeu em trinta e três anos, não será ela a conseguir a façanha a essa altura do campeonato.

Aprecio muito a liberdade para

foder quem eu quiser. Então, porque estou apreciando essa merda de fidelidade, vocês me perguntam? Não tenho a resposta para isso. Tudo que sei é que Pietra é maravilhosa, porra! Gosto de tudo que fazemos juntos na cama e fora dela. Amo a sua língua esperta, sua postura atrevida, sua coragem em sair da zona de conforto e vir para a cidade grande atrás de seu sonho. Expiro.

Porra, pelo andar da carruagem, vai demorar um bocado ainda para eu me entediar. Encaro-a franzindo o cenho. O que ela tem, que me fascina tanto? Pergunto-me pela milésima vez. Pietra se inclina e sussurra em meu ouvido:

— Feche os olhos, riquinho.

Meu corpo inteiro arrepia com seu tom rouco, a provocação clara.

— O que vai fazer? — pergunto,

relanceando os olhos pela divisória fechada, nos isolando de Yuri.

— Quantos minutos para chegarmos ao museu? — torna a sussurrar em meu ouvido e seus dentes raspam meu lóbulo. Ah, porra, ela vai fazer o que estou pensando, não é?

— Vinte — respondo, meu tom engrossado, em expectativa. Meu pau já acordando dentro da calça social. Pietra

abre um sorriso grande, sua cara não negando que é a minha putinha suja.

— Feche os olhos, senhor Maxwell — torna a sussurrar e o faço. Ela trilha beijos suaves em minha orelha e a suga, descendo para o pescoço, onde dá uma mordida gostosa. Arrepio-me inteiro. Em seguida, sinto suas mãos macias descendo pelo meu peito e abdome, apalpando a extensão do meu

eixo por cima das calças.

— Pietra... — gemo ao senti-la abrir o zíper e enfiar a mão, puxando meu pau já duro de dentro da boxer. Em seguida, ouço o som dos vidros subindo e abro os olhos imediatamente. Mas é nesse exato momento que sua boca morna engole a cabeça do meu pau e torno a gemer, a sensação deliciosa rivalizando com o pânico pelo

confinamento.

— Relaxe, Tritan — sussurra e escorrega para o assoalho do carro, ficando de joelhos entre minhas pernas. Torna a chupar a cabeça, os olhos esverdeados se fixando nos meus. — Olhe para mim, concentre-se em minha boca mamando esse pauzão gostoso — diz e cerro os dentes, descendo o bojo de seu vestido tomara que caia,

desnudando seus peitos perfeitos. Ela geme quando torço os bicos com perversão.

— Minha putinha suja — sussurro asperamente, arrebatado além da conta por essa garota. — Eu amo isso. Vai, chupa meu pau, cadela.

Geme lamentosa. Sei que minhas palavras a excitam sobremaneira. Afasta a boca, soprando, lambendo meu eixo da

base a ponta, e depois volta, engolindo meu pau quase todo, uma mão delicada passando a massagear minhas bolas. Sibilo, deslumbrado pela forma como vai dilatando a garganta e puxando os centímetros restantes até colar os lábios generosos em minha pelve. Me perguntava o que ela tem de especial? Porra, é isso: sua safadeza, sua entrega sem limites para mim. Nunca estive tão

satisfeito sexualmente. Nunca. Então, é isso: Pietra está fodendo meu corpo e minha mente. Eu pego seus ombros, para não bagunçar seus cachos e tomo a dianteira, fodendo sua boca gananciosa. Seus olhos estão lacrimosos pelo esforço em engolir meu pau grande e grosso e rio condescendente, indo e voltando em estocadas suaves para acostumá-la. Aumento o ritmo quando

vejo que seu reflexo de vômito está controlado.

Empurro-me todo e ela grunhe, mamando bem forte, a língua deslizando em todo o meu eixo. Lágrimas escorrem pelas suas faces e uivo como um animal, vendo os lábios inchados sendo violentados pelo meu pau. Olho para baixo e percebo que a cachorra linda está movimentando a mão freneticamente

entre as pernas, tocando sua bocetinha, sua respiração ficando mais ofegante a cada mamada. Não conto história, judio dela, comendo-a com fome. Ela adora isso, ser usada, degradada e me deixa louco, completamente louco.

— Você ama ser minha vadia, não é isso, Pietra? — a instigo, minha voz tensa, meu gozo vindo com tudo. Ela geme entalada e acena, me fazendo ficar

mais selvagem. — Todos vão saber que me chupou no carro, sua cachorra. Era isso que queria? Todos olhando para essa boca inchada e sabendo que é a minha nova putinha?

Pietra geme longamente e estremece, gozando, e com um urro feral eu a sigo, esporrando no fundo da sua garganta. Meu corpo inteiro estremece no clímax lascivo. Ela continua

convulsionando, gemendo e bebendo a minha porra. Minha atenção nunca deixa o seu rosto perfeito e corado, na nossa conversa suja e pervertida, mas há também uma emoção desconhecida cintilando em seus bonitos olhos esverdeados. Ela os fecha, me impedindo de ver mais e mama bem forte, sugando cada gota, o som de sucção reverberando no ambiente

abafado. Gemo alto, gutural, tendo a confirmação de que estou perdido com essa garota. Mas, nesse momento, não me importo. Estou viciado nisso, nela. Termina de me limpar e abre os olhos direto para os meus. Nos encaramos em silêncio, nossas respirações ofegantes.

— A melhor — elogio-a, correndo meu polegar pela boca inchada. Ela sorri, o som quase não saindo. Deve

estar com a garganta machucada pela ganância em me levar até o cabo. Sem uma palavra, Pietra guarda meu pau e fecha o zíper da minha braguilha. Subo o bojo do seu vestido e a puxo delicadamente para cima e para o meu colo. Nossas bocas se encontram num beijo lento e saciado. Sinto meu gosto em sua língua e isso me deixa possessivo com ela. Querendo ter sua

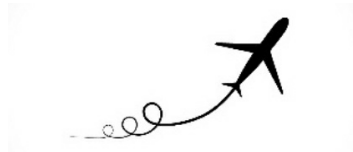
entrega indefinidamente. — Obrigado. Acabei de encontrar uma terapia alternativa para meu fodido trauma. — Sorrio e continuo beijando-a com reverência.

— Quer que abra as janelas? — sussurra suavemente contra meus lábios. Eu franzo a testa, percebendo que não estou sentindo nada. Nada, exceto meu total arrebatamento por ela. O prazer do

gozo ainda denso, entorpecendo meu corpo.

— Não. Apenas continue me beijando, pantera — sussurro e novamente penso ter visto aquela emoção desconhecida cintilando em seus olhos.

— Com prazer, riquinho — me provoca e eu rio antes de ela mergulhar a boca gostosa na minha de novo.



A ajudo sair do carro e percebo que está tensa. Com razão, afinal, a imprensa está aqui e provavelmente irão especular sobre nós. Já apareci em eventos com garotas, claro. Mas os paparazzi não perdem a chance de lançar suas teorias absurdas. Apoio a mão direita em suas costas no começo do tapete vermelho e os flashes espocam

sobre nós. Ela se retesa e a encaro de lado. A boca linda e exuberante está ainda mais cheia e inchada por me chupar minutos antes. Mas seu batom foi perfeitamente retocado e ao contrário do que falei, ninguém vai suspeitar. Puxando uma respiração profunda, curva os lábios num meio sorriso, tentando disfarçar seu nervosismo. Eu fico aqui, bebendo dela como um bobalhão, então,

me assusto quando as perguntas começam:

— Tristan, quem é a moça?

— Namorada nova?

— Querida, conte-nos como conheceu Tristan Maxwell!

— Já tem um tempo que não aparece com nenhuma acompanhante na noite paulistana, Tristan. Essa morena é a razão do seu sumiço?

— Fale-nos o seu nome, linda!

— Boa noite! — os saúdo, abrindo um de meus sorrisos ensaiados. — Ela é linda, não? — Enlaço a cintura de Pietra e nos olhamos novamente. Ela tem um brilho suave nos olhos bem maquiados. — Essa é Pietra, uma querida amiga. Sinto decepcioná-los. — Rio, olhando os repórteres, que riem de volta.

— Pietra, dê-nos a sua versão!

Um deles grita. Pietra sorri, mas não responde. Ela parece tensa e imagino que seja pelo assédio da imprensa.

— Desculpe por isso, linda — sussurro em seu ouvido e com um aceno de cabeça para os repórteres, iniciamos a caminhada pelo tapete. Logo estamos subindo a escadaria da frente do museu.

Pietra está séria, o olhar à frente e saber que não queria aparecer em público comigo me deixa mais incomodado do que gostaria. Só veio para me agradar e de repente me sinto mal por isso. Foi egoísta da minha parte querê-la aqui porque meu ego masculino gosta da ideia de desfilar com ela em meu braço publicamente. Que diabos está havendo comigo? — Espera. — Paro e ela

estaca também, franzindo o cenho. — Você não tem que ir lá. Porra, foi egoísta forçá-la a vir comigo. Yuri a levará para casa, se quiser.

Pietra engole em seco, me estudando em silêncio enquanto os convidados passam por nós nos degraus.

— Do que está falando? Estou aqui porque quero, T. Você nunca me obrigou a nada — murmura, virando de

frente para mim.

— Tive a impressão ali com a imprensa de que não está feliz em estar aqui — aponto.

— Tristan você é provavelmente o cara mais galinha de São Paulo — bufa, rolando os olhos. — Como quer me sinta com todas aquelas perguntas? Eles sabem que você não leva nenhuma mulher a sério e estão claramente

tirando onda com a minha cara.

— Ei, eu não sou o cara mais galinha de São Paulo! — Finjo-me de ofendido. Ela estreita os olhos e um riso safado curva minha boca. — Vamos, tigresa, estou batendo meu recorde com você. Tem dois meses inteiros que fodo apenas a sua boceta. — Ela estreita os olhos e aproximo meu rosto do seu. Sua respiração fica suspensa quando

sussurro: — Não que esteja reclamando. Nunca uma boceta me manteve tão satisfeito.

Ela gosta de ouvir isso pela forma como seus olhos brilham.

— Aposto que diz isso para todas, seu putão — resmunga, mas há a provocação gostosa em seu tom e semblante. Eu rio, apertando sua cintura.

— Vem, vamos passar por essa

merda de evento para que possamos entrar de volta naquela limusine e você cavalgar bem gostoso no meu pau a caminho de casa — digo perversamente, me contendo para não tomar sua boca tentadora bem aqui, na frente de todos.

— Fechado — ronrona e nos viramos, retomando a subida.

Somos recebidos por uma

cerimonialista loira. Muito bonita, por sinal. A garota abre um sorriso cheio de dentes para mim, porém, a ignoro, cumprimentando-a educadamente. Sigo com Pietra através do hall de quadros e fotos não só de aviões e momentos importantes da HTL, mas da aviação mundial. O rosto dela se ilumina com tudo que vemos. Um garçom se aproxima com uma bandeja de

champanhe. Pego duas taças e o agradeço. Entrego uma a Pietra e toco a minha na sua num brinde mudo antes de tomar um gole. Torno a enrolar um braço em sua cintura, me recriminando por não querer parar de tocá-la, todavia, enfeitiçado demais para não o fazer. Ela está linda demais esta noite, usando um longo vermelho, sandálias douradas e um conjunto de colar e brincos de rubis.

Ela escolheu on-line com minha personal stylist e entregaram lá em casa hoje de manhã.

Nessa semana dormimos juntos todos os dias. Voamos para Dubai e Paris. Ela ficou comigo em minhas coberturas em ambas as capitais. Em Paris, temos jogado em clubes privados e exclusivos para quem tem muito, muito dinheiro. Ela já está completamente

solta e tem sido incrível fodê-la, tanto em público quanto em privado. Paramos diante da réplica de um 14 Bis. Isso nunca fica velho. Sempre gostei de vir aqui desde que a companhia o inaugurou, há mais de vinte anos. Foi meu fodido pai quem teve a ideia. Odeio ter de reconhecer que aquele homem fez algo bom, em algum momento de sua vida.

— Você está lindo de smoking — a voz murmurada de Pietra me faz olhar de lado. Meu coração é atingido. Ela parece que tem um radar involuntário que capta quando estou pensando nas merdas de Logan Maxwell. — Amo você nas jaquetas de bad boy, mas tenho que dizer, trajes formais te deixam muito sexy.

— Obrigado, senhorita Ferraço.

— Rio, me inclinando e beijando sua boca, com suavidade.

— Ei, não pode beijar sua *querida amiga* — zomba, relembrando o termo que usei com a imprensa lá fora. Torno a rir, esfregando minha boca na sua.

— E o que gostaria que dissesse a eles, Pietra? — Nossos olhos estão conectados na nossa costumeira

conversa depravada. — Que te fodo sempre que quero e de maneiras que eles sequer conseguem imaginar?

— Ah, caralho, você é tão cachorro... — choraminga, suas pupilas crescendo com excitação.

Eu rio, virando-a de frente para mim. Nos olhamos bem de perto e abaixo minha boca na dela sem mais delongas. A aperto contra mim e

aprofundo o beijo, aproveitando a iluminação branda nesse lado. Luminárias espalhadas pelo salão dão um charme e requinte ao lugar.

— Morena linda — sussurro rouco, lamentando ainda ter de fazer hora por aqui. — Nada me agradaria mais do que estar em cima de você em minha cama — digo e rio sacana adicionando: — Ou você por cima, sabe

que apoio totalmente o movimento feminino...

— Cale a boca, seu cretino. — Ela sorri, mordiscando meu lábio inferior.

— Homens, ajudem a empoderar essas mulheres! Coloquem-nas por cima! — digo com sacanagem.

Bate em meu ombro, rindo tão gostoso e o som viaja em meu corpo.

Merda. Estamos parecendo um casal de namorados normais aqui em público, nos beijando, rindo. Eu paro, meu peito sofrendo um baque estranho ao perceber que estou feliz. Feliz de uma forma que não me recordo de ter estado antes dela.

— Obrigado por vir comigo — sussurro, olhando-a fixamente. Seus olhos cintilam e sua boca se abre num sorriso suave.

— Não por isso. Eu amo estar com você — diz de volta, fazendo meu coração aquecer. Então, seu sorriso adquire um toque provocador. — Além do mais, não tinha opções melhores para fazer esta noite. — Dá de ombros. Eu gargalho.

— Cale essa boca atrevida e me beije, sua cachorra linda — gemo rouco e ela sorri, colando os lábios nos meus.

Nos agarramos e beijamos gostosamente, nossas línguas entrelaçando-se sem nenhuma vergonha, esquecidos por um momento do lugar onde estamos. — Porra, como amo estar com você, tigresa — confidencio e ela geme em minha boca, entregue, o tesão tomando conta de nós como sempre acontece quando nos olhamos, nos tocamos.

— Boa noite. — A voz me faz retesar. O fodido Cristiano Rangel. Paro o beijo a contragosto e ela está tensa também agora. Perdemos completamente a noção, nos beijando e agarrando em público. O olhar jocoso do imbecil está indo e voltando entre mim e Pietra. — Eu sabia — diz como um sabichão e encara Pietra: — Mas torci para que fosse mais inteligente, Pietra. Você

merece algo melhor do que ser usada e descartada por um mauricinho que não tem o menor respeito pelas mulheres.

Eu ranjo os dentes. Que maldito filho da puta!

— Quem disse que pode me dirigir a palavra, filho da puta? — digo no tom pedante de dono da companhia porque posso e porque estou louco de ciúmes. Esse imbecil ainda está

cercando Pietra. Esbarramos com ele algumas vezes nos *happy hour* da tripulação nos bares que sempre frequentamos em nossas escalas. Puxo Pietra mais perto de mim se é que isso é possível. — E já te avisei sobre a minha garota. Fique longe e sua cara permanecerá sem nenhum dano — ameaço. Sinto a surpresa de Pietra do meu lado, na certa estranhando meu

comportamento. Caralho, eu também estranho meu comportamento quando ela está em causa.

— É um bom teatro. — Ele aplaude, rindo com deboche, então, leva a atenção para Pietra de novo. — Você não está caindo nessa encenação, está? Ele não se importa com você, querida. Não dá a mínima.

— Cale a maldita boca ou eu vou

calá-la, você escolhe — digo ameaçadoramente.

O imbecil para por um instante os olhos invejosos vindo para os meus.

— Passar bem, *alteza* — diz jocosamente e olha Pietra, um sorriso sedutor se abrindo. — Vou esperar por você, linda.

E eu perco o controle. Estendo minha taça para Pietra, que a pega com

desconfiança. Avanço rapidamente sobre o infeliz, pegando-o pelo colarinho. Jogo suas costas contra a primeira parede que encontro e rosno na sua cara:

— Essa é a última vez que vou te avisar, seu fodido invejoso. Não olhe, não fale, não se aproxime de Pietra!

— Tristan! Que merda está fazendo? — Soa a voz de H às minhas costas. Ele só me chama pelo nome

completo quando está chateado. Meu irmão mais velho está do meu lado em instantes. Aliás, L chega do outro também. Sim, o idiota marrento odiou o apelido no começo, mas não dei a mínima e continuei o chamando assim. O venci pelo cansaço.

— Cara, não sabia dessa sua veia agressiva — meu irmão mais novo diz, mas ao contrário de H, ele está sorrindo

em aprovação. Bastardo cínico.

— Solte o nosso funcionário, irmão. Agora — H ordena e ranjo os dentes para ele.

— Não se meta em meus assuntos, H! Ele estava importunando Pietra!

Seus olhos ampliam e penso ver um arremedo de sorriso sardônico em sua boca.

— Ah, claro, Pietra. — Logan

sorri do meu outro lado e giro a cabeça, lhe atirando um olhar sujo. — Solte o cara, irmão. É noite de festa para o nosso *querido papai* —zomba.

Olho em volta e noto alguns convidados nos olhando. Respiro fundo e encaro Cristiano. Ele está usando a máscara dissimulada na frente de H.

— Suma da minha vista, imbecil! — ranjo em sua cara. — Lembre-se: eu

não serei tolerante da próxima vez. — O solto e ajeito meu smoking.

Pietra alcança minha mão e entrelaça seus dedos nos meus. A encaro, tentando ler sua expressão, mas ela não diz nada, apenas dá um aperto suave em minha mão. Nos afastamos para perto de Sofia, que está linda num longo negro. Ela tem suspeita em seu sorriso e olhar quando me aproximo,

beijando sua têmpora.

— Uau! Quem está sendo encrenqueiro agora, T? — brinca se referindo a ela mesma há alguns meses, quando estava magoada com H e querendo brigar com o mundo. Me dá um beijo na bochecha e abraça Pietra. — Pietra, você está tão bonita.

— Obrigada, Sofia. Você também. — A tigresa sorri, abraçando-a

carinhosamente. — E o ruivinho mais lindo, como está? — pergunta, com um amplo sorriso ao falar do meu afilhado.

— Ah, está ficando tão esperto, meu menino. — Os olhos da bonitinha se iluminam de uma forma especial ao falar do filho. — Não faltem à comemoração de três meses na terça, ouviram? — Olha a nós dois.

— Assim você fere meus

sentimentos, bonitinha — resmungo, fingindo-me de ofendido. — Sou o melhor padrinho da história!

— Tão convencido meu cunhado. Mas nesse caso é verdade. — Sofia ri, meneando a cabeça.

Nesse momento H e L se juntam a nós. H não conta história, enrolando um braço possessivo na cintura da esposa. Ele está tão babão sobre ela quanto

sobre Theo. Nem parece o mesmo homem, é inacreditável a mudança nele. Uma mudança boa, no entanto.

— Pietra, como tem estado? — H cumprimenta com o mesmo sorriso suspeita de Sofia. Eles estão embarcando com dona Magnólia, achando que vou sossegar.

— Muito bem, Heitor. E você? — ela responde já totalmente à vontade

com o CEO da empresa. No começo ainda ficava intimidada em interagir com ele.

— Ei, Pietra. Bom ver você. — L levanta o queixo em sua saudação preferida. No entanto, meu irmãozinho marrento também tem se aproximado dela em nossos encontros na casa de minha avó, ou na de H.

Franzo o cenho ao me dar conta de

um fato incontestável: estamos realmente agindo como um casal. Embora eu continue repetindo para mim mesmo que é casual, estou tão enfeitiçado que venho me sabotando, introduzindo-a no seio da minha família.

— Bom te ver também, Logan — ela responde com um sorriso simpático.

— Você fica bem de smoking — adiciona.

— Obrigado — o bastardo agradece e traz os olhos escuros para mim, um sorriso provocador se abrindo em seu rosto. — Cuidado, mano. Sua garota parece encantada por mim.

Pietra ri em vez de negar essa merda e eu rosno para o bastardinho. Logo, todos estão rindo à minha custa.

— Irmão, eu ficaria quieto se fosse você. Não viu o que ele estava

fazendo com o outro cara? — H resolve embarcar na provocação de L.

— Vocês são dois idiotas, irmãos — resmungo. Eles riem mais.

— Não mais do que você, mano — H replica, me lançando um olhar significativo.

Dois garçons vêm nos servir. Pego um copo de uísque e Pietra pega outra taça de champanhe. Fico intrigado

porque é uma garota que gosta de um bom uísque. No entanto, me recordo de que passou mal ontem depois do almoço, vomitando tudo e tive que pedir remédio para ela em minha farmácia de confiança. Melhorou, mas deve estar evitando algo mais forte, acredito. Enlaço sua cintura de novo e não perco os olhares da trinca à nossa frente. Rolo meus olhos para eles. Caímos numa

conversa fácil enquanto tomamos nossas bebidas. Sofia toma espumante sem álcool por causa da amamentação.

— Você vai tirar apenas quinze dias de férias agora? — H pergunta, me olhando intrigado, uma vez que nunca tiro as férias picadas. — Por quê?

Por quê? A razão está bem do meu lado. Não quero deixá-la voando com outro piloto por malditos trinta dias! Já

fiz inclusive os arranjos para que voe apenas com a comandante Bianca. Caralho. Isso está ficando cada vez mais patético, não é? Meu irmão mais velho continua me encarando e uma sobrancelha zombadora sobe quando compreensão vai tingindo os olhos azul-gelo.

— Você não tem um casamento para se preocupar em vez de fiscalizar

quantos dias eu tiro de férias? — alfineto-o e o sorriso irônico aumenta em seu rosto.

— Os preparativos do meu casamento estão perfeitamente em ordem, idiota, obrigado pela preocupação — replica, então seu rosto suaviza completamente ao desviar a atenção para Sofia. — Minha neném terá um casamento de princesa — sussurra e

a bonitinha se derrete.

— Tenho certeza de que será perfeito, amor — ela murmura com corações nos olhos.

— Ah, cara, você está tão pau-mandado — é L quem alfineta agora.

— Foda-se, bastardo — H rosna, mas está rindo e depositando um beijo reverente na boca de Sofia. Os dois sussurram coisas que não

compreendemos direito, todavia, pela forma com ela cora, desconfio que sejam sacanagens.

— Eles começaram. — Rio. Mas é só zoação. Gosto de vê-los assim, juntos, livres de toda a dor e sofrimento que enfrentaram. Param o beijo e H ainda continua olhando a esposa com a expressão de pau-mandado que L mencionou.

— Amor, vou deixá-lo com seus irmãos e dar uma circulada com Pietra antes do seu discurso de abertura, está bem? Ela pode me explicar direitinho cada foto e itens expostos — Sofia diz suavemente para meu irmão, que torce o nariz.

— Eu prefiro você a eles, bebê — diz, arrancando bufos de mim e L. H ri com sua ironia em dia. Mas seu rosto

torna a suavizar ao fitar Sofia. — Vá, meu amor. Mas não demore.

— Eu não vou, prometo — ela murmura e H acena, beijando-a mais uma vez antes de enfim, soltá-la.

— Vou deixá-lo um pouco com seu clube do bolinha. — Pietra vira o rosto, seu olhar e sorriso provocantes. Aceno e mesmo sabendo que serei motivo de zombaria no segundo em que elas

virarem as costas, abaixo minha boca na dela, beijando-a como H fez com sua esposa.

— Cara, você está com as bolas tão presas pela sua garota. — L e sua boca grande inicia a chacota tão logo as duas se afastam de braços dados. O salão está lotando aos poucos e em breve H fará a abertura oficial da noite.

— Bem, eu não queria falar, mas L

tem razão — H concorda, tomando sua dose de uísque.

— Ei, cara, sem essa merda de L. Já basta esse idiota aqui — L reclama e nós rimos do bastardo.

— Foda-se, irmãozinho. Não tenho medo de cara feia. — H sorri sarcástico para L, que rola os olhos.

— Vão se ferrar, riquinhos! Eu não vim para o Brasil para ter meu nome

reduzido a uma maldita letra — L reclama.

— Irmãos mais novos — zombo e toco meu copo no de H.

— Porra, eu que o diga — ele rosna. Nós bebemos e conversamos sobre coisas mais sérias a seguir. Como o projeto do avião de L. Pois é, nosso irmãozinho marrento é um gênio e a HTL já adquiriu a patente da construção de

seu avião. Daremos um salto gigantesco em relação às outras companhias no Brasil e América Latina. Estamos muito empolgados e, também orgulhosos do marrentinho. L começou a ver as questões legais com Lígia, há três semanas e nem preciso dizer que as coisas ficaram piores... Ou melhores, não sei, entre eles. Tenho certeza de que está comendo a garota, no entanto, ele

nega terminantemente toda vez que pergunto. Bem, eu fazia a mesma coisa há não muito tempo, no meu começo com Pietra.

— Patricinha de merda.

A voz cheia de antagonismo de L, me faz fitá-lo. Sigo seu olhar e entendo seu arroubo, Lígia está entrando no salão no braço do noivo Gonçalo Almeida.

— Admita logo que está pegando, irmão — H o alfineta. L range os dentes e sai em linha reta para o casal recém-chegado. — Porra, o que o idiota vai fazer? Será que vocês tiraram a noite para me aborrecer? — rosna.

— Ei, mano, não estou... — Eu paro, lembrando do episódio de minutos antes. Argumento: — O idiota me provocou sobre Pietra.

— T, não acha que está na hora de enxergar a maldita verdade sobre seu relacionamento com Pietra?

— Cara, nem vem — alerto-o, fazendo cara feia. — É casual.

— É claro que é, idiota cego — ele zomba. Então, seu rosto suaviza quando muda o assunto: — Para onde vai nas férias, mano?

— Vou convencer Pietra a

antecipar quinze dias de suas férias também. Ela ainda não sabe, mas irá comigo para Amsterdã, Paris e... — Interrompo o relato ao ver o sorriso irônico se abrindo em seu rosto de novo. Sua pergunta era uma porra de armadilha! — Foda-se, H!

Meu irmão gargalha e vira o rosto para conferir L. Procuro o bastardo também e para minha surpresa, ele está

conversando com Lígia e seu noivo. Está até mesmo sorrindo. Uh. Isso não parece bom. Ele vai aprontar alguma para cima da garota, se o conheço pelo menos um pouco. Vou ficar de olho no idiota.

— Vamos ficar de olho no marrentinho — H ecoa meus pensamentos. Seus olhos azul-gelo voltam para mim e me sinto um adolescente levando bronca do irmão

mais velho, o que era corriqueiro no meu caso. Culpado. — Quanto a Pietra, ela é uma boa garota, T. Vovó e eu achamos que talvez seja a hora de você aprender a confiar numa mulher de novo, mano.

— Prefiro não falar sobre esse assunto, H. Estou ótimo exatamente desse jeito, levando as coisas de forma casual — retruco.

— Claro, muito casual, com você dormindo com ela toda noite, seja em casa ou nas viagens, que conforme fiquei sabendo, só fazem juntos — aponta com zombaria e faço cara feia de novo. — Enfrente a verdade antes que faça alguma merda. Esse é um conselho de irmão, mas também de um homem que sofreu o caralho por não valorizar a mulher amada.

— Pietra e eu temos um bom arranjo, H, é só isso — digo em tom definitivo. — Em algum momento voltarei a ser meu velho eu e seguiremos sendo bons amigos. É assim que sempre foi e sempre será.

Entretanto, me sinto leviano ao dizer isso. É tudo diferente com Pietra. Eu já sei disso. Mas, relacionamento sério não é para mim. Provavelmente

nunca formarei uma família como H está fazendo com Sofia. Provavelmente jamais confiarei numa mulher o suficiente para dar esse passo com ela. Porra, entretanto, não quero ficar pensando no fim do que estou vivendo com Pietra. Não quero pensar em nada mais do que tê-la na minha cama todas as noites, aconchegada a mim. Depois daquela noite em que cozinhou o jantar

para mim e teve a sensibilidade de ligar para me distrair da minha miséria enquanto eu estava no carro sob a chuva, eu baixei de certa forma, a minha guarda. Após revelar o meu trauma, nos amamos em meu quarto enquanto a chuva fraca caia na claraboia. Foi diferente, lento, parecia haver uma emoção subjacente em cada toque, cada olhar e quando gozamos, não consegui

largá-la e virar para o meu lado, como sempre fazia. A mantive nos braços, ela enrolada em mim, sua cabeça apoiada em meu peito. O sentimento de felicidade se espalhou, tem se espalhado dentro de mim desde então. Eu fiquei olhando o céu escuro acima de nós e a os pingos caindo no vidro até meus olhos pesarem e cair no sono pela primeira vez segurando uma mulher em

meus braços.

# Pietra

— Essa é uma réplica do primeiro avião da *Boeing*. — Aponto para o avião em miniatura.

Rodamos pelo salão por alguns

minutos e Sofia pareceu encantada conforme fui lhe contando a história por trás das fotos e outros itens espalhados na exposição. Ela beberica seu espumante sem álcool por causa da amamentação e eu enrolo para dar conta da minha primeira taça. Fui acometida por um problema estomacal nessa semana e ainda não estou legal. No entanto, estou fingindo que estou bem

porque estar aqui com Tristan era importante. Ele me deixou estupefata e, também feliz quando se abriu comigo e contou a razão de não andar em carros fechados. Me senti tão mal porque quando o conheci, julguei-o, achando que sua preferência por motos e carros conversíveis era mais um lado do playboy podre de rico. Não era. A história que me revelou é horrível, triste

demais. É difícil acreditar que pais tenham coragem de fazer tal coisa com uma criança de oito anos. Mas, infelizmente existem pessoas que são assim, vazias, não amam nem a si mesmas. Foi naquele momento que percebi a extensão dos meus sentimentos por ele. Eu o amo. Essa certeza, esse sentimento só tem se agigantado dentro de mim a cada voo que fazemos juntos, a

cada noite que durmo em seus braços.

Tristan diz que não consegue fazer romance, todavia, o que temos vivido nesse último mês se aproxima muito dessa definição. Ele é incrível, em todos os sentidos. Tenho absoluta certeza de que será um namorado, e quem sabe, marido fantástico quando perder o medo e abrir seu coração para uma mulher de novo. Tenho rogado fervorosamente para

que essa mulher seja eu. Tenho feito tudo ao meu alcance para que perceba que temos um futuro juntos. Nossa conexão é perfeita, intensa como nenhuma outra. Ele sente também. Sei que sente. Isso fica claro em seus belos olhos escuros em muitos, muitos momentos. Meu lindo homem quebrado irá se render a isso. Não tenho pressa, vou esperar por ele. Estarei bem aqui quando conseguir

enxergar o futuro que temos pela frente como casal.

— Você ama isso, não é? — Sofia sorri, me tirando da divagação sobre meu homem arredio. — Dá para ver em como seu rosto se ilumina com cada fato que menciona.

Abro um sorriso orgulhoso e assinto.

— Sim, voar é a minha paixão,

portanto, estudo esse campo desde muito novinha.

Seus olhos verdes ficam suaves sobre mim. Ela é tão jovem, mas sempre tão sensata e inteligente em seus comentários. Nem parece que está prestes a completar apenas dezenove, daqui a duas semanas.

— T também é assim. Vocês têm muito em comum pelo que tenho

observado — murmura e sua expressão fica ainda mais suave quando completa: — Ele é um cara especial, Pietra. Há coisas que talvez você não saiba sobre o meu cunhado. Ele é naturalmente alegre, mas em muitos momentos usa essa mesma alegria e irreverência para afastar as pessoas. Especialmente as mulheres.

— Já notei. E sim, também

percebi que há mais em Tristan Maxwell do que mostra ao mundo — concordo. — Especialmente às mulheres com quem se relaciona.

Ela me estuda atenta.

— Você o ama, não é? — pergunta. Engulo em seco, porém, não posso negar. Isso deve ter transparecido em meu rosto ao falar dele.

— Sim — assinto —, eu o amo.

Ela estende a mão e toca meu antebraço, o olhar firme no meu.

— Então, lute por vocês. Não deixe que meu cunhado faça autossabotagem.

— Por que diz isso? — inquiro, intrigada.

— T tem a absurda convicção de que não pode confiar em nenhuma mulher, Pietra — me diz em tom de

confidência. Poderia lhe dizer que já estou a par de seu segredo, mas não farei isso. Ele confiou em mim e honrarei esse gesto. — Mostre a ele que está enganado, que você pode fazê-lo feliz. — Um sorriso conhecedor curva sua boca. — Na verdade, ele já é feliz. Basta olhá-lo quando está com você. Seu rosto é livre dos disfarces e escudos que normalmente estão lá.

Meu coração canta. Ela vê tudo isso? Tristan realmente se sente dessa forma sobre mim? Deus, quero desesperadamente acreditar que sim.

— Não sei o que fazer. Eu não...

— Acredito que já esteja fazendo, Pietra. — Torna a sorrir com cumplicidade feminina. — O que quer que esteja fazendo, está funcionando. Conheço T há um ano e deixe lhe dizer:

meu cunhado nunca levou uma garota para conhecer Heitor ou vovó Mag. Então, minha querida, você está no caminho certo.

Sorrio, meu peito aquecendo pelas palavras encorajadoras da menina simpática. Ela sempre foi muito gentil e acolhedora comigo a cada encontro e isso me ajudou a não me sentir tão deslocada. Até mesmo Heitor Maxwell

tem me mostrado um lado mais cordial e caloroso depois que se reconciliou com sua esposa. T diz que Sofia trouxe mudanças para sua família inteira, não apenas Heitor. Graças a ela, eles estão mais unidos e agindo como uma verdadeira família, segundo ele. Eu acredito. O fato de ela estar aqui, deixando claro que torce pelo meu relacionamento com seu cunhado,

confirma que é uma pessoa incrivelmente sensível e empática.

— Obrigada, Sofia — murmuro. — Fico feliz com suas palavras encorajadoras.

Ela sorri, os olhos verdes brilhantes.

— No meu começo com Heitor precisei de conselhos e uma querida amiga esteve lá para mim. Quero que

saiba, pode contar comigo se precisar.

Sinto meus olhos ardendo pela sua gentileza. Nossa, o que está havendo comigo? Tenho estado tão emotiva nesses últimos dias. Até mesmo assistindo filmes estou chorando, coisa que dificilmente faço. Sou durona para essas coisas. Credo.

— Mais uma vez, obrigada. Saiba que é recíproco — murmuro, um tanto

embargada.

Ela vai responder, mas nesse instante, um microfone é ajustado no palco improvisado.

— Heitor irá fazer o discurso de abertura. Preciso voltar para meu marido — diz com um sorriso apaixonado.

— Vá. Eu vou ao toalete primeiro. Por favor, avise a Tristan — peço.

Sofia acena e some por entre os convidados. O grande espaço está lotado com a nata da sociedade paulistana. Eu pergunto a um dos garçons onde fica o toalete feminino enquanto me livro da minha taça de champanhe em sua bandeja. O rapaz me informa, solícito e atravesso o salão, costurando entre os presentes, até encontrar o corredor amplo. Quando

entro no banheiro luxuoso, vou direto para o reservado aliviar minha bexiga. Saio e ando até o espelho enorme na parede lateral, perto da bancada das pias. Confiro minha imagem de corpo inteiro e sorrio contente. Meu vestido é um longo vermelho tomara que caia. É de alta costura, dá para ver e sentir na textura do tecido. É ajustado ao corpo, delineando minha bunda arrebitada e

descendo num elegante rabo de sereia. O conjunto de colar e brincos de rubis me deixou completamente encantada. Ele dá esses presentes para todas? Escolhe pessoalmente o que ficará melhor no corpo delas? As perguntas invadem minha mente, mesmo que não queira. Como posso conquistá-lo? Como mostrar a esse homem que ele pode confiar em mim?

— Parabéns, caipira! Você quase se passa por uma de nós. — A voz conhecida e cheia de despeito, soa às minhas costas e logo Anita se põe do meu lado, nossos olhares se encontrando no espelho. Está usando um longo amarelo e está tão bonita que chega a ser injusto. — Você deve estar achando que tirou a sorte grande, não? — Seu olhar cintila com crueldade. — Bem, me sinto

no dever de situá-la já que é tão estúpida para enxergar a verdade. Tristan não vai ficar com você, sua putinha ridícula!

Uma náusea me atinge, mas ignoro o mal-estar e me viro, encarando a cadela despeitada de frente.

— Você deve estar se roendo, não é? — sibilo. Meu ódio por essa vadia continua o mesmo. Ela não perde a

chance de se jogar para cima de Tristan em nossos *Happy Hours* nas escalas. E como não estávamos nos mostrando publicamente, ela aproveitou-se disso. — Só para lembrar, tem quanto tempo mesmo que ele não te come?

Os olhos da garota ficam em chamas.

— Puta maldita — rosna. — Ele pode estar te comendo agora, mas não

pense que ganhou esse jogo, cadela. — Me olha de cima a baixo e torce a boca desdenhosa: — Ele te deu esse vestido e conjunto de joias? Querida, eu tenho uma verdadeira coleção de vestidos e joias caras presenteadas pelo meu homem sexy.

E minha pergunta de minutos antes é respondida. Meu corpo esfria e sinto vontade de vomitar. Pensei, sonhei que

eram presentes exclusivos para mim.

— Oh, isso te incomoda? — Sorri malignamente. — Acredite, caipira, vai ficar muito mais incomodada quanto T voltar a jogar comigo.

— Ele não vai — digo, me sentindo fria, zonza. Oh, Deus, preciso ir a um médico ver essa infecção alimentar.

— Sim, vai — afirma com tanta

certeza que aumenta meu mal-estar. — Eu sou a única que joga pesado, do jeito que ele gosta. — Maldade torna a brilhar em seus olhos. — T adora compartilhar. Eu faço isso sempre que meu gostoso quer. Conta aí, ele já te compartilhou?

Sinto mais náuseas com essa revelação. Eu não quero ser compartilhada. Já disse isso a T e ele

tem respeitado esse meu limite. Mas agora meu coração salta aflito. E se ele realmente precisar desse tipo de sexo? Eu faria para agradá-lo?

— Pela sua cara vejo que não. — Ela ri satisfeita em me espezinhar. — Aproveite cada momento, caipira, porque estou indo atrás do meu homem e eu não jogo para perder — ameaça.

Estou abalada, me sentindo mal,

mas me obrigo a lhe dar a réplica à altura.

— Você já perdeu, sua vadia. — Abro um risinho debochado. — Perdeu no momento em que ele te arrancou daquele avião em Paris, preferindo a mim. Você é burra ou o quê? Tristan não te quer mais, é por isso que está bufando aqui, tentando me incomodar com ameaças vazias.

Uma expressão de puro ódio toma seu rosto.

— Você verá se são ameaças vazias. — Sinto um arrepio ruim subir pela minha espinha. — Eu vou amar ver a sua cara de puta rechaçada quando nos encontrarmos nos *happy hours* e ele estiver comigo.

— Isso não acontecerá — ranjo os dentes. Mas a verdade é que não tenho

certeza de nada. Não quando T está envolvido. Até pouco tempo ele comia todas. *Deus, não permita que ele me deixe. Ajude-me a fazê-lo me amar.*

— Sim, querida. E no que depender de mim, não vai demorar — a vadia ronrona.

Eu a encaro com asco e me viro para sair. Ouço sua voz às minhas costas:

— Aproveite, cadela. Essa é a primeira e última vez que irá aparecer com ele em público.

A olho por cima do ombro e cuspo com escárnio, mesmo que esteja receosa de que essa vaca consiga seu intuito. Afinal, T sempre a procurava antes para jogar.

— Um conselho, querida? Espere sentada — ranjo os dentes e deixo a puta

para trás.

Quando saio do corredor, pisando de volta no salão, um braço forte enrola em minha cintura. Viro contra um peito másculo que conheço bem e o seu cheiro gostoso me cerca. Enlaço-o pelo pescoço e levanto meu rosto para o seu. Os olhos escuros estão lindos e brilhantes sobre mim.

— Você está bem? — sussurra. —

Sofia avisou que foi ao banheiro. Está sentindo o estômago de novo?

Sua preocupação aquece meu coração e faz lágrimas arderem em meus olhos. Merda. Que diabos há comigo? Não sou uma garota chorona. Talvez seja o fato de descobrir meu amor por ele e estar vivendo na incerteza sobre o futuro da nossa relação. Deus, amor não correspondido dói demais. Contudo, não

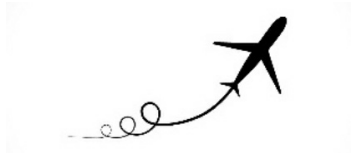
posso deixar transparecer meus sentimentos, não agora, pelo menos. Ainda é cedo. Preciso ganhar terreno dia a dia até que ele perceba o quão perfeito somos juntos.

— Estou bem. Só queria conferir a maquiagem e fazer xixi — murmuro, beijando-o suavemente na boca.

— Que bom. Venha, H está discursando na abertura — acena, nos

virando e andando comigo para perto do palco onde seu irmão está discursando tendo Sofia do seu lado. Me permito sonhar que somos de fato um casal de namorados curtindo sua primeira saída juntos. Quando paramos a poucos metros, seu braço continua enrolado em minha cintura, me mantendo colada ao corpo poderoso. Logan está próximo também, observo-o do nosso lado

direito. Sua cara não é nada boa enquanto observa Lígia e seu noivo, também nas proximidades. Esses dois...



Cerca de duas horas depois, chegamos de volta na casa de T. Eu o montei no banco traseiro da limusine, conforme havia sugerido no começo da noite, o safado. Foi quente, delicioso, transgressor. A garota depravada em

mim gostou de saber que Yuri dirigia enquanto seu chefe me comia no banco de trás. Gozei tão forte que quando chegamos minhas pernas ainda estavam bambas. Tomamos banho juntos, escovamos os dentes e nos deitamos na cama enorme. Ele me puxou imediatamente para o seu peito e vim ronronando. Seus dedos acariciam minhas costas num toque suave, subindo

e descendo. Eu observo o céu estrelado acima de nós, através da claraboia. Essa é uma das coisas que amei aqui em seu quarto.

— Eu amo essa visão — murmuro, meus olhos pesando.

— Eu também — sussurra e levanta meu queixo, os olhos escuros se fixando nos meus. Deus, como é bonito. Seu polegar traça a minha boca. É um

toque mais carinhoso do que sexual, percebo. — Antecipe suas férias e venha viajar comigo. — Meu coração falta sair pela boca. O quê?! Minha expressão aturdida deve ter transparecido em meu rosto porque ele sorri lindo e sexy e completa: — Não quero ficar longe de você. Vem comigo?

— Não sei se dá para fazer tão em cima da hora... — Lambo meus lábios,

nervosa. Eu quero. Como quero.

— Você quer? — pergunta, seus olhos me hipnotizando. — Basta me dizer isso e do resto eu cuido, tigresa.

Levanto a mão para o seu rosto bem barbeado, traçando sua face perfeita.

— Eu quero — sussurro, coração trovejando. — Não quero ficar longe de você também, Tristan.

Ele me estuda por um longo momento em silêncio e então, faz lágrimas se reunirem em meus olhos quando murmura bem perto da minha boca:

— Eu quero continuar com você, Pietra.

— O que quer dizer? — questiono num fio de voz.

— Quero que tentemos ser

oficiais. — diz e eu tenho que piscar para não fazer um papelão aqui. Ah, meu Deus! Oh, meu Deus! Nem nos meus melhores sonhos imaginei esse final para essa noite. — Diga alguma coisa, pantera — pede, sorrindo levemente.

— Quem é você e o que fez com Tristan Maxwell, o putão de São Paulo? — tento zombar, mas minha voz denuncia minha emoção. Deslizo os

dedos pela sua boca linda e voluptuosa.

— Sim, eu quero tentar.

Seus olhos cintilam lindamente e ele rola por cima de mim, sua boca tomando a minha num beijo possessivo e quente. Como dormimos sempre nus, em instantes, estou recebendo-o duro e fundo em minha vulva. Ele me possui lenta e sensualmente. Diria até que estamos fazendo amor nesse momento

pela forma como seus olhos brilham enquanto afunda em mim. Nos agarramos, as bocas ofegando uma na outra, nossos corpos fundidos um no outro. E quando acelera, batendo profunda e selvagemente até o punho, eu estilhaço, gozando e gritando o seu nome. T me segue, soltando um gemido gutural, me enchendo com seu sêmen quente. Sua boca toma a minha e

enquanto o beijo com toda a minha alma, rogo a Deus para que ele possa me amar de volta. Peço desesperadamente que essa tentativa se transforme em algo sólido.

*Eu te amo. Por favor, confie em mim.* Digo-lhe com meu beijo, com meu corpo completamente entregue, com meu coração.



# Capítulo 11

***O tempo todo isso foi uma febre. Uma pessoa crédula, nervosa e impulsiva. Eu joguei minhas mãos para o alto e disse: mostre-me alguma coisa. Ele disse: se você se atreve, chegue mais perto...***

***(Stay – Rihanna)***

*Uma semana depois...*

*Amsterdã, Holanda*

# Pietra

Estou parecendo pinto no lixo![11]

Em êxtase desde que Tristan compartilhou seu itinerário de férias e me convidou para acompanhá-lo nesses quinze dias por cinco cidades europeias. Como sabe que Amsterdã me encanta até mais do que Paris, estamos começando pela capital Holandesa. Eu arrasto minha pequena mala pelo píer enquanto T e Yuri carregam as maiores. As luzes da casa-barco que T alugou para os

nossos primeiros dias de férias, me deslumbram como a uma criança. A estrutura é de dois andares e percebo que o safado me ludibriou. Pedi algo simples. Porém, não posso ficar chateada diante de tanta beleza. Paro diante da escada estreita, que dá acesso direto para um terraço da embarcação. Um jardim bem cuidado e espreguiçadeiras na borda do deck dão

um charme todo especial. As águas plácidas do canal Singel cintilam sob as luzes das construções geminadas nas marginais.

Suspiro, deslumbrada com tanta beleza. Olho por cima do ombro e encontro T me observando com uma expressão suave em seu rosto. Certamente vendo o quanto estou feliz por estar aqui. O que não sabe é que

estou ainda mais feliz por estar aqui com ele. E novamente suspiro, dessa vez impactada pela beleza do meu homem. Está usando um jeans rasgado, camiseta branca e jaqueta de couro marrom-escuro. Desde que me descobri apaixonada, tenho que me policiar muito porque quero olhar para ele o tempo todo. É lindo, sexy demais e estou nas nuvens por ter decidido nos dar uma

chance. Sei que ainda não é *aquela* chance, todavia, sei que aprecia estar junto comigo. Já é um bom começo. Um excelente, tendo por base que nunca esteve com uma única mulher por mais de uma semana. Está me permitindo chegar perto de uma forma que nunca permitiu a outra e isso faz meu peito inchar de esperança. Ele chega do meu lado e sorri, enlaçando minha cintura.

— Gostou, linda? — murmura e eu termino de derreter, me virando de frente para ele, enlaçando seu pescoço. Seus braços cingem minha cintura, me puxando gostosamente contra seu corpo.

— Eu amei, T. Obrigada — murmuro de volta. — Estou ansiosa para passear pelos canais e pontos turísticos.

Ele sorri. Ultimamente seu rosto adquire uma expressão mais suave

quando me encara. Estamos mais íntimos, à vontade um com o outro. Sua cabeça abaixa, a boca ficando bem perto da minha.

— Vou mostrar tudo — sussurra, a boca exuberante curvando num sorriso perverso e cheio de promessas. Arrasta beijos suaves pela minha face até chegar ao meu ouvido, me fazendo ofegar e palpitar quando diz: — Mas não se iluda

achando que vai passar mais tempo passeando do que debaixo de mim, tigresa.

— Tão romântico, riquinho — bufo e ele ri, sugando meu lóbulo, puxando-o entre os dentes depois.

— Vem, vamos entrar. Nosso jantar não deve demorar a chegar — avisa, voltando a me encarar.

— Eu posso cozinhar, Tristan —

retruco.

— Você está de férias. Além disso, sobra mais tempo para cuidar de mim... — Ele pisca todo safado.

— Tudo bem, não vou brigar porque entre cozinhar e foder com meu homem sexy, prefiro a segunda opção, óbvio — ronrono e seus olhos escuros riem para mim antes da sua boca.

— Sim? — Seu tom pinga

sacanagem enquanto suas mãos descem perigosamente perto da minha bunda.

— Você sabe que sim. Não venha tentar arrancar elogios de mim, Tristan Maxwell. — Rolo os olhos e ele ri, lindo, cachorro safado.

— Vamos encerrar em Paris, trepando gostoso em nosso clube favorito. — Me seduz e choramingo, segurando sua nuca. Ele pega meu

pescoço pela frente e sua boca morde a minha. — Você quer isso?

— Muito. Quero tudo com você — ofereço e seus olhos incendeiam, ficando mais intensos e penetrantes nos meus. — Farei tudo que quiser.

— Porra, está me acostumando tão mal, Pietra — murmura e invade a minha boca com a língua. É um beijo possessivo. Ele tem me dado muitos

desses desde que nos envolvemos mais intimamente. — Você é imbatível, sabia disso? — rosna, entre beijos e volta a mergulhar com fome. Eu gemo, entrelaçando minha língua na sua, movendo-nos numa dança sensual, antecipando os prazeres que sentiremos mais tarde. — Gostosa... Sou completamente louco por você.

Meu coração canta ao ouvir sua

confissão. Ainda não é o que gostaria de ouvir, mas sei que virá. Em algum momento virá. Ele está abrindo o coração para mim. Sei que está.

— Eu também. Te quero tanto — murmuro e ele me levanta do chão, rodopiando comigo enquanto me beija. Ri e eu também. O som alto, feliz. Sim, ele vai me amar. É só uma questão de tempo.

— Vamos guardar as coisas para Yuri ir descansar em seu hotel — diz me colocando de volta em meus pés. — Além disso, quero ficar sozinho com a minha garota.

— Sua garota? — eu zombo, disfarçando a forma como meu coração incha de amor quando me chama assim.

— Minha garota, minha cachorra. — Seu sorriso e olhar ficam malvados

quando sussurra, mordendo a minha boca toda: — Minha putinha gostosa.

— Droga... — gemo, meu canal latejando e umedecendo sem controle. Os olhos escuros zombam de mim, sabendo exatamente o efeito que suas palavras chulas causam em minha libido. — Cachorro safado.

— Presente! — Ele ri e eu rolo os olhos. — Vem, tigresa — torna a

chamar. O solto a contragosto e pegamos nossa bagagem, passando para dentro do terraço. Meu deslumbramento só aumenta quando abre a porta e me dá passagem, com um gesto brincalhão e cavalheiresco. A sala é grande para uma casa-barco, decorada com requinte em tons pastéis e alaranjado. A parede do lado do canal é toda de vidro, oferecendo uma vista dos sonhos. Largo

minha mala e corro pelo recinto, olhando cada detalhe. Eu sempre quis vir aqui e ficar numa dessas acomodações, mas numa dessas tenho certeza de que minha conta bancária não permitiria. É linda e grita riqueza por onde quer que olhemos. Do lado esquerdo há uma cozinha no estilo americano, toda equipada com armários negros.

— Vou cozinhar para nós amanhã. Foda-se! — aviso e ouço sua risada às minhas costas. Olho por cima do ombro. Ele está com as mãos nos bolsos do jeans, me observando outra vez com aquela expressão suave.

— Não vou brigar porque amo o seu tempero, pantera. — Pisca com seu duplo sentido.

Rolo os olhos, mas rio. Estou tão

feliz que tenho medo de algo acontecer e me acordar desse sonho. Tristan escorregadio do jeito que é, viajando comigo fora do trabalho. Querendo tentar algo mais sério. Acho que a ficha ainda não caiu.

— Obrigada de novo. Sou apaixonada por essa cidade — murmuro suavemente.

— Eu sei — diz com um meio

sorriso lindo, se aproximando de mim, me fazendo suspirar quando os braços envolvem minha cintura outra vez. Eu amo que parece querer me tocar o tempo todo, exatamente como eu a ele. — Não me agradeça. Te convidei por puro egoísmo, Pietra. — Seu sorriso muda para sacana. — Ficar quinze dias inteiros sem gozar em você seria demais para mim.

Me alegra ouvi-lo dizendo isso. Mas preciso manter minha pose implicante.

— É tão lisonjeiro ouvir que sou apenas o seu depósito de esperma, riquinho — bufo e ele gargalha.

— Sabe que não é. — Seu semblante vai ficando mais sério, olhos prendendo os meus. Seus dedos sobem para o meu rosto e ele me acaricia com

delicadeza. — Você mexe comigo de um jeito que nenhuma outra conseguiu, Pietra.

— Sim? — pergunto num sussurro, imitando-o anteriormente.

— Você me completa na cama e fora dela — confidencia e ofego, querendo que o significado de suas palavras seja o que estou ansiando: amor. Seu amor por mim. — Acho que o

fato de sermos apaixonados pelo céu nos aproxima mais ainda.

— Você também me completa, Tristan — digo de volta e seus olhos brilham mais com minha admissão. — E sim, nossa paixão por voar nos dá algo para falar quando não estamos fodendo.

Torna a rir e pega a minha nuca, sua boca deliciosa tocando a minha. Mas antes de aprofundar o beijo, meu

celular toca. Gemo e ele me dá um selinho seguido de uma mordida gostosa em meu lábio inferior. Com um tapa suave em minha bunda, me libera para atender. Abro a bolsa, pegando o aparelho e meneio a cabeça ao ver uma chamada conjunta de Aidan e Luíza. Eles são tão enxeridos. Tristan avisa que vai guardar nossa bagagem no quarto e abro uma das portas de vidro, saindo

para um pequeno deck, me levando direto para o canal. Inspiro o ar da noite e atendo meus amigos.

— Não acham que é muito cedo para bisbilhotar? — Faço uma carranca falsa. Eles sabem disso porque riem.

— Cadela sem coração — Aidan resmunga, com seu drama em dia. — Não pode ficar aí com o capitão tesudo e esquecer de nos atualizar. Você está

proibida!

— Uh, relaxa, bicha — Luíza bufa, mas ri do nosso amigo dramático. — Eu só estou ligando porque ele insistiu, amiga.

— Cadela traidora! — Aidan lhe mostra o dedo do meio.

— Eu devo ter atirado pedra na cruz para ter dois descompensados como amigos, só pode — resmungo.

Eles me atiram olhares feios e rio, gostando de provocá-los.

— Pare de ser puta e conte logo como está sendo tudo! — Luíza se recompõe e Aidan bate palmas exageradamente.

— Não há nada para contar. Caso não tenham percebido, acabamos de chegar em Amsterdã — bufo. E só agora parece que caiu a ficha.

— Então, nos mostre a casa-barco. Você estava tão animada para ter a experiência. Vamos, amiga, não seja uma vaca! — Aidan pede, sua euforia voltando.

Eu rio. Eles são loucos, mas são meus leais amigos. Eu giro o celular, lhes dando a visão de onde estou. Seus gritos soam alto pra caralho.

— Maravilhoso! — Luíza exclama

e abaixa o tom, conspirando: — Dá uma chave de coxa bem dada no gostosão, amiga. Pega esse homem de jeito!

— Até parece que ela já não fez isso, cadela tonta — Aidan zomba. Luíza lhe mostra o dedo do meio. Eu rio da sua troca de gentilezas. — Por que acha que Pietra está na Europa com ele? Claro que nossa amiga está mostrando os encantos do Norte para o safado

gostoso... — Ele balança as sobrancelhas maliciosamente.

— Vão viver suas próprias vidas de merda e parem de viver a minha — rosno, mas eles sabem que não estou falando sério porque riem e tornam a encher meus ouvidos com ideias do que posso fazer com T na cama. Se soubessem tudo que faço com o meu homem safado no sexo suas bocas

cairiam escancaradas, com toda certeza. Eu só compartilho até certo ponto. Há coisas que diz respeito apenas a mim e T e por mais que meus amigos sejam confiáveis, não quero que saibam. — Prometo contar os detalhes. Agora me deixem ir tomar um banho e me preparar para o jantar — digo não conseguindo esconder meu sorriso feliz.

— Puta sortuda! — Luíza sorri.

— Cadela poderosa! — Aidan entra na onda.

— Meus intrometidos favoritos. — Rio, jogando beijos e me despeço: — Se cuidem aí. Amo vocês.

— Amo você também, sua kenga linda! — Luíza murmura, jogando beijos.

— Te amo também, cadela bonita! Arrasa com esse bofe! — Aidan joga

beijos espalhafatosos.

Eu rio alto da sua loucura e jogo mais beijos, encerrando a ligação. Tem um mês que nos vimos na primeira luta de meus irmãos. T acabou enviando passagens para a minha família inteira e para esses dois malucos também. Foi maravilhoso ver todos e ainda assistir a primeira vitória de Nando e Guga no circuito mais famoso do UFC. Meus pais

ficaram com a pulga atrás da orelha com tanta gentileza de Tristan. Na verdade, tenho certeza de que todos estranharam, embora eu e ele não tenhamos deixado transparecer nada em público. Nos pegamos apenas de madrugada quando voltamos para o hotel e ele foi à minha suíte. Eu me empenhei para agradecer sua gentileza. Aproveitando o clima erótico e sexy de Vegas, fiz strip-tease e

ele ficou louco. Foi uma noite deliciosa. Olho mais uma vez a vista à frente, na marginal, as casas geminadas que tanto fascinam os turistas. Volto para dentro, seguindo pelo corredor estreito, subindo um lance de escada e logo estou diante da suíte luxuosa. Não há porta no quarto, ligando-o a outro ambiente, uma sala de cinema com uma tv enorme e sofás em couro negro.

Desfaço minha mala, enquanto T desfaz a sua e guardamos nossas coisas no closet. Parecemos um casal de verdade, dividindo espaço no armário. Meu coração está tão aquecido e feliz. Na verdade, já fazemos isso há mais de um mês. Há coisas minhas em sua casa e há coisas suas em meu apartamento também. Nossa evolução tem sido rápida, eu diria. Para um cara que nunca

se envolveu seriamente com ninguém, T está se mostrando acessível para mim.

No dia seguinte, turistamos bastante pelos canais, conhecendo sua história, que remonta ao século XVII, quando a cidade vivia o chamado Século do Ouro e era uma potência comercial. Os canais foram criados como um cinturão protetor contra invasões. Em decorrência disso, as

casas-barco surgiram como resposta ao problema de moradia. Não havia muito espaço em terra firme para construções e a cidade crescia rapidamente. Eu já sabia muito sobre Amsterdã e Tristan preencheu as lacunas. Ele é muito inteligente e estudioso e me peguei babando nele e em suas explicações em muitos momentos. Fomos ao museu a Casa de Anne Frank, uma visita que nos

deixa com um misto de emoções. É bom estar lá, vendo onde a menina deu vasão a seus escritos, por outro lado, dói saber que o ódio, a discriminação e o racismo contra os judeus ceifaram tantas vidas. Li o Diário de Anne em minha adolescência. Com certeza farei a releitura depois de ter estado em contato com o lugar onde viveu seus últimos anos.

— O país tentou se manter neutro na Segunda Guerra Mundial, mas as tropas nazistas não permitiram. — A voz baixa e profunda de T me faz olhá-lo. Está observando um quadro de Anne na parede à nossa frente. Há fotos dela e de sua família e chega a apertar o peito pelo trágico e injusto destino deles. — A Holanda foi invadida e mais de cem mil judeus foram deportados aos campos

de extermínio. Milhares de famílias foram brutalmente desfeitas, como essa. — Aponta a foto onde a menina Anne está feliz e sorridente ao lado de seu pai, mãe e irmã.

— Não importa quantas vezes eu veja algo sobre Anne, sempre irei ficar revoltada com seu triste fim — murmuro. T passa um braço pelos meus ombros e beija minha têmpora.

— É revoltante mesmo, tem razão — concorda.

No dia seguinte passeamos de bicicleta pelas marginais. À noite, fomos a uma cervejaria artesanal onde tinha um jukebox. Me surpreendi com ele subindo ao palco e cantando *Stay* da Rihanna. Mas prefiro a música na voz de Jared Leto, do 30 Seconds To Mars.

*Algo no seu jeito de se mexer, faz*

*com que eu acredite não ser possível viver sem você. Isso me leva do começo ao fim, quero que você fique.*

Eu viajei na letra da música, na sua voz linda, profunda e deliciosamente afinada. Em nosso primeiro encontro no *The Pilot,* ele cantou A-Ha no meu ouvido. Ali já deu para perceber que tem uma ótima voz, afinal, não é qualquer um que consegue cantar um

hino de Morten Harket, vamos combinar, né? A noite foi perfeita, como os outros dias que se seguiram. Na última noite, ele encomendou um jantar à luz de velas no terraço do telhado da casa-barco. Eu suspirei inebriada de tanto amor pelo meu homem complicado, porém, gentil.

Passamos por Budapeste, São Petesburgo, Barcelona e no décimo segundo dia, chegamos a Paris.

Passeamos de mãos dadas às margens do Rio Sena, visitamos os bistrôs mais charmosos e à noite fomos ao Les Chandelles, um dos clubes secretos e liberais da noite parisiense que temos frequentado. Tomamos champanhe no banco traseiro da limusine enquanto Yuri dirigia para o Jardin du Palais Royal, onde se localiza o clube. Tristan está lindo numa camisa preta de botão e

mangas compridas. Calça escura de jeans fino. Eu uso um vestido verde-escuro frente única, a saia esvoaçante caindo até o meio das coxas. Sandálias saltos quinze de tiras enroladas nos tornozelos. E não estou usando calcinha. Só quero ver a cara do meu homem pervertido quando descobrir minha pequena travessura. Sorrio intimamente. Não demora muito o trajeto da cobertura

de T para o clube e logo o carro está parando na frente da casa.

Em poucos minutos estamos subindo a escada para o acesso ao interior do clube. As paredes e degraus são revestidas em veludo vermelho. As luzes são avermelhadas também. Tristan mantém um braço enrolado em minha cintura quando alcançamos o primeiro salão. A decoração é semelhante às

salas de foda das suas casas noturnas em São Paulo. Atravessamos o recinto em direção ao bar no canto oposto. Esse primeiro ambiente está lotado, como sempre. Não vejo nenhum rosto conhecido, no entanto. Isso me deixa mais livre para fazer tudo que quiser com Tristan. Tomei os cuidados para fazer um sexo ainda mais sujo com ele. Será minha surpresa de despedida das

férias e uma forma de enlouquecê-lo ainda mais. Ele é meu. Mesmo que não tenha se dado conta ainda, pertencemos um ao outro. Quando alcançamos o bar, T pede uma dose dupla de Bourbon. Me ajuda a me acomodar em um banco na ponta direita e permanece de pé do meu lado. O barman lhe entrega o copo e ele o traz à minha boca para o primeiro gole. Bebo, fitando-o por cima da borda.

Deus, como pode ser tão lindo? Seus olhos escuros cintilam me dizendo as sacanagens que quer fazer comigo, mas percebo uma suavidade lá no fundo também. Ou será que estou imaginando coisas?

— Boa menina — elogia com o sorriso lascivo curvando a boca sensual. Então, toma o seu gole, os olhos nunca deixando os meus. Meu corpo inteiro já

está quente, minha boceta latejando e molhando. — O que você quer fazer hoje, minha cachorra? — pergunta com voz áspera, me girando de frente para si, enfiando-se entre minhas coxas. Gemo ao sentir o jeans da sua calça roçando meu monte nu. Seus olhos estreitam e sua mão desce da cintura para a bunda, em seguida, gira, se infiltrando por dentro da saia. Estremeço ao sentir os

dedos tocando meus lábios úmidos. — Ah, porra, tigresa... — um rosnado sai da sua garganta. — Você é uma putinha tão safada, não é?

Rio, incorporando a mulher fatal e o enlaço pelo pescoço.

— Só para o meu putão gostoso — ronrono e ele dá um tapa leve em meu clitóris. — Tristan... — choramingo. — Eu quero tudo. Use o

meu corpo do jeito que quiser. Me use para o seu prazer. Quero ser degradada sem dó pelo homem.

Ele grunhe e empurra dois dedos em minha vulva cremosa. Bebe mais um gole e me dá outro, os dedos indo e vindo dentro de mim, me comendo lento e gostoso. Eu gemo, pingo, rebolo em seus dedos, não me importando com nada à nossa volta, nossa atenção presa

um no outro apenas. Ele torna a beber e traz a boca para a minha, passando o líquido para mim. Eu bebo avidamente, amando ter a bebida e sua saliva se misturando com a minha.

— Não vou te compartilhar. — Meu coração se alegra quando range contra meus lábios. Me morde com pressão e esfrega meu clitóris com o polegar, os dedos nunca deixando de me

foder. — Sou bem egoísta com você, tigresa. Só eu vou ter o prazer de te comer. Você me pertence. É só minha, porra.

— Eu não quero ser compartilhada — murmuro, acariciando seus cabelos da nuca. — Ou compartilhar você. Também sou egoísta no que lhe diz respeito. — O sorriso arrogante enrola sua boca. — Mas o

resto, tudo que meu cachorro gostoso quiser, pode fazer comigo.

Ele geme guturalmente e acelera os dedos, me comendo com força.

— Vou acabar com você, sua putinha suja. Te arrombar toda, caralho — ameaça e eu molho mais, minha respiração ficando errática. — Tire esse vestido. — Eu lambo os lábios, olhando em volta. Todos estão vestidos nesse

ambiente. — Vamos, você disse que faria tudo que eu quisesse. Quero-a nua, agora.

— Droga, todos estão vestidos. É permitido ficar nu aqui? — Lambo meus lábios. Nunca vi ninguém nu nesse ambiente antes. Eu quero, para ser sincera. Deus, sou tão vadia quando o assunto é esse belo homem depravado.

— Querida, aqui tudo é permitido

em qualquer ambiente. — Usa o tom complacente. — Agora fique nua e mate todos esses bastardos de inveja, linda. — Continua me comendo e eu abro o fecho em minha nuca. Em seguida, puxo o vestido por cima da cabeça e o coloco sobre o banco do nosso lado esquerdo. O ar-condicionado arrepia minha pele inteira. O ar e os olhares de todos, que foram guiados para mim. Um cara do

meu lado direito sorri e levanta seu copo em um brinde mudo, o olhar descendo pelo meu corpo nu. Meus seios arrepiam, pesando, os mamilos ficando duros. Outro cara se junta a ele e ficam os dois lambendo os lábios maliciosamente. Então, eu gemo alto quando a mão de T agarra meu seio direito e o amassa bem gostoso, a pegada forte que adoro. Observo-o e

vejo que está encarando os homens enquanto me toca. Gosta de mostrar que sou dele nesses momentos, da mesma forma que gosto de mostrar que ele é meu para todas as mulheres presentes. Me excita demais esse jogo depravado.

— Eles querem comer você, Pietra — murmura perversamente e gemo, ficando ainda mais molhada. Amo demais esse mundo lascivo que me apresentou. —

Mas não podem porque você é a minha putinha particular, não é isso, linda?

— Oh, Deus... Sim... — respiro agudamente, quando passa para meu outro seio, amassando a carne com rudeza. Puxa o bico e mergulha a boca, engolindo a auréola inteira. Convulsiono, minha respiração ficando mais e mais errática enquanto mama em mim e me fode com os dedos. — Ohh,

Tristan... — choramingo, as ondas do orgasmo vibrando em minha barriga, prestes a explodirem. Ele reveza entre um seio e outro, lambendo e mordiscando os bicos malvadamente.

— Olhe para eles e goza bem gostoso, Pietra — comanda e eu o faço, encaro os homens, percebendo que agora há mais caras ao redor da bancada, apreciando o nosso espetáculo.

— Vamos, mostre a todos esses bastardos que é minha. Minha putinha perfeita. Apenas minha, porra! — Suas palavras me fazem estilhaçar, gemendo alto e gozando com força. Prazer lascivo e proibido correndo densos em minhas veias, reverberando em cada célula do meu corpo. — Assim, minha cachorra gostosa — elogia, sua voz tensa, mostrando sua excitação. Minha atenção

volta para ele, seu rosto lindo, os olhos cheios de tesão. Me congratulo por ver seu desejo por mim estampado lá, sem disfarces. Estou estremecendo ainda quando retira os dedos do meu canal e os chupa. Em seguida, me puxa pela nuca e devora minha boca num beijo erótico, molhado, delicioso. Me penduro em seus ombros e arquejo, presa em seu feitiço. Completa e irrevogavelmente

apaixonada, viciada nele. Suas mãos passeiam pelo meu corpo nu, costas, bunda, coxas, seios.

Eu enfio minhas mãos pela sua camisa e gemo sentindo sua pele gostosa e morna. Ele estremece com meu toque e gemo em deleite. Abro o zíper de sua calça e enfio a mão, pegando o pau longo e grosso, retirando-o de dentro da boxer. T sibila em minha boca quando

passo a masturbá-lo devagar, apreciando a carne aveludada e dura em minha palma.

— Tristan... — gemo, meu núcleo doendo, pulsando para tê-lo me esticando como só ele pode. Arranca a boca da minha e dá um puxão firme em meu cabelo, me encarando, sabendo o que preciso, o que vou propor. De alguma forma ele sabe. Não fodemos

nesse ambiente antes, mas se tudo é permitido, quero agradá-lo como nenhuma outra antes de mim. — Me come aqui, por favor. Me usa na frente de todo eles.

— Ah, porra, como ousa ser tão perfeita, Pietra? — Meio que uiva com minha proposta pra lá de ousada. — Quer me dar aqui, minha cachorra?

— Sim, sim... — balbucio,

esfregando seu eixo.

— Vamos deixar isso mais interessante, linda — sussurra com lascívia cintilando nas irises escuras. — Me abrace com as pernas. Vou te comer ali naquela coluna no meio do salão. Assim todos poderão poder ver meu pau te castigando... — Eu choramingo, me molhando toda. Luxúria perversa me cegando para tudo o mais. Só o que

importa é dar isso a ele. É ser livre com ele.

Me pega pela bunda e me enrolo em sua cintura, deixando-o me transportar para o centro do salão. Posso sentir muitos olhares sobre nós e isso só me deixa mais louca de tesão. Me coloca em meus pés quando alcançamos a pilastra. Ele sorri, rouco, lindo e beija minha têmpora. Nossos

olhares se encontram, se prendendo e sorrio de volta, a vadia em mim querendo apenas uma coisa: agradar meu homem. O acaricio nos ombros, peitoral e serpenteio, esfregando meu corpo nu no seu. Desço, ficando de joelhos na sua frente. Os olhos escuros estão queimando nos meus e T ruge ao ver o que pretendo fazer. Minhas paredes apertam, latejam, famintas por

ele, antecipando o momento em que o terei me fodendo com sua intensidade e lascívia viciantes. Torno a puxar seu pau de dentro da boxer, gemendo ao sentir o eixo duro na mão. Aproximo-me e esfrego a cabeça gorda em meu rosto inteiro. Esfrego-o em meus lábios e T rosna, enfiando as mãos em meus cabelos, fazendo um coque apertado no alto da cabeça.

— Chupa meu pau, linda... —

range, os olhos flamejando, o maxilar tenso. — Mostre a eles como ama ser a minha vadia, Pietra. Vamos, porra! — Gemo com suas palavras degradantes e seguro seu eixo com uma mão, levando a outra para seu saco, passando a massagear as bolas devagar. Tristan volta a rugir, quando me inclino e deslizo minha língua por cada bola,

passando a me revezar chupando cada uma, bem gostoso. Amo os sons de prazer masculino saindo da garganta do meu homem luxurioso. Amo agradá-lo e minha boceta fica ainda mais cremosa, pulsando, querendo-o com desespero. Então, eu paro a brincadeira e subo a boca pelo eixo grande, a língua deslizando nas veias grossas até chegar a ponta. Meus olhos nunca desviam dos

seus e sugo a cabeça. Ele puxa meus cabelos com força, rangendo os dentes e vou engolindo o eixo longo e grosso bem devagar, dilatando a garganta ao máximo para levá-lo todo. Um gemido animalesco sai da sua boca quando meus lábios colam em sua pelve. — Ah, porra, que gostoso entrar todo nessa boquinha linda... Mama tudo, minha cadela. Mama tudo, caralho!

Choramingo e passo a chupá-lo todo. Ele ri perverso, puxando quase tudo, praguejando quando volta a entrar todo, sem dó. O deixo assumir o controle, fodendo a minha boca do jeito que quiser. Respiro pelo nariz e chupo-o com vontade, mamando em todo o eixo, deixando-o foder minha boca do jeito que quiser. T me observa, parecendo deslumbrado a cada vez que cola sua

pelve em meus lábios. Rosna, estocando fundo. Eu engasgo, lágrimas ardendo e descendo nas faces, porém, gemo mais e mais. Amo essa sua aspereza. Ele parece selvagem nesse momento, percebo que vai gozar e não facilito, chupo-o, raspando os dentes nas veias pronunciadas.

— Pietra... Porra, Pietra... —

range e acelera mais os golpes,

comendo minha boca em busca do clímax. Mamo mais forte, engasgada, meu núcleo pingando de prazer por chupá-lo nessa sala lotada. Prazer por ser a mulher que ele precisa. Torna a ranger, socando com firmeza até a minha garganta. Com um urro alto, ele começa a gozar, os jatos quentes jorrando em minha boca. Choramingo, engasgando, engolindo os jorros quentes, sedenta,

enlouquecida de paixão e amor por ele.

— Gostosa... Ahh, gostosa... — sibila e gemo, entalada, engolindo cada gota. Os olhos escuros brilham intensos, fixos nos meus, penetrantes. Geme rouco, despejando tudo enquanto nos olhamos. Eu o limpo todo e suas mãos pegam meus braços, me ajudando a levantar, delicadamente. Minha garganta está doendo e ele acaricia meus lábios

inchados, o toque tão suave e reverente quanto seu olhar. — Minha safada... — sorri sacana, me puxando contra seu peito e sua boca desce devagar na minha. Ele me adora nesse beijo. É delicado, gostoso. Sabe que minha garganta está doendo por levá-lo inteiro e quer me recompensar por isso.

— Quero que se reveze em mim... Me foda inteira, bem aqui na frente de

todos. Mostre a eles que é o meu dono. — sussurro, minha voz muito rouca. Seus olhos estreitam um pouco. — Tomei os cuidados para lhe dar isso.

Ele rosna, o brilho animalesco voltando em suas irises. Me gira de frente para a coluna, os dentes encontrando a minha nuca numa mordida dolorida, quase punitiva. Grito alto e coloco as mãos sobre a coluna

vermelha. Suas mãos acariciam minhas costas, cintura, indo pela frente, pegando meus seios. Ofego, minha excitação escorrendo pelas coxas.

—

Minha puta —

grunhe, a boca subindo pelo meu pescoço, sugando, mordendo até meu ouvido, onde suga a ponta da orelha. — Toda minha. Apenas minha. — Sua voz é

dura e possessiva, as mãos descendo pela minha bunda, onde dá tapas fortes nos dois globos. Torno a gritar, meu corpo inteiro tremendo de tesão. Olho de lado e a atenção das mesas próximas estão sobre nós. As mãos grandes sobem para os seios de novo, sovando-os gostosamente, torcendo os bicos. Olhando através das mesas, encontro nossa imagem refletida no espelho da

parede. É hedonista ao extremo. Ele vestido e eu nua, agarrada à pilastra, pronta para seu fodida, usada na frente do salão inteiro. Percebo que alguns casais estão se animando também. Noto uma morena escarranchada sobre o seu companheiro na cadeira, montando o pau do loiro bonito.

Vejo Tristan se abaixando pelo espelho, as mãos acariciando minha

bunda. Sua expressão é concentrada. Ele parece fascinado com meu corpo. Há muitas mulheres mais bonitas do que eu nesse salão, mas sua atenção está apenas sobre mim e isso me envaidece. Abre minhas bochechas e me faz choramingar quando enfia o rosto em minha bunda. Me empino ao máximo e ele rosna, a língua alcançando minha boceta. Me lambe, endurecendo a língua, enfiando-a

em minha vulva. Convulsiono, gemendo escandalosamente alto.

— Tão gostoso, meu putão lindo — gemo, e ele esfrega meu feixe de nervos com um dedo, me chupando forte, gostoso. Passo a rebolar em seu rosto, não sabendo nesse momento qual o mais depravado de nós dois. Ele parece saber o que estou pensando, pois, ri presunçoso e enfia dois dedos em minha

vulva, a língua gostosa indo para a minha entrada traseira. Gemo e gemo com suas lambidas no meu buraco, prazer devasso rolando em meu corpo. Os dedos da vulva desviam para o meu ânus, forçando passagem. Tristan mete devagar, girando-os. Amo nosso sexo anal. Ele é intenso, me faz gozar gostoso demais. Entra ardendo um pouco, mas vou relaxando mais e mais e deixo-o

meter até o fundo. A massagem em meu clitóris é perfeita, como cada toque seu. Em pouco tempo estou resfolegando, um novo orgasmo querendo vir. Ele para segura meus quadris, pincelando a ponta grossa em minha vulva toda melada. Olho para o espelho de novo e choramingo com a massagem perversa que faz em meus lábios, empurrando a cabeça e voltando, me negando o prazer.

— Por favor, me dê tudo — imploro, sem qualquer vergonha e ele me dá. Berro, sentindo-o meter tudo em minha vulva num golpe duro, rasgando-me até o fundo. — Ai, ai, droga... Sim... — convulsiono, meu corpo todo dele nesse momento. Minha mente além de qualquer pensamento racional. Aperto seu eixo, pingando, latejando forte. — Assim, me come bem fundo e duro.

— Porra, Pietra... — geme guturalmente, retirando-se e voltando a meter com força, até o punho. — Não há prazer maior do que esse... Nunca vou me cansar de estar assim, dentro de você. — Suas palavras me deixam enlevada, rogando para que já me ame como eu a ele. Puxa tudo e estoca de volta com força. Eu grito, choro, me

dando sem qualquer reserva. Ainda me intriga como algo assim me excita tanto, mas amo isso. Amo saber que estão me olhando ser usada e degradada por ele, o meu homem. Sua mão grande segura meu pescoço pela frente e T passa a me comer com mais voracidade, me castigando em seu grande volume. Sou viciada na dor perversa e gostosa de ser esticada em seu pau. — Veja o salão,

Pietra. Estão todos me vendo comer a minha putinha imunda. Todos sabem que é minha vadia. Sabem que é tão putinha que trepa comigo em qualquer lugar que eu quiser, não é isso, cadela? — Eu choramingo, resfolegando, meu gozo não vai demorar. — Era isso que queria, linda? Meu pau arrombando essa bocetinha na frente de todos eles? — Soca profundamente num golpe brutal e

eu berro mais, completamente fora de controle.

—

Tristan... — gemo seu nome, perdida em meio à devassidão do momento. — Sim, sim, eu amo isso, amo ser sua, amo v... —

Eu paro um segundo antes de me declarar, um pouco de sanidade ainda presente em meu cérebro enevoado. *Eu*

*te amo*. Completo em pensamentos, querendo chorar por não poder dizer como me sinto verdadeiramente. Ele geme gostoso, a boca no meu ouvido, sugando o lóbulo e raspando os dentes. Nos observo no espelho e me congratulo ao ver a expressão de puro êxtase no rosto de T. Recebo-o todo, deixando-o estocar de todo jeito. As mãos seguram meus seios e enchem neles, puxando-os

gostoso, duro.

Então, sai sem aviso e gemo em protesto. Ele abre o riso safado, encontrando meu olhar no espelho.

— Vou revezar agora, como a minha cachorra gostosa pediu — grunhe e esfrega a cabeça gorda em meu pequeno buraco. T segura meus ombros pela frente e relaxo, deixando-o meter em mim. Arfo de boca aberta, recebendo

o eixo longo e grosso, bem devagar. Choramingo, resfolego, já antecipando o prazer do revezamento. Empurra até o fundo e grito, convulsionando toda. Arde muito, mas é delicioso. Puxa quase tudo e enfia profundamente, com força. Eu gemo devastada pela dor e prazer, tombando minha cabeça para trás em seu ombro. Ele passa a comer minha bunda com golpes fundos e duros, me

sacudindo a cada golpe. — Porra, como amo isso, Pietra... — Meu coração canta ao ouvi-lo. Ele vai me amar, tenho certeza disso. Com um gemido alto se retira e volta a meter na vulva. Nós dois gememos de forma indecente com a sensação proibida, suja, por isso mesmo deliciosa. Arquejo, deixando-o socar tudo até o punho. Ele fica ensandecido, cada estocada me levantando do chão.

Muda para o ânus e me come, parecendo fora de si. A mão grande segura meu pescoço pela frente de novo. A outra serpenteia pelo meu ventre até o meio das minhas coxas, encontrando meu montículo inchado e grito ao receber um tapa. — Eu vou gozar, minha gostosa... — geme rouco em meu ouvido, metendo fundo em mim. — Onde quer a minha porra?

— Ah, caralho... — gemo fora de mim também. — Você escolhe, desde que seja dentro de mim.

Tristan ruge, apreciando a minha resposta e continua me comendo com voracidade. Sai, entrando na vulva. Um, dois, três golpes e se vai metendo bruscamente no ânus. Ele se reveza, estocando fundo e duro em um e outro, rugindo com um animal selvagem.

Quando soca em meu ânus e continua me comendo apenas lá, arquejo, e quebrando no segundo orgasmo. O gozo me castiga, ondas de clímax proibido, transgressor, espiralando em meu corpo inteiro. Eu urro pelo prazer insano. T me levanta do chão e soca com vontade em minha bunda, rasgando-me gostoso, duro, do jeito que me arrebata. Seu corpo estremece também e espiralamos

juntos quando começa a esporrar em meu ânus dolorido. Me segura possessivamente, despejando cada gota dentro de mim, como pedi. Sua voz profunda e rouca sussurra sacanagens deliciosas em meu ouvido. Meus gemidos são apenas ganidos agora, completamente drenada de energia. Nossas respirações permanecem alteradas por alguns segundos. Seus

lábios mornos depositam beijos suaves em minhas costas e ombros. Choramingo, sentindo minhas pernas bambas. T sorri e puxa meu queixo, nossos olhares se encontrando. Meu coração é atingido pela beleza do rosto afogueado. A boca sensual. Os olhos escuros intensos, correndo por todo o meu rosto.

— Você é perfeita pra caralho,

tigresa — murmura e sua boca se apossa da minha. É um beijo lento, como se estivesse me agradecendo por ser tão louca quanto ele. — E está muito encrencada comigo porque não vou abrir mão disso que temos.

Meu coração dispara, lágrimas subindo em meus olhos. Ele me ama? É isso que está dizendo? Se retira de mim com cuidado e puxa um lenço de tecido

do bolso do jeans. Ronrono enquanto me limpa delicadamente. Se limpa e se recompõe, guardando o pequeno tecido no bolso de novo. Me levanta gentilmente nos braços e sinto meu rosto corar tardiamente pelo show que acabamos de fazer. Aquele sorriso lento e safado curva sua boca e roça o nariz no meu.

— Tarde demais para cerimônias,

linda — murmura. — Ninguém aqui ficou horrorizado, Pietra. Pelo contrário, estão admirando sua coragem nesse exato momento, pode ter certeza.

—Você me corrompeu, Tristan Maxwell — digo, enlaçando seu pescoço.

— Você estava louca para ser corrompida quando te encontrei, pantera — aponta, me colocando no chão, perto

do banco onde deixei meu vestido. Me ajuda a vesti-lo e rapidamente estou recomposta. Ele pede um champanhe para comemorarmos nossa performance lasciva. — Vamos ficar um pouco por aqui antes de irmos jogar pesado na suíte — anuncia, seus braços enrolando em minha cintura. Eu o abraço pelo pescoço, meu peito quente e cheio de esperança em um futuro juntos. Seu rosto

suaviza e ele traça meu rosto num toque delicado.

— Eu amei cada segundo desses quinze dias, Tristan — murmuro, querendo lhe dizer muito mais, porém, sinto que ainda não é o momento. — Obrigada por me convidar para vir com você.

Seus olhos cintilam e ele abre seu sorriso lindo. Aquele onde posso ver o

verdadeiro Tristan.

— Foi incrível passar esses dias com você, Pietra — murmura de volta. — Vou deixar que escolha nosso destino nas próximas férias. Que tal?

E eu juro, meu coração para. Meu Pai eterno, ele quer viajar comigo de novo! Olho-o apaixonada, não conseguindo disfarçar totalmente meus sentimentos.

— Perfeito — sussurro, lutando para não me denunciar. Ele assente, me fitando intensamente e sua boca toca a minha no mais suave dos beijos. Meu corpo inteiro canta enquanto nos agarramos e nos beijamos gostoso, no tipo de cumplicidade que não é possível ter apenas fazendo sexo casual.

Ah, meu Deus, eu acho que ele me ama.

*Uma semana depois...*

*Rio de Janeiro, Brasil*

# Tristan

Avisto o mar e o aeroporto de

Santos Dumont à nossa frente. O voo semanal para Dubai tem escala de duas horas no Rio e nessa semana H e L estão na cidade, encontrando alguns figurões do ramo da construção de aeronaves. Meu irmãozinho marrento está empolgado com o projeto do seu avião. Marcamos de almoçar juntos enquanto aguardo para decolar rumo a São Paulo. Quando abro a boca para me comunicar

com meu Primeiro Oficial e iniciar os procedimentos de pouso, uma nuvem de pássaros atravessa a nossa frente. Não demora muito um solavanco sacode a aeronave. Meu sangue gela nas veias.

— Porra! Os malditos pássaros se chocaram contra as turbinas! — aviso a meu parceiro, que arregala os olhos, alarmado.

— Talvez consigamos alcançar a

pista, comandante! — diz, mas sabe que não temos tempo e isso se confirma quando todas as luzes de emergência começam a piscar.

— Não haverá tempo! Avise a torre de controle, Primeiro Oficial — digo, forçando meu tom controlado, mas por dentro estou em pânico. — Faremos uma amaragem.[12] Nossas chances de sobrevivência ao impacto serão maiores

pousando no oceano — oriento e em seguida, aciono a comunicação com a tripulação. Pietra atende:

— Comandante — ela está apreensiva.

— Nossas turbinas foram danificadas, comissária-chefe. Oriente os passageiros para os procedimentos de amaragem — ela ofega audivelmente na linha. Meu peito aperta, medo real de

não sobrevivermos a isso, me invadindo. Medo pela vida de meus passageiros. Medo pela vida dela, essa garota que faz meu coração aquecer a cada vez que a vejo. — Cuide-se, Pietra. Proteja-se! — digo mal contendo o desespero em minha voz.

— Vai dar tudo certo, comandante. Se alguém pode pousar essa aeronave em segurança, esse é você — me diz em

tom firme, mas posso sentir o medo em sua voz. — Cuide-se também, Tristan. Por favor, proteja-se!

E eu desligo empurrando o manche, forçando o nariz da aeronave para baixo. Carlos, meu Primeiro Oficial está se comunicando com os controladores de voo. Os motores começam a falhar e não posso me dar ao luxo de ser paralisado pelo medo,

preciso colocar em prática os anos de treinamento para situações graves como essa.

— Religando Unidade Auxiliar de Energia! — aviso em voz alta. Isso me dará forças para tentar pousar o avião na água. Os motores perdem completamente a potência e engulo em seco, meu coração bombeando sangue com rapidez. Porra, não posso morrer aqui!

Não agora! Não posso deixar quase 300 vidas serem ceifadas por causa de um bando maldito de pássaros! — Preparar para a amaragem! — digo, já sem conseguir esconder o horror absoluto em minha voz. As águas escuras do oceano vão ficando cada vez mais perto. Perdemos altitude rapidamente. — Acionando ditching! — aviso, apertando o botão no painel superior, que prepara

a aeronave para pousos forçados na água. Me encho de terror quando o computador me mostra o tempo de pressurização: apenas dez minutos. Porra, porra! A função foi danificada pela pane elétrica. Torno a chamar a tripulação, agora meu tom é alterado, embora ainda tente passar tranquilidade para todos, cujas vidas se encontram sob a minha responsabilidade. —

Comissários e passageiros, teremos apenas dez minutos para evacuar a aeronave após o pouso! Fiquem a postos! Mantenham-se calmos e sigam os procedimentos à risca! Nós vamos conseguir!

Rogando a todos os santos, eu ainda tenho tempo para nos dirigir até a área próxima às embarcações, onde teremos mais chances de um resgate com

a rapidez que precisamos. O avião vai afundar depois de malditos dez minutos! A HTL já deve estar mobilizando todos os órgãos para nosso socorro, tenho certeza disso. Com esse último pensamento, eu mergulho o avião, as águas escuras se agigantando embaixo de nós, como um monstro feroz e ameaçador, pronto para nos engolir. Praticamente me penduro nos manches,

plainando a aeronave para pousarmos de barriga. Essa é a orientação para amaragem.

— Preparem-se para o impacto! — aviso a todos e então, nos chocamos na superfície do oceano. Bato a cabeça contra o painel com o impacto. É um baque forte, mas se todos seguiram o protocolo, ninguém ficará gravemente ferido. Expiro, soltando os manches,

aliviado por conseguir pousar, mas aflito porque agora vem a segunda parte complicada: evacuar todos os passageiros antes que o avião afunde. — Rápido! Vamos ajudar a evacuar! — convoco Carlos e vestimos nossos coletes salva-vidas, saindo da cabine. Como eu suspeitava, os passageiros estão em pânico e os comissários tentando acalmá-los. Meus olhos

vasculham a agitação até que localizo Pietra. Ela está orientando uma fila numa das saídas de emergência para a asa direita. Os outros comissários estão orientando mais passageiros a descerem pelos escorregadores infláveis nas duas portas. Carlos e eu nos colocamos a tentar acalmar os mais histéricos. Um homem está gritando como um louco e abre a porta na parte de trás do avião e

tudo fica pior quando a água começa a entrar por lá.

— Acalme-se, senhor! Venha colocar o colete antes de descer pelo escorregador! Não é seguro deixar o avião desprotegido! — Pietra grita, mas ele parece em transe. Eu vou até lá, vestindo-o com o colete e empurrando-o para Carlos, que o encaixa na fila de um dos escorregadores.

— Vamos, pessoal! Rápido! Coloquem seus coletes e procurem uma das saídas seguras! — grito, ajudando um e outro. A água começa a chegar até meus pés e vai subindo o nível. O pânico cresce, mas procuro não me deixar paralisar, continuo protegendo-os com os coletes e empurrando-os para as saídas.

— Um barco está chegando!

Graças a Deus! — Pietra exclama e os passageiros gritam, agora com esperança.

Trocamos um olhar rápido, mas significativo. Deus, ela é incrível! Sei que deve estar aterrorizada, como também estou, mas mantém a calma exterior, fazendo o seu trabalho excepcionalmente bem, como sempre. Em instantes, estamos cercados por

barcos, como previ. Graças a Deus! A tripulação continua escoando a aeronave. A água avança ameaçadoramente até a minha cintura. Os assentos dos bancos boiam, ainda há algumas pessoas. Oito minutos se passam e o avião começa a ser sugado pelas águas profundas. A partir desse momento as coisas tendem a ficar mais feias. Nos apressamos, enviando os

restantes para fora. Visto o colete numa mulher que está histérica, pedindo para que salvem sua filha. Eu a tranquilizo de que todos serão salvos. Ouço as vozes de H e L e eles apontam em uma das saídas de emergência na asa esquerda. Mesmo em meio ao pânico, a presença deles me enche de alívio. Eles passam para dentro.

— T, venha, irmão! O avião está

afundando, caralho! — O desespero na voz de H é o mesmo no rosto de L.

— Levem essa senhora em segurança, irmãos! Eu vou buscar sua filha! — grito, empurrando a mulher para eles.

— T, a maldita coisa está afundando, se apresse! — L ruge atrás de mim.

— Vão, porra! Já estarei com

vocês! — grito, não parando de correr para os fundos. Encontro a menina aparentando uns cinco anos, sentada, toda encolhida, parecendo em estado catatônico. Eu a livro do cinto e a pego nos braços. — Tudo vai ficar bem, querida, eu prometo! — digo, trazendo-a contra o meu peito, mas contrariando minhas palavras, um rugido assustador ecoa em meus ouvidos e então, a

pressão da água vem com tudo, nos arrastando com força para a frente do avião.

Estamos sendo arrastados pela corrente marítima e em poucos segundos, o avião vai estar submerso. Prendo a respiração e aperto a menina contra mim, tentando nadar com apenas um braço. Não sou tão rápido e logo a escuridão vai substituindo a luz do dia

conforme somos engolidos pelo oceano. A menina se debate, provavelmente se afogando. Oh, meu Deus! É o nosso fim! Tento acelerar os movimentos do meu único braço, bato as pernas auxiliando o nado e é com absoluto horror que vejo, não vai funcionar. Vamos morrer os dois. Meus pulmões começam a queimar e eu sei que sim, esse é o meu fim. Pietra. A imagem dela surge em minha

mente, linda, alegre. Nunca mais a verei. Uma tristeza profunda me toma ao pensar que nunca mais estarei com ela. Pietra. Chamo-a em pensamentos, meu peito comprimindo em agonia. Quando minhas forças estão se esvaindo, dois corpos grandes me cercam e sou içado em direção à superfície. Eu tusso quando nossas cabeças apontam fora.

— Seu filho da puta! Não ouse me

dar mais um susto desses! — A voz de H está desesperada.

— Porra, cara, você é um idiota, sabia disso? — L resmunga, mas posso sentir seu pavor sob a casca marrenta também.

— A criança! Salvem a criança! — peço, sem forças enquanto somos puxados para um dos barcos de resgate. Bombeiros paramédicos se encarregam

do pequeno corpo, colocando-a no chão e iniciando a massagem cardíaca e respiração boca a boca. Segundos angustiantes se passam e nenhuma reação, até que finalmente a menina tosse e engasga, colocando para fora a água que havia engolido. Expiro, me sentindo drenado de todas as forças. — Graças a Deus! — exclamo, passando as mãos pelo rosto e só agora percebo um

galo em minha testa. Droga, a pancada no impacto do pouso. Um cobertor grosso envolve meus ombros e me sinto momentaneamente atordoado. O efeito pós adrenalina, acho.

— Você precisa ir para um hospital, mano. — H passa um braço por cima dos meus ombros. Me sinto como quando éramos pequenos e ele me protegia. — Você me deu um susto do

caralho, T. Não faça mais essa merda.

— Pietra, onde ela está? — pergunto, meus olhos correndo pelo barco, notando que não está nesse.

— Foi levada em um dos helicópteros para o hospital e...

— Ela se feriu? Por que diabos só está me dizendo isso agora, irmão? — rosno e minha cabeça dói. — Porra. — Coloco a mão no galo.

— Ela teve um corte na perna. Não é nada grave, fique tranquilo, cara — L informa, seu tom livre de sarcasmo. — Agora, vamos para a porra de um hospital você também.

— Me levem para o mesmo hospital. Preciso vê-la — peço com urgência e meus irmãos me encaram com expressões suspeitas.

— Certo, Romeu — L torna, sua

ironia voltando.

— Cale a boca, bastardo — gemo e H ri. Há diversão, mas há também alívio no som de sua risada.

— Porra, você acabou de me dar mais cabelos brancos, mano — meu irmão mais velho reclama.

— Obrigado por terem vindo por mim, H, L. — Os encaro, me sentindo ainda emotivo, mexido pela situação de

vida e morte que acabei de vivenciar.

— Eu não tinha outro lugar para ir, mano. — L dá de ombros, mas fica sério em seguida. — Você é um idiota falastrão, mas é o meu irmão, então, eu vim.

Ele não diz mais nada. Logan não é muito eloquente. Não no que se refere a sentimentos, pelo menos.

— Graças a Deus estamos aqui no

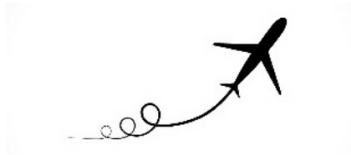
Rio hoje — H murmura. Ele não era temente a Deus, mas essa foi uma das coisas que Sofia mudou nele. Seus olhos azul-gelo seguram os meus e noto que estão vermelhos. Meu irmão mais velho durão esteve chorando? — Sempre estarei com você, irmão. Não importa o que, sempre pode contar comigo. — Seu olhar vai para L, que franze o cenho. — Você também, idiota. É meu irmão, meu

sangue e sempre estarei contigo também.

Merda. Agora ele pegou pesado. L engole em seco e rola os olhos.

— Foda-se, vocês parecem duas bichinhas sentimentais — zomba. Mas posso ver que o alcançamos de alguma forma. Ele está aqui porque ficou preocupado. Porém, não vou forçar meu irmão marrento a reconhecer isso agora. Teremos tempo para isso. Nosso vínculo

está ficando cada vez mais forte. Ele vai ceder em algum momento.



Já passava das 21h quando passei pela porta da minha casa. Eu tive que ficar em observação por causa da pancada, prevenindo uma concussão. Pietra teve um pequeno corte na panturrilha, nada grave, graças a Deus. Das 286 pessoas a bordo, sendo 278

passageiros e 8 tripulantes, ninguém se feriu gravemente. As embarcações próximas de onde consegui pousar foram a nossa salvação. Do contrário, teria sido uma tragédia, visto o tempo mínimo de pressurização que tínhamos. A aeronave foi para o fundo assustadoramente rápido. Nenhum treinamento é capaz de nos preparar para tal perigo real. Todavia, tentei

lançar mão de tudo que aprendi ao longo dos anos. Minha tripulação foi impecável também. Conseguimos fazer bem nosso trabalho e zelamos pelas muitas vidas sob a nossa responsabilidade. O pai da menina que salvei me procurou no hospital e me agradeceu pessoalmente. Estava muito emocionado e queria, inclusive, me recompensar financeiramente. Acho que

ele não havia entendido que sou um dos donos da companhia. Neguei a recompensa e disse-lhe que apenas cumpri com o protocolo da minha profissão. Em casos de acidente, se o comandante estiver em boas condições físicas, este deve ser o último a deixar a aeronave.

Entro no elevador com Pietra. A observo através da parede espelhada.

Ela está calada desde que deixamos o hospital e meu piloto nos trouxe em meu jato particular para São Paulo. Na verdade, a encontrei chorando quando entrei no quarto onde também estava sob observação. É claro que é compreensível. Porra, passamos por momentos aterrorizantes hoje. Vai demorar um tempo para todos nós voltarmos ao normal.

— A perna está incomodando? — pergunto, enrolando meu braço em sua cintura. Seus olhos esverdeados encontram os meus através da parede espelhada. Parece que há algo mais lá, não sei bem o que é.

— Não. Estou bem agora — murmura, abrindo um pequeno sorriso que não me convence. O elevador para e a levanto nos braços, passando para o

corredor. — Estou bem, T, sério.

— Fique quieta e me deixe cuidar de você, tigresa — murmuro. Aquela tristeza profunda que senti quando pensei que ia morrer e nunca mais vê-la, me abalou de alguma forma. Eu só quero ficar perto dela agora. Empurro a porta do meu quarto e entro, levando-a direto para a cama. Deposito-a suavemente e ela suspira, seus olhos se enchem de

lágrimas e os desvia. Pego seu queixo com delicadeza, fazendo-a me fitar de novo. — Shhh, já passou. Você foi maravilhosa, Pietra. Ajudou a salvar tantas pessoas.

Ela acena, sua mão levantando para o meu rosto. Vejo uma emoção diferente cintilando em seus belos olhos. Há uma suavidade em seu olhar, já tem um tempo que percebo isso, na verdade.

— Sem um pouso perfeito não teríamos nenhuma chance — murmura embargada. — Você que foi maravilhoso, Tristan. — Suas lágrimas caem pela face e fico um tanto assustado, pois, nunca a vi chorando antes. Pietra é uma garota durona. — Tive tanto medo quando o avião afundou com você lá dentro. — Suas palavras são genuínas, eu sei disso, sinto em meu

coração.

— Também tive medo quando comecei a afundar — sussurro asperamente, encostando minha testa na sua. Deus, o que é isso que sinto por ela, com ela? É forte demais. Não me vejo mais sem essa garota. Quero-a comigo o tempo todo. — Seu rosto foi a última coisa que vi quando fechei meus olhos, achando que ia morrer. Eu chamei por

você, Pietra. Tudo que pensei e senti foi uma tristeza profunda porque nunca mais estaria mais com você. — Ela chora mais, soluçando. — Shhh, não, linda, não. — Me deito ao seu lado e a puxo para os meus braços. — Descanse agora. Eu vou cuidar de você. — Beijo sua têmpora.

Ela suspira e beija meu peito, sussurrando algo inteligível. Eu olho

para o céu através da claraboia e não demora muito Pietra adormece. Aqui, segurando-a junto a mim percebo como tem sido fácil estar com ela, confiar nela. E de repente, percebo outra coisa: estou a caminho de entregar meu coração e confiança nas mãos de uma mulher de novo. O pensamento faz meu corpo estremecer e não de uma forma boa. Consigo confiar numa mulher de

novo? O medo volta a me assolar e me sinto de certa forma acuado pela evolução do meu relacionamento com Pietra. Um relacionamento que era para ser casual. Em qual parte do caminho me perdi? Pergunto-me agitado e incomodado com os pensamentos e sentimentos conflitantes dentro de mim. Olho seu rosto adormecido e meu peito aperta. Talvez eu tenha deixado isso ir

longe demais, porém, não posso, não quero deixá-la.



# Capítulo 12

# Tristan

— Feliz aniversário, bonitinha! — murmuro, envolvendo minha cunhada num abraço carinhoso. Sofia sorri, os olhos verdes brilhantes e felizes quando levanta para me encarar.

— Obrigada, T — murmura, me dando um beijo na bochecha.

— Parabéns, Sofia! — Pietra diz e Sofia me larga, recebendo o carinho de

sua nova amiga.

— Obrigada, Pietra. — Sorri, as duas se abraçando afetuosamente. Elas têm estreitado muito os laços. Isso traz de volta os sentimentos conflitantes que estão me assolando desde o pouso forçado na água, há quase duas semanas. Pietra foi ao médico e após exames foi detectada uma bactéria estomacal. Está de atestado, fora das escalas. Também

não voltei a voar, cumprindo o protocolo em casos de acidente, tendo sessões chatas pra caralho com um dos psicólogos da companhia. É o procedimento, para detectar TPT, Transtorno Pós Traumático. Na verdade, toda a tripulação está sendo assistida por esse serviço, bem como os passageiros. Eu não fiquei danificado. Bufo. Não mais do que já sou...

Entretanto, desconfio de que Pietra tenha ficado, pois tem estado um tanto estranha depois daquele episódio. Bem, para ser sincero, nós dois estamos. A percepção de que me envolvi demais quando era parar ser apenas casual tem martelado minha mente desde então. Sei que não posso dar o tipo de relacionamento que ela quer, mas sou egoísta demais para libertá-la, no

entanto.

— Você está bem? — Sua voz me tira da divagação quando entra em meu abraço de novo. Viro a cabeça, meus olhos encontrando os seus e quase rosno. Porra, como é linda. Esses olhos esverdeados brilham com preocupação para mim. Está tocada por mim como estou por ela. É nítido e assustador essa merda. Está linda numa calça preta justa

e uma de suas regatas de seda vermelha. É impressão minha, ou seu corpo parece ter ganhado mais curvas? Os seios estão maiores? Também, a garota come como um estivador. Não é para menos. Meio que rio disso. Adoro vê-la comendo. As outras garotas com quem estava acostumado comiam apenas alface na minha frente. Era deprimente, para ser sincero.

— Estou bem. Você? — murmuro, enlaçando sua cintura nua, mantendo-a colada em meu corpo.

— Bem também — sussurra. Mas posso ver aquele brilho furtivo que desmente suas palavras. Somos dois mentirosos.

— Ei, me devolvam a minha mulher! — A voz de H me faz olhar para a interação à nossa volta. Meu irmão

está puxando Sofia dos braços de L, que tem um sorriso irônico em sua cara.

— Pare de ser bobo, amor. — Sofia ri, envolvendo o pescoço do marido. Os dois se olham com tanto amor e paixão que o ar fica carregado na sala. H e minha avó organizaram um jantar íntimo para comemorar os dezenove anos da bonitinha. Muito jovem, não é? Nem acredito que aquela

menina franzina e um tanto assustada se transformou nessa mulher forte que está na minha frente. Foi uma longa jornada para ela. Para ela e meu irmão, na verdade. Sinto uma coisa esquisita no peito, de repente me pergunto se posso ter isso que eles têm. E isso me incomoda porque nunca quis nada parecido para mim. Sempre apreciei ser bicho solto. Que diabos há comigo? —

Heitor... Obrigada por essa noite. — Sofia faz meu irmão durão amolecer completamente quando sussurra: — Eu te amo tanto, amor.

— Neném... — Sua voz é emocionada, tocando o rosto da esposa suavemente, sem se importar com a nossa presença. Seu olhar declarando seu amor antes de suas palavras: — Não mais do que eu a você, Sofia. Te amo

demais, bebê. Demais.

Eles se beijam. Assobio, e logo palmas e risos soam em nosso círculo.

— Um brinde a aniversariante! — Lígia sugere e a encaro. Ela está com um sorriso verdadeiro no rosto, percebo. A garota também tem estreitado laços com Sofia. A bonitinha é danada, não há quem não caia de amores por ela, estou dizendo. Mesmo Lígia, uma cadela

aparentemente fria, não é imune aos seus encantos.

— Você conseguiu escapar da coleira hoje, querida? — soa a voz jocosa de L. Eu o encaro. Porra, eles vão começar a sua merda. Meu irmãozinho levanta uma sobrancelha zombadora para a garota.

— Só me dirija a palavra sobre questões profissionais, seu babaca —

ela rebate, toda a simpatia indo embora do seu rosto quando desvia a atenção para L. Meu irmão sorri lento e satisfeito por tirá-la do sério, como sempre.

— Seria mais fácil não é, patricinha? — Os olhos de L ficam perversos quando murmura com algum significado escuso: — Mas já sabe que não é minha intenção facilitar nada para

você.

— Do que está falando, cara? Não gosto da forma como trata a minha irmã — Alberto intervém, sua expressão nada amistosa para L. Luciana parece tensa ao lado do noivo. — Respeite-a, ela é sua advogada e...

L leva o olhar fulminante para Alberto e os dois travam um concurso de mijadas.

— Isso é entre mim e Lígia. Aprecio se ficar na sua, cara — range.

— Eu sei me cuidar, Beto — Lígia apazigua seu irmão. — Esse idiota não me incomoda.

— Foda-se, cadela. — L parece ainda mais irritado com Lígia e franzo a testa.

— Bandidinho de quinta — ela atira punhais de volta.

— Ei, ei, vamos acalmar os ânimos — H intervém, sua expressão fechada e intrigada. — A noite é de Sofia. Amanhã podem voltar a se odiar, eu não me importo.

Lígia expira, e acena para H e Sofia.

— Desculpe Sofia — pede, parecendo envergonhada.

L respira fundo e, também se

desculpa:

— Porra, foi mal, Sofia.

— Tudo bem, tudo bem. — Sofia abre um pequeno sorriso apaziguador. H ainda continua com cara de poucos amigos para L e Lígia. Mas isso é esquecido quanto nossa avó se aproxima do nosso círculo, trazendo Theo nos braços. Ela foi trocar a bagunça que o pequeno fez na fralda há alguns minutos.

— Pronto, esse meninão bonito da bisa já está novinho em folha! — vovó anuncia e meu afilhado estica os braços na direção de sua mãe.

— Ei, meu amor. Vem com a mamãe! — Sofia chama e o menino balbucia, se agitando no colo de vovó. — Você gostou dos cuidados da bisa, meninão lindo? — Theo sorri e agarra o pescoço de Sofia quando ele o toma nos

braços. Ele está cada dia maior e mais forte. Está com cinco meses. Porra, o tempo passa tão rápido. Apenas outro dia esse menino era um recém-nascido com cara de joelho. Eu rio, meu peito sendo invadido pelo sentimento bom que sempre me invade quando vejo meu sobrinho. Sei que ele é o mais próximo que chegarei de uma criança.

— É claro que gostou. Ele ama ser

paparicado, não é, filhão? — H se põe a brincar com o filho e novamente me vem aquela sensação estranha. Posso ter algo assim um dia? Sofia sorri observando H e Theo interagindo e é visível o amor que sente pelos dois. Eles se olham e trocam declarações de amor silenciosas.

— O jantar está servido, senhor. — A voz de Rosa vem da porta da sala de jantar.

Nós jantamos num clima amistoso pela próxima hora. Rosa trouxe o bolo confeitado como sobremesa e Pietra caiu de boca. Minha avó me observava com o cenho franzido em alguns momentos. A mim e Pietra. Após o jantar, fomos tomar um drink na varanda de frente para o lago. Uma das babás levou Theo para dormir e seus pais puderam voltar suas atenções um para o

outro. Pietra está conversando com Lígia do outro lado, perto do parapeito. Enquanto Lígia toma uísque, a tigresa toma espumante sem álcool devido a bactéria estomacal.

— Há uma tensão entre você e Pietra que não havia antes — minha avó murmura, se sentando do meu lado num dos estofados de frente para onde H e Sofia estão sentados de mãos

entrelaçadas.

— A senhora está enganada. Não há...

— Não tente me enganar, menino — dona Magnólia adverte. Seu tom baixo, apenas para os meus ouvidos, aproveitando que H está envolvido numa conversa com Alberto e Luciana. L para variar, está sentado na ponta do sofá, seu olhar cravado em Lígia.

— Estamos bem, vovó — minto, encarando minha avó. Seus olhos astutos olhos castanhos me estudam e estreitam devagar. Levanta uma mão para o meu rosto e aprecio o toque carinhoso.

— Não faça nada para afastar Pietra, Tristan. Essa garota te faz feliz, meu filho — diz com seriedade e preocupação. Ela me conhece bem demais e sabe que estou em conflito, e

sim, à beira de fazer algo estúpido para provar meu ponto.

— Vovó, nosso relacionamento continua sendo casual — digo em tom baixo também.

Seu rosto fica ainda mais preocupado e ela meneia a cabeça, murmurando:

— Você está enganando a si mesmo, meu menino. Por favor, pense

bem antes de fazer qualquer coisa que posso magoar sua garota bonita. — Suspiro e aceno apenas para tranquilizá-la. — Você consegue.

— Consigo o quê? — inquiro intrigado.

— Ter o que Heitor encontrou com Sofia, filho — me diz com seus olhos ternos e sábios. — Você quer isso. Aqui dentro — coloca a mão sobre o meu

coração —, você deseja isso.

— Não, não — nego e ela coloca um dedo em minha boca.

— Shh, você pode, meu menino. Você consegue, filho — me diz com uma certeza que me deixa mexido.

Eu não acho que posso. Contudo, não digo a ela. Minha avó está vendo tudo com óculos cor de rosa desde que H se acertou com Sofia. Ela se inclina e

me beija na bochecha antes de se levantar e cruzar o espaço em direção a Pietra e Lígia. As duas a recebem com sorrisos suaves e genuínos. Eu me levanto também e volto para dentro da casa, indo para outra varanda menor de frente para o jardim lateral.

— Que merda há com você, cara? — L resmunga se debruçando na balaustrada do meu lado. Porra, está tão

claro assim que não estou bem?

— Não é nada — retruco. — E você? Também não está com uma cara boa.

Ele bufa e toma um longo gole da sua cerveja.

— Não suporto mais aquela cadela do caralho — ruge e não precisa ser um gênio para saber de quem está falando.

— O que a malvada Lígia fez dessa vez, mano? — zombo e ele rosna.

— Ela é uma mentirosa do caralho — resmunga. Olho de lado, vendo que está realmente irritado com a irmã de Alberto. — Lígia não é quem vocês pensam...

— O que quer dizer com isso, L? — Franzo a testa, toda a atenção nele agora.

Ele expira e toma mais um gole da cerveja.

— Nada. Foda-se — torna a resmungar. Bebo meu uísque também e ficamos em silêncio pelos próximos minutos, até que ele se vira para mim e me estuda com seus olhos escuros intimidantes. — Pietra está bem? Tenho notado uma espécie de tensão nas últimas vezes em que nos vimos.

L jantou conosco uma vez lá em casa e fomos encontrá-lo para uma bebida há dois dias. Ele tem abaixado a guarda com a tigresa ultimamente. Talvez por pensar que era algo mais sério. Porra, eu enviei sinais mistos para todos. Confundi a todos, inclusive a mim mesmo. Quando foi que permiti que as coisas saíssem do casual cruzassem as fronteiras proibidas? A resposta é

nunca. Mas isso com Pietra foi se tornando cada vez mais intenso, íntimo. Meu corpo gosta muito. Caralho, demais, porém, meu cérebro ainda se recusa a aceitar porque não quero algo sério. Não consigo. Minha avó está errada, eu não consigo confiar a esse ponto. Sei que Pietra criou expectativas. Eu sou o culpado por nos afundar mais e mais nessa coisa. Uma coisa boa, mas

que talvez precise acabar. Para o bem dela, inclusive.

— Acho que está com algum TPT depois do pouso forçado. — Dou de ombros.

Ele acena e passa uma mão pelos cabelos.

— Ela está vendo um psicólogo? — pergunta com interesse.

— Sim, toda a tripulação está. —

Me viro de frente para ele. — Estou liberado para voltar à ativa na próxima semana.

Seus olhos me sondam com uma expressão séria.

— Você tocou naquele assunto com o psicólogo, mano? — pergunta e meu rosto se fecha imediatamente.

— Não. Minhas sessões não têm nada a ver com aquela merda. São sobre

o pouso forçado e se estou em condições de voar de novo sem nenhum risco para meus passageiros. — Eu bato meu copo no parapeito, o vidro quase quebrando. Porra. Odeio mencionar aquela merda. — Não tenho outro problema que precise de um fodido psicólogo — ranjo os dentes.

L balança a cabeça em negativa.

— Permita-me discordar, irmão.

— H se coloca do meu outro lado. — Você precisa voltar a falar sobre aquela merda com um profissional.

— Não preciso porra nenhuma — replico, irritado com os dois agora. — Você sabe muito bem que fiz anos de terapia e nada foi suficiente para melhorar as coisas. Não há nada que eles digam que possam mudar o fato de que meus pais me foderam além da

reparação.

— Você abandonou a terapia e me arrependo muito de tê-lo apoiado nisso, mano — H diz com pesar e me viro para encará-lo. Ele está sério. — Como seu irmão mais velho, devia ter insistido para que não abandonasse, T. Mas naquela época eu não era uma boa pessoa. — Seu rosto torce com o que parece ser remorso ou vergonha, não

sei. — Eu só me importava comigo mesmo.

— Não é verdade — nego e ele pega meu ombro, apertando-o. Agora consigo enxergar claramente seu afeto por mim. H não se esconde mais como antes.

— É sim, você sabe disso. Eu devia tê-lo ajudado a enfrentar e vencer esse fodido trauma, em vez disso, te

apoiei quando não quis mais fazer a terapia.

— Eu quis parar, não foi culpa sua, H — ranjo.

— Eu devia ter insistido. Mas não vi o quanto ainda estava afetado porque era um egoísta de merda. — Ele parece verdadeiramente angustiado. — Hoje vejo tudo claramente porque Sofia me fez um homem, uma pessoa melhor. —

Seus olhos azul-gelo me cravam e adiciona: — Vejo quanto ainda se segura por não confiar nas pessoas. Em Pietra.

— Minha relação com Pietra é casual — aponto, me sentindo leviano pra caralho.

Ele continua me sondando, os olhos estreitando-se como fez nossa avó, minutos antes.

— Não faça nenhuma merda para

afastá-la, T — adverte. — Ela pode ser boa para você. Ela *é* boa para você, mano.

— Não quero falar sobre isso, H — digo sucinto e ele rosna, mas acena, tomando um gole do seu uísque.

— E quanto a você, idiota? Quando vai parar de agir como um adolescente em torno de Lígia? — Leva sua atenção para L, que bufa em

resposta. — Foda-se, você pode pelo menos fingir que é educado?

— Eu não sou educado, irmão. Pensei que já tivéssemos esclarecido essa merda — o marrento retruca com sarcasmo.

H grunhe.

— Porra, que diabos eu fiz para ter dois irmãos cabeças duras?

Eu e L bufamos para o seu drama.

— Pare de ser uma bichinha dramática, irmão mais velho — L zomba.

Meu telefone toca, anunciando uma mensagem. Eu o pego do bolso e vejo o nome de Pietra na tela. Abro a mensagem:

***Tigresa:*** *Onde você está? Estou pronta para ir embora. Estou meio enjoada hoje.*

Merda. E tudo que estive pensando vai pelo ralo. Só quero levá-la para casa, a minha casa, e cuidar dela. Porra, estou tão fodido, não é? Queria ter forças para deixá-la em sua casa e seguir para a minha, mas não tenho. Cada vez que me afundo nela é a coisa mais perfeita que já experimentei e como um fodido egoísta, não quero parar de sentir o que só sinto com ela.

***T:*** *Estava conversando com meus irmãos. Já estou indo.*

Quando guardo meu celular, meus irmãos estão com sorrisos irônicos estampados em suas caras. Eu rolo os olhos.

— Pietra? — L indaga, como o idiota intrometido que é.

— Sim — ranjo os dentes.

Ele gargalha. H também ri

baixinho.

— Pare de bancar o idiota e não faça nenhuma merda, cara — torna a me alertar.

— Eu já vou. Pietra não está se sentindo bem e...

— Claro, mano, vá cuidar da sua garota — L diz condescendente. Eu lhe atiro um olhar feio.

— Foda-se, seu bastardo —

retruco.



Entramos em meu quarto alguns minutos depois, e ando devagar atrás de Pietra, babando no corpo de curvas perfeitas. Deus, amo essa bunda grande e arrebitada nessas calças apertadas que adora usar para me enlouquecer. É linda demais e sim, estou completamente fodido aqui. Ela vira de frente para mim

e sorri, puxando a regata por cima da cabeça. O sutiã meia-taça mal contendo o volume dos seios. Meus olhos famintos correm pela barriga reta, o umbigo fundo, lindo. Tudo nela é milimetricamente perfeito. Meu pau se anima diante da minha garota atrevida. Tudo pode estar estranho desde o incidente com o voo, mas o sexo continua quente, avassalador. Fodemos

todo dia, aproveitando que não temos voado. É um vício do qual não abrimos mão. Estamos perdidos. Ela se livra dos sapatos de salto alto no carpete e abre o zíper da calça, descendo-a pelas coxas.

Começo a me livrar das minhas roupas também, enquanto vou devagar em sua direção. Em instantes estamos nus, e eu a alcanço, levantando-a pela bunda. Suas pernas me abraçam pela

cintura e nossas bocas se encontram num beijo gostoso, cheio de tesão. Um desejo que nunca fica velho, nunca vai embora por mais que o conflito esteja dentro de mim. A levo para a cama e adoro cada centímetro de seu corpo antes de entrar nela.

— Tem certeza de que está bem para fazer isso? — pergunto, cobrindo-a com meu corpo, meu pau em sua entrada

cremosa.

Ela sorri, os olhos brilhantes, cheios daquela expectativa que tenho visto ultimamente.

— Para você, sempre estarei bem — murmura e eu rosno, empurrando tudo em seu canal quente e apertado. O veludo acolhedor que me enlouquece, me abriga, ameaçando me estragar para outros corpos.

— Porra, eu nunca me canso disso — resmungo e seguro seu rosto dos lados, meus olhos presos aos dela.

— Eu também não — ela murmura, recebendo minhas estocadas fundas. — Tristan... — Ela me fode completamente quando geme meu nome assim. Eu rosno, beijando-a com desespero, possuindo-a e ao mesmo tempo deixando-a me possuir. Sim, nós

fomos longe demais...

Gozamos juntos alguns minutos depois e ela adormece em meu peito, uma constante nos últimos dois meses. Fico olhando o céu acima de nós através da claraboia e após alguns instantes, me levanto da cama. Estou inquieto hoje. Mais do que nos outros dias. Pego meu robe e visto, olhando-a dormir tranquilamente em minha cama. Cubro-a

com o lençol, pego meu celular e desço para o térreo, para a minha biblioteca. Aprecio a leitura, mas aqui também guardo o meu violão. Eu toco como hobby. Foi a única coisa boa que minha terapia me trouxe. A minha psicóloga sugeriu adquirir alguns hobbies para me distrair da minha merda e acabei gostando quando me introduziu em um grupo que usava a música e instrumentos

como terapia. Aprendi a tocar violão e acabei pegando gosto pelo canto também. Ninguém sabe disso, porém. É o meu segredo. Bem, Pietra me viu cantando naquele bar em Amsterdã. Então, ela de certa forma viu esse meu outro lado. Mas esse hobby é algo que guardo apenas para mim, para me acalmar quando estou inquieto, como hoje. Me sento no divã perto da janela e

me ponho a dedilhar uma melodia qualquer.

Estou na terceira música quando meu celular toca no bolso no robe. Eu paro de tocar e pego o aparelho. É uma mensagem de Anita. Ela tem me cercado nesse último mês. Principalmente depois que escancarei meu relacionamento com Pietra. Abro a mensagem e porra, a cadela está pegando pesado. É uma foto

dela nua, as pernas abertas, mostrando a boceta, o corpo escultural que tanto me deu prazer. Eu sou apenas um cara, ok? A cadela é bonita, gostosa, claro que como homem gosto dessa imagem. Não me venham com lição de moral. É apenas um reflexo normal para homens, sinto se isso as decepciona, mas é assim que somos. Em minha defesa, posso dizer que não me sinto atraído por Anita

como era antes de Pietra. Nenhuma outra me atrai como Pietra, essa é a maldita verdade. Exatamente por isso me permiti ir tão longe com ela.

Mais fotos chegam e rosno. A cadela está nua em várias poses, de quatro, usando um vibrador, os olhos de puta safada me convidando para fodê-la através da câmera. Eu bufo e estou voltando para o meu violão quando o

celular toca. O nome da cadela aparecendo na tela. É uma chamada de vídeo. Pondero se atendo. Sei que estão me xingando agora, mas novamente sou homem, então, eu atendo. Em instantes, vejo seu corpo nu, esparramado sobre a cama. É a cama de uma de minhas coberturas de foda. Ela tem a chave dessa. Faço uma nota mental para recolher a chave.

— Oi, meu gatão — Anita diz cantarolando, um copo de uísque em sua mão enquanto a outra aproxima o celular dos seios, barriga, a boceta depilada do jeito que gosto. — Estou morrendo de saudade do meu macho gostoso... — O foco volta para o seu rosto. Sim, ela é linda. — Venha me encontrar, T. Por favor, vem me comer, meu garanhão. — Lambe os lábios lentamente. — Estou

morrendo de saudade do tempo em que fazia tudo o que queria comigo, quando e onde queria...

— Anita — digo sucintamente.

— Uh, tão frio. O que houve com meu garanhão? — Ea se espalha na cama, arqueando as costas, o corpo nu me tentando, não vou negar. Anita sempre foi uma boa foda. Porém, prometi a Pietra que não usaria meu

harém enquanto estivéssemos juntos e estou cumprindo.

— Estou com Pietra, Anita, você sabe disso — me vejo dizendo e rolo os olhos para mim mesmo. Pareço um maldito pau mandado!

— Sim, eu sei. — Ela faz beicinho. — Vamos, T, não está sendo sério sobre fidelidade, não é? — Sorri mais sedutora, voltando a focar a

câmera pelo torso e boceta nua, abrindo bem as pernas. Meu pau sofre um espasmo, é involuntário. — Não seja malvado comigo. — Volta a focar seu rosto de cadela safada e lambe os lábios de novo: — Ou seja, você sabe que amo quando é.

— Estou com Pietra — repito e ela sorri, ronronando:

— Sim, mas isso não vai impedir

seu pau de ficar duro para mim, como sempre esteve. — Sua voz abaixa, mais sedutora. E escorrega uma mão pelos seios, puxando os bicos, descendo pela barriga até chegar aos lábios vaginais. Eu rosno ao vê-la espalhá-los, esfregando-os lascivamente.

— Anita, pare com essa merda — advirto-a. Meu pau gosta da visão, mas não fica duro como ficaria antes. Antes

de Pietra vir e foder meu corpo e mente.

— Você não ouviu o que disse? — ranjo os dentes. — Nos falamos depois, eu vou desligar.

Ela torce o rosto em frustração, parando a carícia em suas dobras molhadas.

— Até quando vai continuar me dispensando, T? — pergunta, com voz chorada. — Venha me foder, meu

garanhão. Se a caipira é tão importante para você, então, ela não precisa saber. Vamos foder escondido, que tal? Prometo ser discreta. Apenas volte para mim, por favor.

Não gosto do que está propondo. Parece uma traição com Pietra. Estou mesmo levando a sério essa merda de fidelidade? Que porra aquela essa garota fez comigo? Revolto-me.

— Venha me ver... — Sua voz volta ao tom sedutor. — Estou na cobertura perto de sua casa... Posso chamar mais algumas putinhas para você foder do jeito que sei, aquela garota não está te deixando. — Ela me tenta e meu pau traidor sofre outro espasmo. Depravação é o meu ponto fraco. Eu podia voltar a comer essa vadia. — Vamos, meu garanhão... Você pode fazer

tudo comigo e com as outras. Quantas posso chamar, querido?

Ah, caralho. Mais uma vez não vou negar, meu pau se anima com sua proposta.

— Pietra não vai saber, prometo — me persuade. — Será o nosso segredinho... — Seu sorriso é pra lá de malicioso e ela sussurra: — Você fodendo a mim e quantas quiser. Sem

dramas, sem compromissos. Apenas adultos fodendo pelo prazer, sem qualquer restrição. Admita, garanhão, está sentindo falta disso, não é? Quando é que vai voltar a ser você mesmo, T?

Merda. Ela me conhece bem e a extensão da minha depravação. Sabe que me deixou balançado. Porém, não irei para ela hoje. Não, eu preciso primeiro parar esse trem desgovernado que se

tornou a minha relação com Pietra. Então, me vejo dizendo:

— Hoje não. Mas te ligarei, Anita.

— Quando? — pergunta esperançosa.

Me sentindo um traidor, eu garanto:

— Em breve.

Anita abre um sorriso enorme.

— Você não vai se arrepender, T

— murmura.

Eu não tenho tanta certeza. Todavia, agora a resolução cresceu dentro de mim. Eu preciso terminar as coisas com Pietra. Eu gosto disso: sexo sem compromisso. Nunca daria certo algo mais sério entre nós.

# Pietra

Eu acordo sozinha na cama. O lado de Tristan está frio quando rolo, abraçando seu travesseiro. Sorrio, inspirando seu cheiro gostoso. Meu centro está dolorido pela intensidade com que me montou ontem à noite. Quase não me deixou dormir. Parecia

angustiado, atormentado com alguma coisa, não sei. Contudo, não o questionei, apenas me dei, desejando que meu corpo fosse o suficiente para acalmar seus demônios. T está diferente depois do pouso forçado, há duas semanas. Nossa fuga de férias foi perfeita e nos aproximamos ainda mais naquela viagem. Mas tenho percebido que parece arrependido de ter me

deixado chegar tão perto. O flagrei me olhando com uma expressão conflituosa muitas vezes nesses dias. Porém, sempre disfarça quando é flagrado. Meu belo homem tem sérios problemas de confiança e ainda não está pronto para enfrentá-los, essa é a triste verdade. Mas não vou deixá-lo. Não posso. O amo com todo o meu coração e estarei bem aqui quando perceber que me ama

também. Ele me ama, sei que sim. Só está confuso porque nunca viveu um relacionamento antes. Além disso, há outra razão que me impede de sair de perto dele. Como que para confirmar isso, sinto uma náusea forte e me arrasto da cama, correndo para o banheiro.

Só dá tempo chegar lá e coloco todo o conteúdo do estômago para dentro do vaso. Quando tudo passa, me

levanto e lavo minha boca na pia. Minha aparência no espelho é horrenda. Muito pálida, desgrenhada. Estou grávida. Estou esperando o bebê de Tristan. Grávida. Meu Pai do céu, dizer que foi um choque quando descobri, é um eufemismo. Há duas semanas, nosso voo de Dubai teve que fazer um pouso forçado no mar. Pensar naquela aflição ainda me deixa com taquicardia, porém,

minha agonia piorou quando fui atendida no hospital por causa de um corte na panturrilha e meus exames comprovaram algo que me fez cair em desespero: estava grávida de oito semanas. Oito semanas! O mal-estar que estava sentindo não era um problema estomacal como T e eu pensamos. Estou esperando um filho dele. Um bebê do homem que embora tenha me deixado entrar em sua

vida, conhecer coisas de seu passado, claramente ainda não está pronto para um compromisso dessa magnitude. Toco meu ventre ainda reto e meus olhos ardem com lágrimas. É um misto de alegria e apreensão.

Alegria porque mesmo que não tenha sido planejado, quero esse bebê. Acabei que completar meu curso de pilota e deveria estar triste por não

conseguir iniciar a carreira imediatamente, mas não estou. Eu quero esse filho. Esse bebê me liga ao homem que aprendi a amar com todas as minhas forças. Estaremos ligados para sempre. Por outro lado, sinto apreensão porque não tenho a menor ideia de como T receberá essa notícia. Vejo-o com Theo o tempo todo e ele ama o sobrinho/afilhado, é nítido para quem os

vê de fora. Só que isso infelizmente não é parâmetro em se tratando de um cara que não quer ter compromissos sérios. E um filho é o compromisso mais sério que alguém pode assumir, com toda certeza. Tenho andado assombrada, morrendo de medo do que o futuro me reserva e a esse bebê. Rogo com todo o meu coração para que T nos queira. Eu não suportaria ser rechaçada, ou o meu

filho. Não, Tristan é um bom homem, sei disso. Seus pais foderam sua mente, mas ele é bom. Seus olhos escuros me dizem coisas em silêncio que sua boca nunca conseguiu verbalizar. Ele me ama. Sinto quando está dentro de mim, me tomando para si com sua intensidade, seu toque perfeito, único. Não há ninguém como ele. Eu pertenço a ele e agora geramos essa vida. Vamos dar um jeito de

continuar juntos. Rogo a Deus que sim.

— Ele vai nos assumir — murmuro, acariciando meu bebê. É incrível como já me sinto protetora mesmo sabendo há tão pouco tempo. — Seu pai passou por algo muito ruim, meu amor. Mas ele tem um bom coração e irá amá-lo como a mamãe já te ama, tenho certeza.

Escovo os dentes e tomo um banho

rápido. Visto um de seus roupões e desço para preparar alguma coisa para o café da manhã. Meu apetite voltou nessa semana, graças a Deus! Os enjoos me castigaram sem dó desde o começo da gestação. É um milagre que Tristan não tenha desconfiado de nada ainda. Preciso pensar numa forma de contar a ele. Deus, quanto mais tempo passar, mais complicado será. Todavia, me sinto

tão frágil ainda. Nosso relacionamento é tão frágil ainda. Entro na cozinha e diminuo os passos ao vê-lo junto à parede de vidro, falando ao celular e olhando para o jardim. Um pequeno suspiro cai da minha garganta ao ver seu porte alto e elegante numa calça jeans escura e suéter azul-marinho. Ele é, sem sombra de dúvidas, o homem mais bonito em que já pus meus olhos. E ele é

o pai do meu filho. Esse pensamento faz meus olhos turvarem. É um sentimento de posse tomando conta de mim. É o meu homem, meu amor e o pai do meu filho. Sua voz grossa chega aos meus ouvidos:

— Porra, isso foi golpe baixo, cara — diz para a pessoa do outro lado da linha e detecto um tom zombador que me intriga. — Eu jamais aceitaria ou

perdoaria algo assim.

Franzo o cenho. Estranhando seu tom. Com quem está falando?

— Eu pediria a garota para se livrar do incômodo... — continua numa voz inflexível. — Não quero ser pai, Muriel. Não fui talhado para esse tipo de merda. É isso. A espertalhona seria obrigada a interromper a gravidez.

E meu corpo inteiro gela com esse

esclarecimento. Bile sobe à minha garganta. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus... Ando com as pernas bambas até a bancada da ilha e me apoio no granito frio. Estou tonta, novas náuseas revolvendo meu estômago. Ele acabou de aconselhar a pessoa do outro lado da linha a obrigar uma garota a fazer um aborto? Tremores agourentos percorrem a minha pele. Ele não seria capaz de

algo assim, seria? O encaro, chocada com sua postura incisiva e até mesmo cruel. Um lado seu que ainda não conhecia. Meus olhos ardem muito e tenho que piscar várias vezes para conter as lágrimas, ao perceber que não posso contar sobre o bebê. Tristan se despede e se vira para mim é tão bonito. Tão bonito, mas tão danificado e agora constato com tristeza que é ainda mais

inacessível do que supunha. Ele me fita, seu olhar correndo por mim inteira. Uma suavidade fugaz brilha em seus olhos bonitos, mas ele pisca e seu maxilar endurece. Ele pega sua jaqueta de couro preta sobre a mesa e meu olhar cai para a mala perto da cadeira. Meu peito sofre um baque estranho. Está indo viajar? Volto a fitá-lo, confusa.

— Desculpe por isso, Muriel

Almeida está com problemas. — Dá de ombros. Esse é um parceiro de golfe rico e esnobe com quem já encontramos em alguns eventos. — Parece que a garota com quem estava transando casualmente deu uma de esperta para cima dele e engravidou.

Suas palavras me deixam ainda mais gelada, apreensiva.

— Eu ouvi — digo, sentindo uma

bola de golfe entupindo minha garganta.

— Você o aconselhou a abortar.

Seus olhos escuros cravam nos meus e o medo de ele perceber o que tenho escondido de todos, me assola. Apenas o RH da empresa está a par da minha situação. Para a minha sorte T não foi bisbilhotar por lá e acreditou na mentira que inventei sobre a bactéria estomacal quando peguei atestado. Na

verdade, terei que ficar no serviço burocrático enquanto estiver grávida. As comissárias ou pilotas não podem voar estando grávidas. Os médicos acreditam que a pressão dentro das aeronaves pode causar prejuízos à gestação. Assim, só voltarei a voar após o nascimento do bebê.

— Não finja que nunca percebeu que não sou um bom material para pai,

tigresa. — Seu tom é seco, me assustando ainda mais.

— Você é um tio e padrinho maravilhoso para Theo. Será um pai maravilhoso também se...

— Se o quê, Pietra? — Seus olhos estreitam incisivos nos meus e um frio diferente percorre minha espinha. Ele nunca me tratou de forma tão ríspida antes. Nunca. — Será que está tendo

altas expectativas sobre isso entre nós?

— Sua pergunta é como um soco no meu plexo solar. Engasgo, abrindo a boca para falar, mas ele continua, os olhos tão duros e irreconhecíveis, que me fazem ofegar. — Estou indo para o Rio. Tenho um treinamento por lá nesta semana e, portanto, só retorno para o casamento de H.

— O que está havendo? —

pergunto num fio de voz, embora lá no fundo eu já saiba do que se trata. Não sou burra. Ele está terminando as coisas comigo. Oh, Deus, ele está fazendo o que estive morrendo de medo que fizesse. Me seguro com mais força na pedra fria, a tontura me pegando de novo. — Por que está tão irritado comigo?

Aquele flash de suavidade passa

rapidamente em seu rosto outra vez. Mas ele torna a expulsá-lo e ajeita a jaqueta, me encarando fixamente antes de dizer as palavras que irão me assombrar de agora em diante:

— Ouça, isso não está dando certo, Pietra. Nosso envolvimento termina aqui e agora.

Um soluço me escapa, não consigo evitar, meu corpo ficando mais frio do

que o Ártico. Mais náuseas, tonturas me assolam, enquanto fico aqui, olhando o homem a quem entreguei meu corpo, meu coração, tudo de mim, me dispensar sem qualquer remorso. Meus olhos turvam, lágrimas dolorosas se acumulando por mais que lute para combatê-las.

— Por quê? — É tudo que sai da minha boca, minha garganta de repente

ressequida. — Você passou a noite inteira fazendo amor comigo.

Seu maxilar trinca e ele desvia os olhos para fora da janela por um momento. Respira fundo e quando os traz para mim outra vez, a resolução está lá.

— Ainda sinto tesão por você, isso está mais do que claro — diz sério. — Mas cansei de brincar de casinha,

Pietra. Isso aqui não sou eu. — Faz um gesto impaciente abrangendo nós dois no meio de sua cozinha. — Não quero compromissos sérios. Melhor terminarmos agora antes que crie falsas expectativas. Eu não quero te machucar.

Ele não quer me machucar? Minhas lágrimas descem, queimando minha face. *Você já está me machucando. Estou esperando o seu*

*filho e está me chutando para o meio-fio sem nenhuma consideração.* Quero gritar, mas não acho que esse é o momento. Talvez nunca seja o momento pelas barbaridades que acabo de ouvir de sua boca. Ele não quer esse bebê. Ele não me quer. Como posso ter me enganado tanto? Como? Encaro-o, chorando, tentando enxergar algo do homem lindo que me conquistou nos

últimos meses. Mas percebo que aquele homem pode ter sido uma invenção da minha cabeça tonta de menina do interior. É assim que caras como ele lidam com garotas tolas, como eu. Eles as usam até enjoar e depois as descartam como um saco de lixo. Me aproximo dele, com pernas instáveis, abdicando de todo o meu orgulho nesse momento. Não posso perdê-lo. Ele está

com medo. Tento justificar seu comportamento. Eu preciso de alguma explicação. A realidade está parecendo cruel demais para suportar.

— Por favor, me diga o que está havendo de verdade, Tristan. Por que está terminando tudo sem nem ao menos termos falado nada sobre isso antes?

Um silêncio ensurdecedor desce no ambiente. Tristan não desvia o olhar

do meu e passa uma mão pelo cabelo, denotando que não está tão controlado quanto parece.

— É o melhor para você. — Seu tom é definitivo e novas lágrimas se formam em meus olhos. — Não posso te dar mais, Pietra — diz como se tudo que vivemos nos últimos meses tenha sido invenção minha. Como se nada tivesse a mínima importância.

— Sim, você pode. Você me deu, estava me dando! — eu rebato, minha voz tremente. — Me dê uma chance, por favor. Não me deixe assim — imploro sem a menor vergonha de me rebaixar.

Sua mandíbula trinca e ele se abaixa, pegando a alça da mala.

— Não há algo mais. Você fantasiou — diz, quebrando meu coração em mil pedaços. Seus olhos escuros

seguram os meus um instante mais antes de se virar e dizer sem me olhar: — Adeus, Pietra.

— Você ainda está preso naquele carro — digo às suas costas e ele estaca, mas não volta a me olhar. Vejo seus ombros expandindo numa respiração aguda. Minhas lágrimas caem pela face, doloridas, quentes, humilhantes. É o fim. Ele não me ama.

Tudo não passou de uma ilusão tola da minha parte. Era o que meu coração queria e ele está certo, eu fantasiei com algo que nunca existiu, não da sua parte. — Podíamos ser tudo, mas você é covarde demais para tentar. — Choro, não me importando em mostrar como sua dispensa está me devastando. — Adeus, Tristan.

Ele torna a respirar com força e

então, marcha para fora da cozinha. Eu caio sentada no chão, chorando copiosamente. Seguro meu ventre e choro por tudo que eu e meu filho não teremos dele. Não sei quanto tempo fico no chão frio, a dor da rejeição rasgando minhas entranhas. Nunca senti uma dor tão profunda. Nem mesmo quando o fdp do Márcio me traiu e me chutou, me senti tão destruída. Acho que no fundo

esse era o meu medo em me envolver com Tristan Maxwell. Eu sabia que ele teria o poder para me devastar como nenhum outro antes. Mas paguei para ver e aqui estou eu: usada e descartada como a extensa fila antes de mim. Eventualmente me levantei, fui ao quarto e troquei de roupa. Peguei todas as minhas coisas joguei numa mala que estava guardando aqui. Providencial,

não é? Bufo. Chamei um Uber e fui para meu apartamento. Me joguei no meu sofá e deixei a mala sobre o tapete. Me enrolei em uma bola e deixei a tristeza tomar conta de mim. Cada toque, cada olhar, cada vez que me possuiu. Era tudo mentira. Meu choro é tão machucado que dói tudo em mim, cada centímetro da minha pele dói pela rejeição. Pela sensação horrível de ter sido usada de

todas as formas e descartada, como se não fosse nada.

— Oh, meu Deus, foi só sexo? Como pude me enganar tanto? Como? — Minha voz é apenas um esgar dolorido. Até respirar me causa dor. — Estou grávida. Meu Deus, estou grávida e ele me deixou. — Embargo, minhas lágrimas nunca parando porque não sei o que será de mim e esse bebê.

Dois dias se passaram nos quais eu apenas chorei enrolada no sofá ou na cama. Larissa veio me ver quando liguei chorando ontem. Ela já estava desconfiada dos meus sintomas e ficou enfurecida pela forma que fui dispensada. Seu olhar me disse claramente: eu avisei. Mas não verbalizou isso, apenas cuidou de mim, fazendo chás e sopa de frango. Me abri

com Aidan e Luíza também e eles ficaram possessos, dando os piores nomes para seu antes queridinho. Ainda não tive coragem de falar com meus pais ou irmãos. Vou deixar para fazer isso na próxima semana, quando retornar a Palmas. Me chamem de covarde, mas estou voltando para casa. É hora de reconhecer que minha aventura na cidade grande não deu muito certo.

Preciso estar perto dos meus nesse momento para buscar forças. Não sei se ou como contarei sobre o bebê para o homem que quebrou meu coração sem um segundo pensamento. Me angustia só de pensar que pode rejeitar o meu filho. Meu bebê não tem culpa de nada. Sou a única culpada por ter aberto meu coração de forma tão estúpida para um homem que eu já sabia, nunca me levaria

a sério. Mas eu quis, sonhei porque é isso que acontece quando a gente se apaixona. A gente projeta os melhores cenários, e em todos eles a pessoa amada nos ama de volta.

Sofia passou por aqui hoje de manhã, preocupada com minha ausência na sua prova do vestido. Ela foi gentil e doce o suficiente para me convidar para sua dama de honra. Eu, Lígia e sua

melhor amiga Carla, que virá de Nova Iorque. O casamento será amanhã, mas não terei a menor condição de ficar cara a cara com seu cunhado nesse momento. Ainda é muito cedo para vê-lo. Meu peito ainda é uma ferida aberta, sangrando pela forma cruel com que se livrou de mim. Eu saio do banho, visto um pijama e vou para a cozinha, colocando o restante da sopa de frango

que Larissa deixou para mim em grande quantidade no freezer. Já anoiteceu. Constato, olhando para fora da janela. A conversa com Sofia volta em minha mente:

— Sinto muito, Pietra — disse, sentada no sofá de frente para o meu. Seus olhos verdes cheios de pesar. — Tristan não é uma má pessoa. Ele apenas não... — Apertou a boca tristemente. —

Ainda não está pronto para algo mais sério — suspirou longamente, seu olhar nunca deixando o meu. Naquele momento percebi que ela sabia do meu segredo. — Está grávida, não é?

Não tive forças para negar e balancei a cabeça, meus olhos se enchendo de lágrimas pela enésima vez. Não sei como ainda consigo chorar. Sofia estendeu a mão, tocando minha

perna. Sua expressão empática porque ela passou por isso também. Seu marido a largou grávida de Theo quando se desentenderam no ano passado.

— Sinto muito. Eu sei o quanto dói — murmurou, com os olhos lacrimosos. — T vai cair em si, você vai ver.

— Não, ele não vai, Sofia — neguei, abanando a cabeça. — Ele não

quer filhos. Isso ficou muito claro na manhã em que me dispensou.

Ela franziu o cenho.

— Mas, por que diz isso? Ele é maravilhoso com Theo.

— Acredite em mim, ouvi de sua própria boca que não é material para pai — revelei, aquela conversa ainda fresca, com poder para machucar meu coração tolo. Puxei uma respiração

profunda e contei meus planos para ela:

— Estou voltando para Palmas, Sofia. Obrigada por me receber em sua casa sempre com um sorriso acolhedor e gentil. Você é uma das poucas pessoas de quem sentirei falta daqui dessa cidade.

Ela fungou, emocionada, triste, mas não havia muito mais o que dizer. É o fim e nesse momento preciso da minha

família.

— Por favor, mantenha contato. — Se levantou e a segui. Ela me puxou para um abraço terno, que me fez chorar mais. — Ainda tenho esperanças de que T caia em si e vá buscar vocês dois, querida — murmurou e seus olhos estavam transbordando quando se afastou. — Ele é um bom homem, acredite. Ele cuidou de mim quando eu

estava sozinha, desiludida com tudo e todos. Ele é bom.

Também acreditei nisso. Minutos antes de ser duramente jogada para escanteio, eu estava babando sobre ele, conversando com nosso filho e dizendo o quanto seu pai era um homem bom. Apenas vítima de uma coisa feia quando criança, mas era um homem bom. Quero acreditar nas palavras de Sofia? Sim,

quero, com todo o meu coração tolo e apaixonado. Mas uma parte de mim sabe que não posso me enganar mais. Ele cuidou de Sofia, a deixou se aproximar porque ela não era uma ameaça para seu problema de confiança. Não era uma ameaça para sua vida de playboy desregrado.

— Obrigada por ter vindo — murmurei de volta, estendendo as mãos,

limpando seu rosto. Ela fez o mesmo comigo. — Manterei contato, prometo. Seja feliz com seu marido e filho, Sofia.

Me abraçou novamente e fungamos antes de nos soltarmos. Quando ela saiu o vazio em meu peito se tornou insuportável. Sentirei falta dela. De dona Magnólia, que também me acolheu com tanto carinho. Meu Deus, por que ele me levou para o seio de sua

família se não queria nada sério? Por que me iludir de forma tão cruel? Por quê?

O som do micro-ondas apitando, indica que minha sopa está aquecida. Vou retirar a tigela quando meu celular toca na sala. Vou até lá no automático e pego o aparelho. É um número desconhecido. O atendo ressabiada:

— Alô? — digo, minha voz é só

um fio. Minha garganta grossa de tanto chorar nesses dias. Por alguns momentos escuto apenas a respiração pesada do outro lado. Então, meu corpo ficou em alerta quando a voz bem conhecida soou do outro lado:

— Quanto tempo, Pietra! — Anita cacareja em tom animado. — Ainda sofrendo com o problema estomacal, querida? — Seu tom se torna frio e

jocoso como sempre. — Tisc, tisc, você é mesmo tão estúpida, caipira.

— O que você quer? — pergunto, me sentindo drenada de energia para discutir com essa puta.

— O que eu quero? Deixe-me ver... — cantarola —, nada, querida. Eu tenho tudo que queria de volta. — Meu corpo gela quando menciona isso. Tristan. Oh, Deus, ele está com ela?

Não, não. Eu não suportaria isso. Com qualquer uma, menos com ela. Meu coração salta, me causando vertigens. Minhas mãos suam. — Sim, sua putinha de merda, o meu homem está de volta na minha cama, de onde nunca deveria ter saído. A novidade passou. Lembra que te avisei? Sim, eu te avisei. — Ri triunfante. — Mas não é só isso. Ele está fazendo exatamente o que ama fazer,

sexo gostoso, sem amarras. Sabe que apenas eu posso dar isso sempre que quiser, sem cobranças e certamente sem arrumar uma barriga para prendê-lo.

— Você está mentido. — Eu não seguro um soluço. Meus hormônios levando a melhor sobre as minhas emoções. — Ele está no Rio essa semana.

Uma gargalhada cruel soa em meu

ouvido.

— Não, querida, ele nunca esteve no Rio. Está em uma de suas coberturas, festejando desde que te deu um pé na bunda! — Tudo em mim fica frio com as palavras da vadia. Ele mentiu? Era só para se livrar de mim? — Venha ver com seus próprios olhos, querida. Vou te mandar o endereço. Venha ver como o meu Tristan gosta de se divertir — ela

me atiça com maldade. — Você precisa ver para entender de uma vez que aqui não é o seu lugar, sua caipira fedida!

A puta desliga e em seguida chega uma mensagem com as coordenadas. É perto da casa dele. Sei em meu íntimo que ir lá será um erro. Só vai piorar tudo que estou sentindo. Mas não vou sossegar se não vir com meus próprios olhos. Preciso disso para matá-lo dentro

de mim de uma vez por todas. Então, sem pensar em mais nada, eu mudo para um jeans folgado e camiseta e pego um Uber para a cobertura. Minhas mãos tremem, suam, meu coração está quase saindo pela boca quando toco a campainha. Yuri abre a porta e arregala os olhos ao me ver. Tenho certeza de que minha presença aqui não será bem-vinda por seu patrão.

— Pietra?! — Seu tom é contido e sua boca achata descontente, relanceando o olhar para trás dele. Posso ouvir a música alta e vozes femininas no interior do apartamento. — O que está fazendo aqui?

— Por favor, não me faça perguntas, apenas me deixe entrar — imploro. Ele me olha com pena. Imagino se vê muito disso com todas as mulheres

usadas e descartadas pelo chefe.

— Não faça isso consigo mesma — ele diz, segurando a porta firmemente.

— Eu preciso ver, entende? Só depois disso poderei seguir em frente, Yuri. — Minha voz treme.

— Ele não é uma pessoa ruim — o segurança diz, numa clara tentativa de defender seu patrão.

— Me deixe entrar — peço, empurrando a porta e ele cede, afastando-se para me dar passagem. Passo para dentro, sendo assaltada por náuseas e tonturas apenas imaginando como irei vê-lo. O harém voltou com tudo, percebo com desgosto. Há mulheres em todos os lugares e em vários estágios de nudez. Bebidas espalhadas pelos sofás, pufs. Ando

devagar, aterrorizada, mas de certa forma, resignada porque a partir daqui Tristan Maxwell estará morto e enterrado para mim. Foi por isso que vim. Vai doer, mas servirá para me desligar completamente. Atravesso a sala e ouço o barulho de água, deve estar acontecendo uma farra em uma piscina em algum lugar. Sigo os sons e logo estou saindo num amplo terraço.

Mais música, mais algazarra feminina e paro, me segurando à parede quando o localizo. Está dentro da piscina, cercado por umas quatro mulheres. Está de calção, mas elas estão nuas e as mãos dele estão por todos os lugares em seus corpos. É com horror que localizo a puta miserável também. Está indo para perto e se pendura em sua cintura, os seios nus colando no peito dele. E então, eu morro

por dentro quando ele a pega pela nuca e a beija. Minha visão fica turva, meu peito doendo tanto que fico sem ar. A cadela levanta a vista, seu olhar me encontrando aqui, derrotada, completamente destruída porque eu amei o homem errado.

Ela o beija com mais vontade, me olhando o tempo todo, tripudiando sobre mim porque ela venceu. Então, o larga e

outra toma o seu lugar. Vejo-o chupar os seios de uma loira peituda e continuo aqui, como que paralisada e é nesse momento que a cabeça escura gira para o meu lado como se sentisse a minha presença e nossos olhares colidem. Meu peito comprime, sua beleza agride minha visão nesse momento. É o fim. Era isso que eu queria ver. Seus olhos arregalam se dando conta de que estou vendo-o

sem máscaras. Nunca fui tão ferida em toda a minha vida. Nunca ninguém me feriu tanto e é bom que nunca me esqueça disso. É o suficiente. Vômito sobe à minha garganta e dou meia-volta, andando com pernas bambas para a sala. Me seguro à parede, com medo de desmaiar aqui nesse lugar onde meu coração recebeu a última punhalada. Estou quase na sala quando uma mão

pega meu braço me puxando grosseiramente para trás.

— Achou mesmo que Tristan Maxwell te levaria a sério, sua putinha de fundo de quintal? — Anita me empurra contra a parede, fazendo minhas costas doerem com o impacto. — Você está chorando... Oh, meu Deus, você é ainda mais patética do que pensei. Se apaixonou por ele, não foi? — Seu

sorriso é pura maldade. Puxo meu braço do seu domínio, querendo apenas ir embora, mas o ódio por essa vadia miserável está me envenenando agora. Forço todo o meu mal-estar sob controle e a empurro para o a outra parede do corredor. — Ele me comeu cada noite depois que te chutou, sua puta insossa! Ele é meu! — Eu gemo, sua sentença me acertando com força. Sinto dor física ao

saber que esteve com ela todos os dias e mentiu para mim.

— Sua puta dos infernos... — minha voz é rachada, tudo em mim doendo, dilacerando com a traição.

— Sua vagabunda! Você viu bem como ele gosta de se divertir? É tão lindo, não é? Como pôde pensar que um homem com ele iria te querer para algo mais do que uma foda, querida? —

Gargalha, os olhos me dizendo o quanto me odeia. O sentimento é mútuo. Rosno, me contendo para não ir a combate direto por causa do meu bebê. Mas Nando e Guga me ensinaram alguns golpes que podem derrubar uma pessoa sem precisar de muita luta. Fecho meus punhos, lutando contra o mal-estar. As lágrimas caindo incessantemente em minhas faces. Estou além de humilhada

aqui. — Oh, e você ainda foi tão burra que engravidou. Meu Deus, que vadia mais idiota! — cospe, encarando minha barriga, uma expressão ainda mais cruel tomando seu rosto quando diz com agouro: — Essa criança não vai vingar. Vai morrer aí dentro! Você nunca terá esse vínculo com o meu Tristan! Nunca! — E ela avança para mim e é nesse momento que ajo, o medo de ela

prejudicar meu bebê, me cegando para tudo o mais. Dou um golpe duro e seco em sua garganta. Ela engasga e se estatela pra trás contra a parede e então, eu grito, ira me invadindo quando fecho meu punho e lhe dou um soco forte na sua cara de puta.

— Sua prostituta maldita! Não ouse falar do meu filho! — berro, fora de mim, socando-a, querendo machucá-

la como acaba de me machucar. Cai no chão e vou chutá-la, mas braços firmes me puxam para trás.

— Pietra! Porra, acalme-se! — Yuri rosna no meu ouvido, me arrastando para longe da maldita. Ela se levanta, sentando no chão. Nua. Odeio essa visão. Vou demorar a esquecer tudo que vi aqui. Eu choro, descontrolada, soluçando alto, porém o volume alto do

som abafa tudo. Nunca odiei tanto uma pessoa como agora. Aperto meus punhos, querendo voltar a bater nela para ver se para a dor em meu peito. Mas não vai passar. Não é assim que funciona.

— O que está fazendo aqui, Pietra? — A voz profunda que tanto amei chega até meus ouvidos e eu o olho. Noto que parece embriagado.

— Eu precisava ver por mim mesma quem você é verdadeiramente — digo, levantando meu queixo, retirando forças não sei de onde, eu sufoco as minhas lágrimas. — Obrigado por deixar cair a máscara e me mostrar quem é, Tristan. — Por um momento penso ver arrependimento em seu semblante. Ele abre a boca para falar, mas o corto: — Você é exatamente do

jeito que imaginei e foi por isso que não queria me envolver. Mas erros fazem parte da vida. Há lições que o topo da montanha jamais ensinaria, elas são aprendidas no fundo do poço. É onde você acaba de me lançar.

— Pietra... — Ele tenta, mas o corto novamente, sentindo meu corpo dormente de ódio, repulsa, dor e infelizmente o amor que ainda está

dentro de mim.

— Volte para suas prostitutas, Tristan. É assim que você é feliz.

— Isso mesmo, sua caipira! Some daqui! Você nunca seria suficiente para ele!

A vadia cospe sangue no chão. Me congratulo por pelo menos ter quebrado a sua cara de puta miserável.

— Você também não é suficiente,

prostituta! — Faço menção de ir lhe dar mais alguns sopapos, mas Yuri me arrasta para o living e acabo deixando-me ser conduzida. Me firma contra a parede, me examinando com um olhar preocupado.

— Sinto muito, droga — murmura. Ele não é culpado. Só há uma pessoa culpada e está bem ocupado, voltando para suas prostitutas enquanto a garota

rechaçada e grávida está saindo de sua vida. — Vou chamar um dos seguranças para te levar para casa.

— Não, eu não quero — digo entrecortado.

— Vou ficar mais tranquilo sabendo que irá em segurança — ele diz. Não sei por que tanto cuidado sendo que não tenho mais a menor importância para seu patrão. Aceno, cansada,

drenada, destruída.

O caminho de volta faço chorando no banco traseiro da limusine. A mesma que usei tantas vezes em nossas saídas noturnas. E decido que não posso ficar nem um minuto a mais nessa cidade. Arrumo minhas malas, faço uma ligação para Larissa, pedindo-a para vir pegar minhas plantas e a cafeteira que tanto gostava e depois entregar a chave para o

meu senhorio. De alguma forma, eu parei de chorar enquanto arrumava minhas coisas. Quando entro no primeiro voo para Palmas, tudo que sinto é um enorme buraco no peito. As luzes de São Paulo cintilam ao longe, abaixo da minha janela à medida em que ganhamos altura. Há quatro meses cheguei com tantas esperanças. As lágrimas voltam a toldar a minha visão.

Tudo que estou levando agora é dor e decepção. Olho para meu ventre e o seguro.

— Me perdoe, bebê. Você é única coisa boa em meio a tudo isso — murmuro, acariciando o pequeno ser que gerei. — Você será a coisa mais importante para mim a partir de agora. Seremos só você e eu, meu amor. Apenas você e eu. — Olho as luzes

ficando para trás, como meus sonhos tolos. — Adeus, Tristan.



# Capítulo 13

***Estou cansado de me odiar por ter sentimentos. Estou cansado de chorar até acordar. Eu tenho que ir embora e começar a me curar...***

***O amor para você é apenas um jogo... Eu não quero partir meu coração...***

***(How do Sleep – Sam Smith)***

# Tristan

Observo meu irmão mais velho dançando com sua mulher. A cerimônia foi muito bonita, do jeito que mereciam depois de tantos desencontros. Tomo um

gole do meu uísque, um bolo se formando em minha garganta, testemunhando a felicidade deles. H levanta Sofia do chão e gira com ela nos braços, beijando-a sem nenhuma vergonha de mostrar seu amor pela esposa. Estou orgulhoso dele, mas decepcionado comigo mesmo. Ontem aconteceu uma coisa que me fez questionar a decisão que tomei no

começo da semana quando terminei as coisas com Pietra. Menti, dizendo que ia para o Rio apenas para ficar longe dela. Fui para uma das minhas coberturas de foda e me escondi por lá, lutando a cada dia para não voltar atrás e ir até ela, pedir que esquecesse as merdas que falei porque ainda a quero com desespero. Mas isso só tornaria tudo pior. Ela quer coisas que não posso dar.

Quer isso que H e Sofia tem. Um casamento, uma aliança no dedo, filhos. Não posso lhe dar isso. Não, não sou talhado para esse tipo de merda.

Não festejei todos os dias, no entanto. Apenas ontem quando a falta que sinto dela estava ameaçando me dominar, liguei para Anita, que levou tantas garotas quanto conseguiu. Bebemos a tarde inteira emendando a

noite. Tive meu pau chupado não sei quantas vezes, mas me recusei a foder as cadelas de outra forma. Minha mente ainda estava, ainda está dominada pela presença de Pietra. Seu cheiro, seu gosto, seu toque, seus olhos de gata, me fitando quando entrava em seu corpo. Pateticamente não suportei comer Anita, embora tenha tentado várias vezes e falhado. E tudo piorou quando Pietra me

surpreendeu na beira da piscina, vendo-me do jeito que sempre apreciei me divertir. Seu olhar. Aquele olhar chocado, sua expressão cheia de dor está me assombrando desde que acordei sóbrio hoje de manhã. Ontem o álcool não me deixou analisar direito e continuei a festejar quando ela saiu. Queria manter a todo custo a minha decisão de me continuar longe. Mas

quando acordei em meio ao mar de corpos femininos nus, no sofá da sala, tudo voltou com força e lamentei que ela tenha visto minha performance infame. Senti nojo de mim mesmo ao olhar para as garotas nuas e visivelmente embriagadas.

Yuri me levou para casa, me empurrou uma de suas bebidas nipônicas levanta defunto e minha ressaca foi

embora quase que instantaneamente. A ressaca sim, a sensação ruim me corroendo, não. Passei o dia lutando contra a vontade de ligar para Pietra, me desculpar. Contudo, acabei não fazendo porque hoje era o dia de H e Sofia, não queria estragá-lo com meus dramas de merda. Queria estar inteiro para conduzir minha cunhada até o altar. Então, não fiz nada. Porém, não resisti

quando estávamos vindo para cá e pedi a Yuri para passar no apartamento dela. Tive outra surpresa ao ficar sabendo pelo porteiro que ela viajou ontem ainda para Tocantins. A notícia me abalou, admito, mas tentei me convencer de que foi melhor assim. A distância se encarregará de colocar tudo nos eixos novamente. No entanto, lamentei que tenha voltado para casa logo agora que

completou seu curso. Eu cumpriria minha promessa e a faria uma de nossas pilotas. Podemos ser amigos ainda, não podemos? Pergunto-me confuso, meu coração angustiado demais.

— Ah, Deus, pensei que nunca mais os veria assim. — A voz chorosa de minha avó, bem do meu lado, me puxa da minha miséria interior. Está muito emocionada olhando Sofia e H.

Me inclino, beijando-a na têmpora. Ela funga, rindo em meio às lágrimas. Logan vem para perto com sua cara fechada, como se não estivesse dando a mínima para nada, mas sei que no fundo é só marra mesmo. Ele não consegue deixar de ser um bastardo. Está no DNA, acho. Desdenho de nós mesmos. Vejo Theo com uma das babás e a chamo, pegando meu afilhado nos braços. Ele vem

alegre, fazendo festa. O aconchego no peito e beijo sua cabecinha ruiva. As palavras de Pietra na manhã em que terminamos me vem à mente:

*É um tio e padrinho maravilhoso para Theo. Será um pai maravilhoso também se...*

Se eu me permitisse, ela ia dizer. Mas não a deixei terminar. Estava errada. Eu não posso, não quero isso. H

e Sofia encerram sua dança sob os aplausos dos convidados e deixam a pista suspensa sobre o lago, andando pela grama até nós. Theo avança na sua mãe, as mãos agarrando os seios, querendo obviamente usufruir de seu banco de leite particular. Ela o pega, rindo do desespero do pequeno, prometendo alimentá-lo mais tarde.

— Vem aqui com o papai, você

está pesado demais para a sua mãe, garotão — H o chama e Theo se derrete, estendendo os bracinhos para o pai, que o pega, um sorriso gigante no rosto. Meu irmão está radiante como nunca o vi antes. Ele joga o pequeno para o alto e a risadinha infantil preenche o espaço. Um fotógrafo se aproxima, registrando o momento paternal. L sorri finalmente, os olhos grudados em Theo, o único que

consegue um sorriso verdadeiro do tio marrento. Surpreendentemente, meu irmãozinho durão se derrete todo quando seu sobrinho está em causa. O fotógrafo sugere a Sofia fazer umas fotos só das mulheres e ela se afasta com a minha avó e as outras, seguindo para a faixa de grama que encontra o jardim. Pegamos novas bebidas com um garçom que vem nos servir.

— Parabéns, amigo! Estou muito feliz por você e Sofia. — Alberto levanta seu copo de uísque, sendo seguido por nós. — E, claro, por esse garotão, que agora tem os pais juntos para babar em cima dele. — Ele brinca com a cabeleira ruiva de Theo, que sorri de volta para a bajulação de seu tio honorário. — Ele é uma criança muito sociável, não é? Impressionante.

H abre um sorrisão orgulhoso agradecendo e não perco a chance de provocar Alberto.

— Meu afilhado puxou a mim nesse quesito, *Albie* — me pavoneio, me debruçando e beijando a cabecinha de Theo. — O padrinho vai lhe ensinar tudo sobre como conquistar as meninas, campeão! — Pisco para o pequeno e ele ri, inocente da safadeza de seu padrinho.

— Pare de tentar corromper o meu filho, cara — H resmunga e Theo solta um bocejo, enfiando o punho na boca. Ele gosta de dormir assim, sugando o punho. H o aconchega mais contra seu peio, o pequeno debruçando a cabeça no ombro do pai e fico olhando meu irmão antes frio e insensível balançando ternamente com seu filho. Uma sensação de incompletude vai tomando conta de

mim contra a minha vontade. Pego meu celular pela enésima vez, no fundo tenho esperanças de encontrar uma mensagem dela. Não há nada. Porra, claro que não há. Eu terminei tudo da pior forma e ela ainda me viu na orgia, com o harém que ela tanto repudia. É querer demais alguma mensagem da parte dela. — Onde está Pietra? Pensei que ela viesse com você — H inquire e o encaro.

Engulo em seco e tomo um grande gole do meu uísque antes de responder.

— Ela voltou para Tocantins, H — bufo.

— Sério? Mas, por quê? — se surpreende, tomando um gole da sua bebida também.

— Uh, ela me flagrou em uma situação digamos... Comprometedora... — Passo a mão livre pelo cabelo, me

sentindo um pouco envergonhado ao revelar isso. O rosto de meu irmão fica sério e preocupado.

— Com outra mulher? — insiste.

— Sim — assinto com dentes cerrados. Com outras mulheres, o que é mil vezes pior, mas não adiciono essa informação. — Era para ser só sexo casual — repito meu mantra nesse último mês. H estreita os olhos azul-

gelo, sua expressão zombeteira. — Era para ser descomplicado. Eu disse a ela muitas vezes que sou bicho solto. Foi muito bom, mas era só sexo entre nós.

— Você se apaixonou por ela, irmão? — Atira à queima-roupa. Eu engasgo, engolindo em seco.

— Que porra de pergunta é essa, cara? — replico, fechando a cara. Amor? Claro que não. Eu sou louco por

ela. Adoro estar dentro dela. Porra, muito! Que diabos ela fez comigo? Me irrito ainda mais.

— Uma pergunta razoável dada a maneira como você está ranzinza pela partida de Pietra — H ressalta. — Se você tem sentimentos por ela, não cometa os mesmos erros que eu, mano. Vá atrás dela e resolva as coisas...

— Meu Deus, você parece a vovó

dizendo que já está na hora de eu sossegar — zombo, não me permitindo pensar muito a respeito. Foda-se, eu não estou apaixonado!

— Eu vou buscar minha noiva para uma dança. Com licença, senhores — Alberto avisa e escapa da discussão.

— Eu não estou à procura de sossegar, H — aviso, contendo meu tom por causa de Theo, que está ressonando

no ombro do pai. — Não quero amor. Gosto demais da minha vida do jeito que está, sem complicações. — Porra, sinto um gosto amargo ao dizer isso porque não é totalmente verdade. Gostava de estar com Pietra, tê-la comigo todos os dias. Sinto falta dela. Muita. — Foi melhor ela ter ido. O que tínhamos ia acabar em algum momento — insisto em garantir algo que me incomoda

terrivelmente. — Hoje é dia de alegria, irmão — suspiro e forço um sorriso, retirando o foco de cima de mim. — Seja feliz e faça a bonitinha feliz, H.

— Obrigado, mano. Eu vou amá-la para o resto da minha vida — meu irmão diz escancarando seus sentimentos, sem qualquer medo. — E, sim, viverei para fazê-la feliz, tenha certeza disso. — Eu aceno. Uma das

babás surge do lado de H e ele beija o bebê antes de entregá-lo à moça. Ela leva o menino adormecido para a casa. Quando o olhar de meu irmão volta para mim eu avanço até ele, puxando-o para um abraço apertado. Ele me abraça de volta, não se escondendo mais e isso me deixa emotivo. Porra, o que está havendo comigo hoje?

— Você encontrou uma mulher

especial, mano. Estou tão feliz por você, por vocês — torno a dizer, minha voz um tanto emocionada. Nos abraçamos, dando tapas afetuosos nas costas um do outro. Então, me assusto quando outro braço passa por cima do meu ombro. Puxo para trás e dou de cara com L. Ele tem a cara de quem comeu merda, mas parece emocionado também, à sua maneira, claro. Sorrio e o puxo,

abraçando meus dois irmãos, a merda emocional se apossando de mim. Meus olhos ardem. Estamos juntos, agora é pra valer. Somos uma verdadeira família. Rio e me inclino, beijando o rosto de H, em seguida o de L. H sorri, os olhos brilhantes. L, bem L resmunga como o bastardo que é.

— Estaremos sempre ligados pelo sangue, irmãos — nosso irmão mais

velho fala, limpando a garganta. — Sermos amigos, essa é uma decisão nossa. — Fita a mim e L com nítida emoção. — Minha relação com T já é sólida por convivermos desde o nascimento. Mas quero isso com você também, L. — Logan arregala os olhos pelo apelido sem sarcasmo. — Quero ser mais do que um irmão mais velho. Quero que saiba que pode contar comigo

para qualquer coisa. — H o encara com seriedade. — Sempre. Você é o meu irmão, tem o meu sangue, mas o amor... — Sua atenção se divide entre mim e L novamente e murmura: — O amor, irmãos, é maior que o sangue. O amor é escolha nossa.

— Porra, H. — Rio, incrédulo pelo discurso emocionado de meu irmão mais velho. Que mudança! — Eu te amo,

mano — digo, abrindo meu coração também. Olho para L, que está com uma expressão inescrutável, porém, seus olhos escuros estão brilhantes, denotando certo grau de emoção. Ele já não é imune. Nosso vínculo está completo e o fortaleceremos cada vez mais. — E amo você também, esquentadinho. — O idiota bufa. Não seria ele não fizesse.

— Eu amo você também, T — H me choca ao dizer de volta. Ele nunca verbalizou essas palavras. Nunca. A emoção em seu rosto me faz querer chorar. Porra, ele está pegando pesado agora. — Porra, metade do meu cabelo branco devo a você, mas te amo, mano. Eu sinto muito por nunca ter dito isso.

— Pare de drama, H. Nossa genética é boa pra caralho. Não há

nenhum cabelo branco aí. — Rio, tentando minimizar o impacto de sua declaração bonita do caralho. — Não se preocupe, mano. Eu sempre soube — garanto e seus olhos azul-gelo brilham felizes. — As atitudes falam mais que as palavras. Você cuidou de mim, sempre esteve lá quando precisei, mesmo que não fosse muito eloquente com as palavras, e eu sou muito grato por tê-lo

como irmão mais velho.

— Também sou muito grato por tê-lo como irmão, T — murmura, levemente embargado. Sua atenção vai para L, que nos observa com olhos brilhantes também, embora o maxilar esteja cerrado. — Você chegou em um período conturbado... Porém, para a sua sorte, meu coração já tinha sido tocado...

— Por Sofia — L murmura e pigarreia, visivelmente desconfortável. — Você tem uma bonita família, irmão. Seja feliz e faça a sua mulher e filho felizes.

— Obrigado, irmão — H acena, tocado. — T tem razão quando diz que as atitudes contam muito. Porém, as palavras são tão importantes quanto. Eu quase perdi a coisa mais bonita que

aconteceu na minha vida por orgulho, arrogância. Se eu tivesse reconhecido o meu amor por Sofia antes, não teria feito tantas merdas, teria evitado muita dor para nós dois — diz e sinto minha confusão interna aumentando com suas palavras. Porra, Pietra precisa sair da minha cabeça. — Eu te amo, irmão mais novo. Quero que saiba que tem um lugar não só na empresa, mas no seio da

minha família. — L fica completamente estarrecido com a declaração de nosso irmão mais velho. Sua mandíbula aperta mais e seus olhos refletem sua luta interna para não demonstrar emoções.

— Caras... — diz cautelosamente, dividindo a atenção entre mim e H, sobrancelhas juntas, então, bufa: — Eu não tive a evolução de H ainda... — Eu rio porque o idiota usou o apelido e isso

mostra seu avanço. — Talvez nunca tenha...

— Você não precisa dizer nada se não quiser, mano — o tranquilizo, abrindo um sorriso compreensivo. As pessoas são diferentes e não vou forçá-lo se abrir se ainda não está pronto para isso.

— Sim, você não precisa — H endossa.

— Eu preciso — L insiste. — Não vim para o Brasil para confraternizar — diz. — Minha intenção era fazer a vida de vocês dois bem difícil... — Sua expressão é irônica para si mesmo. Eu e H rimos do idiota. — Cresci acreditando que meu pai não me reconheceu, não deu amor por causa de vocês.

— Nosso pai só era capaz de

amar a si mesmo, irmão — H rosna. Esse tópico nunca será bem-vindo entre nós.

— Sim, agora eu sei — L assente, raiva contida em seu rosto. — Tenho que reconhecer, vocês são bem diferentes do que imaginei. — Seu olhar intimidante cataloga a mim e H. — Eu gosto disso. Me desculpem se não devolvo as declarações de coração pra coração —

o bastardo debocha e nós rosnamos de volta. — Não cresci ouvindo esse tipo de coisa. — Engulo em seco. L também passou por maus bocados enquanto crescia. Ele ainda não se abriu conosco nesse sentido, mas desconfio que suas merdas podem ser piores do que as minhas. — De onde eu venho, não fazemos declarações de amor, irmãos. — Seu rosto fica sombrio ao dizer isso.

— Mas, posso dizer agora, mesmo com pouco tempo de convívio, que sou grato por ter tido a oportunidade de desfazer o engano.

— Sim, maninho, nós também te amamos — o provoco para aliviar o clima e ele rosna.

— Vocês ainda são dois babacas riquinhos. Mas são grandes caras também — ele adiciona, claramente

caindo na minha provocação.

— Cara, não demore a se livrar do pau enfiado nessa sua maldita bunda — resmungo e o marrento sorri, um sorriso amplo. Eu gosto disso. É sempre um evento raro ver um desses em seu rosto geralmente sisudo.

Nos afastamos e bebemos em silêncio pelos próximos minutos. Vejo Lígia conversando com Sofia a alguns

metros no gramado. Lígia não parece bem, embora esteja tentando sorrir e interagir desde o começo da cerimônia. Franzo o cenho, observando-a.

— Onde está o namorado pé no saco da patricinha? — L pergunta, irritado. O encaro e não é novidade encontrá-lo com a atenção em Lígia.

— De acordo com Sofia, ela terminou com aquele filho da puta

pedante no começo da semana — H diz, dando de ombros. L recebe a notícia em choque, o que me intriga.

— Porra! — assobia, fechando os olhos por um momento. Fico ainda mais intrigado com o que parece ser culpa invadindo seu semblante. — Por isso ela foi até... Porra, porra! — torna a praguejar.

— Importa-se de elaborar,

irmãozinho? — especulo, olhando-o divertido agora. L abre os olhos e me assusta o que vejo nas irises escuras. Ele não parece nada bem.

— Ela foi até mim... — rosna, nitidamente desgostoso. — Eu fui um babaca tão fodido, porra!

— Uh, seja mais específico, L. Você é sempre um babaca, irmão — continuo implicando com ele.

— Vai se foder, cara! — ele range os dentes e vira o resto do seu uísque. Uh. — Aposto cem pratas como vai subir num avião para Tocantins tão logo saia daqui — tem a afronta de me dizer e eu bufo em deboche.

— O quê?! Cara, você está louco! — retruco, virando meu copo também. Foda-se! — Sou Tristan Maxwell, jamais me deixei domar por uma boceta

— digo como um maldito idiota. — Está obviamente irritado porque, pela sua cara de bunda, fez uma merda grande e a Lígia não vai mais... — Rio malicioso antes de continuar: — Você sabe, irmão, todo mundo já sacou que esteve comendo a garota desde que chegou.

L ri, cheio de deboche. Um deboche que conheço bem e por isso mesmo sei que há caroço nesse angu.

— Eu não sou exclusivo de ninguém, irmão. Boceta é o que não me falta.

— Bem, bem, somos Maxwell, não se pode negar — H intervém com sarcasmo e nos observa, claramente descontente. — Espero que saiam de seus malditos estados de negação e resolvam suas merdas, irmãos. — Eu e L bufamos. — Eu vou buscar a minha

mulher agora, esse é o nosso dia, não vou passá-lo com dois marmanjos resmungões.

E ele se vai enquanto sorrimos e resmungamos às suas costas. Sofia vem encontrá-lo no meio do caminho e eles se beijam, livres, sem medo de mostrar sua felicidade para todos. Cerro o maxilar, tentando impedir o fluxo de ideias estúpidas em minha mente. Todas

elas insistem em me dizer que cometi um grande erro deixando Pietra sair da minha vida. Porra, eu praticamente a expulsei da minha vida, essa é a maldita verdade. Os eventos daquela manhã e da farra irresponsável de ontem, tornam a me torturar enquanto continuo testemunhando a felicidade de meu irmão e a mulher que o transformou. E se isso também puder ser para mim?

Meu peito se agita, o coração começando a bater de uma forma estranha. Olho o vazio ao meu lado. Era para Pietra estar aqui comigo. Sinto sua falta, terrivelmente. Ainda a quero demais. Seu cheiro está nas minhas narinas, a maciez da sua pele ainda está nas pontas dos meus dedos. A sensação do calor perfeito ainda me cerca quando fecho meus olhos. Ofego, meu coração

batendo forte quanto mais penso nela, na falta que me faz. Sua falta dói, porra.

Eu não devia tê-la deixado. Não devia. Eu preciso dela. Porra, eu tenho que ir atrás dela! E então, a revelação acende em minha mente como luzes de neon. Oh, meu Deus... Eu a amo. Minha respiração trava na garganta e todo o meu corpo entra em ebulição. Pietra. Oh, Cristo! Pietra! Eu a amo! A imagem dela

surge em minha mente e meus olhos ardem pela descoberta e meu peito dói, comprimindo pelo que fiz conosco. Oh, tigresa. Me perdoe, me perdoe. Peço uma e outra vez em angústia silenciosa. Eu te amo. Eu te amo!

— Porra, eu a amo! — exclamo e percebo que L acabou de dizer a mesma coisa. Me viro para ele. Meu irmão está olhando Lígia saindo por entre os

convidados, acho que indo embora.

— Eu vou atrás dela, irmão! — ele diz, o rosto torcido com o mesmo remorso que estou sentindo.

— Eu também, mano! — digo e ele acena. Então, nós saímos correndo pelo gramado, cada um tomando uma direção. Encontro Yuri conversando com os outros seguranças de H e ele vem até mim ao ver meu estado de aflição. —

Peça o piloto para preparar o jato, Yuri! — Ele me encara com uma expressão surpresa, mas nem tanto. — Vamos para Tocantins, caralho!

Meu segurança ousa abrir um pequeno sorriso. Corremos os dois para o carro. A viagem até minha casa é agonizante, olho para fora o vento entrando pelas janelas e me recordo das vezes em que Pietra se preocupou

comigo e meu ataques de pânico. Ela o fez muito antes de eu lhe contar sobre o meu trauma. E meu peito dói mais, constatando o que eu já sabia, mas não quis analisar, na minha covardia não quis ver. Ela me ama. Porra, ela me ama! De repente lamento ainda mais por nunca ter ouvido as três palavras da sua boca. É com tristeza que percebo, preciso ouvi-las. Necessito ouvi-las.

Então, as circunstâncias de nossa separação me assombram, me fazendo temer nosso futuro. Ela vai me perdoar pela minha covardia? Deus, espero que sim. Preciso dela. Nenhuma pode me dar o que ela pode. É ela. Por isso me senti tão atraído, encantado desde o primeiro momento. Ela é a mulher da minha vida. É ela, apenas ela.

Subo para o quarto quando

chegamos em casa e arrumo uma mala rapidamente. Tenho algumas coisas na cobertura de Palmas. Com sorte, não precisarei ficar por muito tempo, ela virá comigo quando lhe pedir desculpas. Ela vai me perdoar. Tem que perdoar. Quando desço para a sala, minha irresponsabilidade me bate na cara, Anita está esparramada em meu sofá. Porra, esqueci que tinha combinado de

continuar a festinha apenas com ela hoje. Todavia, era na casa da piscina, não aqui. Trouxe muitas mulheres na propriedade, mas sempre as comi na casa da piscina. Aqui dentro apenas Pietra esteve. O quarto de jogos foi decorado especialmente para ela. Diminuo os passos, olhando a cadela com desagrado agora. Está linda como sempre, usando um vestido curto e se

levanta, vindo me encontrar com um sorriso amplo, satisfeito.

— Como foi o casamento, querido? — pergunta, com voz mansa, como se fosse minha namorada.

— Bom — respondo laconicamente e ela franze a testa. — Ouça, Anita, estou de saída.

— De saída? Para onde? — Seu olhar cai para a mala. — Marcamos de

dormir juntos hoje, meu garanhão. — Faz beicinho. — Esta noite seria só minha, você me prometeu.

Cerro a mandíbula, incomodando com essa merda. Não devia ter lhe feito essa promessa. Porra, não devia ter ligado para a vadia ontem, para começar. O que aconteceu ontem pode ter fodido minhas chances com Pietra. O olhar que ela me deu quando me viu com

as cadelas na piscina está me assombrando sem piedade desde que descobri meus verdadeiros sentimentos. Eu a traí. Essa é a verdade. Terminei as coisas abruptamente e caí imediatamente na esbórnia. Oh, Deus, espero que ela possa ser capaz de me perdoar. Estou profundamente arrependido. Profundamente.

— Estou indo buscar Pietra —

digo de uma vez para acabar com suas esperanças de continuar essa merda entre nós. — Eu e você não vamos mais nos relacionar fora do ambiente profissional, Anita.

Seu rosto fica branco como um fantasma e ela estaca, parecendo impactada com a revelação.

— O-o quê?! Como?! — balbucia, então, os olhos castanhos vão sendo

preenchidos com ódio quando berra: — Que porra é essa, Tristan? O que aquela putinha do interior te contou? A caipira ridícula contou sobre o bebê, foi isso? Por isso está aí querendo ir atrás dela?

Meu corpo inteiro gela, minha atenção presa na frase anterior. Ela disse bebê? Ofego, parando de respirar por um segundo. Oh, meu Deus, o que ela está dizendo? Um frio percorre

minha espinha enquanto pisco. As coisas parecem que estão prestes a ficar piores.

— Você não sabe se essa criança é sua, T! Aposto que a vadia está apenas querendo se dar bem com o dono da companhia. Esqueça essa puta metida a esperta, meu garanhão. Ela é nada perto de você. Nada!

E bile sobe à minha garganta. Pietra está... Grávida?! Oh, Cristo, não

pode ser.

— O que está dizendo? Pietra está grávida? — Minha voz sai esganiçada, tudo dentro de mim se agitando e não de um jeito bom. Parece que o erro que cometi tem maiores proporções do que estupidamente supus. Minhas mãos tremem, suam, meu coração frenético. Oh, Deus...

— Então, ela não lhe contou? —

Anita, pergunta agora com cautela. — Eu não sei. É só uma suspeita. Eu...

— Pare a merda da encenação, cadela — cuspo, me aproximando ameaçadoramente. — Você acabou de garantir que Pietra está grávida — ranjo os dentes. — Me conte tudo que sabe e como descobriu — a intimo.

Ela me atira punhais, visivelmente irritada.

— Sim, a puta está grávida — diz com deboche. Fecho meus olhos, lamentando por tudo que ocorreu desde aquela maldita manhã. Para começar, Pietra me ouviu dizer para Muriel que exigisse um aborto da garota que engravidou dele. Oh, Cristo. Como pude fazer tal coisa monstruosa? Me pergunto, sentindo nojo de mim mesmo. Eu estava fora de mim naquela manhã, me

obrigando a terminar as coisas com Pietra e acabei descontando minha miséria no homem e numa criança inocente. Pietra. Ela está carregando o meu filho e teve que ouvir aquela barbaridade. Como irei reverter tamanha sandice, Deus? Como? Pergunto-me angústia e remorso me jogando no chão. Ela deve estar muito magoada. Meus pecados foram muitos. Muitos. — E

quer saber? Eu a chamei para a cobertura ontem. Ela precisava ver quem é você de verdade para acabar com suas ilusões de caipira tonta do interior. Você é muito para ela, T, não consegue ver isso?

Me afasto, impactado com essa última revelação cheia de despeito. Ira sem tamanho me toma pela ousadia dessa cadela. Armou para Pietra me ver

com elas. Passo as mãos pelo cabelo. Porra, como posso ter fodido tudo de tantas formas? Desespero me engolfa, medo absurdo de que agora possa ser tarde demais para a minha redenção. Eu machuquei a mulher da minha vida por egoísmo, medo, covardia. Minhas ações podem tê-la afastado para sempre. Tudo em mim se revolve, dói, diante dessa possibilidade. Não, Deus, me ajude a

resolver tudo. Me ajude a ter a minha mulher e filho de volta.

— Saia. Suma da minha vista. — Cerro os dentes, me contendo a muito custo. Olhar para essa cadela me deixa muito pior nesse momento. Ela é a prova das minhas transgressões, da minha covardia.

— T, sabe que sou a mulher certa para você. Sabe que... — Ela tenta me

alcançar, mas estendo a mão, parando-a. — O que aquela baranga tem? Porra, eu odeio aquela vadia!

— Cale a merda dessa boca! Escute bem o que vai acontecer de agora em diante, Anita. — Olho-a seriamente, como nunca. — Você não irá mais me dirigir a palavra fora do ambiente profissional. Vou garantir que não fiquemos mais nas mesmas escalas. —

Ela me olha com raiva. — E o mais importante, você nunca mais será desrespeitosa com Pietra.

— Espero nunca mais ver aquela puta dos infernos! — vocifera.

— Mas você verá. A não ser que peça demissão, verá Pietra de novo porque ela será a minha esposa. Eu a amo — digo e ela cambaleia para trás. — Sua armação prejudicou uma garota

que nunca te fez nada de mal, porra! Ela deve estar devastada por tudo que me viu fazer naquela merda de festa!

— Não pode fazer uma loucura dessas! Ela é uma caipira, T! O que diabos viu nela? — Anita se descontrola. Seu rosto outrora bonito, transformado pelo despeito e ódio. — Como pôde fazer isso comigo? Estamos juntos há muito mais tempo e...

— Era só sexo com você, está cansada de saber disso — ranjo e grito Yuri. — Yuri, mostre a saída para a senhorita, por favor.

— Não! T, por favor, posso ser discreta. — Ela cai de joelhos no chão. Mas que merda! — Não me deixe! Eu faço o que você quiser! Ela não precisa saber.

— Porra, se dê o respeito! —

ranjo, farto dessa louca e de como complicou minha situação com Pietra.

— Eu amo Pietra e jamais a trairia outra vez! Jamais! Agora saia da minha frente!

Yuri entra e a levanta do chão, carregando-a para fora. A cadela chora copiosamente, me deixando mais irritado. Expiro longamente, esfregando as mãos em meu rosto. Pietra está esperando um filho meu. Está grávida e

eu a massacrei por duas vezes num curto espaço de tempo. Um filho, meu Deus. Vou ter um filho. Ela me dará um bebê. Meus olhos turvam, lágrimas de remorso se acumulando dolorosamente. Deve estar achando que não quero nosso filho. Preciso convencê-la do meu amor. Preciso fazê-la acreditar que ela e esse bebê são a minha única forma de ser feliz, completo de novo. E em meio a

tantas incertezas, me permito apreciar a notícia. Serei pai. Porra, serei pai! As lágrimas descem, quentes, cheias de vergonha, mas também de esperança.

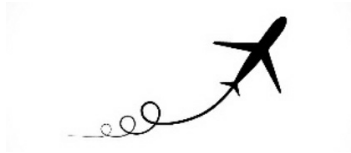
Quando saio, Apolo está me esperando no hall. Meu cão me olha com uma expressão triste. Minha governanta me ligou enquanto estive me escondendo na cobertura, preocupada com ele e sua tristeza. Ele está sentindo a falta de

Pietra. Me abaixo e o abraço pelo pescoço. O bicho grunhe.

— Eu sei, amigão. Cometi um erro terrível com a nossa garota — digo, sentindo minha voz embargar. — Mas estou indo buscá-la. Ela está grávida — conto como se o bicho de fato pudesse me entender. — em breve terá um bebê para brincar com você. — Afago sua pelagem macia. Ele dá um latido e rio

em meio ao caos em que me encontro.

— Farei o que for preciso. Moverei céus e terra, mas Pietra e o bebê voltarão para nós, amigo. Eu prometo!



Cerca de duas horas e meia depois, o carro alugado para do lado de fora do *The Pilot*. Não sei se Pietra está aqui, mas ela não está atendendo às minhas ligações. E foram muitas desde

que levantei voo de São Paulo. Liguei para minha avó e lhe disse que estava vindo atrás do meu coração. Ela ficou radiante. Coitada, não sabe como feri Pietra e como será difícil minha tarefa aqui. Apreensão me assola quando saio com Yuri, nos dirigindo para a entrada. O estacionamento está lotado como sempre. É um sábado, uma das noites mais agitadas no bar. Passamos pelos

seguranças na entrada e sigo pelo living. Meu coração retumba no peito a cada passo que dou para dentro. Paro nos degraus acima, esquadrinhando o local familiar. Quando meus olhos pousam no bar perto do palco, meu coração enlouquece quando a vejo. Ela está atendendo, junto com Aidan e Luíza, como gosta de fazer. Linda numa calça justa e regata branca e curta. Deixo meus

olhos vagarem por toda ela, uma saudade tão grande me golpeando.

— Pietra... — a chamo, embargado, o amor recém-descoberto tão vivo, pungente dentro de mim. Como eu pude deixá-la? Como não percebi antes que era amor? Como? Pergunto-me inconformado por ter feito uma bagunça tão grande com a melhor coisa que já me aconteceu. — Meu amor.

No primeiro momento eu apenas a olho. De repente parece que tem uma eternidade que não a vejo. Senti tanta falta. Tanta. Ela está linda, mas triste. A expressão em seu rosto bonito e maquiado é devastada, como sabia que seria. Os cabelos estão presos num rabo de cavalo e isso destaca ainda mais a tristeza em suas feições. Meu olhar cai para o seu ventre. Meu filho está ali. Ela

abriga o meu bebê. Lágrimas voltam em meus olhos ao saber que a magoei cruelmente. Eu desço os degraus e me dirijo devagar para o bar, em sua direção. Paro do lado de fora da bancada e seu olhar levanta, encontrando o meu. Ela arregala os olhos, surpresa total estampando seu rosto. Engulo em seco ao ver que seus olhos antes tão expressivos e vivos

estão mortos agora. A luz se apagou. Eu me encarreguei disso e me odeio um pouco mais nesse momento.

— Sinto muito... — Minha voz sai engasgada, permeada de arrependimento. — Sinto muito — torno a falar. — Eu estava errado. Tão errado.

Ela pisca, a postura endurecendo.

— O que faz aqui? — Sua voz é rouca e seus olhos estão avermelhados,

indicando que andou chorando. Meu peito aperta por vê-la assim.

— Preciso conversar com você... Por favor — digo, olhando-a bem dentro dos olhos. — Preciso lhe pedir perdão por tudo. Preciso...

— Vá embora. — Sua voz sai tremida. — Não há mais nada que possa me dizer, Tristan.

Eu respiro fundo, passando as

mãos pelo cabelo. Estou nervoso como nunca estive. É a hora. Ela precisa saber como me sinto. Não posso ficar nem mais um segundo sem lhe dizer como estou arrependido.

— Há muita coisa que não dissemos — digo sem desviar meu olhar do seu. — Eu te amo, Pietra. — Ela ofega, a boca entreabrindo, choque tomando seus olhos. — Te amo. — Seus

olhos se enchem de lágrimas e ela aperta os lábios, meneando a cabeça.

— Espera mesmo que acredite nessa mentira absurda? Tem apenas vinte e quatro horas que te vi naquela piscina, Tristan — ela cospe, asco preenchendo suas feições. — Por favor, vá embora. Me deixe em paz!

— Eu sei sobre o bebê — murmuro e seus olhos ficam mais

lacrimosos. Ela segura o ventre como se precisasse proteger o bebê de mim.

— Eu não vou tirar o meu filho, se é por isso que veio — range os dentes, me lançando um olhar ainda mais enojado. — Esse bebê é meu! Você não vai chegar perto dele ou de mim, nunca mais!

Oh, Deus, eu cometi tantos erros. Passo as mãos pelo rosto, rogando a

Deus para me mostrar um meio de resolver isso.

— Eu nunca lhe pediria isso, por favor, acredite — digo, me sentindo miserável como nunca. — Eu quero o bebê. Quero o nosso filho. Quero vocês na minha vida, Pietra.

Ela levanta o queixo, embora seus olhos estejam denotando sua devastação.

— Não, você não quer. Não sei

que porra está fazendo aqui, mas saia antes que chame meus irmãos para jogá-lo para fora!

— Não é preciso, maninha. — A voz ameaçadora soa do meu lado direito. Em seguida, duas mãos grandes se fecham em meus pulsos.

Porra! São Nando e Guga, os brutamontes do MMA. Eles apertam minha carne com força, suas caras de

poucos amigos.

— Você não é mais bem-vindo em nosso bar, cara — Guga adverte, sua carranca me dizendo que está louco para me meter a porrada. Engulo em seco. Levo minha atenção para Pietra, que agora está cercada por Aidan e Luíza. Os dois abraçando-a protetoramente enquanto me lançam olhares feios e decepcionados.

— Eu te amo. Por favor, acredite em mim, Pietra — peço, o desespero tomando conta de mim. — Vou amar nosso bebê, eu prometo. Me perdoe, tigresa. Por favor, me perdoe. Eu estava com medo. — Ela chora e meneia a cabeça, se negando a acreditar em mim. E dói como o inferno. Seus irmãos começam a me arrastar para a saída. Torno a me desesperar, me debatendo.

Mas eles são muito maiores e mais fortes do que eu. — Pietra! Eu te amo! Me perdoe, meu amor! Por favor, me perdoe!

— Corte a merda, seu babaca! — Guga torna a falar. Ele não vai com a minha cara. Nando é mais maleável.

— Por favor, me deixem falar com ela! — Viro para Nando. — Eu amo a sua irmã. Por favor, acredite!

— Desculpe, cara, mas não dá para acreditar. — Ele aperta a boca descontente. Em instantes sou arrastado para fora e eles me empurram como se eu fosse um qualquer. — Não volte aqui ou não seremos tão civilizados.

Yuri rosna na direção dos dois, mas pego seu braço, contendo-o. Eles estão certos. Embora doa como o inferno ser tratado com a um leproso,

seus irmãos só estão cuidando dela. Os admiro por isso. Encaro um e outro, seus olhares ferozes e ameaçadores. Ajeito minha jaqueta, me negando a me intimidar. É a minha mulher e filho lá dentro e não irei me acovardar mais.

— Está bem, irei embora agora — eles bufam, como se esperassem exatamente isso de mim. — Vou para não chatear mais a Pietra. Mas saibam

que voltarei amanhã. — Eles fecham as caras novamente. — E cada dia depois. Farei isso indefinidamente até sua irmã ouvir tudo que tenho para dizer. Eu a amo. Não estou mentindo.

— Foda-se, mauricinho de merda! — Guga range os dentes, fazendo menção de avançar em minha direção, mas seu o irmão pega seu antebraço.

— Não, mano. — Nando meneia a

cabeça. — Vá embora e não volte, cara. É o último aviso amigável que terá.

Quero insistir, mas Yuri me puxa. Reluto no começo, contudo, me deixo ser conduzido de volta ao carro. Quando sento no banco do passageiro, coloco meu rosto entre as mãos e choro. Eu estraguei tudo. Porra, estraguei tudo!

# Pietra

A música tocando é animada, mas nada consegue me animar em meu estado atual de miséria. Papai e mamãe não queriam que eu viesse ao bar hoje, porém, insisti. Eu precisava sair para parar de chorar. Tive que usar um quilo de maquiagem para disfarçar meus olhos

inchados e vermelhos. Cada vez que as imagens dele se esfregando naquela puta maldita e nas outras vadias me vem à mente, descubro que ainda tenho lágrimas. Nunca senti tanta dor. Deus, a sensação de rejeição é esmagadora. Algum dia irei para de amá-lo? De me sentir assim, usada e descartada feito lixo?

— Corta meu coração ver você

assim, amiga. — Aidan passa o braço por cima dos meus ombros e beija o topo da minha cabeça. Luíza está atendendo na outra ponta do balcão, seu olhar preocupado vindo para mim de vez em quando. Eu chorei em cima deles o dia todo. Minha irmã e primas também se juntaram a nós, rogando todas as pragas do Egito sobre Tristan. Luana pelo menos se conteve e não me jogou

na cara que nunca foi a favor do meu envolvimento com o playboy mulherengo. Todos me apoiaram, especialmente por causa do bebê. Passado o choque, minha família ficou feliz pela gravidez. Não foi planejada, mas iremos amá-lo da mesma forma. Até mesmo meus irmãos trogloditas, que estão passando uns dias de folga na cidade, ficaram contentes em saber que

vão ser tios. Claro que o primeiro pensamento deles foi de quebrar todos os ossos do corpo de Tristan. Mas acabaram se acalmando.

Não sou a primeira e nem a última mulher a se encontrar numa situação assim. Nem sempre os pais do bebê se amam loucamente e ficam juntos para sempre. Oh, Deus, mas eu quis tanto o amor dele. Tanto, tanto. Eu tinha certeza

do seu amor. Como pude me deixar enganar tanto? Ele não me amava. Era só sexo. Ele gosta disso: sexo.

— Eu vou ficar bem — prometo a meu amigo e ele torna a me beijar na têmpora. Ambos sabemos que estou mentindo.

Não ficarei bem, não num futuro próximo pelo menos. A dor que está esmagando meu coração é grande

demais e não irá embora num passe de mágica. Infelizmente não é assim que funciona. Leva tempo. Aidan vai atender um cliente e pego alguns copos para lavar, me ocupando para esquecer a minha merda. Termino a tarefa e os enxugo e quando levanto minha vista, meu corpo inteiro gela, tremores me assaltando impiedosamente. Oh, Deus... Meu coração salta, tudo dentro de mim

se agitando. Uma mistura de sentimentos espiralando em minhas entranhas: raiva, decepção, asco, mas também o amor, a alegria por tê-lo diante de mim quando pensei que não o veria tão cedo. Me odeio por me sentir assim, mas não dá para ignorar meu coração saltando por ele. Eu ainda o amo. Mesmo que o odeie por tudo que me fez, ainda o amo. Sinto meus olhos se enchendo de lágrimas.

São muitas emoções para esconder e meus hormônios levam a melhor. Seus belos olhos escuros estão intensos, cintilando ferozmente, porém, há uma suavidade lá também, como se estivesse emocionado de alguma forma.

Pisco, desnorteada, me sentindo frágil, diminuta diante desse homem que tanto me deu, mas tanto me tirou nos últimos quatro meses. Minhas mãos

estão tremendo, mas não desvio o olhar do seu, mesmo que doa olhar para ele nesse momento. O que está fazendo aqui? O quê? Me pergunto angustiada. Ele me deixou. Me chutou para o meio-fio sem um segundo pensamento e foi se esbaldar com suas prostitutas em seguida. O que pode querer aqui apenas um dia depois de me dar a última punhalada?

— Sinto muito... — ele murmura, sua voz tensa e pesarosa. — Sinto muito — repete, seu lindo rosto angustiado como nunca vi antes. — Eu estava errado. Tão errado.

Torno a piscar, meu íntimo se agitando com suas palavras. O que diabos ele está dizendo?

— O que faz aqui? — atiro, endurecendo minha coluna. Ele torce o

rosto parecendo consternado, o que me intriga.

— Preciso conversar com você... Por favor — implora, seu tom e olhar parecendo desesperados. — Preciso lhe pedir perdão por tudo. Preciso...

— Vá embora — o corto, não querendo ouvir mais nada. Meu coração tolo ainda está frágil demais para estar perto dele. — Não há mais nada que

possa me dizer, Tristan.

Ele respira fundo, passando as mãos pelo cabelo revolto. Parece nervoso e fico cada vez mais intrigada com sua presença aqui.

— Há muita coisa que não dissemos — afirma, me encarando fixamente. Então, eu ofego quando murmura com esses olhos bonitos e intensos nos meus: — Eu te amo, Pietra.

Te amo. — Um soluço me escapa, lágrimas toldando a minha visão. Como ele pode brincar com algo assim? Meu coração dói e aperto minha boca, evitando chorar descontroladamente em sua frente. Nunca pensei que fosse cruel a esse ponto. Meneio a cabeça, me negando a ser enganada por ele e sua aparência.

— Espera mesmo que acredite

nessa mentira absurda? Tem apenas vinte e quatro horas que te vi naquela piscina, Tristan — cuspo, a dor da traição ainda cortando fundo. Deixo o nojo, a raiva vir à tona, sobrepujando todo o amor que ainda está em meu coração e brado: — Por favor, vá embora. Me deixe em paz!

— Eu sei sobre o bebê — revela e um novo soluço me escapa.

Instintivamente seguro meu ventre, protegendo meu filho do que quer que vá sair da boca desse homem.

— Eu não vou tirar o meu filho, se é por isso que veio — cerro os dentes, encarando-o com repulsa. — Esse bebê é meu! Você não vai chegar perto dele ou de mim, nunca mais!

Tristan parece chocado com minha explosão.

— Eu nunca lhe pediria isso, por favor, acredite — sussurra, sua voz pequena e um tanto... Envergonhada? — Eu quero o bebê. Quero o nosso filho. Quero vocês na minha vida, Pietra.

O que está dizendo?! Olho-o estupefata. Então, me ponho a pensar na razão para ele estar dizendo isso: dona Magnólia. Ele deve ter ido bisbilhotar no RH e descobriu sobre o bebê, então

contou para a avó. Está aqui porque ela o obrigou a assumir sua responsabilidade. Oh, Deus, porque chegar a essa conclusão me esmaga ainda mais? Porque seu coração tolo e apaixonado ainda pulsa por esse homem, Pietra. É por isso. Ergo meu queixo, não me deixando ludibriar pela expressão arrependida de Tristan.

— Não, você não quer. Não sei

que porra está fazendo aqui, mas saia antes que chame meus irmãos para jogá-lo para fora!

— Não é preciso, maninha. — Nando se coloca do lado de Tristan e Guga se coloca do outro. Os dois seguram os pulsos do imbecil mulherengo. Nesse momento gostaria que meus irmãos lhe dessem uma fodida surra. Talvez isso amenizasse a dor me

rasgando por dentro.

— Você não é mais bem-vindo em nosso bar, cara — Guga rosna com sua cara de poucos amigos para Tristan. A exemplo de Luana, meu irmão mais velho nunca aprovou nosso envolvimento. Aidan e Luíza me cercam ao ver a confusão se formando. Os dois me abraçam protetoramente e não consigo mais segurar o choro.

— Eu te amo. Por favor, acredite em mim, Pietra — ele repete. Não consegue ver o quanto está me magoando com essa encenação? — Vou amar nosso bebê, eu prometo. Me perdoe, tigresa. Por favor, me perdoe. Eu estava com medo. — Eu soluço, sacudindo a cabeça, me blindando contra ele. Tudo que vem dele é nocivo. Parece bonito, sedutor, mas é nocivo e

me destruiu de tal forma que levarei tempo para me recuperar. Talvez nunca me recupere. Meus irmãos começam a me arrastá-lo para a saída. Tristan se debate, me olhando com tanto desespero que meu coração tolo quer acreditar. Mas não posso. Sua imagem junto daquelas mulheres está fresca em minhas retinas, não me deixando me iludir outra vez. — Pietra! Eu te amo! Me perdoe,

meu amor! Por favor, me perdoe!

Eu enfio o rosto no peito de Aidan e fecho os olhos para não vê-lo sendo carregado para fora.

— Porra, como ele pode vir aqui e falar de amor depois de tudo? — Luíza rosna, decepcionada.

— Ele só está fazendo o que sua avó pediu, tenho certeza — digo entrecortado, abrindo os olhos,

limpando meu rosto e me afastando do abraço deles.

— O que você fará, amiga? Se ele voltar aqui, quero dizer? — Aidan inquire, seu rosto sério como nunca.

— Vou enxotá-lo quantas vezes for necessário — garanto.

— E se ele realmente quiser fazer parte da vida do bebê? — Luíza pergunta, franzindo o cenho.

— Ele não quer, vai por mim, amiga — digo, as palavras frias e cruéis daquela manhã martelando em minha mente. — Nunca mais abaixarei minha guarda perto desse homem — minha voz treme. —, nunca mais.



# Capítulo 14

***Aguente! Aguente! Não se assuste. Você nunca mudará o que aconteceu e passou. Que seu sorriso (seu sorriso). Brilhe (brilhe). Não tenha medo (não tenha medo). Seu destino talvez te mantenha aquecido.***

***(Stop Crying Your Heart Out – Oasis)***

*Um mês depois...*

# Tristan

Eu observo as luzes de Palmas da varanda da minha sala. Um mês. Um mês de tormento, no qual Pietra não quis ao

menos olhar na minha cara. Com toda razão. Infelizmente eu provoquei isso. Como consegui estragar algo tão bonito? Viro a cerveja, ingerindo um grande gole. Nunca imaginei que sofrer por amor doesse tanto. Vi H sofrendo por Sofia, mas nada me preparou para sentir isso na pele. É uma dor agonizante, excruciante, saber que a pessoa que você ama não nos quer mais por perto. E

dói muito mais quando você é o único maldito culpado, com toda certeza.

— O bebê está bem. — A voz de Yuri soa atrás de mim e me viro rapidamente. Ele estava tentando arrancar informações de Aidan sobre a segunda consulta de Pietra esta tarde. Ela não me disse nada. Seu amigo é quem acabou deixando escapar que teria consulta de pré-natal hoje. Eu queria

estar lá. Deus, como queria. Acompanhei Sofia em todas as consultas e mais uma vez entendo perfeitamente a extensão dos sentimentos de meu irmão ao ser deixado de lado. Sei que mereço pela estupidez cometida naquela manhã. Pietra acha que não quero o nosso filho, com toda razão. Já me desculpei com Muriel por ter lhe dado a infeliz ideia do aborto, inclusive. Por sorte o cara

não tinha levado a sério meu disparate e vai assumir seu filho, como os homens de verdade fazem.

— O que Aidan disse? — pergunto e o olhar de meu segurança é de pesar. Ele tem testemunhado em primeira mão todos os meus esforços vãos para chegar perto de Pietra desde que chegamos em Palmas, há um mês. H me ajudou a voltar para a rota Palmas-

São Paulo. Quando me perguntou por quanto tempo, lhe disse que essa resposta apenas a mãe do meu filho tem. Só voltarei para São Paulo com ela. É irônico que tenha voltado exatamente a este ponto, as rotas domésticas. Porém, farei tudo, absolutamente tudo que for necessário para que ela acredite e aceite o meu amor. Que perceba que estou falando sério sobre assumi-la e ao bebê.

— Disse que está tudo dentro do esperado, crescendo bem. Está com quinze semanas e na próxima consulta já é possível saber o sexo — Yuri diz.

Meu peito fica quente com a notícia. Será um menino? Uma menina? Uma moreninha linda e extrovertida como sua mãe? Meus olhos queimam na emoção de saber sobre o bebê que gerei com a mulher da minha vida. Porra, eu

vou ser pai! Ainda me sinto meio anestesiado, para falar a verdade. Anestesiado e angustiado por ser privado de conversar com Pietra sobre nosso filho. Todos os dias bato ponto na porta do *The Pilot,* como disse que faria. Eles não me deixam entrar, conforme haviam me avisado. Mesmo quando os irmãos não estão na portaria, os outros seguranças têm ordens

expressas para me barrar. Eu a vejo de longe. Apenas vislumbres e isso me mata. Sinto tanta falta dela, de nós. Devia ter dado atenção aos conselhos de vovó e H sobre não meter os pés pelas mãos e afastá-la de mim. Mas não fiz e estou pagando caro por isso.

— Cometi um erro terrível, não foi, amigo? — murmuro e Yuri engole em seco, aquela expressão pesarosa

voltando em seu rosto.

— Sim, meu amigo. Infelizmente você tomou decisões ruins — assente. — Pietra está magoada agora. Dê tempo ao tempo e tudo pode se ajeitar entre vocês.

Meu coração se alegra com sua perspectiva. É um alento ouvir isso.

— Acha mesmo que ela pode me perdoar por ter sido tão estúpido? —

pergunto, querendo acreditar nisso desesperadamente.

Ele acena depois de um tempo me analisando.

— Ela te ama. — Torce o nariz. — Não sei o que a garota viu em você, mas ela te ama. — Eu rosno e o idiota volta a ficar sério, completando: — Era visível para quem os via juntos.

Isso me apazigua e torno a me

alegrar.

— Obrigado, cara — digo, tomando o resto da minha cerveja. Meu celular toca. É L, confiro ao puxar o aparelho do bolso. Volto a me debruçar sobre o parapeito e o atendo:

— Irmão, o que há? — saúdo sem entusiasmo.

Ouço-o expirando alto do outro lado. Porra, seu entusiasmo rivaliza com

o meu. Ironizo-nos. Isso indica que meu irmãozinho ainda está tão fodido quanto eu. Suas tentativas de fazer as pazes com Lígia também não estão sendo exitosas. Para piorar, a garota também está grávida dele. Pois é, nós fodemos tudo regiamente!

— Como foi a consulta de Pietra? — indaga, seu tom tão cansado que fico preocupado.

— Foi bem. Na próxima já podemos saber o sexo — informo, minha voz cheia de orgulho. — E quanto a Lígia?

Novo som exasperado em meu ouvido.

— Ela não vai me deixar chegar perto, T. Alberto também está se negando a me atualizar, aquele filho da puta. Tudo que sei é que ela teve uma

consulta ontem — ele rosna. — Eu sei que fodi tudo, mas é o meu filho na barriga dela, porra!

— Merda, mano, entendo perfeitamente como se sente — expiro, solidário. — Tive a sorte de um amigo de Pietra se sensibilizar com minha merda e passar as informações para Yuri. O cara também não quer falar diretamente comigo. Estou sendo tratado

como se tivesse contraído a porra da Peste Negra — resmungo.

— Nós realmente fomos uns bastardos de merda, não fomos, irmão? — Seu tom é cheio de culpa, um reflexo do meu.

— Nós fomos, irmão — assinto. Não temos por que dourar a pílula.

— Sua entrada já foi permitida no bar? — inquire.

É a minha vez de expirar desanimado.

— Não. Mas não vou desistir. Estarei lá todo maldito dia até Pietra entender que estou em sua vida para ficar.

— Boa sorte, mano — diz com um suspiro.

— O mesmo para você, mano — digo de volta e desligo. Estamos

enchendo os ouvidos um do outro e deixando H desfrutar da sua viagem de lua de mel com Sofia e Theo. Eles estão nas ilhas gregas nessa semana, pela rápida ligação que fizemos há dois dias.

Minha avó tem ligado todos os dias, apreensiva com a bagunça que fiz. Sei que está decepcionada comigo, mas me dá a mesma garantia que Yuri me deu ainda há pouco sobre o amor de Pietra.

Ao que parece apenas eu fui um cego maldito. Para ser sincero, não fui cego, me neguei a ver, o que é pior. Não quis ver por que o medo e a covardia foram mais fortes e achei que voltar a ser o velho Tristan era tudo o que precisava. Já era tarde. Meu coração, meu corpo, minha alma já estavam tomados por aquela garota linda do Norte. Ela me tocou como nenhuma outra. Era para ser

ela. Estava destinado a ser ela. As coisas vão se resolver. Rogo a Deus fervorosamente a cada noite quando coloco a cabeça no travesseiro e as lembranças me invadem. E a cada manhã, quando acordo sem seu corpo quente em meus braços. É uma dor quase física. Sinto minha carne sendo rasgada. Eu a amo. Porra, amo tanto. Me recuso a perdê-la. Não posso perdê-la. Retomei,

inclusive a terapia sobre o meu trauma. Quero me curar completamente para nunca mais afastar a mulher que amo por causa dessa merda. Logan e Fernanda Maxwell não terão mais nenhum poder sobre mim. Vou mandá-los para o inferno! Definitivamente!

Volto para dentro da sala, pegando minha jaqueta de couro marrom sobre um dos sofás. Yuri esboça um pequeno

sorriso para a minha persistência e pega a sua também. Hora de bater meu ponto. Em poucos minutos estamos desmontando das motos no estacionamento do *The Pilot*. Hoje é sexta temática. Deve estar lotado e foda-se, vou arrumar briga se não me deixarem entrar! Sigo para a portaria, notando que Nando e Guga estão lá. Merda. Eles cruzam os braços enormes

sobre os peitorais absurdos e duas carrancas me recepcionam enquanto chego para perto. Não posso me dar ao luxo de me intimidar. É a minha mulher e filho lá dentro.

— Eu vou ver Pietra esta noite, nem que tenha que brigar com vocês para isso — aviso, entoando minha melhor voz ameaçadora.

Bufam e se entreolham, claramente

zombando porque não sou páreo para suas estruturas ameaçadoramente construídas para o combate. Sou treinado em lutas, porém, longe de ser um profissional como eles. Mas por Pietra, enfrentarei essa merda se for preciso.

— Cara, leve seu patrão para casa antes que o babaca se machuque — Guga debocha, encarando Yuri.

— Dois contra dois. É uma luta justa — meu segurança tem a ousadia de dizer e eu o olho. Porra, ele é corajoso ou suicida? Talvez confiante demais em suas extensas habilidades de luta. Mas, merda, não quero realmente um confronto. Prefiro meu rosto sem nenhum hematoma, obrigado.

— A qualquer hora, seu fodido! — Guga range os dentes e Nando, o

detém, colocando a mão em seu antebraço.

— Pare a merda, mano — diz e me encara com nítido desagrado. — Nosso pai autorizou a sua entrada.

Isso me deixa surpreso. Ousei ir até a chácara de Pietro hoje de manhã, insistindo para que me recebesse. Ele e sua esposa me atenderam. A contragosto, mas atenderam. Foi a conversa mais

desconfortável que já tive na minha vida. Como explicar para os pais da garota que você desprezou e largou grávida que suas intenções são sérias? Tal como sua filha, eles não acreditaram em mim. Saí de lá sem esperanças. Contudo, agora percebo que nossa conversa rendeu algum fruto se minha entrada está sendo liberada. Obrigado, Deus! Agradeço silenciosamente. Vou

poder vê-la de perto. Ao menos estar no mesmo ambiente que ela já é o suficiente. Vou me contentar com isso por enquanto. Vou pegar essa chance com unhas e dentes.

— Valeu, cara — digo, olhando-o com seriedade.

— Não agradeça a mim. — Nando não abranda suas feições. Os olhos verdes no mesmo tom dos de seu pai, me

encarando duramente. — Não ouse chegar perto da minha irmã lá dentro ou te jogarei para fora, estamos entendidos?

Engulo em seco. Caralho, realmente estão me tratando como a um leproso. Expiro, forçando-me a manter a calma. Tudo bem, eu mereço.

— Só quero vê-la. Não vou forçar a barra, prometo — garanto. — Eu amo

a sua irmã, Nando. Não estou mentindo. Não preciso mentir sobre isso.

— Foda-se, mauricinho! — Guga range os dentes. — Não teste a nossa paciência, cara.

— Foda-se você, cara! — replico, irritado, acuado. — Eu a amo, porra! Não vou desistir dela e do meu filho! Pietra será a minha esposa!

Eles tornam a bufar, cruzando os

bíceps enormes e assustadores.

— Boa sorte com isso, idiota — Nando resmunga. — Vá, antes que me arrependa. — Indica a entrada com o queixo.

Exalo alto e sigo com Yuri na minha cola. Quando entramos no living a decoração dos anos 2000 está por toda a parte. Um dance animado está tocando nas caixas acústicas. Desço os degraus e

ando em linha reta para o bar. Aidan e Luíza me lançam olhares feios quando me aproximo da bancada. Luana, a irmã mais nova de Pietra, coloca uma bandeja vazia do meu lado e torce o nariz para mim também. Ótimo, porra!

— Pietra não está aqui esta noite — cospe com cara de poucos amigos. Todos vão chutar a porra do cachorro morto agora? Me irrito, mas engulo uma

réplica. Tenho que me lembrar que ela só está defendendo sua irmã.

— Eu a amo. Por favor, acredite, Luana — imploro, deixando o orgulho de lado. Ela rola os olhos, obviamente não acreditando.

— Poupe meus ouvidos, querido — retruca, seu temperamento lembrando um pouco sua irmã. Aidan reabastece sua bandeja e a garota me dispensa

sumariamente, voltando a servir as mesas.

— Ela não veio hoje? — me dirijo a Aidan, que sempre foi o mais receptivo comigo. Luíza fulmina o amigo, lhe dizendo em silêncio para não facilitar minha vida. — Droga, eu a amo! Cometi um erro grave, mas isso não me faz a pior pessoa do mundo — exaspero-me.

Eles me olham com suas sobrancelhas levantadas. Aidan suaviza o rosto e confidencia:

— Ela está lá atrás. — Indica o corredor que leva aos fundos do bar.

— Droga, seu linguarudo! — Luíza protesta e me olha, apontando um dedo ameaçador para mim: — Não ouse ir até lá, cara!

— Sossega cadela! — Aidan

rosna para a amiga. — Ele é o pai do filho dela, não há nada que possamos fazer que mude isso, Lu. Precisam conversar.

Luíza suspira e me lança um olhar desgostoso, rosnando:

— Eu chuto suas malditas bolas se a fizer chorar mais, seu idiota!

— Eu não vou, prometo — garanto.

— Não diga que lhe falei nada, bonitão — Aidan sussurra. — Ela sim vai esmagar minhas bolas. — Faz uma careta teatral.

— Não direi, fique tranquilo — digo e me debruço sobre a bancada, murmurando: — Se ficar do meu lado, será nossa dama de honra no casamento. Pode usar até mesmo um fodido vestido rosa. — Seus olhos acendem como neon,

sua boca arreganhando em choque. — Só me ajude a reconquistar a minha mulher, Aidan. Não posso perdê-la.

Ele coloca a mão direita sobre o peito e respira dramaticamente.

— Droga, ele é bom — resmunga, olhando Luíza, que está estreitando os olhos sobre mim. Sua postura ainda arisca.

— Não caia na lábia dele, bicha!

— adverte.

— Foda-se, cadela! — ele rebate e traz a atenção para mim de novo. — Porra, um vestido rosa você disse? — Eu não consigo evitar abrir um pequeno sorriso. Ele é um cara bom. Espalhafatoso, mas de coração bom. — Vendido!

— Temos um acordo? — Estendo a mão por cima da bancada.

— Ela vai me matar. Me dê cobertura quando a ira da cadela hormonal cair sobre este pobre corpo! — Faz seu drama habitual, mas aperta a minha mão, selando o acordo.

— Obrigado, cara. Você não vai se arrepender por me dar esse voto de confiança — sorrio, começando a ter esperanças.

— Você me ganhou com a porra

do vestido — revira os olhos. — Agora vai lá.

Eu sorrio e Luíza faz um gesto de que está de olho em mim antes de eu tomar o corredor. Avanço até a porta de vidro e a empurro. Há um pequeno terraço e alguns degraus que dão acesso à uma faixa de areia da praia da Graciosa. *Stop Crying Your Heart Out,* do Oasis começa a tocar nas caixas

acústicas aqui de fora, a brisa surpreendentemente agradável sopra em meu rosto enquanto esquadrinho o perímetro, à procura dela. Meu coração sofre um baque ao localizá-la de pé, perto de um dos bancos, olhando a lua, que está bonita e imponente no céu acima do lago. Me aproximo devagar, tomando meu tempo para beber dessa visão sem pressa. Um mês sem poder

estar assim, perto dela. É doloroso demais essa merda. Angustiante, agonizante. Está linda num macaquinho Jeans claro, caindo no meio das coxas e um top curto. Nos pés, coturnos pretos de saltos grossos. A cabeleira está solta e cacheada, do jeito que sempre amei vê-la. Percebo o momento em que sente a minha presença pela forma como seus ombros enrijecem, mas não se vira,

continua de costas para mim.

Paro atrás dela, querendo desesperadamente estender a mão e tocá-la. Seu corpo lindo, ganhando mais curvas por causa do meu filho, me deixa ensandecido de desejo. Já tem trinta e cinco dias que não a sinto e estou enlouquecendo. Meus olhos passeiam por toda ela, saudosos, apaixonados, cobiçosos. A bunda grande e arrebitada,

as coxas longas e bem torneadas, me tentando além do que posso suportar. Respiro fundo, fechando os olhos por um momento, procurando cada resquício de controle dentro de mim. Não conversamos em trinta dias, não posso cair em cima dela como um maldito adolescente. Preciso mostrar que sou o homem que precisa. Que sou o *seu* homem. Dou mais alguns passos e me

coloco do seu lado. Pietra ofega, prendendo a respiração e percebo que seus olhos estão fechados. O bastardo em mim gosta de saber que não sou o único afetado por estarmos perto. Ainda me quer, sei que sim. Ninguém arranca o outro do coração tão rápido. Felizmente para mim, não é assim que funciona. Ela me ama e só vou descansar quando ouvir as palavras da sua boca linda.

— Oi, Pietra — murmuro. Ela torna a arfar e abre os olhos, o rosto girando em minha direção.

— Tristan — murmura de volta, momentaneamente desarmada. Meu peito incha. Deus, como é bom ouvi-la chamando o meu nome. Como é linda. Tão perfeita. Minha. *Meus*. A encaro com uma possessividade absurda me arrebatando. Seu rosto muda e ela limpa

a garganta, sua expressão ficando reservada. — O que faz aqui?

— Eu tenho vindo todos os dias, tigresa — sussurro, olhando-a fixamente. — E virei quantos dias mais precisar até que você acredite em mim, no meu amor.

Seus olhos semicerram-se.

— Não me chame mais dessa forma, por favor — replica. — Eu soube

que meu pai autorizou a sua entrada no bar. Mas não pense que isso significa que irei acreditar em suas mentiras.

— Não são mentiras, por favor, me dê uma chance — imploro, meu peito doendo pela sua negativa. — Eu a quero em minha vida. Quero o nosso bebê. Sei que disse coisas terríveis naquela manhã que a fizeram pensar que não o quero, mas está enganada.

— Não. — Abana a cabeça. — Sei o que está acontecendo. Você provavelmente está cumprindo o que sua avó pediu uma vez que ela é uma boa senhora e não deixaria um bisneto ser abandonado.

Porra, de onde ela tirou isso?

— Claro que não, porra. De onde tirou tal conjectura? — rebato, passando as mãos pelo meu rosto. — Estou aqui

por mim mesmo. Decidi vir atrás de você mesmo antes de saber sobre o bebê.

— Como soube sobre o bebê? — inquire mordaz, virando-se para mim, cruzando os braços sobre o peito e o gesto empurra o volume sobre o decote, a barriga levemente arredondada se projetando sob o jeans do macaquinho. Flexiono as mãos, louco para tocá-la,

tocar meu filho. Ela percebe por que dá um passo atrás.

— Anita — confesso e seu rosto torce com nojo. Tenho certeza de que está recordando aquela fatídica festa. — Ela confessou que armou para que você me encontrasse naquela noite...

— Por mais que odeie aquela puta miserável, não posso jogar a culpa apenas sobre ela — cospe, me lançando

um olhar acusador. — Você é o grande culpado, Tristan.

— Eu sei — assumo, meus ombros caindo. — Sei o que pareceu para você, mas lhe garanto que não foi como está pensando. Eu não transei com ela ou com outra. Não consegui. Não...

Vejo um brilho fugaz passar por seus olhos, lhe dando vida. Então, ela endurece a espinha outra vez.

— Você deve achar que sou alguma estúpida, não é? Eu te vi lá, porra. Ninguém me contou. Eu vi!

— Elas fizeram oral em mim, apenas isso — digo e ela me olha com mais nojo, bufando.

— Foda-se. Eu não me importo se comeu ou não suas prostitutas — diz com desprezo. — Não mais, Tristan. Só quero que deixe a mim e meu filho em

paz.

Isso me irrita.

— É o meu filho também, Pietra — aponto. Suspiro, passando as mãos pelo rosto de novo. — Ouça, não estou aqui para brigar. É a primeira vez que te vejo em malditos trinta dias. Por favor, me deixe apenas ficar aqui perto de vocês. Me conte como estão. — Ela puxa uma respiração aguda e murmuro,

cansado: — Por favor, não me negue isso. Me fale sobre o nosso bebê. Tem ideia do quanto queria estar com vocês na consulta de hoje?

Ela pisca e desvia o olhar do meu, a água do lago refletindo no rosto bonito. Então, suspira profundamente.

— É um menino. Vamos ter um menino — sussurra e meu coração dispara loucamente com a revelação.

— Um menino?! — repito, meu olhar caindo para seu ventre de novo. — Mas... — me seguro, me contendo a tempo para não revelar que Aidan estava me passando informações clandestinas. — Deus, eu serei pai de um menino... — Meus olhos ardem enquanto olho sua barriga. — Me deixe tocá-lo, por favor.

Ela se retesa, claramente não

querendo o meu toque. Isso dói pra caralho. Engulo em seco esperando pela sua concordância. Lambe os lábios gordos e traz o olhar para o meu, então, me dá um pequeno aceno. Eu caio de joelhos no cimento, minhas mãos estão suadas e estendo-as tocando seu ventre côncavo. Sinto-a estremecendo. Para meu espanto, ela puxa as alças do macaquinho, desnudando a barriga

morena e meu corpo inteiro está em júbilo ao tocar sua pele. Sentir meu filho no abrigo materno. Meu menino está aqui dentro. Meus olhos turvam com lágrimas, Emoção forte me engolfa enquanto acaricio seu ventre. Como pude pensar não queria ser pai? Deus, como pude pensar que não precisava disso? Agora compreendo como H se sentiu toda a gestação de Sofia,

querendo estar perto, curtir cada momento e não podia.

— Nós fizemos um menino — murmuro, meus olhos transbordando. — Eu já te amo, filho. Me perdoe se ouviu as coisas feias que falei naquela manhã. — Minha voz embarga e ouço Pietra ofegando. — Eu estava tão confuso. Eu te amo, quero que saiba e jamais duvide disso. Nunca. — Me inclino e deposito

um beijo na pele quente da barriga de sua mãe.

Pietra estremece e se afasta, tornando a ajeitar as alças do jeans. Meu corpo esfria drasticamente. Permaneço ajoelhado por um momento, ainda golpeado pela emoção mais bonita que já senti na vida. Me levanto, limpando o rosto. Pietra está limpando o seu e só agora percebo que está chorando

também. A encaro insistentemente. Ela levanta o queixo, me encarando de volta, mesmo que seus olhos estejam marejados.

— Case-se comigo, Pietra — murmuro em desespero, não me contendo mais. Eu prometi a mim mesmo que iria devagar, mas porra, eu a amo demais e cada dia que passo longe dela e de nosso filho me sinto morrendo. —

Seja minha esposa. Eu te amo, tigresa. Me dê esse voto de confiança.

Ela arfa, parecendo impactada com minha proposta.

— Quanto tempo duraria seu interesse em brincar de casinha comigo e nosso bebê, Tristan? — pergunta com um tom amargo, novas lágrimas enchendo seus olhos. — Você não é esse tipo de homem. Eu já aceitei isso. Não é

justo que venha aqui e tente bagunçar minha cabeça outra vez. Eu preciso te esquecer e não será possível se continuar me fazendo promessas que não pretende cumprir.

— Eu sei que é difícil para você confiar em mim depois da forma estúpida que agi. Acredite, sei e estou tão profundamente arrependido, tigresa — lamento. Ela pisca, tentando se

manter inflexível. — Mas te amo. Nunca vou me perdoar por ignorar meus verdadeiros sentimentos e terminar as coisas do jeito que terminei. Eu não queria. Não queria, era o medo de me envolver demais, confiar demais me sabotando como sempre. — Ela me olha sem esboçar qualquer reação. — Retomei a terapia e vou ficar livre, completamente livre para dar o melhor

para você e nosso menino, eu prometo, Pietra.

— Eu vou voltar para dentro — anuncia, tentando passar por mim, mas seguro seu braço. — Me solte.

— Me dê uma chance, por favor. Só uma — imploro, não me contendo mais, segurando seu rosto perfeito em ambos os lados. Seus lábios entreabrem quando meu rosto aproxima do seu.

Inalo seu hálito gostoso. Meu corpo inflama inteiro, louco para reclamar a minha mulher. — Meu amor... — murmuro com todo o meu coração. — Volte para mim.

Ela soluça, lágrimas inundando seus olhos esverdeados. Aproveitando seu momento de fraqueza, enrolo um braço em sua cintura e a trago para mais perto, colando nossos corpos.

Estremecemos pelo contato depois de tanto tempo. E não conto história, seguro sua nuca, me apossando da sua boca num beijo faminto. Pietra geme, choraminga e seus braços cingem meu pescoço, entregando-se à nossa paixão inegável. Ando com ela, apoiando suas costas contra a parede e aprofundo o beijo, chupando sua língua com ganância. Tanta saudade que meus olhos tornam a arder

por tê-la em meus braços outra vez. Ela soluça em minha boca, mostrando sua emoção também. Arranha meus ombros por cima da jaqueta. Empurro meu pau absurdamente duro entre suas coxas, cavando, procurando uma fricção maior. Rosno, gemo rouco. Ela suga minha língua com a mesma ânsia e desespero. Nos agarramos e nos esfregamos, fodendo a seco.

— Sim, meu amor... — gemo arrebatado, entre beijos cálidos. — Porra, sinto tanto a sua falta. Tanto.

— Tristan... — meu peito aquece ao ouvi-la me chamando dessa forma. Com essa cadência. Esse tom de desespero que esteve presente nos últimos meses porque ela me amava e queria mais de mim.

— Você é minha. Minha —

sussurro, levantando-a pela bunda, me enfiando entre suas pernas. — Nunca sentiu ou sentirá isso nos braços de outro. Como também não senti ou sentirei com outras. Somos um do outro, Pietra. Você é a minha mulher.

Ela está maleável, me beijando de volta. É sonhar demais querer que aceite ir comigo para a minha cobertura?

— Caralho, desculpem aí!

A voz grossa masculina, soa no terraço. Pietra se retesa em meus braços. Merda, sim, é sonhar demais. Minha pergunta acaba de ser respondida.

— Pietra? É você? — o desavisado insiste e rosno quando Pietra arranca a boca da minha, suas mãos, que antes me puxavam, agora me empurram.

— Droga, droga! — ela grunhe e sou obrigado a colocá-la no chão.

— Pietra... — gemo frustrado. Ela se distancia de mim imediatamente, limpando a boca com as costas da mão, me lançando dardos com os olhos.

— Me Deixa em paz, Tristan — pede, abalada, mas sua determinação voltando, para minha tristeza. Nosso breve momento se foi. Essa constatação me faz encarar o recém-chegado, pronto para arrancar a porra da sua cabeça.

— Quem diabos é você para vir aqui e interromper algo particular? — rosno, fechando meus punhos, muito puto. Minhas bolas doendo pelo tesão reprimido.

— Ei, ei, amigo, *perdonami*[13]. — O cara levanta as mãos em sinal de paz. Ele lembra vagamente o Guga.

— Benito?! O que está fazendo aqui, primo? — Pietra parece surpresa.

Primo? Que porra é essa? O moreno alto de olhos verdes se aproxima dela e então a levanta nos braços e começa a rodopiar pelo terraço. Mas que merda é essa? Ranjo os dentes diante da ousadia do cara em abraçar a minha mulher dessa forma. E pela segunda vez na minha vida, sou mordido pelo monstro verde do ciúme. — Meu Deus, você não avisou que estava vindo!

— Eu quis fazer uma surpresa, *bella mia*[14] — o carcamano diz e rosno pronto para ir lá e acabar com a festa. — E pelo jeito consegui — acrescenta com ar malicioso e a coloca finalmente no chão. Seu olhar vem para mim. — Quem é o cara, prima?

— Tristan Maxwell, noivo e o pai do filho dela — digo com uma nota alta de satisfação em meu tom.

Pietra bufa, escancarando a boca, incrédula.

— Não, ele não é, droga! — rebate.

— Não é o quê? Tristan Maxwell, seu noivo, ou o pai do seu filho? — o imbecil pergunta, parecendo se divertir com a situação.

— Sou os três — afirmo.

Pietra rola os olhos, me atirando

um olhar de morte.

— Foda-se, Tristan! — range os dentes e encara o tal primo. — Ele é apenas dois. Por algum golpe perverso do destino estou grávida dele, mas não é meu noivo. — Seus olhos brilham magoados quando murmura: — Ele não é material para coisa séria. Infelizmente percebi um pouco tarde.

Ouvi-la dizer isso dói como o

inferno. Suspiro, passando as mãos pelo cabelo. Deus, estávamos nos beijando ainda há pouco. Ela ainda me quer. Ainda me ama. Meus olhos ardem de desespero puro. Não posso ficar sem ela e nosso filho. Eles são meus. Meus.

# Pietra

— Vamos para voltar para dentro, primo — digo, desviando o olhar de Tristan. Por um momento penso que está verdadeiramente triste com minhas últimas palavras. As disse com essa intenção: magoá-lo. A raiva e decepção ainda latentes dentro de mim me fazem querer machucá-lo como fez comigo há um mês. Droga, quase caí na lábia desse

putão de novo! Reviro os olhos para mim mesma. Deus, não posso facilitar com esse homem. Onde meu pai estava com a cabeça quando baixou a guarda e autorizou sua entrada aqui? Como vou me manter firme vendo-o todo dia? Tendo-o perto como hoje? Eu não posso ceder. Não posso deixá-lo me fazer de trouxa outra vez. Suas promessas são vãs. Ele fatalmente se cansará de mim e

do bebê. Me disse inúmeras vezes que não é material para relacionamentos sérios e agora como num passe de mágica se diz apaixonado? Só se eu fosse muito idiota para acreditar numa mudança tão brusca. Meu Deus, ele chegou ao cúmulo de falar em casamento! Se quiser manter minha sanidade preciso me manter longe dele.

Eu entrelaço meu braço com o de

meu primo Benito e o arrasto de volta para dentro do bar. Aidan me recebe com um olhar ressabiado e Luíza com um sorriso maquiavélico. Ela deve ter enviado Benito lá para trás para me tirar das garras de T. Agradeço a lealdade de meus amigos. Embora Aidan seja claramente um vira-casaca quando o assunto é o piloto galinha, devo admitir. Meu amigo tem um fraco por safados.

Suspiro, tomando um dos bancos do lado de fora. Meu primo se senta do meu lado. Ele é filho de uma prima de papai e está abrindo um negócio aqui em Palmas. O encaro atentamente e sorrio. Uau! Ele está mais bonito ou é impressão? Nós tivemos um namorico aos quatorze ou quinze anos, acho. Sua boca curva num meio sorriso sedutor, seus olhos verdes me dizendo que está

lembrando disso também.

— Uau. Você está ainda mais linda do que me lembrava, *cara mia*[15] — murmura. Minha boca tremula num sorriso. Meu coração ferido se alegra um pouco com a atenção do moreno bonito sobre mim. Vejo Tristan voltando dos fundos pela minha visão periférica. Sei que é errado, mas de repente quero espezinhá-lo com a presença de meu

primo.

— Obrigada. Você também está ótimo — respondo, notando o idiota mentiroso sentar-se do meu lado esquerdo. Meu corpo inteiro fica tenso, meus hormônios de grávida entrando em ebulição. Seu cheiro. Deus, seu cheiro... Fico tentada a fechar os olhos e inalar profundamente. Seu gosto ainda está fresco em minha boca. Seu toque ainda

queima minha pele. Estou molhada, latejando, desejando-o sem qualquer vergonha ao autorrespeito. Como posso me sentir dessa forma por um cara que pisoteou meu coração sem dó?

— Então, está mesmo grávida? Por que só estou sabendo sobre isso agora? — Benito torna com seu sorriso galante, fazendo o gesto de uma cerveja para Aidan, que por sua vez está

babando sem vergonha no moreno.

— Ainda não avisei o resto da família na Itália — digo, dando de ombros. Então, eu sorrio, segurando minha barriga já se desenhando aos quase quatro meses. — Estou esperando um menino.

Seus olhos verdes se iluminam e ele oferece mais um sorriso charmoso.

— Cheguei tarde, então —

murmura, recebendo sua cerveja de Aidan, que agora coloca as duas mãos debaixo do queixo e se debruça sobre o balcão. Cruz credo! Ele nunca viu um cara bonito antes? O fulmino, mas meu amigo não se intimida, continua babando em meu primo. O olhar de Benito vai para Tristan, do meu outro lado. — Ei, cara, prazer, sou um primo distante e... — Seu sorriso se torna abertamente

provocador quando completa: — O primeiro namorado da linda Pietra.

Porra. Engasgo. Ele não precisava dar essa informação. Homens... Mas escuto Tristan rosnar e retiro o que disse: que bom que meu primo abriu a boca grande. Giro a cabeça e meus olhos encontram os olhos escuros e irritados do putão. Ele faz um gesto para Aidan, pedindo uma cerveja também e

logo é atendido.

— Engraçado, eu nunca ouvi falar de você antes, cara — ele atira um olhar veladamente ameaçador para Benito. — Um namorico sem importância não vai me incomodar, se é isso que está pensando. — Mas ao contrário de suas palavras, seu maxilar está trincado, mostrando sua irritação quando rosna como se estivesse mijando em minha

perna: — Eu sou o pai do filho dela.

Eu bufo. Aidan suspira, agora batendo os cílios para Tristan. Bicha volúvel. Atiro-lhe um olhar reprovador.

— Você ainda é horrível no boliche? — pergunto a Benito. Preciso escapar de perto de Tristan.

— Eu aprendi alguns truques desde a última visita, *bella*. — Benito me dá uma piscada maliciosa e percebo

que está provocando Tristan. Já tem uns quatro anos que esteve no Brasil, mas o putão não precisa saber dessa informação. Quero que pense que tenho mais familiaridade com meu belo primo do que na verdade tenho. Eu não devia incentivar. Sei que não, mas sou apenas humana. Então, se provocar o galinha fodido com um antigo namorico é tudo que posso fazer, farei essa merda!

— Oh, sim? Então, me mostre, *caro mio* — ronrono, pegando seu antebraço musculoso. Ele me dá um sorriso cheio de dentes e se levanta, me ajudando a descer do banco.

— Você não vai a lugar nenhum com esse maldito carcamano, Pietra! — Tristan ruge, se colocando de pé, empurrando Benito para o lado sem muita delicadeza. Uau. Isso está ficando

interessante. Penso maldosamente.

— Quem pensa que é para se intrometer em minha vida, seu idiota? — ranjo, empurrando o indicador em seu peito duro. — Recue, Tristan. Eu não te quero mais perto de mim. Entenda isso de uma vez por todas, porra!

Seu rosto torce e penso ter visto aquela tristeza de mais cedo outra vez. Contudo, não me deixo enganar. Mesmo

que ainda o ame com todo o meu coração ferido, não posso fraquejar. Nunca mais serei humilhada por um macho escroto. Nunca mais!

— Vamos, *cara*. — Benito, pega meu braço de novo.

— Solte-a, filho da puta! Solte a minha mulher, agora! — Tristan torna a rugir dessa vez muito mais assustador.

— Droga, nunca tive dois

garanhões desse calibre brigando por mim! — Aidan reclama dramaticamente.

— Recue, Tristan — ranjo os dentes. — Eu sou uma mulher livre. Posso fazer o que bem quiser e com quem quiser.

Suas narinas inflam e tenho medo da sua expressão nesse momento. Nunca o vi tão duro e irritado.

— Você é minha, porra! Minha! —

brada e sua mão se fecha em meu pulso.

— Chega dessa merda! Você vem comigo para a minha casa é agora!

— Me larga, seu imbecil fodido! — Eu bato em seu peito com a mão livre. — Eu te odeio! — berro, lágrimas toldando a minha visão. A represa se rompendo de novo. Ele para ao ouvir-me falar a última frase. Vejo claramente a dor em seu rosto e então, seus dedos

afrouxam, liberando meu pulso. Quero retirar o que disse, mas não o farei. Ele não pode chegar perto de mim de novo. Sou fraca demais para isso. Acabarei aceitando-o de volta se permitir que se aproxime.

— Você me odeia? — Sua voz é tão baixa que me faz chorar mais. Não, eu não o odeio. Deveria, mas não o faço e *me* odeio por isso.

— Não, eu não odeio — respiro, cansada. Seu olhar acende com esperança. — Eu te amo. É isso que quer ouvir? Eu te amei praticamente à primeira vista, Tristan. — Ele pisca, seu rosto voltando a torcer com dor. — Mas o meu amor não foi suficiente para você — digo tudo que estava entalado em minha garganta. Ele parece devastado agora. — Você consegue dizer que não

sabia que eu te amava? Consegue olhar nos meus olhos e dizer que não sabia que estava me destruindo quando me deixou justo quanto pensei que fosse me assumir?

Seus ombros caem em derrota. Ele não pode dizer isso. Ele sabia e exatamente por isso me afastou da pior forma possível. Tristan fecha os olhos e quando os reabre vergonha e

arrependimento estão estampados em seu rosto bonito. Acena, engolindo em seco e então, vira as costas e atravessa o bar rumo à saída. Minhas lágrimas rolam pela face, quentes, punitivas pelo acabei de fazer aqui. Eu queria magoá-lo, mas não me sinto feliz agora. Eu ainda o amo. Por que não consigo parar de amá-lo? Por quê? Soluço, vendo-o ir embora devastado, exatamente do jeito

que eu queria vê-lo. Sinto braços suaves me envolvendo. Luana. Eu choro, encostando a cabeça no ombro de minha irmã.

— Venha se sentar, Pi. O bebê não pode sofrer por causa dessa bagunça que estão fazendo — me diz suavemente. Tristan para na entrada do living e olha por cima do ombro. Ele tem lágrimas nos olhos também. Sim, estamos fazendo

uma bagunça grande. Estamos rasgando um ao outro. Eu não queria nada disso. Eu só queria o seu amor. Mas agora é tarde.

## *Um mês depois...*

Benito me deixa em meu

apartamento após a consulta do pré-natal. Ele insistiu em me acompanhar e acabei permitindo. Meu primo tem me ajudado a sair da tristeza em que estava no mês passado. Bem, não é exatamente verdade, mas ele é um cara alto astral e gosto de estar perto dele. Tristan é quem não está gostando nada da minha proximidade com o moreno sedutor. Os dois chegaram a inclusive trocar socos

ontem. Deus, quando ele vai entender que não há mais chances para nós? Estou caminhando para aceitá-lo perto do bebê porque sei é injusto privá-lo disso por vingança. Meus pais conversaram muito comigo nesses dias, me fazendo enxergar que não posso puni-lo dessa forma. Na próxima consulta o convidarei para ir comigo. Mesmo que meu coração doa cada vez que o vejo e

não posso tocá-lo. Dói demais não tê-lo do jeito que preciso. O amor não diminui. Não, continuo amando-o com o mesmo desespero de antes.

A diferença é que agora o amor está misturado a dor e decepção e não é bom sentir tantas coisas juntas. Eu tomo um banho, faço um lanche rápido e pego as roupinhas que dona Magnólia trouxe para mim ontem. A avó de Tristan

chegou nessa semana a Palmas. Ela tem me ligado com frequência para saber do bisneto. É uma mulher admirável e gosto muito dela. Gostaria tanto que as coisas tivessem sido diferentes com seu neto. Levanto a manta de lã amarela e a cheiro, meus olhos se enchendo de lágrimas do mais puro amor. Meu bebê em breve estará em meus braços e ficarei feliz. Serei feliz com ele. Preciso

esquecer seu pai, mas não posso lhe negar o direito de ter o seu carinho. Parece que pelo menos quanto a isso Tristan está sendo sincero. Ele quer o bebê.

— Não vou afastá-lo de seu pai, meu amor. Eu prometo — fungo, tocando meu ventre já bem arredondado entrando nos cinco meses. Pego outras peças lindas e delicadas. Elas gritam riqueza.

Meu filho será um Maxwell também, não há nada que possa fazer a esse respeito. A conversa que tive com dona Magnólia ontem, vem à minha cabeça:

*— Ah, minha garota bonita. — Ela abriu um sorriso afetuoso, me envolvendo em seus braços tão logo abri a porta. Seu carinho aqueceu meu coração. Ela sempre me tratou tão bem. Nunca foi pedante devido à sua posição*

*social. Dona Magnólia é uma grande dama da sociedade paulistana. Quando se afastou, suas mãos passaram pelos meus ombros e seus olhos castanhos caíram para o meu ventre expandido em um dos muitos vestidinhos de verão que comprei para deixar meu menino com todo o espaço para se desenvolver cada vez mais. — Você está ainda mais linda, querida.*

*— Dona Magnólia. É tão bom ver a senhora — murmurei, me inclinando, lhe dando um beijo na bochecha. Ela sorriu, os olhos brilhantes. — Obrigada. A senhora está linda e impecável como sempre — devolvi o elogio.*

*— E esse rapazinho aqui, como está? — Sua mão pousou sobre a minha barriga.*

*— Está inquieto. — Sorri, feliz. — Nosso menino parece que está treinando para um jogo importante ultimamente, pelos pontapés que tem dado aqui dentro.*

*Ela gargalhou, o rosto se iluminando com satisfação. Eu a levei para dentro. Yuri me cumprimentou e entrou também, carregado de sacolas das grifes mais caras que um ser*

*humano pode pagar. Limpei a garganta e falei para Yuri:*

*— Diga a ele que nosso menino está cada vez maior e mais forte.*

*Yuri acenou, me dando um pequeno sorriso. Ele é um bom cara. Aprecio a forma com é leal e cuida de Tristan. Ele saiu, me dando privacidade com dona Magnólia. Fiz uma vitamina de abacate e torradas*

*com patê de atum e nos sentamos na pequena mesa perto da janela em minha cozinha. Conversamos sobre muitas coisas. Me atualizou sobre Sofia e Heitor e o pequeno Theo. E então, inevitavelmente, o assunto recaiu sobre mim e Tristan.*

*— Ele está sofrendo, Pietra — murmurou, seu rosto mostrando toda a tristeza que esteve escondendo bem*

*desde que passou pela porta.*

*— Eu também estou, dona Magnólia — murmurei, meus olhos ardendo. Droga, pareço um hidrante quebrado. E parece pior à medida em que a gestação avança.*

*Ela estende a mão, pegando a minha sobre o tampo da mesa.*

*— Eu sei que sim, querida — assentiu. — Os dois estão sofrendo,*

*isso é nítido. — Ficou em silêncio me olhando com pesar e adicionou: — Não estou aqui para levantar bandeira A ou B, Pietra. Somos família agora, minha garota bonita. — Sorriu suavemente. — Você será a mãe do meu bisneto e isso a faz muito especial para mim, esteja certa.*

*Acenei, me sentindo tão tocada e emotiva pelas palavras sinceras.*

*— Obrigada, dona Magnólia. A senhora é especial para mim também — garanti-lhe. — O fato de não estar mais em um relacionamento com seu neto não muda nada entre nós duas, tenha certeza também.*

*Ela assente, o sorriso triste tomando seu rosto de novo.*

*— Você ainda o ama? — perguntou baixinho, o olhar astuto me*

*sondando. Engoli em seco e tomei um gole da minha vitamina.*

*— Sim — disse simplesmente. Ela acenou devagar, tomando um pouco da sua vitamina também.*

*— Gostaria de não estar passando novamente por isso. Gostaria de não ver um neto meu sofrendo de novo por ter tomado decisões ruins. — Abanou a cabeça com pesar. — Meus*

*meninos cresceram sem o amor dos pais, filha. Infelizmente isso os marcou ao longo da vida. Heitor menos, mas o meu Tristan, esse tem marcas muito mais profundas.*

*— Eu sei — murmurei, sentindo um bolo na garganta.*

*— Ele te ama. Eu soube que você era diferente no momento em que o vi te olhando, querida — disse-me com*

*suavidade. — Mas confiar nunca foi algo fácil para ele e isso os trouxe até a situação que estão vivendo agora. — Acenei novamente, não evitando meus olhos se encherem de lágrimas. — Te pedi uma vez para tentar enxergar o verdadeiro Tristan, Pietra. — Sua voz embargou antes de dizer: — Estou te pedindo de novo, querida. Olhe para ele. Olhe com o seu coração.*

*Eu solucei, as lágrimas descendo em minha face.*

*— Eu já fiz isso, dona Magnólia. Eu o amei mesmo quando não havia esperança alguma — disse com voz entrecortada.*

*Seus olhos estavam transbordando também quando a encarei. Me sinti mal pela senhora tão gentil.*

*— Vou lhe dizer mais ou menos a mesma coisa que disse a Sofia há pouco tempo — murmurou, com um pequeno sorriso triste: — Não há garantias no amor, querida. Não há como termos certeza de que tudo dará certo porque viver não é uma ciência exata — suspirou com os olhos lacrimosos e sábios. — Se você sentir aí dentro. — Apontou para o meu peito*

*esquerdo. — Que o pai do seu filho merece uma chance, não hesite. Não pense muito sobre isso. Arrisque, Pietra. A vida não espera, filha. Tome suas decisões antes que o tempo passe e perca a chance de algo bom por medo.*

*Eu funguei, minhas lágrimas caindo incessantemente. Oh, Deus, eu queria muito passar por cima, esquecer*

*tudo e ir atrás do homem que ainda amo tão intensamente. Desconfio sempre irei amá-lo. Não acho que conseguirei superá-lo algum dia. Esse tipo de amor é daqueles que marcam a ferro e fogo. Para sempre.*

*— Não sei se consigo — sussurrei, abanando a cabeça.*

*— Pense sobre isso, querida. Permita-se apenas pensar a respeito —*

*pediu, com um aperto gentil em minha mão. — Nunca se esqueça, minha garota bonita. A vida não espera.*

Eu suspiro tremulamente, a conversa ainda fresca, mexendo comigo e toda a minha determinação em não ceder. Ameaçando derrubar o muro que ergui nesses dois meses para me proteger de me decepcionar de novo. Consigo dar outra chance a Tristan?

Deus, como queria poder. Como queria. Mas agora há o meu filho e não posso bagunçar as coisas ainda mais. Quero tentar manter uma relação amigável com seu pai para o bem do nosso menino. Isso não será possível se colocarmos a paixão nessa relação outra vez. E se não der certo? Por outro lado, as palavras sábias de dona Magnólia, insistem em martelar na minha mente:

*Arrisque, Pietra. A vida não espera, filha. Tome suas decisões antes que o tempo passe e perca a chance de algo bom por medo.*



# Capítulo 15

***Olhe nos meus olhos. Você verá o que significa para mim. Procure em seu coração. Procure em sua alma. E quando você me achar lá, não irá mais procurar...***

***( Everthing I Do I Do It For You – Bryan Adams)***

*Uma semana depois...*

*São Paulo, Brasil.*

# Tristan

Eu abraço meu irmão mais velho e

ele me dá tapas fraternos nas costas. Estou voltando para Palmas na escala da tarde. Almocei com ele, Sofia e Theo em nosso restaurante usual no aeroporto de Guarulhos. Porra, o moleque está enorme a cada vez que o vejo!

— Insista, mano. Faça a porra que tiver que fazer, mas no fim pegue a sua mulher — H me diz ferozmente. Segura meu rosto dos lados e para meu espanto,

me dá beijos em ambas as faces. Não consigo evitar um bufo, zombando de meu irmão.

— Porra, a bonitinha opera verdadeiros milagres mesmo! — Sorrio e Sofia ri também, meneando a cabeça. Theo está eufórico nos braços da mãe.

— Cale a boca, idiota. — H ri e se vira pegando o pequeno agitado de Sofia. Meu coração se alegra por ele,

pela família que está construindo com sua mulher e filho. Se ele conseguiu, também posso. Estou esperançoso, especialmente porque a família da tigresa tem abaixado as armas e me deixado chegar mais perto. Domingo passado foi o aniversário de casamento de Pietro e Maria do Amparo e fiquei estupefato quando me convidaram para jantar com eles na chácara. Embora

Pietra ainda permaneça emocionalmente distante, me permitiu acompanhá-la na consulta da terça-feira também. Deus, não consigo colocar em palavras como foi estar lá, vendo nosso menino no monitor do aparelho de ultrassom. Está grande e forte. Chorei copiosamente ouvindo seu coraçãozinho bater. Carlos Eduardo. É o nome do avô materno de Pietra, já falecido e não fiz objeção

quando ela mencionou que gostaria de homenageá-lo. Resumindo, estou animado e tenho algo planejado para hoje no *The Pilot*. A temática é os anos 90. Aidan me disse na semana passada que haverá um karaokê e que os clientes podem usá-lo sem moderação. Estou me preparando desde então.

— Quando vão me visitar em Palmas? — Abraço Sofia e a beijo na

têmpora. — Estou fazendo o convite a você para não ter erros. — Pisco, provocando meu irmão, que bufa de volta.

Os olhos verdes de minha cunhada se iluminam com diversão e se inclina, me beijando na bochecha. Troca um olhar com H e meu irmão sorri furtivamente.

— Estamos pensando em levar a

ceia de Natal para Tocantins — revela com carinho. — Que acha? Estou curiosa sobre o estado. Vovó Mag está falando tão bem de Palmas que nos atiçou.

— Porra, eu acho que você é uma bruxinha — brinco e meu irmão ri todo orgulhoso de sua mulher.

— Além disso, estou com saudade de Pietra — confidencia. — Vamos

poder colocar o papo em dia — diz com esperança. Ela, como minha avó, acredita que vamos nos acertar em breve. Rogo para que estejam certas, porque houveram dias em que não fui tão otimista. Porém, nunca parei de ir até o bar e ao menos vê-la de longe.

— Vai ser bom estarmos juntos em família. E o bastardo do L, está de acordo também? — inquiro me

lembrando de que meu irmãozinho ainda está cortando um dobrado com Lígia. Sua situação está muito pior do que a minha se querem saber. Lígia voltou com o promotor e o cara está disposto a assumir o bebê como seu. Nem preciso dizer que L virou uma fera, né? Pois é, eu não queria estar em sua pele. Tudo bem que o tal Benito carcamano, vive cercando Pietra para todo lado, mas sei

que ela não está tendo nada mais sério com o imbecil. Quer apenas me provocar. De qualquer forma não é agradável ver minha mulher com outro cara. Cheguei a trocar sopapos com o idiota uma vez, inclusive. Porra, aquilo foi deprimente.

Minha avó está passando uma temporada comigo em Palmas. Tem sido bom tê-la por perto. Me ajudou a manter

a cabeça no lugar e persistir em meu objetivo: ter minha mulher e filho de volta. Sei que Pietra amoleceu comigo por causa da influência de dona Magnólia. Aquela senhora é muito engenhosa. Sorrio. Minha avó é a melhor pessoa desse mundo, estou dizendo.

— L irá também. Vou convencer o bastardo a ir conosco para arejar a

cabeça — H garante. — Ele não está nada bem, cara.

— Eu imagino, mano — suspiro e não resisto a uma última provocação para meu irmão mais velho. — Então, teremos o Natal em Tocantins. Viu? Nada melhor do que tratar com o mandante na relação. — Olho para H, lhe dando uma piscada. Ele rosna e rola os olhos. Então, seu semblante adquire

uma expressão irônica ao rosnar:

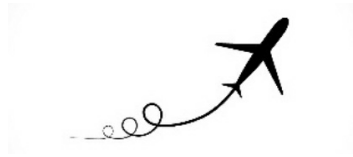
— Conversaremos em breve sobre mandantes na relação, irmão.

Eu gargalho. Porra, não me importo se Pietra mandar em mim para o resto da vida. Na verdade, é exatamente isso que quero. Uh. Reviro os olhos para mim mesmo. Estou ansiando me transformar num maldito pau mandado? Merda, sim, e seria o pau mandado mais

feliz do universo!

— Eu vou indo, H, Sofia — aviso e me inclino, beijando a cabecinha ruiva de meu afilhado. Ele balbucia feliz, me babando todo de volta. — Cuide dos seus velhos, garotão — brinco e ele agita os bracinhos, um enorme sorriso sem dentes escancarado no rosto rechonchudo. Após mais um abraço em cada um, deixo o restaurante, cortando o

shopping em direção à plataforma de embarque.



Está chovendo torrencialmente quando aterrisso em Palmas. Encontro Ian a caminho do estacionamento. Está vindo de Manaus. Ele assumiu essa rota quando voltei para a escala São Paulo-Palmas. Faz quase um ano que foi promovido a comandante. O recomendei

quando estive por aqui no ano passado. Conversamos sobre as rotas e nos despedimos. Em outra noite nos encontraríamos no bar para uma bebida mais tarde, porém, Lenita, sua esposa e prima de Pietra, está entrando no nono mês de gravidez e ele não quer sair de perto dela mais do que o necessário. Compreendo o cara perfeitamente. Vejam o malabarismo que fiz com a

minha vida para estar perto de tigresa e do nosso menino. Quando entro na cobertura, minha avó me recebe com um sorrisão e um beijo no rosto. Sim, definitivamente é muito bom tê-la aqui comigo. Ela está expectante para minha performance logo mais à noite. Na verdade, a ideia partiu da sua mente engenhosa, devo admitir.

— Como foi o voo, querido? —

pergunta enquanto passo por ela, jogando minha pequena mala sobre o sofá. Arranco a gravata e o terno do uniforme. Yuri está ficando aqui com minha avó nesses dias para o caso de ela precisar de algo. Outro segurança da equipe tem me acompanhado nas escalas.

— Muito bom, vovó — digo, olhando-a com carinho. — Como passou

o dia?

— Acabei de chegar da Praia da Graciosa. Acompanhei Pietra na sua caminhada da tarde antes do temporal cair — informa com um sorriso luminoso. Meu coração acelera apenas ouvindo o nome dela. Já são mais de dois meses sem tê-la e sinto tanto a sua falta. Tanto. — Vou cozinhar um de seus pratos preferidos, querido — anuncia.

Ela realmente está animada hoje.

— Não precisa se incomodar, vovó — digo, puxando a camisa de dentro das calças. — Vou tomar um banho e ensaiar um pouco...

Seu sorriso se alarga e eu juro, ela bate palmas como uma adolescente.

— Vai dar tudo certo, filho, você vai ver — murmura. — Vá lá tomar seu banho e não demore. Vou cozinhar para

meu menino, sim.

Rio, não discutindo mais, até porque amo ser paparicado por minha avó. Ela faz panquecas de frango, um prato simples, mas que sempre gostei desde pequeno. Jantamos e perto das 21h, sigo com Yuri para o *The Pilot*. Nando e Guga estão na portaria, mas dessa vez não há carrancas. Eles me cumprimentam com tapinhas nas costas,

sabendo do que tenho planejado para daqui a pouco. Para a minha surpresa até Luana, que está longe de ser minha fã, gostou da ideia. Aidan e Luíza também estão fechados comigo agora. Todos cederam, só falta a principal implicada nessa história.

— Boa sorte, mano! — Guga estende o punho e toco-o com o meu na sua saudação habitual.

— Valeu, cara — digo, me sentindo de repente nervoso. Porra, estou prestes a me expor para todos lá dentro.

— Os velhos vêm daqui a pouco. — Nando sorri conspiratório. — Não querem perder sua performance.

Caralho. Pense numa pressão! Mas não vou amarelar. É bom que a família esteja toda aqui. Eles precisam

ver que minhas intenções são as melhores com sua filha. Pisei na bola uma vez, mas estou pronto para assumir minha responsabilidade e o mais importante: amar, fazer Pietra e nosso filho felizes, pelo resto de nossas vidas.

— Obrigado, caras. O apoio de todos vocês é muito importante para mim — digo, limpando a garganta. Não tem muito tempo eles queriam arrancar

minha cabeça e jogar futebol com ela. É uma mudança e tanto de cenário. Ufa!

— Se fizer merda de novo, já sabe, né? — Guga faz um gesto parecido com o do Gerson, do Flamengo, quando diz que "executou os caras". Porra, engulo em seco. O idiota cai na gargalhada, sendo seguido por Nando. Foda-se, eles sempre serão assustadores como o inferno!

— O idiota está te zoando, T. — Nando sorri apaziguando como sempre. Ele é o relações públicas da dupla. Estende o punho e eu o toco também. — Faça o que tem que ser feito, mano. Bem-vindo à família!

Um pequeno sorriso enrola minha boca.

— Valeu, Nando — aceno. Então, sigo para dentro com Yuri.

A decoração dos anos 90 nos saúda quando pisamos no amplo ambiente lotado, como sempre. Já há uma dupla mostrando seus dotes artísticos no palco, percebo ao olhar naquela direção. E como não posso evitar, minha atenção vai para o bar do lado direito. Meu corpo inteiro se agita ao divisar a minha garota atrás do balcão. Porra, como está linda! Sua

barriga já bem protuberante no vestido de malha amarelo. Sua cabelereira está solta, selvagem e isso vai direto em meu pau. O dito cujo baba dentro das calças. Muito tempo sem estar dentro dela. Tempo demais. Ando devagar, atravessando o ambiente, meus olhos presos em sua figura arrebatadora. Atende os clientes sempre com um sorriso. Ela levanta a vista e me vê

quando me sento no banco à sua frente. Nossos olhares conversam em silêncio antes de nossas bocas. Posso ver na forma como suas pupilas ficam gigantes, que está excitada. Meu olhar desce pelo seu comprimento, faminto, sem qualquer cerimônia. Estamos além disso. Está usando botas pretas de cano alto até os joelhos. A saia do vestido é soltinha, indo até o meio das coxas. Meu pau está

tão duro que minhas bolas doem.

Ela nunca esteve mais bonita para mim do que agora, grávida do meu filho. Sua pele está mais brilhante, viçosa. Seus olhos mais vivos. E o corpo, porra, nunca pensei que sentiria tanto tesão por uma mulher grávida. Mas estou correndo o risco de entrar em combustão apenas olhando-a. O modelo do vestido tem alças finas e o decote mal contém o

volume dos seios volumosos pela gestação. Minha boca saliva de vontade mamar forte em cada um, montar sua boceta quente e apertada por horas a fio. A médica deixou escapar na consulta da terça que podemos fazer sexo normalmente. Sim, eu perguntei a respeito. A tigresa me lançou um olhar sujo, mas ignorei e a médica disse que sim, nossa vida sexual pode continuar

normal, uma vez que a saúde de Pietra e do bebê estão perfeitas. Se eu já estava completamente fora de mim antes do sinal verde da boa doutora, agora estou pronto para pegar minha mulher pelo braço e prendê-la na porra da minha cama! Caralho. Por que diabos não percebi que essa loucura toda que essa garota me despertou não era simples tesão? É tesão sim, claro. Muito tesão,

porra! Mas o que sinto no meu peito a cada vez que meus olhos pousam sobre ela sempre foi diferente e ignorei os sinais.

— Oi — murmuro, limpando a garganta para disfarçar a rouquidão em minha voz.

Ela lambe os lábios grossos pintados de vermelho vivo. Seu rosto está maquiado, os olhos bem destacados

com lápis e os cílios longos fazendo sombra quando pisca. Deliciosa nem chega a começar descrever a minha mulher.

— Oi. Como foi o voo hoje? — pergunta. Ela começou a fazer isso de uns dias para cá. Não sei se só por educação, mas o fato é que isso aquece meu coração. Porra, estou tão fodido, louco de amor por essa garota.

— Bom. A chuva não chegou a atrapalhar o pouso — digo, dando de ombros. Ela está sentindo falta da agitação das escalas, com certeza. Está fazendo serviço burocrático no escritório da HTL aqui no aeroporto de Palmas, três vezes por semana. A empresa dobra os cuidados com suas comissárias e pilotas quando em período de gestação.

— *Bud*? — pergunta e aceno. Pietra providencia uma cerveja e me entrega. Torço a tampa e bebo um gole, meus olhos não desviando dos seus.

— Como ele está hoje? — murmuro, meu olhar caindo para sua barriga. Ela sorri, seu rosto acendendo com amor para nosso menino. Sua mão direita espalma o ventre. — Como vocês estão hoje? — me corrijo.

— Bem. Estamos muito bem — acena, seu olhar correndo por mim, parando na minha boca. Vejo-a engolir em seco e novamente lambe os lábios cheios e tentadores e é a minha vez de cobiçar sua boca.

— Ei, T! — A voz eufórica de Aidan nos tira do nosso momento.

— Ei, Aidan — saúdo meu novo amigo espalhafatoso, levando minha

cerveja num gesto amigável. — Luíza — estendo o cumprimento a morena de cabelos alaranjados, secando alguns copos.

— Ei, gostosão! — Ela sorri e me dá uma piscada cúmplice. Graças a Deus o climão ruim passou e eles voltaram a gostar de mim. São como família para Pietra e quero continuar me dando bem com os dois.

— Estou perdendo alguma coisa aqui? — Pietra pergunta e a encaro. Está franzindo o cenho, intrigada. Sorrio enigmático e tomo mais um gole da cerveja.

— Eu não sei, pantera, está? — sussurro asperamente, meu olhar segurando o dela com uma sugestão implícita do que ela, eu, nós estamos perdendo. Ela ofega e pisca, os olhos de

gata brilhando de tesão por mim, mas é orgulhosa demais para admitir. Não consegue ver que a amo? Que estou falando sério sobre nós? Sei que fui muito escroto com ela, porra, sei disso. Contudo, estou aqui, lhe dizendo a mesma coisa, dia após dia.

— Coragem líquida, amigo. Você vai precisar. — A voz de Aidan torna a interromper nosso momento. Ele

empurra uma dose do meu Bourbon preferido pelo balcão em minha direção. Merda. Eu com certeza vou precisar. Pego o copo e viro na garganta, ingerindo uma golada boa. A quentura do líquido se espalha rapidamente em minhas veias. É bem-vinda a sensação. Pietra vai atender os clientes e fico sentado, tomando minha bebida, passando cada passo do que preciso

fazer. Seus pais e sua prima Mila, irmã de Lenita, chegam algum tempo depois. Sua prima é muito alegre e expansiva e o melhor, vai com a minha cara. Suspeito de que tenha falado com Pietra sobre abrandar comigo também.

Cerca de uma hora depois, é a minha vez de subir ao palco. Há um tecladista profissional ajudando a tornar o desempenho dos amadores menos

ridículo. Graças a Deus! Eu treinei com a guitarra a semana inteira, em vez do violão. A música que vou cantar pede o som mais agressivo da guitarra. Yuri me entrega o instrumento que aluguei numa loja de música do centro. Pietra está com os olhos arregalados para mim quando passo o cordão da guitarra pelos meus ombros. Seguro seu olhar, tentando fazê-la ver o amor, que deve estar claro

em meu rosto. Puxo uma respiração profunda e rumo para o palco, subindo os degraus. É agora ou nunca! Me dirijo para o pedestal, todo o meu corpo está tremendo. Não por timidez, eu não sou nada tímido. O que estou sentindo é a enormidade do que estou prestes a fazer. Vou declarar meu amor a uma mulher em público, coisa que nunca pensei fosse capaz de fazer algum dia. Mas ela

chegou. Deus, ela chegou e me recuso a deixá-la sair da minha vida. Percebo os familiares de Pietra se reunindo ao redor da bancada do bar para acompanhar em primeira mão. Torno a puxar uma respiração profunda e sorrio para a casa lotada, ajustando o microfone.

— Boa noite, pessoal! — cumprimento e uma onda entusiasmada

saúda de volta. — Por favor, sejam camaradas e não me atirem suas bebidas, ok? — brinco e uma onda de risos soa pelo ambiente. — Estou aqui em cima esta noite por uma boa causa. — Meu olhar procura por Pietra. Ela está me encarando como se eu tivesse duas cabeças. Sorrio-lhe. — Corrigindo: é a melhor causa — murmuro, prendendo seu olhar. — No

ano passado eu vi uma garota dançando aqui nesse mesmo palco. Linda, perfeita e fiquei completamente louco por ela. — Vejo-a arfar, levando uma mão a boca. Luana chega para perto, envolvendo seus ombros e a beija na têmpora. — Arrisco a dizer que me apaixonei por ela no momento em que nossos olhares se encontraram e isso só se intensificou à medida em que passei a conviver perto

dela. — O burburinho acalma um pouco, os clientes percebendo que há uma história aqui. Meus olhos continuam presos nos dela. — Você está em meu coração, Pietra. Eu amo você, pantera. — Vejo seus olhos ficando brilhantes de lágrimas e os meus ardem também. — Cada verso dessa música é para você, meu amor. — O salão irrompe em aplausos e assovios. Alguns caras me

incentivando a continuar. — Procure por mim em seu coração, por favor. Eu sei que ainda estou aí dentro. — Minha voz sai um pouco embargada. — Por favor, me encontre, seja minha de novo.

Ela está chorando agora, os ombros sacudindo. Limpo a garganta, reunindo a calma para cumprir com minha tarefa.

— Quem souber me acompanhe.

— Sorrio, deslizando meu olhar pelo recinto. — *Everthing I Do I Do It For You,* de Bryan Adams — anuncio e nova onda de aplausos e assovios ressoa no espaço. Troco um olhar com o tecladista e lhe dou o aceno. Em seguida, a introdução preenche meus ouvidos.

A olho de novo e mantenho seu olhar cativo, eu começo a cantar a letra romântica pra caralho. O timbre de

Bryan é difícil de imitar pela rouquidão, mas sou afinado, então, não fica tão feio. Pietra me olha completamente chocada, fungando.

*Olhe nos meus olhos.*

*Você verá o que significa para mim.*

*Procure em seu coração, procure em sua alma.*

*E quando me achar lá, não irá mais procurar.*

Eu canto como nunca. Canto com a minha alma. Algumas vozes me acompanham, como pedi. Minha mente é assaltada com imagens nossas aqui em nosso primeiro encontro. Ela linda, atrevida. Eu precisei vir tão longe para encontrá-la. Precisei vir para encontrar

aquilo que me faltou a vida inteira: amor. Ela fez meu coração bater de novo. Me fez querer mais, sempre mais mesmo que relutasse como um maldito idiota.

*Não me diga que não vale a pena tentar.*

*Você não pode me dizer que não vale a pena morrer.*

*Você sabe que é verdade.*

*Tudo que eu faço, eu faço por você.*

Dedilho a guitarra no momento em que a melodia fica mais densa. Ouço assobios e em seguida palavrões de Nando de Guga. Os dois estão me dando polegares para cima, sorrisos enormes em suas caras não tão assustadoras

agora. Meu olhar torna a procurar por ela, a razão das batidas do meu coração. Eu não sabia que precisava de amor até senti-lo e em seguida perdê-lo.

*Olhe dentro do seu coração.*

*Você irá encontrar.*

*Não há nada lá para esconder.*

*Aceite-me como eu sou.*

*Leve minha vida.*

*Eu poderia largar tudo. Eu sacrificaria.*

Seja minha de novo, meu amor. Volte para mim. Peço-lhe com meu olhar e os versos perfeitos de Bryan. Prometo cuidar do seu coração, para sempre. Eu te amo. Te amo! Ela chora copiosamente, me assustando um pouco. Talvez tenha sido emoção demais para

seu estado. A melodia ganha mais força e dedilho a guitarra, mostrando todos os truques que aprendi nos anos que usei a música como fuga da minha realidade fodida.

*Oh, você não pode dizer que não*

*vale a pena lutar.*

*Não posso evitar.*

*Não há nada que eu queira mais.*

*Eu lutaria por você.*

*Eu mentiria por você.*

*Caminharia no deserto por você.*

*Yeah, eu morreria por você.*

Quando encerro os últimos versos, o salão inteiro se levanta, aplaudindo incessantemente. Meu coração troveja no peito. Passei apenas pela primeira fase do plano. Agradeço o apoio e os

sons se acalmam. Yuri surge do meu lado ele parece emocionado, coisa difícil de se ver no japa. Retiro o cordão da guitarra de meus ombros e a entrego a ele, que me dá um aceno de encorajamento. Eu procuro por Pietra de novo e apalpo o bolso da minha jaqueta de couro. Seus olhos ampliam ao ver a caixinha preta em minha mão. Inspiro profundamente, agora sim, estou muito

nervoso. Caio sobre meu joelho direito e nova onda de euforia reverbera no recinto. Encorajamento dos caras e suspiros femininos. Abro a caixinha e a estendo para que Pietra possa ver o conteúdo, um anel de diamantes que Sofia me ajudou a escolher no mês passado. Estive guardando-o, esperando o momento certo para fazer o pedido.

— Case-se comigo, Pietra —

peço, embargado, meus olhos ardendo de emoção. Ela soluça alto. — Eu não sabia que precisava de amor até encontrar você. Eu amo você, tigresa. Amo você e estou aqui diante de sua família e todos, para que não reste mais dúvidas dos meus sentimentos. — Ela meneia a cabeça, limpando o rosto. Meu coração começa a saltar e não de uma forma boa quando a vejo se

desvencilhar de Luana e sacode a cabeça em negativa para mim.

— Eu não posso — diz baixinho, mas consigo ouvir. Todos ouvem e soltam exclamações desapontadas. Meu corpo esfria, minha mão treme segurando o anel, meu peito dói. — Sinto muito, sinto muito — repete e vira as costas, correndo pela porta de acesso à pequena sala atrás do bar.

Oh, Deus... Então, ela não vai... Fico no mesmo lugar, olhando o espaço vazio onde estava há poucos segundos. Ela estava chorando não por ser emoção demais. Chorava porque sabia que não aceitaria nada que viesse de mim. Esse é o fim, preciso aceitar a partir daqui. Minhas vistas turvam e me levanto. Trovões ressoam num barulho ensurdecedor e pingos pesados caem

sobre o telhado do bar. Preciso dar o fora daqui. Preciso chorar longe de tantos olhares. Eu destruí a melhor coisa que me aconteceu por medo e covardia. Ela nunca mais irá confiar em mim, é hora de aceitar essa merda. Eu guardo a caixa no bolso e pulo para baixo do palco, correndo para a saída. Yuri está me gritando, alertando para que eu não saia de moto nesse temporal. Eu não dou

ouvidos. Saio no estacionamento, os pingos da chuva me castigando, a água se confundindo com minhas lágrimas, que só agora deixei caírem. Nunca me senti tão esmagado como agora. Monto na moto e acelero pela rodovia, sentido centro. Ela não me quer mais. Ela não me ama mais. Acelero mais e mais, não em importando com a pista escorregadia.

# Pietra

Eu choro, meu corpo sacudindo todo. Luana, Aidan, Luíza, chegam dos meus lados no sofá da salinha atrás do bar.

— Eu não posso — repito uma e

outra vez.

— Porra, não fique assim, amiga. Pense no bebê. — Aidan esfrega minhas costas, seu tom preocupado.

— Maninha... — Luana está com uma expressão triste. — Nunca pensei que diria isso, mas aquele cara te ama. Está falando sério.

Meneio o cabeça, não querendo acreditar nisso. Precisando me manter

firme. A decepção que ele me causou ainda está latente dentro de mim, não posso evitar. Há um misto de emoções e sentimentos se digladiando em minhas entranhas nesse momento. Deus, quando o vi subindo no palco não consegui mais desviar os olhos dele. Tão bonito em jeans e sua habitual jaqueta de couro preta. Ele cantou e tocou a guitarra com a segurança de quem pratica há muito

tempo. Absolutamente lindo e meu coração doeu por não tê-lo para mim. Ele se cansaria de mim e do cotidiano de um casal, tenho certeza. Há pessoas que não são talhadas para relacionamentos sérios e Tristan é uma delas. Preciso aceitar que será apenas o pai do meu filho. Isso sei que cumprirá à risca. Vi a alegria e emoção em seu rosto quando viu nosso menino no

ultrassom na consulta da terça.

Mas, algo mais, permitir que seja meu homem de novo é muito arriscado. Tenho lutado todos os dias para não fraquejar e deixá-lo me ter outra vez. Me mataria ser chutada para escanteio de novo.

— Eu não posso fraquejar. Não posso — digo entrecortado. Meu coração está esmagado. Doeu ver a

expressão de dor no rosto dele quando percebeu que não iria aceitar seu pedido. Doeu muito. Deus, quando isso vai parar de doer? — Por que não consigo parar de amá-lo? Por quê? Seria tão fácil. — Minha visão turva com lágrimas quentes e dolorosas.

— Porque não podemos mandar no coração, querida — Luana murmura, sua voz embargada, suas mãos correndo

pelos meus braços, me dando forças.

— Ah, Pi, amiga... — Luíza diz numa voz arrasada. — Ele está em seu coração, não há nada que possa fazer sobre isso, querida. Dê uma chance ao pai de seu filho. Ele precisaria ser um ator excepcional para fingir toda aquela emoção lá fora.

— Concordo, querida — Aidan diz, fungando. — Deixe o amor que

sente pelo seu homem vir à tona de novo, querida. Permita-se ser feliz ao lado do homem que ama. Não perca mais tempo.

— Eles estão certos, maninha. — Luana levanta meu rosto e me encara nos olhos. — Não perca mais tempo castigando-o e castigando a si mesma. Não somos perfeitos, Pi — abana a cabeça —, somos imperfeitos, humanos

e às vezes erramos, magoamos as pessoas que amamos no processo. Tenho certeza de que Tristan aprendeu com seus erros. Agora permita-se passar por cima do passado.

Meu coração salta, ouvindo suas palavras de incentivo. Eu choro mais alto, percebendo que quero, quero muito perdoá-lo. As lembranças de nosso tempo juntos se embaralham em minha

mente confusa. Posso fazer isso? Posso dar outra chance ao homem que pisou no meu coração de forma tão dolorosa? Me pergunto, enquanto mais e mais imagens nossas povoam meu cérebro. Seus olhos escuros, seu sorriso, seu rosto lindo. Seu toque, seu beijo. Ofego, me levantando do sofá, meu coração saltando tão forte que sinto uma vertigem. Minha irmã sorri e meus amigos fazem o mesmo,

certamente notando a que decisão cheguei. Mas antes que lhes comunique, vozes alteradas vem do bar e logo Nando, Guga e meus pais estão entrando na pequena sala. Seus rostos estão apreensivos.

— Pietra... — minha mãe murmura, vindo para mim, seu olha preocupado. — Tristan acabou de sofrer um acidente de moto, filha.

— O-o quê?! — minhas pernas fraquejam e meu pai chega para perto, me firmando pela cintura. — Como? Ele está lá fora.

— Não está, *bambina*[16] — meu pai diz, apertando os lábios. — Ele saiu de moto quando você correu para cá.

Me sinto fraca, me seguro nos antebraços de meu pai para não cair.

— Não, não — balbucio, novas

lágrimas toldando minha visão. — Onde ele está? Para qual hospital o levaram?

— Ainda não sabemos de muita coisa, Yuri ligou avisando e dizendo que o estava levando na ambulância para um hospital particular — Guga diz e meu irmão mais velho sisudo está com o semblante preocupado também.

— Me levem até ele! Por favor, me levem para ele! — digo beirando a

histeria. Oh, meu Deus, o que foi que fiz? O que foi que meu orgulho estúpido fez? Eu empurrei o homem que amo com todo o meu coração para longe. Ele tem que estar bem. Tem que estar. Por favor, Deus, estou implorando, o deixe ficar bem para que possamos criar nosso filho juntos. Por favor. Choro, meu corpo inteiro tremendo.

Nando e Guga me levam em seu

carro. O restante vai em carros separados. Quando chegamos à recepção da clínica na 404 Sul, dona Magnólia e Yuri vêm me encontrar.

— Sinto muito! Sinto muito! Eu fui a culpada! — Choro descontrolada, me desculpando com a mulher elegante. Ela está com os olhos vermelhos, o rosto torcido com preocupação.

— Shh, não, querida. Você não

tem culpa de nada — diz sendo muito mais compreensiva do que mereço nesse momento. — Tristan tomou outra decisão ruim saindo naquela coisa com todo esse temporal.

Ela não aprecia a paixão do neto por motos.

— Onde ele está? Me levem até ele, por favor! — imploro.

—Acalme-se, Pietra. Ele está

sendo atendido agora — Yuri informa. Não está controlado como sempre o vejo. Tristan é mais do que um patrão para ele, sei disso.

Esperamos por cerca de quarenta minutos até que um médico vem até onde estamos. Todos levantamos dos sofás, sequiosos por notícias.

— Ele está bem? Por favor, só diga que que ele está bem. — Eu choro.

— Eu não posso perdê-lo. Meu filho e eu não podemos ficar sem ele.

— Fizemos todos os exames e felizmente o senhor Tristan não sofreu nenhum trauma — informa e todos na sala soltam respirações aliviadas. — Apenas escoriações leves e um impacto na cabeça, que iremos acompanhar para descartar uma concussão. A qualidade do capacete o salvou de algo mais

grave.

Eu rio em meio ao choro. Ele está bem. Seguro meu ventre quando meu menino começa a chutar, gostando da notícia também. *Sim, meu amor, seu papai está bem.* Converso com ele em silêncio. *Me perdoe por demorar tanto tempo para aceitá-lo de volta em nossas vidas. A mamãe vai corrigir isso agora, prometo.*

— Me leve até ele, por favor, doutor — peço, meu tom urgente. O senhor aparentando uns cinquenta anos acena e me mostra o caminho pelo corredor. Estou toda molhada, água escorrendo do vestido por onde passo. Minhas botas encharcadas, molhando o piso de mármore. O doutor para diante de uma porta.

— Ele tomou medicação e está

descansando aqui. Provavelmente será liberado dentro de algumas horas — diz e com um aceno cordial se vai pelo corredor.

Eu pego na maçaneta e a seguro, meu coração saltando como um tambor. Ele está lá dentro. Ele está bem. Repito uma e outra vez, expulsando o pavor que senti quando soube do acidente. Minha coragem vacila um pouco. Eu o rechacei

lá no bar e isso o empurrou para o temporal. Poderia ter morrido e a culpa teria sido minha, apenas minha por ser orgulhosa demais. Por deixar o orgulho se sobrepor ao amor que ainda pulsa dentro de mim. Respirando fundo, giro a maçaneta e empurro a porta. Meus olhos correm diretamente para a cama. Ele está sentado com as pernas para fora, sua cabeça baixa.

— Já disse que estou bem, caralho — resmunga, me assustando. Então, percebo que imagina ser alguém da equipe médica. Engulo em seco, me aproximando devagar. Sua jaqueta está jogada sobre uma das poltronas e vou até lá. Pego-a, apalpando os bolsos, meu coração acelerando ao encontrar a pequena caixa. Abro-a e não consigo segurar um soluço ao ver o anel mais

lindo lá dentro. Com mãos trementes, pego-o e o empurro em meu dedo. Ouço um ofego e olho de lado, meus olhos colidindo com os olhos escuros que tanto amo. Ele me observa parecendo confuso no primeiro momento, então, seu olhar cai para a minha mão e suas irises cintilam quando vê o seu anel em meu dedo. Não falamos nada, apenas nos olhando. Eu choro mais, meu olhar

correndo por todo ele, comprovando que realmente está bem.

— Sinto muito. Se você tivesse... Eu não suportaria se algo grave acontecesse com você por minha culpa. — As palavras se atropelam em minha garganta. Ele continua calado, me encarando com seus olhos intensos. — Você está falando sério sobre isso? — mostro o anel em meu dedo, minha voz

embargando. — Eu não quis envergonhá-lo lá no bar. Eu só não... Não tinha certeza — balbucio, me sentindo intimidada pela forma que está me olhando. — Eu estava com medo. Te julguei tanto por ter medo antes e fiz a mesma coisa agora. — Ele dá um pequeno aceno, mas ainda não diz nada. — Eu amo você, Tristan — murmuro, meus olhos turvando de lágrimas, não

me segurando e andando devagar, me colocando entre suas pernas. — Pensei que podia seguir sem você, mas descobri que não posso. — Eu choro entrecortado. — Você está aqui dentro e não vai sair. Nunca.

Seus olhos se enchem de lágrimas e ele solta uma respiração aguda. As mãos se levantando para o meu rosto, segurando dos lados, seu olhar correndo

por minha face banhadas de lágrimas.

— Pietra... — sussurra com tanta urgência e reverência que meu coração aperta. — Então, você é minha de novo?

— Sim... Sim, meu amor — digo, pegando seu rosto também, me deliciando com a textura da barba por fazer.

— Diga isso de novo — pede, suas mãos estão tremendo contra as

minhas faces, como as minhas nas suas.

— Meu amor. Eu amo você — digo baixinho, meu coração retumbando no peito por estar tão perto, em seus braços outra vez.

— Porra, pantera — expira, uma mão indo para a minha nuca e o outro braço enrolando em minha cintura. Estou molhando a sua bata do hospital, mas ele não parece se importar. — Eu te amo

tanto, Pietra. Tanto. Nunca mais irei te machucar, meu amor. Nunca mais — diz ferozmente, seus olhos lindos e sinceros dentro dos meus e eu acredito.

Aceno, um peso saindo das minhas costas e do meu coração. Dá para sentir o momento em que todos os sentimentos negativos me deixam e o amor assume, tomando conta de tudo, cada espaço.

— Eu acredito, meu amor. Eu

acredito — garanto-lhe e então, sua boca mergulha na minha. O recebo com ânsia, chorando mais, gemendo de puro júbilo por termos finalmente chegado a esse ponto. Nos beijamos com desespero. Deus, tanto tempo sem esse contato. A saudade dói, minha pele formiga, comicha pelo seu toque. Minha boceta molha, lateja com força, necessitando ser preenchida pelo seu

dono legítimo. Nos devoramos, nossas línguas duelando, se lambendo, nossos lábios nos sugando, nossos dentes mordiscando a boca um do outro. Gememos roucos, desaceleramos. Aprofundamos de novo. Não sei quanto tempo se passa, só sei que quando paramos, meus lábios estão dormentes e o topo de minhas coxas está todo melado. Meus hormônios de grávida são

ferozes. Me masturbo duas vezes ao dia para aplacar o tesão louco que me acometeu nesse período, principalmente porque não podia ter o objeto do meu desejo.

Duas horas depois, entramos em sua cobertura. O temporal cedeu para uma chuva fina. Dona Magnólia e Yuri avisaram que iam se hospedar em um hotel e só voltarão quando chamarmos.

Sorrio, sabendo que foi ideia dela. Aquela senhora é muito astuta. A primeira coisa que percebo ao entrar na sala espaçosa é que houve uma mudança na decoração. Não era assim da última vez em que estive aqui.

— Eu redecorei tudo. — A voz de T está mais profunda às minhas costas. Ele acabou de ser liberado e embora esteja arrastando a perna esquerda por

causa de um aranhão feio na coxa, não teve outro trauma preocupante, graças a Deus.

— Ficou lindo — digo, me sentindo de repente nervosa por estar aqui a sós com ele. Já tem tanto tempo...

— Você que é linda — sussurra bem na minha orelha e meu corpo inteiro estremece. A parede de vidro nos oferece a vista da noite de Palmas sob a

chuva fina. — Eu preciso estar dentro de você agora, ou vou morrer. — Seu tom é grosso, urgente e sem contar história, puxa o zíper do meu vestido, abaixando as alças, empurrando-o pelo meu corpo.

— Eu também preciso de você dentro de mim — respondo no mesmo tom desesperado e me viro, ajudando-a se livrar da camiseta. Ele retira minhas botas, eu o ajudo com o jeans, tendo

cuidado com o curativo da coxa. Em instantes estamos nus, os peitos arfando, nossos olhares correndo gananciosos por cada centímetro do corpo do outro.

— Ah, Deus, tão perfeita — rosna, as mãos delineando minha barriga protuberante, acariciando com reverência, o abrigo do nosso bebê. Então, sobe para meus seios grandes e pesados. Seu olhar queima no meu

enquanto amassa a carne. Me olha com fome animal, puxando os bicos com força. Eu gemo pela sensibilidade da gestação. Segura minha nuca e desce a boca pelo meu pescoço, chupando gostoso e duro, marcando a minha pele. Eu pingo, latejo e quando sua boca morna engole o seio esquerdo eu convulsiono, quase gozando com a sensação perfeita. Tristan mama com

força, sugando firme, mordendo meu mamilo. Me penduro em seus ombros firmes, me deliciando com a pele quente e gostosa. Me familiarizando com essa sensação de novo. Ele muda para o outro seio e o castiga também, chupando, lambendo, mordendo, mostrando sua posse. Eu apalpo seu peito, abdome, choramingando de prazer. Ele estremece quando alcanço

seu pau duro e grosso, pronto para mim. O masturbo e ele geme longo e rouco, empurrando-se em minha mão. Sua mão livre desce pela minha bunda, apertando-a e gira pela frente, pegando minha boceta. Grunhe ao sentir meus lábios vazando a excitação. — Porra, que gostosa. — Empurra um dedo grosso em minha vulva. Entra ardendo e resfolego, arfando, desesperada para ser

dele de novo.

— Eu não consigo esperar preliminares — gemo em desespero. — Me come, por favor. Depois faça amor devagar, mas agora eu preciso de você me comendo bem forte como sabe que adoro.

— Caralho, minha cachorra está de volta... — ruge, me dando um tapa leve na bunda e me empurra para trás,

minhas pernas batendo no grande estofado da sala. — Vire-se e fica de quatro no estofado, Pietra. — Sua voz é engrossada, tensa com tesão. Gemo, me colocando na posição. Ele se coloca atrás de mim e suas mãos passeiam pelas minhas costas num toque delicado a princípio. Um gemido possessivo escapa da sua boca ao pegar minha boceta por trás e esfregar meus lábios,

indo para o clitóris. Solto um ganido necessitado, estou tão molhada que faz barulho sua massagem. Ele sorri, gostando disso o safado. Meu putão lindo está de volta também e amo isso.

— Segure-se bem no encosto, amor — orienta e o faço, tremendo, expectante. Em instantes a cabeça gorda está abrindo meus lábios, procurando a vulva. As mãos grandes cravam na carne

da minha bunda e abrem bem as minhas bochechas. Sei que quer ver seu pau entrando em mim. Rebolo, incitando-o e ele rosna, metendo o eixo longo e grosso numa estocada só. Eu berro alto, convulsionando sem controle, minhas paredes doendo pela invasão. Mas é assim que nós dois gostamos. Amo ser dele assim.

— Ah, Deus... Sim, meu putão

gostoso... — Eu babo sobre o encosto do sofá e ele ri, puxando tudo e batendo de volta, me sacudindo toda. — Tristan... Meu amor... — gemo em desamparo.

— Pietra... Ah, porra, meu amor... — ele responde no mesmo tom animal de pura necessidade. — Saudade de arrombar essa boceta apertada — rosna, me comendo com golpes fundos e fortes.

As mãos cravando em minha cintura, me puxando para meter tudo, sem me dar chance de me mexer. Eu choramingo, resfolegando, o gozo se aproximando, ondas quentes revolvendo meu ventre. Ele me come, me rasgando sem dó, me arrombando toda. A médica lhe disse que podemos fazer tudo e o safado não está se contendo. Em instantes eu grito, o orgasmo me arrebatando impiedoso. Ele

rosna e apenas um segundo depois, seu sêmen derrama dentro de mim. — Delícia de mulher... Gostosa demais... E é minha. Toda minha. — Soca até as bolas, urrando guturalmente para o apartamento silencioso.

— Sim, sim, toda sua, meu amor — digo entrecortado, os tremores do gozo perfeito castigando meu corpo. Ele se retira de mim sem aviso e senta no

sofá, me puxando para escarranchá-lo. Eu gemo, descendo, tomando seu eixo avantajado dentro de mim de novo. Seus olhos cintilam correndo por mim inteira. É um olhar saciado, mas ainda faminto. Ele vai judiar de mim hoje, está escrito em seu rosto lindo e perverso. Segura minha bunda, abrindo-a e estoca profundamente de baixo para cima. Apoio-me em seus ombros, nossos

olhares presos enquanto recomeçamos tudo. O monto, engolindo cada centímetro, fazendo-o sibilar quando nossas pélvis se colam. Sua boca vem para meus seios e gemo com as lambidas perversamente suaves que dá em meus mamilos. Em seguida chupa cada um, mamando gostoso e duro.

— Estava morrendo de saudade de comer você assim, minha cachorra

linda, perfeita... — geme enrouquecido, não deixando de mamar e estocar profundamente em meu canal dolorido. — Eu te amo tanto, Pietra. Tanto, porra — balbucia e me congratulo por seu desespero se espelhar ao mesmo nesse momento.

— Também te amo, Tristan... — choramingo de volta, resfolegando, subindo, descendo, deixando-o meter

tudo em mim. — Tanto, tanto, meu querido.

— Linda, porra... Tão linda — rosna, pegando minha nuca, subindo a boca para a minha, seu olhar é um misto de reverência e perversão. — Toma esse pau, vai, cadela. Você me pertence. É minha, minha! — Seu tom é rude e eu molho mais com sua reivindicação. Ele rasga minha vulva, sem trégua, sua

necessidade por mim escancarada em seu rosto lindo e afogueado. Estou toda dolorida e isso me deixa ainda mais louca, excitada, o gozo começando a vir outra vez. Arfo, montando-o com mais força, recebendo longo e grosso, me deixando ser usada por ele, para o seu prazer. O tesão é tão denso, perverso que não consigo mais aguentar, gozo, gritando a plenos pulmões. Tristan sorri,

os olhos escuros segurando os meus, lindos, lascivos, possessivos, sabendo que apenas ele pode me dar isso. — Assim, minha putinha... Continue gozando no meu pau... Me toma todo... Isso, amor, leva tudo, porra! — Eu enlouqueço, levando-o além do meu limite para agradá-lo. — Ohh, caralho, isso! Eu vou gozar! — Se enfia malvadamente até não poder mais e o

sinto esporrando. Minha respiração falha, meus olhos reviram enquanto continuo gozando, a sensação se prolongando ao sentir seu esperma lavando minhas paredes.

O arranho nos ombros, peitoral e ele rosna, segurando minha bunda, socando profundamente, me dando cada gota de si. Suor escorre entre meus seios e resfolego de boca aberta antes de sua

boca esmagar a minha. Nos agarramos e nos beijamos, gemendo no êxtase arrebatador, subjugados na sensação viciante de gozar no corpo um do outro. A sensação inigualável, que só encontramos no corpo um do outro. Quando a loucura vai passando, nosso beijo fica mais lento, um langor gostoso perpassando meu corpo. Ficamos assim, entranhados por não sei quanto tempo,

nos acariciando devagar. Gemo baixinho e abro os olhos parando o beijo, lhe dando pequenos selinhos na boca sensual. Os olhos escuros se abrem direto para os meus e sinto o baque delicioso em ser o centro da sua atenção.

Ele me fita com total encantamento, as mãos deslizando pelo meu corpo delicadamente. Nem parece o

homem que me comeu com tanta intensidade e safadeza ainda há pouco. Os lábios grossos curvam ligeiramente, sabendo que sou louca por ele. Eu rio também, tonta, completamente delirante de amor por esse homem. Não falamos nada, a princípio, apenas roçamos nossos narizes, nos cheirando, nos familiarizando outra vez depois de tanto tempo longe.

— Linda — murmura, me dando pequenos selinhos. — Porra, eu pensei que nunca mais estaria assim com você. — Seu rosto torce e o meu também ao recordar do incidente.

— Passou, amor — murmuro. — Vamos fazer isso dar certo agora. Chega de pensar no passado, T.

Ele acena, a expressão carregada voltando a suavizar, seus dedos sobem

para o meu rosto e os desliza com ternura.

— O que acha de nos casarmos antes do nosso menino nascer, linda? — pergunta e meu coração canta. Oh, Deus, ainda não me acostumei a essa parte. Ele quer se casar. Eu levanto minha mão, o anel de princesa cintilando em meu dedo. Ele a pega e deposita um beijo suave sobre o dorso, depois sobre a

joia. Meu peito fica todo mole vendo tanto sentimento em seu rosto agora. É como se só agora uma venda fosse retirada dos meus olhos, me permitindo perceber o seu amor por mim. Estava tão magoada que me blindei de todas as formas que consegui para não ser ferida de novo. Mas dona Magnólia tinha razão quando disse que a vida não espera. A vida não é uma ciência exata. É preciso

arriscar ou não viveremos.

— Eu me casaria com você agora mesmo — sussurro, com todo o meu amor e ele sorri, o sorriso verdadeiro, aquele que ilumina e transforma seu rosto.

— Acho que sua família não me perdoaria por isso, amor. — Sorri, depois faz uma careta. Eu rio. Minha família não facilitou as coisas para ele.

— Que tal na primeira semana de janeiro? — pergunta.

— Isso são apenas três semanas, Tristan — aponto. — Como vamos organizar algo em tão pouco tempo, amor?

Ele torna a ri me dá uma piscadinha safada.

— Não sei se está a par, mas tenho meios para fazer uma cerimônia de

grande porte em apenas vinte e quatro horas, tigresa — se gaba e rolo os olhos.

— Deve ser horrível ser o dono do mundo, não é? — zombo e ele pulsa dentro de mim, mostrando que nossa brincadeira não vai tardar e recomeçar.

— Dono do mundo não, apenas da HTL. — Torna a piscar e bufo.

— Ah, claro, só isso, riquinho — o provoco e ele sorri, nos rolando no

sofá, nos colocando numa posição deitada, se retirando devagar de dentro de mim. Seus braços me puxam para seu peito e suspiro, colocando uma perna por cima da sua. Um breve silêncio desce sobre nós. Estou quase cochilando em seu peito quando o ouço murmurar, seus lábios depositando beijos suaves em meus cabelos.

— Eu vou te fazer a mulher mais

feliz do mundo, pantera. — Meu coração salta e meus olhos se enchem de lágrimas felizes. Levanto meu rosto para o seu e toco sua face perfeita. — Eu te amo. Eu não sabia que precisava disso até te encontrar.

— Eu vou me esforçar todos os dias para retribuir à altura, meu amor — sussurro embargada. — Você me honra por ter me escolhido para amar, Tristan

Maxwell — completo e seus olhos ficam muito brilhantes.

— Não, linda, você é que me honrou com sua entrega mesmo antes de eu saber que era possível sentir isso aqui dentro. — Toca o coração e em seguida sua boca gostosa desce na minha.

E nós nos amamos de novo, cimentando nossa nova vida juntos. O

que o amanhã nos reserva não sei, mas estou pronta para arriscar.



# Capítulo 16

***Todo mundo tem uma pessoa, aquela pessoa. Não precisa dia e nem hora pra chegar. Na portaria do meu coração já tem seu nome. Pode entrar.***

***(Aquela Pessoa – Henrique e Juliano)***

*Três semanas depois...*

*Palmas – TO, Brasil.*

# Pietra

Eu olho para a tenda montada na

área gramada perto do lago. Um iate de pequeno porte e lanchas estão ancoradas em nosso píer particular. Lembram quando meu piloto sexy disse que tinha meios para fazer uma cerimônia de pompa acontecer em apenas 24h? Pois é, ele não estava brincando e já estava cuidando de outro empreendimento. Só fiquei sabendo quando me trouxe para ver o terreno dois dias depois que

fizemos as pazes. A nossa casa. Estamos nos casando na nossa casa à beira do lago. Ele adquiriu alguns hectares próximo a chácara de meus pais e em tempo recorde construiu a nossa casa. Na verdade, é a porra de uma mansão! Briguei muito com ele, dizendo que não queria nada ostentoso, que nossos filhos vão andar descalços por aqui, como a curraleira da sua mãe. Ele abriu aquele

riso lindo dele que sempre me desarma e argumentou que minha família é grande e quer poder recebê-los quando estivermos por aqui. Fui vencida, mas fui dando meus toques pessoais aqui e ali para que tivesse a nossa cara.

Carlos Eduardo chuta meu ventre e sorrio, minha vista abaixando. Toco minha barriga enorme de seis meses sobre o vestido de noiva. É um modelo

exclusivo e veio de uma Maison de Paris. É discreto porque bem, olhe só para a minha barriga, minha gente! Mas é lindo e elegante, em seda finíssima, ajustado ao corpo, se abrindo num rabo de sereia que emenda com o véu de quase três metros. Sobre o véu, estou usando uma tiara de flores silvestres. Meu cabelo está preso numa trança raiz espiralando e caindo sobre o meu ombro

direito. Vovó Mag me presenteou com um lindo conjunto de colar e brincos de pérolas. Meu rosto está maquiado com simplicidade, mas com a requinte que o momento exige. Vou me casar com o homem mais improvável de todos. Sorrio, ainda tocando meu menino.

— Seu pai é completamente louco, mas você vai cair de amores por ele também, meu menino — sussurro em tom

confidente. — Não há como não se apaixonar quando aqueles lindos olhos escuros recaem sobre nós. Não há. Foi assim com a mamãe. Ele me olhou e eu estava perdida no mesmo instante.

Ouço as risadas suaves de Aidan e Luiza. Minha família já passou por aqui para me desejar boa sorte e agora estou numa pilha de nervos, esperando o sinal da organizadora do casamento para eu

descer. Essas três semanas foram perfeitas. Nossa convivência foi restaurada fácil e rapidamente. É como se nunca tivéssemos nos separado. E me deixem dizer, Tristan Maxwell sendo safado é imbatível, mas sendo um noivo apaixonado e romântico, é páreo duro, viu. Meu homem lindo e imperfeito me fez sentir uma verdadeira princesa desde o momento em que reatamos. Sua família

veio passar o Natal aqui em Palmas e fizemos nossa primeira Ceia na cobertura. Foi uma forma de expurgar as orgias que o safado havia feito por lá. Ele sorriu e piscou para mim quando lhe disse isso, que agora o lugar era de família. Cachorro gostoso. Foi uma noite maravilhosa, nossas famílias se conhecendo e interagindo. Pude matar a saudade de Sofia e do ruivinho mais

lindo. Ele está enorme e esperto.

Logan veio também, embora sua cara não estivesse nada boa. Ele ainda não obteve êxito com Lígia pelo que T me falou. Todos estão preocupados com sua situação porque, bem, Lígia se casa dentro de três dias com o promotor. O cara aceitou assumir o filho de Logan como seu. Então, Logan está soltando fumaça pelas ventas, por assim dizer. Se

bem que ontem quando chegou estava introspectivo, mais triste do que zangado. Eu acho que não há mais o que possa ser feito nesse caso. A não ser que haja uma grande reviravolta. Afinal, se tem algo que aprendi nos últimos meses, é nada pode ser dado como certo. Viver é uma incógnita. Mas voltando às festas de fim ano, o Natal foi perfeito em família, e o Ano Novo passei em São

Paulo, na festa anual da HTL. No ano passado estive lá, naquele período ainda lutando contra a atração que Tristan me despertava. Sorrio, relembrando nossos embates. Foram muitos. Não adiantou nada, meu coração já era dele. Irrevogavelmente.

Foi uma noite perfeita também. Usei um vestido amarelo creme, de seda. Frente única, deixando meus seios

exuberantes por causa da gravidez. Uma abertura frontal, mostrando minhas pernas longas nas sandálias de pedrarias delicadas de salto alto no mesmo tom do vestido. Não esqueço o olhar de Tristan quando saí do closet em sua casa, digo, nossa casa. Os belos e intensos olhos escuros desceram por mim lentamente, brilhando, seu amor lá escancarado. Fiquei toda boba, meu coração mole,

tendo a certeza de que sou amada por aquele homem lindo. Ele me escolher dentre tantas, me deixa além de envaidecida. Ele poderia ter as mulheres mais lindas e ricas do mundo, mas escolheu a mim, uma simples curraleira do Norte. Isso sempre terá o poder de me arrebatar. Sempre. Meus olhos correram por sua figura alta e elegante no smoking branco. Lambi os lábios,

minha libido de grávida sempre me deixando louca por sexo, louca por ele. Aquela boca linda curvou no meio sorriso safado que sempre causou estragos na minha calcinha e ele andou devagar para mim.

— Ah, Deus, minha mulher é muito sexy grávida — murmurou, os braços enrolando em minha cintura arredondada, delicadamente. Viram?

Definitivamente páreo duro no modo romântico. Eu o abracei pelo pescoço, olhando-o com adoração. — Você está maravilhosa, amor.

— Obrigada, amor — ronronei, amando sua delicadeza e carinho flagrantes comigo. — Você que arrebata o meu fôlego. — Seus olhos brilharam com meu elogio. — Sempre, meu piloto sexy.

— Estamos atrasados, então, pare de me bajular para ter sexo, espertinha. — Estreita os olhos e sorrio, meneando a cabeça.

— Embora eu realmente queira sexo com o meu homem gostoso, só estou dizendo a verdade, amor — garanto e ele grunhe, as mãos caindo para a minha bunda, que está enorme, cortesia de Carlos Eduardo.

— Quando voltarmos vou te dar uma surra de pau, minha safada, esteja certa disso — diz com o olhar e tom malvados que amo. Gemo e ele sorri, gostando de me deixar enlouquecida de desejo. — Vem, amor. H e Sofia já devem estar por lá — murmurou, sua boca descendo num beijo delicado na minha. Bem, era para ser delicado, mas acabei aprofundando e ele gemeu,

devorando-me gostoso, sem pressa.

Cerca de trinta minutos depois, estávamos descendo da limusine direto no tapete vermelho. O jantar de gala estava acontecendo no Clube Athletico Paulistano, um dos mais tradicionais de São Paulo, do qual os Camargo, família de vovó Mag, são sócios desde a sua fundação. A imprensa lançou muitas perguntas, todos em polvorosa porque o

assessor de Tristan soltou uma nota sobre o nosso casamento no começo do ano. Nós paramos e respondemos a algumas. Meu coração tão feliz que não cabia no peito. Eles nos esquadrinharam em diversos flashes, dando destaque para o anel em minha mão esquerda. Ele me olhou com suavidade, segurou minha barriga, as mãos grandes e mornas sobre o nosso menino. Eu derreti em uma poça

quando sua boca tocou a minha. Foi um beijo breve, mas repleto de carinho e os repórteres estavam com sorrisos de orelha a orelha quando voltamos a olhá-los. Tinham muito material para o dia seguinte. Tristan enlaçou minha cintura e seguimos pelo tapete, ele cumprimentando um e outro convidado e eu fazendo o mesmo, ainda que não conhecesse quase ninguém em seu meio.

Confraternizamos no salão elegantíssimo antes da ceia, bebendo e comendo petiscos. A queima de fogos foi na área externa e saímos todos empunhando nossas taças. Os fogos explodiram no céu numa profusão de cores e sorri, virando a cabeça, flagrando meu homem me olhando. Sua expressão de encantamento me deixou de joelhos. Esquecemos os fogos e

ficamos nos olhando, vendo o reflexo em nossos olhos. A contagem regressiva se iniciou e a fizemos presos um no outro, murmurando até que mais fogos explodiram, o Ano Novo chegou e com ele, promessas maravilhosas.

— Feliz ano, futura esposa! — ele sussurrou, o tom reverente, fazendo lágrimas felizes encherem meus olhos. O enlacei pelo pescoço com o braço livre

e ele me puxou suavemente pela cintura. Dado o tamanho da minha barriga, não conseguimos nos colar tanto quanto gostaríamos, mas ainda assim é perfeito o contato.

— Feliz ano, futuro esposo! — disse de volta e nossas bocas se uniram, selando nossos desejos para o ano que iniciava.

Em seguida, felicitamos Heitor,

Sofia, Logan, vovó Mag, que estava linda e elegante num longo branco. Quando crescer quero ser igualzinha a ela. Após a ceia, fomos dançar juntinhos no salão lotado com a alta sociedade, mas também os funcionários da companhia.

— Você está bem? — Tristan sussurrou, seu olhar preocupado. — Se estiver cansada me fale e iremos

embora, amor.

Eu sorri, meneando a cabeça. Como um homem que alardeava não querer, não precisar de amor, chegou aqui? Ainda me pergunto. Não tenho a resposta para isso. Acho que era para ser. Nós dois, era para ser. Ele nasceu aqui, em meio a riqueza, mas nunca foi realmente feliz. Eu disse que me envaidece ser a sua escolhida, mas me

envaidece ainda mais ver esse brilho feliz em seus bonitos olhos negros toda vez que os pousa sobre mim. Ah, meu Pai, eu amo isso. O amo demais.

— Estou ótima, amor — murmurei. — Eu te amo, Tristan Maxwell, espero que saiba disso.

Ele sorriu, lindo demais e roçou o nariz no meu.

— Eu sei, linda. Agora eu sei —

garantiu com voz terna. — E eu te amo também Pietra Ferraço. Espero que saiba disso.

Sorri, tão feliz que acho estava flutuando enquanto dançávamos o jazz envolvente.

— Eu sei, amor. Agora eu sei — o imitei e ele me beijou cálida e lentamente, nos balançando, esquecidos do resto dos convidados.

Quando Carlos Eduardo pressionou minha bexiga, eu tive que correr para o banheiro. Depois de me aliviar, lavei as mãos, retoquei a maquiagem e quando me virei dei de cara com a pessoa que estive evitando na noite: Anita. A cadela que quase me separou do homem que amo, por pura maldade. Seus olhos arregalaram e ela engoliu em seco. Estava bonita num

longo vermelho. Ela sempre foi bonita, pelo menos por fora. Não consegui segurar o veneno. Eu esperei pelo ataque costumeiro, ela me chamar de caipira fedida. Mas para meu espanto, não veio.

— Boa noite — murmurou, visivelmente desconfortável.

Foi a minha vez de arregalar os olhos. Onde está o olhar e sorriso cruéis

que sempre estiveram em seu rosto para mim? Sei que deveria ser evoluída, mostrar-me superior e esquecer tudo que essa vadia me fez, mas ainda está tudo muito fresco em minha mente, infelizmente. Me acertei com Tristan, mas perdoar essa puta e a forma horrível que sempre me tratou, ainda está numa realidade distante. Não, porra, não sou tão evoluída!

— Não ouse me dirigir a palavra, sua vadia de merda! — ranjo os dentes. Odeio-a com todas as minhas forças. — Não ouse fingir que não fez coisas horríveis comigo! Você chegou ao cúmulo de desejar a morte do meu filho, sua louca!

Engole em seco, os olhos faiscando. Sei que quer revidar e nesse momento, é tudo que mais quero: um

motivo para chutar sua bunda infeliz para fora da HTL. Bem longe de mim e de Tristan.

— Cometi erros com você, admito — diz, mas seu rosto não é sincero. Posso ver claramente.

— Sim, muitos erros. — Me aproximo mais, ficando cara a cara com ela e mando meu recado: — Mas agora está finalmente reconhecendo o seu

lugar, sua infeliz — rosno, lívida. — Se souber que andou ao menos olhando para o meu marido, eu te quebro inteira, sua puta! — Ela range os dentes, mas fica calada. É bom vê-la engolindo seu próprio veneno. É muito bom, na verdade.

— Saia da minha frente, senhora — diz, contendo-se e de repente, quero espezinhá-la, porque posso agora. Sei

que não é um sentimento bonito, mas sou humana. Não me julguem. No entanto, respiro fundo e decido parar a desforra. Não vale a pena.

— Está bem. Não vale mesmo a pena — desdenho e levanto minha mão, mostrando o anel de Tristan em meu dedo. Seu rosto torce com despeito nítido. — A caipira que tanto hostilizou e humilhou venceu, querida. Eu tenho o

anel do homem que amo em meu dedo e o filho dele em meu ventre para confirmar isso. — Ela parece pronta para me esganar, mas respira fundo, mantendo a pose pacífica.

Eu a olho de cima a baixo e lhe dou as costas, deixando-a no meio do banheiro. Foda-se! Isso lavou a minha alma! Voltei para Tristan e quando estávamos saindo para o estacionamento

vi a vadia de novo e não pude evitar um sentimento vitorioso se espalhando dentro de mim. Me aconcheguei nos braços no meu futuro marido e abri um sorriso insolente em sua direção. A partir daqui não irei mais perder meu tempo com essa puta, no entanto. Percebo que a resposta maior é essa aqui: o anel de Tristan em meu dedo e seu filho em meu ventre. A mensagem foi

entregue alta e clara: a curraleira de Tocantins venceu!

Naquela noite, quando chegamos em casa, Tristan me amou com tanta delicadeza e cuidado que chorei quando gozei. Se aquela noite de virada foi um indício, nosso ano será maravilhoso. Rogo a Deus que nos permita concretizar nossos planos em família porque esse homem nasceu para ser um

marido e um pai. Ele só precisava se curar de seu trauma. Sua terapia está ajudando muito pelo que tenho visto até agora. Verei o dia em que ele andará em um carro com os vidros fechados e não entrará em pânico. Tenho fé que está perto o dia em que será completamente livre do mal que seus malditos pais lhe fizeram.

— Oh, minha garota bonita, você

deixa essa velha senhora sem palavras.

A voz suave e emocionada de vovó Mag soa bem atrás de mim e sorrio, saindo da janela, me virando para ela. Está deslumbrante no vestido azul e chapéu combinando. Seus olhos castanhos correm por mim e ela se aproxima, estendendo as mãos. Eu as pego e dá um aperto suave.

— Obrigada, vovó Mag. A

senhora também está incrível — elogio-a e ela meneia a cabeça.

— Obrigada você, Pietra. — Sua voz embarga um pouco. — Obrigada por enxergar o meu menino de verdade. Obrigada por resgatá-lo daquele carro, minha querida.

Imagino a confusão de Aidan e Luíza sobre essa última parte. Eles não sabem sobre o segredo de Tristan. Não é

meu para contar. Se ele quiser tornar isso público em algum momento, é uma decisão apenas sua.

— Ele também me resgatou de certa forma, vovó — revelo. — Eu estava aqui jogada em meu interior, não que não ame o meu Tocantins, mas eu precisava da coragem para ir atrás de mais. — Ela acena, sorrindo com aprovação. — Tristan Maxwell é o

melhor homem que eu poderia querer para pai dos meus filhos, essa certeza borbulha dentro de mim. — Sorrio e sussurro: — Ainda que a vida não seja uma ciência exata.

Seu rosto com marcas da idade, rejuvenesce alguns anos pela forma como se ilumina e ela assente.

— Você captou a essência da coisa, minha garota bonita — diz com

seu tom sábio que almejo atingir algum dia. — Agora, vamos, a organizadora deu o sinal. Tristan está ansioso para ver sua tigresa. — Ela sorri do apelido que meu homem me deu desde o primeiro momento.

— Vamos. Também estou ansiosa para ver o meu piloto lindo e sexy.

— Vai lá e arrasa, cadela! — Aidan diz com um fungado, fazendo a

vovó Mag sorrir.

— Meu Deus, respeite a dona Magnólia, sua bicha espalhafatosa! — Luíza o repreende e os dois iniciam uma discussão sobre quem vai segurar meu véu.

Ah, deixe-me dizer, Aidan está lindo num terno rosa. Pois é, fiquei sabendo que o trato com T era usar um vestido nesse tom, mas até meu amigo

percebeu que seria tirar o foco da noiva se insistisse em usar o modelito transgressor. Ainda assim, está lindo. Eles entram em acordo e se prostram de cada lado, segurando as pontas do véu e respiro fundo, rumando para a varanda do meu quarto, onde há uma escadaria que dá acesso direto ao jardim onde está montado o altar e a tenda do cerimonial. Meu pai está esperando por mim ao pé

da escada. Seus olhos verdes estão vermelhos, indicando que esteve chorando. Seu Pietro é tão emotivo.

— Não custa repetir, *figlia mia,* [17] você está tão bonita, *caríssima*[18] — sussurra, pegando minhas mãos nas suas, levando-as a boca e deposita um beijo amoroso em cada uma.

— *Grazie, papà*[19] — respondo em italiano e seus olhos brilham mais.

Ele gosta quando faço isso.

— Você tem um bom homem ali. — Indica a direção do altar com o queixo.

— Eu sei, papai — assinto, feliz que todos tenham percebido isso também. — Eu te amo, seu Pietro Ferraço. Agora me leve até aquele bom homem ali.

Ele sorri, meneando a cabeça.

— Seja feliz, *bambina* — murmura e me estende o antebraço. Eu respiro fundo e coloco minha mão sobre seu terno escuro.

Então, inicio a caminhada para o tapete vermelho estendido na grama verdinha. Quando paro na ponta, arrisco a levantar minha vista e meu coração dispara loucamente no peito ao vê-lo no altar. É uma visão. As águas do lado

cintilam ao fundo, sendo tocadas pelos raios do sol. Mas ele, ah, ele rouba toda a atenção para si, não há como competir. Está maravilhoso no terno escuro, o cravo na lapela. Seu rosto antes fechado enternece quando seu olhar cruza com o meu. Sinto meu corpo tremer sob o seu escrutínio apaixonado e possessivo. A marcha nupcial começa ao som de violinos e me deixo ser conduzida por

meu pai. Há poucos convidados, apenas nossas famílias e alguns poucos amigos e parceiros de negócios dos Maxwell, vindos de São Paulo.

Meus olhos nunca desgrudam dele enquanto avanço devagar. As mangas de renda do vestido vão até meus pulsos, e a brisa surpreendentemente fresca do entardecer, penetra minha pele, arrepiando-a. Mas os arrepios não são

obra apenas da brisa, preciso admitir, os olhos escuros sempre me provocaram essa reação. E agora há uma ternura junto com o brilho intenso em suas irises quando me fita, então, estou perdida. Completamente perdida. Meu pai para à sua frente e lhe dá um aperto de mãos antes de me entregar a ele. Sua mão está fria e sorrimos, ambos nervosos. Ele leva minhas mãos aos lábios e quase me

faz gemer quando deposita beijos reverentes sobre meus dedos. Os olhos nunca deixando os meus. Arfo, lágrimas enchendo meus olhos, sem qualquer controle. Ele sorri, seus olhos se enchendo de lágrimas também.

— Ah, tigresa, não há palavras que façam jus a como se parece — murmura. — Tampouco que transmitam minhas emoções exatas nesse momento,

meu amor.

E eu choro. Ainda bem que a maquiagem é à prova d´água.

— Você é um homem incrível, Tristan Maxwell — sussurro embargada. — E meu coração não cabe tanta felicidade por ter me escolhido para ser sua mulher, meu amor.

Ele pisca, as lágrimas ameaçando rolar em seus belos olhos intensos. Se

inclina e me beija reverentemente na testa por cima do véu. Então, segura minha mão direita e nos viramos para o padre. A cerimônia é linda, me emociono em vários momentos. Trocamos as alianças, chorando, jurando nos amar, respeitar e cuidar um do outro até o fim de nossos dias. E quando ele me segurou em seus braços e seu olhar repleto de amor encontrou o meu, me

derreti. Nos beijamos deliciosamente lento. Respeitoso porque meus pais e irmãos estão todos bem perto. Ele sorri na minha boca, mostrando que pensou a mesma coisa, o safado. Recebemos os cumprimentos e andamos pelo tapete sob uma chuva intensa de arroz. Eu aviso que vou jogar o buquê e todas as minhas primas solteiras vão para o bolo, não seguro um riso ao ver Aidan se juntando

às moças também. Eu viro de costas e arremesso com força. Os gritos eufóricos me dizem que foi o danado quem pegou!

— Porra, ele levou a tarefa de dama de honra a sério. — T ri com discrição.

— Verdade — conspiro também, vendo a felicidade de meu amigo levantando o buquê como se fosse um

troféu.

— Não valeu! Você é mais alto do que todas nós! — Luíza reclama e rio, antevendo suas implicâncias.

— Sua cadela louca! Não tenho culpa se você é uma nanica! — Aidan rebate e eles se afastam, discutindo uma alternativa para o impasse.

Nós rimos e vamos cortar o bolo, posando para as fotos oficiais. Heitor e

Sofia se aproximam quando saímos de perto da mesa. Theo está balbuciando nos braços do pai, todo animado. Eles são tão bonitos juntos. O rosto geralmente sisudo do CEO da HTL sempre fica relaxado quando está perto de sua jovem esposa. E Sofia, nem preciso dizer o quanto ela brilha quando está perto do marido também.

— Está tudo maravilhoso, Pietra

— ela murmura, com seus olhos verdes doces para mim. — Bem-vinda oficialmente à família, cunhada!

— Obrigada, cunhada! — Sorrio, encostando a cabeça no peito de Tristan. Ele beija o topo da minha cabeça.

— Bem-vinda à família, Pietra! — Heitor diz com um sorriso franco que adquire um tom provocador ao completar: — Obrigado por chicotear a

bunda teimosa de meu irmãozinho.

T bufa para a provocação do irmão mais velho, mas acaba dando uma risada profunda.

— Os irmãos Maxwell são um tanto lentos nesse quesito, sabe muito bem disso, irmão. Não tente posar de grande guru agora — alfineta de volta. — Eu sei o que você fez no verão passado. — Meu irreverente marido

balança as sobrancelhas e não seguramos as risadas.

— Deus, essa foi infame, mano. Elabore melhor essa merda — Heitor grunhe.

— Bem, eu ainda sei o que você fez no verão passado. — Tristan nos faz gargalhar ao replicar.

— Idiota. — Heitor sorri, sendo vencido e seu olhar suaviza sobre seu

irmão. — Felicidades, irmão.

— Obrigado, irmão — Tristan murmura. — Onde está L? — pergunta, esquadrinhando o jardim à procura do irmão mais novo.

— Porra, deve estar afogando as mágoas em algum copo de uísque — Heitor suspira. — Lígia pegou pesado com ele — resmunga nada satisfeito.

— Verdade, mano. — Tristan

assente com pesar.

A organizadora da cerimônia avisa que é a hora da nossa dança, então, meu marido me conduz para o tablado na borda do lago. Já está escurecendo, as luzes de Palmas do outro lado da margem, cintilando ao longe. Aquela Pessoa, de Henrique e Juliano, começa a tocar e sorrio, enlaçando o pescoço de T. As imagens

nossas em outro casamento, há exatamente um ano, preenchem minha mente. Eu peguei o buquê de Lenita naquele dia. Ele disse, todo safado que eu iria gozar muito em seu pau antes de eu me amarrar. Sorrio, relembrando a safadeza de meu lindo marido. Meu marido. Eu quero fechar os olhos e sorri para sempre.

— Você também tem que eu sei.

Aquela pessoa...

Ele canta e meus olhos se enchem de lágrimas enquanto babo em sua figura linda e imponente.

— Que tem passe livre, carta branca na sua vida...

Eu canto de volta e ele sorri, lindo. Deus, tão lindo que meu coração contrai. Nós ficamos assim, balançando suavemente, cantando a letra perfeita um

para o outro.

— Eu amo você, senhora Maxwell — ele murmura quando a música acaba, ainda me mantendo no círculo dos seus braços.

— Eu amo você, senhor Maxwell — digo de volta, minhas mãos passeando pelos ombros fortes por cima do terno.

A próxima música é *Take My*

*Breda Way,* do Berlim. Essa é linda, atemporal. Linda demais. Tristan me gira com cuidado por causa do ventre volumoso e rio quando puxa minhas costas contra seu peito. Suas mãos pousam sobre a minha barriga e as cubro com as minhas, balançando suavemente. Encosto minha cabeça em seu ombro e giro o rosto para o seu. Ele sorri, abaixando a boca na minha num beijo

lento e gostoso. Palmas ecoam pelo jardim e rimos entregues à nossa felicidade. Dançamos mais uma e ele para, preocupado em não me cansar. Na verdade, seu argumento é que pretende me cansar de outra forma, mais tarde... Tão safado meu marido. E, porra, como amo isso nele. Deixamos a pista de dança e vamos interagir com nossas famílias. Em dado momento, fico com

minhas primas e ele com seus irmãos.

— Você tirou mesmo o gostosão do mercado. Bom trabalho, prima! — Mila estende a mão e bato em sua palma, rindo da minha prima expansiva. — Você está brilhando, Pi. Estou tão feliz por você, querida.

— Isso é verdade, Pi — Lenita concorda e a olho. Minha prima deu à luz a seu primeiro filho há quinze dias.

Logo após o almoço de Natal, entrou em trabalho de parto e corremos todos com ela para a maternidade. — Você está reluzindo, prima. Eu sabia que o meu buquê te daria sorte — se gaba, parecendo sua irmã nesse momento.

Eu rio, meneando a cabeça.

— Quem diria, né? Aquele putão safado acabaria sendo o homem da minha vida — digo sonhadora, meus

olhos procurando meu marido pelo lugar. O localizo perto da margem do lago, conversando com Ian, marido de Lenita, que está segurando seu filho recém-nascido contra o peito.

— Bicha sortuda — Aidan resmunga, então, sorri, se inclinando e me beijando na têmpora. — Seu homem é muito especial, amiga. Cuide bem dele ou se verá comigo, estamos entendidos?

— Uh, bicha vira-casaca — bufo, rolando os olhos.

— Ele é apaixonado pelo capitão tudo de bom, Pietra, se acostume a isso. — Luíza sorri, vindo para perto de mim também. Seu cabelo está castanho, a cor mais comportada nos últimos tempos. — Prometa que virá muitas vezes para cá. Não pode esquecer do nosso Tocantins.

— Não seja uma bebê chorona,

amiga — a repreendo, mas meus olhos estão lacrimejando. — T sabe como amo esse estado. Vamos nos dividir entre São Paulo e Palmas, fique tranquila. Além disso, vocês podem ir me visitar na cidade grande sempre que quiserem.

Minha mãe chega em nossa roda e em envolve em seus braços. Suspiro, me sentindo uma garotinha. Sua mão

acaricia meu ventre enquanto beija meu rosto amorosamente.

— Ah, querida, ficou tudo tão bonito! — exclama, olhando o jardim e a casa enorme levantada em poucos dias. — Minha filhota é uma Maxwell. — Seus olhos estão lacrimosos e cheios de orgulho. — Tristan é um grande homem, filha. Estamos todos muito felizes que tenham encontrado um ao

outro.

— Sim, mãe, ele é — murmuro, beijando-a na bochecha. — Eu amo a senhora, dona Maria do Amparo — digo emocionada e ela soluça baixinho.

— Também te amo, querida. Não ouse ficar muito tempo sem vir me ver e a seu pai, entendeu, mocinha? — diz entre risos e lágrimas.

Rio, acenando. Luana chega para

perto e abraça nossa mãe do outro lado. Minha irmãzinha está radiante. Seu namorado parece que vai fazer um pedido por esses dias.

— Eu estava errada — ela diz, me olhando com suavidade. Franzo o cenho e explica: — Naquela primeira noite quando conheceu Tristan no bar. Eu disse que ele não era o cara certo para você. — Ah, verdade. Ela disse e me

impediu de ter uma noite quente com o piloto safado.

— Eu acho que naquele momento não era mesmo, Lu — digo seriamente e levo meu olhar para o meu amor de novo. Ele está me encarando e suspiro, feliz como nunca. — Mas agora ele é.

Nós conversamos mais e uma hora depois, meu lindo marido veio me buscar para me levar à nossa suíte de

núpcias.

— Pronta, senhora Maxwell? — pergunta, me levantando nos braços. Eu rio, enlaçando-o pelo pescoço.

— Para meu piloto sexy? Sempre — ronrono e seus olhos escuros acendem com luxúria, começando a cortar o jardim em direção à casa.

— Não me provoque, sua cachorra. Hoje quero te amar bem

devagar. Não me tire do foco — rosna, a boca perversa abaixando e mordendo a minha.

— Mmm, adoro um homem focado — provoco, mordendo seus lábios sexy de volta.

— Safada... — Ele ri e isso reverbera em cada terminação nervosa do meu corpo cheio de hormônios. — Hora de sentir o tamanho do meu foco,

querida.

Eu bufo, revirando os olhos. Mas sorrio, me sentindo nas nuvens a caminho da primeira noite do resto de nossas vidas. Encontrei o melhor homem e vou cuidar do seu coração com a delicadeza que ele merece. Eu o amarei para sempre.

# Tristan

Giro a minha esposa suavemente por causa do seu barrigão de seis meses. Gemo com possessividade ao pousar minhas mãos no abrigo do nosso filho. Dançamos bem coladinhos, suas costas contra meu peito. Seu rosto vira para o meu e seus olhos esverdeados estão com

um brilho feliz, realizado que me deixa de joelhos. Está linda demais. Demais. Quando a vi no começo da cerimônia e ela andou para mim, pensei que teria um maldito ataque cardíaco pela força com que meu coração retumbava no peito. Quem diria, não é? Há exatamente um ano estávamos participando de outro casamento às margens do lago e agora estamos aqui, casados. Marido e mulher.

Foi uma longa jornada e tê-la, tê-los assim, em meus braços, faz tudo ter valido à pena. Minha psicóloga está me ajudando a ver as coisas sob outra vertente. O medo e a dor nem sempre são completamente ruins. A dor pode nos fazer mais fortes e o medo pode nos fazer mais corajosos. Tudo depende de uma perspectiva. O fato é que me sinto mais forte agora. Invencível mesmo,

com essa garota especial sendo minha de novo.

Eu desço a boca na sua e a beijo com todo o meu amor. As palmas ecoam no jardim e sorrimos, felizes na boca um do outro. Dançamos mais uma música e deixamos a pista, indo interagir com nossas famílias e os poucos convidados. Olho a casa enorme e sorrio satisfeito com minha façanha. Foi construída em

menos de três semanas. Foi um de meus presentes para Pietra. Ela ama essa cidade, o lago e nunca a faria abandonar suas origens para me seguir cegamente. Minha mulher é autêntica e amo essa característica nela. Ela quer inclusive, ter o nosso bebê aqui e não fiz objeção. Prometi que nos revezaremos nas casas de São Paulo e essa aqui. Sua família é muito unida e vão arrancar a minha

cabeça se tirar sua filha de seu convívio. Por sorte posso fazer tudo que a minha mulher quiser. Absolutamente tudo.

— Estive pensando... — Ela me olha de esguelha, enquanto andamos abraçados em direção a H e Sofia, acomodados numa mesa perto da borda do lago. Meu irmão acabou se encantando pelo Tocantins também e está planejando construir uma casa na

região do lago.

— Você pensando é um perigo, linda — a atiço e ela estreita os olhos bonitos, me fazendo sorrir.

— Você me tapeou, Tristan Maxwell. Sua proposta consistia em me tornar a melhor pilota que esse país já tinha visto, se bem me lembro — diz com um leve toque de provocação. — Em vez disso, apenas me fodeu e me

engravidou, seu safado.

Eu gargalho.

— Culpado, tigresa. — Pisco sacana e ela bufa. — Mas está sendo injusta, eu te dei o melhor treinamento. Quando acabar a sua licença maternidade irá para o táxi aéreo da empresa — informo e seus olhos acendem em expectativa. Sei o quanto está ansiosa para carimbar seu brevê de

comandante. Também estou, para dizer a verdade. Quero vê-la realizando seus sonhos, voando alto. Literalmente. — Os voos são mais curtos e não ficará longe de Cadu o dia inteiro.

— Ei, ei, não ouse encurtar o nome do meu filho — replica, fazendo uma careta. — É um nome composto, use-o, por favor.

Torno a gargalhar. Taí, uma coisa

que será difícil, não encurtar esse nome.

— Não esqueça de que tive uma importante participação aí, linda. — Aponto sua barriga e pisco com malícia. — Meu filho também.

Ela revira os olhos, mas sorri, sua implicância abrandando quando alcançamos a mesa de meu irmão mais velho. Ele está murmurando algo para Sofia, que está sentada em seu colo,

sorrindo e dando beijos suaves na boca do marido. Uh, pelas suas caras suspeitas, não vão demorar a subir para seu quarto... Theo está com uma das babás, passeando pelas redondezas e por isso, seus velhos estão aproveitando para curtir um ao outro. Meu irmão percebe nossa aproximação e sorri, depositando um beijo no ombro de Sofia.

— Tem certeza de que podemos dormir aqui hoje, mano? Podemos ir para um hotel para lhes dar privacidade... — propõe. Posso ver em sua cara de tarado que *ele* é quem quer privacidade.

— Cara, a casa é enorme exatamente para isso, dar privacidade tanto para mim e minha mulher quanto para os familiares que estiverem

visitando — digo e ele acena. — Além disso, tem isolamento acústico — adiciono com uma piscada sugestiva.

H sorri, bufando e Sofia o segue.

— Vamos dormir aqui, amor. Melhor para cuidarmos de Theo. Os hotéis são muito impessoais — a bonitinha diz e meu irmão a olha com um sorriso pateta e apaixonado. Porra, ele é tão pau mandado, não é?

— Está bem, neném — diz numa voz melosa pra caralho e a beija nos lábios.

Me sento numa das cadeiras à sua frente e puxo Pietra para o meu colo. Minhas mãos pousam possessivamente sobre o seu ventre. Eu amo essa sensação. Segurar minha mulher e filho ao mesmo tempo. Não há nada mais perfeito em todo o mundo, pode apostar.

Ela está sem o véu, o cabelo rebelde preso numa trança bonita, caindo sobre o ombro direito. Retirou o casaquinho, ficando com o vestido tomara que caia, me tentando além da conta com o volume dos peitos cheios, voluptuosos. Porra, estou ensandecido de tanto tesão pelo seu corpo de grávida. Ela vive excitada e dou graças a Deus porque junta a fome com a vontade de comer e

vivemos fodendo como coelhos. Beijo seu ombro e ela arrepia, entrelaçando seus dedos nos meus sobre o nosso menino. L se aproxima e se senta na cadeira do lado da minha. Sua cara está de poucos amigos, sua mão enrolada num copo de uísque. H tinha razão, nosso irmãozinho está afogando as mágoas.

— Porra, desculpe, irmão —

resmunga, seu rosto torcendo. — Hoje é o seu dia e não consigo parar de pensar na minha própria merda.

— Relaxa, irmão — tranquilizo-o, não deixando de perceber que parece bem abatido. — Então, é isso? Você vai aceitar o casamento da mulher que ama com outro homem, assim, pacificamente? — inquiro, estranhando seu comportamento. L é tudo mesmo

passivo.

Ele bufa e toma um gole da sua bebida, os olhos escuros acendendo com algo que só posso descrever como maquiavélico.

— Quem falou essa merda, T? Ora, você já me conhece um pouco, mano — zomba, o familiar sorriso irônico curvando sua boca. — Estou longe de ser pacífico, e esteja certo de

que Lígia não se casará com aquele mauricinho engomado do caralho!

Uh. Agora isso tem a minha atenção.

— E o que está pretendendo fazer, L? — H inquire, uma expressão preocupada. — Cara, não vá se meter em encrencas... — adverte.

L bufa em desdém para o cuidado de nosso irmão mais velho. Ele é tão

marrento, porra.

— Vocês verão, irmãos — diz com aquele ar maquiavélico outra vez. — Nenhum filho da puta irá tirar a minha mulher e meu menino de mim. Nenhum, porra!

— Certifique-se de que não infrinja a lei ao fazer isso, mano — H insiste, seu tom apreensivo. L tem passagem pela polícia de Detroit quando

era mais novo.

— Fique tranquilo, H — ele diz, mas não passa tranquilidade em tudo. Pelo contrário, eu fico apreensivo também.

H canalizou a conversa para o assunto que distrairia nosso irmãozinho de sua merda: o projeto do seu avião. Isso o apaziguou um pouco e pelos próximos minutos o ouvimos falar sobre

tudo, os olhos brilhando com paixão. L é um bom cara no fundo, só teve uma infância fodida e isso o moldou de forma negativa. Não sei se o que viveu foi pior do que a minha própria merda, mas desconfio de que tenha passado por situações muito, muito ruins. Estarei aqui para quando ele se sentir à vontade para compartilhar seu passado conosco. Eu e H estaremos prontos para apoiar

nosso sangue, sempre.

Em dado momento, H e Sofia sobem para seu quarto e eu os invejo, querendo fazer o mesmo com a minha mulher. Ainda ficamos por mais um tempo, curtindo a festa, conversando com todos que se aproximavam de nós. Seus irmãos, já não tão assustadores, nos contaram os planos profissionais. Eles vão continuar treinando com Víctor

Belfort por mais uns dois anos e depois, pretendem fundar sua própria academia aqui em Palmas. A ideia é excelente e inovadora, visto que não há nada nesse segmento em Tocantins. Me coloco à disposição deles para qualquer coisa que precisarem, incluindo apoio financeiro.

— Você honra suas bolas, cara — Guga me diz com um sorriso franco. É o

seu jeito, ainda que rude, de dizer que gosta de mim agora.

— Valeu, cara. — Sorrio, já bem familiarizado com meu cunhado mais velho.

— Cuide bem de nossa irmãzinha, basta isso, T — Nando me diz com um tapa amigável em minhas costas. — Mania essa de vocês, riquinhos, acharem que os pobres sempre vão

querer seu dinheiro — o idiota zomba. Pietra sorri, gostando disso. Ela adora me provocar sobre a minha conta bancária indecente.

— Quanto a cuidar de sua irmã não precisa nem recomendar — murmuro, puxando-a para os meus braços. — Mas a oferta financeira continua de pé, se precisarem me avisem.

Eles acenam e após paparicarem um pouco sua irmã, vão interagir com os outros. Eu a viro minha mulher de frente para mim e seus olhos acendem lindamente, um convite mudo em seu rosto bonito. Estou abrindo a boca para chamá-la para nosso quarto quando somos cercados por suas primas e sua irmã. Eu converso com elas por um tempo e me afasto em direção à minha

avó, que está dizendo algo para L, dando tapinhas afetuosos no braço do marrento. Ele acena e abre um pequeno sorriso. Meu irmãozinho caiu nas graças de dona Magnólia também. Eu gosto disso, vê-lo nos aceitando como sua família. Minha avó é uma mulher muito especial. Me aproximo, um sorriso feliz curvando minha boca. Sou um menininho da vovó, podem dizer, não me importo. L se

despede dela se dirige para o deck, está bebericando uma cerveja agora.

— Alguém já disse que a senhora é a mulher mais bonita da festa? — murmuro, envolvendo os ombros de minha avó. Ela me olha surpresa pela abordagem e então, abre o sorriso mais amoroso para mim.

— Menino bobo — diz, meneando a cabeça. — Sua esposa é a mais bonita

da festa, não há concorrência. — Eu assinto e me inclino, beijando seus cabelos cinza. Está linda e elegante como sempre. Suas mãos levantam e seguram meu rosto de cada lado. — Ah, meu menino querido. — Seus olhos castanhos se enchem de lágrimas e amor. Meu coração aquece de tanto amor por ela. — Eu sonhei tanto com isso, filho, ver esse brilho em seus olhos. Ver essa

felicidade estampada em seu rosto.

— Obrigado, vovó — murmuro, deslizando meus dedos em sua face bem maquiada. — A senhora nunca desistiu de mim.

— Como eu poderia, querido? Eu te amei desde o primeiro momento em que vi seu rostinho sapeca — diz embargada.

— Sim, e eu senti esse amor,

vovó. Mesmo me perdendo por um longo tempo, o seu amor e cuidado sempre me ajudaram a manter a merda junta.

— Olhe essa boca, rapazinho. — Torce o nariz e eu dou uma risada gostosa. — Respeite essa velha senhora.

Torno a rir.

— Pare de concorrer ao Oscar, dona Magnólia — brinco, beijando-a na

têmpora.

— Seja feliz, meu lindo menino levado — murmura.

Conversamos ainda sobre os planos de H para construir uma casa por aqui. Ela esteve o tempo todo com um sorrisão feliz estampado no rosto. Sempre irei agradecer por tê-la tido por perto. Seu amor e cuidado foram importantes para que eu não me

perdesse de vez. Eu olho na direção de Pietra e ela está me fitando de volta, seu rosto ansioso, um reflexo do meu. Sorrio-lhe. Chegou a hora de levar a minha mulher à nossa suíte nupcial. Me despeço de minha avó e corto a grama em uma missão.

Pietra sorri assim que a alcanço.

— Pronta, senhora Maxwell? — pergunto, levantando-a nos braços. Ela

ri sedutora, enrolando os braços em meu pescoço.

— Para meu piloto sexy? Sempre — ronrona, fazendo meu pau engrossar dentro das calças com o olhar safado que está me dando. Começo a cortar o jardim em direção à casa.

— Não me provoque, sua cachorra. Hoje quero te amar bem devagar. Não me tire do foco — ranjo,

aproximando a boca da sua, mordendo seus lábios perversamente.

— Mmm, adoro um homem focado — continua atiçando, me mordendo de volta. Atrevida. Linda. Minha.

— Safada... — Rio e ela geme acintosamente. — Hora de sentir o tamanho do meu foco, querida.

Ela bufa, revirando os olhos. Mas sorri em seguida, seus belos olhos me

adorando enquanto a carrego pelo jardim, dando a volta para o deck particular que dá acesso à nossa suíte. Pietra arfa ao ver o caminho todo salpicado de rosas. Subo a escada nos levando para o segundo piso e logo estou atravessando o assoalho do amplo terraço, passando pelas portas da varanda. A vista daqui é privilegiada para o lago. A coloco no chão no meio

do quarto e permanecemos agarrados. Olhos nos olhos, bocas bem próximas, respirando uma na outra. Sem uma palavra, eu a dispo do seu lindo vestido de noiva. Ela me ajuda a tirar o terno, gravata, nossas mãos passeando pela pele do outro, com total arrebatamento. Em instantes estamos nus e a envolvo pela cintura, trazendo sua boca para a minha. Ela choraminga, recebendo a

minha língua, chupando-a com paixão. Eu a levanto pela bunda, fazendo-a me abraçar com as pernas e ando devagar, levando-nos para perto da cama. Subo no colchão e a deposito suavemente sobre os lençóis brancos, cobertos de pétalas vermelhas.

Me afasto um pouco, apoiando-me em meus calcanhares e deixo meu olhar passear por toda ela. Seu peito arfa,

subindo e descendo, os olhos cintilando em expectativa. Me debruço e desfaço sua trança, libertando os cabelos que tanto me atraem. Ela geme com a massagem que faço em seu couro cabeludo quando termino. Arqueia as costas e rio, descendo as mãos pelo seu pescoço, colo, enchendo-as nos montes perfeitos. Pietra choraminga enquanto amasso sua carne, puxando os bicos

duros. Me debruço e chupo o direito, não deixando de sovar o esquerdo. Mamo com vontade, engolindo seu seio com ânsia. Meu pau está duro, cavando entre suas coxas. Mudo para o outro e o chupo, mordisco, minhas mãos acariciando seu ventre expandido, descendo até encontrar a bocetinha melada e ansiosa.

— Você está cada dia mais

gostosa, amor — digo, não contendo meu amor e tesão por ela. Acaricio suas dobras delicadamente e ela faz um som lamurioso, as mãos apalpando meus ombros, seus olhos cheios de necessidade por mim. Rio arrogante e me afasto me direção a seus pés, a livrando das sandálias. Pietra ronrona quando aproveito e massageio seus pés vagarosamente, meu olhar preso ao dela.

Levanto o direito e o apoio em minha coxa. Meu olhar cai para sua boceta aberta, o creme escorrendo entre os lábios vermelhos. Rosno, massageando o pé, meus olhos cravados onde quer me enfiar até as malditas bolas. Pego o outro pé e o massageio também, aumentando nossa antecipação, nosso desejo.

— Tristan... — choraminga,

lambendo os lábios carnudos. Eu rio e levo seu pé à boca, sugando o dedão inteiro. Seu corpo todo estremece, um gemido chorado escapando de sua boca. Continuo chupando e correndo minhas mãos pela perna, indo perto de sua virilha e voltando. — Vem, amor, por favor... — implora. Sacudo a cabeça e chupo cada um dos dedinhos lindos, bem devagar, meu olhar fixo no dela. —

Putão safado... — reclama e a mão escorrega até sua boceta e passa a esfregar as dobras, subindo para o clitóris. Ranjo os dentes. Amo sua safadeza, porra. Ela geme, fechando os olhos, seus dedos ganhando velocidade ao esfregar seu montículo inchado.

— Que putinha... — gemo rouco. — Abra os olhos, sua cadela — ranjo e ela sorri, então, seus olhos encontram os

meus, suas pupilas completamente dilatadas. Subo a boca pelas suas pernas macias, beijando, lambendo chupando e mordiscando sua pele linda. Ela geme e arreganha bem as coxas, eu a cheiro quando alcanço a bocetinha deliciosa. Arqueia as costas, as mãos entranhando em meus cabelos, puxando-os com pressão. Sua carne molhada está pulsando, latejando em meu nariz.

Deslizo os polegares até seu cuzinho e o massageio, começando a lamber seus doces lábios. Pietra se lamenta, esfregando a boceta em minha cara.

— Ahh, que delícia, amor... — balbucia, resfolegando. — Eu quero o seu pau. Por favor, me dê.

Eu rio arrogante, não tendo a menor pressa, passando a chupar sua boceta gostosa com vontade. A puxo por

baixo da bunda e a como com a minha boca, mordiscando, lambendo seu brotinho sensível. Ela está perto, sinto pelos tremores em seu corpo, pelo som de seus gemidos.

— Quer o meu pau, amor? É isso? — zombo, e empurro dois dedos em sua bocetinha, dilatando-a bem devagar até chegar bem fundo. Ela convulsiona, arquejando. Puxo-os e os enfio

profundamente de novo, mais forte. Arqueia as costas outra vez, sequiosa para gozar. Dou um tapa moderado em seu monte e ela grita, seu corpo sendo tomando pelo orgasmo, seu creme escorrendo para o cuzinho. Continuo chupando-a, bebendo seus líquidos abundantes, devorando-a com fome, usando língua, lábios e dentes. Minhas mãos passeando pelos seus seios

volumosos, o ventre, enquanto a fodo com a boca. Tomo meu tempo excitando-a de novo.

— Eu quero você... Por favor... — volta a mendigar. — Quero você dentro de mim. — Sorrio e beijo seu monte, então, decido dar finalmente o que a minha linda esposa quer. Me acomodo atrás dela na cama e puxo suas costas contra o meu peito. Essa é a posição

mais confortável que pesquisamos para o período de gestação. Posso comê-la bem forte como a minha cachorra gosta. Ela arfa, ganindo como a cadela que é, louca pelo meu pau.

— Você adora esse pau, não é, cadela? — zombo em seu ouvido, mordiscando seu lóbulo. Deslizo uma mão pelos seus seios, puxando um mamilo e em seguida o outro. Seu corpo

inteiro está suspenso, expectante. Meu pau está babando também, mas me envaidece saber que a minha mulher é ensandecida por mim. Desço a boca para seu pescoço e a mordo, perverso, com pressão. Levanto sua perna esquerda apoiando-a na curva do meu braço, arreganhando-a bem. Alinho meu pau em suas dobras escorregadias e Pietra geme suplicante. Rosno,

abandonando meu controle e pego seu ombro pela frente me dando a alavanca e o impulso perfeito para ir fundo. — Toma, porra... — Meto tudo nela, esticando o canalzinho quente até o fundo. Ela convulsiona em meus braços, berrando, soluçando de puro prazer. Suas paredes pulsam, me chupando gananciosamente para dentro e eu uivo, estremecendo também, viciado,

completamente dependente dessa mulher.

— Ah, sim... Sim... — balbucia, empurrando o traseiro para trás, me dando o ângulo perfeito para penetrá-la o mais profundamente possível e eu vou batendo nela com força, o som reverberando no quarto.

— Caralho... — gemo rouco, comendo-a fundo, com força, metendo

até o punho e querendo ir mais fundo. — Vou te arrombar toda, minha cachorra linda. — Puxo seu ombro e a como com voracidade. Urrando de tanto prazer.

— Meu putão lindo, gostoso... — Pietra resfolega, recebendo meu eixo grosseiramente em seu canal apertado, sendo comida freneticamente. Rio, percebendo que estou fodendo a minha mulher em sua maldita noite de núpcias

quando deveria estar amando-a com delicadeza.

— Porra, você me deixa tão louco, amor. — Meu tom é de desculpa e abrando um pouco os golpes. Deposito beijos suaves em seu pescoço e ombro. Ela ri e passa a rebolar o traseiro, incitando-me a voltar a fodê-la. Eu rosno e aumento a força das estocadas, comendo-a bem gostoso, forte, duro. Ela

me toma todo, ganindo em aprovação.

— Você é tudo para mim, Pietra — sussurro em seu ouvido, perdido de tesão e amor.

— Você é tudo para mim também, amor. Tudo — diz com voz tensa. Está perto de gozar de novo e eu continuo socando tudo, batendo com força, até que minha linda esposa se desintegra, berrando meu nome enquanto goza.

— Assim, meu amor... Goza gostoso no pau do seu marido... Goza, linda. — Chupo seu ombro e mordo com força, fazendo a gritar mais. Acelero os golpes, perseguindo minha liberação. — Pietra... Ohh... Eu vou gozar, amor! — aviso num rugido e minhas bolas doem, então, soco tudo, começando esporrar em sua quentura perfeita. Pietra estremece mais, recebendo meu sêmen.

— Caralho... — resmungo, enfiando o rosto em seu pescoço ainda metendo nela, despejando tudo. Meu coração está bombeando loucamente, minha respiração parecendo que corri a porra de uma maratona. A aperto contra mim e meus movimentos vão acalmando. Gemo rouco, saciado de uma forma que só ela consegue me deixar. Abaixo sua perna com cuidado saio dela. Pietra ronrona, o

mesmo som saciado caindo da sua boca quando a giro em seus braços, trazendo-a de frente para mim. Ficamos cara a cara, nossas respirações ainda alteradas, nossas bocas arfando uma na outra. Deslizo uma mão suave pelas suas faces afogueadas. — Muito intenso, linda? — murmuro e ela sorri, o som lindo e feliz aquecendo meu peito.

— Perfeito, como sempre, meu

piloto sexy — diz baixinho, levantando a mão para o meu rosto também. — Você me completa de uma forma que nem consigo mensurar, Tristan Maxwell — confessa, sua boca vindo para a minha num beijo reverente. Eu gemo rouco, aceitando-a, nossas línguas se entrelaçando e se chupando numa dança deliciosa e lenta. Quando nossos olhos se abrem e nossas bocas se separam

estamos ofegantes de novo.

— Eu te amo, minha linda esposa — digo em tom reverente, meus dedos acariciando seus cachos sobre o travesseiro. Seus olhos esverdeados se enchem de lágrimas, sua expressão cheia de felicidade. — Você ganhou meu coração e agora ele é seu. Para sempre, meu amor.

— Tristan... meu amor... — ela

murmura embargada. Os dedos suaves traçando meu rosto, seu amor brilhando nos olhos lacrimosos. — E meu coração será sempre seu também. Para sempre seu. — Meus olhos ardem, emoção crua me golpeando. — Eu te amo, meu lindo esposo.

E depois disso as palavras se tornaram redundantes. Nós nos amamos de novo. Nossos corpos, corações e

almas entrando em perfeita comunhão. O amor dessa linda garota me resgatou e sempre irei agradecer a Deus por esse milagre.



# Epílogo

***Continue nessas estradas. Deveremos nos encontrar, eu sei. Continue, meu amor... Nos encontraremos, meu amor. Eu sei, eu sei. Eu sei, meu amor, eu sei...***

***(Stay Oh These Roads – A-Ha)***

*Quatro anos depois...*

*Aeroporto de Guarulhos, São Paulo – Brasil.*

# Pietra

Eu arrasto a minha mala de rodinhas pela plataforma de embarque internacional. Meu coração retumba com cada passo que dou. Recebo olhares de admiração das pessoas à minha volta e isso me traz um sentimento maravilhoso de realização. Ainda é incomum uma mulher piloto e todos os olhares nos procuram quando nos percebem pelos aeroportos. Levanto meu queixo e

continuo avançando, com passos firmes para a porta do *Boeing* 777. Uso um quepe de comandantes, mas combino isso com um vestido vermelho com plissas azul-marinho na saia. Me recusei a usar o uniforme masculino completo. Não, eu não lutei tanto para chegar até aqui e usar a vestimenta dos machos dominantes nessa profissão. Vou pilotar de vestido, e daí? Quer

representatividade maior do que essa? Quando ou *se* eu quiser, posso usar calças, mas por enquanto estou rebelde. Sorrio, parando a porta. Respiro fundo e faço uma pequena oração em agradecimento a Deus antes de passar para dentro da aeronave sofisticada. É a minha primeira vez voando num desses e estou parecendo pinto no lixo! Ah, meu Pai do céu, eu consegui!

Guardo minha bagagem no compartimento destinado à tripulação e me dirijo para a cabine, fazer a checagem habitual. Confiro o computador de bordo, o nível do combustível, o plano de voo e a estimativa para aterrissagem em Amsterdã. É o meu primeiro voo intercontinental e estou estourando de felicidade. Depois que acabou a minha

licença maternidade, fui para o táxi aéreo, conforme sugeriu Tristan. Lá eu pude adquirir mais experiência, e de quebra, ficar perto de Carlos Eduardo, visto que era um bebê ainda. Um ano depois, fui promovida à rota São Paulo–Palmas, na qual trabalhei por dois anos e agora, finalmente cheguei aonde sempre quis: as rotas intercontinentais. Eu fiz tudo certo, subi um degrau de

cada vez, especialmente porque meu marido é um dos donos da empresa e nunca quis que pensassem que fui privilegiada por isso. E eu não fui. Avisei a T para ficar na sua e me deixar trilhar meu caminho, mostrando a todos que sou capaz.

Como resultado do meu trabalho, me foram oferecidas as rotas de Paris e Amsterdã e bem, vocês já sabem qual

escolhi, não é? Minha paixão por Amsterdã levou a melhor e devo confessar que voar para lá uma vez por semana está longe de ser considerado um trabalho para mim. Vou amar cada momento, isso é certo! Confiro o relógio, notando que minha Primeira Oficial ainda não chegou. Franzo o cenho, ela está atrasada. Droga, odeio ter que usar a minha autoridade para

chamar atenção da tripulação. Contudo, o faço sempre que o momento exige, pois, infelizmente comandantes mulheres precisam trabalhar dobrado para mostrar que tem capacidade para liderar.

Alguns minutos depois, deixo a cabine para recepcionar os passageiros junto com a comissária-chefe, que por acaso, é ninguém menos que Anita

Soares. Pois é. Quem diria, né? A caipira que tanto hostilizou agora está acima dela na hierarquia. O mundo dá voltas. E algumas delas são vertiginosas, podem acreditar. Um conselho? Não pisem em ninguém, nunca. Em algum momento a vida pode te colocar abaixo dessa pessoa e pode ser que ela queira devolver as humilhações. Não, eu não fiz qualquer

retaliação com ela na companhia. Sou uma profissional acima de tudo. Além disso, seria como chutar cachorro morto. Tristan me escolheu. *Eu* sou a esposa dele, então, fiquei na minha e a trato com profissionalismo quando nos encontramos em situações como essa.

— Bom dia, Comandante Pietra — Anita me cumprimenta com o profissionalismo de que falei.

— Bom dia, comissária-chefe — devolvo a saudação com um leve aceno de cabeça. Tristan acabou me revelando que deu duas opções a ela: pedir demissão ou nos tratar o mais profissional possível. Ela nunca mais estaria nas escalas com meu marido também. Acho que a mulher aprendeu a lição e decidiu que era mais vantajoso permanecer na companhia onde recebe o

maior salário para uma comissária. A HTL está no topo agora. Deixamos a LATAM para trás há dois anos e os irmãos Maxwell estão em êxtase absoluto! Especialmente Heitor, que como CEO, trabalhou incansavelmente para colocar a companhia no topo.

Nos perfilamos e iniciamos a recepção aos passageiros. Em dado momento, confiro o relógio outra vez,

praguejando com o atraso da Primeira Oficial. Isso é inadmissível. Temos uma imagem a zelar, caralho. Mulheres são pouco respeitadas nesse meio e não podemos fornecer armas para os homens nos categorizarem como más profissionais. Temos que dar o exemplo. Temos que... Meu fluxo de pensamentos é cortado abruptamente quando levanto a vista para a porta da aeronave e meu

marido está lá, ostentando o sorriso mais lindo e segurando um enorme buquê de rosas vermelhas. Oh, meu Deus... Eu pisco, atordoada, meu coração disparando, aquecendo de tanto amor por esse homem.

— Tristan... — ofego, meus olhos se enchendo de lágrimas felizes. Seus belos olhos escuros cintilam ao ver a minha emoção e passa para dentro.

Exclamações enchem o interior do avião. Ouço sons de flashes disparando e sei que estão registrando o gesto romântico de meu lindo marido. Ah, Deus, ele é maravilhoso. Cada dia nesses quatro anos eu me apaixono por ele um pouco mais. Irrevogavelmente. Tristan é o melhor marido que eu sequer poderia sonhar encontrar um dia. É um pai incrível para o nosso menino

também. Amo ver os dois juntos. Ele para em minha frente e estende a mão, segurando meu rosto. Derreto quando seu rosto aproxima do meu, seu olhar intenso me dizendo sem palavras o quanto me ama e está orgulhoso de mim.

— Parabéns, comandante! — murmura e eu soluço quando sua boca morna encontra a minha num beijo apaixonado. Palmas ecoam no recinto e

sinto seu sorriso contra meus lábios, do seu jeito sem-vergonha. Rio também, pendurada nas lapelas do seu terno. Com um selinho comportado, T separa nossas bocas e me entrega o buquê.

— Obrigada — sussurro, não cabendo em mim de felicidade. Levo as rosas ao nariz e inspiro longamente. Meu olhar encontra o seu e ele tem o brilho terno e orgulhoso enquanto me

observa. — Só você para deixar esse momento ainda mais perfeito, meu amor — digo com meu coração nos olhos. Ele sorri, todo lindo e me dá mais um beijo suave na boca. Sua mão pega a minha e a leva aos lábios sensuais, depositando um beijo reverente. Eu engasgo, minhas lágrimas banhando as faces. Ouço mais agitação e comoção entre os passageiros e inclusive, a tripulação. Com um

sorriso, Tristan se vira para o corredor, encarando as fileiras de assentos à nossa frente.

— Bom dia, senhoras e senhores, sou Tristan Maxwell, desculpem o contratempo. — Dá de ombros, nada arrependido. — Esse é o primeiro voo de minha esposa como comandante numa rota intercontinental e quis tornar isso especial — informa e há suspiros

femininos no recinto, juro. Alguns caras lhe dizem palavras amigáveis pela iniciativa. Os olhos escuros procuram os meus e sorrio em meio às lágrimas. — Ela batalhou duro para estar aqui hoje. Infelizmente ainda há muito preconceito com as mulheres nessa profissão, mas a HTL está trabalhando para mudar esse cenário. — Sua voz profunda é cheia de confiança e meu peito incha de orgulho

por ele também. — A mulher pode fazer tudo que quiser, basta que lhe sejam dadas as oportunidades justas.

Uma onda de aplausos soa novamente pelo belo discurso do meu amor. Ele se vira para mim de novo, um sorriso maroto brincando na boca ao revelar:

— Seu Primeiro Oficial se apresentando, comandante! — Bate uma

continência brincalhona e meu peito fica todo quente e mole. Droga, sim, ele é simplesmente maravilhoso.

— Tristan... — murmuro, embargada. — Eu te amo tanto, amor. Tanto.

Seu rosto bonito se ilumina com minha declaração e sua testa encosta na minha, seus dedos deslizando num toque delicado em minha face.

— Eu também te amo, minha linda esposa — murmura emocionado. Então, completa só para os meus ouvidos: — Agora, mexa esse traseiro gostoso e leve essas boas pessoas a seu destino, tigresa.

Eu sorrio, alto, feliz. Ah, Deus, tão feliz! Aceno, lhe dando um selinho amoroso. Pela visão periférica percebo que Anita está nos olhando, não

conseguindo esconder seu despeito. Não posso evitar a satisfação correndo em minhas veias, afinal, sou apenas humana. *Esse é o meu marido.* Digo-lhe silenciosamente e ela desvia o olhar, limpando o rosto de qualquer emoção que seja prejudicial ao ambiente profissional. Ótimo! Arrasto Tristan para a cabine, os sons de aplausos e entusiasmos ficam para trás ao fechar a

porta. Um gritinho surpreso irrompe da minha garganta quando meu marido lindo e safado me prensa contra ela. Seu corpo grande cola no meu e suas mãos seguram meu pescoço, me fazendo ofegar. O sorriso sacana curva sua boca antes de mergulhá-la na minha. Eu gemo, puxando-o pela cintura com o braço livre. Me colo a ele, esfregando minha pelve em sua virilha. Tristan rosna e

morde meu lábio inferior, com força. Uma mão desce para a minha cintura e bunda, agarrando a carne com posse. Nossas línguas se entrelaçam gostosamente enquanto nos esfregamos e gememos baixinho. Nosso tesão nunca arrefeceu e nossa vida sexual continua bem intensa, obrigado!

— Eu vou te comer bem assim... — range e minha boceta molha,

latejando com força. Nossas loucuras sexuais me excitam demais. — Na volta, minha cachorra — murmura e choramingo em protesto. Ele ri, todo safado, sabendo que o deixaria me comer aqui, basta colocar no piloto automático e podemos foder à vontade quando o voo tomar seu curso. — É minha tarefa tornar seu primeiro voo muito especial, amor — diz

condescendente e eu bufo. Sua testa encosta na minha e ele respira fundo, os olhos escuros ficando suaves enquanto me fita. — Parabéns, meu amor!

Meu coração amolece em meio a luxúria e eu o beijo suave e reverentemente.

— Obrigada, meu amor — murmuro. — Você é maravilhoso, Tristan Maxwell. Sou a mulher mais

feliz do mundo por tê-lo para mim.

Seus olhos cintilam intensamente.

— Eu que sou o cara mais feliz do mundo por tê-la para mim, acredite — diz-me, sua voz profunda e emocionada me deixando aquecida.

— Vamos, mexa esse traseiro gostoso, Primeiro Oficial. Não pense que terá moleza por aqui! — brinco e ele gargalha, o som lindo reverberando

na cabine e em meu corpo.

— Sim senhora. — Me dá uma piscada safada e adiciona: — Diga, querida, te excita mandar em mim?

— Oh, sim, muito... — Sorrio maliciosamente e sussurro: — Amo ficar por cima, você sabe...

— Cachorra... — rosna, dando um tapa em minha bunda. — Gostosa demais... — Com mais um tapa suave

ele me libera. Eu cheiro minhas rosas mais uma vez e as coloco perto da minha poltrona quando me sento. Tristan toma seu lugar do meu lado e iniciamos os procedimentos para decolagem. Pega minha mão, me fazendo virar a cabeça, fitando-o.

— Estou tão orgulhoso de você, pantera — murmura, trazendo novas lágrimas aos meus olhos. — Você

conseguiu, amor. Seu nome está na história da HTL e da aviação brasileira.

— Ah, amor... — sussurro, rindo, chorando. — Viver esse momento com você do meu lado é perfeito. — Meu tom fica ainda mais embevecido ao completar: — Obrigada por vir.

— Não há outro lugar onde poderia estar, minha linda e talentosa comandante — diz com amor.

— Eu te amo, senhor Maxwell — sussurro, tão derretida, enlevada, apaixonada.

Seus belos olhos escuros se acendem, refletindo a mesma felicidade e amor.

— E eu te amo, senhora Maxwell — diz asperamente. — Amo demais, espero que saiba disso. — Com mais um beijo suave em minha mão ele a larga.

— Agora, nos coloque no céu, linda.

Sim! Eu aceno e meu coração troveja no peito enquanto aciono os comandos no painel sofisticado. Coloco o headset e ele faz o mesmo. Nos comunicamos em voz alta, nossos tons cheios de profissionalismo agora. Tê-lo como meu Primeiro Oficial é a coisa mais doce que poderia fazer para mim. Meu marido é simplesmente o melhor

piloto desse país, sem querer ser pedante, mas já sendo, então é um gesto lindo da sua parte, sentar-se na outra poltrona. Respirando fundo, eu me comunico com meus passageiros:

— Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é a sua comandante, Pietra Maxwell. Preparar para a decolagem. — Minha voz está levemente trêmula. É muita emoção subindo a minha garganta,

entendam. Mas decidida a fazer desse um grande momento, eu prossigo, falando mais pausada e de forma segura: — O tempo previsto de voo é de aproximadamente 11 horas e 30 minutos. Nesse momento, Amsterdã apresenta tempo bom e a estimativa para a aterrissagem é para as 21h. — Olho de lado e encontro meu marido me encarando com um meio sorriso suave e

orgulhoso. — Sigam todas as orientações da tripulação para a decolagem. Obrigada por escolherem voar com a HTL! — Seu sorriso se alarga devagar e ele sussurra *linda*. Sorrio de volta e repito tudo em inglês, conforme o procedimento padrão: — *good morning, ladies e gentlemen...*

Quando a aeronave sai do asfalto, flutuando acima da pista, eu sorrio

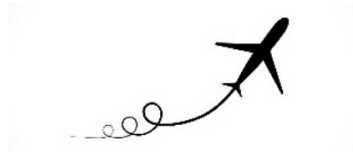
largamente. Meus olhos turvam de lágrimas felizes. Realização pura rola em meu corpo. Sim, eu consegui! Obrigado, Deus! É uma emoção indescritível. Só pode ser comparada à primeira vez que peguei meu menino nos braços. Aquele foi, sem sombras de dúvidas, o momento mais especial da minha vida. Carlos Eduardo nasceu em Palmas. Tristan ficou naquela rota até

nosso menino nascer e só depois de seis meses, nos mudamos para São Paulo e ele retomou as rotas intercontinentais. Mas acabou ficando com apenas uma escala na semana, para ter mais tempo para mim e nosso bebê. Além disso, Heitor abriu a *Ocean Aliance,* uma parceria que tem competido de igual para igual com muitas já consolidadas no ramo da aviação. Possui duas sedes,

uma em São Paulo e outra em Nova Iorque, meu cunhado tem passado temporadas longas nessa última. Sofia e seus meninos sempre o acompanham. Eles têm dois agora: Theo e a pequena Giulia, uma menininha linda de dois anos, parecida com Sofia.

Ah, e Logan também conseguiu se ajeitar com Lígia. Pois é, ele penou um bocado, mas conseguiu se casar com a

irmã de Alberto. Ela estava grávida também quando flagrou o safado com as calças na mão. Literalmente. Zombo. O que há sobre os homens Maxwell, meu Pai? Todos fizeram cagadas antes de assumirem suas mulheres. Homens... Ô raça! Todavia, deu tudo certo para meu cunhado marrento e sua mulher. Aleluia! Eles têm um menino também, da mesma idade do meu Carlos Eduardo.



Entramos em casa ao cair da noite do dia seguinte. Normalmente não precisamos voar imediatamente de volta. A HTL preza pelo descanso e boas condições de trabalho para seus pilotos. Mas gosto de voltar sempre rápido para estar mais tempo com o meu menino. Na primeira semana de fevereiro começarei como instrutora na

escola de pilotos e estou super empolgada. Nosso menino tem três anos e quatro meses e está ficando cada vez mais esperto. Tanto eu quanto seu pai somos dois babões, sempre em volta, lambendo a cria. Na minha família ele é o rei do pedaço também, tendo todas atenções como primeiro neto. Luana, minha irmãzinha caçula, se casou há dois anos, mas só engravidou há seis

meses. Nando e Guga são dois safados e não dão indícios de estarem prontos para sossegar ainda. Por falar neles, meus manos, montaram uma academia de MMA em Palmas, há dois anos e têm trabalhado para incluir o Norte no calendário das grandes lutas. Cada um ganhou um campeonato em sua categoria e estamos todos muitos felizes por eles. Guga, inclusive, irá defender seu

cinturão em Las Vegas daqui a dois meses.

— Mamãe! Papai!

O gritinho infantil faz meu peito aquecer. Ah, Deus, viram por que volto mais cedo? Amo esse som, seu entusiasmo esperando por mim e seu pai retornarmos das viagens. Ele está correndo na frente de uma das babás, o sorriso lindo aberto para nos

recepcionar. Tão parecido com seu pai, meu menino. Me abaixo e abro os braços, todo o cansaço indo embora ao ver o outro homem da minha vida.

— Mamãe e papai chegaram, meu amor! — exclamo e ele solta mais um gritinho satisfeito entrando no círculo dos meus braços. Eu me levanto, apertando meu bebê contra o peito, cobrindo seu rostinho alegre de beijos.

Seus bracinhos cingem meu pescoço e me beija de volta. — Meu meninão lindo estava com saudades? Sim?

— Saudade da mamãe! — exclama e vira o rosto, sua mãozinha chamando seu pai. T sorri, a risada profunda me causando a sensação mais perfeita de completude. Meus lindos homens. Só meus.

— Ei, campeão! Saudades do

papai, é isso? — diz com a voz cheia de amor e nosso menino se derrete. Se inclina, beijando-o na bochecha e em seguida, coloca o seu quepe na cabecinha escura do filho. Ele faz festa, enrolando os braços no pescoço de seu pai e sou abandonada.

— Isso! Saudade do papai! — meu pequeno exclama e dou risada. É completamente apaixonado pelo seu pai.

T gargalha e rodopia com o danadinho nos braços, lançando-o acima de sua cabeça.

— De novo, papai! — o agitador incita, os gritinhos infantis reverberando pela casa. Seu pai faz de novo e de novo, babando no menino, como sempre.

Um latido vem de algum lugar e logo, Apolo aparece correndo para nos recepcionar também. Sorrio, me

abaixando, abraçando o cão pelo pescoço. Eu juro, ele ronrona com meu carinho.

— E o meu outro meninão? Com saudades também? — converso com ele, que baba meu rosto em sua euforia.

— Ei, cara, pare de assediar a minha mulher. — a voz divertida de T me faz sorrir. Ele se abaixa do meu lado e vem paparicar nosso cão também. Ele

é muito lindo e dócil. Uma companhia excelente para Carlos Eduardo quando estamos fora de casa.

Nós lavamos as mãos depois da interação com Apolo e seguimos até a cozinha, onde alimentamos nosso pequeno. Carlos Eduardo o tempo todo conversando, animado por seus pais terem chegado. Apolo se deitou em seu canto preferido e ficou lá, nos

observando, a orelhas em pé, a cauda balançando, indicando sua alegria por estamos todos em casa. Brincamos um pouco com nosso pequeno e quando deu sinais de sono, subimos para o seu quarto. Damos banho e o colocamos na caminha. Ficamos olhando-o por um tempo, os sorrisos mais bobos em nossas caras.

— Boa noite, meu meninão lindo

— murmuro, me debruçando e beijando sua testinha.

— Boa noite, filhão. — Tristan também o beija e deixamos o quarto. Enrola os braços em minha cintura, puxando minhas costas contra seu peito e andamos pelo corredor até o nosso quarto.

— Que cheirosa... — sussurra, esfregando o nariz em meu pescoço.

Sorrio, empurrando a porta e passando para dentro.

— Mmm, mentiroso. Estou suja, precisando de um banho urgentemente. — Minha voz é apenas um gemido. Mesmo cansada, o tesão pelo meu lindo marido sempre acaba ganhando.

— Vamos relaxar na banheira, comandante. — Sua voz é um misto de tesão e provocação, o pau já bem

desperto cutucando minhas nádegas. Morde meu pescoço e sou um caso perdido. — Alguma objeção? — pergunta com um riso safado.

— Como eu fosse capaz de dizer não para o meu putão lindo — ronrono, deixando-o me levar para o banheiro.

— Minha cadela gostosa... — range em meu ouvido, mordendo o lóbulo e eu me molho toda. Gemo em

lamento. Que é isso, meu Brasil... Estou toda dolorida pelo sexo duro e gostoso que meu piloto sexy fez comigo na cabine do maldito *Boeing* 777, mas ainda quero mais. Com ele sempre quero mais. Meu marido é muito, muito safado. E amo isso, não vou mentir. Quando estabelecemos o plano de voo no piloto automático e as atividades da tripulação acalmaram, ele me comeu por trás, me

prensando contra a porta. Foi gostoso demais. Gozamos rápido, segurando os gemidos para não delatar nossa safadeza e ousadia. Amo seu jeito rude, duro de me pegar, a dor e o prazer de ser preenchida por seu grande volume sempre me deixa insana. Sou louca, absolutamente louca pelo meu homem safado.

— Droga, aquilo foi tão gostoso,

amor — ronrono ao entramos no banheiro espaçoso. Ele me gira de frente, os olhos acesos com sacanagem, sabendo do que estou falando. — Vai ter que voar mais vezes com sua comandante, Primeiro Oficial...

— Ah, porra, adoro uma mulher no comando... — geme rouco e começa a me despir do uniforme. Eu o ajudo. — Viva o empoderamento feminino! —

provoca com sua sacanagem em dia. Rimos, entre beijos, até ficarmos completamente nus.

Alguns minutos depois, estamos os dois saciados, nos braços um do outro, deitados em nossa cama. Seus braços à minha volta, a mão acariciando suavemente minhas costas, indo para a coxa, traseiro e começando tudo de novo. Eu o toco também. Ficamos assim

por um tempo, apenas nos tocando. Amo foder com ele, mas amo ser tratada com esse carinho e reverência também. E meu marido faz muito isso. Um sorriso repuxa minha boca, meus olhos pesando, o cansaço e a felicidade me arrebatando.

— Eu amo você, Pietra — seu sussurro em minha têmpora termina de me aquecer por dentro. Suspiro e levanto meu rosto para o seu, nossos

olhares se encontrando. Ele tem a expressão mais suave, linda e amorosa em seu rosto. Toco-o, amando sua barba por fazer. Eu babo em cada detalhe perfeito do meu marido. Os olhos escuros e a expressão intensa, as sobrancelhas bem feitas, a boca linda e sensual que faz minha boca salivar. Ah, Deus, sou tão apaixonada por esse homem.

— E eu a você, Tristan — sussurro de volta, nossos olhares nunca desviando um do outro. — Sempre vou amar você, meu amor. Sempre.

Seus olhos ficam mais carregados e intensos e me aperta gostosamente contra o seu corpo nu e firme. Nós gostamos de dormir assim, sentindo a quentura da pele um do outro. É uma conexão que criamos rapidamente e não

abrimos mão.

— Eu também, meu amor — diz, a boca rolando na minha. — Sempre terá meu coração, tigresa.

— Fechado, meu piloto sexy — digo e um bocejo me escapa. Ele sorri e me beija. Seus lábios deliciosos sugando os meus com lentidão.

— Boa noite, meu amor — sussurra e me puxa mais cima do seu

peito.

— Boa noite, meu amor — digo de volta, meus olhos pesando.

Eu sei que sim, seguiremos nos amando. Nós cuidamos do nosso casamento, do nosso amor. Embora a vida não uma ciência exata, como certa vez a vovó Mag me alertou, quando cuidamos da relação, estando atentos ao que faz a pessoa amada feliz, é muito

difícil dar errado. Nós seguiremos assim, nos cuidando, nos respeitando.

Nos amando. Sempre.

*Uma semana depois...*

*Aeroporto de Guarulhos, São Paulo – Brasil.*

# Tristan

Enlaço a cintura de minha mulher e andamos através do hangar[20] da HTL. Heitor e Sofia, L e Lígia e vovó estão nos ladeando enquanto avançamos no asfalto em direção ao primeiro avião imponente. Uma frota de oito aeronaves, projeto piloto de meu irmãozinho gênio

marrento, está perfilada para o ritual do batismo. Eu e Pietra participamos dos testes e garanto que o modelo não deve nada ao *Boeing* ou ao *Airbus*. Na verdade, seu avião já era para ter sido lançado, mas L acabou fazendo ajustes ambiciosos para competir com as duas fabricantes de peso no ramo. Com esse projeto a HTL entrou definitivamente no rol das maiores Holdings[21] aéreas do

mundo. Nenhuma outra companhia brasileira pode nos alcançar. Não, não estou sendo arrogante. Ok, só um pouco. Rio internamente. Estou sendo sincero. O trabalho que H fez na presidência da companhia foi e é sem precedentes. Precisaria uma grande catástrofe se abater sobre nós para perdemos o posto e sairmos da linha ascendente em que entramos.

Nos últimos dois anos tenho me familiarizado com o serviço burocrático também. A princípio foi por necessidade, uma vez que preferi reduzir minhas escalas intercontinentais para poder ficar mais tempo com Pietra e Cadu. Mas depois, admito que fui pegando gosto. Claro que voar sempre será a minha paixão, porém, agora consigo participar de reuniões sem

morrer de tédio. Esses quatro anos têm sido muito bons, em todos os aspectos. Agradeço a Deus e a essa mulher do meu lado. Viro a cabeça, olhando-a. Ela está encantada, o olhar preso as belezinhas à nossa frente. Os caminhões do Corpo de Bombeiros estão se posicionando prontos para a ação. Como estava dizendo, entramos numa crescente que nos enche de orgulho. O aumento

das frequências internacionais e intercontinentais superou o estimado e fechamos o ano operando em trinta e quatro frequências. Há dois anos conseguimos tomar o pódio da LATAM, [22] e isso deu um maldito orgasmo para H. Ironizo. Mas, aquele momento foi de fato, muito especial para todos nós, que damos duro diariamente na companhia. Do CEO ao auxiliar de serviços gerais,

cada um ficou feliz por fazer parte da número 1! É sempre muito bom ver o reconhecimento do trabalho que fazemos.

Relanceio o olhar pelo pátio. Há uma pequena multidão, tanto de convidados quanto de repórteres cobrindo o evento. Os caminhões se alinham e em instantes, enormes jatos d'água são atirados em cima do

primeiro avião, um de cada lado. Eu suspiro, observando o arco bonito, se espalhando em muitas partículas, como uma chuva. Aplaudo junto com os outros e não resisto, trazendo dois dedos à boca e soltando um assovio estridente. Algumas pessoas riem perto de nós.

— Amor, você não pode fazer isso. — Pietra ri baixinho, virando a cabeça para me encarar.

— Não? Onde está escrito isso, senhora? — Levanto uma sobrancelha divertida.

Ela torna a ri, meneando a cabeça.

— Você é um executivo agora. Comporte-se como tal — murmura, sua voz contendo clara provocação. Sabe que nunca irei usar esse termo para mim mesmo.

— Sou um piloto que presta

serviços administrativos de vez em quando. Só isso — replico, me fazendo de ofendido. — Eu devia bater nessa bunda hoje à noite pela insolência, mulher.

Pietra gargalha pelo termo que usei.

— Não vou reclamar, senhor piloto que presta serviços administrativos — diz entre zombadora

e sedutora.

— Não me provoque, tigresa — advirto-a, tentado a bater em sua bunda grande e arrebitada aqui mesmo. Ela percebe meu pensamento sacana e seus olhos escurecem com luxúria. Nós continuamos amando nosso jogo exibicionista, caso estejam se perguntando. E daqui a pouco vou comer minha mulher na frente de uma maldita

plateia. Quem não gostar, morde as costas!

As exclamações entusiasmadas ecoam ao redor, me tirando dos pensamentos lascivos sobre a minha esposa.

— Ah, meu Deus, que lindo! — Lígia exclama e olho do meu lado esquerdo. Minha cunhada está aninhada nos braços de meu irmão, que por sua

vez, tem um sorriso feliz estampado em seu rosto. Também estou feliz e orgulhoso dele. Eu e H estamos. — Eles colocam a *Boeing* no bolso, amor — a mulher bajula o marido e L sorri, seu sorriso se transformando em pateta. Caralho, quem diria que meu irmãozinho seria chicoteado sem pena por uma boceta? Rio. Ele se vangloriava que não permitiria tal coisa, nunca. Acontece que

Lígia entrou em cena e, bem... Vou deixar L, o bastardo marrento, lhes contar como foi sua aventura no amor com a sua *patricinha.* — Parabéns, querido!

— Obrigado, meu amor — ele diz, todo pau mandado. Não, vocês não estão malucas não. É isso mesmo que ouviram. L romântico, definitivamente é para assustar. Eu penso levianamente e

abano a cabeça. Certo, vamos deixar meu irmãozinho em paz. Bom, pelo menos por enquanto... Não seguro uma risada e ele bufa, estreitando os olhos na minha direção. — Idiota — rosna.

— Também te amo, irmão — digo com uma piscada. Ouço H rindo de nós.

Minha atenção volta para o batismo. As palmas continuam ecoando à medida em que os caminhões se

mudam para as próximas aeronaves, dando-lhes o mesmo tratamento. Pietra está registrando o momento num vídeo em seu celular, provavelmente para mostrar para nosso menino. Ele ama esse universo e arrisco a dizer que irá seguir os passos de seus pais quando crescer. Vou rachar de orgulho, isso é certo. Amo aquele moleque com uma força absurda. Não sei como pude

pensar que não queria ser pai. Que não seria capaz de ser um bom pai. O dia do seu nascimento foi o dia mais feliz da minha vida. Ver aquele tiquinho de gente totalmente vulnerável, me fez cair em prantos. Prometi ali que o amaria e o protegeria com a minha própria vida se assim se fizer necessário. E desde então tenho feito tudo, absolutamente para vê-lo feliz. O melhor momento do meu dia é

quanto volto para casa e ele me recebe com seu entusiasmo infantil. E ainda tem sua mãe. Ah, porra, eu venero essa mulher. Amo-a tanto, tanto.

Foi ela quem me deu meu menino, minha própria família. Uma razão para viver. Viver verdadeiramente, quero dizer. Antes dela eu vivia uma mentira. Fingia que estava feliz tendo encontros superficiais com mulheres ainda mais

superficiais porque meu trauma não me deixava confiar. Por falar nesse assunto, estou muito bem agora. Minha psicóloga ajudou bastante a me livrar da carga negativa do meu passado. Consigo andar em carros com vidros fechados! Não vou mentir e dizer que não sinto nada quando vejo os vidros subindo, mas não deixo mais o pânico me dominar. De acordo com ela, vencer um trauma não é

esquecer o acontecido. É aprender a controlar a forma como isso afeta nossas vidas. A lição foi perfeitamente assimilada e já tem uns dois anos que estou muito bem. Não esqueço a forma que Pietra me olhou a primeira vez que tive a iniciativa de subir os vidros do carro. A expressão repleta de amor e orgulho em seus olhos esverdeados me deu mais força para me libertar. Suas

lágrimas desceram pelas faces e ela sussurrou o quanto me amava. Eu respirei fundo e soltei o ar, expulsando de vez tudo de ruim que vivi naquele carro, há tantos anos.

Um garçom para perto de nós e pego duas taças de champanhe, entregando uma a minha mulher. O coquetel está a todo vapor e em seguida, H está levantando a sua taça chamando

um brinde e iniciando seu discurso de grande CEO da companhia. Há jornalistas da Revista HTL espalhados pelo local, colhendo tudo para a matéria especial sobre os irmãos Maxwell, que será publicada no próximo mês.

— Boa noite, caros parceiros de negócios, imprensa — meu irmão mais velho saúda em tom firme. Seu braço está enrolando na cintura de Sofia,

mantendo-a bem junto dele enquanto fala. A bonitinha o observa com os olhos verdes cheios de orgulho e amor pelo marido. — Amantes da aviação, — seu olhar azul-gelo desce para ela e ele diz, um pouco mais baixo: — Minha linda esposa, — Sofia se derrete, acariciando o peito de H por cima do terno de três peças. — Minha incrível avó, — diz levando a atenção para dona Magnólia,

que sorri, os olhos brilhantes pelo carinho de seu neto mais velho —, meus irmãos. — Seu olhar vem para o meu e torno a levantar minha taça. Ele encara L em seguida. — Minhas cunhadas, — cumprimenta Pietra e Lígia. — Meu advogado, grande amigo e sua esposa. — Olha Alberto e Luciana, que chegaram agora há pouco, atrasados. — Estamos entrando na história hoje, nesse

exato momento! A HTL já é o maior conglomerado de linhas aéreas da América Latina e vamos continuar trabalhando para permanecermos lá no topo, onde é o nosso lugar!

Todos aplaudem com entusiasmo. Meu irmão é bom. Não é à toa que é o fodido CEO.

— O HTL 320-E já está sendo encomendo por outras companhias e isso

me deixa cheio de orgulho de meu irmão Logan — diz, encarando L, que limpa a garganta. Ele ainda é um idiota marrento. Acho que sempre será. H ergue sua taça mais alto e entoa: — Um brinde a ele e, também a meu irmão Tristan, que é o piloto mais incrível que esse país já teve! — Ah, porra, eu fico um pouco emotivo agora. Ainda não me acostumei totalmente com a facilidade

com que H expõe seus sentimentos desde que se acertou com Sofia. Ele nos chama, fazendo um gesto com o queixo e Pietra sorri, me dando um beijo no rosto, me empurrando para meu irmão. L está beijando sua mulher e meneando a cabeça, mas também se dirige para o centro, para onde H está. Sofia se afasta alguns passos nos dando espaço dos lados de seu marido. Passo um braço

por cima do ombro direito de H e L o abraça do outro lado. Levantamos nossas taças bem alto. — Um brinde à família HTL! Um brinde à família Maxwell!

— Um brinde à HTL! Um brinde à família Maxwell! — eu, L e os presentes, repetimos.

Crescemos odiando esse sobrenome, mas entendemos, cada um à

sua maneira, enfrentando as suas próprias batalhas, que é o nosso sobrenome também. Nosso pai não tem mais poder sobre nenhum de nós. Honraremos o nome Maxwell não apenas no aspecto profissional. Seremos bons homens. Homens que amarão as mulheres que nos escolheram para amar. Homens que amarão e protegerão seus filhos da forma que deveríamos ter sido.

Todavia, isso não nos incomoda mais. Nós vencemos o espectro de Logan Maxwell. Os convidados aplaudem e viramos nossas taças.

— Irmãos... — L chama e o viro o rosto, olhando-o. Se aproxima, envolvendo a mim e H num abraço fraternal. Ele consegue demonstrar sentimentos agora, graças a Deus! Ainda está longe de ser eloquente, mas esse é o

seu jeito, não há nada que possamos fazer para mudar. Seus olhos escuros estão brilhantes, emoção transparecendo em seu rosto bem barbeado. — Saibam que tenho muito orgulho de vocês. — Eu e H prendemos a respiração, surpresos e isso fica pior quando nosso irmãozinho acrescenta: — Sei que não costumo dizer isso com frequência, mas amo vocês, caras. Porra, amo vocês, seus

mauricinhos engomados do caralho!

E eu engasgo. Porra, ele me nocauteou agora, o bastardo. Emoção fraternal preenche meu peito e meus olhos ardem com emoção. Eu pego seu ombro, dando um aperto firme. H limpa a garganta, fazendo o mesmo em seu ombro esquerdo.

— Eu também te amo, maninho — murmuro, me sentindo emotivo pra

caralho. Caralho, estou ficando velho. E como não posso deixar passar, eu bufo: — E você nunca disse essa merda para nós antes, seu babaca.

O idiota tem a ousadia de sorrir. Na verdade, ele gargalha.

— Verdade, você é um idiota de marca maior, L — H zomba, mas seus olhos azul-gelo estão lacrimosos também. — Eu amo você, seu

marrentinho.

L sorri e acena. Encostamos nossas testas e sorrimos como três idiotas.

— Fico feliz que tenha conseguido finalmente se livrar do maldito pau em sua bunda, mano. — Não perco a chance de alfinetar e L bufa, me dando um tapa nas costas e se afastando, tentando fingir que continua o fodão insensível.

— Vai se ferrar, idiota. — Me dá o dedo do meio. Eu gargalho, levantando minha taça num brinde zombeteiro.

— Amor, não faça isso em público! Todos estão de olho em você esta noite — Lígia o repreende, chegando para perto, enlaçando seu marido pela cintura.

— Eu não sou um cara educado, amor. Você soube dessa merda desde o

nosso primeiro contato. — Ele lhe lança um olhar perverso e ela cora.

— Com certeza eu soube... — Minha cunhada anui com uma cara maliciosa que indica estar relembrando aquele momento. Uh.

Pietra e Sofia vêm para perto. Eu e H enlaçamos nossas mulheres e ficamos conversando. Marcamos de passar nossas próximas férias juntos nas

ilhas gregas. Gostamos de viajar juntos sempre que nossas agendas permitem. Aproveitamos para estreitar nossos laços nesses quatro anos e temos obtido êxito. Estamos cada vez mais unidos, reconhecendo o valor da família, do sangue. Nossa avó vem para perto também e nós a paparicamos como sempre. Dona Magnólia é uma mulher incrível, forte, a cabeça dessa família e

rogo a Deus que a deixe ainda muito tempo conosco.



Cerca de uma hora depois, levei a minha mulher para uma de nossas casas noturnas. Estou louco para me mostrar. Louco para fodê-la, usá-la, degradá-la para uma plateia. Nós bebemos no salão, nos tocando, observando alguns casais transarem, mas deixamos nossa

ação para a nossa suíte. Hoje ela quer as portas abertas, para quem quiser entrar e apreciar nosso exibicionismo. Eu? Porra, eu amo a minha mulher e sua safadeza! Sou completa e irrevogavelmente louco por ela. Quando entramos em nossa suíte particular, seleciono uma pasta de músicas safadas, que sempre usamos para foder. *Wrong,* do Zayn, é a primeira e Pietra ri,

aprovando. Ela adora esse cantor. Nós bebemos champanhe e dançamos sem pressa.

— Essa música me lembra a primeira noite que me trouxe aqui, amor — murmura, seus braços enrolados em meu pescoço. — A melodia é linda, mas a letra me fez sentir um pouco mal. Eu queria, no fundo eu queria que fosse algo mais.

— Já era algo mais naquele momento, amor — murmuro, acariciando seu belo rosto. — Com você sempre foi algo mais, tigresa. Desde o momento em que meus olhos encontraram o seus, eu estava perdido, porra.

Ela ri, o som rouco e gostoso penetrando em mim, em meu coração. Dançamos e bebemos mais, então, nossa

perversão vai assumindo. Nos acariciamos e nos despimos em nosso jogo luxurioso. Zayn continua cantando a letra sexy e rimos, nossos corpos serpenteando um no outro.

*Parece certo quando voamos.*

*Sem roupa, ela é tão macia.*

*Essa não é uma luta justa. Yeah.*

*Eu quero chamar a atenção para*

*isso.*

*Eu vou deixá-la mais molhada do que nunca.*

Pietra escorrega pelo meu corpo até cair de joelhos a meus pés e me chupa gostoso. Em instantes, está bebendo a minha porra e sorrindo como a cachorra que é, para alguns curiosos do lado de fora, através da parede de

vidro. Sua cara de safada olhando para eles, engolindo cada gota, me deixa de joelhos. A esparramo sobre o recamier e chupo sua bocetinha gostosa. Escancaro-a para quem quiser ver. Uso vibradores de vários tamanhos em sua boceta e rabo. Ela goza uma, duas vezes e então, a levo nos braços, prendendo-a sobre o cavalo. Os primeiros ousados passam para dentro e se sentam nos sofás.

Prendo seus pulsos e tornozelos, deixando-a com o traseiro grande bem empinado e sorrio, alisando a carne macia, firme. Pietra geme ansiosamente, seu corpo perfeito estremecendo em antecipação. Sorrio baixinho.

— Minha cadela está pingando pelo meu pau, não é isso, linda? — ranjo e estapeio sua bunda linda.

Ela grita, se debate nas contensões

e eu a surro mais. Bato com força em cada globo, deixando-os bem rosados. Enfio a mão por baixo e pego sua boceta, o creme está vazando por entre os lábios. Gemo rouco, empurrando dois dedos bem fundo. Pietra choraminga, relaxando, me deixando comê-la e eu faço por um tempo. Olho nossa plateia. Um cara está lambendo os lábios, olhos cobiçosos na boceta e cuzinho da minha

tigresa. O babaca me encara ansioso, doido para receber um convite, mas não o terá. Tudo que terá é isso, a visão da minha linda mulher, pronta para ser fodida pelo seu único dono. Sorrio arrogante e abro bem a bocetinha, mostrando ao homem a carne vermelha, toda molhada. Ele aperta o pau por cima das calças. Me debruço sobre as costas macias e lambo sua pele, chupo, mordo,

marco-a toda, regozijando-me em saber que todos queriam estar aqui, prestes a entrar nesse monumento de morena. Pego um punhado de seus cabelos da nuca e puxo-os, fazendo-a arquear as costas. Sei que é incômodo pelas restrições e por isso mesmo o faço. Pietra grunhe, choraminga, expectante. Ela quer isso, precisa disso. Ela é a minha metade. Me completa como

ninguém antes dela.

— Olhe para aquele cara, Pietra — sussurro em seu ouvido, movendo sua cabeça em direção ao idiota cobiçando-a. — Ele quer comer a minha putinha. Aposto que está louco para meter com força em sua bocetinha. — Ela convulsiona, as narinas inflando. A safada gosta desse jogo de perversão. — Posso chamá-lo para meter em você,

minha cadela?

— Tristan... — geme em lamento, levantando o traseiro, tentando contato com o meu pau. Eu rio perverso e me alinho em sua boceta. Ela resfolega, esperando. Empurro a cabeça e saio. — Por favor, meu amor... — implora. — Vem, vem...

— Você não respondeu, cachorra. — Puxo seus cabelos com mais força.

Ela choraminga. — Quer o pau dele dentro dessa bocetinha ou talvez no cuzinho gostoso?

— Não, droga, não... — range os dentes. — Você, só quero você, seu putão safado. Só você, amor. — Eu rosno alto com suas palavras perfeitas e empurro meu pau todo em seu canal. Arrombo-a sem pena e ela convulsiona inteira, berrando. — Ai, porra! Porra...

Tristan... — lamenta, palpitando à minha volta, sugando meu pau gananciosamente para suas profundezas. Ranjo os dentes, puxando tudo e metendo de volta, até o punho. Me escarrancho em sua bunda, uma mão em seu cabelo e a outra, apertando sua cintura. Então, eu bato nela, comendo-a com força, bruto, do jeito que nós dois tanto gostamos. Ela grita escandalosamente a cada estocada

funda. Fico ensandecido, fodendo-a com voracidade, sem me importar com nada mais, apenas o nosso prazer.

— Pietra... — gemo rouco e olho para meu pau entrando nela, esticando os lábios delicados. — Assim, meu amor, toma bem fundo, vai. — Ela geme em lamento, tentando rebolar para atender meu pedido, serpenteando pelo cavalo, sua bunda empina mais e eu

rosno em aprovação, rasgando-a profundo e duro. Nós dois estamos gritando, fodendo como animais. Me retiro da boceta e miro buraco traseiro, já preparado pelos vibradores. Entro todo, rude, fazendo-a berrar. Faço um show, comendo-a bem devagar, deixando todos verem cada centímetro do meu eixo grande e grosso invadindo sua bunda perfeita. Alguns bastardos

estão se masturbando e eu os olhos rindo arrogante. Eles nunca terão a coisa real. Apenas suas malditas fantasias. Ela geme alto, gananciosa, luxuriosa — Gostosa... Isso, geme bem alto para todos eles verem o quanto ama tomar esse pau, sua cadela! — gemo e acelero as estocadas, socando com força, sacudindo-a toda. Suor está brotando em nossas peles, que deslizam juntas. Me

retiro do cuzinho e volto para a boceta. Urro de prazer. Somos viciados nesse tipo de sexo sujo. Como sua boceta forte e fundo. Percebo-a perto de gozar e minhas bolas já estão apertando também. Mas retardo, me revezando em sua boceta e rabinho. A como, saindo de um buraquinho gostoso e metendo imediatamente no outro. Monto-a, uso-a, degrado-a, sem pena. Ela ama isso.

— Ohh, amor, eu não vou demorar... — geme de boca aberta. — Vem, meu putão gostoso... Me enche de porra na frente de todos eles! — ela grita e começa a gozar. Eu como seu cuzinho mais forte, mais fundo. Seu corpo inteiro convulsiona enquanto judio de sua bunda apertada, rasgando sem trégua. Quando não aguento mais, volto para a boceta e soco sem dó,

esporrando, me enterrando até as bolas.

— Ahh, caralho... Eu morro por essa boceta e rabo. Morro, porra — resmungo, jorrando abundantemente dentro do seu calor apertado.

— Assim, amor... Goza em mim... Goza tudo... — Ela arqueja, ainda estremecendo no orgasmo. Me debruço sobre suas costas, chupando, mordendo sua nuca. Nossos corpos espiralam

juntos no prazer descarado que somos viciados. Quando vamos nos acalmando, ela sorri, o som safado, gostoso demais.

— Delicioso, meu marido.

Eu rio, trazendo sua boca para a minha.

— Sempre deliciosa, senhora Maxwell — elogio-a. Ela ronrona, gostando disso. Eu saio dela devagar e beijo suas costas inteiras, bunda, cada

centímetro que encontro antes de libertá-la das restrições. Levanto-a nos braços e nossa plateia vai se dissipando com o fim do show. Levo-a para a cama.

— Mais uma rodada antes de irmos para casa, amor? — pergunto, depositando-a sobre os lençóis negros.

— Você me acostuma tão mal, meu amor... — me provoca e eu gargalho, cobrindo seu corpo com o meu.

Então, nós extravasamos nosso tesão uma vez mais...

*Dois anos depois...*

*Palmas – TO, Brasil.*

— Papai!

— Papai!

Minhas crianças exclamam assim que passo pela porta. Eu me abaixo, pegando um em cada braço. Porra, eu senti falta deles! São dois agora. Maria Eduarda, nossa menininha, completou um ano há duas semanas. Comemoramos em nossa casa em Sampa e depois Pietra veio na frente com eles para cá. Apesar de estarmos em férias, tive uma reunião em Nova Iorque para encerrar tudo e

ficar por conta da minha mulher e filhos por trinta dias sem nenhuma interrupção. Eles tagarelam, me cobrem de beijos, os bracinhos enrolados em meu pescoço. Levanto a minha vista e sua mãe está vindo para perto também. E meu mundo fica completo. Meus olhos correm famintos e apaixonados pelo corpo lindo num shortinho jeans curto e uma regata curta, mostrando boa parte da barriga

plana. Porra, minha mulher continua um nocaute mesmo depois de duas gestações. Se duvidar, está ainda mais gostosa agora com suas curvas mais maduras. Deus e essa bunda indecente que ela tem acaba comigo.

— Meu amor... — murmura, encontrando um lugarzinho entre as crianças e me abraçando também.

— Ei, linda — digo, meu coração

aquecido e me inclino, oferecendo a boca para um beijo. Seus olhos esverdeados cintilam antes de nossos lábios se tocarem. É um beijo comportado porque nossos meninos não param de tagarelar. Rimos nas bocas um do outro e nos separamos. — Sou todo seu e deles agora, amor.

— Isso é bom, senhor Maxwell. — Sorri, estendendo a mão e traçando

meu rosto. Deve estar vendo as linhas de cansaço. — Eu fiz o jantar especialmente para meu maridinho lindo. — Seu tom abaixa sedutoramente e sussurra: — Depois que colocarmos esses barulhentos na cama, vou deixar meu amor bem relaxado, prometo.

— Mal posso esperar, minha linda esposa — digo e lhe dou uma piscada safada, começando a andar em direção

às portas do deck da sala, uma espécie de ponte que leva até a margem do lago.

— A mesa já está colocada, amor. Vem — Pietra adiciona, mas nesse momento estou distraído com o balanço da sua bunda linda bem na minha frente. Rio baixinho e a sigo. Gostamos de fazer nossas refeições nessa parte da casa. Minha menina balbucia coisas inteligíveis e rio, conversando com ela,

lhe dando toda a atenção que adora.

— Sim, tigresinha? A mamãe brigou com essa menininha? Conta tudo para o papai. Vamos. — Pietra ri, meneando cabeça. Nossa menininha é a cara da mãe, com cachos rebeldes e tudo e eu sou perdidamente apaixonado pelas duas.

— Pare de estragá-la, amor — repreende, mas seu tom é cheio de amor.

— E o meu campeão? Cuidou bem de sua mãe e maninha nessa semana que o papai esteve longe? — pergunto a Cadu, que acena vigorosamente, uma expressão orgulhosa em seu rostinho infantil.

— Cuidei, papai. Como o senhor pediu. — diz e o beijo a cabeça escura.

— Esse é o meu garoto — elogio e seu sorriso sem os dentes da frente,

alarga.

Quando piso fora, os latidos ecoam e Apolo corre, subindo os degraus, seguido por sua esposa, digo, cadela e filhotes. Pois é, eu e ele sossegamos, quem diria. Sorrio, enquanto os cães nos cercam, fazendo festa, abanando os rabos, mostrando sua alegria com a minha chegada.

— Ei, amigão! Nós tivemos que

sossegar, não é? — digo e Apolo late, abana o rabo, concordando. — Também olhe para nossas garotas. Não tivemos qualquer chance, porra.

— Amor, olha a boca! — Pietra repreende, mas está rindo da minha interação com o meu cão.

— Porra! — minha tigresinha repete.

— Não, não, Madu! Palavra feia,

princesinha — a beijo na bochechinha rosada, rindo. Felicidade imensurável tomando conta de mim.

Seguimos para a mesa, nossos cães nos ladeando. Nós jantamos os quatro observando as águas plácidas do lago. É impressionante como me sinto bem sempre que venho para cá. A paisagem bucólica, a calmaria, porra, até mesmo a cantiga dos grilos, me

fazem sentir uma paz inexplicável. Aí eu olho a minha mulher e filhos e percebo que não é o lugar em si, são eles. Eles são a minha casa. Estar com eles me faz estar em paz.

Na noite seguinte, nós fomos ao *The Pilot*. Aquele bar tem um lugar especial em nossa história e sempre aparecemos por lá quando estamos na cidade. Vamos de moto. Yuri e sua

esposa nos acompanhando. Isso mesmo, sua esposa. O japa se casou com uma namoradinha da adolescência, que reencontrou há um ano. Eu fiquei feliz pelo idiota. Ele para mim sempre foi mais do que um segurança. É um cara cuidou de mim com lealdade e dedicação. Vamos passar duas semanas aqui em Palmas e depois eu, Pietra e as crianças encontraremos meus irmãos e

suas famílias nas ilhas Maldivas, onde passaremos o restante das férias. Eu desço da moto e enlaço a cintura de minha mulher. Coincidentemente os anos 80 é a temática desta noite e estamos vestidos a caráter. Jeans e jaqueta de couro preta. Ela colocou uma fita vermelha nos cabelos, me lembrando a noite em que nos conhecemos, há, seis anos. Porra, já? O tempo passa muito

rápido. Passamos por dois caras na portaria. Dois fortões que treinam na academia de meus cunhados. Já estou familiarizado com eles.

Entramos e uma sensação gostosa me enche. Esse é realmente um lugar especial para mim e Pietra. Aqui construímos nossa relação nos três meses em que estive de castigo em Tocantins. Foram muitas horas de

conversa, provocação e flertes. Inspeciono o ambiente, notando que está diferente. Ampliaram o salão e há outro bar no lado esquerdo. Meu sogro expandiu para Araguaína e Gurupi recentemente também. Eu ando com Pietra à minha frente, meu nariz enfiado em seus cachos perfumados. Yuri emparelha comigo, abraçado com sua esposa. Hoje lhe disse que está de folga.

Quero o amigo, não o segurança. Alguém da equipe vai ficar lá fora a postos para o caso de alguma necessidade. O que dificilmente acontecerá. Palmas é uma capital tranquila, isso foi um dos aspectos que me conquistaram. Sou apaixonado não apenas pela tocantinense, mas pelo estado.

— Ah, meu Deus, meu casal

chegou!

Pietra sorri e eu também ao ouvirmos a voz entusiasmada de Aidan logo atrás de nós. Nos viramos para encará-lo. Está todo alinhado num terno rosa clarinho. Ele e Luíza foram promovidos a gerentes dos três estabelecimentos. Nosso amigo só anda alinhado desde então. Ele e Luíza são padrinhos dos nossos meninos, aliás,

junto com os outros irmãos de Pietra. Meus irmãos também são padrinhos dos meus e eu dos deles. É assim mesmo, uma mistura maluca, mas que funciona bem porque não queremos deixar ninguém de fora. Demorou mais eu e eles entendemos o conceito de família.

— Aidan! Que saudade, amigo! — Pietra vai até ele, jogando-se nos braços do cara. Eu ficaria com ciúmes se não

soubesse que é cem por cento gay. Ele gira com ela, rindo do seu jeito espalhafatoso, mas indiscutivelmente amoroso.

— Ei, cara. Como está? — o cumprimento, puxando-o para um abraço de caras quando larga a minha mulher.

— Muito bem, capitão tesudo — responde e aperta meus bíceps, soltando um gemido acintoso. — Seu marido

anda pegando pesado na academia, Pi? Bicha de sorte!

Eu rio, soltando-o. Ele é uma figura. Luíza surge, vindo da área do boliche e seu rosto se ilumina ao ver a amiga. As duas correm para os braços uma da outra, pulando e gritando como duas adolescentes. Sorrio. Minha tigresa nunca perdeu a espontaneidade do povo do Norte. Embora seja uma dama da alta

sociedade paulistana, frequentando os eventos mais concorridos e sofisticados, ela nunca perdeu sua essência. Isso me encanta. Eu ainda tenho a mesma garota por quem me apaixonei há seis anos aqui nesse bar e isso não tem preço.

— Ai, amiga, você está tão bonita, sua kenga! — Luíza sorri com carinho assim que se separam.

— Você que está maravilhosa, sua

prostituta! — minha mulher devolve o elogio esquisito.

— Vem, vamos beber! Estou de folga hoje! — a morena exclama, enlaçando o braço de minha mulher.

— Ihuuuuu! Vamos! — Aidan se anima e Luíza lhe lança um olhar zombeteiro.

— Você não pode, bicha, está trabalhando! — cantarola e o cara rola

os olhos.

— Cadela abusada! Vou pedir ao Tom para quebrar essa por hoje. — Pisca e imagino que haja algo entre ele e esse tal Tom.

— Não briguem, seus idiotas! Eu amo os dois. Venham, vamos beber todas! Hoje estou para o crime! — Pietra enlaça o braço de Aidan também e segue para a bancada do bar. Eu sigo

atrás, gostando de vê-la com seus amigos. Ela para quando alcança um banco e se vira para mim, me puxando pela cintura. — Shots de tequila, meu piloto sexy? — murmura, sua cara me dizendo que realmente está para o crime hoje.

— Tudo que você quiser, linda — digo, segurando sua cintura fina, mantendo-a perto de mim.

Pedimos os shots e bebemos em pé ao redor do bar. As apresentações temáticas iniciam e ficamos assistindo. Cerca de uma hora depois, a balada começa e trocamos um sorriso cúmplice quando *Stay On These Roads,* do A-Ha, puxa a fila. Eu a conduzo até o outro salão sob os aplausos de nossos amigos loucos. A levo para o mesmo canto escuro e sossegado da primeira vez.

Pietra suspira, seus braços cingindo meu pescoço e nós dançamos bem juntinhos. Nossos olhares fixos, apaixonados um no outro. Eu canto a letra da música para ela, como fiz naquela noite. Eu encosto minha testa na sua enquanto balançamos, perdidos de amor, nas lembranças de tudo que construímos juntos desde aquela noite, há seis anos.

— Eu te amo, Tristan — ela

sussurra, os olhos incríveis ficando muito brilhantes e meu coração amolece. — Meu lindo e perfeito marido. Meu amor.

— Eu te amo também, Pietra — murmuro de volta, minhas mãos passeando preguiçosamente pelas suas costas, por baixo da jaqueta. — Minha linda e perfeita esposa. Meu amor. — Obrigado por tudo — torno a dizer,

enlevado. — Por ter sido a minha salvação.

— Eu que agradeço a Deus por tê-lo desviado da sua rota e vindo parar aqui, em meu Tocantins. — Seus olhos amolecem, cheios de lágrimas. — Você é o homem que pedi secretamente a Deus, amor.

Ah, Deus, como amo essa mulher. Meus olhos ardem de emoção também e

a puxo mais, colando-a em mim.

— Te amo, te amo — murmuro, minha boca roçando na sua.

— Te amo, te amo — ela repete e a aconchego mais, querendo, precisando me fundir a ela. Meu amor. Minha salvação. Nossas bocas se unem em um beijo lento e apaixonado, enquanto balançamos ao som do clássico. Sou um bilionário, mas se me perguntarem qual

a coisa mais valiosa do mundo, direi que dentre todas as coisas, é o amor. Nunca desista do amor. É ele que tudo transforma, faz tudo valer a pena. Traz esperança onde pensamos que já não havia.

O amor. É a ele que devemos perseguir. Sempre.

# FIM

# Uma espiadinha em O Acordo, terceiro e último livro da série.

Eu o observo vestir a camisinha, o olhar negro queimando no meu. Odeio esse idiota e tudo que está me obrigando a fazer. Sua chantagem, ameaçando

destruir a imagem que todos tem de mim. A imagem que sempre cultivei cuidadosamente. Minha família não pode saber que cheguei ao fundo do poço. Eles não podem, nunca entenderiam. Nunca entenderam. Logan sobe na cama e meu coração salta tão forte que engasgo. Medo tomando conta de mim, mas se for sincera, direi que também há a atração, o tesão indecente

que esse bandidinho de quinta despertou em mim desde o primeiro olhar. Sua mão sobe pela minha coxa e eu me debato, meus pulsos repuxando nas restrições, meus tornozelos estão separados, tão arreganhados que chega a doer. E o pior de tudo é sentir minha vagina ficando mais úmida pela situação em que me encontro. Logan me olha em silêncio, então, o olhar desce,

queimando em cada centímetro da minha pele nua.

— Não ouse me olhar dessa forma, seu bandidinho de quinta! — ranjo os dentes. Um arremedo de sorriso curva os cantos de sua boca. Seu rosto é duro, perverso, cínico. Me amedronta e me excita na mesma medida e devo estar louca por me sentir assim sobre um cara que está me chantageando para transar

com ele. Logan sobe mais a mão, com um destino certo e tento não ofegar com o toque suave embora sua expressão seja dura e zombeteira. Seus dedos alcançam minha virilha e prendo a respiração, aguardando o toque lá... Ele sabe disso, pois, fica fazendo círculos no mesmo lugar, não indo até onde quero.

— Peça, sua putinha — range, o

dedo indo mais perto. Eu arfo, meu corpo estremecendo sem qualquer controle. Meus seios estão pesados, os bicos duros. Cada centímetro da minha pele está pulsando, querendo o toque dele. Mesmo odiando o que está fazendo comigo, eu quero isso: ser possuída por ele. Ah, Deus, estou doida. Esse homem não é alguém com quem eu deva querer qualquer contato.

— Nunca! Não vou pedir nada, seu idiota! — ranjo, tentando a todo custo não me entregar tão facilmente. Ele dá uma risada alta, os olhos prendendo os meus do seu jeito intimidante e escala meu corpo. Eu me debato com mais força, mas é em vão. Estou algemada a quatro colunas da cama e a sua mercê. — O que vai fazer? — Minha voz é cheia de medo e para a

minha vergonha, também excitação, e aquele canto de boca zombador sobe de novo. Ele sabe como me sinto e é exatamente por isso estamos aqui. Suas mãos pousam dos lados da minha cabeça e seu rosto moreno abaixa bem perto do meu. Ofego, seu cheiro de macho invadindo minhas narinas, tentando-me perversamente. Ele é diabolicamente sexy e estou ferrada a partir desse

momento.

— O que vou fazer? — Sua voz é áspera como lixa e uma mão desce pelo meu rosto, arrastando entre meus seios. Outra vez está me tentando, provocando, me obrigando a ansiar pelo seu toque. Ranjo os dentes e o arremedo de sorriso torna a aparecer. — Eu vou acabar com essa sua boceta de dondoca, querida. Vou te montar duro, sua cadela. Te

comer com força. — Ah, Deus, eu molho e latejo vergonhosamente com sua ameaça sexual crua. Ele ri dessa vez, vendo minha reação. — É isso que vou fazer. Não apenas hoje, mas sempre que eu quiser. Sabe por que, Lígia? — Pega um punhado cabelos da minha nuca, seus olhos perfurando os meus. — Porque você é minha. Não adianta tentar escapar de mim.

**Como diria Pietra, meu Pai do Céu! O que é isso, Brasil??? Parece que o caçula Maxwell é um tanto sombrio, ou é impressão minha? rsrs.**

**Não deixem de acompanhar o desfecho dessa série no começo de 2021!**

**Mil bjokas e até a próxima, meus amores!**

---

[1] Na aviação é comum usar o termo copiloto, porém, os termos corretos para os pilotos responsáveis pelo avião, são: comandante e primeiro oficial. Os dois são perfeitamente habilitados para pilotar, o que difere um do

outro são as horas de voo e o tempo de serviço.

[2] Inaugurado pela Infraero em 5 de outubro de 2001 - data do 13º aniversário do Estado do Tocantins - foi batizado com o nome de Aeroporto Brigadeiro Lysias Rodrigues em homenagem à memória do heroico desbravador da região, que foi o pioneiro da aviação no Tocantins, ao inaugurar o Aeroporto de Porto Nacional em 1943.

[3] Uma espécie de freio aerodinâmico também situado na parte superior das asas. Ele é usado para fazer curvas em voo, perder altitude e ajudar a parar o avião em solo.

[4] Jack Daniels, uísque americano.

[5] Budweiser, marca de cerveja americana.

[6] Expressão comum na região Norte para dizer que uma pessoa é do interior, tem origens humildes.

*[7]* Filha, em italiano.

[8] **Vitor Vieira Belfort** (Rio de Janeiro, 1 de abril de 1977) é um lutador de artes marciais mistas (MMA) brasileiro, especialista em boxe e que, no momento, pratica caratê shotokan. Já lutou em eventos como Cage Rage, Strikeforce, PRIDE e pelo UFC. Belfort é ex-campeão do torneio peso-pesado e ex-campeão do peso-meio-pesado do UFC e possui em seu cartel vitórias sobre nomes importantes do MMA mundial como Randy Couture, Rich Franklin, Heath Herring, Michael Bisping, Luke Rockhold, Gilbert Yvel, Tank Abbott, Dan Henderson, Wanderlei Silva e Anthony Johnson.

[9] Fones usados por pilotos para diminuir a pressão e ruídos durante o voo.

[10] Entrando para o erótico **Mile-High Club** (**clube** uma milha de altitude -uma milha

são 1.609 metros). ... As relações que se concretizam no quadro do **Mile-High Club** costumam acontecer tarde da noite, principalmente em percursos de longa duração, como o vôo de São Paulo a Nova York, por exemplo.

[11] Expressão usada nas regiões Norte e Nordeste para quando alguém está feliz com algum acontecimento.

[12] Pouso na água.

*[13]* Me perdoe, em italiano.

*[14]* Minha linda, em italiano.

*[15]* Minha querida, em italiano.

*[16]* Criança, em italiano.

*[17]* Minha filha, em italiano.

*[18]* Muito querida, em italiano.

*[19]* Obrigado, papai, em italiano.

[20] É um grande galpão, situado em um aeroporto ou heliporto, no qual estacionam-se as aeronaves para

manutenção e preparação para os próximos voos.

[21] Holding, sociedade holding, sociedade gestora de participações sociais, empresa de participações e empresa-mãe são termos que designam uma forma de sociedade criada com o objetivo de administrar um grupo de empresas. Wikipédia.

[22] LATAM Airlines Brasil, anteriormente TAM Linhas Aéreas, é uma companhia aérea sediada em São Paulo, atualmente considerada a maior empresa do segmento do Brasil.